Chimamanda Ngozi Adichie

MEIO SOL AMARELO

mais de 888 mil exemplares vendidos em todo o mundo

COMPANHIA DAS LETRAS

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Meio sol amarelo

Tradução
Beth Vieira

Meus avôs, que não conheci, Nwoye David Adichie e Aro-Nweke Felix Odigwe, não sobreviveram à guerra.

Minhas avós, Nwahuodu Regina Odigwe e Nwamgbafor Agnes Adichie, duas mulheres extraordinárias, conseguiram.

Este livro é dedicado à memória deles: ka fa nodu na ndokwa.

E a Mellitus, onde quer que ele esteja.

Ainda hoje vejo –
Seca, esquelética, sob o sol e a poeira dos meses sem chuva –
Lápide sobre os minúsculos escombros da coragem ardente.

— Chinua Achebe, de "Broto de manga", em *Christmas in Biafra and other poems*

PRIMEIRA PARTE
INÍCIO DOS ANOS 60

1.

O Patrão era meio tantã; havia passado anos demais lendo livros no exterior, falava sozinho no escritório, nem sempre respondia às saudações e tinha excesso de pêlo. A tia de Ugwu disse isso tudo em voz baixa, enquanto seguiam caminho. "Mas é um bom homem", acrescentou. "E, desde que você trabalhe direito, vai comer bem. Vai comer carne todo dia, imagine só." Ela parou para cuspir; a saliva saiu com um som sugado da boca e aterrissou no capim.

Ugwu não acreditava que houvesse alguém, nem mesmo esse patrão com quem iria viver, que comesse carne *todo dia*. Não contradisse a tia, porém, porque estava emocionado demais com a perspectiva, ocupado demais imaginando sua nova vida fora do povoado. Tinham descido do caminhão já fazia algum tempo, no terminal de veículos públicos, e o sol começava a queimar sua nuca. Mas Ugwu não se importava. Estava disposto a andar muitas horas mais, debaixo de um sol mais quente ainda. Nunca tinha visto nada igual às ruas que surgiram depois que cruzaram os portões da universidade, ruas asfaltadas, tão lisas que a vontade dele era encostar o rosto nelas. Nunca seria capaz de descrever para a irmã Anulika as casas pintadas da cor do céu que ficavam uma ao lado da outra, feito homens educados e bem-vestidos, muito menos a perfeição com que as sebes entre uma e outra eram aparadas — tão retas no topo que mais pareciam mesas embrulhadas em folhas.

A tia apertou o passo, e o som das sandálias fazendo chape-chape ecoou pela rua silenciosa. Ugwu se perguntou se, através das solas finas, ela também estaria sentindo o asfalto cada vez mais quente. Passaram por uma placa, ODIM STREET, e Ugwu repetiu a palavra *street*, como fazia sempre que via uma palavra em inglês que não fosse muito comprida. Sentiu um chei-

ro doce, inebriante, ao entrar no *compound*, e teve certeza de que vinha dos maços de flores brancas que desabrochavam nos arbustos. Haviam dado a forma de colinas esguias a essas moitas. A grama brilhava. As borboletas voavam em volta.

"Eu disse ao Patrão que você aprende tudo muito rápido, *osiso-osiso*", disse a tia. Ugwu meneou a cabeça, concordando educadamente, embora ela já lhe tivesse dito a mesma coisa várias outras vezes, quase com a mesma frequência com que lhe contava como acontecera aquele golpe de sorte. Quando varria o corredor no departamento de matemática, uma semana antes, escutara o Patrão dizer que precisava de um criado, e imediatamente se ofereceu para trazer o sobrinho, antes que a datilógrafa ou o mensageiro tivessem a oportunidade de oferecer o mesmo serviço.

"Eu aprendo rápido, tia", disse Ugwu. Estava admirando o carro na garagem; uma tira de metal corria em volta dele todo, como se fosse um colar.

"Não esqueça que, quando ele chamar, você sempre vai responder 'Pois não, *sah*'."

"Pois não, *sah*!", repetiu Ugwu.

Estavam diante de uma porta de vidro. Ugwu segurou-se para não pôr a mão na parede de cimento — tinha vontade de ver se era muito diferente das paredes da casa da mãe, que ainda guardavam o contorno indistinto dos dedos que haviam amassado o barro. Por alguns instantes, desejou estar lá, de volta à cabana dela, sob o frescor escuro do sapê; ou então na casa da tia, a única do povoado com um telhado de zinco.

A tia bateu no vidro. Ugwu podia ver cortinas brancas por trás da porta. Uma voz disse, em inglês: "Sim? Entre".

Eles tiraram as sandálias antes de entrar. Ugwu nunca tinha visto um aposento tão grande. Apesar dos sofás marrons dispostos em semicírculo, das mesas laterais entre eles, das estantes recheadas de livros e da mesa de centro, enfeitada por um vaso de flores vermelhas e brancas de plástico, ainda assim parecia haver espaço de sobra na sala. Sentado numa poltrona, o Patrão vestia camiseta e short. Não estava ereto na poltrona, e sim meio deitado, com um livro sobre o rosto, como se já tivesse esquecido que acabara de convidá-los a entrar.

"Boa tarde, *sah*! Aqui está o menino", disse a tia de Ugwu.

O Patrão ergueu os olhos. Tinha a pele bem preta, feito casca velha de árvore, e os pêlos que cobriam seu peito e pernas eram lustrosos e de um

tom mais escuro ainda. Ele tirou os óculos. "O menino?"

"O criado, *sah*."

"Ah, claro, você trouxe o criado. *I kpotago ya*." O ibo do Patrão parecia vaporoso aos ouvidos de Ugwu. Era um ibo tingido pelos sons escorregadios do inglês, o ibo de alguém que falava inglês com frequência.

"Ele vai trabalhar duro", disse a tia. "Ele é um menino muito bom. É só dizer para ele o que deve fazer. Muito obrigada, *sah*!"

O Patrão grunhiu uma resposta, olhando Ugwu e a tia com uma expressão ligeiramente distraída, como se a presença deles dificultasse a lembrança de algo importante. A tia de Ugwu deu um tapinha no ombro do sobrinho, cochichou que daria tudo certo e virou-se em direção à porta. Depois que ela saiu, o Patrão repôs os óculos e concentrou-se no livro, relaxando ainda mais na poltrona, as pernas estiradas. Mesmo quando virava a página, não tirava os olhos do que estava lendo.

Ugwu ficou ali na porta, esperando. A luz do sol entrava pelas janelas da sala e, de vez em quando, uma brisa suave agitava as cortinas. Estava tudo silencioso, a não ser pelo farfalhar das páginas sendo viradas. Ele continuou ali um tempo, depois foi se aproximando cada vez mais da estante de livros, como se quisesse se esconder dentro dela, e, após alguns minutos, arriou no chão, agarrado a sua sacola de ráfia entre os joelhos. Olhou para o teto, tão alto, tão penetrantemente branco. Fechou os olhos e tentou refazer aquela sala espaçosa, com sua mobília desconhecida, mas não conseguiu. Abriu de novo os olhos, dominado por um novo espanto, e olhou em volta, para saber se era tudo verdade. Pensar que iria se sentar nesses sofás, que iria encerar o assoalho liso-escorregadio, que iria lavar essas cortinas vaporosas.

"*Kedu afa gi?* Como é que você chama?", perguntou o Patrão, dando-lhe um susto.

Ugwu se levantou.

"Como você se chama mesmo?", perguntou de novo, endireitando o corpo na poltrona, com sua vasta cabeleira grossa e farta, seus braços musculosos, seus ombros largos; Ugwu tinha imaginado um homem mais velho, alguém frágil, e agora sentia um súbito receio de que talvez não caísse no agrado desse patrão que parecia tão jovem e tão capaz, que não parecia precisar de nada.

"Ugwu, *sah*."

"Ugwu. E você é de Obukpa?"

"De Opi, *sah*."

"Você pode ter de doze a trinta anos." O Patrão franziu a vista. "Provavelmente treze." Ele disse *thirteen* em inglês.

"Pois não, *sah*."

O Patrão voltou para o livro. Ugwu ficou parado. O Patrão virou algumas páginas, antes de erguer a vista de novo. "*Ngwa*, vá para a cozinha; deve haver alguma coisa para você comer na geladeira."

"Pois não, *sah*."

Ugwu entrou na cozinha com toda a cautela, pondo um pé atrás do outro lentamente. Quando viu a coisa branca, quase tão alta quanto ele, entendeu que era a geladeira. A tia já tinha lhe contado a respeito. Uma despensa gelada, explicara ela, que evitava que a comida estragasse. Abriu e, boquiaberto, sentiu o ar frio correndo pelo rosto. Laranjas, pão, cerveja, refrigerantes: várias coisas em pacotes e latas tinham sido postas em diferentes prateleiras e, na de cima, havia um luzente frango assado inteirinho, fora uma perna já comida. Ugwu esticou a mão e tocou no frango. A geladeira respirava pesado em suas orelhas. Tocou no frango de novo e lambeu o dedo, antes de arrancar a outra perna, que comeu até não sobrar quase nada na mão, a não ser uns fragmentos do osso. Em seguida, pegou um pedaço de pão, um naco que dividiria satisfeito com os irmãos, se por acaso algum parente viesse visitá-lo trazendo o pão como presente. Comeu bem rápido, antes que o Patrão pudesse aparecer e mudar de idéia. Tinha terminado e estava em frente à pia, tentando lembrar o que a tia dissera sobre abrir a torneira para ter um jato de água jorrando como se fosse uma fonte, quando o Patrão entrou. Estava de camisa estampada e calça comprida. Os dedos do pé, à mostra na ponta da sandália de couro, pareciam femininos, talvez por estarem tão limpos; pertenciam a pés que andavam sempre calçados.

"O que foi?", perguntou o Patrão.

"*Sah*?" Ugwu fez um gesto para a pia.

O Patrão aproximou-se e girou a torneira de metal. "Dê uma espiada na casa e ponha sua sacola no primeiro quarto do corredor. Vou dar uma volta para espairecer a cabeça, *i nugo*?"

"Pois não, *sah*." Ugwu o viu sair pela porta traseira. Não era um homem alto. Tinha um andar rápido, vigoroso, e lembrava Ezeagu, que detinha o

título de campeão de luta livre no povoado de Ugwu.

Ugwu fechou a torneira, abriu de novo, depois fechou outra vez. Abriu e fechou, abriu e fechou, até que começou a rir com a mágica da água correndo e do frango e pão reconfortantes na barriga. Passou pela sala e entrou num corredor. Havia livros amontoados nas prateleiras e mesas dos três aposentos, na pia e nos armários do banheiro, empilhados do chão ao teto no escritório e, na despensa, eram pilhas e pilhas de jornais antigos ao lado de caixas de Coca e de cerveja Premier. Alguns livros estavam abertos, com o dorso para cima, como se o Patrão, sem ter terminado de ler um, tivesse passado rapidamente para outro. Ugwu tentou ler os títulos, mas eram quase todos muito longos, muito difíceis. "Métodos não paramétricos." "Uma pesquisa sobre a África." "A grande corrente do ser." "O impacto normando sobre a Inglaterra." Ele foi na ponta dos pés de aposento em aposento, afinal estava com os pés sujos, e, enquanto fazia sua visita de reconhecimento, ficava cada vez mais decidido a agradar o Patrão e a permanecer nesta casa onde havia carne e chão fresco. Estava inspecionando a toalete, passando a mão por cima do assento preto de plástico, quando escutou a voz do Patrão.

"Cadê você, meu bom homem?" Ele disse *my good man** em inglês.

Ugwu foi voando até a sala. "Aqui, *sah*!"

"Como é que você se chama mesmo?"

"Ugwu, *sah*."

"Isso, Ugwu. Olha aqui, *nee anya*, você sabe o que é isto?" O Patrão apontou e Ugwu olhou para uma caixa de metal crivada de botões de aspecto perigoso.

"Não, *sah*", disse ele.

"É um toca-discos. É novo e muito bom. Não é como aqueles velhos gramofones que a gente tinha que ficar dando corda o tempo todo. E você precisa tomar o maior cuidado quando passar por ele, muito cuidado mesmo. E não pode deixar água entrar dentro dele."

"Pois não, *sah*."

"Vou sair para jogar tênis e depois vou dar uma passada no clube dos professores e funcionários." O Patrão apanhou alguns livros da mesa. "Talvez volte tarde. De modo que se acomode e descanse."

"Pois não, *sah*."

Depois de ver o Patrão sair com o carro, Ugwu foi até o toca-discos para olhá-lo com mais cuidado, mas sem mexer em nada. Em seguida deu voltas pela casa de um lado a outro, passando a mão em livros, cortinas, móveis e pratos, e, quando escureceu, acendeu a luz e se maravilhou com o brilho da lâmpada pendurada no teto, com o fato de ela não lançar longas sombras na parede, como acontecia com as lamparinas a óleo de palmiste de sua casa. A mãe estaria preparando o jantar, socando *akpu*, o pilão agarrado nas duas mãos. Chioke, a esposa mais nova, estaria cuidando do caldeirão de sopa aguada, equilibrado em três pedras sobre o fogo. As crianças teriam voltado do riacho e estariam correndo umas atrás das outras, gritando, debaixo da árvore de fruta-pão. Talvez Anulika estivesse de olho nelas. Tinha se tornado a mais velha da família, agora, e, quando todos se sentassem em volta do fogo, para comer, caberia a ela interromper as brigas dos mais novos, que às vezes lutavam para ver quem ia ficar com as tiras de peixe seco da sopa. Esperaria até todo o *akpu* ser comido, e só então dividiria o peixe, de tal forma que cada criança ficasse com um pedaço e ela com o maior de todos, como Ugwu sempre fizera.

Ele abriu a geladeira e comeu um pouco mais de pão e de frango assado, enchendo rapidamente a boca de comida, enquanto o coração batia como se estivesse participando de uma corrida; depois arrancou alguns nacos extras de carne e as asas. Enfiou os pedaços nos bolsos do short, antes de ir para o quarto. Guardaria aquilo tudo até a tia vir visitá-lo, e pediria a ela que entregasse para Anulika. Talvez pudesse pedir para ela dar um pouco para Nnesinachi também. Assim quem sabe ela finalmente reparasse nele. Nunca soubera com precisão que parentesco havia entre Nnesinachi e ele, mas sabia que eram ambos da mesma *umunna* e que, portanto, jamais poderiam se casar. No entanto, bem que gostaria que a mãe parasse de se referir a Nnesinachi como irmã, dizendo coisas como: "Por favor, leve esse óleo de palmiste para Mama Nnesinachi, e, se ela não estiver, deixe com sua irmã".

Nnesinachi sempre falava com ele numa voz vaga, o olhar desfocado, como se sua presença não fizesse a menor diferença, de um jeito ou de outro. As vezes ela o chamava de Chiejina, o nome de um primo que não parecia nem um pouco com ele, e quando ele dizia "Sou eu", ela respondia "Perdão, Ugwu, meu irmão", com uma formalidade distante que significava que não queria conversa com ele. Mas Ugwu gostava de ir até a casa

dela, qualquer que fosse o pretexto. Eram oportunidades de vê-la debruçada, abanando o fogo ou picando folhas de *ugu* para a sopa que a mãe iria fazer, ou então apenas sentada na porta de casa, olhando os irmãos, os panos enrolados com displicência no corpo, mostrando a parte de cima dos seios. Desde o momento em que aqueles dois seios pontudos começaram a surgir ele se perguntava se seriam moles feito polpa ou duros feito a fruta verde da *ube*. Muitas vezes desejou que Anulika não fosse tão magricela — perguntava-se por que a irmã estaria demorando tanto, uma vez que ela e Nnesinachi tinham quase a mesma idade —, para poder sentir seus peitos. Anulika sem dúvida nenhuma lhe daria um tapa na mão, e quem sabe até lhe desse uma bofetada, mas ele seria bem rápido — era apertar e correr —, e dessa maneira teria ao menos uma idéia e saberia o que esperar quando finalmente tocasse nos seios de Nnesinachi.

No entanto, às vezes se preocupava com a possibilidade de nunca vir a tocá-los, sobretudo agora que o tio dela ia levá-la para Kano, para aprender um ofício. Nnesinachi iria para o Norte lá pelo final do ano, quando o irmão caçula que ela carregava no colo já estivesse andando. Ugwu queria se sentir tão contente e agradecido como o resto de sua família. Afinal, no Norte se ganhava um dinheirão; conhecia gente que tinha ido para lá negociar e que, ao voltar, punha abaixo o barraco e construía casa com telhado de zinco. Temia, no entanto, que um desses comerciantes barrigudos lá do Norte desse uma única olhada nela e pronto — com certeza o barrigudo iria aparecer trazendo vinho de palma para o pai dela, e ele, Ugwu, nunca mais tocaria naqueles seios. Eles — os seios de Nnesinachi — eram as imagens que ele guardava para lembrar por último, nas muitas noites em que se masturbava, primeiro devagar e, depois, vigorosamente, até que um gemido abafado lhe escapava da garganta. Sempre começava com o rosto dela, com as bochechas redondas e os dentes cor de marfim, depois imaginava os dois abraçados, o corpo dela moldado ao seu. Por fim, deixava que os seios fossem surgindo; às vezes eram duros e se sentia tentado a mordê-los, e, em outras, eram tão macios que tinha medo que seus toques imaginários pudessem lhe causar dor.

Por alguns instantes, lhe ocorreu que podia pensar nela. Mas decidiu que não. Não em sua primeira noite na casa do Patrão, numa cama que não tinha nada a ver com sua esteira de ráfia tecida à mão. Primeiro, pressionou as mãos na maciez elástica do colchão. Depois examinou as camadas de

pano por cima dele, sem saber ao certo se devia dormir em cima ou se deveria tirar aquilo tudo e guardar, antes de dormir. Por fim, subiu na cama e deitou-se por cima das camadas de pano, o corpo enroscado num nó apertado.

Sonhou que o Patrão o chamava — *Cadê você, meu bom homem!* — e, ao acordar, o Patrão estava parado na porta, olhando para ele. Talvez não tivesse sido um sonho. Saiu da cama e olhou para as janelas com as cortinas fechadas, confuso. Seria tarde? Aquela cama macia o teria enganado e feito com que dormisse mais do que o necessário? Em geral acordava com os primeiros cantos do galo.

"Bom dia, *sah*!"

"Estou sentindo um cheiro forte de frango assado, por aqui."

"Desculpe, *sah*."

"Cadê o frango?"

Ugwu remexeu nos bolsos do short e tirou os pedaços de frango.

"O seu povo por acaso come enquanto dorme?", perguntou o Patrão. Estava usando algo que parecia um casaco de mulher e distraidamente girava o cordão amarrado na cintura.

"*Sah*?"

"Você queria comer o frango deitado na cama?"

"Não, *sah*."

"A comida tem que ficar na sala de jantar e na cozinha."

"Pois não, *sah*."

"E a cozinha e o banheiro têm que ser limpos, hoje."

"Pois não, *sah*."

O Patrão virou-se e foi embora. Ugwu ficou trêmulo, no meio do quarto, ainda segurando os pedaços de frango com a mão estendida. Bem que gostaria de não ter de passar pela sala de jantar para chegar à cozinha. Por fim, guardou os pedaços de frango de volta nos bolsos, respirou fundo e saiu do quarto. O Patrão estava na mesa de jantar, a xícara de chá colocada sobre uma pilha de livros.

"Você sabe quem na verdade matou Lumumba?", disse o Patrão, erguendo os olhos de uma revista. "Foram os americanos e os belgas. Não teve nada a ver com Katanga."

"Pois não, *sah*", disse Ugwu. Queria que o Patrão continuasse falando, para poder escutar sua voz sonora, a mistura musical de palavras inglesas

nas frases que dizia em ibo.

"Você é meu criado. Se eu lhe der ordem para sair na rua e surrar uma mulher que passa, apoiada num cajado, e você então a fere na perna, quem é responsável pela ferida sangrenta, você ou eu?"

Ugwu fitava o Patrão, sacudindo a cabeça, se perguntando se por acaso ele estava se referindo por linhas tortas ao frango assado.

"Lumumba era primeiro-ministro do Congo. Você sabe onde fica o Congo?", perguntou o Patrão.

"Não, *sah*."

Ele se levantou na hora e foi até o escritório. O receio confuso de Ugwu fez com que suas pálpebras tremessem. Será que o Patrão iria mandá-lo embora porque não falava inglês direito, guardava frango assado no bolso durante a noite, e não conhecia os lugares estranhos que ele mencionava? O Patrão voltou com uma folha grande de papel que desdobrou e pôs sobre a mesa de jantar, empurrando para um lado os livros e as revistas. Apontou com a caneta. "Este aqui é o mundo, se bem que as pessoas que desenharam o mapa resolveram pôr a terra deles em cima e a nossa, embaixo. Mas não existe um em cima e um embaixo, entende?" Ele pegou o papel e dobrou-o de tal forma que uma ponta tocava na outra, deixando um oco entre as metades. "Nosso mundo é redondo, e nunca termina. *Nee anya*, isto aqui é tudo água, os mares e oceanos, aqui é a Europa e, aqui, o nosso continente, a África, e o Congo fica no meio. Um pouco mais para cima é a Nigéria, e Nsukka é aqui, no Sudeste; é aqui que nós estamos." Deu uma batida com a caneta no mapa.

"Pois não, *sah*."

"Você frequentou a escola?"

"Até o segundo ano, *sah*. Mas eu aprendo tudo muito rápido."

"Segundo ano? Isso faz quanto tempo?"

"Já faz muito tempo, *sah*. Mas eu aprendo tudo muito rápido."

"Por que você parou de ir à escola?"

"A colheita do meu pai não vingou, *sah*."

O Patrão acenou lentamente com a cabeça. "E por que seu pai não procurou alguém que pudesse lhe emprestar o dinheiro das mensalidades da escola?"

"*Sah*?"

"Seu pai devia ter pedido dinheiro emprestado!", retrucou o Patrão, de mau humor, e, em seguida, já em inglês: "A educação é uma prioridade! Como é que podemos resistir à exploração se não temos as ferramentas para entender o que é exploração?".

"Claro, *sah*!" E Ugwu meneou a cabeça vigorosamente, concordando. Estava resolvido a parecer tão alerta quanto lhe fosse possível, por causa do brilho rebelde que aparecera nos olhos do Patrão.

"Vou matricular você na escola primária dos filhos dos funcionários", disse ele, ainda batendo na folha do mapa com a caneta.

A tia de Ugwu lhe havia dito que se fosse um bom criado, por alguns anos, o Patrão o mandaria para uma escola comercial, onde aprenderia datilografia e taquigrafia. Ela havia feito menção à escola primária dos funcionários da faculdade, mas apenas para lhe dizer que era só para os filhos dos professores, e que eles usavam uniforme azul e meias brancas com um trabalho tão intrincado de renda que a gente ficava imaginando por que alguém iria gastar tanto tempo apenas com meias.

"Pois não, *sah*", disse ele. "Obrigado, *sah*."

"Imagino que vai ser o mais velho da classe, se tem de começar no terceiro ano", disse o Patrão. "E a única forma de obter o respeito dos outros é ser o melhor. Você entendeu?"

"Entendi, *sah*!"

"Sente-se, meu bom homem."

Ugwu escolheu a cadeira mais distante e juntou os pés desajeitadamente. Preferia ficar em pé.

"Existem duas respostas para as coisas que eles vão lhe ensinar sobre a nossa terra: a resposta verdadeira e a resposta que você dá na escola para passar de ano. Você tem que ler livros e aprender as duas versões. Eu vou lhe dar livros, livros excelentes." O Patrão interrompeu o que dizia para tomar um gole de chá. "Eles vão lhe ensinar que um homem branco chamado Mungo Park descobriu o rio Níger. Isso é besteira. Nosso povo pescava no Níger muito antes que o avô de Mungo Park tivesse nascido. Mas, no seu exame, escreva que foi Mungo Park."

"Pois não, *sah*." Ugwu desejou que esse Mungo Park não tivesse ofendido o Patrão tanto assim.

"Você não sabe dizer outra coisa, não?"

"*Sah*?"

"Me cante uma música."

"*Sah*?"

"Me cante uma música. Que músicas você conhece? Cante!" O Patrão tirou os óculos. Franziu a testa sério. Ugwu começou a cantar uma velha música que tinha aprendido na fazenda do pai. Seu coração batia dolorido no peito. "*Nzogho nzoghu enymba, enyi...*".

De início cantou bem baixinho, mas o Patrão bateu com a caneta na mesa e disse "Mais alto!", de modo que ele aumentou a voz, mas o Patrão continuava dizendo "Mais alto!", até que se viu berrando. Depois de cantar a mesma música algumas vezes, o Patrão lhe disse que podia parar. "Ótimo, ótimo", disse ele. "Sabe fazer chá?"

"Não, *sah*. Mas aprendo rápido", disse Ugwu. A cantoria abrira alguma coisa dentro dele, estava respirando com mais facilidade, o coração não batia mais com tanta força. E ele se convencera de que o Patrão era louco.

"Eu como quase sempre no clube dos professores. Imagino que agora, com você aqui, terei de trazer mais comida para casa."

"*Sah*, eu sei cozinhar."

"Você cozinha?"

Ugwu balançou a cabeça. Passara muitas noites vendo a mãe cozinhar. Fazia fogo para ela e abanava as cinzas quando as brasas ameaçavam morrer. Descascava e triturava mandioca e cará, soprava a casca do arroz, tirava o gorgulho do feijão, descascava cebola e moía a pimenta. Muitas vezes, quando a mãe adoecia, com acessos de tosse, teria gostado de ficar encarregado da cozinha, em vez de Anulika. Mas nunca contara para ninguém, nem mesmo para a irmã; ela já tinha dito que ele passava muito tempo em volta das mulheres na cozinha e que, se continuasse assim, talvez nunca criasse barba.

"Bem, então pode fazer sua própria comida", disse o Patrão. "Escreva uma lista do que vai precisar."

"Pois não, *sah*."

"Você não saberia como chegar ao mercado, verdade? Eu vou pedir para o Jomo mostrar."

"Jomo, *sah*?"

"Jomo toma conta do jardim. Ele vem três vezes por semana. Um sujeito engraçado, já o vi falando com os crótons." O Patrão calou-se por alguns momentos. "De qualquer forma, ele vem amanhã."

Mais tarde, Ugwu escreveu uma lista e entregou para ele.

O Patrão olhou para aquilo por um tempo. "Mistura notável", disse ele, em inglês. "Imagino que eles vão ensinar você a usar mais vogais na escola." Ugwu não gostou do ar gozador na cara do Patrão. "Nós precisamos de madeira, *sah*", falou.

"Madeira?"

"Para os seus livros, *sah*. Para que eu possa arrumá-los."

"Ah, sim, *prateleiras*. Imagino que dê para instalar mais algumas, em algum lugar, quem sabe no corredor. Eu falo com alguém do departamento de manutenção."

"Pois não, *sah*."

"Odenigbo. Me chame de Odenigbo."

Ugwu olhou para ele com ar de dúvida. "*Sah*?"

"O meu nome não é Sah. Me chame de Odenigbo."

"Pois não, *sah*."

"Odenigbo será sempre o meu nome. *Sir* é acidental. Você pode vir a ser o *sir* amanhã."

"Pois não, *sah* — Odenigbo."

Ugwu na verdade preferia dizer *sah*, preferia o poder cristalino por trás dessa palavra, e quando apareceram os dois homens do departamento de manutenção, para instalar as prateleiras no corredor, ele disse que os dois precisariam esperar até *Sah* voltar para casa; ele não podia assinar a folha branca com palavras datilografadas. Ele disse *Sah* com orgulho.

"Ele é um daqueles criados que vêm do interior", disse um dos homens, fazendo pouco de Ugwu, que olhou para ele e resmungou uma praga envolvendo diarréia aguda para o resto da vida do sujeito e de seus filhos. Enquanto arrumava os livros do Patrão, prometeu a si mesmo, e teve de fazer força para não dizer isso em voz alta, que iria aprender a assinar papéis.

Nas semanas seguintes, as semanas em que examinou cada canto da casa, em que descobriu que havia uma colméia instalada no cajueiro e que as borboletas convergiam para o jardim da casa quando o sol ficava mais forte, teve também o cuidado de aprender os ritmos da vida do Patrão. Todas as manhãs, apanhava o *Daily Times* e o *Renaissance* que o entregador deixava na porta e dobrava os jornais sobre a mesa, ao lado do chá e do pão do Patrão. Já estava com o Opel lavado, antes de ele ter terminado de tomar o café da manhã, e quando o Patrão voltava do trabalho, e fazia a sesta, ele ti-

rava o pó do carro outra vez, antes que saísse para ir jogar tênis. Circulava em silêncio pela casa nos dias em que o Patrão se fechava durante horas a fio em seu escritório. Quando o Patrão se punha a andar pelo corredor, falando em voz alta, ele se certificava de que havia água quente pronta para o chá. Esfregava o chão todos os dias. Limpava as persianas até elas reluzirem sob o sol de final de tarde, prestava a maior atenção nas minúsculas fendas da banheira e polia os pires que usava para servir noz-de-cola aos amigos do Patrão. Havia no mínimo duas visitas por dia naquela sala, com a vitrola tocando suavemente estranhas músicas com flauta, num volume baixo o suficiente para que os sons da conversa, das risadas e o tilintar de copos chegassem até a cozinha ou ao corredor, enquanto Ugwu passava as roupas do Patrão.

Mais que isso, Ugwu queria dar ao Patrão todos os motivos do mundo para continuar a empregá-lo, e, por isso, uma manhã resolveu passar suas meias. Elas não pareciam amassadas, aquelas meias pretas caneladas, mas ele achou que ficariam ainda melhores passadas. O ferro quente silvou e, quando o ergueu, viu que metade da meia estava grudada nele. Ficou paralisado. O Patrão estava na mesa, terminando de tomar o café, e entraria a qualquer instante para calçar as meias e os sapatos e pegar a pasta para ir trabalhar. Ugwu quis esconder a meia sob a poltrona e correr para pegar um novo par, mas suas pernas não se mexeram. Ficou parado no mesmo lugar, com a meia queimada, sabendo que o Patrão iria encontrá-lo daquele mesmo jeito.

"Você passou minhas meias, não foi?", perguntou o Patrão. "Seu energúmeno." *Energúmeno* saiu de sua boca feito música.

"Desculpe, *sah*! Desculpe, *sah*!"

"Eu já lhe disse para não me chamar de *sir*." O Patrão apanhou uma pasta da prateleira. "Estou atrasado."

"*Sah*? Quer que eu pegue um outro par?", perguntou Ugwu. Porém o Patrão já tinha calçado os sapatos, sem meias, e saído. Ugwu ouviu-o bater a porta do carro e sair. Seu peito estava pesado; não sabia por que tinha resolvido passar as meias, por que não se limitara a passar o traje safári. Maus espíritos, essa tinha sido a razão. Os maus espíritos o fizeram querer passar a meia. Afinal, eles espreitavam por toda parte. Sempre que ele ficava doente, com febre, e uma vez que caiu de uma árvore, a mãe esfregava *okwu-*

ma em seu corpo, enquanto sussurrava: "A gente vai derrotá-los, eles não vão ganhar".

Saiu pela porta da frente, passando por pedras dispostas lado a lado em volta do gramado impecável. Os maus espíritos não iriam vencer. Ele não deixaria que vencessem. Havia um trecho redondo sem grama, no meio do jardim, como se fosse uma ilha num mar verde, onde crescia uma delgada palmeirinha. Ugwu nunca tinha visto uma palmeira tão baixa, ou cujas folhas se abrissem com tamanha perfeição. Não parecia forte o suficiente para dar frutos, não parecia ter a menor utilidade, como a maior parte das plantas ali. Pegou uma pedra e atirou-a longe. Tanto espaço desperdiçado. No seu povoado, as pessoas plantavam qualquer pedacinho de terra com legumes e ervas. A avó dele não tinha precisado plantar sua erva predileta, *arigbe*, porque ela dava em toda parte. Ela costumava dizer que o *arigbe* amolecia o coração dos homens. Ela era a segunda de três esposas e não tinha a posição especial atribuída à primeira ou à última, de modo que, antes de pedir qualquer coisa ao marido, contava ela para Ugwu, fazia para ele um purê apimentado de cará com *arigbe*. Sempre funcionara. Talvez funcionasse com o Patrão.

Ugwu saiu à procura de uma planta de *arigbe*. Olhou entre as flores corde-rosa, debaixo do cajueiro, onde a colméia porosa se instalara, debaixo do limoeiro com fileiras de formigas subindo e descendo pelo tronco, e dos mamoeiros, com mamões maduros pontilhados de gordos buracos feitos pelos passarinhos. No entanto, o chão estava limpo, sem nenhuma erva; a limpeza que Jomo fazia no terreno era completa e cuidadosa e nada do que não se queria ali tinha permissão de crescer.

Na primeira vez em que se cruzaram, Ugwu cumprimentara Jomo, e Jomo, com um aceno de cabeça, continuara a trabalhar, sem dizer nada. Era um sujeito baixinho, com um corpo rígido e enrugado que, para Ugwu, precisava mais de água do que as plantas que ele molhava com seu regador de metal. Por fim, Jomo erguera os olhos até Ugwu. "*Afa m bu Jomo*", declarou, como se Ugwu não soubesse seu nome. "Tem gente que me chama de Kenyatta, como o grande homem do Quênia. Sou caçador."

Ugwu não sabia o que responder, porque Jomo o encarava como se esperasse ouvir algo extraordinário de sua parte.

"Que tipo de bicho você mata?" Jomo abriu um sorriso largo, como se essa fosse precisamente a pergunta que queria ouvir, e começou a falar so-

bre suas caçadas. Ugwu, sentado nos degraus que levavam ao quintal, ouvia. Desde o primeiro dia, nunca acreditou nas histórias de Jomo — de ter lutado com um leopardo só com as mãos, de ter matado dois babuínos com um único tiro —, mas gostava de ouvi-las e adiava a lavagem das roupas do Patrão para os dias em que Jomo aparecia, de modo a poder sentar-se do lado de fora enquanto o outro trabalhava. Jomo se mexia com um vagar premeditado. Tirava as ervas daninhas, aguava e plantava como alguém cheio de sabedoria solene. Erguia os olhos de uma sebe que estivesse aparando e dizia: "Isso é carne boa", e em seguida ia até o saco de pele de cabra amarrado atrás de sua bicicleta e pegava um estilingue. Um dia, derrubou um pombo do mato do cajueiro com uma pedra pequena, embrulhou o pássaro em folhas e pôs no saco.

"Não chegue perto daquele saco, a menos que eu esteja por perto", disse a Ugwu. "Você pode encontrar uma cabeça de homem lá dentro."

Ugwu riu, mas não desacreditou por completo das palavras de Jomo. Queria tanto que ele tivesse ido trabalhar nesse dia. Jomo teria sido a melhor pessoa para ele perguntar sobre *arigbe* — na verdade, para pedir conselhos sobre como acalmar o Patrão.

Saiu do jardim, foi até a rua e olhou as plantas que nasciam nas beiradas, até ver as folhas retorcidas perto da raiz de um pinheiro. Jamais tinha sentido um cheiro que chegasse aos pés da sutileza apimentada do *arigbe* naquela comida sem graça que o Patrão trazia do clube; ele faria um ensopado com *arigbe*, e ofereceria um pouco ao Patrão, com arroz, e só depois faria seu apelo. *Por favor, não me mande de volta para casa*, sah. *Eu trabalho mais tempo para pagar pela meia queimada. Eu vou ganhar o dinheiro para comprar outra meia*. Ele não sabia exatamente o que poderia fazer para ganhar o dinheiro da meia, mas de todo modo planejava dizer isso ao Patrão.

Se o *arigbe* amaciasse o coração dele, talvez pudesse plantá-lo no quintal, junto com algumas outras ervas. Argumentaria que, assim, teria o que fazer antes de começar a estudar, já que a diretora da escola dissera que ele não poderia começar no meio do ano. Mas talvez estivesse com esperanças demais. De que adiantava pensar em plantar ervas aromáticas se o Patrão lhe pedisse para ir embora, e não o perdoasse pela meia queimada? Entrou apressado na cozinha, pôs o *arigbe* na bancada e mediu um pouco de arroz.

Horas depois, sentiu um aperto no estômago ao ouvir o carro do Patrão: um rangido no cascalho e o zumbido do motor, antes de parar na garagem. Ao lado da panela, Ugwu mexia o ensopado, segurando a concha com a mesma intensidade do aperto que sentia no estômago. Será que o Patrão iria despedi-lo antes que tivesse a chance de lhe oferecer um pouco de comida? O que diria a sua gente?

"Boa tarde, *sah* — Odenigbo", disse ele, antes mesmo de o Patrão ter entrado na cozinha.

"Boa tarde", respondeu o Patrão. Segurava os livros junto ao peito com uma das mãos e tinha a pasta na outra. Ugwu apressou-se em ir ajudá-lo com os livros. "*Sah*? O senhor vai comer?", perguntou em inglês.

"Comer o quê?"

O estômago de Ugwu parecia ainda mais tenso. Temia que arrebentasse só de se abaixar para pôr os livros sobre a mesa de jantar. "Ensopado, *sah*."

"Ensopado?"

"É, *sah*. Um ensopado muito gostoso, *sah*."

"Então eu vou experimentar."

"Pois não, *sah*."

"Me chame de Odenigbo!", retrucou o Patrão, antes de entrar no banheiro para tomar o banho da tarde.

Depois de servir a comida, Ugwu ficou na porta da cozinha, vendo o Patrão comer o primeiro bocado de arroz com o ensopado, e mais outro, e mais outro, e depois dizer: "Excelente, meu bom homem".

Ugwu apareceu por trás da porta. "*Sah*? Eu podia plantar umas ervas, no quintal. Para fazer mais ensopados como este."

"No quintal?" Ele parou para tomar um gole de água e virar a página do jornal. "Não, não, não. Lá fora é território do Jomo, e aqui é o seu. Divisão de trabalho, meu bom homem. Se precisarmos de ervas, pedimos ao Jomo que providencie." Ugwu amou o som de *Divisão de trabalho*, *meu bom homem*, falado em inglês.

"Certo, *sah*", disse ele, ainda que já estivesse pensando no melhor lugar para as ervas: perto do Alojamento dos Criados, aonde o Patrão nunca ia. Não poderia confiar em Jomo para plantar as ervas aromáticas e cuidaria delas ele mesmo, quando o Patrão estivesse fora, e, dessa forma, seu *arigbe*, sua erva do perdão, jamais faltaria. Foi só mais tarde, já de noitinha, que

ele percebeu que o Patrão devia ter esquecido completamente a meia queimada muito antes de voltar para casa.

Ugwu também se deu conta de outras coisas. Ele não era um criado normal; o criado do dr. Okelce, na casa ao lado, não dormia numa cama, nem num quarto, dormia no chão da cozinha. O criado que trabalhava no final da rua, com quem Ugwu ia ao mercado, nunca decidia o que cozinhar; fazia o que o mandavam fazer. E não tinham patrões ou patroas que lhes dessem livros, dizendo: "Este aqui é excelente, simplesmente excelente".

Ugwu não entendia a maioria das frases nos livros, mas fazia questão de fingir que estava lendo. Também não entendia direito as conversas do Patrão com seus amigos, mas assim mesmo escutava que o mundo tinha que fazer mais a respeito dos negros mortos em Sharpeville, que era bem-feito para os americanos os russos terem derrubado o avião espião mandado para lá, que De Gaulle estava enfiando os pés pelas mãos na Argélia, que as Nações Unidas nunca se livrariam de Tshombe, em Katanga. De vez em quando, o Patrão se levantava, erguia a taça e a voz — "Um brinde àquele corajoso americano negro que entrou para a Universidade do Mississipi!" "Ao Ceilão e à primeira vez que temos uma primeira-ministra!" "A Cuba, por derrotar os Estados Unidos naquilo em que eles mais se destacam!"—, e Ugwu gostava do tilintar de garrafas de cerveja nos copos, do retinir de copos contra copos, de garrafas contra garrafas.

Nos fins de semana apareciam ainda mais amigos e, quando Ugwu entrava para servir as bebidas, o Patrão às vezes o apresentava, em inglês, é claro. "Ugwu me ajuda a cuidar da casa. Um garoto muito esperto." Ugwu continuava abrindo garrafas de cerveja e de Coca em silêncio, ao mesmo tempo que, cheio de orgulho, sentia o rubor vir subindo lá da ponta dos pés. Gostava sobretudo quando o Patrão o apresentava a estrangeiros, como por exemplo a Mister Johnson, que era do Caribe e gaguejava quando falava, ou então ao professor Lehman, o sujeito de voz nasal que viera dos Estados Unidos e que tinha olhos tão verdes quanto os de uma folha nova. Ugwu ficou com um pouco de medo a primeira vez que o viu, porque imaginava que só os maus espíritos tinham olhos cor de capim.

Logo Ugwu se familiarizou com as visitas e passou a levar as bebidas antes mesmo de o Patrão pedir. Havia o dr. Patel, um indiano que tomava cerveja Golden Guinea misturada com Coca. O Patrão o chamava de Doc. Sempre que Ugwu levava as nozes-de-cola, o Patrão dizia: "Doc, você sabe

que noz-de-cola não entende inglês", antes de abençoar a semente em ibo. O dr. Patel ria todas as vezes, com grande prazer, escarrapachado no sofá, as pernas curtas atiradas para o alto, como se fosse a primeira vez que escutava a piada. Depois que o Patrão quebrava sua noz-de-cola e passava o pratinho adiante, o dr. Patel pegava uma metade e punha no bolso da camisa; Ugwu nunca o viu comer uma só semente.

Havia o professor Ezeka, muito alto e magro, com uma voz tão rouca que parecia cochichar o tempo inteiro. Sempre que era servido, pegava e segurava o copo contra a luz, para ter certeza de que fora bem lavado. Às vezes, levava a sua própria garrafa de gim. Em outras, pedia chá e depois se punha a examinar o açucareiro e o leite, resmungando: "As bactérias têm um poder extraordinário".

E tinha também Okeoma, que aparecia mais vezes e ficava mais tempo. Dava a impressão de ser mais jovem que os outros, estava sempre de short e tinha uma vasta cabeleira, mais alta ainda que a do Patrão, repartida de lado. O cabelo parecia áspero e embaraçado, ao contrário do cabelo do Patrão, como se Okeoma não gostasse de penteá-lo. Okeoma bebia Fanta. Em algumas tardes, lia suas poesias em voz alta, segurando as folhas na mão, e Ugwu, da porta da cozinha, dava uma olhada e via todos os convidados escutando como se estivessem meio paralisados, como se não ousassem respirar. Depois, o Patrão batia palmas e dizia, no seu vozeirão: "A voz da nossa geração!". E as palmas continuavam até Okeoma dizer, meio azedo: "Já basta!".

E havia também a srta. Adebayo, que bebia conhaque como o Patrão e não era nada do que Ugwu esperava de uma professora universitária. A tia havia lhe contado um pouco sobre as mulheres que ensinavam na universidade. Ela devia saber, afinal trabalhava de faxineira na faculdade de ciências durante o dia e como garçonete do clube, à noite; além disso, às vezes os professores pagavam para ela ir limpar suas casas. E a tia dissera que as mulheres mantinham fotos de seus dias de estudante em Ibadã, na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos nas estantes. No café-da-manhã, comiam ovos que não estavam totalmente cozidos, tanto assim que a gema ficava dançando de lá para cá, usavam perucas de cabelos lisos e soltos e usavam vestidões que ficavam raspando nos tornozelos. Certo dia, contou a história de um casal, numa festinha do clube, que saltou de um belo Peugeot 404, ele num elegante temo cor-de-creme, ela num vestido verde. Todos se vira-

ram para olhá-los, andando de mãos dadas, e aí o vento arrancou a peruca da mulher. Ela era careca. As mulheres usavam pentes muito quentes para alisar o cabelo, a tia havia dito, porque queriam ficar iguais às brancas, embora os pentes acabassem queimando o cabelo delas.

Ugwu tentara imaginar a mulher careca: bela, com um nariz levantado, não aquele nariz achatado com o qual estava acostumado. Imaginou quietude, delicadeza, o tipo de mulher cujos espirros, cuja risada e cuja fala seriam tão macios como as penugens que ficam bem junto à pele da galinha. Porém as mulheres que visitavam a casa do Patrão, as que ele via no supermercado e nas ruas eram diferentes. A maioria usava peruca (algumas tinham tranças ou o cabelo entrelaçado com cordões), mas nenhuma era um talo delicado de capim. Eram todas espalhafatosas. E a campeã era a srta. Adebayo. Ela não era ibo; Ugwu sabia só pelo nome, mesmo que até então não tivesse cruzado com ela e sua criada no mercado e escutado sua conversa num ioruba rápido e incompreensível. No dia em que a encontrou, ela lhe disse para esperar que lhe daria uma carona de volta ao campus, mas ele agradeceu e disse que ainda tinha um monte de coisas para comprar e que tomaria um táxi, embora já tivesse terminado as compras. Não queria entrar no mesmo carro que ela, não gostava da maneira como sua voz se erguia acima da voz do Patrão, desafiadora, argumentativa. Muitas vezes, tinha de se controlar para não mandá-la calar a boca, sobretudo quando ela chamava o Patrão de *sofista*. Ele não sabia o que significava sofista, mas não gostava de ouvi-la chamar o Patrão desse nome. Assim como também não gostava do jeito como ela olhava para o Patrão. Mesmo quando havia outra pessoa falando, e ela devia estar concentrada nessa pessoa, seus olhos não desgrudavam dele. Num sábado à noite, Okeoma deixou cair um copo e Ugwu entrou para varrer os cacos do chão. E levou um tempão para fazer a limpeza. A conversa ficava mais clara, ouvida da sala, e era mais fácil decifrar o que o professor Ezeka dizia. Da cozinha, era quase impossível escutar o homem.

"Nós devíamos organizar uma grande reação pan-africana ao que está acontecendo no Sul dos Estados Unidos...", disse o professor Ezeka.

O Patrão cortou-o na hora. "Você bem sabe que o pan-africanismo é fundamentalmente um conceito europeu."

"Você está tergiversando", retrucou o professor Ezeka, balançando a cabeça com a superioridade de sempre.

"Talvez *seja* uma noção européia", disse a srta. Adebayo, "mas, de uma perspectiva global, somos todos uma única raça."

"Que perspectiva global?", perguntou o Patrão. "A perspectiva global do homem branco! Será que você não percebe que nós não somos todos iguais, exceto na visão de quem é branco?" A voz do Patrão se alterava com facilidade, Ugwu já notara isso, e, lá pela terceira dose de conhaque, ele começava a gesticular com o copo, debruçado para a frente até ficar sentado quase na beirada da poltrona. Tarde da noite, quando o Patrão já estava na cama, Ugwu sentava na mesma poltrona e se imaginava falando em inglês fluente, conversando com convidados imaginários, todos fascinados, usando palavras como *descolonização* e *pan-africanismo*, moldando sua voz conforme a do Patrão, e mexendo e remexendo o corpo até também ficar na beiradinha da poltrona.

"Claro que nós somos todos iguais, todos temos a opressão branca em comum", disse a srta. Adebayo, secamente. "O pan-africanismo é simplesmente a resposta sensata."

"Claro, claro, mas o que eu digo é que a única identidade autêntica para um africano é sua tribo", disse o Patrão. "Eu sou nigeriano porque um branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o *negro* ser o mais diferente possível do *branco*. Mas eu era ibo antes que o branco aparecesse."

O professor Ezeka bufou e balançou a cabeça, com as pernas finas cruzadas. "Mas você só tomou consciência de que era ibo por causa do homem branco. A idéia do pan-ibo só surgiu por causa da dominação dos brancos. Você tem que entender que tribo, hoje em dia, é um produto tão colonialista quanto nação e raça." O professor Ezeka tornou a cruzar as pernas.

"A idéia do pan-ibo já existia muito antes da chegada do branco!", gritou o Patrão. "Vá perguntar aos mais velhos em sua aldeia sobre a história."

"O problema é que Odenigbo é um tribalista irremediável e temos que mantê-lo calmo", disse a srta. Adebayo.

E então fez algo que assustou Ugwu: levantou-se, rindo, foi até o Patrão e prendeu os lábios dele nos dedos. Ficou ali pelo que pareceu um bom tempo, com a mão na boca do Patrão. Ugwu imaginou a saliva diluída em conhaque tocando nos dedos dela. Enrijeceu o corpo todo, recolhendo os cacos. Como gostaria que o Patrão não ficasse ali sentado, balançando a cabeça, como se a coisa toda fosse muito engraçada.

A srta. Adebayo tornou-se uma ameaça, depois disso. Começou a se parecer mais e mais com um morcego, com seu rosto ressequido, sua pele nublada e seus vestidos estampados que se agitavam em volta do corpo feito asas. Ugwu a servia por último e gastava longos minutos secando as mãos num pano de prato antes de abrir a porta para ela. Tinha medo que acabasse se casando com o Patrão e trouxesse aquela criada ioruba para dentro de casa e destruísse seu jardim de ervas aromáticas e começasse a lhe dizer o que podia e o que não podia cozinhar. Até que ouviu o Patrão e Okeoma conversando.

"Ela não parecia estar com muita vontade de ir para casa, hoje", disse Okeoma. "*Nwoke m*, você tem certeza de que não está planejando fazer alguma coisa com ela?"

"Não fale besteira."

"Se estiver, ninguém em Londres vai ficar sabendo."

"Olha aqui..."

"Eu sei que você não está interessado nela, nesse aspecto, mas o que me intriga é o que essas mulheres todas vêem em você."

Okeoma riu e Ugwu ficou aliviado. Não queria que a srta. Adebayo — ou qualquer outra — viesse se intrometer e atrapalhar a vida deles. Algumas noites, quando as visitas saíam mais cedo, sentava no chão da sala para ouvir o Patrão falar. Quase tudo que ele dizia era incompreensível, como se o conhaque o tivesse feito esquecer que Ugwu não era um de seus amigos. Mas não tinha importância, isso. Tudo de que Ugwu precisava era da voz grave, da melodia da língua ibo falada com inflexões do inglês, do brilho nas lentes grossas.

Ele estava trabalhando havia quatro meses quando o Patrão lhe disse: "Esse fim de semana vou receber uma mulher muito especial. Muito especial. Providencie para que a casa esteja um brinco. Eu vou pedir a comida no clube".

"Mas, *sah*, eu sei cozinhar", disse Ugwu, com um pressentimento ruim.

"Ela acabou de voltar de Londres, meu bom homem, e gosta do arroz feito de certa maneira. Arroz frito, acho eu. Não estou certo de que você saberia fazer algo adequado." O Patrão se virou para ir embora.

"Eu sei fazer isso, *sah*", disse Ugwu, mais que depressa, embora não fizesse a menor idéia do que era arroz frito. "Deixa eu fazer o arroz e o senhor pega o frango no restaurante do clube."

"Negociação engenhosa", disse ele, em inglês. "Então estamos combinados. Você faz o arroz."

"Pois não, *sah*", disse Ugwu. Mais tarde, limpou os quartos e esfregou a privada com todo o cuidado, como sempre fazia, porém o Patrão olhou, disse que não estavam limpos o suficiente, saiu para comprar um Vim e perguntou, com voz azeda, por que Ugwu não limpava os espaços entre os ladrilhos. Ugwu limpou tudo de novo. Esfregou até o suor começar a escorrer pelos lados do rosto, até o braço doer. E, no sábado, estava uma fera enquanto cozinhava. Até então o Patrão nunca se queixara de seu trabalho. Era culpa dessa mulher, essa mulher que o Patrão considerava especial demais até mesmo para comer a comida de Ugwu. Recém-chegada de Londres, ainda por cima.

Quando a campainha tocou, ele resmungou em voz baixa uma praga sobre barriga inchada de tanto comer fezes. Escutou a voz do Patrão, num tom mais alto, animada e infantil, seguida de um longo silêncio, e imaginou o abraço entre os dois, o corpo feio dela apertado contra o do Patrão. Depois ouviu sua voz. Parou onde estava. Sempre achara que o inglês do Patrão não podia ser comparado ao de ninguém, nem ao do professor Ezeka, cujo inglês mal se podia escutar, ou o de Okeoma, que falava inglês como se estivesse falando ibo, com as mesmas cadências e pausas, ou o de Patel, cujo inglês era uma melodia murcha. Nem mesmo o homem branco, o professor Lehman, com suas palavras espremidas pelo nariz, soava tão digno quanto o Patrão. O inglês do Patrão era música, mas o que Ugwu ouvia agora, dessa mulher, era magia pura. Ali estava uma língua superior, uma língua luminosa, o tipo de inglês que ele escutava no rádio do Patrão, saindo com uma precisão cortante. Fazia lembrar um cará sendo fatiado com uma faca nova bem afiada, a perfeição tranquila de cada fatia.

"Ugwu!", chamou o Patrão. "Traz uma Coca!"

Ugwu entrou na sala de estar. Ela cheirava a coco. Ele a cumprimentou com um "Boa tarde" que foi um resmungo, os olhos postos no chão.

"*Kedu*?", perguntou ela.

"Eu estou bem, *mah*." Ainda assim, não olhou para ela. Abriu a garrafa e ela riu com alguma coisa que o Patrão disse. Ugwu estava prestes a servir o

refrigerante quando ela tocou na sua mão e disse: "*Rapuba*, não se preocupe".

A mão dela estava ligeiramente úmida. "Pois não, *mah*."

"Seu patrão me contou que você toma conta dele muito bem, Ugwu", disse ela. Suas palavras em ibo eram mais suaves que as palavras em inglês, e ele ficou decepcionado ao ver como saíam fáceis. Ele queria que ela tropeçasse no ibo; não esperava que um inglês tão perfeito sentasse lado a lado com um ibo igualmente perfeito.

"Tomo sim, *mah*", resmungou, com os olhos ainda pregados no chão.

"O que foi que você cozinhou para nós, meu bom homem?", perguntou o Patrão, como se já não soubesse. Ele parecia irritantemente serelepe.

"Eu sirvo agora, *sah*", disse Ugwu, em inglês, e logo em seguida pensou que teria sido melhor dizer *Eu vou servir agora*, porque soava melhor, porque teria causado uma impressão mais bonita. Enquanto punha a mesa, evitou olhar para a sala de estar, embora pudesse ouvir a risada dela e a voz do Patrão, com aquele novo timbre irritante.

Finalmente olhou, enquanto os dois se sentavam à mesa. O rosto oval era liso como um ovo e tinha aquele tom suculento de terra encharcada de chuva, os olhos eram grandes e amendoados; ela não parecia ser alguém que pudesse estar andando e falando, como os demais: ela devia estar num estojo de vidro, como o que havia no escritório do Patrão, num lugar onde as pessoas pudessem admirar seu corpo carnudo e curvilíneo e onde pudesse ser preservada sem máculas. Seu cabelo era comprido; cada uma das tranças que desciam até o pescoço terminava numa felpa macia. Ela sorria com facilidade; seus dentes tinham o mesmo branco brilhante dos olhos. Não sabia quanto tempo tinha ficado parado, olhando, até que o Patrão falou: "Ugwu em geral se sai bem melhor que isso. Ele faz um ensopado fantástico".

"Não tem muito gosto, o que é melhor que ter um gosto ruim, claro", disse ela, e sorriu para o Patrão, antes de se virar para Ugwu. "Eu lhe mostro como se faz arroz, Ugwu, sem usar tanto óleo."

"Pois não, *mah*", respondeu Ugwu. Ele tinha inventado o que supunha ser arroz frito, fritando o arroz em óleo de amendoim, meio que torcendo para que isso levasse os dois correndo para o banheiro. Agora, porém, queria cozinhar uma refeição perfeita, um arroz *jollof* ou então seu ensopado especial, com *arigbe*, para mostrar a ela como cozinhava bem. Retardou a

lavagem da louça para que a água da torneira não abafasse sua voz. Quando foi servir o chá, levou um bom tempo rearrumando os biscoitos no pratinho para poder ficar um pouco mais e ouvir a voz dela, até que o Patrão falou: "Está tudo ótimo, meu bom homem". O nome dela era Olanna. Porém o Patrão só a chamou assim uma vez; o resto do tempo, ele a chamou de *nkem* — só minha. Conversaram sobre a briga entre Sardauna e o ministro-chefe da Região Ocidental, e em seguida o Patrão falou qualquer coisa sobre esperar até ela se mudar para Nsukka, e de como isso estava perto, finalmente. Ugwu conteve a respiração para poder ouvir com clareza. O Patrão agora ria, dizendo: "Mas nós vamos morar aqui, os dois juntos, *nkem*, e você pode manter o apartamento na avenida Elias também".

Ela se mudaria para Nsukka. Ela viria morar nesta casa. Ugwu afastou-se da porta e ficou encarando a panela no fogão. A vida dele iria mudar. Aprenderia a fazer arroz frito, teria de usar menos óleo e receberia ordens dela. Sentiu-se triste, mas era uma tristeza incompleta; havia também uma expectativa, uma emoção que não compreendia totalmente.

Nessa noite, lavando as roupas do Patrão no quintal, perto do limoeiro, Ugwu ergueu os olhos da água ensaboada e viu Olanna parada na porta dos fundos, olhando para ele. De início, teve certeza de que era imaginação sua, porque as pessoas em quem mais pensava apareciam para ele em visões. Mantinha conversas imaginárias com Anulika o tempo todo e, logo depois de se masturbar, à noite, Nnesinachi aparecia rapidamente, com um sorriso misterioso no rosto. Porém Olanna estava de fato na porta. E caminhava na direção dele. Estava vestida só com os panos em volta do peito e, quando andou, Ugwu a imaginou um caju amarelo, formoso e maduro.

"*Mah*? A senhora quer alguma coisa?", perguntou. Sabia que, se estendesse a mão e tocasse em seu rosto, seria como tocar em manteiga, do tipo que o Patrão tirava de um pacote de papel e espalhava no pão.

"Deixa que eu ajudo você com isso." E apontou para o lençol que ele estava enxaguando; devagar, ele tirou o lençol molhado do tanque. Ela segurou numa ponta e recuou alguns passos. "Vire a sua ponta para lá", disse.

Ele torceu sua ponta do lençol para a direita, enquanto ela torcia a dela também para a direita, e eles viram a água sendo espremida. O lençol estava escorregadio.

"Obrigado, *mah*", disse ele.

Ela sorriu. O sorriso dela o fez sentir-se mais alto. "Olha, aqueles mamões estão quase maduros. *Lotekwa*, não se esqueça de apanhá-los."

Havia algo de refinado na voz, nela toda; Olanna era como uma pedra que fica ao lado da fonte, sendo lustrada por anos e anos de água límpida, e olhar para ela era como achar essa pedra, sabendo que existem muito poucas iguais. Ela voltou para dentro.

Ugwu não queria dividir a tarefa de cuidar do Patrão com mais ninguém, não queria desequilibrar a vida que levava com ele, no entanto de repente ficou insuportável pensar em não vê-la nunca mais. Depois do jantar, foi pé ante pé até o quarto do Patrão e encostou o ouvido na porta. Ela gemia alto, sons que pareciam tão diferentes do que ela era, tão incontroláveis, excitantes, roucos. Ugwu ficou parado na porta um bom tempo, até os gemidos pararem, e só então foi para o quarto.

* *My good man* é uma forma de tratamento que tanto pode ser cortês como ironicamente polida. (N.T.)

2.

Olanna meneava a cabeça ao ritmo da música High Life que tocava no rádio do carro. Estava com a mão sobre a coxa de Odenigbo; sempre que ele precisava mudar de marcha, ela erguia e depois punha a mão de volta, rindo quando ele a chamava de Afrodite perturbadora. Era divertido estar sentada ao lado dele, com as janelas abertas, respirando o ar empoeirado, ao som das batidas sonhadoras de Rex Lawson. Odenigbo tinha uma aula dali a duas horas, mas insistira em levá-la até o aeroporto de Enugu e, ainda que tivesse fingido discordar, ela queria que ele fosse. Enquanto rodavam pela estrada estreita que cortava Milliken Hill, com um penhasco profundo de um lado e uma encosta íngreme do outro, ela não disse que ele estava dirigindo depressa demais. Tampouco olhou para a placa na estrada, que dizia, em letras toscas, NÃO DIRIJA ENFURECIDO PARA NÃO SER O FALECIDO.

E não gostou quando viu a silhueta elegante dos aviões sobrevoando o aeroporto, preparando a aterrissagem. Odenigbo parou o carro diante da entrada em arcos. Os carregadores rodearam o carro e disseram: "S*ah*? Madame? Tem bagagem pra carregar?", porém Olanna mal ouviu o que diziam porque ele a puxara para si.

"Mal posso esperar, *nkem*", disse ele, com os lábios comprimidos nos dela. A boca de Odenigbo tinha gosto de geleia de laranja. Ela queria lhe dizer que também mal podia esperar para se mudar para Nsukka, mas ele já sabia disso e estava com a língua em sua boca; ela sentiu uma nova quentura no meio das pernas.

A buzina de um carro soou. Um carregador exclamou: "Olha, este lugar é só pra descarregar! Só pra descarregar!".

Por fim, Odenigbo a soltou e saiu do carro para tirar a bagagem do porta-malas. Levou a mala até o balcão de embarque. "Faça uma boa viagem, *ije orna*", disse ele.

"Dirija com cuidado", disse ela.

E ficou vendo Odenigbo se afastar, um homem musculoso de calça esporte e camisa de manga curta que parecia engomada a ferro. Ele caminhava com uma confiança agressiva — tinha o andar de alguém que jamais pediria uma informação, de quem sempre teria certeza de chegar, de um jeito ou de outro. Depois que ele se foi, baixou a cabeça e cheirou-se. Logo de manhã, no impulso, passara umas gotas da colônia Old Spice dele, e não contara nada porque Odenigbo daria risada. Ele jamais entenderia aquela sua superstição de levar consigo um pouco de seu aroma. Era como se o perfume pudesse, ao menos por uns tempos, abafar as perguntas e fazer dela alguém mais parecida com ele, um pouco mais certa, um pouco menos duvidosa.

Virando-se para o atendente, escreveu seu nome num papel. "Boa tarde. Uma passagem só de ida para Lagos, por favor."

"Ozobia?" O rosto bexiguento do rapaz iluminou-se com um vasto sorriso. "Filha do chefe Ozobia?"

"Sou."

"Ah! Muito bem, madame. Vou pedir ao carregador que a leve até o saguão VIP." E virou-se para o lado. "Ikenna! Onde foi parar esse inútil? Ikenna!"

Olanna abanou a cabeça e sorriu. "Não, não precisa." E sorriu de novo, tranquilizadoramente, para deixar claro que não era culpa dele o fato de não querer ir para o saguão vip.

O saguão geral estava lotado. Olanna sentou-se em frente a três crianças com roupas surradas e sandálias, que riam de vez em quando, enquanto o pai lançava olhares severos para elas. Uma senhora, com uma fisionomia azeda e enrugada, a avó deles, estava mais perto de Olanna, agarrada à bolsa e cochichando sozinha. Olanna sentiu o cheiro de mofo dos panos que vestia; devia tê-los desenterrado de algum antigo baú só para a ocasião. Quando uma voz nítida anunciou a chegada de um vôo da Nigeria Airways, o pai deu um salto da cadeira e depois sentou de novo.

"O senhor deve estar esperando alguém", disse Olanna, em ibo.

"Estou, *nwanne m*, meu irmão, que está vindo do exterior, depois de quatro anos estudando lá." Seu dialeto de Owerri vinha carregado de um forte sotaque rural.

"Que bom!", disse Olanna. Ela queria perguntar de onde o irmão estava vindo e o que tinha estudado, mas controlou-se. Ele talvez não soubesse.

A avó virou-se para ela. "Foi o primeiro do nosso povoado a ir para o exterior, e nossa gente preparou uma dança para ele. Os dançarinos vão se encontrar conosco em Ikeduru." Ela sorriu, orgulhosa em mostrar os dentes marrons. Seu sotaque era ainda mais forte — difícil entender tudo que ela dizia. "As outras mulheres têm ciúmes, mas por acaso é culpa minha se os filhos delas não têm nada no cérebro e o meu ganhou a bolsa dos brancos?"

Chegou outro vôo e o pai disse: "*Chere*! Será o dele? É o dele!".

As crianças se levantaram, o pai pediu que sentassem de novo e levantou-se ele próprio. A avó apertou a bolsa na barriga. Olanna viu o avião descer. Quando pousou e começou a taxiar na pista, a avó gritou e deixou cair a bolsa.

Olanna assustou-se. "O que foi? O que foi?"

"Mama!", disse o pai.

"Por que aquilo não pára?", perguntou a avó, com as duas mãos na cabeça, desesperada. "*Chi m*! Meu Deus! Vou ter problema. Para onde é que ele está levando o meu filho, agora? Vocês me enganaram, por acaso?"

"Mama, ele vai parar", disse Olanna. "É isso que o avião faz quando aterrissa." Apanhou a bolsa dela e, depois, pegou a mão cheia de calos. "Ele vai parar", disse de novo.

Não soltou da avó até o avião parar e ela retirar a mão, enquanto resmungava alguma coisa sobre gente burra que não sabia fazer aviões direito. Olanna viu a família correr para o portão de desembarque. Minutos depois, enquanto ia para o portão de embarque, olhou várias vezes para trás, para ver se via o filho que vinha do exterior. Mas não viu nada.

O vôo foi turbulento. O homem sentado na poltrona ao lado comia noz-de-cola, fazendo muito barulho ao mastigar, e, quando se virou para puxar conversa, ela foi se encolhendo devagar até ficar prensada contra a parede do avião.

"Eu preciso dizer que você é muito linda", disse ele.

Ela sorriu, agradeceu e manteve os olhos no jornal. Odenigbo iria achar graça, quando ela contasse, ele sempre ria dos admiradores dela, com sua confiança inquebrantável. Foi o que primeiro a atraiu para ele, naquele dia de junho, dois anos antes, em Ibadã — aquele tipo de dia chuvoso que se veste com a cor do poente ainda que seja meio-dia. Ela estava de férias, tinha chegado da Inglaterra. E seu caso com Mohammed era sério. De início, não reparou em Odenigbo, parado na sua frente, na fila da bilheteria do teatro universitário. Talvez nunca tivesse reparado nele, se não fosse por um homem branco de cabelos grisalhos, atrás dela, e um bilheteiro fazendo sinal para que passasse na frente de todo mundo. "Deixe que eu ajudo o senhor com isso", disse, com aquele cômico sotaque de "branco" que as pessoas mais simples gostam de inventar.

Olanna se aborreceu, mas não muito, porque sabia que a fila andaria depressa de todo modo. Por isso se surpreendeu com a explosão de um homem que usava um traje safári marrom e segurava um livro: Odenigbo. Ele foi até o guichê, levou o branco de volta para a fila e, depois, gritou para o bilheteiro: "Seu energúmeno! Quer dizer que você vê um branco e já fica achando que ele é melhor que seu próprio povo? Você vai ter que pedir desculpas à fila toda! E é agora!".

Olanna olhou bem para ele, para o arco das sobrancelhas por trás dos óculos, para os músculos do corpo, já pensando na melhor forma de se desvencilhar de Mohammed. Talvez soubesse desde o início que Odenigbo era diferente, ainda que ele não tivesse dito nada; só o corte de cabelo já dizia tudo, uma cabeleira e tanto, feito um halo. Mas havia também naquele homem um cuidado especial consigo; não era dos que usam o descuido para substanciar o radicalismo. Ela sorriu e disse "Muito bem!" quando ele passou por ela, sua maior ousadia até então, a primeira vez que exigia a atenção de um homem. Ele parou e se apresentou. "Eu me chamo Odenigbo."

"Eu me chamo Olanna", disse ela, e, mais tarde, contaria a ele que sentiu a magia estalando no ar; ele diria que, naquele momento, seu desejo foi tão intenso que a virilha doeu.

Quando finalmente sentiu aquele mesmo desejo, ficou acima de tudo espantada. Não sabia que o pênis de um homem podia apagar a memória, que era possível pairar num lugar onde não havia pensamentos nem lembranças, só sentimentos. Depois de dois anos, a intensidade não diminuíra,

assim como não diminuíra seu espanto com as excentricidades autoconfiantes e a moralidade feroz de Odenigbo. Porém temia que essa força viesse do relacionamento espaçado que mantinham. Ela o via quando voltava para casa de férias; eles trocavam cartas; falavam ao telefone. Porém, agora que estava definitivamente na Nigéria, viveriam juntos, e ela não entendia como é que Odenigbo não demonstrava um pouco de incerteza. Ele tinha confiança demais.

Ela olhou para as nuvens do lado de fora da janela, densas massas brancas deslizando em volta, e pensou que eram, todas elas, criaturas muito frágeis.

Olanna não queria jantar com os pais, sobretudo porque eles haviam convidado o chefe Okonji. Porém a mãe foi até seu quarto para lhe pedir por favor que fosse; não era todos os dias que tinham oportunidade de receber o ministro das Finanças, e esse jantar era ainda mais importante por causa do contrato de construção que seu pai estava querendo. "*Biko*, vista alguma coisa bonita. Kainene também vai se vestir", acrescentou a mãe, como se, ao mencionar a irmã gêmea, tudo ficasse legitimado.

No momento, Olanna alisava o guardanapo no colo, sorrindo para o garçom que punha um pratinho com metade de um abacate na sua frente. O uniforme branco estava tão engomado que a calça parecia ser de papelão.

"Obrigada, Maxwell", disse ela.

"Às ordens, tia", murmurou Maxwell, e foi em frente com a bandeja.

Olanna olhou em volta da mesa. Os pais estavam concentrados no chefe Okonji, balançando a cabeça animados, escutando uma história sobre um encontro recente dele com o primeiro-ministro Balewa. Kainene inspecionava seu prato com aquela sua expressão brejeira, como se estivesse zombando do abacate. Ninguém mais agradeceu Maxwell. Olanna gostaria que tivessem dito alguma coisa; algo tão simples de fazer, reconhecer o lado humano das pessoas que nos servem. Um dia até sugerira isso; o pai disse que pagava um bom salário aos empregados e a mãe disse que agradecer abriria espaço para que fossem malcriados, ao passo que Kainene, como sempre, não disse nada, e continuou com a mesma fisionomia entediada de sempre.

"Este é o melhor abacate que eu como em muitos anos", disse o chefe Okonji.

"Veio de uma de nossas fazendas", disse a mãe. "A que fica perto de Asaba."

"Vou pedir ao garçom que separe alguns para o senhor levar", disse o pai.

"Ótimo", disse o chefe Okonji. "Olanna, espero que esteja gostando do seu. Você está aí, olhando para ele, como se o abacate pudesse morder." Ele riu, uma gargalhada forçada, e seus pais imediatamente riram também.

"Está muito bom." Olanna ergueu os olhos. Havia qualquer coisa de úmido no sorriso do chefe Okonji. Na semana anterior, quando ele enfiara o cartão de visitas em sua mão, no Ikoyi Club, ela havia ficado preocupada com aquele sorriso, porque parecia que o movimento dos lábios provocava ainda mais saliva que ameaçava transbordar queixo abaixo.

"Espero que tenha pensado em vir se juntar a nós no ministério, Olanna. Precisamos de cérebros de primeira ordem, como o seu", continuou ele.

"Quantas pessoas recebem um convite pessoal do ministro das Finanças para trabalhar no ministério?", disse a mãe, para ninguém em especial, com um sorriso iluminando o rosto oval e escuro que era mais que perfeito, tão simétrico que amigos a chamavam de Arte.

Olanna pôs a colher no prato. "Eu decidi ir para Nsukka. Vou partir em duas semanas."

Ela viu a maneira como o pai comprimiu os lábios. A mãe deixou a mão suspensa no ar por alguns instantes, como se a notícia fosse trágica demais para que continuasse salpicando sal na comida. "Pensei que você ainda não tivesse decidido", disse ela.

"Não posso adiar mais, caso contrário eles vão oferecer o cargo para outra pessoa", disse Olanna.

"Nsukka? É isso mesmo? Você resolveu se mudar para Nsukka?", perguntou o chefe Okonji.

"Exato. Eu me candidatei a uma vaga como professora do Departamento de Sociologia e consegui", disse Olanna. Em geral, gostava de comer o abacate sem sal, mas estava sem gosto, agora, quase nauseante.

"Ah. Quer dizer então que vai nos deixar", continuou o chefe Okonji. Seu rosto parecia ter derretido, dobrando-se sobre si mesmo. Mas ele se virou e perguntou, com falsa vivacidade: "E quanto a você, Kainene?".

Kainene olhou o chefe Okonji bem nos olhos com aquela sua expressão neutra, tão vazia que era quase um ato de hostilidade. "E quanto a mim, é o que eu me pergunto." Ergueu as sobrancelhas. "Eu também vou pôr meu recém-adquirido diploma em uso. Vou me mudar para Port Harcourt para administrar os negócios de papai por lá."

Olanna gostaria de ainda ter aqueles lampejos, aqueles momentos em que sabia o que Kainene estava pensando. Quando faziam o primário, às vezes olhavam uma para a outra e riam, sem precisar dizer nada, porque estavam pensando na mesma coisa engraçada. Duvidava que Kainene ainda tivesse esses momentos, já que não falavam mais sobre isso. Aliás, não conversavam mais sobre coisa nenhuma.

"Quer dizer que Kainene vai administrar a fábrica de cimento?", perguntou o chefe Okonji, virando-se para o pai.

"Ela vai controlar tudo que temos no leste, as fábricas e nossos novos investimentos em petróleo. Ela sempre teve um excelente olho para os negócios."

"Quem disser que você levou a pior por ter filhas gêmeas está mentindo", disse o chefe Okonji.

"Kainene não é só como um filho, ela é como dois filhos homens", disse o pai. Olhou para Kainene e Kainene desviou o olhar, como se o orgulho no rosto dele não importasse, e Olanna mais que depressa voltou as atenções para seu prato, para que nenhum dos dois visse que ela estava observando. Era um prato elegante, verde-claro, da mesma cor do abacate.

"Por que vocês não vêm todos jantar lá em casa, neste fim de semana, o que acham?", convidou o chefe Okonji. "Ao menos para experimentar a sopa de peixe com pimenta do meu cozinheiro. Ele é de Nembe; e sabe o que fazer com peixe fresco."

Os pais riram com gosto. Olanna não sabia muito bem qual era a graça, mas era uma piada do ministro, de todo modo.

"A idéia me parece excelente", disse o pai de Olanna.

"Vai ser muito bom nos reunirmos de novo, antes de Olanna partir para Nsukka", disse a mãe.

Olanna sentiu uma irritação ligeira, uma sensação de formigamento na pele. "Eu adoraria ir, mas não vou estar aqui neste fim de semana."

"Não vai estar aqui?", perguntou o pai. Ela se perguntou se a expressão em seus olhos era um apelo desesperado. Perguntou-se, também, se por

acaso os pais haviam prometido ao chefe Okonji, em troca do contrato, que ele poderia ter um caso com ela. Será que tinham feito a promessa com todas as letras ou apenas dado a entender?

"Já tenho planos de ir até Kano, ver tio Mbaezi e a família, e Mohammed também", disse ela.

O pai espetou o garfo com força no abacate. "Entendo."

Olanna tomou um gole de água e não respondeu.

Depois do jantar, foram tomar licor na sacada. Olanna gostava desse ritual e muitas vezes se afastava dos pais e convidados para ficar sozinha junto à grade, olhando as lâmpadas altas que iluminavam as trilhas, luzes tão fortes que a piscina parecia prateada e os hibiscos e as primaveras adquiriam uma pátina incandescente nos tons de rosa e vermelho. A primeira e única vez que Odenigbo a visitou em Lagos, eles tinham ficado na varanda, olhando a piscina, e Odenigbo atirara uma rolha para vê-la mergulhar na água. Tinha bebido muito conhaque e quando seu pai disse que a idéia de uma universidade em Nsukka era bobagem, que a Nigéria ainda não estava pronta para uma universidade nativa e que receber o apoio de uma universidade americana — em vez de uma universidade de verdade, da Grã-Bretanha — era pura tolice, a voz de Odenigbo se alterara. Olanna achava que ele iria perceber que o pai só queria atazanar e mostrar que não estava nem um pouco impressionado com o catedrático de Nsukka. Achava que Odenigbo não levaria em conta as palavras do pai. Mas sua voz foi ficando cada vez mais alta, ao discutir a necessidade de a universidade de Nsukka se ver livre da influência colonial, e de nada adiantaram as piscadas que ela deu porque ele não viu, quem sabe por haver pouca luz na varanda. Por fim, o telefone tocou e a conversa teve de terminar. A expressão nos olhos dos pais era de respeito relutante, Olanna percebeu logo, mas isso não os impediu de dizer que Odenigbo era louco e o homem errado para ela, um daqueles cabeças-duras da universidade que falavam sem parar, até dar dor de cabeça em todo mundo e ninguém entender do que estavam falando.

"Uma noite tão fresca", disse o chefe Okonji, atrás dela. Olanna virou-se. Não sabia em que momento os pais e Kainene tinham ido para dentro.

"Pois é."

Chefe Okonji parou na frente dela. Seu abadá era bordado com fios de ouro, em volta da gola. Ela olhou para o pescoço dele, viu os rolos de banha e imaginou-o remexendo neles, na hora do banho.

"E o que me diz de amanhã? Tem um coquetel no Hotel Ikoyi", disse ele. "Queria que todos vocês conhecessem alguns expatriados. Eles estão à procura de terras e eu posso acertar para que comprem do seu pai por cinco ou seis vezes mais que o preço normal."

"Amanhã eu tenho um trabalho beneficente com a Irmandade de São Vicente de Paula."

Chefe Okonji aproximou-se um pouco mais dela. "Não consigo tirar você da cabeça", falou, e uma nuvem de álcool assentou no rosto de Olanna.

"Não estou interessada, chefe."

"Eu simplesmente não consigo tirar você da cabeça", disse o chefe Okonji de novo. "Olhe só, você não precisa trabalhar no ministério. Posso nomeá-la para uma diretoria, a diretoria que você quiser, e posso mobiliar um apartamento onde você quiser." E puxou-a para si. Por alguns instantes, Olanna não fez nada, o corpo frouxo ao lado dele. Estava acostumada com isso, com ser agarrada por homens embebidos em nuvens de direitos, recendendo a colônia, que presumiam, por serem poderosos e acharem-na bonita, que eles se pertenciam. Por fim, empurrou-o e sentiu uma náusea vaga ao perceber que suas mãos haviam afundado naquele peito mole. "Pare com isso, chefe."

Ele estava de olhos fechados. "Eu amo você, acredite. Eu realmente amo você."

Ela se desvencilhou do abraço e entrou. Os pais conversavam com vozes abafadas na sala. Parou para sentir o cheiro de umas flores já meio murchas, num vaso sobre a mesa lateral, perto da escada, ainda que soubesse que elas já tinham perdido o aroma, antes de subir. O quarto parecia estranho, os tons quentes da madeira, a mobília castanha, o carpete cor de vinho que acolchoava seus pés, a profusão de espaço que fazia Kainene chamar de *apartamentos* os quartos das duas. Um exemplar do *Lagos Life* continuava sobre a cama; Olanna apanhou o jornal e olhou para a foto dela e da mãe, na página cinco, as fisionomias satisfeitas e deslumbradas, num coquetel oferecido pelo alto comissariado britânico. A mãe a puxara para perto, quando um fotógrafo se aproximou; mais tarde, depois do flash, Olanna tinha chamado o fotógrafo e pedido a ele por favor para não publicar a foto. Ele havia olhado para ela de um jeito engraçado. Agora, percebia

como sua idéia fora tola; claro que ele jamais entenderia o desconforto que ela sentia em partilhar do brilho que revestia a vida dos pais.

Estava na cama, lendo, quando a mãe bateu e entrou.

"Ah, você está lendo", disse a mãe. Estava segurando alguns tecidos na mão. "O chefe acabou de ir embora. E disse para eu cumprimentá-la em seu nome."

Olanna queria perguntar se eles tinham prometido alguma coisa ao chefe, mas sabia que jamais conseguiria formular a pergunta. "Que tecidos são esses?"

"O chefe mandou o motorista pegar no carro, pouco antes de ir embora. É a última palavra em rendas européias. Olha só. Muito lindas, *i fukwa*?" Olanna sentiu o tecido entre os dedos. "São muito lindas, sim."

"Você viu a que ele estava usando hoje? Original! *Ezigbo*!" A mãe sentou-se na beirada da cama. "E você sabia que, segundo dizem, ele nunca usa o mesmo traje duas vezes? Dizem que dá para os criados, depois de usar uma vez."

Olanna imaginou as caixas de madeira dos pobres criados incongruentemente recheadas de rendas, criados que ela tinha certeza não recebiam grande coisa de salário, de posse de caftãs e abadás que jamais usariam. Sentiu-se cansada. Conversar com a mãe era cansativo.

"Qual deles você quer, *nne*? Eu vou fazer uma saia longa e uma blusa, para você e Kainene."

"Não, não se preocupe, mãe. Faça alguma coisa para você. Eu não vou ter muitas oportunidades de usar renda em Nsukka."

A mãe passou o dedo pelo tampo do criado-mudo. "Essa empregada burra nunca limpa os móveis direito. Será que ela acha que eu pago salário para ela ficar brincando?"

Olanna largou o livro de lado. A mãe queria dizer algo, ela sabia, e o sorriso inabalável mais os gestos meticulosos eram o começo.

"E então, como vai Odenigbo?", perguntou ela, por fim.

"Está ótimo."

A mãe suspirou naquele seu jeito espalhafatoso, que significava que gostaria que Olanna pusesse a cabeça no lugar. "Você pensou bem nessa sua mudança para Nsukka? Muito bem mesmo?"

"Nunca tive tanta certeza quanto agora."

"Mas você vai se sentir confortável, lá?" A mãe disse *confortável* com um ligeiro tremor nos ombros, e Olanna quase sorriu porque sabia que ela devia estar pensando na casa *básica* que a universidade dava a Odenigbo, com seus quartos severos, sua mobília simples, sem carpete no chão.

"Vou, claro que vou."

"Você podia trabalhar aqui em Lagos e viajar nos fins de semana para vê-lo."

"Eu não quero trabalhar em Lagos. Quero trabalhar na universidade e quero morar com ele."

A mãe a olhou por alguns instantes, antes de se levantar e dizer "Boa noite, minha filha" em voz baixa, magoada.

Olanna encarava a porta. Estava acostumada com a desaprovação da mãe; afinal, quase todas as decisões importantes que tomara na vida tinham sofrido críticas por parte dela: quando optou por uma suspensão de duas semanas, em vez de pedir desculpas à professora de Heathgrove pela insistência com que afirmou que as aulas sobre a Pax Britannica eram contraditórias; quando se uniu ao Movimento Estudantil pela Independência, em Ibadã; quando se recusou a casar com o filho de Igwe Okagbue, e, depois, com o filho do chefe Okaro. Ainda assim, todas as vezes em que foi censurada, sentiu vontade de pedir desculpas, de compensá-la de alguma forma.

Estava quase dormindo quando Kainene bateu na porta. "Quer dizer então que você vai esparramar as pernas para aquele elefante em troca de um contrato para o papai?", perguntou.

Olanna sentou-se na cama, espantada. Não se lembrava de quando fora a última vez que Kainene entrara em seu quarto.

"Fui praticamente puxada da varanda, tudo para deixar você sozinha com o nosso excelente ministro", disse Kainene. "E ele vai mesmo dar o contrato para o papai?"

"Ele não disse. E também não é o caso de ele sair de mãos abanando. O papai vai lhe dar os dez por cento."

"Os dez por cento são de praxe, de modo que qualquer ajuda extra contribui. Os outros concorrentes provavelmente não têm uma filha *linda*." Kainene arrastou a palavra até que ela soasse grudenta, pegajosa: *li-in-da*. Estava folheando o *Lagos Life*, o robe de seda bem apertado em volta da

cintura minúscula. “O bom de ser a filha feia é que ninguém usa a gente como isca sexual.”

“Eles não estão me usando como isca sexual.”

Kainene não respondeu nada, por um tempo; parecia concentrada num artigo do jornal. Depois ergueu os olhos. “Richard está indo para Nsukka também. Ele recebeu a bolsa e vai escrever o livro lá.”

“Que bom. O que significa que você vai passar uns tempos em Nsukka, certo?”

Kainene ignorou a pergunta. “Ele não conhece ninguém em Nsukka, por isso quem sabe você não gostaria de apresentá-lo a seu amante revolucionário?”

Olanna sorriu. *Amante revolucionário*. As coisas que Kainene conseguia dizer de cara limpa! “Eu apresento, sim.” Nunca tinha gostado de nenhum dos namorados de Kainene, assim como nunca gostara dos inúmeros brancos com quem ela saía, na Inglaterra. A presunção mal disfarçada, as falsas validações — tudo era motivo de irritação. No entanto, não reagira da mesma maneira com Richard Churchill quando Kainene o convidara para jantar. Talvez por Richard não mostrar aquela conhecida superioridade dos ingleses, que acham que entendem os africanos melhor que os africanos entendem a si mesmos; a verdade é que ele se apresentou com uma incerteza cativante — uma quase timidez. Ou talvez pela atitude impassível dos pais, que o ignoraram porque, afinal, ele não conhecia ninguém que valesse a pena ser conhecido.

“Acho que Richard vai gostar da casa de Odenigbo”, disse Olanna. “Aquilo fica igualzinho a uma agremiação política nos finais de tarde. De início ele só convidava africanos, porque a universidade está sempre tão cheia de estrangeiros e ele queria que os africanos tivessem a chance de socializar uns com os outros. No começo, cada um levava a sua própria bebida, mas agora ele pede uma contribuição de cada um e, toda semana, compra as bebidas e eles se reúnem na casa de...” Olanna parou no meio da frase. Kainene a encarava com dureza no olhar, como se ela tivesse quebrado a regra tácita entre as duas e estivesse querendo bater um papo.

Kainene virou-se para a porta. “Quando você parte para Kano?”

“Amanhã.” Olanna queria que Kainene ficasse, que ela sentasse na beira da cama, pusesse um travesseiro no colo, que elas ficassem fofocando e rindo noite adentro.

"Boa viagem, *jee ofuma*. Dê lembranças à tia, ao tio e a Arize."

"Pode deixar", disse Olanna, embora Kainene já tivesse saído e fechado a porta. Ficou escutando os passos da irmã no corredor acarpetado. Só agora, depois de terem voltado da Inglaterra, e vivendo na mesma casa de novo, é que Olanna percebia como tinham se tornado distantes. Kainene sempre fora uma criança retraída, depois uma adolescente enfezada, e muitas vezes desagradável, a filha que, por nunca ter tentado agradar aos pais, deixava a tarefa toda para Olanna. Mas tinham sido próximas, apesar dos pesares. Eram amigas. E ela se perguntava quando tudo mudara. Certamente antes de partirem para a Inglaterra, porque não tinham nem os mesmos amigos em Londres. Talvez tivesse sido na escola secundária de Heathgrove. Talvez até antes. Não acontecera nada de mais — nenhuma briga monumental, nenhum incidente significativo —, simplesmente foram se distanciando, mas agora era Kainene quem se ancorava firmemente num lugar distante, para que nunca mais os ventos as unissem.

Olanna optou por não ir de avião até Kano. Ela gostava de sentar à janela do trem para ver a densa mata passando, as planícies relvadas se abrindo, o gado balançando o rabo e sendo conduzido por nômades de peito nu. Quando chegou a Kano, mais uma vez ficou admirada de que fosse tão diferente de Lagos, de Nsukka, de sua cidade natal, Umunnachi, de que o Norte inteiro fosse tão diferente do Sul. Em Kano, a areia era fina, cinzenta, tostada pelo sol, nada parecida com a terra vermelha e grumosa de Umunnachi; as árvores eram raquíticas, ao contrário do verdor explosivo que se esparramava e lançava sombras na estrada para Umunnachi. Em Kano, eram quilômetros intermináveis de planície, que seduziam os olhos a espiar mais longe, até que a terra parecia se juntar ao céu branco-prateado.

Olanna tomou um táxi na estação de trem e pediu ao motorista para parar primeiro no mercado, para que pudesse cumprimentar tio Mbaezi.

Nas vielas estreitas do mercado, manobrou por entre garotinhos que levavam cargas pesadas na cabeça, mulheres pechinchando, vendedores berrando. Uma loja de discos tocava música High Life a todo volume e ela parou uns instantes para cantar *Taxi driver* junto com Bobby Benson, antes de

seguir apressada para a barraca do tio. As prateleiras dele estavam forradas de baldes e utensílios domésticos.

"*Omalicha*!", disse ele, quando a viu. Era assim que chamava a mãe de Olanna também — Formosa. "Andei pensando muito em você. E sabia que viria nos ver em breve."

"Tio, boa tarde."

Eles se abraçaram. Olanna descansou a cabeça em seu ombro; ele tinha cheiro de suor, de mercado a céu aberto, de utensílios guardados em prateleiras empoeiradas.

Era difícil imaginar tio Mbaezi e a mãe crescendo juntos, irmão e irmã. Não só porque o rosto claro dele não tinha nada da beleza da mãe, mas também porque ele era um homem da terra. Às vezes Olanna se perguntava se o admiraria tanto assim se ele não fosse tão diferente da mãe.

Sempre que Olanna aparecia, tio Mbaezi sentava com ela no quintal, depois do jantar, para lhe contar as últimas notícias da família: a filha solteira de uma prima que engravidara e que ele queria que fosse morar com eles, para evitar os comentários maliciosos do povo da aldeia, um sobrinho que morrera em Kano e as tentativas de achar um jeito barato de levar o corpo de volta para casa. Ou então eram coisas de política: o que a União Ibo estava organizando, protestos, discussões. A União se reunia em seu quintal. Olanna participara, algumas vezes, e ainda se lembrava da reunião em que homens e mulheres irritados reclamavam das escolas do Norte que não aceitavam crianças ibo. Tio Mbaezi havia se levantado e batido o pé. "*Ndi be anyi*! Meu povo! Nós construiremos nossa própria escola! É assim que vai ser!" Mas Olanna tinha ficado cismada, não ia ser fácil construir uma escola. Talvez fosse mais prático convencer o povo do Norte a aceitar crianças ibo.

No entanto, nesse momento, apenas poucos anos depois, lá estava ela, na avenida do Aeroporto, passando em frente à Escola da União Ibo. Era hora do recreio e o pátio estava cheio de alunos. Meninos, de times diferentes, jogavam futebol num mesmo campo, de modo que havia uma profusão de bolas voando; Olanna se perguntou como é que eles poderiam saber de qual time era cada bola. Grupos de meninas, mais perto da avenida, brincavam de *oga* e *swell*, batendo palmas ritmicamente enquanto pulavam, primeiro numa perna, depois na outra. Antes que o táxi parasse no *compound* comunitário de Sabon Gari, Olanna viu tia Ifeka sentada diante de

seu quiosque, na beira da rua. Enxugando as mãos nos panos desbotados que vestia, ela abraçou a sobrinha, afastou-se um pouco para olhá-la, depois abraçou-a de novo. "A nossa Olanna!"

"Minha tia! *Kedu*?"

"Melhor ainda por ver você aqui."

"Arize ainda não voltou da aula de costura?"

"Ela deve estar chegando."

"Como ela está? *O na-agakwa*? E as costuras, como vão?"

"A casa está cheia de moldes que ela cortou."

"E como vão Odinchezo e Ekene?"

"Continuam trabalhando. Vieram de visita na semana passada e perguntaram por você."

"Como é que Maiduguri está tratando os dois? Os negócios aumentaram?"

"Nenhum dos dois me disse que está morrendo de fome." Tia Ifeka sacudiu de leve os ombros. Olanna examinou aquele rosto banal e desejou, por um breve e culpado minuto, que fosse ela a sua mãe. De todo modo, tia Ifeka era praticamente a mãe delas, já que tinha sido em seus seios que Olanna e Kainene mamaram — os da mãe secaram logo depois que as gêmeas nasceram. Kainene costumava dizer que os seios da mãe não tinham secado coisa nenhuma, que a mãe dera as duas para a tia amamentar só para não ficar ela própria com os seios caídos.

"Vem, *ada anyi*", disse tia Ifeka. "Vamos entrar." E puxou-a para o interior das venezianas de madeira que encobriam as mercadorias bem arrumadas do quiosque, caixas de fósforos, gomas de mascar, balas, cigarros, detergentes; depois apanhou a valise de Olanna e foi na frente, atravessando o quintal. A casa, térrea e estreita, não era pintada. As roupas no varal estavam paradas, rígidas, como se dessecadas pelo sol abrasador da tarde. Velhos pneus de carro, aqueles com os quais as crianças brincavam, estavam empilhados debaixo dos galhos da *kuka*. Olanna sabia que aquela tranquila monotonia do quintal em breve se dissolveria, tão logo as crianças voltassem da escola. As famílias deixariam as portas abertas, varanda e cozinha se encheriam de vozes. A família de tio Mbaezi ocupava dois cômodos. No primeiro, onde sofás surrados eram empurrados para o canto, à noite, para abrir espaço às esteiras, Olanna desempacotou as coisas que levara para eles — pão, sapatos, frascos de creme —, enquanto tia Ifeka olhava para

ela, com as mãos nas costas. "Que alguém possa lhe retribuir. Que alguém possa lhe retribuir." Arize voltou para casa alguns instantes depois e Olanna fez o possível para plantar os pés bem firmes no chão, para não deixar o abraço animado da prima derrubá-la.

"Irmã! Você devia ter avisado que vinha! Ao menos a gente teria varrido melhor o quintal! Ah! Irmã! *Am amak gi!* Você está ótima! E tem histórias pra contar, que bom!"

Arize ria. Seu corpo gorducho, seus braços redondos, sacudiam enquanto ela ria. Olanna lhe deu um abraço apertado. Teve a sensação de que as coisas estavam todas em ordem, da maneira como deviam estar, e mesmo que de vez em quando despencassem, no fim tudo se arranjava de novo. Esse era o motivo de ela ter ido até Kano: essa paz cheia de lucidez. Quando os olhos de tia Ifeka começaram a dardejar pelo quintal, Olanna já sabia que estava procurando uma boa galinha. A tia sempre matava um frango, quando ela chegava, ainda que fosse a última ave ciscando no quintal, as penas marcadas com uma pincelada ou duas de tinta vermelha, para distinguir das galinhas dos vizinhos, que por sua vez tinham pedaços de pano amarrados nas asas, ou tintas de cor diferente. Olanna não reclamava mais da galinha, assim como também não reclamava que os tios dormissem em esteiras, ao lado dos inúmeros parentes que sempre pareciam estar por lá, deixando para ela a cama do casal.

Tia Ifeka caminhou como quem não quer nada até uma galinha marrom, agarrou-a rapidamente e entregou-a a Arize, para que fosse matar no quintal. Sentaram-se na porta da cozinha, enquanto Arize depenava a galinha e tia Ifeka soprava a palha do arroz. Havia um vizinho cozinhando milho e, vez por outra, quando a água borbulhava demais, o fogo assobiava. Crianças brincavam no quintal, erguendo poeira branca e gritando. Surgiu uma briga debaixo da *kuka* e Olanna ouviu a voz de uma criança gritar com a outra, em ibo: "A xota da sua mãe!".

O sol tinha avermelhado no céu e começava a baixar quando tio Mbaezi chegou. Ele gritou para que Olanna fosse cumprimentar seu amigo Abdulmalik. Olanna já tinha visto esse hauçá uma vez; ele vendia sandálias no mercado, na barraca pegada à de seu tio, e ela comprara alguns pares para levar para a Inglaterra, mas no fim nem tinha usado porque era pleno inverno, lá.

"Nossa Olanna acabou de se formar. De se formar na Universidade de Londres! Isso não é para qualquer um!", disse tio Mbaezi, orgulhoso.

"Muito bem", disse Abdulmalik. Abrindo sua sacola, tirou lá de dentro um par de sandálias e entregou-as a Olanna, o rosto estreito pregueado num sorriso, os dentes enodoados de noz-de-cola, tabaco e coisas que Olanna não conhecia, manchados com vários tons de amarelo e marrom. Parecia que era ele que estava recebendo um presente; tinha a mesma fisionomia daqueles que se maravilham com a educação e têm a serena convicção de que ela jamais será sua.

Olanna pegou as sandálias com as duas mãos. "Obrigada, Abdulmalik. Muito obrigada."

Abdulmalik apontou para as gordas vagens maduras da *kuka* e disse: "Vem até minha casa. Minha mulher cozinha sopa muito doce de *kuka*."

"Eu vou sim, mas numa outra vez."

Ele resmungou mais alguns parabéns, antes de sentar na varanda com tio Mbaezi, diante de uma bacia de cana-de-açúcar. Eles mordiam a casca verde e dura e chupavam a polpa branca sumarenta, falando hauçá e rindo. Cuspiam a cana chupada na poeira. Olanna sentou com eles por um tempo, mas falavam um hauçá muito rápido, muito difícil de acompanhar. Ela bem que gostaria de ser fluente em hauçá e ioruba, como o tio, a tia e os primos; trocaria de bom grado seu francês e seu latim por essas línguas.

Na cozinha, Arize cortava a galinha e tia Ifeka lavava o arroz. Olanna mostrou o presente de Abdulmalik e pôs as sandálias no pé; as tiras pregueadas, vermelhas, fizeram seu pé parecer mais esguio, mais feminino.

"Muito bonita", disse tia Ifeka. "Eu vou agradecer a ele."

Olanna sentou-se numa banqueta e, cuidadosamente, evitou olhar os ovos de barata, cápsulas negras e lisas, incrustados em todos os orifícios da mesa. Havia uma vizinha acendendo fogo num canto e, apesar das aberturas chanfradas no teto, a cozinha estava toda enfumaçada.

"*Imakwa*, tudo que a família dela come, todos os dias, é caldo de peixe", disse Arize, franzindo os lábios na direção da vizinha. "Eu acho até que os coitados dos filhos dela nem sabem que gosto tem carne." Arize atirou a cabeça para trás e riu.

Olanna deu uma olhada para a mulher. Ela era ijexá e não compreendia o ibo de Arize. "Talvez ela goste de caldo de peixe."

"*O di egwu*! Que gosta, que nada! Você sabe a ninharia que custa isso?"Arize continuava rindo, quando se virou para a vizinha. "Ibiba, estou dizendo a minha irmã maior que a sua sopa sempre cheira que é uma delícia." A mulher parou de soprar a lenha e sorriu, um sorriso sábio, e Olanna chegou a pensar que ela entendia ibo, mas preferia dar corda para as brincadeiras de Arize. Havia qualquer coisa em Arize que fazia as pessoas perdoarem suas travessuras.

"Quer dizer que está indo para Nsukka para se casar com Odenigbo, irmã?", perguntou Arize.

"Casar, propriamente, não. Eu só quero ficar perto dele, e também quero dar aula."

Os olhos redondos de Arize eram de espanto e de admiração. "Só mulheres que têm todo esse estudo feito você podem dizer uma coisa dessas, irmã. Se as pessoas como eu, que não têm estudo, esperarem muito mais, vamos todos acabar extintos." Arize parou de falar uns instantes, enquanto tirava um ovo translucidamente pálido de dentro da galinha. "Eu quero um marido hoje, amanhã e sempre, e como quero! Minhas colegas todas já me deixaram e foram para a casa dos maridos."

"Você ainda é jovem", disse Olanna. "Devia se concentrar nas suas aulas de costura, por enquanto."

"E é a costura que vai me dar um filho? Mesmo que eu tivesse conseguido passar no exame para poder continuar nos estudos, ainda assim eu ia querer ter um filho agora."

"Para que tanta pressa, Ari?" Olanna gostaria de pôr o banco mais junto da porta, mais perto do ar fresco. Mas não queria que tia Ifeka, ou Arize, ou mesmo a vizinha, soubessem que a fumaça irritava seus olhos e sua garganta, ou que ovos de barata a deixavam nauseada. Ela queria parecer acostumada a isso tudo, a essa vida.

"Eu sei que você vai se casar com Odenigbo, irmã, mas, para ser franca, não sei se eu quero que você se case com um homem de Abba. Os homens de Abba são tão feios, *kai*! Se Mohammed fosse um ibo, claro que você ia se casar com ele. Nunca vi um homem mais bonito."

"Odenigbo não é feio. A beleza vem em formas diversas", disse Olanna. "Isso é o que os parentes do macaco feio, *enwe*, disseram para ele, para fazê-lo se sentir melhor: que a beleza vem em formas diversas."

"Os homens de Abba não são feios", interveio a tia. "Meu pessoal vem de lá, afinal de contas."

"E seu pessoal não é meio parecido com o macaco?", perguntou Arize. "Seu nome todo é Arizendikwunnem, não é? Você vem do pessoal da sua mãe. Então talvez você também se pareça um pouco com o macaco", resmungou tia Ifeka.

Olanna riu. "Agora me diga, Ari, por que você está falando tanto em casamento? Por acaso viu alguém de quem você gostou? Ou será que eu devo procurar um dos irmãos de Mohammed para você?"

"Não, *não*!" Arize abanou a mão no ar, num falso horror. "Papai me mataria antes, se soubesse que eu cheguei a olhar para um hauçá."

"Só se o seu pai matar um cadáver, porque eu acabo com você antes dele", disse tia Ifeka, levantando-se com uma tigela de arroz limpo.

"Tem alguém, sim, irmã." Arize aproximou-se de Olanna. "Só que eu não sei muito bem se ele está me notando ou não."

"Por que você está cochichando?", perguntou tia Ifeka.

"E eu estou falando com a senhora? Não é com a minha irmã maior que eu estou conversando?", perguntou Arize para a mãe. Mas ergueu a voz, ao continuar a conversa. "O nome dele é Nnakwanze, e ele é daqui de perto, de Ogidi. Trabalha na ferrovia. Mas nunca me disse nada. Não sei se ele está prestando atenção em mim o bastante."

"Se ele não está prestando atenção em você o bastante é porque tem algo de errado com a vista dele", disse tia Ifeka.

"Alguém já viu uma mulher como esta? Por que eu não posso conversar em paz com a minha irmã maior?" Arize girou os olhos, mas era óbvio que estava satisfeita e que, muito provavelmente, usara essa oportunidade para contar à mãe sobre Nnakwanze.

Nessa noite, deitada na cama dos tios, Olanna viu Arize através da cortina fina, pendurada numa corda presa a pregos na parede. A corda não estava bem puxada e a cortina afundava no meio. Seguiu os movimentos da respiração da prima e perguntou-se como teria sido, para Arize e seus irmãos, Odinchezo e Ekene, ser criada assim, vendo os pais pela cortina, ouvindo sons que, para uma criança, podiam sugerir uma dor estranha, com os quadris do pai se movimentando e os braços da mãe agarrados a ele. Ela nunca ouvira os pais fazendo amor, nem nunca tinha visto o menor indício disso. Crescera separada por corredores que iam ficando mais compridos e mais

espessamente acarpetados a cada mudança. Quando se mudaram para a casa atual, com seus dez quartos, os pais optaram por quartos separados pela primeira vez. "Eu preciso do armário inteiro e vai ser bom receber a visita do seu pai!", tinha dito a mãe. Porém aquela risada juvenil não soara real aos ouvidos de Olanna. A artificialidade do relacionamento dos pais sempre lhe parecia mais dura, mais vergonhosa, quando estava em Kano.

A janela acima dela estava aberta, o ar parado e denso com os cheiros do esgoto atrás da casa, onde as pessoas esvaziavam suas comadres. Logo mais, escutou o zunzum abafado dos limpadores noturnos da cloaca, que recolhiam os dejetos; adormeceu escutando as pás raspando no chão, enquanto os homens trabalhavam protegidos pela escuridão.

Os mendigos parados nos portões da casa da família de Mohammed não se mexeram quando viram Olanna. Permaneceram sentados no chão, encostados nos muros de barro que cercavam a casa. As moscas pousavam sobre eles aos montes e, por um momento, os puídos caftãs brancos pareciam ter sido salpicados de tinta escura. Olanna queria lhes dar um dinheiro, mas concluiu que era melhor não. Se fosse homem, eles a teriam chamado, esticado os pratinhos de esmolas, e as moscas sairiam voando deles em grandes nuvens.

Um dos guardas a reconheceu e abriu os portões. "Bem-vinda, madame."

"Obrigada, Sule. Como está você?"

"A senhora lembra o meu nome, madame!" Ele sorriu. "Obrigado, madame. Estou muito bem, madame."

"E a sua família?"

"Todos bem, madame, por vontade de Alá."

"Seu patrão já voltou dos Estados Unidos?"

"Voltou, madame. Por favor, entre. Eu vou mandar alguém chamar o Patrão."

O carro esporte vermelho de Mohammed estava estacionado em frente ao amplo pátio de areia, mas o que chamou a atenção de Olanna foi a casa — a graciosa simplicidade de seu teto achatado. Sentou-se na varanda.

"A melhor das surpresas!"

Ela ergueu os olhos e lá estava Mohammed, num caftã branco, sorrindo para ela. Seus lábios tinham uma curva sensual, lábios que ela beijara tan-

tas vezes, quando passava a maior parte dos fins de semana em Kano, comendo arroz com os dedos, na casa dele, vendo Mohammed jogar pólo no Flying Club, lendo a péssima poesia que ele dedicava a ela.

"Você está com um ótimo aspecto", disse ela, enquanto se abraçavam. "Eu não sabia direito se você já tinha voltado dos Estados Unidos."

"Eu tinha planos de ir até Lagos para visitá-la." Mohammed recuou para vê-la melhor. Havia um viés na posição da cabeça, um estreitamento dos olhos que significavam que ele ainda nutria esperanças.

"Eu vou me mudar para Nsukka", disse ela.

"Quer dizer então que vai se tornar uma intelectual e casar-se com o catedrático?"

"Ninguém falou nada a respeito de casamento. E como vai a Janet? Ou será que é Jane? Eu misturo as suas mulheres americanas."

Mohammed ergueu uma sobrancelha. Ela não pôde evitar admirar sua pele cor de caramelo. Costumava provocá-lo, dizendo que ele era mais lindo que ela.

"O que você fez no cabelo?", perguntou Mohammed. "Não fica bem em você. É assim que seu professor quer você, igualzinha a uma camponesa?" Olanna tocou nos cabelos recém-trançados com um fio negro. "Foi minha tia que fez. Eu gostei."

"Pois eu não. Prefiro as suas perucas." Mohammed se aproximou e abraçou-a de novo. Quando sentiu os braços dele se retesando em volta de seu corpo, afastou-o.

"Você não quer me deixar dar um beijo em você."

"Não", disse ela, ainda que ele não tivesse feito uma pergunta. "Você não quer me contar sobre a sua Janet-Jane."

"Jane. Quer dizer que isso significa que não vou mais vê-la depois que se mudar para Nsukka?"

"Claro que vamos nos ver."

"Eu já sei que aquele seu professor é doido, de modo que para Nsukka eu não vou." Mohammed riu. Seu corpo alto e magro, e seus dedos afilados, falavam de fragilidade, de suavidade. "Quer um refrigerante? Ou vinho?"

"Você tem álcool nesta casa? Alguém deveria informar o seu tio", brincou Olanna.

Mohammed tocou uma sineta e pediu ao criado que trouxesse bebidas. Depois, sentou-se esfregando pensativamente o polegar e o indicador. "As

vezes, sinto que minha vida não está indo a parte alguma. Eu viajo, dirijo carros importados e as mulheres me seguem. Mas tem alguma coisa fora do lugar, alguma coisa faltando. Sabe o que quero dizer?" Olanna o observava; sabia onde iria parar o papo. No entanto, quando ele disse: "Eu gostaria que nada tivesse mudado", ela se sentiu comovida e elogiada.

"Você acaba achando uma boa mulher", disse, sem muita convicção. "Besteira", disse ele, e, enquanto tomavam goles de Coca, sentados lado a lado, ela se lembrou da inacreditável dor no rosto de Mohammed, que só fizera aprofundar-se quando disse que teria que terminar tudo imediatamente para não ser infiel. Olanna esperava resistência, sabia o quanto era amada, mas chocou-se quando ele lhe disse para ir em frente, para dormir com Odenigbo, contanto que não o deixasse — o mesmo Mohammed que tantas vezes brincava que tinha vindo de uma linhagem de santos guerreiros, os próprios avatares da pia masculinidade. Talvez por isso, seu afeto por ele sempre se veria mesclado de gratidão, uma gratidão egoísta. Ele poderia ter dificultado bem mais o rompimento; poderia tê-la deixado com muito mais culpa.

Ela pôs o copo na mesa. "Vamos dar uma volta. Eu detesto quando venho visitar Kano e só vejo o horrível cimento com zinco de Sabon Gari. Quero ver aquela antiga estátua de barro e dar uma volta pelas belas muralhas da cidade."

"Às vezes você é igualzinha aos brancos, do jeito como ficam boquiabertos com coisas de todo dia."

"Sou?"

"É brincadeira. Como é que você vai aprender a não levar tudo tão a sério morando com aquele professor maluco?" Mohammed levantou-se. "Vamos, você tem que entrar para cumprimentar minha mãe."

Ao atravessarem o pequeno portão nos fundos e cruzarem o pátio que levava aos aposentos da mãe de Mohammed, Olanna lembrou-se da trepidação que costumava sentir quando ia até lá. A área das visitas continuava a mesma, com paredes coloridas com ouro, grossos tapetes persas, desenhos geométricos entalhados no forro. A mãe dele também parecia a mesma, com o anel no nariz e as echarpes de seda em volta da cabeça. Era requintadíssima, de um jeito que fazia Olanna imaginar se, no fim das contas, não seria um desconforto vestir-se tão bem todos os dias e continuar fechada em casa. No entanto, ela não tinha mais a expressão reservada de antes,

não falava mais com tanta formalidade, com os olhos focados em algum ponto entre o rosto de Olanna e o painel esculpido à mão. Levantou-se, foi até Olanna e abraçou-a.

"Você está ótima, minha cara. Não deixe o sol acabar com essa sua pele tão linda."

"*Na gode*. Obrigada, Hajia", disse Olanna, perguntando-se se era possível às pessoas ligar e desligar afeições, atar e desatar emoções.

"Eu não sou mais a ibo com quem você queria se casar e que iria manchar sua linhagem com o sangue dos infiéis", disse Olanna, enquanto entravam no Porsche vermelho de Mohammed. "De modo que agora eu me tornei amiga."

"Eu teria casado com você de qualquer jeito e ela sabia muito bem. As preferências dela não tinham a menor importância."

"Talvez não no começo, mas e depois? Quando já estivéssemos casados há uns dez anos?"

"Seus pais sentiram a mesma coisa." Mohammed virou-se para olhá-la. "Por que está trazendo isso à baila agora?" Havia qualquer coisa de indizivelmente triste em seus olhos. Ou talvez fosse imaginação de Olanna. Talvez quisesse enxergá-lo triste ao pensar que nunca se casariam. Não queria se casar com ele, mas mesmo assim gostava de mencionar coisas que nunca tinham feito e jamais fariam.

"Desculpe", disse ela.

"Não há por que se desculpar." Mohammed estendeu o braço e pegou sua mão. O carro fez um ruído rascante ao passar pelos portões. "Tem muita poeira no escapamento. Esses carros não foram feitos para rodar por aqui."

"Você devia comprar um Peugeot bem resistente."

"Pois é, devia."

Olanna olhou os mendigos, amontoados em volta dos muros do palácio, com os corpos e os pires de esmola cobertos de moscas. O ar exalava o cheiro das folhas acre-apimentadas do azedaraque.

"Eu não sou como os brancos", disse ela, baixinho.

Mohammed olhou para Olanna. "Claro que não. Você é nacionalista e patriota, e logo vai estar casada com seu *freedom fighter*."

Olanna perguntou-se se aquela leveza de Mohammed ocultava uma ironia mais pesada. Sua mão continuava presa na dele e ela também sentia

curiosidade de saber se ele estava tendo dificuldade em dirigir com uma só.

Num sábado de vento, Olanna mudou-se para Nsukka e, no dia seguinte, Odenigbo partiu para um congresso de matemática na Universidade de Ibadã. Ele não teria ido se o congresso não tivesse como foco o trabalho de seu mentor, o matemático negro norte-americano David Blackwell.

"Ele é o maior matemático vivo do mundo. Por que você não vem comigo, *nkem*? É só por uma semana."

Olanna disse não; queria ter a chance de se acomodar, enquanto ele não estivesse por perto, de fazer as pazes com seus medos, na sua ausência. A primeira coisa que fez, depois que ele viajou, foi jogar fora as flores de plástico brancas e vermelhas que ficavam na mesa de centro.

Ugwu ficou horrorizado. "Mas, *mah*, elas ainda estavam boas."

Ela o levou até os lírios africanos e as rosas nos canteiros regados havia pouco por Jomo, e pediu-lhe que cortasse algumas flores. Mostrou quanta água pôr num vaso. Ugwu olhava as flores e sacudia a cabeça, como se não pudesse acreditar na tolice cometida. "Mas elas vão morrer, *mah*. As outras não morriam."

"Pois é, mas estas são melhores, *fa makali*", disse Olanna.

"Melhores como, *mah*?" Ele sempre respondia em inglês ao ibo que ela usava, como se achasse o ibo que ela usava com ele uma ofensa da qual tinha de se defender insistentemente, falando inglês.

"Elas são mais bonitas", disse Olanna, percebendo que não sabia explicar por que flores frescas eram melhores que as de plástico. Mais tarde, quando viu as flores de plástico num armário da cozinha, não ficou surpresa. Ugwu tinha salvado as flores, da mesma forma como salvava embalagens velhas de açúcar, rolhas, até mesmo casca de cará. Isso se ligava ao fato de nunca ter tido o suficiente, ela sabia disso, da incapacidade de jogar qualquer coisa fora, até mesmo as inúteis. Assim, quando estava na cozinha com ele, falava sobre a necessidade de guardar apenas o que fosse útil, e torcia para que ele não lhe perguntasse em que sentido as flores frescas eram úteis. Pediu a ele que limpasse a despensa e forrasse as prateleiras com jornal velho, e, enquanto ele trabalhava, ficou por perto, perguntando coisas sobre sua família. Era difícil imaginá-los porque, com seu vocabulá-

rio limitado, Ugwu descrevia todo mundo como "*very good*". Foram juntos ao mercado e, depois de terem adquirido os itens domésticos, ela comprou um pente e uma camisa para ele. Ensinou-o a fazer arroz frito com pimentão verde e cenoura em cubinhos, pediu para ele não cozinhar o feijão até virar um pudim, para não usar muito óleo, para não economizar demais no sal. Embora tivesse notado o fedor de suor quando o conheceu, Olanna esperou alguns dias até lhe dar um talco aromático para passar nas axilas e pediu para ele usar duas tampas de Dettol na água do banho. Ele pareceu satisfeito quando cheirou o pó e ela se perguntou se ele acabaria percebendo que era um cheiro feminino. Também teve curiosidade de saber o que ele pensava de fato a seu respeito. Havia um óbvio afeto, mas também uma interrogação silenciosa em seu olhar, como se a estivesse medindo em relação a alguma coisa. E ela receava sair perdendo.

Ugwu só começou a falar ibo com ela no dia em que estavam rearrumando as fotos na parede. Uma lagartixa saiu esbaforida de trás da moldura de madeira de uma foto de Odenigbo, vestido com a beca de formatura, e Ugwu gritou: "*Egbukwala*! Não a mate!".

"O que você disse?" Ela se virou para olhá-lo da cadeira onde estava empoleirada.

"Se matar a lagartixa, vai ficar com dor de barriga", disse ele. Ela achou seu dialeto opi engraçado, o jeito como ele parecia cuspir fora as palavras.

"Claro que não vou matar ninguém. Agora vamos pôr a foto na parede."

"Pois não, *mah*", disse ele, e começou então a contar a Olanna, em ibo, sobre o dia em que a irmã Anulika tivera uma baita dor de barriga depois de matar uma lagartixa.

Olanna já se sentia menos visita, na casa, quando Odenigbo voltou; ele a puxou com força, beijou-a, apertou-a.

"Você devia comer antes", disse ela.

"Eu sei o que eu quero comer."

Ela riu. Sentia-se ridiculamente feliz.

"O que houve por aqui?", perguntou Odenigbo, olhando em volta da sala. "Todos os livros estão nas estantes?"

"Seus livros mais antigos estão no outro quarto. Eu preciso de espaço."

"*Ezi okwu*? Você se mudou de fato para cá, não é?", Odenigbo ria.

"Vá tomar um banho", disse ela.

"E que cheiro de flor era aquele no pobre do meu bom homem?"

"Eu dei um talco perfumado para ele. Você não reparou no fedor?"

"Esse é o cheiro de quem mora em aldeia. Eu costumava ter esse mesmo cheiro, até sair de Abba para cursar o ensino médio. Mas essas são coisas que você não sabe." Seu tom era de sutil provocação. Mas as mãos não eram assim tão sutis. Estavam desabotoando a blusa, liberando seu seio do sutiã. Olanna não sabia ao certo quanto tempo se passara, mas estava enroscada na cama com Odenigbo, quente e nua, quando Ugwu bateu para dizer que eles tinham visita.

"Eles não poderiam ir embora?", murmurou ela.

"Venha, *nkem*", disse Odenigbo. "Mal posso esperar para eles conhecerem você."

"Vamos ficar aqui só um pouquinho mais." Ela passou a mão nos pêlos encaracolados de seu peito, mas Odenigbo lhe deu um beijo e levantou da cama para procurar a cueca.

Olanna vestiu-se com relutância e saiu rumo à sala.

"Meus amigos, meus amigos", anunciou Odenigbo, com um floreio exagerado, "finalmente, aqui está Olanna."

A mulher que estava ligando o toca-discos virou-se e pegou a mão de Olanna. "Como vai você?", perguntou. Sua cabeça estava envolta num colorido turbante laranja.

"Estou bem", disse Olanna. "Você deve ser Lara Adebayo."

"Isso mesmo", disse a srta. Adebayo. "Ele não contou que você era irracionalmente bonita."

Olanna recuou, confusa por alguns instantes. "Vou tomar seu comentário como um elogio."

"E que sotaque inglês mais correto", sussurrou a srta. Adebayo, dando um sorriso de pena antes de se virar de volta para o toca-discos. Tinha um corpo compacto, as costas retas, que pareciam ainda mais retas dentro do vestido reto cor-de-laranja; era o corpo de uma interrogadora que ninguém ousava interrogar de volta.

"Eu sou Okeoma", disse um homem com uma vasta cabeleira desgrenhada. "Eu achava que a namorada do Odenigbo fosse um ser humano; ele nunca disse que você era uma sereia."

Olanna riu, agradecida pelo calor das palavras de Okeoma, e pela forma como ele segurou sua mão por mais tempo do que deveria. O dr. Patel olhou-a com timidez e disse: "Muito bom poder conhecê-la finalmente", e o professor Ezeka cumprimentou-a com um aperto de mão, depois meneou desdenhoso a cabeça, quando ela disse que seu diploma era de sociologia e não de uma das ciências exatas.

Depois que Ugwu serviu as bebidas, Olanna viu Odenigbo erguer o copo até os lábios e tudo em que conseguiu pensar foi que aqueles lábios, minutos antes, estavam colados no bico de seu seio. Sem que ninguém notasse, mexeu-se para que a parte de dentro do braço roçasse o seio, e fechou os olhos ao sentir as pontadas da dor deliciosa. Às vezes, Odenigbo mordia forte demais. Ela queria que as visitas se fossem.

"E por acaso aquele grande pensador que foi Hegel não chamou a África de terra da infância?", perguntou o professor Ezeka, num tom afetado.

"Então talvez aquela gente que põe cartazes nos cinemas de Mombaça dizendo CRIANÇAS E AFRICANOS NÃO ENTRAM tenha lido Hegel", disse o dr. Patel, dando uma risadinha.

"Ninguém pode levar Hegel a sério. Você já leu com atenção o que ele escreve? Ele é muito, muito engraçado. Porém Hume, Voltaire e Locke sentiam o mesmo em relação à África", disse Odenigbo. "A grandeza depende de onde você vem. Me faz pensar na resposta dos israelenses a quem perguntaram o que tinham achado do julgamento recente de Eichmann, e um deles disse que não entendia como alguém podia ter visto grandeza nos nazistas, em qualquer época, agora ou antes. Mas eles viram, não foi? E ainda vêem!" Odenigbo fez um gesto com a mão, a palma para cima, e Olanna se lembrou daquela mão agarrando sua cintura.

"O que as pessoas não vêem é o seguinte: se a Europa tivesse cuidado mais da África, o Holocausto dos judeus não teria ocorrido", disse Odenigbo. "Em suma, a Guerra não teria acontecido."

"O que quer dizer com isso?", perguntou a srta. Adebayo. E ergueu o copo até os lábios.

"Como pode me perguntar o que eu quero dizer com isso? É evidente, começando pelos hererós." Odenigbo se mexia na poltrona, a voz alterada, e Olanna sentiu curiosidade de saber se ele lembrava de como tinham sido escandalosos, os dois, e do que ele dissera, depois, rindo: "Se a gente continuar assim, à noite, é bem provável que o pobre do Ugwu acorde".

"Lá vem você de novo, Odenigbo", disse a srta. Adebayo. "Está dizendo que, se os brancos não tivessem dizimado os hererós, o Holocausto judeu não teria acontecido? Eu não vejo ligação nenhuma entre os dois!"

"Você não vê?", perguntou Odenigbo. "Pois eles começaram os estudos sobre raças com os hererós e terminaram com os judeus. Claro que há uma ligação!"

"Seu argumento não é lógico, seu sofista", disse a srta. Adebayo, e, como se para encerrar a conversa, tomou o que havia no copo de um gole só.

"No entanto a Guerra foi uma coisa ruim que também foi boa, como diz o povo", interveio Okeoma. "O irmão do meu pai lutou na Birmânia e voltou com uma pergunta muito controvertida: por que ninguém nunca disse que o branco não é imortal?"

Todos riram. Havia algo de habitual, ali, como se já tivessem tido versões diferentes dessa mesma conversa tantas vezes que até sabiam quando rir. Olanna riu também e sentiu, por alguns momentos, que sua risada soava diferente, mais estridente que a deles.

Nas semanas seguintes, depois que começou a dar aulas em um curso de introdução à sociologia, depois de ter se filiado ao clube dos professores e jogado algumas partidas de tênis, depois de ter levado Ugwu ao mercado, dado caminhadas com Odenigbo e se unido à Irmandade de São Vicente de Paula, na igreja de São Pedro, Olanna começou lentamente a se acostumar com os amigos de Odenigbo. Ele a amolava, dizendo que estavam recebendo mais visitas que antes, agora que ela estava ali, que tanto Okeoma quanto Patel estavam se apaixonando por ela, porque Okeoma vivia querendo recitar poemas nos quais as deusas eram indiscutivelmente caracterizadas como ela, e o dr. Patel contava histórias demais sobre seus tempos em Makerere, onde sempre desempenhava o papel do perfeito intelectual cavalheiresco.

Olanna gostava do dr. Patel, mas eram de Okeoma as visitas que mais apreciava. Os cabelos desgrenhados, as roupas amarfanhadas e sua poesia dramática a deixavam à vontade. E reparou, logo de início, que eram as opiniões dele as que Odenigbo mais respeitava, quando dizia "A voz de nossa geração!", como se acreditasse nisso de fato. Ela ainda não tinha muita certeza de como interpretar a rouca arrogância do professor Ezeka,

sua certeza de que sabia mais que todo mundo, embora preferisse dizer pouco. Também não sabia bem o que pensar de Lara Adebayo. Teria sido mais fácil se ela mostrasse algum ciúme, mas era como se não considerasse Olanna uma rival à altura, com seu jeito pouco intelectualizado, seu rostinho bonito demais e aquele sotaque inglês, imitação do opressor. Olanna percebeu então que falava mais quando Lara Adebayo estava presente, que dava opiniões a torto e a direito, querendo impressionar — Nkrumah de fato queria governar a África inteira, era arrogância dos Estados Unidos insistir para que os soviéticos tirassem seus mísseis de Cuba, se os deles continuavam na Turquia, Sharpeville era apenas mais um exemplo dramático das centenas de negros mortos todos os dias pelo governo da África do Sul — porém tinha a sensação de que havia uma certa falta de originalidade em suas idéias. E desconfiava que Lara Adebayo sabia disso; era sempre quando Olanna estava falando que apanhava um jornal, ou se servia de mais bebida, ou ia ao banheiro. Por fim, Olanna desistiu. Jamais gostaria da srta. Adebayo e a srta. Adebayo jamais imaginaria a possibilidade de gostar dela. Talvez soubesse, só de olhar, que Olanna sentia medo, que estava insegura, que não era uma pessoa com paciência para lidar com as próprias dúvidas. Ela não era como Odenigbo. Ou como a própria Lara Adebayo, que podia olhar alguém bem nos olhos e dizer, com a maior calma do mundo, você é irracionalmente bonita, que podia usar uma expressão como esta: *irracionalmente bonita*.

Ainda assim, deitada na cama ao lado de Odenigbo, as pernas entrelaçadas nas dele, muitas vezes pensava que sua vida em Nsukka estava envolta num acolchoado de penas macias, mesmo nos dias em que ele se trancava durante horas no escritório. Sempre que ele sugeria que se casassem, ela dizia não. Estavam felizes demais, ainda que imprecisamente, e ela queria conservar esse elo; temia que o casamento achatasse tudo numa parceria prosaica.

3.

Richard falava muito pouco nas festas a que ia com Susan. Era sempre apresentado como escritor e queria que todos pensassem que seus modos reservados eram idênticos aos de qualquer outro na mesma profissão, embora receasse ser descoberto pelo que de fato era: um peixe fora d'água. Ainda assim, eram todos muito agradáveis — como não poderia deixar de ser com qualquer um que estivesse fazendo companhia a Susan, desde que ela continuasse a entretê-los com seu humor, suas risadas e seus faiscantes olhos verdes num rosto corado por várias taças de vinho.

Ele não se importava de ficar num canto, esperando até Susan resolver ir embora, não se importava que os amigos dela não fizessem o menor esforço para introduzi-lo na roda, não se importava nem mesmo quando uma mulher bêbada de rosto pálido se referia a ele como o *bonitão* da Susan. Porém não gostava das festas de expatriados, nem da insistência de Susan para que "ficasse com os homens" enquanto ela se reunia com as mulheres e trocava impressões sobre a vida na Nigéria. Sentia-se incomodado no meio daqueles homens. Eram quase todos ingleses, ex-administradores da ex-colônia, empresários da John Holt, Kingsway, GB Ollivant, Shell-BP e United Africa Company. Uma gente vermelha de álcool e de sol. Soltavam risadas e comentavam que a política nigeriana ainda era muito tribal, que talvez eles ainda não estivessem prontos para se autogovernar. Discutiam críquete, fazendas que tinham ou planejavam ter, o tempo ideal em Jos, oportunidades de negócio em Kaduna. Quando Richard mencionava seu interesse pela arte de Igbo-Ukwu, diziam que ainda não havia mercado para ela, de modo que ele não se dava mais ao trabalho de explicar que não era dinheiro que o interessava, e sim a questão estética. E quando dizia que tinha acabado de chegar a Lagos e queria escrever um livro sobre a Ni-

géria, recebia sempre um sorriso breve e um conselho: o povo é todo de pedintes, esteja preparado para muito cecê e para o jeito como eles param e ficam encarando você na rua, nunca acredite nas histórias de azar e nunca mostre fraqueza para um empregado doméstico. Havia piadas para ilustrar cada traço dos africanos. A do africano presunçoso era uma das que Richard lembrava: um africano passeava com seu cachorro e um inglês perguntou: "O que você está fazendo com esse macaco?". E o africano respondeu: "Isto não é um macaco, é um cachorro" — como se o inglês estivesse falando com ele!

Richard ria das piadas. Tentava, também, não se perder nos próprios pensamentos durante as conversas, não mostrar como se sentia constrangido. Preferia conversar com as mulheres, embora tivesse aprendido a não ficar muito tempo com nenhuma delas, caso contrário Susan acabava atirando um copo na parede ao chegar em casa. Na primeira vez, ele ficou atônito. Tinha passado alguns momentos conversando com Clovis Bancroft sobre a vida do irmão dela como comissário distrital em Enugu, anos antes, e, na volta para casa, no carro com motorista particular, ela não tinha dito uma palavra. Richard achou que talvez estivesse cochilando; só podia ser esse o motivo de não falar sobre o vestido horrendo de fulana ou dos *hors-d'oeuvres* sem criatividade servidos pelos anfitriões. Porém, quando chegaram em casa, Susan apanhou um cristal do armário e atirou na parede. "Aquela mulherzinha horrenda, Richard, e bem na minha cara, ainda por cima. Que horror!" Depois, sentou-se no sofá e enterrou o rosto nas mãos, até ele pedir um milhão de desculpas, embora não soubesse exatamente pelo que estava se desculpando.

Outra taça foi se espatifar na parede algumas semanas depois. Ele conversava com Julia March a respeito de uma pesquisa que ela fizera sobre o *Asantehene* de Gana, e ouvia fascinado o que ela descobrira, até que Susan apareceu e puxou-o pelo braço. Mais tarde, depois de o vidro ser estilhaçado em mil cacos, Susan disse que sabia que a intenção dele não era flertar, mas que ele precisava entender que as pessoas eram horrendamente presunçosas, e a fofoca, feroz, nada menos que feroz. Ele pedira desculpas de novo e se perguntara o que pensavam os criados que limpavam aqueles cacos todos.

Depois houve o jantar em que falou sobre arte Nok com uma professora universitária, uma tímida ioruba que parecia estar tão deslocada quanto

ele. Como esperasse uma reação de Susan, preparou-se para pedir desculpas antes mesmo que ela pisasse na sala, poupando assim uma taça. Mas Susan estava toda faladeira, na volta; perguntou se a conversa com a mulher havia sido interessante e disse que esperava que ele tivesse aprendido alguma coisa útil para usar no livro. Ele a encarou na obscuridade do interior do carro. Ela não teria dito a mesma coisa se a conversa fosse com uma britânica, mesmo que algumas tivessem ajudado a redigir a constituição nigeriana. Era apenas, como ele percebeu, uma questão de as negras não representarem ameaça nenhuma para Susan; elas não eram rivais.

Tia Elizabeth havia dito que Susan era animada e charmosa, se bem que um pouco mais velha que ele, que ela morava fazia um tempo na Nigéria e que poderia lhe mostrar algumas coisas. Richard não queria ninguém lhe mostrando nada; tinha se virado muito bem sozinho, em viagens anteriores ao exterior. Mas tia Elizabeth insistiu. A *África* não é como a Argentina, ou a Índia. Ela dizia *África* com o tom de alguém que reprime um estremecimento, ou talvez não quisesse que ele se fosse, talvez torcesse para ele continuar em Londres, escrevendo para o *News Chronicle*. Ele ainda achava que ninguém lia sua minúscula coluna, embora tia Elizabeth dissesse que todos os amigos dela liam. O que era de se esperar: tratava-se afinal de contas de uma sinecura, aquele cargo; jamais teria sido contratado se o editor não fosse um velho amigo dela.

Richard não tentou explicar para tia Elizabeth a vontade que tinha de ver a Nigéria, mas aceitou a oferta de Susan para lhe mostrar algumas coisas. Ao chegar a Lagos, a primeira coisa em que reparou foi no brilho de Susan, no belo rostinho de classe alta, no jeito como ela se concentrou toda nele, tocando em seu braço quando ria. Susan falava com autoridade sobre a Nigéria e os nigerianos. Quando passavam pelos mercados barulhentos, com música High Life jorrando das lojas, pelas barracas dos ambulantes montadas ao acaso, pelas sarjetas cheias de água parada, ela dizia: "Na verdade, eles têm um vigor extraordinário, mas muito pouco senso de higiene, infelizmente". Ela lhe contou que os hauçás do Norte eram um povo digno, que os ibos eram enfezados e adoravam dinheiro, e que os iorubas eram muito alegres, ainda que fossem uns belos de uns parasitas. Nas noites de sábado, quando apontava para os grupos de pessoas vestidas com cores brilhantes, dançando em frente a toldos iluminados, dizia: "Olha só. Os iorubas se endividam até o pescoço para dar essas festas".

Ela o ajudou a encontrar um apartamento pequeno, comprar um carro pequeno, obter a carteira de motorista, ir aos museus de Lagos e Ibadã. "Você precisa conhecer todos os meus amigos", dizia. De início, quando Susan o apresentava como escritor, Richard tinha vontade de corrigi-la: jornalista, não escritor. Só que ele *era* um escritor, ao menos tinha certeza de que queria ser escritor, um artista, um criador. O jornalismo era temporário, algo que continuaria fazendo até escrever seu brilhante romance.

De modo que se deixou apresentar como escritor. Ao menos isso parecia fazer com que os amigos dela o tolerassem. O professor Nicholas Green, por exemplo, sugeriu que ele se candidatasse a uma bolsa estrangeira para fazer pesquisas em Nsukka, onde poderia escrever num ambiente universitário. E foi justamente o que Richard fez, não só pela perspectiva de escrever numa universidade como porque ficaria no Sudeste, na terra onde surgira a arte de Igbo-Ukwu, a terra do esplêndido vaso de cordas. Era por isso que tinha ido à Nigéria.

Estava em Lagos havia alguns meses quando Susan lhe perguntou se não gostaria de ir morar com ela, uma vez que a casa em Ikoyi era grande, os jardins, adoráveis, e ela achava que ele trabalharia muito melhor ali do que em seu apartamento alugado, com chão de cimento desigual e um senhorio sempre a reclamar que ele deixava as luzes acesas muito tempo. Richard não queria dizer sim. Não queria ficar muito tempo em Lagos. Queria viajar pelo país enquanto esperava a resposta de Nsukka. Porém Susan já tinha mandado pintar o arejado escritório e ele aceitou se mudar. Dia após dia, sentava na cadeira de couro de Susan, lia livros e trechos de material de pesquisa, olhava os jardineiros regando a grama e batucava na máquina, ainda que ciente de estar datilografando e não escrevendo. Susan cuidava para lhe dar o silêncio necessário, exceto quando punha a cabeça no vão da porta e cochichava: "Quer um chá?", ou "Aceita um copo de água?", ou "Vamos almoçar mais cedo?". Ele respondia também num sussurro, como se o fato de escrever tivesse se tornado algo sagrado, transformando também o aposento em sacrossanto. Ele não lhe contou que não havia escrito nada que prestasse até o momento, que as idéias em sua cabeça ainda não tinham conseguido unir personagem, cenário e tema. Imaginava que ela fosse ficar magoada; o trabalho de Richard tornara-se seu melhor passatempo, e ela chegava em casa todos os dias com livros e periódicos da Biblioteca do British Council. Susan via o livro como uma entidade

já em existência, que poderia, portanto, ser terminado. Richard, no entanto, não tinha certeza nem de qual seria o assunto. Mas agradecia a fé que ela depositava nele. Era como se o fato de ela acreditar tornasse o livro uma realidade, e ele mostrava a gratidão que sentia indo a festas das quais não gostava. Depois de algumas, percebeu que comparecer não era suficiente; tentaria ser engraçado. Se conseguisse dizer uma coisa cômica no momento das apresentações, talvez isso compensasse seus silêncios e, mais importante ainda, deixaria Susan satisfeita. Praticou uma frase cômica e autodepreciativa na frente do espelho do banheiro por algum tempo. Quando Susan dissesse: "Este é Richard Churchill", ele cumprimentaria a pessoa, acrescentando, rápido: "Nenhum parentesco com Sir Winston, infelizmente, caso contrário eu seria um pouco mais inteligente".

Os amigos de Susan riam da tirada, embora ele não soubesse direito se era por dó da tentativa desastrada de fazer graça ou porque tinham achado divertido. Mas ninguém nunca tinha dito a ele: "Que engraçado", em tom de zombaria, como Kainene fez naquele primeiro dia, nos salões do hotel Federal Palace. Ela fumava. Sabia soltar anéis perfeitos de fumaça. Estava no mesmo círculo que ele e Susan, e, quando Richard olhou para ela, pensou que fosse a amante de um dos políticos. Ele fazia isso com as pessoas que conhecia, tentava adivinhar o motivo de estarem na festa, queria saber quem fora levado por quem. Talvez porque, se não fosse por Susan, não estaria em nenhuma daquelas recepções. Richard não sabia que Kainene era filha de um rico nigeriano — não tinha nada do recato estudado das outras. Parecia mais uma amante: o batom descaradamente vermelho, o vestido justo, o fato de fumar. Por outro lado, não sorria o sorriso plástico das amantes. Não tinha nem mesmo a beleza genérica que o levava a acreditar por alto nos boatos de que os políticos nigerianos permutavam suas amantes. Na verdade, ela não era nem um pouco bonita. Mas Richard só foi notar isso quando olhou de novo para ela, na hora em que um amigo de Susan fez as apresentações. "Esta é Kainene Ozobia, a filha do chefe Ozobia. Kainene acabou de se formar em Londres. Kainene, esta é Susan Grenville-Pitts, do British Council, e este é Richard Churchill."

"Como está?", disse Susan a Kainene, virando-se em seguida para falar com outro convidado.

"Olá", disse Richard. Kainene ficou calada por um tempo excessivo, com o cigarro entre os lábios, olhando-o bem de frente, até que ele passou a

mão pelo cabelo e resmungou: "Nenhum parentesco com Sir Winston, infelizmente, caso contrário eu seria mais inteligente".

Ela exalou a fumaça, antes de dizer: "Que engraçado". Era muito magra e muito alta, quase tão alta quanto ele, e olhava direto em seus olhos, com uma expressão rígida que não revelava nada. Tinha a pele da cor de chocolate belga. Ele abriu um pouco as pernas e pressionou os pés com firmeza no chão, porque receou que, se não fizesse isso, acabaria tombando e colidindo com ela.

Susan voltou e puxou-lhe o braço, mas ele não queria ir e, quando abriu a boca, não tinha certeza do que dizer. "Acontece que Kainene e eu temos um amigo comum, em Londres. Eu já lhe contei sobre Wilfred do *Spectator*?"

"Ah", disse Susan, sorrindo. "Que ótimo. Então vou deixar vocês dois pondo a conversa em dia. Volto daqui a pouco."

Trocou beijos com um casal de idade, antes de ir até um grupo na outra ponta da sala.

"Você acabou de mentir para a sua mulher", disse Kainene.

"Ela não é minha mulher." Estava espantado de ver como se sentia zonzo, ali ao lado dela. Ela levou a taça até a boca e tomou um gole. Inalou e soltou a fumaça. Cinzas prateadas rodopiaram até o chão. Tudo parecia em câmara lenta: o salão de baile do hotel aumentou, murchou, e o ar foi sugado para dentro e para fora de um espaço que parecia ser, por alguns momentos, ocupado só por ele e Kainene.

"Quer sair da frente, por favor?", pediu ela.

Ele se assustou. "Como?"

"Tem um fotógrafo bem atrás de você que está louco para tirar uma foto minha, sobretudo do meu colar."

Ele se afastou e ficou olhando enquanto ela encarava a máquina. Não posou, mas parecia se sentir à vontade; estava acostumada a ser fotografada em festas.

"O colar vai figurar na edição de amanhã do *Lagos Life*. Imagino que seja meu jeito de contribuir com nosso recém-independente país. Estou dando aos meus compatriotas algo para desejar, um incentivo para que trabalhem duro", disse ela, voltando a ficar ao lado dele.

"E um colar muito lindo", disse ele, embora parecesse espalhafatoso. Assim mesmo queria estender a mão e tocá-lo, erguê-lo, e, depois, deixar que

se aninhasse de novo no vazio do pescoço. Os ossos de sua clavícula eram pontiagudos.

"Claro que não é lindo. Meu pai tem um gosto repugnante em matéria de jóias", disse ela. "Mas o dinheiro é dele. Estou vendo minha irmã e meus pais me procurando, por falar nisso. Preciso ir."

"Sua irmã também está aqui?", perguntou Richard, rapidamente, antes que ela pudesse se virar e partir.

"Está. Somos gêmeas", disse, e depois parou, como se essa fosse uma revelação de grande peso. "Kainene e Olanna. O nome dela é o poético *Ouro de Deus*, e o meu é mais prático: *Vamos esperar e ver o que mais Deus vai nos trazer*."

Richard viu o sorriso repuxando um dos cantos da boca de Kainene, um sorriso sardônico que, a seu ver, ocultava alguma coisa, quem sabe insatisfação. Não sabia o que dizer. Era como se o tempo estivesse escorrendo rápido demais.

"Quem é a mais velha?", perguntou.

"Quem é a mais velha? Que pergunta." Ela arqueou as sobrancelhas. "Me disseram que eu saí primeiro."

Richard aninhou a taça de vinho na mão, sem saber se iria espatifá-la caso apertasse mais um pouco.

"Lá está ela, minha irmã", disse Kainene. "Quer que eu o apresente? Todo mundo quer conhecê-la."

Richard não se virou para olhar. "Eu prefiro conversar com você", disse. "Se não se importa, claro." Passou a mão pelo cabelo. Ela o observava; sentiu-se um adolescente, com o olhar dela em cima dele.

"Você é tímido."

"Já me chamaram de coisas piores."

Ela sorriu, de um jeito que significava que tinha achado isso engraçado, e ele se sentiu realizado por tê-la feito sorrir.

"Já esteve no mercado de Balogun?", perguntou ela. "Eles põem os nacos de carne em cima do balcão e você é que aperta e cutuca até escolher o que quer. Minha irmã e eu somos carne. Estamos aqui para que os solteiros adequados se aproximem."

"Ah", disse ele. Parecia algo estranhamente íntimo de se conversar com um desconhecido, embora tivesse sido dito no mesmo tom seco e sarcásti-

co que parecia ser seu natural. Queria lhe contar algo sobre si mesmo, também, queria trocar pequenos grãos de intimidade com ela.

"Aí vem a mulher que você renegou", murmurou Kainene.

Susan aproximou-se e pôs uma taça na mão dele. "Aqui, querido", disse, antes de se virar para Kainene. "Que bom ter conhecido você."

"Que bom ter conhecido você", respondeu Kainene, erguendo de leve a taça para Susan.

Richard foi levado embora por Susan. "Ela é filha do chefe Ozobia, não é? E o que foi que houve com ela? Que incrível. A mãe é maravilhosa, absolutamente maravilhosa. O chefe Ozobia é dono de metade de Lagos, mas há algo de terrivelmente *nouveau riche* nele. Não teve uma educação formal, entende, e a mulher também não. Acho que é isso que o faz tão *óbvio*." Richard em geral se divertia com as minibiografias de Susan, mas dessa vez os cochichos o irritaram. Ele não quis a taça de champanhe; as unhas dela estavam se enterrando em seu braço. Ela o levou até um grupo de expatriados e parou, conversando, rindo alto, um pouco embriagada. Ele procurou Kainene pelo salão todo. De início, não conseguiu encontrar o vestido vermelho, mas depois a viu, ao lado do pai; o chefe Ozobia parecia uma pessoa expansiva, falando com gestos arqueados, vestido num abadá bordado cujas inúmeras dobras de tecido azul o tomavam ainda mais troncudo. A sra. Ozobia tinha metade do tamanho do marido e usava os panos e o turbante feitos do mesmo tecido azul. Richard ficou momentaneamente surpreso com a perfeição do formato dos olhos amendoados, intimidado de ver a beleza daquele rosto de pele escura. Jamais teria adivinhado que ela era mãe de Kainene, como também não teria adivinhado que Kainene e Olanna eram gêmeas. Olanna puxara a mãe, embora a sua fosse uma beleza mais acessível, com uma fisionomia mais doce, uma graciosidade sorridente, e um corpo carnudo, com curvas que enchiam o vestido preto. Um corpo que Susan chamaria de africano. Kainene parecia ainda mais magra ao lado de Olanna, quase andrógina, com seu vestido comprido e reto acentuando os quadris de menino. Richard encarou-a por um bom tempo, querendo que ela o procurasse com os olhos. Ela parecia distante, observando as pessoas no grupo em que estava com uma expressão às vezes indiferente, às vezes zombeteira. Por fim, ergueu a vista, cruzou o olhar com ele, inclinou a cabeça e arqueou as sobrancelhas, como se soubesse perfeitamente que ele estivera olhando o tempo inteiro. Richard

desviou os olhos. Em seguida voltou a olhar para ela, resolvido a sorrir dessa vez, a fazer algum gesto que pudesse servir para alguma coisa, mas ela já tinha virado as costas. Ele continuou olhando até ela ir embora com os pais e a irmã.

Richard leu o *Lagos Life*, no dia seguinte, e quando viu a foto buscou naquela expressão algo que não sabia o que era. Escreveu algumas páginas numa explosão de produtividade furiosa, retratos fictícios de uma mulher alta cor do ébano, com um peito quase liso. Foi até a Biblioteca do British Council e procurou o nome de seu pai nos jornais de negócio. Copiou da lista telefônica os quatro números ao lado de ozobia. Apanhou o fone inúmeras vezes, mas repunha no gancho sempre que ouvia a voz da telefonista. Praticou o que iria dizer na frente do espelho, os gestos que faria, embora soubesse que ela não poderia vê-lo ao telefone. Pensou em mandar um cartão, ou quem sabe uma cesta de frutas. Por fim, ligou. Kainene não parecia surpresa com a ligação. Ou talvez fosse uma questão de ela parecer calma demais, num momento em que o coração dele queria saltar fora do peito.

"Gostaria de sair para tomar alguma coisa?"

"Claro. Que tal o Zobis, ao meio-dia? O hotel é do meu pai e eu posso conseguir uma suíte privativa para nós."

Ele desligou, trêmulo. Não estava muito seguro de que havia motivo para empolgação, se *suíte privativa* era um bom indício. Quando se encontraram no saguão do hotel, ela se aproximou para que ele pudesse beijar-lhe o rosto e, depois, foi na frente até o terraço no andar de cima, onde sentaram, olhando para as palmeiras em volta da piscina. Era um dia ensolarado e luminoso. De vez em quando, as folhas se agitavam e ele torcia para que a brisa não desmanchasse o seu cabelo, e que o guarda-sol o protegesse daquelas desagradáveis manchas cor de tomate maduro que apareciam em suas bochechas sempre que tomava sol.

"Dá para ver Heathgrove daqui", disse ela, apontando. "A injustamente cara e enigmática escola secundária britânica que minha irmã e eu fizemos. Meu pai achava que éramos muito pequenas para sermos mandadas ao exterior, mas estava resolvido a ter duas filhas tão parecidas com as européias quanto possível."

"É aquele prédio com a torre?"

"Isso. A escola toda só tem dois prédios, na verdade. Éramos muito poucas, ali. É uma escola tão exclusiva que a maioria dos nigerianos nem sabe que existe." Kainene olhou para o copo por um tempo. "Você tem irmãos?"

"Não. Sou filho único. Meus pais morreram quando eu tinha nove anos."

"Nove. Você era novo."

Ele ficou contente de ela não ter demonstrado compaixão demais, daquele jeito falso que as pessoas usam, como se tivessem conhecido os pais mortos.

"Eles estavam sempre fora. Foi a Molly, minha babá, quem me criou, na verdade. Depois que eles morreram, ficou decidido que eu iria viver com minha tia, em Londres." Richard calou-se, satisfeito com a estranha e rudimentar intimidade que sentia ao falar de si mesmo, algo muito raro. "Meus primos Martin e Virginia tinham mais ou menos a mesma idade que eu, mas eram tremendamente sofisticados; tia Elizabeth era muito pernóstica e eu era o primo que tinha vindo de uma minúscula aldeia em Shropshire. Comecei a pensar em fugir no dia em que cheguei lá."

"E fugiu?"

"Muitas vezes. Eles sempre me achavam. Às vezes na mesma rua."

"E para onde estava fugindo?"

"O quê?"

"Para onde estava fugindo?"

Richard pensou um pouco. Sabia que estava fugindo daquela casa cheia de retratos de gente morta havia muito tempo olhando para ele. Mas não sabia para onde estava fugindo. Será que as crianças pensam nisso?

"Quem sabe eu estava correndo de volta para a Molly. Não sei."

"Eu sabia para onde eu queria fugir. Mas aquilo não existia, de modo que não fugi", disse Kainene, recostando-se na poltrona.

"Como assim?"

Ela acendeu um cigarro, como se não tivesse ouvido a pergunta. Os silêncios de Kainene deixavam em Richard uma sensação de inadequação, e uma vontade enorme de chamar sua atenção de novo. Queria contar sobre o vaso de cordas. Não sabia ao certo onde tinha lido alguma coisa sobre a arte de Igbo-Ukwu e do morador que, ao abrir um poço, encontrara os

bronzes do século IX, talvez os primeiros da África. Entretanto sabia que tinha visto as fotos pela primeira vez na revista *Colonies Magazine*. O vaso chamou sua atenção na hora; passou o dedo pela imagem, louco de vontade de tocar nas cordas delicadamente moldadas em volta do metal. Queria explicar como ficara comovido com ele, mas decidiu que seria melhor não. Daria tempo ao tempo. Sentiu um curioso consolo com isso e percebeu que o que ele mais queria, com ela, era tempo.

"Você veio para a Nigéria para fugir de alguma coisa?", perguntou ela por fim.

"Não. Sempre fui uma pessoa solitária e sempre quis ver a África, por isso aceitei a licença que meu modesto jornal me deu e um empréstimo generoso de minha tia, e cá estou."

"Eu não o imaginaria uma pessoa solitária."

"Por quê?"

"Porque você é bonito. As pessoas bonitas raramente são solitárias." Ela disse isso sem inflexão na voz, como se não fosse um elogio, e por isso ele torceu para que não tivesse reparado em seu rubor.

"Bom, mas eu sou", disse ele; não conseguiu pensar em mais nada para dizer. "Sempre fui."

"Um solitário e um explorador atual do Continente Negro", disse ela, secamente.

Ele riu. Foi como ter cuspido o som fora, incontrolável, e ele olhou para baixo, para a clara piscina, e pensou, satisfeito, que aquele tom de azul era também a cor da esperança.

Encontraram-se no dia seguinte para almoçar, e no outro também. Todas as vezes, ela o levava até a suíte, sentavam-se no terraço, comiam arroz e tomavam cerveja gelada. Ela tocava a borda do copo com a ponta da língua, antes de dar um gole. Isso o excitava — ver de relance a língua rosada, ainda mais porque ela não parecia consciente do ato. Seus silêncios eram melancólicos, insulares, mas assim mesmo ele se sentia ligado a ela. Talvez *porque* ela fosse distante e retraída. Descobriu-se falando como nunca tinha falado antes, e quando o tempo deles acabava e ela levantava da mesa, em geral para se unir ao pai em alguma reunião, ele sentia os pés engrossarem com sangue coagulado. Ele não queria ir embora, não conseguia su-

portar a idéia de voltar para o escritório de Susan e ficar batendo à máquina, esperando suas batidas surdas na porta. Não entendia por que Susan não suspeitava de nada, por que não podia simplesmente olhar e ver como ele estava diferente, não entendia por que nem havia reparado que ele passava mais loção pós-barba, agora. Richard ainda não tinha sido infiel, claro, mas a fidelidade não dizia respeito só a sexo. Rir ao lado de Kainene, contar a Kainene sobre tia Elizabeth, ver Kainene fumando, claro que tudo isso era infidelidade; ou assim lhe parecia. O coração acelerar quando Kainene lhe dava um beijo de adeus era uma infidelidade. A mão dela na sua, sobre a mesa, era uma infidelidade. De modo que no dia em que Kainene não lhe deu o beijo costumeiro de adeus e, em vez disso, comprimiu sua boca na dele, de lábios abertos, ele se espantou. Não tinha se permitido esperar tanto. Talvez por isso a ereção não tenha vindo: a mistura castradora de surpresa e desejo. Eles se despiram rápido. O corpo nu de Richard pressionava Kainene, no entanto seu pênis continuava mole. Explorou os ângulos da clavícula, os lábios, querendo o tempo todo que corpo e alma funcionassem melhor juntos, querendo que seu desejo ultrapassasse a ansiedade. Mas o pênis não endureceu. Podia sentir seu peso flácido entre as pernas.

Ela sentou na cama e acendeu um cigarro.

"Desculpe", disse, e, quando ela deu de ombros, sem dizer nada, ele se arrependeu de ter pedido desculpas. Richard percebeu qualquer coisa de deprimente naquela suíte luxuosa e atravancada de móveis, enquanto vestia a calça que podia muito bem não ter sido tirada e Kainene enganchava o sutiã. Ele queria que ela dissesse alguma coisa.

"Vamos nos ver amanhã?", perguntou ele.

Ela soltou a fumaça pelo nariz, observou-a sumir no ar e disse: "Isto aqui não tem o menor refinamento."

"Vamos nos ver amanhã?", perguntou ele de novo.

"Eu vou para Port Harcourt com o meu pai para encontrar um pessoal do petróleo", disse ela. "Mas eu volto logo depois do meio-dia, na quarta. A gente podia almoçar bem tarde."

"Combinado, então", disse Richard, e, até ela entrar no saguão do hotel, dias depois, ele continuava preocupado, sem saber se ela iria aparecer ou não. Almoçaram e ficaram vendo as pessoas na piscina.

Kainene estava um pouco mais animada, fumava mais, falava mais. Contou a ele sobre as pessoas que tinha conhecido desde que começara a trabalhar com o pai, todas elas iguais. "A nova classe alta nigeriana não passa de um bando de analfabetos que nunca leu nada, que come coisas das quais não gosta em restaurantes libaneses caríssimos, e cujo único tema de conversa é: 'Como está se comportando o carro novo?'." A certa altura, ela riu. Em outro momento, segurou na mão dele. Mas não perguntou se ele gostaria de entrar na suíte e Richard não sabia se ela queria dar um tempo ou se resolvera que esse, no fim das contas, não era o tipo de relacionamento desejado.

Richard não conseguia tomar nenhuma atitude. Passaram-se dias até que ela finalmente perguntou se ele queria entrar, e ele se sentiu como aquele ator substituto que fica torcendo para o ator principal não aparecer, mas que, quando o protagonista adoece, se dá conta de que não tem capacidade, e de que não está tão pronto quanto pensava para enfrentar as luzes da ribalta. Ela entrou na frente. Quando começou a levantar o vestido de Kainene acima da cintura, ela o empurrou com toda a calma, como se soubesse que aquele frenesi era apenas uma armadura contra o medo. Pendurou o vestido sobre a cadeira. Ele estava tão apavorado de falhar que ver o pênis ereto o deixou delirantemente agradecido, tão agradecido que foi uma questão de entrar dentro dela e sentir na hora aquele tremor involuntário impossível de parar. Ficaram ali um tempo, ele em cima dela, depois ele saiu de lado. Queria dizer a ela que isso nunca lhe acontecera. Sua vida sexual com Susan era satisfatória, ainda que superficial.

"Eu sinto tanto", disse ele.

Ela acendeu um cigarro, observando-o. "Gostaria de vir jantar em casa esta noite? Meus pais convidaram algumas pessoas."

Por alguns momentos, não soube o que dizer, espantado. Depois falou: "Claro, eu adoraria". Esperava que o convite significasse alguma coisa, refletisse uma mudança de percepção em relação ao relacionamento de ambos. Mas quando chegou à casa dos pais de Kainene, em Ikoyi, ela o apresentou dizendo: "Este é Richard Churchill", e então parou, fazendo uma pausa que parecia uma provocação deliberada para os pais e os outros convidados, para que pensassem o que quisessem. O pai o olhou de cima a baixo e perguntou o que fazia.

"Sou escritor", disse Richard.

"Escritor? Entendo", disse o chefe Ozobia.

Richard desejou ardentemente não ter dito que era escritor, de modo que acrescentou, como se para compensar a afirmação: "Sou fascinado pelas descobertas em Igbo-Ukwu. Os objetos de bronze".

"Hummmm", resmungou o chefe Ozobia. "Tem alguém da família fazendo negócios na Nigéria?"

"Não, infelizmente não."

O chefe Ozobia sorriu e desviou os olhos. Não disse muito mais coisas para Richard durante o resto da noite. Tampouco a sra. Ozobia, que seguia o marido com modos suntuosos e uma beleza ainda mais intimidante, vista de perto. Olanna era diferente. Recebeu-o com um sorriso contido, quando Kainene os apresentou, mas, depois de conversarem um pouco, tornou-se mais calorosa, e ele ficou sem saber se aquela centelha em seus olhos era de pena ou se ela tinha consciência de ele queria dizer as coisas certas e, no entanto, não sabia quais eram as coisas certas. Sua cordialidade o deixou lisonjeado.

Teve a curiosa sensação de ter sido largado de lado quando ela se sentou na outra ponta da mesa. A salada havia acabado de ser servida no momento em que Olanna começou a discutir política com um convidado. Richard sabia que falavam sobre a necessidade de a Nigéria tornar-se uma república e parar de dizer que a rainha Elizabeth era a chefe de Estado do país, mas não prestou muita atenção até que ela se virou e perguntou: "Você não concorda, Richard?", como se a opinião dele importasse.

Ele limpou a garganta. "Claro, sem dúvida", disse, embora não tivesse muita certeza do que acabara de endossar. Sentiu-se agradecido por ela tê-lo puxado para a conversa, por tê-lo incluído, e ficou encantado com essa característica, que parecia ao mesmo tempo sofisticada e ingênua, um idealismo que se recusava a ser sufocado pela realidade arenosa. A pele de Olanna reluzia. Os ossos da face subiam, quando sorria. Porém a ela faltava a mística melancólica de Kainene, que o revigorava e o confundia. Kainene sentou-se a seu lado e disse pouco ao jantar, exceto por um pedido peremptório para que o criado trocasse uma taça que parecia embaçada, e pela pergunta, com o corpo semi-inclinado para ele: "Este molho é nojento, não acha?". Ela era inescrutável, observando, bebendo, fumando. Richard ardia por saber o que ia pela cabeça de Kainene. Sentia uma dor quase idêntica quando a desejava na cama, e sonhava estar dentro dela, pe-

netrando cada vez mais fundo, tentando descobrir algo que sabia que nunca descobriria. Era como beber um copo de água atrás do outro e continuar sedento, com o receio excitante de jamais ser capaz de matar aquela sede.

Richard estava preocupado com Susan. Ele a observava, o queixo firme, os olhos verdes, e dizia consigo que era injusto enganá-la, enfurnar-se no escritório até ela pegar no sono, mentir sobre estar na biblioteca, no museu ou no clube de pólo. Ela merecia coisa melhor. Mas havia uma estabilidade tranquilizadora em estar com ela, uma certa segurança em seus sussurros, em seu escritório com gravuras a lápis de Shakespeare na parede. Kainene era diferente. Ele a deixava com uma felicidade aturdida e uma sensação igualmente atordoante de insegurança. Queria lhe perguntar o que achava das coisas que nunca discutiam — do relacionamento deles, do futuro, de Susan —, porém suas incertezas o deixavam mudo todas as vezes; ele tinha medo do que ela poderia responder.

Adiou qualquer decisão até a manhã em que acordou com a lembrança daquele dia em Wentnor, quando estava fora, brincando, e ouviu Molly chamá-lo. "Richard! O jantar!" Em vez de responder "Estou indo!", e correr para ela, escondera-se debaixo de uma touceira, ralando os joelhos. "Richard! Richard!" Dessa vez, Molly parecia aflita, mas ele continuou calado, agachado. "Richard! Dicky, onde você foi parar?" Um coelho parou para olhá-lo e, ao encarar o coelho de volta, teve consciência de que, por uns breves momentos, apenas ele e o coelho sabiam onde o menino estava. Mas o bicho resolveu dar um salto, Molly espiou embaixo da touceira e o viu. Ela bateu nele. Disse para ele ir para o quarto e ficar o resto do dia lá. Disse que estava muito amolada e que iria contar tudo ao sr. e à sra. Churchill. Porém aqueles curtos momentos tinham valido a pena, aqueles momentos de puro e pleno abandono, quando sentiu que ele, e só ele, estavam com o controle do universo de sua infância. Lembrando-se disso, resolveu terminar com Susan. Seu relacionamento com Kainene talvez não durasse muito, mas os momentos passados com ela, sem a opressão de mentiras e fingimentos, faria a brevidade valer a pena.

Sua decisão o animou. Ainda assim, adiou por uma semana, até a noite em que voltaram de uma festa onde Susan tinha bebido vinho demais.

"Você quer tomar alguma coisa mais, antes de ir dormir, querido?", perguntou ela.

"Susan, eu gosto muito de você", disse ele, com pressa. "Mas não estou muito certo de que esteja tudo bem — quero dizer, tudo bem entre nós."

"Do que está falando?", perguntou Susan, embora seu tom abafado de voz e seu rosto empalidecido mostrassem que sabia perfeitamente do que ele estava falando.

Richard passou a mão pelo cabelo.

"Quem é?", perguntou ela.

"Não é outra mulher. É só que eu acho que nossas necessidades são diferentes." Ele esperava não ter parecido muito insincero, mas era verdade; eles sempre quiseram coisas diferentes, sempre deram valor a coisas diferentes. Ele nunca devia ter-se mudado para a casa dela.

"Não é a Clovis Bancroft, é?" Suas orelhas estavam vermelhas. Elas sempre ficavam vermelhas, depois que bebia, mas só então Richard notou a estranheza da reação, as orelhas vermelho-irascíveis sobressaindo-se no rosto pálido.

"Não, claro que não."

Susan pegou uma bebida e sentou-se no braço do sofá. Ficaram calados uns instantes. "Gostei de você assim que o vi, e não achava que isso fosse acontecer. Pensei, como ele é bonito, como é delicado, e devo ter decidido que não deixaria você me escapar." Ela riu baixinho e ele reparou nas rugas minúsculas em volta de seus olhos.

"Susan...", disse ele, e parou, porque não havia mais nada a dizer. Não sabia que ela pensava essas coisas dele. Percebeu que tinham conversado muito pouco, que o relacionamento fora um fluxo tosco, sem contribuição de nenhum dos dois, pelo menos não dele. Para ele, o relacionamento *acontecera*.

"Foi tudo muito depressa, para você, não foi?", disse Susan. Ela se aproximou mais dele. Havia recobrado a compostura; seu queixo não tremia mais. "Na verdade você não teve chance de explorar um pouco. De ver mais do país, como queria; você se mudou para cá e eu o fiz ir a todas aquelas festas pavorosas cheias de gente que não está nem um pouco interessada em arte africana e esse tipo de coisa. Deve ter sido horrível para você. Eu sinto muitíssimo, Richard, e compreendo. Claro que você precisa

ver um pouco do país. Tem alguma coisa em que eu possa ajudar? Tenho amigos em Enugu e Kaduna."

Richard pegou a taça da mão dela, pôs na mesa e abraçou-a. Sentiu uma vaga nostalgia do conhecido cheiro de maçã de seu xampu. "Não se preocupe que vai dar tudo certo", disse.

Susan não imaginava que estivesse tudo acabado de fato, isso era óbvio; achava que ele voltaria e ele não disse nada para que pensasse de forma diferente. Quando o criado, de avental branco, abriu a porta para ele sair, Richard se sentiu leve, aliviado.

"Adeus, *sah*", disse o criado.

"Adeus, Okon." Richard se perguntou se o inescrutável Okon alguma vez encostara o ouvido na porta, quando ele e Susan estavam tendo aquelas brigas de quebrar taças. Uma vez havia pedido a Okon para lhe ensinar algumas frases simples em efik, porém Susan pusera um fim nas lições no dia em que surpreendeu os dois em seu escritório, Okon muito inquieto, vendo Richard pronunciar as palavras. O criado olhara Susan com gratidão, como se ela tivesse acabado de salvá-lo de um branco maluco, e, mais tarde, o tom de Susan foi suave, quando disse a ele que compreendia que ainda não soubesse como as coisas eram feitas no país. Ninguém pode cruzar certos limites. O tom fazia lembrar o de sua tia Elizabeth, com opiniões apoiadas na decência incontrita e acomodada dos ingleses. Talvez, se tivesse lhe contado sobre Kainene, Susan usasse o mesmo tom para dizer que entendia muito bem sua necessidade de experimentar com uma negra.

Richard viu Okon acenando, enquanto se afastava. Sentiu uma necessidade incontrolável de cantar, só que não era homem de cantar. Todas as outras casas da rua Glover eram como a de Susan, espaçosas, abraçadas por palmeiras, com gramados apáticos.

Na tarde seguinte, Richard sentou-se na cama, nu, olhando para Kainene. Acabara de fracassar de novo. "Desculpe. Acho que eu fico excitado demais", disse ele.

"Quer me passar um cigarro?", pediu ela. O lençol sedoso salientava a magreza angulosa de seu corpo nu.

Ele acendeu para ela. Ela sentou na cama, os bicos escuros dos seios retesados com o frio do ar-condicionado, e virou a cabeça, ao soltar a fumaça.

"Vamos dar um tempo", disse ela. "E há outras maneiras."

Richard sentiu uma rápida onda de irritação contra si, por aquela inutilidade molenga, e contra ela, por aquele sorriso semizombeteiro e por dizer que havia outras maneiras, como se ele fosse permanentemente incapaz de fazer as coisas do modo tradicional. Ele sabia o que podia ou não fazer. Sabia que podia satisfazê-la. Só precisava de tempo. Mas já começava a pensar em certas ervas, ervas poderosas para a masculinidade, sobre as quais se lembrava de ter lido em algum lugar, e que os homens africanos tomavam.

"Nsukka é um pequeno trecho de poeira no meio do sertão, a terra mais barata que eles puderam comprar para construir a universidade", disse Kainene. Era espantosa a facilidade com que mergulhava numa conversa mundana. "Mas talvez seja perfeita para você escrever seu livro, não acha?"

"É."

"Você pode gostar e resolver ficar."

"Posso." Richard entrou de novo debaixo do lençol. "Mas o que me agrada mesmo é que você vai estar em Port Harcourt, e eu não terei de vir até Lagos para a gente se ver."

Kainene não disse nada, fumando com tragadas uniformes, e, por um momento aterrador, ele se perguntou se ela não estaria prestes a dizer que pretendia acabar com tudo assim que deixasse Lagos, e que, em Port Harcourt, encontraria um homem capaz de *desempenhar*.

"Minha casa vai ser perfeita para os nossos fins de semana", disse ela, por fim. "É monstruosa. Meu pai me deu no ano passado, como parte do dote, acho eu, um chamariz para o tipo certo de homem querer se casar com a filha feia. Tremendamente europeu, pensando bem, já que nós não temos dotes, temos só o preço da noiva." Ela apagou o cigarro. Ainda não tinha terminado de fumar. "Olanna disse que não queria uma casa. Não que ela precise de uma. Guarde as casas para a filha feia."

"Não diga isso, Kainene."

"Não diga isso, Kainene", imitou-o Kainene, se levantando. Ele queria puxá-la de volta para a cama. Mas não se mexeu; não dava para confiar em seu corpo e não aguentaria decepcioná-la de novo. Às vezes, achava que não sabia nada sobre ela, e que nunca seria capaz de entendê-la. Entretanto, outras vezes, deitado a seu lado, tinha a sensação de estar inteiro e a certeza de que jamais sentiria falta de mais nada.

"Por falar nisso, pedi a Olanna para apresentá-lo a seu amante revolucionário", disse Kainene. Ela arrancou a peruca e, com seu cabelo curtinho todo trançado, o rosto parecia mais jovem, menor. "Ela namorava um príncipe hauçá, um sujeito meigo e agradável, só que ele não tinha nenhuma das ilusões amalucadas dela. E esse Odenigbo se vê como o próprio *freedom fighter*. Ele é matemático mas passa o tempo todo escrevendo artigos para os jornais, falando sobre sua própria marca mal-costurada de socialismo africano. Olanna adora isso. Eles não parecem perceber a piada que é o socialismo, no fundo." Ela pôs a peruca de volta e começou a escová-la; o cabelo encaracolado, repartido no meio, ia até o queixo. Richard gostava das linhas limpas de seu corpo esguio, da magreza do braço erguido.

"O socialismo até que poderia funcionar na Nigéria, se fosse feito da maneira correta, acho", disse ele. "No fundo é tudo uma questão de justiça econômica, certo?"

Kainene bufou. "O socialismo jamais funcionaria com o povo ibo." Ela manteve a escova suspensa no ar. "Ogbenyealu é um nome muito comum para meninas, e sabe o que quer dizer? 'Para Que Não Se Case com Homem Pobre.' Carimbar isso numa criança na hora em que nasce é capitalismo com C maiúsculo."

Richard riu e achou ainda mais divertido porque ela não riu; simplesmente voltou a escovar o cabelo. Ele pensou na próxima vez em que daria risada com ela, e na seguinte. Pegava-se pensando com frequência no futuro, mesmo antes de o presente terminar.

Levantou-se e sentiu-se tímido quando ela olhou para seu corpo nu. Talvez a falta de expressão no rosto de Kainene servisse para esconder sua repugnância. Richard vestiu a cueca e abotoou a camisa às pressas.

"Eu deixei a Susan", falou sem pensar. "Estou na pensão Princewill, em Ikeja. Vou pegar o resto das minhas coisas na casa dela antes de ir para Nsukka."

Kainene o encarou e ele viu surpresa em seu rosto, depois algo mais, mas não tinha muita certeza do que era. Seria espanto?

"Na verdade, nós nunca tivemos um relacionamento de fato", disse ele. Não queria que ela pensasse que tinha feito isso por sua causa, não queria que ela começasse a se fazer perguntas sobre o relacionamento deles. Não ainda.

"Você vai precisar de um empregado", disse ela.

"O quê?"

"Um empregado em Nsukka. Vai precisar de alguém para lavar sua roupa e limpar a casa."

Ele ficou momentaneamente confuso com a falta de lógica no diálogo. "Um empregado? Eu me viro muito bem sozinho. Já vivi sozinho muito tempo."

"Vou pedir a Olanna para encontrar alguém", disse Kainene. Puxou um cigarro da cigarreira, mas não acendeu. Pôs o cigarro na mesa-de-cabeceira e foi abraçá-lo, um aperto trêmulo dos braços. Richard ficou tão surpreso que não a abraçou de volta. Ela nunca se aproximara tanto assim dele, a menos que estivessem na cama. Só que também não parecia saber o que fazer do abraço, porque recuou rápido e acendeu o cigarro. Ele pensava nesse abraço com frequência, e, a cada vez, tinha a sensação de uma muralha desabando.

Richard partiu para Nsukka na semana seguinte. Dirigiu em velocidade moderada, parando na estrada de vez em quando para olhar o mapa feito à mão que Kainene lhe dera. Depois de cruzar o rio Níger, decidiu dar uma passada em Igbo-Ukwu. Agora que estava finalmente em terras ibo, antes de mais nada queria ver de onde viera o vaso de cordas. Algumas casas de cimento pontilhavam o povoado; elas estragavam o aspecto pitoresco das cabanas de barro aglomeradas na beira das trilhas de terra batida, trilhas tão estreitas que teve de parar o carro a uma boa distância e seguir um rapaz de short cáqui que parecia acostumado a mostrar o local aos visitantes. Seu nome era Emeka Anozie. Fora um dos operários que haviam trabalhado na abertura do buraco. Ele mostrou a Richard as largas valas retangulares onde as escavações aconteceram, as pás e as latas que tinham sido usadas para escovar os bronzes.

"O senhor quer falar com o nosso grande pai? Eu traduzo, se quiser", ofereceu Emeka.

"Obrigado." Richard sentiu-se ligeiramente desarmado com o calor com que foi recebido, com os vizinhos que o seguiam dizendo, "Boa tarde, *nno*, bem-vindo", como se nem passasse pela cabeça deles pensar em se importar com o fato de ele ter aparecido sem ser convidado.

Pa Anozie tinha um pano encardido enrolado em volta do corpo e amarrado atrás do pescoço. Ele abriu caminho até a penumbra de seu *obi*, que cheirava a cogumelos. Embora Richard já tivesse lido como os bronzes foram achados, fez a pergunta assim mesmo. Pa Anozie enfiou uma pitada de rapé nas narinas, antes de começar a contar a história. Cerca de vinte anos antes, seu irmão estava abrindo um poço quando atingiu algo metálico que acabou sendo uma cabaça. Não demorou para encontrar mais objetos e, depois de tirá-los da terra e lavar, o irmão chamou os vizinhos para irem ver. Eram coisas muito bem-feitas e vagamente familiares, mas ninguém sabia de ninguém que fizesse algo parecido. Não demorou para que os boatos chegassem até os ouvidos do comissário distrital em Enugu, que enviou alguém encarregado de levar os achados para o Departamento de Antiguidades em Lagos. Depois disso, por uns tempos, ninguém mais fez perguntas sobre os bronzes e não apareceu ninguém. O irmão dele acabou o poço e a vida seguiu seu curso. Aí, faz alguns anos, um branco de Ibadã chegou para escavar. Houve longas conversações, antes de os trabalhos começarem, por causa de um redil de bodes e um muro de um *compound* que teria de ser removido, mas no fim deu tudo certo. Era época dos ventos do harmatão, mas, como receassem alguma tempestade, cobriram as valetas com lonas espalhadas sobre varas de bambu. Acharam cada coisa linda: cabaças, conchas, vários enfeites de mulher, figuras de cobras, vasilhas.

"Também acharam uma câmara mortuária, não foi?", Richard perguntou.

"Acharam."

"O senhor acha que foi usada pelo rei?"

Pa Anozie deu uma olhada comprida e magoada para Richard e durante alguns instantes ficou resmungando algo, com ar aflito. Emeka riu, antes de traduzir. "Papa disse que achava que você era um dos brancos que sabem pelo menos um pouco. Ele disse que o povo ibo não conhece o que é rei. Nós temos sacerdotes e anciãos. A câmara mortuária deve ter sido para algum sacerdote. Mas um sacerdote não faz o povo sofrer tanto quanto um rei. Os brancos nos impuseram os chefetes locais, e agora todos estão se dizendo reis."

Richard pediu desculpas. Sabia que os ibos tinham fama de ser uma tribo republicana havia milhares de anos, mas um dos artigos sobre as descobertas em Igbo-Ukwu sugeria que talvez em algum momento tivessem tido

reis que, mais tarde, foram depostos. Os ibos eram, afinal de contas, um povo que depunha deuses que já não serviam aos seus propósitos. Richard sentou-se ali por algum tempo, imaginando a vida de pessoas capazes de tanta beleza, de tanta complexidade, nos tempos de Alfredo, o Grande. Queria escrever sobre isso, criar algo com isso, mas não sabia o quê. Quem sabe um romance especulativo, no qual o personagem principal fosse um arqueólogo ocupado com a escavação de objetos de bronze que, de repente, se vê transportado para um passado idílico?

Agradeceu Pa Anozie e levantou-se. Pa Anozie disse alguma coisa e Emeka perguntou: "Papa está querendo saber se você não vai tirar uma foto dele. Todos os brancos que vieram tiraram uma foto dele".

Richard sacudiu a cabeça. "Não, desculpe, eu não trouxe máquina." Emeka riu. "Papa quer saber que tipo de branco é esse. Por que ele veio até aqui e o que está fazendo?"

Enquanto seguia para Nsukka, Richard também se perguntou o que estava fazendo e, mais preocupante, sobre o que iria escrever.

A residência universitária na rua Imoke estava reservada para pesquisadores e artistas estrangeiros; era esparsamente mobiliada, quase ascética, e quando Richard olhou para as duas poltronas da sala, a cama de solteiro, os armários vazios da cozinha, sentiu-se imediatamente em casa. Tudo era preenchido por um silêncio adequado. Porém, numa visita a Olanna e Odenigbo, concordou de imediato quando ela comentou: "Tenho certeza de que vai querer tornar a casa um pouco mais habitável", muito embora gostasse da monotonia da mobília. Concordou porque o sorriso de Olanna era um prêmio, porque a atenção dela o lisonjeava. Ela insistiu para que ele contratasse o mesmo jardineiro, Jomo, para ir duas vezes por semana plantar algumas flores no quintal. Ela o apresentou aos amigos; mostrou-lhe o mercado; disse que tinha encontrado o criado ideal.

Richard imaginava alguém jovem e alerta, como o criado deles, Ugwu, mas Harrison era um homenzinho magro e curvado, de meia-idade, usando uma camisa branca grande demais para ele, que parava abaixo dos joelhos. Ele se curvava de forma extravagante antes de falar qualquer coisa. Contou a Richard, com orgulho mal disfarçado, que havia trabalhado anteriormente para o padre irlandês chamado Bernard e para o professor Land,

dos Estados Unidos. “Estou fazendo uma boa salada de beterraba”, disse ele no primeiro dia, e mais tarde Richard percebeu que ele não tinha orgulho só da salada como também de seus cozidos de beterraba, comprada na barraca de “legumes especiais”, porque a maioria dos nigerianos não comia beterraba. O primeiro jantar que Harrison fez foi de peixe, com uma entrada de salada de beterraba. Um prato carmim de beterraba cozida apareceu no dia seguinte, ao lado do arroz. “É de uma receita americana para batata que eu transformei”, disse Harrison, enquanto via Richard comer. No outro dia veio mais uma salada de beterraba e, no seguinte, um prato assustadoramente vermelho de beterraba cozida acompanhando o frango.

“Chega, Harrison, por favor”, disse Richard, erguendo a mão. “Chega de beterraba.”

Harrison pareceu desapontado e, depois, seu rosto se iluminou. “Mas, *sah*, estou fazendo comida do seu país; toda comida que o senhor come quando criança, eu faço. Na verdade, não estou fazendo comida nigeriana, só receita estrangeira.”

“A comida nigeriana é muito boa, Harrison.” Se ao menos o criado tivesse noção do quanto ele odiara a comida de sua infância, o arenque de gosto pronunciado e cheio de espinhas, o mingau com aquela espantosa pele grossa por cima, qual um forro impermeável, a carne assada demais, com a gordura das pontas mergulhada em molho.

“Certo, *sah*.” Harrison parecia enfezado.

“Falando nisso, Harrison, você sabe de alguma erva para homem?”, perguntou Richard, torcendo para que a voz saísse casual.

“*Sah*?”

“Ervas.” Richard fez um gesto vago.

“Legumes, *sah*? Eu faço qualquer salada do seu país muito bem, *sah*. Para o professor Land, eu faço muita salada diferente diferente.”

“Sei, mas estou falando de verduras para doença.”

“Doença? Então vai no médico no Centro Médico.”

“Estou interessado em ervas africanas, Harrison.”

“Mas, *sah*, elas não são boas, as que o feiticeiro dá. Elas são diabólicas.”

“Claro.” Richard desistiu. Já devia saber que Harrison, com sua paixão excessiva por tudo que não fosse nigeriano, não era a pessoa certa para perguntar. Perguntaria a Jomo.

Ele esperou até Jomo chegar e, então, parou na janela, observando os lírios recém-plantados sendo regados. Jomo largou o regador e começou a apanhar os frutos de uma acácia-da-sombra; eles haviam caído durante a noite anterior e jaziam, ovais e amarelados, na grama. Richard muitas vezes sentia o cheiro extremamente adocicado das frutas apodrecendo, um cheiro que, ele sabia, permaneceria associado com Nsukka para sempre. Jomo segurava uma sacola de ráfia cheia de frutos quando Richard se aproximou.

"Bom dia, Mister Richard, *sah*", disse ele, no seu modo solene. "Eu queria levar as frutas para o Harrison, para o caso do senhor querer, *sah*. Não peguei pra mim." Jomo pôs a sacola no chão e apanhou o regador.

"Tudo bem, Jomo. Eu não quero fruta nenhuma", disse Richard. "Falando nisso, será que você conhece alguma erva para homens? Para homens que estão tendo problemas com... com estar com uma mulher?"

"Conheço, *sah*." Jomo continuou regando as plantas como se essa fosse uma pergunta que ouvisse todos os dias.

"Você conhece alguma erva para homens?"

"Conheço, *sah*."

Richard sentiu o estômago saltar em triunfo. "Eu gostaria de ver como é, Jomo."

"Meu irmão teve problema antes porque a primeira mulher dele não fica grávida e a segunda também não fica grávida. Aí tem uma folha que o *dibia* deu e ele mascou. Agora gravidou as duas."

"Ah. Muito bom. Será que você consegue me arrumar essa erva, Jomo?" Jomo parou o que estava fazendo e olhou para ele, o rosto sensato sensatamente cheio de dó caridoso. "Isso não funciona pra branco, *sah*."

"Não, não. É que eu quero escrever sobre o assunto."

Jomo abanou a cabeça. "O senhor vai no *dibia* e masca a folha na frente dele. Não pra escrever, *sah*!" Jomo voltou a murmurar desafinado a música que cantava para regar.

"Entendo", disse Richard, e, ao voltar para dentro, fez questão de não mostrar o desapontamento; entrou direto em casa, lembrando-se de que o patrão era ele, afinal.

Harrison estava na frente da porta, fingindo que limpava o vidro. "Tem alguma coisa que o Jomo não está fazendo direito, *sah*?", perguntou, esperançoso.

"Eu estava só fazendo umas perguntas a ele."

Harrison fez cara de decepção. Era óbvio, desde o começo, que ele e Jomo não iriam se dar bem, o cozinheiro e o jardineiro, cada qual se achando melhor que o outro. Uma vez, Richard escutou Harrison dizer a Jomo para não regar as plantas em frente à janela do escritório porque "o som da água está perturbando o Patrão". E Harrison queria que ele ouvisse, já que falou muito alto e parado bem diante da janela do escritório. Os salamaleques de Harrison o divertiam, assim como a reverência com que tratava seu trabalho de escritor. Harrison resolveu tirar o pó da máquina de escrever todos os dias, ainda que ela nunca estivesse empoeirada, e relutava em jogar fora as páginas que via na lata de lixo. "O senhor não vai mais usar isto, *sah*? Tem certeza mesmo?", costumava perguntar Harrison, segurando as páginas amassadas, e Richard então dizia que sim, que tinha certeza. As vezes se perguntava o que Harrison diria se ele contasse que não tinha nem mesmo certeza sobre o que escrevia, que fizera um rascunho com um arqueólogo, depois jogara fora, escrevera uma história de amor entre um inglês e uma africana e jogara fora, e começara a escrever sobre a vida numa pequena cidade nigeriana. A maior parte do material para essa sua última tentativa vinha das noites que passava com Odenigbo, Olanna e seus amigos. Eles o aceitaram sem grande alarde, não prestavam atenção especial a ele e, talvez por isso, ele se sentia à vontade sentado num sofá, na sala de estar, ouvindo.

Quando Olanna o apresentou a Odenigbo, dizendo: "Este é o amigo de Kainene, de quem eu já tinha falado, Richard Churchill", Odenigbo apertara calorosamente sua mão e dissera: "Não me tornei primeiro-ministro do rei para presidir a liquidação do Império Britânico".

Richard levou alguns instantes para entender, antes de dar risada da imitação mambembe de Sir Winston Churchill. Mais tarde, ao ver Odenigbo acenar um exemplar do *Daily Times*, gritando: "É *agora* que temos que começar a descolonizar nossa educação! Não amanhã, agora! Ensinar a eles a nossa história!", pensou consigo, aí está um homem que confia na excentricidade de sua personalidade, um homem que não é especialmente atraente, mas que chamaria a atenção de todos numa sala cheia de homens bonitos. Richard também observava Olanna, e, a cada vez que olhava para ela, sentia-se renovado, como se ela tivesse ficado ainda mais linda nos minutos precedentes. Sentia uma emoção desagradável, porém, ao ver a mão de

Odenigbo em seu ombro e, mais tarde, ao imaginá-los juntos, na cama. Ele e Olanna conversavam muito pouco, fora do papo geral, mas, um dia antes de ele partir para visitar Kainene, em Port Harcourt, Olanna disse: "Richard, por favor, mande lembranças a Kainene".

"Claro que sim", disse ele; era a primeira vez que ela mencionava o nome da irmã.

Kainene foi apanhá-lo na estação ferroviária num Peugeot 404, saiu do centro de Port Harcourt e seguiu na direção do mar e de uma casa isolada, de três andares, com varandas cobertas por uma primavera do mais pálido tom de violeta. Richard sentiu o cheiro de sal no ar, enquanto Kainene o levava de um amplo aposento a outro, todos de muito bom gosto, com móveis de tendências diversas, entalhes de madeira, quadros de calmas paisagens, esculturas arredondadas. Os assoalhos encerados recendiam a madeira.

"Eu gostaria que fosse um pouco mais perto do mar, para nós termos uma vista melhor. Mas pelo menos mudei a decoração paterna e já não está mais tão *nouveau riche*, eu imagino."

Richard riu. Não só porque Kainene estava zombando de Susan — ele contara o que Susan tinha dito sobre o chefe Ozobia —, como também porque dissera *nós*. *Nós* significava os dois; ela o incluíra. Quando foi apresentá-lo aos criados, três homens em uniformes cáqui de mau caimento, disse a eles, com aquele seu sorriso seco: "Vocês vão ver Mister Richard com muita frequência".

"Bem-vindo, *sah*", disseram eles, em uníssono, parados quase de prontidão, enquanto Kainene apontava para cada um e dizia o nome: Ikejide, Nnanna e Sebastian.

"Ikejide é o único que tem um pouco de massa cinzenta dentro da cabeça", disse Kainene.

Os três sorriram, como quem pensa coisa diferente, mas claro que não diriam nada.

"Agora, Richard, eu vou lhe mostrar o que há em volta." Kainene fez uma mesura zombeteira e levou-o, pela porta dos fundos, até um pomar de laranjas.

"Olanna me pediu para lhe dar um olá", disse Richard, segurando sua mão.

"Quer dizer então que o amante revolucionário dela recebeu bem você. Devemos ficar gratos. Antes, ele só aceitava professores negros em sua casa."

"Pois é, ele me contou. Disse que Nsukka estava cheia de gente da USAID, do Peace Corps e da Universidade Estadual do Michigan, e ele queria um foro para os poucos professores nigerianos."

"E para sua paixão nacionalista."

"Imagino que sim. Ele *é* reanimadoramente diferente."

"Reanimadoramente diferente", repetiu Kainene. Parou para amassar alguma coisa no chão, com a sola da sandália. "Quer dizer que você gostou deles? De Olanna e Odenigbo?"

Richard queria olhar nos olhos dela para tentar discernir o que Kainene queria que dissesse. Queria dizer o que ela quisesse ouvir. "Gostei, gostei deles." A mão dela estava frouxa na sua e Richard temeu que ela fosse escapulir. "Eles tornaram bem mais fácil a minha adaptação em Nsukka", acrescentou, como se para justificar o fato de ter gostado do casal. "Acabei me acomodando muito mais facilmente. E, claro, eu tenho o Harrison."

"Claro, o Harrison. E como vai o Homem das Beterrabas?"

Richard puxou-a para si, aliviado que não estivesse brava. "Vai bem. Na verdade é um bom sujeito, muito divertido."

Estavam no pomar, no denso entrelaçado das laranjeiras, quando Richard foi dominado por uma sensação estranha. Kainene falava sobre um de seus empregados, mas ele percebeu que retrocedia, que sua mente se desdobrava e se enrolava em si mesma. As laranjeiras, a presença de tantas árvores ao redor, o zumbido das moscas no ar, a abundância de verde trouxeram de volta a lembrança da casa dos pais, em Wentnor. Era incongruente que essa umidade tropical, com um sol que deixava seus braços de um suave escarlate e as abelhas aquecidas, o fizesse pensar naquela casa caindo aos pedaços na Inglaterra, com correntes de ar mesmo no verão. Viu os choupos e os salgueiros atrás da casa, os campos onde perseguia texugos, as colinas ondeadas cobertas de urzes e samambaias que se estendiam por quilômetros e quilômetros, pontilhadas de ovelhas pastando. *Colinas azuis da lembrança*. Viu o pai e a mãe sentados com ele no quarto que cheirava a umidade, e o pai lendo poesia para os dois.

Em meu coração, um ar que mata
Sopra de uma terra distante:
O que são essas colinas azuis da lembrança,
Que torres, que fazendas são essas?

Essa é a terra do contentamento perdido.
Vejo com toda a clareza
As felizes estradas por onde passei
*E para as quais nunca mais voltarei.**

A voz do pai sempre ficava mais grave nas palavras *colinas azuis da lembrança*, e depois que os pais saíam do quarto, e durante as semanas seguintes em que estariam fora, ele olhava pela janela e via as colinas distantes irem ficando azuis.

Richard espantou-se com a vida ocupada de Kainene. Vendo-a em Lagos, em encontros breves no hotel, não percebera que ela levava uma vida plena, e que continuaria plena mesmo que ele não fizesse parte dela. Era estranhamente perturbador pensar que não era o único a ocupar o mundo de Kainene, mas mais estranho ainda era ver que ela já tinha uma rotina, poucas semanas depois de chegar a Port Harcourt. O trabalho estava sempre em primeiro lugar; resolvera fazer as fábricas do pai crescerem, e fazer melhor do que ele tinha feito. À noite, as visitas — gente de empresas negociando contratos, gente do governo negociando suborno, gente da fábrica negociando cargos — chegavam e paravam os carros perto da entrada do pomar. Kainene sempre cuidava para que não ficassem muito tempo, e não o convidava para participar porque dizia que os encontros iriam entediá-lo, de modo que Richard ficava lá em cima, lendo ou escrevendo alguma coisa até que fossem embora. Em geral, tentava manter afastado da mente o medo que sentia de fracassar na cama com Kainene; seu corpo continuava duvidoso e ele descobrira que pensar em fracasso tornava o fracasso mais provável.

Foi na sua terceira visita a Port Harcourt que o criado bateu na porta do quarto para anunciar: "O major Madu está aí, madame", e Kainene per-

guntou se Richard não queria descer com ela.

"Madu é um velho amigo e eu gostaria que você o conhecesse. Acabou de voltar de um treinamento militar no Paquistão."

Richard sentiu o perfume do convidado já do corredor, um cheiro penetrante e másculo. O homem que usava a colônia era espantoso, de uma forma que, na hora, Richard achou primevo: um amplo rosto cor de mogno, lábios grossos, nariz largo. Quando se levantou para apertar-lhe a mão, Richard quase recuou. O homem era imenso. Richard estava acostumado a ser o mais alto na sala, aquele a quem tinham de erguer a vista para conversar, mas ali estava um homem que tinha quase oito centímetros a mais, com uma largura de ombros e uma corpulência firme que o faziam ainda mais alto, mais *maciço*.

"Richard, este é o major Madu Madu", disse Kainene.

"Olá", disse ele. "Kainene me falou a seu respeito."

"Olá", disse Richard. Era íntimo demais ouvir esse mamute dizer, com um sorriso levemente presunçoso, o nome de Kainene assim na sua cara, como se a conhecesse muito bem, como se soubesse algo que Richard não sabia, como se o que quer que fosse que Kainene tivesse dito a ele a respeito de Richard houvesse sido cochichado na orelha, entre risadinhas tolas geradas pela intimidade física. E, por falar nisso, que espécie de nome era Madu Madu? Richard sentou-se num sofá e recusou a bebida que Kainene lhe ofereceu. Sentia-se pálido. Gostaria que Kainene tivesse dito, *Este é meu amante Richard*.

"Quer dizer que você e Kainene se conheceram em Lagos?", perguntou Madu.

"Foi", respondeu Richard.

"Ela me falou de você pela primeira vez quando liguei para ela do Paquistão, faz um mês."

Richard não conseguiu pensar em algo para responder. Não sabia que Kainene tinha falado com ele no Paquistão e não se lembrava de ela ter alguma vez mencionado ser amiga de um oficial do exército cujo nome e sobrenome eram o mesmo. "E há quanto tempo vocês se conhecem?", perguntou Richard, e imediatamente receou ter dado sinais de suspeita com essa pergunta.

"O *compound* da minha família, em Umunnachi, é bem ao lado do *compound* dos Ozobia." O major Madu virou-se para Kainene. "Não dizem

que nossos antepassados são aparentados? Só que o seu povo roubou nossas terras e nós expulsamos vocês de lá, certo?"

"Foi o seu povo que roubou a terra", disse Kainene, e riu. Richard ficou surpreso ao escutar o tom rascante da risada. Ficou ainda mais espantado com a familiaridade com que Madu se comportava, a forma como se afundava no sofá, levantava para pôr um disco, fazia pilhérias com os criados que serviam o jantar. Richard se sentiu posto de lado. Gostaria que Kainene tivesse lhe avisado que o major Madu ficaria para o jantar. Gostaria que ela tomasse gim-tônica com ele e não uísque com água, como o outro. Gostaria que o sujeito parasse de lhe fazer perguntas, como se o estivesse entretendo, como se fosse ele o anfitrião e Richard a visita. E está gostando da Nigéria? O arroz aqui não é delicioso? Como está indo seu livro? Gostou de Nsukka?

Richard não apreciou as perguntas nem as maneiras perfeitas dele, à mesa.

"Fiz treinamento em Sandhurst", disse o major Madu, "e o que eu mais odiava, lá, era o frio. Sobretudo porque eles faziam a gente correr todo dia, pela manhã, naquele frio tremendo, só de camiseta e short."

"Dá bem para entender por que achava tão frio", disse Richard.

"Claro. A cada um, o que é seu. Tenho certeza de que não vai demorar para ficar com muita saudade de casa", disse ele.

"Não creio, de jeito nenhum", respondeu Richard.

"Bem, os britânicos acabaram de decidir que irão impor um controle sobre a emigração de países da Commonwealth, certo? Eles querem que as pessoas fiquem em seus próprios países. A ironia, claro, é que nós, da Commonwealth, não podemos controlar o movimento dos britânicos que se mudam para os *nossos* países."

Ele mastigou o arroz lentamente, examinando uma garrafa de água por alguns momentos, como se fosse um vinho cujo ano da colheita desejasse muito saber.

"Logo depois que voltei da Inglaterra, fiz parte do Quarto Batalhão que foi para o Congo, sob os auspícios das Nações Unidas. Nosso batalhão não era bem administrado, mas, apesar disso, eu preferia o Congo à relativa segurança da Inglaterra. E tudo por causa do tempo." O major Madu ficou alguns momentos em silêncio. "Nós tínhamos uma administração de péssi-

ma qualidade no Congo. Estávamos sob o comando de um coronel britânico." Deu uma olhada em Richard e continuou mastigando.

Richard enfureceu-se; seus dedos pareciam estar rígidos e temia deixar o garfo cair no chão, o que demonstraria àquele sujeito insuportável como se sentia.

A campainha da porta tocou logo depois do jantar, enquanto estavam sentados na varanda enluarada, bebendo e escutando música High Life.

"Deve ser o Udodi, eu disse a ele para vir me encontrar aqui", disse o major Madu.

Richard deu um tapa num mosquito irritante que zumbia perto do ouvido. A casa de Kainene parecia ter-se tornado ponto de encontro para o major Madu e seus amigos.

Udodi era um homenzinho pequeno, de aparência banal, sem nada do charme astuto ou da sutil arrogância do major Madu. Deu a impressão de estar embriagado, e quase maníaco na forma como sacudiu a mão de Richard para cima e para baixo, várias vezes. "Você é parceiro de negócios de Kainene? Trabalha com petróleo?", perguntou.

"Eu não fiz as apresentações ainda, não é?", disse Kainene. "Richard, o major Udodi Ekechi é um amigo de Madu. Udodi, este é Richard Churchill."

"Ah", disse o major Udodi, franzindo os olhos. Serviu uma dose de uísque e tomou de um só gole, antes de dizer alguma coisa em ibo que Kainene respondeu num inglês frio e nítido: "Minha escolha de amantes não é da sua conta, Udodi".

Richard bem que teria gostado de poder abrir a boca e, com muita fluência, dizer àquele homem que se mandasse dali, mas nada falou. Sentia-se irremediavelmente fraco, com aquele tipo de fraqueza que vem com doença, com sofrimento. A música cessara e dava para ouvir o marulho distante da arrebentação.

"Desculpe! E eu não falei que era da minha conta!" O major Udodi riu e estendeu a mão para pegar a garrafa de uísque de novo.

"Vai com calma", disse o major Madu. "Você deve ter começado cedo, no rancho."

"A vida é curta, irmão!", disse o major Udodi, servindo mais uma dose, antes de se virar para Kainene. "*I magonu*, você sabe, o que eu disse é que as mulheres nossas que seguem os homens brancos são quase sempre de fa-

mília pobre e com o tipo de corpo que os brancos adoram." Interrompeu-se e depois continuou, numa mímica zombeteira do sotaque inglês: "Traseiros estupendamente desejáveis." Riu. "Os brancos fazem e desfazem com nossas mulheres no escuro, mas nunca vão se casar com elas. Isso nunca! Aliás, não vão com elas a nenhum lugar público considerado bom. No entanto, elas continuam se humilhando e lutando por atenção, para obter uns trocados e chás idiotas numa latinha enfeitada. É uma nova escravidão, estou lhe dizendo, uma nova escravidão. Mas você é filha de um dos bambambãs, portanto o que está fazendo com ele?"

O major Madu levantou-se. "Me desculpe tudo isso, Kainene. O major está fora de si." Depois puxou Udodi de lado e disse algo num ibo muito rápido.

O major Udodi estava rindo de novo. "Certo, certo, mas me deixa levar o uísque. A garrafa já está quase vazia. Me deixa levar o uísque."

Kainene não disse nada quando o major Udodi pegou a garrafa da mesa. Depois que eles saíram, Richard sentou-se ao lado dela e pegou na sua mão. Era como se tivesse desaparecido do mapa; por isso não fora incluído no pedido de desculpas. "Que horror de homem. Sinto muito pelo que ele fez."

"Ele estava mais bêbado que um gambá. Madu deve estar se sentindo muito mal, agora", disse Kainene. Depois fez um gesto para uma pasta sobre a mesa e acrescentou: "Eu acabei de obter um contrato para fornecer as botas militares para o batalhão de Kaduna".

"Que bom." Richard tomou a última gota que havia em seu copo e ficou vendo Kainene folhear a pasta.

"O sujeito encarregado é ibo, e Madu disse que gostaria de dar o contrato a um companheiro ibo. De modo que tive sorte. E ele só está pedindo uma porcentagem de cinco por cento."

"Um suborno?"

"Ai, quanta inocência."

A zombaria dela o irritou, assim como a rapidez com que absolvera o major Madu de toda e qualquer responsabilidade pelo comportamento rude do major Udodi. Levantou-se e começou a andar pela varanda. Os insetos zumbiam em volta da lâmpada fluorescente.

"Quer dizer então que você conhece Madu há muito tempo?", disse por fim. Detestava ter de chamá-lo pelo primeiro nome; presumia uma cordia-

lidade que não sentia. Mas não havia opção. De modo algum iria chamá-lo de major; usar um título seria o mesmo que elevar sua condição.

Kainene ergueu a vista. "Desde sempre. A família dele e a nossa são muito chegadas. Lembro que uma vez, há alguns anos, quando fomos a Umunnachi para passar o Natal, ele me deu uma tartaruga. O mais estranho e o melhor presente que já recebi em toda a minha vida. Olanna achou errado Madu ter pegado a pobre criatura de seu hábitat natural e essa coisa toda, mas ela nunca gostou muito de Madu, para falar a verdade. Eu pus numa vasilha e, claro, ela morreu logo depois." E voltou a ler sua pasta.

"Ele é casado, não é?"

"É. Adaobi está fazendo faculdade em Londres."

"É por isso que você se encontra com ele com tanta frequência?" A pergunta saiu num semigrasnido, como se precisasse tirar o pigarro da garganta.

Ela não respondeu. Talvez não tivesse escutado. Era óbvio que estava enfronhada na pasta, no novo contrato. Levantando-se, disse: "Eu vou fazer algumas anotações, não vou demorar, depois venho falar com você".

Richard se perguntou por que não podia simplesmente indagar a Kainene se achava Madu atraente e se algum dia tivera um envolvimento com ele, ou, pior, se ainda estava envolvida com ele. Sentia medo. Aproximou-se dela, abraçou-a e segurou-a bem firme, querendo sentir os batimentos de seu coração. Era a primeira vez na vida que sentia que poderia pertencer a algum outro lugar.

1. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Para o prólogo, ele relata a história da mulher com a cabaça. Ela está sentada no chão de um trem, espremida entre pessoas chorando, gritando, rezando. Viaja calada, afagando num ritmo suave a cabaça coberta que tem no colo, até cruzarem o Níger; depois, ergue a tampa e pede a Olanna e aos outros por perto que olhem lá dentro.

Olanna lhe conta essa história e ele repara nos detalhes. Ela lhe conta que as manchas de sangue nos panos da mulher se confundiam com o estampado do tecido, produzindo um tom malva enferrujado. Ela descreve os desenhos entalhados na cabaça, linhas enviesadas se entrecruzando, e fala da cabeça de criança lá dentro: tranças desalinhadas caindo por sobre um rosto marrom-escuro, os olhos completamente brancos, lugubremente abertos, e a boca um pequeno Ó de espanto.

Depois que escreve isso, menciona a alemã que fugiu de Hamburgo com os corpos incinerados dos filhos dentro das malas, a ruandense que pegou partes minúsculas dos seus bebês mortos a pancadas. Mas toma cuidado para não estabelecer paralelos. Para a capa do livro, porém, desenha um mapa da Nigéria e ressalta em vermelho vivo a forma de ípsilon na junção dos rios Níger e Benue. E usa o mesmo tom de vermelho para marcar os limites de onde, no Sudeste, Biafra existiu por três anos.

* Do poema "A Shropshire lad", de A. E. Housman (1859-1936).

4.

Ugwu tirou a mesa lentamente. Levou primeiro os copos, depois as tigelas manchadas com o caldo do ensopado e os talheres, e, por fim, empilhou prato sobre prato. Ainda que não tivesse espiado pela porta da cozinha enquanto os outros comiam, saberia quem estava à mesa. O prato do Patrão era sempre o que mais arroz espalhado tinha, como se não prestasse atenção ao que comia e os grãos lhe fugissem do garfo. O copo de Olanna tinha marcas de batom em forma de crescente. Okeoma comia tudo com colher, empurrando o garfo e a faca para o lado. O professor Ezeka tinha levado a própria cerveja, e a garrafa marrom com cara de ter sido importada estava ao lado do prato. A srta. Adebayo sempre deixava as fatias de cebola na sua tigela. E Mister Richard nunca chupava os ossos do frango.

Na cozinha, Ugwu manteve o prato de Olanna de lado, sobre o balcão de fórmica, e esvaziou os outros, vendo o arroz, o ensopado, os legumes e os ossos escorregarem para a lata de lixo. Alguns ossinhos estavam tão bem mastigados que pareciam farpas de madeira. Os de Olanna não, porque ela só mastigava de leve as pontas e eles conservavam a forma. Ugwu sentou-se, escolheu um osso e fechou os olhos, enquanto sugava, imaginando a boca de Olanna se fechando sobre o mesmo osso.

Ele chupava languidamente, um osso atrás do outro, e não se importava com o barulho que fazia com a boca. Estava sozinho. O Patrão tinha acabado de sair para o clube, junto com Olanna e os amigos. A casa sempre ficava mais silenciosa, nessa hora, quando ele podia deixar o tempo passar sem fazer nada, com os pratos do almoço na pia e o jantar ainda longe, a cozinha banhada pelo braseiro do sol. Olanna chamava essa hora de Hora do Trabalho da Escola, e, quando estava em casa, pedia a ele que fosse fazê-los no quarto. Ela não sabia que seus trabalhos de casa nunca levavam

muito tempo, e que, depois, sentado à janela, batalhava com as frases difíceis dos livros do Patrão e se distraía com as borboletas que mergulhavam e ressurgiam por cima das flores brancas do jardim.

Ugwu pegou um de seus cadernos enquanto chupava o segundo osso. O tutano frio tinha um sabor ácido em sua língua. Leu a poesia copiada do quadro-negro com tanto cuidado que parecia até a letra da própria professora Oguike, depois fechou os olhos e recitou.

Continuamente lembro, enquanto o tempo passa
Que fui privado das belezas que eles vêem,
E que o Flautista prometeu a mim também.
Pois ele nos guiava a um mundo só de paz
Que, perto da cidade, ao nosso alcance, jaz,
Com fontes a brotar e frutos nos pomares,
Flores de cor mais suave abrindo-se aos milhares,
*Mistério e novidade em todos os lugares.**

Ugwu abriu os olhos e deu uma outra lida para se certificar de que não havia esquecido nada. Torcia para que o Patrão não se lembrasse de pedir para ele recitar, porque, embora soubesse tudo de cor, teria de dar uma resposta quando ele perguntasse: O que isso *quer dizer*? Ou então: O que você *acha* que esse verso está dizendo de fato? A imagem que a professora Oguike tinha distribuído, com um homem de cabelos compridos sendo seguido por ratos felizes, era incompreensível para ele, e quanto mais Ugwu olhava, mais certo ficava de que se tratava de alguma brincadeira sem sentido. Nem mesmo a professora Oguike parecia saber o que significava aquilo. Ugwu acabara gostando dela — da professora Oguike — porque não o tratava com atenção especial, não parecia notar que ele se sentava sozinho, na classe, na hora do recreio. Por outro lado, logo no primeiro dia a professora reparou na rapidez com que ele aprendia, durante os testes por escrito e orais que ela fez, enquanto o Patrão esperava do lado de fora da sala abafada. "O menino obviamente vai pular pelo menos uma série, em algum momento, ele tem inteligência nata", ela dissera depois ao Patrão, como se Ugwu não estivesse parado bem ao lado deles, e *inteligência nata* tornou-se na hora sua expressão favorita.

Ele fechou o caderno. Tinha chupado todos os ossos e, imaginando que o gosto da boca de Olanna estava em sua boca, começou a lavar os pratos. A primeira vez que chupara os ossos de Olanna fora depois de ter visto os dois se beijando na sala, num sábado de manhã, as bocas abertas comprimidas uma na outra. A idéia da saliva dela na boca do Patrão o deixara ao mesmo tempo enojado e excitado. Ainda deixava. Era o mesmo que sentia quando ela gemia, à noite; não gostava de ouvi-la, mas ia até a porta do quarto e encostava a orelha na madeira fria para escutar. Assim como examinava as roupas de baixo que ela pendurava no banheiro — corpetes negros, sutiãs escorregadios, calcinhas brancas.

Olanna se encaixara tão facilmente na casa. À noite, quando os convidados enchiam a sala, sua voz se destacava das outras na perfeita clareza de sua dicção, e Ugwu se imaginava mostrando a língua para a srta. Adebayo e dizendo: "A senhora não fala inglês como minha patroa, portanto fecha essa cloaca". Parecia que suas roupas tinham estado sempre no armário, sua música High Life sempre no toca-discos, seu aroma de coco sempre recendendo em todos os aposentos, seu Impala sempre parado na entrada. Mesmo assim, tinha saudade dos antigos tempos em que morava sozinho com o Patrão. Tinha saudade das noites em que sentava no chão da sala, com o Patrão falando com voz grave, e das manhãs em que servia o café para ele sabendo que as únicas vozes que poderia escutar eram as vozes dos dois.

O Patrão mudara; olhava para Olanna vezes demais, tocava nela vezes demais, e quando Ugwu abria a porta da frente para ele seus olhos passavam direto para a sala, para ver se Olanna já chegara. Um dia antes, o Patrão tinha dito a Ugwu: "Minha mãe vem nos visitar este fim de semana, por isso, limpe o quarto de hóspedes". Antes que Ugwu pudesse dizer "Pois não, *sah*", Olanna emendara: "Acho que Ugwu devia se mudar para o Alojamento dos Criados. Assim, nós ficamos com um quarto de hóspedes livre. Mama talvez fique uns tempos conosco".

"Claro", disse o Patrão, tão prontamente que isso incomodou Ugwu; era como se estivesse disposto a enfiar a cabeça no fogo se Olanna lhe pedisse. Era como se ela tivesse se tornado o patrão. No entanto, Ugwu não se importou de mudar para o Alojamento dos Criados, que estava vazio, exceto por algumas teias de aranha e alguns caixotes. Poderia esconder coisas que tinha tirado do lixo ali; poderia fazer do lugar algo inteiramente seu. Nun-

ca tinha ouvido o Patrão falar da mãe, e, enquanto limpava o quarto de hóspedes, mais tarde, imaginou como ela seria, essa mulher que dera banho no Patrão quando bebê, que o tinha alimentado, que tinha limpado seu nariz. Ugwu já estava temeroso da mulher que gerara o Patrão.

Terminou rápido de lavar a louça do almoço. Se fosse rápido também no preparo dos legumes para a sopa do jantar, daria tempo de ir até a casa de Mister Richard para conversar um pouco com Harrison, antes de os patrões voltarem. Nessa época, picava os legumes com a mão, em vez de fatiá-los. Olanna gostava que fosse feito desse jeito; dizia que, assim, retinham mais vitaminas. Também ele começara a gostar de verduras, assim como gostava da maneira como ela lhe ensinara a fritar ovos com um pouco de leite, a cortar as bananas-da-terra fritas em círculos delicados, em vez daqueles ovais desajeitados, a fazer *moi-moi* no vapor, numa cuia de alumínio, em vez de usar folha de bananeira. Agora que ela deixava a comida quase toda a cargo dele, Ugwu gostava de espiar pela porta da cozinha para ver quem murmurava o maior número de elogios, quem gostava do quê, quem aceitava uma segunda porção. O dr. Patel gostava da galinha cozida com *uziza*. Assim como o sr. Richard, embora ele nunca comesse a pele. Talvez a pele pálida da galinha o fizesse lembrar da própria pele. Para Ugwu, não havia nenhum outro motivo possível; afinal de contas, a pele era a parte mais saborosa. Mister Richard sempre dizia: "O frango estava uma delícia, Ugwu, muito obrigado" quando Ugwu aparecia para levar mais água ou para tirar alguma coisa da mesa. Às vezes, quando os outros convidados iam para a sala de estar, Mister Richard entrava na cozinha para fazer perguntas a Ugwu. Eram perguntas de fazer qualquer um rir. Se seu povo tinha esculturas ou entalhes de deuses. Se ele já tinha estado no templo à beira do rio. Mas o que mais divertia Ugwu era ver Mister Richard escrevendo as respostas num pequeno caderno de capa de couro. Alguns dias antes, quando Ugwu mencionou, assim por acaso, a festa de *ori-okpa*, os olhos de Mister Richard ficaram ainda mais azuis e ele disse que queria ver a festa; falou que pediria ao Patrão para deixar que fossem os dois até a cidade natal de Ugwu.

Ugwu riu ao tirar os legumes da geladeira. Não conseguia imaginar Mister Richard durante a festa *ori-okpa*, em que os *mmuo* (Mister Richard disse que eram uma espécie de mascarada, correto?, e Ugwu concordara, desde que as mascaradas significassem espíritos) marchavam pela aldeia chicote-

ando os jovens e perseguindo as jovens. Os próprios *mmuo* talvez rissem de ver um estrangeiro pálido rabiscando notas num caderno. Mas estava contente por ter mencionado a festa, porque isso significava uma oportunidade de ver Nnesinachi, antes de ela partir para o Norte. Imagine como ela ficaria impressionada quando ele chegasse no carro de um branco, dirigido pelo próprio branco! Sem dúvida dessa vez iria reparar nele; Ugwu também mal podia esperar pela oportunidade de impressionar Anulika, primos e parentes com seu inglês, sua camisa nova, seus conhecimentos sobre sanduíches e água correndo da torneira, seu talco perfumado.

Ugwu tinha acabado de lavar as verduras quando escutou a campainha. Era muito cedo para serem os amigos do Patrão. Foi até a porta, enxugando as mãos no avental. Por alguns instantes, não sabia se sua tia estava mesmo parada na porta ou se estava vendo apenas sua imagem, porque tinha acabado de lembrar de casa.

"Tia?"

"Ugwuanyi", disse ela, "você tem que voltar para casa. *Ogagi kwann*? Cadê seu patrão?"

"Voltar para casa?"

"Sua mãe está bem doente."

Ugwu examinou o lenço amarrado em volta da cabeça da tia. Dava para ver como o tecido estava ralo, todo esgarçado de tanto uso. Lembrou-se de que, quando o pai da prima morrera, a família mandara avisá-la em Lagos, dizendo que ela tinha que voltar para casa porque o pai estava muito doente. Quando você está longe de casa, eles dizem que o morto está muito doente.

"Sua mãe está doente", repetiu a tia. "Ela está perguntando por você. Eu digo ao Patrão que você volta amanhã, assim ele não fica pensando que estamos pedindo demais. Muitos criados ficam anos sem voltar para casa, você sabe disso."

Ugwu não se mexeu, enrolando a barra do avental em volta do dedo. Queria pedir à tia que contasse a verdade, que dissesse se a mãe estava morta. Mas a boca não conseguia formar as palavras. Sentiu medo ao se lembrar da última doença da mãe, do dia em que ela tossiu tanto que o pai saiu de madrugada para chamar o *dibia*, enquanto a mulher mais nova dele, Chioke, esfregava suas costas.

"O Patrão não está em casa", disse por fim. "Mas vai voltar logo."

"Eu espero e imploro a ele para deixar você ir para casa."

Ele foi na frente até a cozinha, onde a tia sentou e ficou observando Ugwu fatiar um cará e depois cortar as fatias em cubos. Ele trabalhava rápido, febrilmente até. A luz do sol que entrava pela janela parecia brilhante demais para aquela hora da tarde, cheia demais de um esplendor desastroso.

"Meu pai está bem?", perguntou Ugwu.

"Está." A fisionomia da tia era opaca, a voz, sem inflexão: o comportamento de uma pessoa que levava mais más notícias do que as relatadas. Devia estar escondendo algo. Talvez a mãe estivesse de fato morta; quem sabe pai e mãe haviam caído fulminados logo de manhã. Ugwu continuou fatiando, num silêncio retumbante, até que o Patrão voltou, as roupas brancas do tênis emplastradas de suor nas costas. Estava sozinho. Ugwu gostaria que Olanna tivesse voltado com ele, para poder olhar em seu rosto enquanto falava.

"Bem-vindo, *sah*."

"Obrigado, meu bom homem." O Patrão colocou a raquete sobre a mesa da cozinha. "Um pouco de água, por favor. Perdi todas as partidas, hoje."

Ugwu já estava com a água à mão, bem gelada, num copo sobre um pires.

"Boa tarde, *sah*", disse a tia.

"Boa tarde", disse o Patrão, com ar ligeiramente perplexo, como se não soubesse ao certo quem era ela. "Ah, sim. Como vai a senhora?"

Antes que ela pudesse responder, Ugwu falou: "Minha mãe está doente, *sah*. Por favor, *sah*, se eu for vê-la hoje, volto amanhã."

"O quê?"

Ugwu repetiu o que tinha dito. O Patrão o encarou, depois encarou a panela no fogão. "Você já terminou o jantar?"

"Ainda não, *sah*. Mas eu termino vapt-vupt, antes de ir. Deixo a mesa posta e tudo arranjado."

O Patrão virou-se para a tia de Ugwu. "*Gini me*? Qual o problema com a mãe dele?"

"*Sah*?"

"A senhora é surda?" E o Patrão deu uma pancada no ouvido, como se a tia não soubesse o significado de surdo. "Qual o problema com a mãe dele?"

"*Sah*, o peito dela está pegando fogo."

"Peito pegando fogo?" O Patrão deu uma bufada. Tomou toda a água, depois se virou para Ugwu e falou em inglês. "Ponha uma camisa e entre no carro. Sua aldeia não fica assim tão longe. Nós voltamos a tempo."

"Pois não, *sah*." Ugwu se sentiu fragilizado, ao andar até o carro com a tia e o Patrão. Era como se as pernas fossem dois cabos de vassoura, do tipo que quebra fácil durante o harmatão. A viagem até sua aldeia foi feita quase em silêncio. Quando passavam por certas fazendas com fileiras intermináveis de milho e mandioca, como se fossem uma cabeleira muito bem trançada, o Patrão dizia: "Viram só? É nisso que o nosso governo devia se concentrar. Se nós aprendermos a tecnologia da irrigação, podemos alimentar o país todo sem o menor problema. Podemos superar essa dependência colonial das importações".

"Sei, *sah*."

"Mas, em vez disso, tudo o que os energúmenos do governo fazem é mentir e roubar. Vários dos meus alunos se juntaram ao grupo que foi até Lagos, hoje de manhã, para protestar, sabia?"

"Pois não, *sah*", disse Ugwu. "Por que eles estão protestando, *sah*?"

"Por causa do censo. O censo foi uma bagunça, todo mundo falsificou os números. Não que Balewa vá fazer algo a respeito, porque é cúmplice, como todos os outros. Mas nós temos que erguer a voz!"

"Sei, *sah*", respondeu Ugwu, e, no meio da preocupação com a mãe, sentiu uma pontinha de orgulho porque sabia que a tia estava com os olhos arregalados de espanto diante das conversas profundas que ele mantinha com o Patrão. E em inglês, ainda por cima. Pararam um pouco antes da cabana da família.

"Pegue as coisas da sua mãe rapidinho", disse o Patrão. "Estou esperando alguns amigos de Ibadã esta noite."

"Pois não, *sah*!", disseram Ugwu e a tia, ao mesmo tempo.

Ugwu saltou do carro e ficou parado. A tia correu para a cabana e, logo depois, seu pai saiu, os olhos vermelhos, parecendo mais encurvado do que a lembrança que Ugwu tinha dele. Ajoelhou-se na terra e agarrou as pernas do Patrão. "Obrigado, *sah*. Que alguém possa lhe retribuir."

O Patrão recuou e Ugwu viu o pai oscilar e quase cair para trás. "Levante-se, *kunie*", disse o Patrão.

Chioke saiu da cabana. “Esta é minha outra mulher, *sah*!”, disse o pai, levantando-se.

Chioke cumprimentou o Patrão com ambas as mãos. “Muito obrigada, Patrão. *Deje*!” Correu lá para dentro e saiu com um pequeno abacaxi, que enfiou na mão do Patrão.

“Não, não”, disse o Patrão, empurrando o abacaxi de volta. “Os abacaxis daqui são muito ácidos, eles me queimam a boca.”

As crianças do povoado estavam se juntando em volta do carro, espantadas, para espiar o interior e passar a mão na carroceria azul. Ugwu afastou todo mundo de lá. Queria que Anulika estivesse em casa, assim ela entraria com ele na cabana da mãe. Gostaria que Nnesinachi aparecesse, pegasse sua mão e lhe dissesse, apaziguadora, que a doença da mãe não era muito séria, e depois o levasse até o bosque à beira do riacho, desamarrasse os panos e lhe oferecesse os seios, erguendo-os para ele. As crianças falavam alto. Algumas mulheres em volta conversavam num tom mais baixo, de braços cruzados. O pai não parava de perguntar ao Patrão se ele não queria noz-de-cola, um pouco de vinho de palma, um banco para sentar, uma água, e o Patrão a tudo dizia não, não, não. Ugwu gostaria que o pai se calasse. Aproximou-se um pouco mais da cabana e deu uma espiada. Seu olhar cruzou com o da mãe, na luz mortiça. Ela parecia ter encolhido.

“Ugwu”, disse ela. “*Nno*, bem-vindo.”

“*Deje*”, cumprimentou ele, depois se calou e ficou observando a tia ajudar a mãe a amarrar os panos em volta da cintura para sair.

Ugwu estava prestes a ajudá-la a entrar no carro quando o Patrão disse: “Dá licença, meu bom homem”. Foi ele quem ajudou sua mãe a entrar no carro e pediu que ficasse deitada no assento de trás, esticada o mais que pudesse.

Ugwu de repente desejou que o Patrão não tocasse na mãe, porque as roupas dela cheiravam a velhice e necessidade e, também, porque o Patrão não sabia que as costas dela doíam e que sua roça de inhame nunca dava o suficiente, e que seu peito de fato parecia em fogo quando tossia. Afinal, o que o Patrão sabia do que quer que fosse já que tudo o que fazia era berrar com os amigos e tomar conhaque à noite?

“Fiquem tranquilos, nós vamos mandar um recado a vocês depois que o médico tiver dado uma olhada nela”, disse o Patrão ao pai e à tia de Ugwu, antes de partir.

Ugwu evitou olhar para trás, para ver a mãe; abriu o vidro da janela e deixou que o ar soprasse barulhento nos ouvidos e o distraísse. Quando finalmente se virou para olhá-la, pouco antes de chegarem ao campus, seu coração deu uma parada ao ver os olhos fechados e os lábios frouxos. Porém seu peito subia e descia. Ela respirava. Ugwu soltou o ar lentamente e pensou em todas as noites geladas em que ela tossia sem parar, e ele ficava pregado junto às duras paredes da cabana, ouvindo o pai e Chioke pedirem a ela para tomar a beberagem.

Olanna abriu a porta, usando o avental que tinha uma mancha de óleo na frente. O seu avental. Ela beijou o Patrão. "Eu pedi ao Patel para vir até aqui", disse ela, e depois se virou para a mãe de Ugwu. "Mama. *Kedu*?"

"Estou bem", sussurrou a mãe dele. Depois olhou em volta da sala e pareceu murchar um pouco ao ver os sofás, o toca-discos, as cortinas.

"Eu vou levá-la lá para dentro", disse Olanna. "Ugwu, por favor, termine a comida e ponha a mesa."

"Sim, senhora."

Na cozinha, Ugwu mexeu o caldeirão da sopa de pimenta. O caldo oleoso girava, o cheiro dos temperos subia e fazia cócegas no nariz, e os pedaços de carne e de tripa boiavam de um lado a outro. Mas Ugwu não estava prestando atenção nisso. Estava concentrado, querendo ouvir alguma coisa. Já fazia um bom tempo, tempo demais, que Olanna entrara com a mãe, e que o dr. Patel a examinava. As pimentas faziam seus olhos lacrimejarem. Lembrou que, da última vez em que a mãe tinha ficado doente de tanto tossir, começara a gritar que não sentia mais as pernas, e que o *dibia* dizia para ela mandar os maus espíritos embora. "Diga pra eles que ainda não chegou sua hora! *Gwa ha kita!* Diga pra eles agora!", insistia o *dibia*.

"Ugwu!", chamou o Patrão. Os convidados tinham chegado. Ugwu foi para a sala de estar e trabalhou mecanicamente, servindo as nozes-de-cola e a pimenta *mbongo*, desarrolhando garrafas, pegando mais gelo, distribuindo as tigelas fumegantes de sopa de pimenta. Depois, sentado na cozinha, remexendo nas unhas dos pés, imaginava o que estaria acontecendo no quarto. Escutou a voz alta do Patrão falando na sala. "Ninguém está dizendo que queimar propriedade do governo é uma coisa boa, mas mandar o exército para matar, em nome da ordem? Teve gente do povo tiv que caiu morta por nada. Por nada! Balewa enlouqueceu!"

Ugwu não sabia quem era essa gente *tiv*, mas a palavra morta o fez estremecer. "Ainda não chegou sua hora", sussurrou ele. "Não chegou sua hora."

"Ugwu?" Olanna estava na porta da cozinha.

Ele saltou do banco. "Patroa? Patroa?"

"Não precisa ficar preocupado com a sua mãe. O doutor Patel diz que ela está com uma infecção e que vai ficar boa."

"Ah!" Ugwu sentiu tanto alívio que receou sair flutuando se levantasse a perna. "Obrigado, patroa!"

"Ponha o resto da sopa na geladeira."

"Sim, senhora." Ugwu ficou observando enquanto Olanna voltava para a sala. Os bordados em seu vestido bem justo cintilavam e, por alguns momentos, pareceu um espírito curvilíneo saído do mar.

Os convidados estavam rindo, agora. Ugwu deu uma espiada na sala. Muitos não estavam mais eretos, nas poltronas, e sim escarrapachados, amolecidos pelo álcool, sem ânimo para novas idéias. A noite terminava. As conversas iriam se suavizar e girar em torno do tênis e da música; depois os convidados se ergueriam e começariam a dar risada de coisas que não tinham graça, como da dificuldade em abrir a porta da frente ou dos morcegos voando baixo demais. Ugwu esperou até Olanna ir para o banheiro e o Patrão para o escritório, antes de ir ver a mãe, adormecida, enrodilhada feito uma criança no colchão.

De manhã, seus olhos brilhavam. "Já estou bem", disse. "O remédio que o médico me deu é muito forte. Mas o que me mata é o cheiro."

"Que cheiro?"

"Na boca dos dois. Senti quando sua patroa e seu patrão vieram me ver, hoje de manhã, e também quando fui à privada."

"Ah. Aquilo é pasta de dente. Nós usamos para limpar os dentes." Ugwu sentiu orgulho de dizer *nós*, para que a mãe soubesse que ele também usava.

Porém ela não se impressionou muito. Estalou os dedos e pegou seu pauzinho de mascar. "E o que tem de errado em usar um bom *atu*? Aquele cheiro me deu vontade de vomitar. Se eu ficar muito mais tempo aqui, não vou conseguir manter comida no estômago, por causa do cheiro."

Mas se impressionou quando Ugwu lhe contou que estava mudando para o Alojamento dos Criados. Era como receber casa própria, toda sua. Pediu

ao filho para ver o Alojamento dos Criados, e ficou maravilhada ao constatar que era maior que sua cabana, e, mais tarde, insistiu que estava bem o suficiente para ajudar na cozinha. Ele a viu curvada sobre a vassoura e lembrou-se de quando costumava dar umas palmadas no bumbum de Anulika porque ela não se abaixava direito para varrer. "Por acaso andou comendo cogumelos? Varra feito mulher!", dizia ela, e Anulika resmungava que a vassoura era curta demais e que não tinha culpa se era todo mundo mão-de-vaca e não comprava cabos mais compridos. Ugwu de repente desejou que Anulika estivesse ali, assim como as crianças e as mulheres novidadeiras de seu *umunna*. Desejou que o povoado inteiro estivesse ali, assim poderia participar das conversas ao luar e das brigas, e mesmo assim continuar morando na casa do Patrão, com suas torneiras de água corrente, sua geladeira e seu fogão.

"Eu vou para casa amanhã", disse a mãe.

"Devia ficar mais uns dias e descansar."

"Eu vou amanhã. Vou agradecer a sua patroa e seu patrão, quando eles voltarem, e dizer que já estou boa o bastante para ir para casa. Que alguém possa retribuir a eles o que eles fizeram por mim."

Ugwu foi com ela até o fim da rua Odim, pela manhã. Nunca tinha visto a mãe andar tão rápido, mesmo quando levava o fardo entrelaçado na cabeça, nunca tinha visto seu rosto tão liso.

"Fique bem, meu filho", disse ela, e enfiou um pauzinho de mascar na sua mão.

No dia em que a mãe do Patrão chegou, Ugwu fez um arroz *jollof* apimentado. Misturou arroz branco em molho de tomate, experimentou, depois tampou e baixou o fogo. Saiu da cozinha. Jomo havia encostado o ancinho numa parede e estava sentado no degrau, chupando uma manga.

"Isso aí que você está cozinhando cheira muito bem", disse Jomo.

"É para a mãe do meu patrão, arroz *jollof* com galinha frita."

"Eu devia ter lhe dado um pouco da minha carne. Ficaria muito melhor que a galinha." Jomo gesticulou para a sacola amarrada atrás da bicicleta. Ele já tinha mostrado a Ugwu o pequeno animal peludo, embrulhado em folhas frescas.

"Eu não posso cozinhar carne do mato, aqui!", disse Ugwu em inglês, rindo.

Jomo virou-se para olhar para ele. "*Dianyi*, você agora fala inglês feito filho de professor."

Ugwu balançou a cabeça, feliz de escutar o elogio, e mais feliz ainda porque Jomo jamais adivinharia que, sempre que a professora Oguike lhe fazia uma pergunta, aquelas crianças com pele de seda e inglês fácil zombavam da forma como pronunciava as palavras porque seu sotaque da roça era forte demais.

"O Harrison devia vir escutar inglês bem falado de alguém que não vive se vangloriando", disse Jomo. "Ele acha que sabe tudo só porque mora com um branco. *Onye nzuzu*! Criatura estúpida!"

"Muito, muito estúpida!", concordou Ugwu. Tinha sido igualmente enfático no fim de semana anterior, quando concordou com Harrison que Jomo era um tolo.

"Ontem, o bode trancou o tanque e se recusou a me dar a chave", contou Jomo. "Ele diz que eu desperdiço água. E por acaso a água é dele? Agora, se as plantas morrerem, o que eu digo a Mister Richard?"

"Isso é muito mau." Ugwu estalou os dedos, para mostrar o quanto a atitude era reprovável. A última disputa dos dois tinha sido porque Harrison escondera o aparador de grama e se recusara a contar a Jomo onde estava, até Jomo lavar de novo uma camisa de Mister Richard, manchada por cocô de passarinho. Eram as flores inúteis de Jomo, afinal de contas, que atraíam os passarinhos. Ugwu apoiara os dois. Dissera a Jomo que Harrison não tinha motivo para esconder o aparador de grama, e, mais tarde, dissera a Harrison que Jomo não tinha por que plantar flores ali, para começo de conversa, sabendo que elas atraíam passarinho. Ugwu preferia os modos solenes e as falsas histórias de Jomo, mas Harrison, com seu mau inglês insistente, era misteriosamente cheio de conhecimentos sobre coisas estrangeiras e diferentes. Ugwu queria aprender que coisas eram essas, de modo que mantinha amizade com ambos; tornara-se um parasita, absorvendo muito e dando pouco em troca.

"Um dia eu ainda vou ferir seriamente o Harrison, *maka Chukwu*", disse Jomo. Atirou fora o caroço de manga, tão chupado que estava quase branco, sem mais nem vestígio da polpa laranja. "Tem alguém batendo na porta da frente."

"Ah. Ela chegou! Só pode ser a mãe do Patrão." Ugwu saiu correndo lá para dentro; mal escutou Jomo se despedir.

A mãe dele tinha o mesmo corpo maciço, a mesma pele escura e a energia vibrante do filho; era como se jamais fosse precisar de ajuda para carregar uma lata d'água ou tirar uma pilha de lenha da cabeça. Ugwu ficou surpreso ao ver a jovem com olhos baixos parada ao lado, levando a bagagem. Esperava que a mãe viesse sozinha. Também esperava que chegasse um pouco mais tarde, depois que o arroz estivesse pronto.

"Bem-vinda, Mama, *nno*", disse ele. Pegou as malas da jovem. "Bem-vinda, tia, *nno*."

"Você é o que se chama Ugwu? Como está?", perguntou a mãe do Patrão, dando-lhe um tapinha no ombro.

"Muito bem, Mama. A viagem foi boa?"

"Foi. *Chukwu du anyi*. Deus nos trouxe." Ela olhava para o toca-discos. Os panos de gorgorão verde pareciam rígidos em sua cintura, e os quadris davam a impressão de quadrados. Ao envergar aqueles panos, não mostrava a mesma naturalidade das mulheres do campus, mulheres acostumadas a usar contas de coral e brincos de ouro. Vestia aquilo da mesma maneira que Ugwu imaginava que sua mãe vestiria, se tivesse panos parecidos: com insegurança, como se não acreditasse que não era mais pobre.

"Como está, Ugwu?", perguntou ela de novo.

"Estou bem, Mama."

"Meu filho me disse que você está indo muito bem." Ela estendeu o braço para ajustar o turbante verde que usava bem baixo na cabeça, quase cobrindo as sobrancelhas.

"Estou, Mama." Ugwu baixou os olhos, modestamente.

"Deus o abençoe, que seu chi quebre as pedras do caminho. Ouviu bem?" Ela soava como o Patrão, com o mesmo tom sonoro e autoritário.

"Ouvi, Mama."

"Quando é que meu filho volta?"

"Eles só voltam à noite. Disseram que a senhora devia descansar, Mama. Estou fazendo arroz e galinha."

"Descansar?" Ela sorriu e entrou na cozinha. E começou a desempacotar mantimentos que trouxera numa sacola: peixe seco, inhame, temperos e folhas de *utazi*. "Pois eu não venho da roça?", perguntou. "Este é meu descanso. Trouxe os ingredientes para fazer uma sopa de verdade para o meu

filho. Sei que você se esforça, mas você é só um rapaz. O que sabe um rapaz sobre a verdadeira cozinha?" Dando um sorrisinho de viés para a moça que a acompanhava, e que estava perto da porta, braços cruzados e os olhos ainda baixos, como se aguardasse ordens, acrescentou: "Não é isso mesmo, Amala? Por acaso o lugar de um rapaz é na cozinha?".

"*Kpa*, Mama, não", disse Amala. Ela tinha uma voz estridente.

"Viu só, Ugwu? Lugar de rapaz não é na cozinha." A mãe do Patrão parecia triunfante. Estava parada diante da bancada, já lidando com o peixe seco, tirando espinhas que pareciam agulhas.

"Pois não, Mama." Ugwu estava surpreso que ela não tivesse pedido um copo de água ou tivesse ido lá dentro se trocar. Sentou-se num banco e esperou que ela lhe dissesse o que fazer. Era o que a mãe do Patrão queria; pressentiu isso. Ela estava olhando tudo em volta. Espiou com desconfiança o fogão, deu uma pancada na panela de pressão, tamborilou os dedos pelas panelas.

"Eh! Meu filho gasta dinheiro nessas coisas caras", disse ela. "Está vendo só, Amala?"

"Estou, Mama", disse Amala.

"Essas coisas pertencem a minha patroa, Mama. Ela trouxe muitas coisas de Lagos", disse Ugwu. Estava irritado — com o fato de ela presumir que era tudo do Patrão, com o fato de ter assumido a cozinha, e de ter ignorado seu impecável arroz *jollof* com galinha.

A mãe do Patrão não respondeu. "Amala, venha preparar os inhames", disse.

"Pois não, Mama." Amala pôs os inhames numa panela e, depois, olhou, sem saber o que fazer, para o fogão.

"Ugwu, acenda o fogo para ela. Nós somos gente de aldeia, que só conhece lenha!", disse ela com uma risada curta.

Nem Ugwu nem Amala riram. Ugwu ligou o fogo. A mãe do Patrão atirou um pedaço de peixe seco na boca. "Ponha água para ferver, Ugwu, e depois corte essas folhas de ugu para a sopa."

"Pois não, Mama."

"Tem alguma faca afiada nesta casa?"

"Tem, Mama."

"Então use e corte muito bem o *ugu*."

"Pois não, Mama."

Ugwu acomodou-se diante de uma tábua de cortar. Sabia que estava sendo vigiado. Quando começou a picar as folhas fibrosas da abóbora, ela berrou: "Ei! Ei! É assim que você corta *ugu*? *Alu melu!* Pica mais miudinho! Do jeito como está fazendo, é melhor fazer a sopa com as folhas inteiras".

"Pois não, Mama." Ugwu começou a picar as folhas em tiras tão finas que elas iriam se romper dentro do caldo quente.

"Assim está melhor", disse a mãe do Patrão. "Viu por que os rapazes não têm nada o que fazer na cozinha? Você não sabe nem picar *ugu* direito."

Ugwu queria dizer, Claro que eu pico *ugu* muito bem. Eu faço muitas coisas na cozinha bem melhor que a senhora, mas, em vez disso, falou: "Minha patroa e eu não cortamos legumes com a faca, nós rasgamos com a mão, porque assim eles conservam melhor os nutrientes".

"Sua patroa?" A mãe do Patrão se calou. Era como se ela quisesse dizer algo, mas se conteve. O vapor da água permeava o ar. "Mostre o pilão para Amala para ela poder socar os inhames."

"Pois não, Mama." Ugwu tirou o pilão de madeira de baixo da mesa e estava passando uma água nele quando Olanna chegou. Ela apareceu na porta da cozinha; o vestido era elegante, o sorriso, iluminado.

"Mama!", disse ela. "Bem-vinda, *nno*. Eu sou Olanna. Fez boa viagem?" Ela estendeu os braços para a mãe do Patrão. Aproximou-se para envolvê-la num abraço, mas a outra manteve as mãos na lateral do corpo e não devolveu o abraço.

"Foi, nossa viagem foi boa", disse ela.

"Boa tarde", disse Amala.

"Bem-vinda." Olanna deu um abraço rápido em Amala, antes de se virar para a mãe do Patrão. "Ela é parente de Odenigbo, Mama?"

"Ela me ajuda na casa", disse a mãe do Patrão. Tinha dado as costas para Olanna e mexia a sopa.

"Mama, venha, vamos sentar. *Bia nodu ana*. Não se incomode com a comida. Devia descansar. Deixa que o Ugwu faz tudo."

"Eu quero fazer uma boa sopa para o meu filho."

Houve uma ligeira pausa, antes de Olanna dizer: "Claro, Mama". O ibo dela tinha escorregado para o dialeto que Ugwu escutara do Patrão, quando os primos apareceram para visitá-lo. Olanna deu umas voltas pela cozinha, como se ansiosa para fazer algo que agradasse a mãe, mas sem saber

direito o quê. Abriu a panela de arroz e fechou-a. "Pelo menos me deixe ajudá-la, Mama. Vou trocar de roupa."

"Fiquei sabendo que você não mamou no seio da sua mãe", disse a mãe do Patrão.

Olanna parou onde estava. "O quê?"

"Dizem que você não mamou nos seios da sua mãe." Virando-se para olhar Olanna de frente, continuou: "Por favor, volte e diga a elas que você não conseguiu achar meu filho. Diga às suas companheiras bruxas que não encontrou com ele".

Olanna olhou-a perplexa. A voz da mãe subiu de tom, como se o continuado silêncio de Olanna a obrigasse a gritar. "Você me ouviu? Diga a elas que remédio nenhum vai funcionar com o meu filho. Ele não vai se casar jamais com uma mulher anormal, a menos que me mate antes. Só sobre o meu cadáver!" A mãe do Patrão bateu as mãos, soltou uma espécie de pio e estapeou a boca com a palma da mão, para que o som ecoasse.

"Mama...", disse Olanna.

"Não me venha com mama isso, mama aquilo", disse a outra. "Eu já disse, não me venha com mama isso e aquilo. Me deixe sossegada. Diga a suas companheiras bruxas que você não encontrou o meu filho!" Ela abriu a porta dos fundos e gritou. "Vizinhos! Tem uma bruxa na casa do meu filho! Vizinhos!" A voz dela era aguda. A vontade de Ugwu era pôr-lhe uma mordaça, era enfiar os legumes fatiados na sua boca. A sopa queimava.

"Patroa? A senhora não quer ficar na sala?", perguntou ele, aproximando-se de Olanna.

Olanna pelo visto se controlou. Pôs uma trança atrás da orelha, apanhou sua bolsa da mesa e foi para a porta da frente. "Diga a seu patrão que fui para o meu apartamento", disse ela.

Ugwu seguiu-a e viu quando ela entrou no carro e se foi. Sem acenar. O jardim ficou silencioso; não havia borboletas esvoaçando entre as flores brancas. De volta à cozinha, Ugwu se surpreendeu ao ver a mãe do Patrão cantando uma música religiosa docemente melódica: *Nya nya oya um gaana. Na m metu onu uwe ya aka...*

Ela parou de cantar e limpou a garganta. "Para onde foi aquela mulher?"

"Não sei. Mama", disse Ugwu. Foi até a pia e começou a guardar os pratos limpos. Detestou o aroma forte que a sopa soltava por toda a cozinha; a

primeira coisa que faria, depois que ela se fosse, seria lavar as cortinas, porque aquele cheiro ia ficar impregnado no tecido.

"Foi por isso que eu vim. Eles dizem que ela controla o meu filho", disse ela, mexendo a sopa. "Não me espanta que meu filho ainda não tenha se casado, ao passo que os colegas estão já contando quantos filhos têm. Ela usou bruxaria para segurá-lo. Ouvi dizer que o pai dela veio de uma família de mendigos preguiçosos de Umunnachi, até que conseguiu emprego de coletor de impostos e passou a roubar de gente que trabalha duro. Agora já abriu uma porção de negócios e anda por Lagos como se fosse um bambambã. E a mãe é a mesma coisa. Que mulher põe um filho no mundo e não lhe dá de mamar, se está viva e bem? Por acaso isso é normal, *gbo*, Amala?"

"Não, Mama." Os olhos de Amala estavam focados no chão, como se estivesse fazendo desenhos nele.

"Eu soube que o tempo todo, quando ela era criança, sempre houve uma empregada para limpar o *ike*, depois que ela terminava de cagar. E, para completar, os pais mandaram ela estudar na faculdade. Por quê? Muito estudo acaba com qualquer mulher, todo mundo sabe disso. Faz ela ficar com a cabeça inchada e aí começa a insultar o marido. Que tipo de mulher ela vai ser, me diga?" A mãe do Patrão ergueu uma ponta dos panos para enxugar o suor da testa. "Essas moças que fazem faculdade vão atrás dos homens até ficarem com o corpo inútil. Ninguém sabe se ainda podem ter filhos. Você por acaso sabe? Por acaso alguém sabe?"

"Não, Mama", disse Amala.

"Por acaso alguém sabe, Ugwu?"

Ugwu fez bastante barulho com o prato que estava guardando e fingiu não ter ouvido. Ela se aproximou e bateu em seu ombro.

"Não se preocupe, meu filho vai achar uma boa mulher e não vai mandar você embora depois de casar."

Talvez, se concordasse com tudo, ela ficaria exausta mais rápido e calaria a boca. "Pois não, Mama", disse.

"Eu sei como meu filho deu duro para chegar aonde chegou. E tudo isso não é para ser desperdiçado com uma perdida."

"Não, Mama."

"Eu não me importo de onde venha a mulher com quem meu filho vai se casar. Não sou daquele tipo de mãe que vive tentando encontrar mulher

para os filhos na própria aldeia. Mas não quero uma mulher *wawa*, nem nenhuma daquelas mulheres *imo* ou *aro*, claro; elas falam um dialeto tão estranho que eu me pergunto quem disse a elas que somos todos do povo ibo."

"Pois não, Mama."

"Não vou deixar que essa bruxa continue controlando meu filho. Ela não vai conseguir. Vou consultar o *dibia* Nwafor Agbada, quando voltar para casa; os remédios dele são famosos lá nas minhas bandas."

Ugwu parou. Conhecia muitas histórias de gente que havia usado remédio do *dibia*: a primeira esposa sem filhos que deu um nó no útero da segunda esposa, a mulher que fez o próspero filho de uma vizinha enlouquecer, o homem que matou o irmão por causa de uma disputa de terras. Talvez a mãe do Patrão resolvesse dar um nó no útero de Olanna, ou aleijá-la, ou, mais assustador ainda, matá-la.

"Estou indo, Mama. Meu Patrão me mandou ir ao quiosque", disse Ugwu, saindo às pressas pela porta dos fundos antes que ela dissesse qualquer coisa. Tinha de conversar sobre isso com o Patrão. Já fora até a faculdade uma vez, no carro de Olanna, num dia em que ela havia parado no departamento dele para pegar alguma coisa, e estava certo de que poderia achar o prédio de novo. Ficava perto do zoológico, e sua turma havia visitado o zoológico fazia pouco tempo, numa fila única, liderada pela professora Oguike, com ele atrás de todo mundo, por ser o mais alto.

Na esquina da rua Mbanefo, viu o carro do Patrão vindo na sua direção. O carro parou.

"Este não é o caminho do mercado, é, meu bom homem?", perguntou o Patrão.

"Não, *sah*. Eu estava indo falar com o senhor."

"Minha mãe chegou?"

"Chegou, *sah*. *Sah*, aconteceu uma coisa."

"O quê?"

Ugwu contou sobre os acontecimentos da tarde, relatando rapidamente as palavras das duas mulheres, e terminou com a mais horrível das notícias: "Mama disse que vai falar com o *dibia*, *sah*".

"Quanta besteira. *Ngwa*, entre no carro. Acho melhor você voltar comigo."

Ugwu chocou-se ao ver que o Patrão não tinha ficado chocado, que ele não tinha entendido a gravidade da situação, por isso acrescentou: "Foi muito mau, *sah*. Muito mau. Mama quase estapeou a patroa".

"O quê? Ela estapeou Olanna?", perguntou o Patrão.

"Não, *sah*." Ugwu fez um silêncio; talvez tivesse ido longe demais. "Mas bem que parecia que ela queria estapear".

O rosto do Patrão relaxou. "Ela nunca foi lá muito razoável, de qualquer modo", disse ele, em inglês, abanando a cabeça. "Vamos entre, vamos embora."

Porém Ugwu não queria entrar no carro. Queria que o Patrão fizesse a manobra e fosse direto para o apartamento de Olanna. Sua vida estava organizada, segura, e a mãe do Patrão teria de parar de embaralhar as coisas; o primeiro passo era o Patrão ir aplacar Olanna.

"Entre no carro", repetiu o Patrão, estendendo o braço até a outra porta para se certificar de que estava destrancada.

"Mas, *sah*. Eu achava que o senhor ia ver minha patroa."

"Entra, seu energúmeno!"

Ugwu abriu a porta, entrou e o Patrão seguiu para a rua Odim.

* Do poema "The pied piper of Hamelin", de Robert Browning (1812-89). Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

5.

Olanna olhou para Odenigbo pelo vidro por alguns momentos, antes de abrir a porta. Fechou os olhos na hora em que ele entrou, como se, fazendo isso, pudesse negar o prazer que o perfume da colônia Old Spice trazia. Ele estava vestido para jogar tênis, com o short branco que, tantas vezes, só para amolá-lo, ela chamou de apertado no traseiro.

"Estive conversando com a minha mãe, caso contrário teria vindo antes", disse ele. Encostou os lábios nos dela e fez um gesto para o velho bubu que ela usava. "Você não vai ao clube?"

"Estava cozinhando."

"Ugwu me disse o que houve. Eu sinto muito que minha mãe tenha se comportado dessa forma."

"Eu tive de sair... da sua casa." A voz de Olanna falhou. Ela queria ter dito *nossa casa*.

"Mas não precisava, *nkem*. Você não devia ter prestado atenção nela." Colocou um exemplar da revista *Drum* sobre a mesa e começou a andar de um lado a outro, na sala. "Resolvi falar com o doutor Okoro sobre a greve dos trabalhadores. É inaceitável que Balewa e seus cupinchas pura e simplesmente rejeitem todas as reivindicações. Simplesmente inaceitável. Temos de mostrar o nosso apoio. Não podemos nos alienar."

"Sua mãe fez um papelão."

"Você está zangada." Odenigbo parecia surpreso. Sentou-se na poltrona e, pela primeira vez, Olanna reparou no espaço grande que havia entre os móveis, como era esparsa a mobília, como tudo parecia desabitado. Todas as suas coisas estavam na casa dele; seus livros prediletos estavam nas estantes do escritório dele. "*Nkem*, não achei que você fosse levar isso tão a sério. Mas você viu que minha mãe não sabe o que faz. Ela é apenas uma

mulher que morou a vida toda numa aldeia. E tenta abrir caminho no novo mundo com recursos que estariam melhor no velho." Odenigbo levantou e aproximou-se, para abraçá-la, porém Olanna deu as costas e foi para a cozinha.

"Você nunca falou sobre sua mãe", disse. "Nunca me chamou para ir com você até Abba, para visitá-la."

"Pára com isso, *nkem*. Aliás, eu nem visito minha mãe tanto assim. E perguntei, sim, se você queria ir, da última vez, só que você estava indo para Lagos."

Olanna foi até o fogão e passou várias vezes uma esponja sobre a superfície morna, de costas para Odenigbo. A impressão era a de que, de alguma forma, decepcionara tanto Odenigbo quanto ela própria, ao permitir que o comportamento da mãe a deixasse tão perturbada. Devia ter-se posto acima daquela cena; devia ter sacudido os ombros, devia ter visto que era escarcéu de uma mulher de aldeia; não tinha sentido ficar imaginando todas as respostas que poderia ter dado, em vez de permanecer calada na cozinha. Acontece que estava irritada, e ficou ainda mais com as palavras de Odenigbo, que pelo visto não podia acreditar que ela não era tão magnânima quanto ele imaginava. Ele a estava fazendo sentir-se pequena e absurdamente petulante, e, o que era pior, talvez estivesse certo. Talvez ele estivesse sempre certo. Por um breve instante irracional, desejou poder largá-lo. Depois desejou, com um pouco mais de lógica, poder amá-lo sem precisar dele. Precisar dava poder a Odenigbo, sem que ele tentasse obtê-lo; precisar era a incapacidade de discernir que muitas vezes a acometia quando estava ao lado dele.

"O que você fez?", perguntou Odenigbo.

"Arroz." Ela enxaguou a esponja e guardou. "Você não vai jogar tênis?"

"Achei que você também ia."

"Perdi a vontade." Olanna virou-se. "Por que o comportamento da sua mãe se torna aceitável por ela ser uma mulher de aldeia? Conheço uma porção de mulheres de aldeia que não se comportam dessa maneira."

"*Nkem*, a vida inteira da minha mãe é em Abba. Você por acaso sabe que tamanho tem essa pequena vila? Claro que ela vai se sentir ameaçada por uma mulher instruída vivendo com o filho. Claro que você tem que ser uma bruxa. É só assim que ela consegue entender. A grande tragédia do mundo pós-colonial não é não ter dado à maior parte a chance de dizer se

queria ou não esse novo mundo; a grande tragédia é que a maioria não recebeu as ferramentas para *negociar* nesse novo mundo."

"Você conversou com ela?"

"Não havia por quê. Olha só, eu quero pegar o doutor Okoro no clube. Vamos discutir isso quando eu voltar. Eu fico aqui, esta noite."

Ela parou de lavar as mãos. Queria que ele a convidasse a voltar para casa com ele, queria que ele dissesse que iria repreender a mãe na frente dela, por ela. Mas lá estava ele, resolvido a passar a noite na casa dela, feito um menino assustado se escondendo da mãe.

"Não", disse ela.

"O quê?"

"Eu disse não." Ela foi para a sala de estar sem enxugar as mãos. O apartamento parecia pequeno.

"Qual é o problema, Olanna?"

Ela sacudiu a cabeça. Não permitiria que ele deixasse nela a sensação de que havia algo errado com *ela*. Tinha o direito de ficar irritada, o direito de não escolher deixar a humilhação de lado em nome de um intelectualismo exaltado, e reivindicava esse direito. "Vá." E fez um gesto para a porta. "Vá jogar sua partida de tênis e não volte aqui."

Ele se levantou e saiu, batendo a porta. Nunca tinham tido uma briga; ele sempre tivera paciência com as discordâncias de Olanna, ao contrário do que fazia com os outros. Mas talvez estivesse apenas sendo condescendente e não levasse a sério suas opiniões, para começo de conversa. Olanna estava meio zonza. Sentou-se sozinha na mesa nua — até seus jogos americanos estavam na casa dele — e comeu seu arroz. Não tinha gosto de nada, muito diferente daquele que Ugwu fazia. Ligou o rádio. Pensou ter ouvido chiados no forro. Levantou-se para visitar sua vizinha, Edna Whaler; sempre teve vontade de conhecer melhor a bonita negra norte-americana que, às vezes, levava para ela pratos cobertos com um pano, com biscoitos também americanos. Mas mudou de idéia na porta e não saiu. Depois de ter levado o arroz quase todo de volta para a cozinha, andou pela casa, apanhando jornais antigos e largando no mesmo lugar. Por fim, foi até o telefone e esperou a telefonista atender.

"Me dá o número rápido, eu tenho mais o que fazer", disse uma voz preguiçosa e anasalada.

Olanna estava acostumada com a inépcia e a falta de profissionalismo das telefonistas, mas essa era a experiência mais grosseira que já tinha tido.

"*Haba*, eu corto esta linha se você continuar desperdiçando meu tempo", disse a telefonista.

Olanna deu um suspiro e, lentamente, deu o número de Kainene.

Kainene parecia sonolenta ao pegar o fone. "Olanna? Aconteceu alguma coisa?"

Olanna sentiu uma certa melancolia; sua irmã gêmea achava que só tendo acontecido alguma coisa é que ela ligaria. "Não, nada. Eu só queria dizer *kedu*, ver como você vai."

"Mas que chocante." Kainene bocejou. "Como vai Nsukka? E o seu amante revolucionário?"

"Odenigbo está ótimo. E Nsukka também."

"Richard parece apaixonado. Está fascinado até com o seu amante revolucionário."

"Você devia fazer uma visita."

"Richard e eu preferimos nos encontrar aqui em Port Harcourt. Aquele caixotinho que deram para ele como casa não é exatamente adequado."

A intenção de Olanna fora dizer a Kainene que ela deveria fazer uma visita para *ela*, ela e Odenigbo. Mas é claro que Kainene entendera muito bem o que ela tinha dito e simplesmente achara melhor fingir não entender.

Mas, em vez de consertar, disse: "Estou indo para Londres no mês que vem. Quem sabe você podia vir junto?".

"Tenho muita coisa para fazer, aqui. Ainda não estamos em temporada de férias."

"Por que nós não conversamos mais, Kainene?"

"Mas que pergunta." Kainene parecia ter achado graça e Olanna imaginou o sorriso zombeteiro levantando um dos cantos da boca.

"Só queria saber por que nós não conversamos mais", repetiu. Kainene não respondeu. Um zumbido de estática invadiu a linha telefônica. Ficaram tanto tempo em silêncio que Olanna achou que devia se desculpar. "Não quero tomar seu tempo", falou.

"Você vai ao jantar de aniversário do papai, na semana que vem?", perguntou Kainene.

"Não."

"Eu já devia ter imaginado. Imagino que seja opulento demais para o seu revolucionário abstêmio e você."

"Não quero tomar seu tempo", repetiu Olanna, pondo o fone no gancho. Tornou a pegá-lo, e estava prestes a pedir à telefonista que ligasse para o número da mãe, mas mudou de idéia e desligou. Gostaria de ter alguém em quem se apoiar; depois desejou ser uma outra pessoa, daquelas que não precisam recorrer a ninguém, como Kainene. Puxou o fio do telefone, para desenroscá-lo. Os pais haviam insistido em instalar uma linha, como se não tivessem escutado a filha dizer que iria praticamente morar com Odenigbo. Ela protestara, mas sem muita veemência, com aquele mesmo não murcho com que recebia os depósitos frequentes em sua conta bancária e com que encarou o Impala novo, de estofamento macio.

Embora soubesse que Mohammed viajara, deu o número dele em Kano para a telefonista; a voz anasalada disse: "Você está falando demais hoje!", antes de conectá-la. Ela continuou segurando o fone bem depois de não ter recebido resposta. Ouviu de novo um ruído farfalhado no forro. Sentou-se no chão e encostou a cabeça na parede, para ver se se sentia menos leve, menos desgovernada. A visita da mãe de Odenigbo abrira um buraco na rede de penas macias que a sustinha, tirara algo dela, e Olanna estava apreensiva. Era como estar a um passo de onde deveria estar. Era como se tivesse deixado suas pérolas ao léu por tempo excessivo, e já fosse hora de juntá-las e guardá-las com mais cuidado. A idéia lhe veio lentamente: queria ter um filho com Odenigbo. Eles nunca tinham discutido esse assunto de fato. Uma vez ela lhe dissera que não tinha a lendária ânsia feminina de engravidar; sua mãe a chamara de *anormal*, até Kainene dizer que também não fazia parte da turma. Odenigbo riu e disse que pôr uma criança num mundo tão injusto quanto o nosso era um ato de burguesia *blasée*, de todo modo. Nunca mais se esquecera da frase: o parto como um ato de burguesia *blasée* — era engraçado, e mentiroso também. Assim como ela também nunca pensara em ter um filho, até então; a ânsia que veio do ventre foi repentina, ardente e nova. Ela queria o peso sólido de uma criança, um filho, em seu corpo.

Quando a campainha tocou, nessa noite, ela saiu da banheira e foi até a porta embrulhada numa toalha. Odenigbo estava segurando um pacote de *suya* embrulhado em jornal; ela sentiu o cheiro defumado e apimentado que vinha da comida.

"Você ainda está com fome?", perguntou ele.

"Estou."

"Vista-se e vamos voltar juntos. Eu falo com a minha mãe."

Ele cheirava a conhaque. Entrou e pôs o *suya* sobre a mesa; nos olhos avermelhados de Odenigbo, Olanna viu lampejos da vulnerabilidade que se ocultava tão bem debaixo da confiança volúvel. Ele sentia medo, afinal. Ela encostou o rosto em seu pescoço, quando ele a abraçou, e lhe disse, em voz baixa: "Não, você não precisa fazer isso. Fique aqui".

Depois que a mãe de Odenigbo partiu, Olanna voltou para casa. Ugwu disse: "Desculpe, patroa", como se ele de alguma forma fosse o responsável pelo comportamento de Mama. Depois remexeu no bolso do avental e acrescentou: "Eu vi um gato preto ontem à noite, depois que Mama e Amala partiram".

"Um gato preto?"

"Sim, senhora. Perto da garagem." Ficou alguns momentos calado. "Gato preto significa desgraça."

"Entendo."

"Mama disse que ia falar com o *dibia* da aldeia."

"E você acha que foi o *dibia* que enviou o gato preto para nos morder?" Olanna riu.

"Não, senhora." Ugwu cruzou os braços, desolado. "Aconteceu na minha aldeia, patroa. Uma mulher foi até o *dibia* e conseguiu remédio para matar a mulher mais velha, e uma noite antes que a mulher mais velha morresse, um gato preto passou na frente da cabana dela."

"Quer dizer que Mama vai usar o remédio do *dibia* para me matar?", perguntou Olanna.

"Ela quer separar vocês dois."

A solenidade de Ugwu a comoveu. "Tenho quase certeza de que o gato era do vizinho, Ugwu", disse ela. "A mãe do seu patrão não pode usar remédio nenhum para nos separar. Nada pode nos separar."

Ugwu voltou para a cozinha e Olanna ficou pensando no que acabara de dizer. *Nada pode nos separar*. Claro que o remédio que a mãe dele queria conseguir com o *dibia* — e na verdade todos os feitiços supernaturais — não significavam nada para ela, mas de novo ficou preocupada quanto a

seu futuro com Odenigbo. Ela queria certeza. Ansiava por um sinal, um arco-íris, que significasse segurança. De qualquer forma, estava aliviada de voltar à vida normal, à vida deles, de dar aulas, jogar tênis e receber os amigos que enchiam a sala. Como eles costumavam chegar bem mais tarde, surpreendeu-se de ouvir a campainha tocar durante a tarde, uma semana depois, quando Odenigbo ainda estava dando aula. Era Richard.

"Olá", disse ela, convidando-o a entrar. Ele era muito alto; Olanna tinha que virar a cabeça para olhá-lo, para ver os olhos da cor de um mar sereno e os cabelos que caíam sobre a testa.

"Eu só queria deixar isso para Odenigbo", disse ele, entregando um livro a Olanna. Ela adorava o jeito como ele pronunciava Odenigbo, enfatizando tão sinceramente o nome todo. Ele evitava olhar nos olhos de Olanna.

"Não quer sentar?", perguntou ela.

"Estou meio apressado, infelizmente. Tenho que tomar o trem."

"Você está indo para Port Harcourt para ver Kainene?" Olanna se perguntou por que tinha feito a pergunta. Era óbvio o bastante.

"Estou. Eu vou todo fim de semana."

"Diga um olá meu para ela."

"Pode deixar."

"Eu falei com ela na semana passada."

"Pois é. Ela mencionou o telefonema." Richard continuava no mesmo lugar. Deu uma olhada nela e desviou rapidamente a vista, e Olanna viu o rubor lhe subir pelo rosto. Já vira o mesmo tipo de olhar vezes demais para não perceber que ele a achava bela.

"Como está indo o livro?"

"Muito bem. É incrível, de fato, o cuidado com que foram feitos os enfeites, todos eram considerados arte; não foi nenhum acidente... Mas não quero aborrecê-la."

"Mas não está me aborrecendo." Olanna sorriu. Gostava da timidez dele. E não queria que ele fosse embora, não ainda. "Você quer que o Ugwu lhe traga um pouco de *chin-chin*? Está uma delícia; ele fez hoje de manhã."

"Não, obrigado. Eu preciso ir." Mas não se mexeu. Afastou o cabelo do rosto e o cabelo caiu de novo na testa.

"Certo, então. Bom, faça uma boa viagem."

"Obrigado." Mas continuou no mesmo lugar.

"Você vai dirigindo? Não, claro, agora lembrei. Você vai tomar o trem." Ela deu uma risada desajeitada.

"É, eu vou tomar o trem."

"Faça uma boa viagem."

"Certo. Então é isso."

Olanna o viu partir e, muito tempo depois que o carro tinha feito a manobra e saído, continuava na porta, vendo um pássaro de peito vermelho-sangue andar no gramado.

Pela manhã, Odenigbo tinha mania de despertá-la levando o dedo dela até a boca. Olanna abriu os olhos; viu a luz esfumaçada da alvorada através das cortinas.

"Se você não quer se casar comigo, *nkem*, então vamos ter um filho", disse ele.

O dedo abafava a voz dele, de modo que tirou a mão e sentou-se na cama, para olhá-lo, seu peito largo, seus olhos inchados de sono, queria ver se havia entendido direito.

"Vamos ter um filho", disse ele de novo. "Uma menina, igualzinha a você, e nós podemos chamá-la de Obianuju, porque ela vai nos completar."

Olanna queria dar um tempo até o cheiro da visita da mãe se dissipar, antes de lhe dizer que queria ter um filho, e lá estava ele, dando voz a seu desejo antes mesmo dela. Olhou-o espantada. Isso era amor: uma corrente de coincidências que iam juntando significado e se tornavam milagres. "Ou um menino", disse ela por fim.

Odenigbo a puxou e eles ficaram deitados lado a lado, sem se tocar. Ela escutou o *cou-cou-cou* rascante dos melros que comiam os papaias do jardim.

"Vamos pedir para o Ugwu trazer o café aqui", disse ele. "Ou será que este é um dos seus domingos de fé?" Ele sorria seu sorriso gentilmente indulgente e ela estendeu a mão, para contornar o lábio inferior e a penugem por baixo. Ele gostava de mexer com ela e dizer que religião não era serviço social; Olanna só ia à igreja para as reuniões da Irmandade de São Vicente de Paula e, nessas ocasiões, levava Ugwu; juntos, circulavam de

carro pelas trilhas de terra das aldeias mais próximas, oferecendo cará, arroz e roupas usadas.

"Hoje eu não vou", disse ela.

"Ótimo. Temos muito trabalho a fazer."

Olanna fechou os olhos porque Odenigbo estava montado nela e, quando se mexeu, lânguido de início, depois com vigor, ele sussurrou: "Nós vamos ter um filho brilhante, *nkem*, um filho brilhante", e ela concordou, vamos, vamos. Mais tarde, sentiu-se feliz de saber que parte do suor em seu corpo era dele e parte do suor no corpo dele era dela. Toda vez que ele saía dela, Olanna apertava as pernas bem juntas, com os tornozelos cruzados, e respirava fundo, como se o movimento dos pulmões pudesse apressar a concepção. Porém não tinham concebido um filho e ela sabia disso. A súbita idéia de que pudesse haver algo de errado com seu corpo enrodilhou-se em torno dela e a enfraqueceu.

6.

Richard tomou a sopa de pimenta lentamente. Depois de comer os pedaços de tripa, ergueu a tigela de vidro até os lábios e tomou o caldo. Seu nariz escorria, havia uma queimação deliciosa na língua e sabia que estava com o rosto vermelho.

"Richard come isso com tanta facilidade", disse Okeoma, sentado a seu lado, observando.

"Pois é! Nunca pensei que nossa pimenta fosse feita para tipos como você, Richard!", disse Odenigbo, da outra ponta da mesa.

"Nem eu consigo digerir essa pimenta", comentou outro convidado, um ganense, professor de economia, cujo nome Richard havia esquecido.

"O que prova que ele foi africano numa vida passada", disse a srta. Adebayo, antes de assoar o nariz no guardanapo.

Os convidados riram. Richard também, mas não muito alto, porque a boca ainda estava com muita pimenta. Recostou-se de novo na cadeira. "Fantástico. Limpa tudo."

"As costeletinhas também ficaram uma delícia, Richard", disse Olanna. "Obrigada por ter trazido." Ela estava sentada ao lado de Odenigbo e debruçou-se de leve na mesa, ao sorrir para ele.

"Eu sei que isso aqui é rolinho de salsicha, mas o que são essas coisas?" Odenigbo cutucava a bandeja que Richard tinha levado; Harrison embrulhara tudo muito graciosamente em papel-alumínio.

"Miniberinjela recheada, é isso?" Olanna deu uma olhada para Richard.

"Exato. O Harrison tem tudo quanto é idéia. Ele tirou o miolo e recheou com queijo, acho eu, e temperos."

"Você sabia, Richard, que os europeus tiraram as entranhas de uma africana, empalharam e saíram pela Europa, para exibi-la?", perguntou Ode-

nigbo.

"Odenigbo, nós estamos comendo!", disse a srta. Adebayo, embora estivesse abafando o riso.

Os outros todos riram. Odenigbo não. "É o mesmo princípio", disse. "Você recheia comida, você recheia gente. O que eu digo é que, se você não gosta de um determinado alimento, esquece, come outra coisa, mas não me venha com recheios diferentes. Eis aí um desperdício de berinjela, na minha opinião."

Até Ugwu parecia estar achando a história divertida quando entrou na sala de jantar para tirar a mesa. "Mister Richard, *sah*? Ponho a comida numa vasilha para o senhor?"

"Não, guarde ou jogue fora", disse Richard. Ele nunca levava embora a comida que trazia; para Harrison, só transmitia os elogios dos convidados — como estava tudo muito bonito —, mas não acrescentava que tinham passado ao largo de seus canapés para comer o moi-moi, a sopa de pimenta e a galinha cozida em ervas de Ugwu.

Estavam todos indo para a sala de estar. Logo mais, Olanna apagaria a luz porque o brilho fluorescente da lâmpada era excessivo, Ugwu levaria mais bebidas, e então conversariam, dariam risada, ouviriam música, e a luz que vinha do corredor encheria a sala de sombras. Essa era a parte predileta da noite, para Richard, embora às vezes se perguntasse se Olanna e Odenigbo se tocavam, na penumbra. Não deveria estar pensando neles, sabia; não era assunto seu. Mas pensava. Reparou no jeito como Odenigbo olhava para ela, no meio de uma discussão, não como quem precisa do apoio de alguém, porque ele nunca parecia precisar de ninguém, mas simplesmente para ter certeza de que ela estava ali. Também via como às vezes Olanna piscava para Odenigbo, comunicando coisas que ele jamais saberia.

Richard apoiou seu copo de cerveja sobre uma mesinha de canto e sentou junto da srta. Adebayo e Okeoma. Sua língua apimentada ainda ardia. Olanna levantou para mudar o disco. "Primeiro Rex Lawson, o meu favorito, depois eu ponho o Osadebe."

"Ele é um pouco derivativo, não é não, esse Rex Lawson?", perguntou o professor Ezeka. "Uwaifo e Dairo são músicos bem melhores."

"Toda música é derivativa, professor", disse Olanna, em tom de brincadeira.

"Rex Lawson é um verdadeiro nigeriano. Não se apega a sua tribo *kalabari*; canta em todas as nossas principais línguas. Isso é original — e com certeza um motivo para gostarmos dele", disse a srta. Adebayo.

"Esse é um motivo para não gostarmos dele", retrucou Odenigbo. "Esse nacionalismo que significa que devemos aspirar à indiferença diante de nossas próprias culturas é uma burrice."

"Não percam tempo querendo saber a opinião de Odenigbo sobre música High Life. Ele nunca entendeu", disse Olanna, rindo. "Ele gosta mesmo é de música clássica, mas odeia ter que admitir isso em público porque é um gosto ocidental demais."

"A música não tem fronteiras", disse o professor Ezeka.

"Mas sem dúvida alguma está enraizada na cultura, e as culturas são específicas, certo?", perguntou Okeoma. "Não poderíamos dizer então que Odenigbo adora a cultura ocidental que produziu a música clássica?"

Todos riram e Odenigbo olhou para Olanna de um jeito que suavizava seus olhos. A srta. Adebayo voltou ao assunto do embaixador francês. Não achava que os franceses deveriam ter testado armas atômicas na Argélia, claro, mas não entendia por que importava tanto assim para Balewa cortar relações diplomáticas com a França. Ela parecia perplexa, o que não era comum nela.

"Está muito claro que Balewa fez isso porque quer desviar a atenção do pacto de defesa que assinou com os britânicos", disse Odenigbo. "E sabe que fazer pouco dos franceses sempre vai agradar os patrões. Ele é o ordenança dos britânicos. Foram eles que o puseram lá, eles lhe dizem o que fazer, e ele faz, um verdadeiro modelo parlamentar, no melhor estilo de Westminster."

"Sem modelo parlamentar de Westminster hoje", disse o dr. Patel. "Okeoma prometeu ler uma poesia."

"Eu já disse a vocês que Balewa fez isso simplesmente porque quer que os norte-africanos gostem dele", disse o professor Ezeka.

"Que os norte-africanos gostem dele? Você então acha que ele está preocupado com os outros africanos? O branco é o único patrão que Balewa conhece", disse Odenigbo. "Não foi ele que disse que os africanos não estão preparados para se autogovernar na Rodésia? Se os britânicos o mandarem dizer que é um macaco castrado, ele diz."

"Quanta bobagem", disse o professor Ezeka. "Você está tergiversando."

"Você se recusa a ver as coisas como elas realmente são!" Odenigbo mudou de posição na poltrona. "Estamos vivendo num período de grande perversidade branca. Os brancos estão desumanizando os negros da África do Sul e da Rodésia, fermentaram o que ocorreu no Congo, não querem deixar os negros norte-americanos votar, não querem deixar os aborígines australianos votar, mas o pior de tudo é o que estão fazendo aqui. Esse pacto de defesa é pior do que o *apartheid* e a segregação, mas nós não percebemos. Eles estão controlando a gente por trás das cortinas. E isso é muito perigoso!"

Okeoma debruçou-se para mais perto de Richard. "Esses dois não vão me deixar ler o poema hoje."

"Eles estão em plena forma e loucos para discutir", disse Richard.

"Como sempre." Okeoma riu. "E como vai indo o seu livro, falando nisso?"

"Com muito custo, vai avançando."

"É um romance sobre expatriados?"

"Bom, não, não exatamente."

"Mas é um romance, certo?"

Richard tomou um gole de cerveja e perguntou-se o que Okeoma pensaria se soubesse a verdade — que nem mesmo ele sabia se era um romance ou não, porque as páginas que escrevera não perfaziam um todo coerente.

"Tenho um grande interesse pela arte de Igbo-Ukwu, e queria fazer disso a parte principal do livro."

"Como assim?"

"Sinto um grande fascínio por aqueles artefatos de bronze, e isso desde o dia em que soube da descoberta. Os detalhes são espantosos. É quase incrível que esse povo já estivesse tão adiantado na complicada arte de fundir com cera perdida à época das invasões viquingues. Há uma magnífica complexidade nos objetos, simplesmente magnífica."

"Você parece surpreso", disse Okeoma.

"O quê?"

"Você parece surpreso, como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça que esse *povo* fosse capaz de fazer tais coisas."

Richard olhou para Okeoma; havia um novo e silencioso desdém na forma como ele o fitou de volta e franziu de leve o cenho, antes de dizer: "Já

chega, Odenigbo e professor! Eu trouxe um poema que quero ler para todos vocês".

Richard sugou a língua. A queimação das pimentas estava agora insuportável e ele mal esperou Okeoma terminar de ler um poema estranho — sobre africanos com brotoeja na bunda por defecarem em baldes importados — para se levantar e partir.

"Você continua concordando que eu leve Ugwu até o povoado dele, na semana que vem, Odenigbo?", perguntou Richard.

Odenigbo deu uma olhada para Olanna.

"Claro que sim", disse ela. "Espero que goste de ver a festa dos *oriokpa*."

"Tome mais uma cerveja, Richard", convidou Odenigbo.

"Estou indo para Port Harcourt amanhã bem cedo, de modo que preciso ir dormir", disse ele, mas Odenigbo já tinha se voltado para o professor Ezeka.

"E o que me diz dos imbecis dos políticos da Assembléia Ocidental, em quem a polícia teve de usar gás lacrimogêneo? Gás lacrimogêneo! E os assistentes levando o corpo desfalecido deles para o carro! Imagine!"

A idéia de que Odenigbo não sentiria sua falta, depois que partisse, tirou o ânimo de Richard. Ao chegar em casa, Harrison abriu a porta e curvou-se. "Boa noite, *sah*. A comida sai bem, *sah*?"

"Foi, foi tudo bem, agora me deixa dormir", retrucou rispidamente. Não estava com espírito para o que certamente viria em seguida: Harrison se ofereceria para ensinar a todos os criados de seus amigos, desejosos de aprender os segredos de magníficas receitas, como fazer um *trifle* de xerez ou berinjelas recheadas. Foi para o escritório, espalhou as páginas do seu manuscrito no chão e ficou olhando: algumas páginas de um romance de cidade pequena, um capítulo de um romance sobre o arqueólogo, e umas poucas páginas de descrições extasiadas dos bronzes. Começou a amassá-las, página por página, até ficar com uma pilha irregular junto à lixeira, e só então levantou-se e foi para a cama, com a sensação de sangue quente nos ouvidos.

Não dormiu bem; era como se tivesse acabado de pôr a cabeça no travesseiro, quando um sol esfuziante jorrou através das cortinas e ele escutou os barulhos de Harrison na cozinha e de Jomo trabalhando no quintal. Sentiu-se frágil. Mal podia esperar para dormir de verdade, com o braço fino de Kainene encostado em seu corpo.

Harrison serviu ovos fritos e torrada.

"*Sah*? Tem uns papéis que eu vejo no chão do escritório?" A fisionomia dele parecia alarmada.

"Deixe onde estão."

"Pois não, *sah*." Harrison cruzou e descruzou várias vezes os braços. "O senhor leva mãoscrito? Quer eu pego outros papéis?"

"Não, eu não vou trabalhar neste fim de semana", disse Richard. Dessa vez, ao contrário das outras, não achou graça na decepção que tomou conta da fisionomia de Harrison. Enquanto tomava o trem, perguntou-se o que ele fazia nos fins de semana. Talvez preparasse para si pequenas e bonitas refeições de grande delicadeza. Não devia ter sido tão grosseiro com o pobre homem; não era culpa de Harrison o fato de Okeoma o considerar presunçoso. O que mais o preocupava era a expressão no rosto de Okeoma: uma desconfiança desdenhosa que o levou a pensar já ter lido em algum lugar que os africanos e os europeus seriam sempre irreconciliáveis. Era errado, da parte de Okeoma, presumir que ele fosse um daqueles ingleses que não davam aos africanos a chance de possuir uma inteligência igual. Talvez estivesse mesmo surpreso, pensando bem, mas era a mesma surpresa que expressaria se uma descoberta semelhante fosse feita na Inglaterra ou em qualquer outra parte do mundo.

Os vendedores ambulantes andavam de lá para cá. "Amendoim cozido!" "Laranjas!" "Banana-da-terra!"

Richard chamou uma jovem que levava uma bandeja de amendoins que, a bem da verdade, ele não desejava. Ela baixou a bandeja, ele pegou um amendoim, estalou a casca entre os dedos e comeu, antes de pedir dois copinhos. Ela parecia espantada de ele saber que era preciso experimentar antes, e pensou, com azedume, que Okeoma também teria se espantado. Antes de comer, examinava cada amendoim — mole, arroxeado, murcho — tentando não pensar nas páginas amassadas no escritório, até que o trem chegou a Port Harcourt.

"Madu nos convidou para jantar amanhã", disse Kainene, enquanto deixava a estação ferroviária em seu longo carro americano. "A mulher dele acabou de voltar do exterior."

"É mesmo?" Richard não disse muita coisa mais e, em vez disso, olhou para os ambulantes na rua, gritando, gesticulando, correndo atrás dos carros para recolher o dinheiro.

O ruído da chuva batendo contra o vidro da janela o acordou, na manhã seguinte. Kainene estava deitada a seu lado, os olhos meio abertos, daquele jeito misterioso que significava que estava profundamente adormecida. Olhou para a pele de puro chocolate, brilhante de óleo, e baixou a cabeça até seu rosto. Não a beijou, não deixou que as faces se tocassem, mas aproximou-se até poder sentir a umidade do hálito e o cheiro levemente fermentado que exalava. Espreguiçou-se e foi até a janela. A chuva caía de atravessado em Port Harcourt, de modo que a água batia nas janelas e paredes, em vez de cair sobre o telhado. Talvez pela proximidade do oceano e da atmosfera, tão pesada de água que despejava a chuva antes da hora. Por alguns momentos, a chuva ficou mais intensa e o barulho na janela aumentou, feito pedregulhos lançados contra o vidro. Ele se espreguiçou de novo. A chuva havia parado e as vidraças nublaram. Atrás dele, Kainene se mexeu e resmungou algo.

"Kainene?"

Ela continuava com os olhos semiabertos, a respiração regular.

"Eu vou dar uma volta", disse ele, embora tivesse certeza de que ela não escutara.

Do lado de fora, Ikejide estava apanhando laranjas; o uniforme fazia pregas nas costas quando ele cutucava uma fruta com a vareta.

"Bom dia, *sah*", disse ele.

"*Kedu*?", perguntou Richard. Sentia-se à vontade exercitando seu ibo com os empregados de Kainene, porque eles eram tão infensos a qualquer manifestação que não tinha a menor importância acertar ou não o tom.

"Estou bem, *sah*."

"*Jisie ike*."

"Pois é, *sah*."

Richard foi até o fundo do pomar, de onde podia avistar, por entre o arvoredo, a espuma branca das ondas do mar. Sentou-se no chão. Gostaria que o major Madu não os tivesse convidado para jantar; não estava nem um pouco interessado em conhecer a mulher dele. Levantou-se, espreguiçou-se, deu a volta até o jardim da frente e olhou para a primavera violeta que subia pelo muro. Andou por alguns momentos pelo trecho enlameado da estrada deserta que levava até a casa, antes de voltar. Kainene estava na

cama, lendo um jornal. Ele se acomodou do lado dela e Kainene estendeu a mão e tocou em seu cabelo, os dedos afagando delicadamente o couro cabeludo de Richard. "Tudo bem com você? Você está tenso desde ontem."

Richard contou-lhe sobre Okeoma e, como ela não respondeu de imediato, acrescentou: "Lembro-me da primeira vez que li sobre a arte de Igbo-Ukwu, num artigo em que um professor de Oxford descrevia as peças como tendo um estranho rococó, com quase a virtuosidade de um Fabergé. Nunca me esqueci disso — *rococó, quase com a virtuosidade de um Fabergé*. Me apaixonei por essa expressão."

Kainene dobrou o jornal e colocou-o na mesinha-de-cabeceira. "Por que se importa tanto com o que Okeoma acha?"

"Porque eu amo aquela arte. Foi uma coisa horrível, da parte dele, me acusar de desrespeito."

"E é errado, da sua parte, achar que o amor não deixa espaço para mais nada. É bem possível amar e ainda assim ser condescendente em relação ao que se ama."

Richard afastou-se um pouco. "Nem sei mais o que estou fazendo. Não sei nem mesmo se sou escritor ou não."

"E não vai saber até escrever, certo?" Kainene saltou da cama e ele reparou no brilho metálico de seus ombros magros. "Estou vendo que você não está com vontade de sair à noite. Vou ligar para o Madu e cancelar o jantar."

Voltou depois de fazer a ligação e sentou-se na cama; no silêncio que os separava, de repente Richard sentiu-se grato pela rispidez dela, que não lhe dava espaço para autopiedade, não lhe dava nada atrás do que se esconder.

"Uma vez eu cuspi no copo de água do meu pai", disse ela. "Ele não tinha feito nada que pudesse me aborrecer, nada. Eu apenas cuspi. Tinha catorze anos. Teria sido uma satisfação incrível se ele tivesse bebido aquela água, mas é claro que Olanna saiu correndo e trocou o copo." Ela se espreguiçou ao lado dele. "Agora você me conta algo horrível que você fez."

Ele ficou excitado com aquela pele sedosa se esfregando na sua, com a rapidez com que mudara os planos de jantar na casa do amigo. "Eu não tinha confiança suficiente em mim para fazer coisas horríveis", disse.

"Bom, então me conta alguma outra coisa."

Pensou em lhe contar sobre aquele dia em Wentnor, quando se escondeu de Molly e sentiu, pela primeira vez, a possibilidade de moldar o próprio destino. Mas não contou. Em vez disso, falou sobre os pais, de como eles não paravam de se olhar, quando conversavam, de como se esqueciam dos aniversários do filho e, depois, semanas mais tarde, mandavam Molly fazer um bolo com a frase FELIZ ANIVERSÁRIO ATRASADO. Nunca sabiam o quê, nem quando ele comia; Molly lhe dava de comer quando se lembrava. Não tinham planejado tê-lo e, por causa disso, foi criado como um acréscimo tardio. Mas, mesmo ainda muito pequeno, sempre soube que não se tratava de não ser amado e sim, muitas vezes, de esquecimento deles, porque se amavam demais. Kainene ergueu as sobrancelhas, sardônica, como se o raciocínio dele não fizesse o menor sentido para ela; justamente por isso, Richard tinha medo de lhe dizer que, às vezes, achava que a amava demais.

2. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Ele trata do soldado-negociante britânico Taubman Goldie, sobre como ele coagia, bajulava e matava para obter o controle do comércio do óleo de dendê, e de como, na Conferência de Berlim de 1884, na qual os europeus retalharam a África, ele garantiu que a Grã-Bretanha ficasse com dois protetorados a mais que a França, em torno do rio Níger: o Norte e o Sul.

Os britânicos preferiam o Norte. O calor, ali, era agradavelmente seco; os hauçá-fula tinham traços menos largos e, por isso, eram superiores aos sulistas negroides, além de serem muçulmanos, o que significava que eram tão civilizados quanto era possível ser, entre os nativos, sem contar que eram feudais e, portanto, perfeitos para o governo indireto. Emires equânimes recolhiam os impostos para os britânicos, e, em troca, os britânicos mantinham os missionários cristãos bem longe.

Por outro lado o Sul, muito úmido, era cheio de mosquitos, animistas e tribos distintas. Os iorubas eram os mais numerosos no Sudeste. No Sudoeste, viviam os ibos, em pequenas comunidades republicanas. Não eram nem um pouco dóceis e tinham uma ambição preocupante. Uma vez que não tiveram o bom senso de possuir reis, os britânicos criaram os chefes locais, os mandatários, porque o governo indireto saía bem mais barato à coroa. Os missionários obtiveram licença para domar os pagãos; a cristandade e a educação que levaram floresceu. Em 1914, o governador-geral uniu o Norte e o Sul e sua mulher escolheu um nome. Assim nascia a Nigéria.

SEGUNDA PARTE
FIM DOS ANOS 60

7.

Deitado numa esteira, na cabana da mãe, Ugwu olhava fixo para a aranha esmagada na parede; seus fluidos tinham manchado o barro com um tom mais vermelho ainda. Anulika estava medindo as xícaras de *ukwa*, e o aroma das sementes assadas de fruta-pão enchia o aposento. Ela falava. Já fazia um bom tempo que não parava de falar e a cabeça de Ugwu doía. A visita que fazia à família de repente lhe pareceu durar muito mais que uma semana, talvez por causa dos roncos gasosos que seu estômago dava, por ter comido apenas frutas e sementes. A comida da mãe era intragável. Ela cozinhava demais os legumes, o angu encaroçava, a sopa era muito aguada e as fatias de cará pareciam grosseiras porque não tinham sido cozidas com uma pelota de manteiga. Não via a hora de voltar para Nsukka e comer finalmente uma refeição de verdade.

"Eu quero ter um menino primeiro, porque assim eu assento bem os pés na casa de Onyeka", dizia Anulika. Ela foi pegar um saco pendurado na viga e, de novo, Ugwu reparou na redondez suspeita do corpo da irmã: os seios que enchiam a blusa, o traseiro que gingava a cada passo. Onyeka devia ter dormido com ela. Ugwu não podia nem pensar naquele corpo horroroso fazendo sexo com a irmã. Tudo tinha acontecido rápido demais; escutara rumores de pretendentes, na última vez em que viera visitá-los, mas Anulika falara de Onyeka com tamanha indiferença que não achou que ela fosse aceitar seu pedido tão rápido. Agora, até mesmo os pais se apressavam em falar de Onyeka, do seu bom emprego de mecânico na cidade, de sua bicicleta, de seu bom comportamento, como se ele já fosse da família. Ninguém nunca mencionou a estatura mirrada, muito menos os dentes pontudos que pareciam mais dentes de um rato-do-mato.

"Você sabia que Onunna, do *compound* de Ezeugwu, teve uma menina primeiro, e os pais do marido dela foram ver um *dibia* para saber por quê! Claro que os pais de Onyeka não vão fazer isso comigo, eles não ousariam, mas eu queria ter um menino primeiro, de qualquer forma", disse Anulika.

Ugwu endireitou o corpo. "Estou cansado dessas histórias sobre Onyeka. Mas uma coisa eu notei, quando ele passou por aqui, ontem. Uns banhos de vez em quando não seriam uma má idéia; Onyeka estava com cheiro de feijão-gordura podre."

"E você, tem cheiro do quê?" Anulika despejou o *ukwa* no saco e amarrou bem. "Terminei. Acho melhor você ir, antes que fique muito tarde."

Ugwu saiu para o quintal. A mãe triturava alguma coisa num pilão e o pai estava agachado perto dela, afiando uma faca numa pedra. O metal raspando na pedra produzia minúsculas faíscas que cintilavam alguns instantes no ar, antes de sumir.

"A Anulika embrulhou bem o *ukwa*?", perguntou a mãe.

"Embrulhou." Ugwu ergueu o saco, para mostrar a ela.

"Cumprimente seu patrão e sua patroa por nós", disse a mãe. "Agradeça a eles por tudo que mandaram para nós."

"Pode deixar, mãe." E deu-lhe um abraço. "Fique bem. E cumprimente Chioke, quando ela voltar."

O pai endireitou o corpo e limpou a lâmina da faca na mão, antes de estendê-la ao filho. "Que o caminho seja bom, *ije orna*. Nós mandamos avisar quando o pessoal de Onieka vier nos dizer que estão prontos para trazer o vinho de palma. Vai ser daqui a alguns meses."

"Certo, pai." Ugwu ficou por ali, enquanto os primos e irmãos, os mais jovens nus e os mais velhos em camisas muito maiores que eles, davam adeus e faziam a lista de tudo que queriam que ele trouxesse na próxima visita. Compra pão para nós! Compra carne! Compra peixe frito! Compra amendoim!

Anulika foi com ele até a estrada. Ugwu viu uma figura familiar à sombra de algumas *ubes* e, embora não tivesse encontrado com ela desde sua partida para Kano, onde fora aprender um ofício, quatro anos antes, soube de imediato que era Nnesinachi.

"Anulika! Ugwu! É você mesmo?" A voz continuava tão rouca quanto a lembrança que Ugwu guardava dela, porém Nnesinachi estava mais alta, e a pele, mais escura, graças ao sol inclemente do Norte.

Quando se abraçaram, sentiu o peito dela empurrar o seu.

"Quase não te reconheci, você mudou muito no Norte", disse ele, perguntando-se se ela teria, de fato, apertado os seios contra ele.

"Voltei ontem com os meus primos." Ela sorria para ele. Nunca sorrira assim com tanto carinho para ele, no passado. Suas sobrancelhas tinham sido raspadas e pintadas a lápis, uma mais grossa que a outra. Ela se virou para Anulika. "Anuli, estava indo ver você. Fiquei sabendo que vai casar!"

"Pois é, minha irmã, foi o que eu ouvi dizer também", disse Anulika, e ambas riram.

"Você está indo para Nsukka?", perguntou ela a Ugwu.

"Estou. Mas vou voltar logo, para a cerimônia do vinho de palma de Anulika."

"Boa viagem." Os olhos de Nnesinachi cruzaram ousadamente com os de Ugwu por alguns momentos, antes que ela continuasse seu trajeto, e ele então soube que não havia imaginado nada; ela de fato se apertara contra ele quando se abraçaram. Sentiu uma súbita fraqueza nas pernas. Teve de se segurar para não olhar para trás, só para o caso de ela também resolver se virar, e, por uns instantes, esqueceu as reviravoltas incômodas no estômago.

"Os olhos dela devem ter se aberto no Norte. Você não pode se casar com ela, de modo que acho melhor pegar o que está em oferta, antes que ela se case", disse Anulika.

"Você reparou?"

"Como poderia não ter reparado? Por acaso pareço uma ovelha?"

Ugwu estreitou os olhos para olhar para ela. "Você e o Onyeka dormiram juntos?"

"Claro que sim."

Ugwu reduziu o passo. Sabia que a irmã devia ter dormido com Onyeka, no entanto não gostou de ela ter-lhe confirmado. Quando Chinyere, a empregada do dr. Okeke, começou a pular a cerca e entrar no Alojamento dos Criados para fazer um sexo apressado, no escuro, ele contara à irmã, numa visita, e os dois discutiram bastante a respeito. Mas nunca falaram nada dela, Anulika; Ugwu sempre se obrigara a presumir que não havia nada a falar. Ela ia na frente, indiferente à lerdeza sombria do irmão, e ele se apressou para alcançá-la, calado, os passos leves na relva onde os dois, quando crianças, tinham caçado gafanhotos.

"Estou com tanta fome", disse ele, por fim.

"Você não comeu nem mesmo o cará que Mama cozinhou."

"A gente cozinha o nosso na manteiga."

"Nós fervemos nosso inhame com *mã-teii-ga*. Olha só pra você. Quando eles mandarem você de volta pra cá, o que vai fazer? Onde é que vai achar *mã-teii-ga* para cozinhar seu inhame?"

"Eles não vão me mandar de volta."

Ela o espiou de cima a baixo com o canto do olho. "Você se esqueceu de onde você é, e agora ficou tão besta que acha que é um bambambã."

O Patrão estava na sala quando Ugwu entrou e o cumprimentou. "Como vai o seu pessoal?", perguntou.

"Estão todos bem, *sah*. Eles mandaram saudações."

"Muito bem."

"Minha irmã Anulika vai se casar em breve."

"Entendo." O Patrão estava concentrado, tentando ligar o rádio.

Ugwu ouviu Olanna e Baby cantando no banheiro.

A London Bridge está caindo, está caindo, está caindo,
A London Bridge está caindo, minha bela senhora.

O *London* de Baby, em sua vozinha minúscula e malformada, soava como *bombom*. A porta do banheiro estava aberta.

"Boa tarde, *mah*", disse Ugwu.

"Ah, Ugwu. Não escutei você chegando!", disse Olanna. Ela estava debruçada sobre a banheira, dando banho em Baby. "Bem-vindo, *nno*. Seus parentes estão bem?"

"Estão sim, *mah*. E mandam saudações. Minha mãe diz que não sabe como agradecer a senhora pelos panos."

"Como vai a perna dela?"

"Não dói mais. Ela me deu *ukwa* para trazer para a senhora."

"Então deve saber o que estou com vontade de comer, agora." Virou-se para olhá-lo, as mãos cobertas de espuma. "Você parece muito bem. Veja as suas bochechas gordas."

"Pois é, *mah*", concordou Ugwu, embora fosse mentira. Ele sempre perdia peso quando ia visitar a família.

"Ugwu!", chamou Baby. "Ugwu, venha ver!" Ela apertava um pato de plástico na mão, que grasnava o tempo todo.

"Baby, você pode cumprimentar Ugwu depois do banho", disse Olanna. "A Anulika vai se casar em breve, *mah*. Meu pai disse que eu devia avisar a senhora e o Patrão. Ainda não têm uma data, mas ficariam muito felizes se vocês fossem."

"Anulika? Mas ela é tão nova, ainda. Deve ter o quê, uns dezesseis, dezessete anos?"

"As amigas dela já começaram a se casar."

Olanna voltou as atenções para a banheira. "Claro que nós vamos."

"Ugwu!", repetiu Baby.

"Quer que eu aqueça o mingau dela, *mah*?"

"Quero. E, por favor, faça o leite dela também."

"Pois não, *mah*." Ele se demoraria um pouco mais, e, depois, perguntaria a ela se tinha corrido tudo bem, na semana em que ficara fora, e ela lhe diria quais amigos tinham aparecido para visitá-los, quem trouxera o quê, se tinham acabado com o cozido que ele deixara guardado no freezer.

"Seu patrão e eu decidimos que a Arize deve vir para cá, para ter o bebê em setembro", disse Olanna.

"Isso é muito bom, *mah*", disse Ugwu. "Espero que o bebê saia parecido com tia Arize e não com tio Nnakwanze."

Olanna riu. "Eu também. E vamos começar a limpar o quarto, quando chegar mais próximo da data. Quero que esteja tudo impecável para ela."

"Vai ficar tudo impecável, *mah*, não se preocupe." Ugwu gostava de tia Arize. Lembrava-se da cerimônia de levar-o-vinho, em Umunnachi, já fazia uns três anos, de como ela estava gorducha e esfuziante, e de como ele tomara tanto vinho de palma que quase deixara Baby cair no chão, ainda bebezinha.

"Eu vou até Kano, na segunda-feira, para pegar Arize e levá-la até Lagos, fazer umas compras", disse Olanna. "Vou levar Baby junto. Vamos pôr na mala aquele vestido azul que Arize fez para ela."

"O rosa é melhor, *mah*. O azul já está muito apertado."

"É verdade." Olanna apanhou um pato de plástico, atirou na banheira e Baby exultou, mergulhando o brinquedo na água.

"*Nkem*!", chamou o Patrão. "*O mego*! Aconteceu!"

Olanna saiu correndo em direção à sala, com Ugwu bem atrás.

O Patrão tinha parado na frente do rádio. A televisão estava ligada, mas sem volume, de modo que as pessoas que dançavam na tela pareciam estar oscilando, bêbadas. "Houve um golpe", disse o Patrão, e fez um gesto para o rádio. "O major Nzeogwu está falando de Kaduna."

A voz no rádio era jovem, animada, confiante.

A Constituição foi suspensa, e os governos regionais e as assembléias eleitas foram dissolvidos. Meus queridos compatriotas, o objetivo do Conselho Revolucionário é estabelecer uma nação livre de corrupção e de lutas internas. Nossos inimigos são os aproveitadores políticos, os vigaristas, aqueles que ocupam tanto altos postos quanto cargos de segundo escalão e que exigem suborno de dez por cento, são os que procuram manter o país permanentemente dividido para continuar lucrando, são os tribalistas, os nepotistas, aqueles que fazem nosso país parecer bom para coisa nenhuma nos círculos internacionais, aqueles que corromperam a nossa sociedade.

Olanna correu para o telefone. "O que está havendo em Lagos? Eles disseram o que está havendo em Lagos?"

"Seus pais estão bem, *nkem*. Os civis estão a salvo."

Olanna discou. "Telefonista? Telefonista?" Pôs o fone no gancho e ergueu-o de novo. "Não estou conseguindo falar."

Com suavidade, o Patrão tirou o telefone da mão dela. "Tenho certeza de que eles estão bem. Daqui a pouco o telefone volta a funcionar. É só por segurança."

No rádio, a voz tinha ficado mais firme.

Garanto a todos os estrangeiros que seus direitos continuarão a ser respeitados. Prometemos a todos aqueles que cumprem as leis que estarão livres de todas as formas de opressão, livres da ineficiência geral, e livres para viver e lutar em todos os campos do empenho humano. Nós prometemos que você nunca mais terá vergonha de dizer que é nigeriano.

"Mami Ola!", gritou Baby, do banheiro. "Mami Ola!"

Ugwu voltou para o banheiro, secou Baby com uma toalha, depois a abraçou; soprou em seu pescoço. Ela tinha um cheiro delicioso de sabonete Pears para bebês.

"Baby é um franguinho", disse ele, fazendo cócegas na menina. Suas tranças estavam molhadas, as pontas presas em um nó enroscado; Ugwu alisou-as e espantou-se, uma vez mais, de como ela se parecia com o pai; seu povo diria que era a cara de um, focinho do outro.

"Mais cosquinha!", disse Baby, rindo. Seu rosto rechonchudo estava molhado e liso.

"A Baby é um bebê franguinho", murmurou Ugwu, naquele seu jeito cantado que sempre a divertia.

A menina riu e, vindo da sala, Ugwu escutou Olanna dizer: "Ai, meu Deus, o que foi que ele disse? O que foi que ele disse?"

Estava dando o mingau para Baby quando o vice-presidente falou muito rapidamente no rádio, a voz comedida, como se fosse exauri-lo a façanha de dizer: "O governo está entregando o poder aos militares".

Houve outras declarações, mais tarde — ninguém sabia onde estava o primeiro-ministro, a Nigéria era agora um governo federal militar, os premiês do Norte e do Oeste tinham sumido —, só que Ugwu não tinha certeza de quem estava falando, nem de que estação era, porque o Patrão, sentado ao lado do rádio, virava o dial muito rápido, parava, escutava, virava, parava. Sem os óculos, parecia mais vulnerável, com os olhos afundados na face. Não voltou a colocá-los até os convidados chegarem. Havia mais do que o número normal, e Ugwu teve de levar cadeiras da sala de jantar para a sala, para todos poderem sentar. As vozes eram de urgência, animadas, todo mundo ansioso, mal podendo esperar para dar a sua opinião.

"Isso vai ser o fim da corrupção! Isso é o que estávamos precisando que acontecesse desde a greve geral", disse um dos convidados. Ugwu não se lembrava do nome, mas ele tinha o hábito de comer todo o *chin-chin* logo depois de servido, de modo que Ugwu se acostumara a colocar a bandeja o mais longe possível dele. O homem tinha mãos enormes; alguns punhados generosos de biscoitos e estava tudo perdido.

"Esses majores são verdadeiros heróis!", disse Okeoma, levantando o braço.

Havia animação nas vozes, mesmo quando falavam de gente que fora morta.

"Disseram que o Sardauna se escondeu atrás das esposas."

"Disseram que o ministro das Finanças se cagou todo, antes de ser fuzilado."

Alguns convidados soltavam risadinhas, assim como Ugwu, até que ele ouviu Olanna dizer: "Eu conhecia Okonji. Era amigo do meu pai". Ela parecia meio amortecida.

"A BBC está dizendo que foi um golpe dos ibos", disse o convidado que adorava *chin-chin*. "E eles têm uma certa razão. Foi quase só gente do Norte que morreu."

"Pois se no governo tinha quase só gente do Norte", sussurrou o professor Ezeka, as sobrancelhas arqueadas, como se não acreditasse que tinha de dizer algo tão óbvio.

"A BBC devia perguntar ao povo deles, afinal foram eles que puseram o povo do Norte no governo, para dominar todo mundo!", disse o Patrão.

Ugwu surpreendeu-se que o Patrão e o professor Ezeka estivessem de acordo. Ficou ainda mais espantado quando a srta. Adebayo disse: "Esses africanos do Norte são malucos de dizer que isso é uma questão de infiéis contra o que é certo", e o Patrão riu — não aquela sua risada zombeteira, antes de se pôr na beirada da poltrona para desafiá-la; foi uma risada de aprovação. Ele concordava com ela.

"Se tivéssemos mais homens como o major Nzeogwu, no país, não estaríamos na posição em que estamos hoje", disse o Patrão. "Ele na verdade teve uma visão!"

"Ele não é comunista?" A pergunta fora feita pelo professor Lehman, o que tinha olhos verdes. "Ele visitou a Tchecoslováquia quando estava em Sandhurst."

"Vocês americanos não se cansam de espiar embaixo da cama de todo mundo, em busca de comunistas. Então você acha que temos tempo para nos preocupar com isso?", perguntou o Patrão. "O que importa é aquilo que puder fazer nosso povo ir para a frente. Vamos presumir que uma democracia capitalista seja algo bom, em princípio, mas se é democracia do tipo que temos por aqui, em que alguém lhe dá uma roupa dizendo que é idêntica à dele, mas só que não serve em você, os botões caíram, então é preciso descartar essa roupa e vestir uma que sirva. Você simplesmente tem de fazer isso!"

"Retórica demais, Odenigbo", disse a srta. Adebayo. "Você não pode montar um caso teórico para os militares."

Ugwu sentiu-se melhor; essa era uma das escaramuças a que estava habituado.

"Claro que posso. Com um homem como o major Nzeogwu, posso sim", disse o Patrão. "Ugwu! Mais gelo!"

"O sujeito é um comunista", insistiu o professor Lehman. Sua voz nasal irritava Ugwu, ou talvez fosse o simples fato de ele ter o mesmo cabelo loiro de Mister Richard, mas nada da dignidade silenciosa do outro. Bem que gostaria que Mister Richard ainda continuasse com as visitas. Lembrava-se muito bem da última, meses antes de Baby nascer, mas outras recordações daquelas semanas problemáticas estavam desbotadas, incompletas; tivera tanto medo que o Patrão e Olanna nunca mais reatassem e que seu mundo fosse por água abaixo que nem ficou escutando muita coisa atrás das portas. Nem teria sabido que Mister Richard estava envolvido na briga se Harrison não tivesse lhe contado.

"Obrigado, meu bom homem." O Patrão pegou o balde de gelo e colocou algumas pedras no seu copo.

"Pois não, *sah*", disse Ugwu, vigiando Olanna. A cabeça dela estava apoiada nas mãos. Até gostaria de sentir dó de verdade, pelo amigo político dela que fora morto, mas os políticos não eram como as outras pessoas normais, eles eram *políticos*. Lia a respeito deles no *Renaissance* e no *Daily Times* — eles pagavam bandidos para surrar os oponentes, compravam terras e casas com dinheiro do governo, importavam frotas de longos carros americanos, pagavam as mulheres para rechear as blusas com votos falsos e se fingir de grávidas. Sempre que escorria os restos de uma panela na pia, pensava na gordura da superfície como *política*.

Nessa noite, deitado em seu quarto, no Alojamento dos Criados, tentou se concentrar no livro *O prefeito de Casterbridge*, mas estava difícil. Torcia para que Chinyere pulasse a cerca e viesse até seu quarto; eles nunca planejavam nada, ela apenas aparecia, num determinado dia, e sumia em outros. Ele ansiava para que ela aparecesse nesse dia emocionante do golpe que mudara a ordem das coisas e pulsava cheio de possibilidades, de coisas novas. Quando ouviu as batidas na janela, ofereceu um agradecimento embasbacado aos deuses.

"Chinyere", disse ele.

"Ugwu."

Ela cheirava a cebola velha. A luz estava apagada e, na pouca luz que vinha da lâmpada de segurança do lado de fora, ele viu a elevação em forma de cone de seus seios, quando tirou a blusa, desamarrou os panos da cintura e deitou-se de costas. Havia qualquer coisa de úmido na escuridão, nos corpos tão próximos, e ele imaginou que ela era Nnesinachi, que as pernas firmes que o abraçavam eram de Nnesinachi. Calada de início, depois que os quadris entraram em movimento, com as mãos agarradas nas costas de Ugwu, ela disse a mesma coisa de todas as outras vezes. Parecia um nome — Abonyi, Abonyi —, mas ele não tinha certeza. Talvez também fingisse que Ugwu era outra pessoa, alguém de sua própria aldeia.

Ela se levantou e saiu, no mesmo silêncio em que chegara. Quando a viu no dia seguinte, do outro lado da cerca, pendurando roupas no varal, ela disse "Ugwu" e mais nada; não sorriu.

8.

Olanna adiou a viagem para Kano por causa do golpe. Esperou até os aeroportos reabrirem, os Correios e Telégrafos retomarem as atividades, e os governadores militares serem nomeados nas respectivas regiões. Esperou até ter certeza de que havia ordem. Mas o golpe estava no ar. Todos falavam sobre o assunto, até mesmo o motorista de táxi de boné branco e caftã que levou as duas, Olanna e Baby, do aeroporto até o *compound* de Arize.

"Mas o Sardauna não foi assassinado, madame", sussurrou ele. "Ele escapou, com a ajuda de Alá, e agora está em Meca." Olanna sorriu delicadamente e não disse nada, porque sabia que ele, com suas contas de orar penduradas no espelho retrovisor, precisava acreditar nisso. O Sardauna, afinal de contas, não fora só o premiê do Norte, fora também o líder espiritual dele e de tantos outros muçulmanos como ele.

Ela contou a Arize o que o taxista dissera, e Arize, sacudindo os ombros, disse: "Eles dizem de tudo, de tudo". Os panos de Arize tinham sido empurrados lá para baixo, abaixo da cintura, e a blusa era folgada, para acomodar a barriga grande. Estavam sentadas na sala, vendo as fotos do casamento de Arize e Nnakwanze na parede pintada com tinta a óleo, enquanto Baby brincava com as crianças do *compound*. Olanna não queria sua filha tocando naquelas crianças de roupas rasgadas, muco leitoso escorrendo do nariz, mas não dizia nada; sentia vergonha de pensar dessa maneira.

"Nós pegamos o primeiro vôo para Lagos, amanhã, Ari, para você descansar, antes de começarmos a fazer compras. Não quero fazer nada que seja difícil para você."

"Que difícil que nada! Eu só estou grávida, irmã, não estou doente, não. Não são mulheres como eu que trabalham na roça até a hora em que o bebê resolve sair? E não sou eu que estou costurando esse vestido?" Arize

apontou para um canto, onde sua máquina Singer fora posta sobre uma mesa, entre uma pilha de roupas.

"Minha preocupação é com o meu afilhado aí dentro, não com você", disse Olanna. Ela ergueu a blusa de Arize e pôs o rosto sobre a redondez firme da barriga de Arize, sobre a pele retesada até o limite, num ritual delicado que vinha seguindo desde que Arize engravidara; se ela fizesse isso vezes suficientes, dizia Arize, a criança absorveria suas feições e ficaria parecida com ela.

"Não estou preocupada com o lado externo", dizia Arize. "Mas ela precisa parecer com você pelo lado de dentro. Ela tem que ter o seu cérebro e ser instruída."

"Ou ele."

"Não, esta aqui vai ser mulher, você vai ver. Nnakwanze diz que vai ser menino e muito parecido com ele, mas eu já disse que Deus não vai permitir que uma criança tenha aquele rosto achatado."

Olanna deu risada. Arize levantou-se, abriu uma caixinha esmaltada e tirou algum dinheiro de lá. "Veja o que irmã Kainene me mandou na semana passada. Disse que eu devia usar para comprar coisas para o bebê."

"Que gentileza, a dela." Olanna sabia que o comentário saíra forçado e que Arize estava de olho.

"Você e irmã Kainene deviam conversar. O que aconteceu no passado é passado."

"Você só pode conversar com alguém que queira conversar com você", disse Olanna. O que ela queria era mudar de assunto. Sempre queria mudar de assunto quando Kainene vinha à baila. "Acho melhor levar Baby para cumprimentar tia Ifeka." E saiu às pressas atrás de Baby, antes que Arize pudesse acrescentar mais alguma coisa.

Lavou um pouco da areia que grudara no rosto e nas mãos de Baby antes de sair do *compound* e descer a rua. Tio Mbaezi ainda não voltara do mercado e as duas ficaram sentadas com tia Ifeka num banco, em frente ao quiosque, Baby no colo de Olanna. O quintal estava se enchendo com as conversas dos vizinhos e os gritos de crianças correndo debaixo da sombra da *kuka*. Alguém tocava música em volume muito alto, num gramofone; não demorou para que um bando de homens do *compound* começasse a rir e a se empurrar, imitando a canção. Tia Ifeka riu também, e bateu palmas. "Qual é a graça?"

"Essa música do Rex Lawson", disse tia Ifeka.

"O que tem de engraçado nela?"

"Nossa gente diz que o coro parece estar dizendo *mée-mée-mée*, balindo feito bode." Tia Ifeka soltou um risinho. "Dizem que o Sardauna fez esse barulho quando implorou para não ser morto. Quando os soldados dispararam morteiros contra a casa dele, ele se agachou atrás das mulheres dele e baliu: '*Mée-mée-mée*, por favor, não me matem, *mée-mée-mée*!'."

Tia Ifeka riu outra vez, e Baby também, como se tivesse entendido. "Ah." Olanna se lembrou do chefe Okonji e perguntou-se se também ele teria balido feito um bode, antes de morrer. Olhou em frente, para o outro lado da rua, onde crianças brincavam com pneus, correndo umas atrás das outras e fazendo girar as rodas. Uma pequena tempestade de areia se formava ao longe, e a poeira subia e descia em nuvens branco-acinzentadas.

"O Sardauna era um homem mau, *ajo mmadu*", disse tia Ifeka. "Ele nos odiava. Odiava todos os que não tiravam os sapatos e se curvavam para ele. Foi ele que não deixou nossas crianças irem para a escola."

"Mas não deviam tê-lo matado", disse Olanna, baixinho. "Deviam tê-lo trancafiado numa prisão."

Tia Ifeka bufou. "Pôr em qual prisão? Nessa Nigéria onde ele controlava tudo?" Levantou-se e começou a fechar o quiosque. "Venha, vamos entrar, que eu preciso achar alguma coisa para Baby comer."

A música de Rex Lawson estava tocando em volume muito alto no *compound* de Arize quando Olanna voltou. Nnakwanze também achava muito engraçado. Ele tinha dois imensos dentes na frente, e, quando ria, era como se uma quantidade imensa de dentes tivesse sido enfiada dolorosamente em sua boca pequena. *Mée-mée-mée*, um bode implorando para não ser morto: *mée-mée-mée*.

"Não tem graça nenhuma", disse Olanna.

"Mas irmã, é muito engraçada, essa música", disse Arize. "Porque você tem instrução demais, não sabe mais rir."

Nnakwanze estava sentado no chão, aos pés de Arize, esfregando sua barriga com movimentos circulares bem leves. Nnakwanze ficara bem menos preocupado que Arize quando ela não engravidou no primeiro, no segundo e no terceiro ano de casamento; quando a mãe dele começou a visitá-los com muita freqüência, cutucando a barriga de Arize e instando para que ela confessasse o número de abortos que fizera antes do casamento, ele

pediu a ela para não ir mais visitá-los. Pediu também para ela parar de levar chás de cheiro revoltante que Arize bebia em goles amargos. Agora que Arize estava grávida, ele fazia mais horas extras na ferrovia e pedira a ela que reduzisse os trabalhos de costura.

Ele ainda entoava a música e ria. Um bode implorando para não morrer: *mée-mée-mée*.

Olanna levantou-se. A brisa noturna estava desagradavelmente fria. "Ari, você devia ir dormir, para estar bem descansada amanhã, para a viagem até Lagos."

Nnakwanze fez um gesto para ajudá-la a se levantar, mas ela o afastou. "Eu já disse a vocês que não estou doente. Só estou grávida."

Olanna ficou contente de a casa de Lagos estar vazia. O pai ligara para dizer que iriam viajar para o exterior. Ela sabia que eles queriam ficar longe até as coisas se acalmarem, afinal estavam com um pé atrás por causa dos dez por cento, das festas luxuosas, dos relacionamentos vistosos, mas nenhum dos dois tocou no assunto. Disseram que a viagem seria umas férias. Era política do casal deixar as coisas por dizer, da mesma forma que fingiam não perceber que ela e Kainene não se falavam mais e que Olanna só ia visitá-los quando tinha certeza de que Kainene não estava.

Enquanto rodavam no táxi, Arize ensinou a Baby uma canção e Olanna viu Lagos passar: o trânsito tumultuado, os ônibus enferrujados e as massas exaustas que esperavam por eles nos pontos, os aliciadores, os mendigos deslizando em carrinhos de madeira, os vendedores mambembes que enfiavam suas mercadorias na frente de quem não podia ou não queria comprá-las.

O motorista parou diante do *compound* murado de seus pais, em Ikoyi. Ele espiou o muro alto e perguntou: "O ministro que eles mataram vivia por aqui, *abi*, tia?". Olanna fingiu não ter escutado e, virando-se, disse para Baby: "Olha só o que você fez no vestido! Vamos entrar bem depressa para lavar isso!".

Mais tarde, o motorista da mãe, Ibekie, levou-as ao Kingsway. O supermercado cheirava a tinta fresca. Arize andou de corredor em corredor, murmurando feliz da vida, tocando nas embalagens plásticas, escolhendo

roupas de bebê, um carrinho cor-de-rosa, uma boneca de plástico de olhos azuis.

"Tudo é tão brilhante num supermercado, irmã", disse Arize, rindo. "Não tem poeira!"

Olanna ergueu um vestido branco enfeitado com renda rosa. "*O maka*. Que lindo."

"É muito caro", disse Arize.

"Ninguém perguntou a você."

Baby puxou uma boneca de uma prateleira baixa, virou-a de cabeça para baixo e ela soltou um som de choro.

"Não, Baby." Olanna pegou a boneca e colocou de volta no lugar.

Compraram mais algumas coisas e depois partiram em direção ao mercado Yaba, onde Arize poderia comprar tecidos para continuar com suas costuras. A avenida Tejuosho era muito movimentada, com famílias aglomeradas em volta de panelas fervilhantes, mulheres assando milho e banana-da-terra em bacias cheias de carvão em brasa, homens de peito nu carregando sacos em caminhões com frases de pára-choque do tipo: NENHUMA SITUAÇÃO É PARA SEMPRE. DEUS SABE MAIS. Ibekie parou perto de um jornaleiro. Olanna olhou rapidamente para as pessoas paradas, lendo as manchetes do *Daily Times*, e seus pés ficaram mais leves de orgulho. Estavam lendo o artigo de Odenigbo, tinha certeza; era de longe o melhor do jornal. Ela mesmo editara, e amenizara a retórica dele, de tal forma que seu argumento — de que apenas um governo unitário poderia remover as divisões do regionalismo — aparecia com clareza.

Pegou na mão de Baby e levou-a pela calcada cheia de ambulantes que, sentados debaixo de guarda-sóis, vendiam pilhas, cadeados e cigarros cuidadosamente dispostos em bandejas esmaltadas. A entrada principal do mercado estava estranhamente vazia. Depois Olanna viu a multidão à sua frente. Um homem, de camiseta amarela, estava no centro, sendo estapeado por dois homens que lhe davam, um depois do outro, metódicos tapas que faziam um ruído surdo de couro. "Por que agora? Por que negar?" O homem os fitava sem expressao nenhuma no olhar, curvando de leve o pescoço depois de cada tapa. Arize parou.

Alguém no meio da multidão bradou: "Nós estamos contando os ibos. *Oya*, venha e identifique-se. Você é ibo?".

Arize resmungou entre dentes: "*I kwuna okwu*", como se Olanna estivesse pensando em dizer alguma coisa, depois sacudiu a cabeca e começou a falar em ioruba fluente, enquanto ia fazendo a volta para poderem retornar pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo. A multidão perdeu interesse nelas. Outro homem, num terno safári, estava sendo estapeado na nuca. "Voce é um ibo! Não negue! Simplesmente identifique-se!"

Baby começou a chorar. "Mami Ola! Mami Ola!"

Olanna pôs Baby no colo. Ela e Arize não trocaram uma palavra até voltarem para o carro. Ibekie já tinha feito a volta e não parava de olhar pelo espelho retrovisor. "Eu vi gente correndo", disse.

"O que está havendo?", perguntou Olanna.

Arize deu de ombros. "Já ouvimos dizer que eles estão fazendo isso em Kaduna e Zaria, desde o golpe; eles vão para as ruas e começam a infernizar os ibos — dizem que o golpe foi um golpe ibo."

"*Ezi okwu*? É mesmo?"

"É sim, tia." Ibekie foi rápido na resposta, como se esperasse uma oportunidade de falar. "Meu tio em Ebutte Metta diz que não dorme mais na casa, desde o golpe. Todos os vizinhos são iorubas e disseram que tem uns homens procurando por ele. Ele dorme cada noite numa casa diferente, mas continua cuidando do negócio. E mandou os filhos de volta para casa."

"*Ezi okwu*? É mesmo?", repetiu Olanna. Sentia-se oca. Não sabia que as coisas tinham chegado a esse ponto; em Nsukka, a vida era insular e as notícias irreais funcionavam apenas como combustível para as conversas da noite, para a retórica de Odenigbo e seus artigos apaixonados.

"As coisas vão se acalmar", disse Arize, tocando no braço de Olanna. "Não se preocupe."

Olanna fez que sim com a cabeça e olhou para fora, para as palavras escritas no pára-choque de um caminhão ali perto: SEM LIGAÇÃO PARA O CÉU. Não podia acreditar como fora fácil negar o que eram, afastar o fato de serem ibos.

"Ela vai usar o vestido branco no batismo, irmã."

"O que você disse, Ari?"

Arize apontou para a barriga. "Sua afilhada vai usar o vestido branco para o batismo. Muito obrigada, irmã."

A luz nos olhos de Arize fez Olanna sorrir; as coisas iriam se acalmar, claro. Fez cócegas em Baby, porém Baby não deu risada. Olhou de volta para a mãe com olhos assustados, ainda úmidos de lágrimas.

9.

Richard viu Kainene puxar o zíper do vestido lilás e virar-se. O quarto de hotel era bem iluminado; olhou para ela e para o reflexo dela no espelho que havia atrás.

"*Nke a ka mma*", disse ele. O vestido era mais bonito que o preto, sobre a cama, que ela havia escolhido antes para a festa dos pais. Kainene agradeceu com uma mesura zombeteira e sentou-se para pôr os sapatos. Parecia quase bonita, com seu pó-de-arroz suave, seu batom vermelho e sua atitude relaxada, não tensa como andava ultimamente, atrás de um contrato com a Shell-BP. Antes de saírem, Richard espanou alguns fios do cabelo da peruca e beijou-a na testa, para não estragar o batom.

Havia balões de cores fortes na sala de estar dos pais. A festa já começara. Garçons vestidos de preto e branco zanzavam em volta, com bandejas e sorrisos servis, o queixo futilmente erguido bem alto. O champanhe faiscava nas taças, a luz dos candelabros refletia o brilho das jóias em gordos pescoços, e a banda High Life num canto tocava tão alto, com tanto vigor, que as pessoas tinham de falar bem de perto para serem ouvidas.

"Estou vendo muito bambambã do novo regime", disse Richard.

"Papai não perdeu um minuto para se infiltrar entre eles", disse Kainene, em seu ouvido. "Ele fugiu até as coisas ficarem mais calmas, e agora está de volta, fazendo novos amigos."

Richard deu uma boa olhada nos convidados. O coronel Madu sobressaía na hora, com seus ombros largos, seu rosto largo, suas feições largas e uma cabeça que ficava acima de todas as outras. Falava com um árabe vestido num paletó de smoking muito justo. Kainene avançou para dizer olá a eles e Richard saiu em busca de uma bebida, para evitar ter de falar com Madu, pelo menos por um tempo.

A mãe de Kainene aproximou-se e lhe deu um beijo no rosto; sabia que devia estar bêbada, caso contrário teria se limitado a lhe dizer um gelado "Como está você?". Agora, porém, dizia que ele estava muito bem e o encurralara num canto infeliz da sala, de costas para a parede e com uma escultura intimidante, algo que parecia um leão rosnando, do lado.

"Kainene me disse que você vai voltar para Londres em breve", quis saber. Sua pele de ébano parecia de cera, com o excesso de maquiagem. Havia qualquer coisa nervosa em seus movimentos.

"É verdade. Vou ficar fora uns dez dias."

"Só dez dias?" Ela deu um meio sorriso. Talvez estivesse contando com um período maior de ausência, assim poderia finalmente achar um parceiro adequado para a filha. "Vai visitar a família?"

"Meu primo Martin vai se casar."

"Ah, entendo." Os inumeráveis cordões de ouro em volta de seu pescoço pesavam e faziam a cabeça parecer inclinada, como se sob enorme tensão, e, ao tentar com tamanho empenho esconder o peso, ela tornava isso ainda mais óbvio. "Então talvez nos encontremos em Londres para tomar um drinque. Estou dizendo ao meu marido que devíamos tirar mais uns dias de férias. Não que vá acontecer alguma coisa, mas é que nem todo mundo está contente com esse decreto de unidade de que o governo anda falando. É bem mais agradável ficar longe disso, até as coisas se resolverem. Nós vamos partir na semana que vem, mas não estamos contando para ninguém, de modo que bico calado." Ela tocou na manga do paletó de Richard, num gesto brincalhão, e ele viu um lampejo de Kainene, na curva de seu lábio. "Não contamos nem mesmo para os nossos amigos, os Ajuah. Você conhece o chefe Ajuah, dono da empresa de vasilhames? Eles são ibos, mas ibos do Oeste. Soube que são eles que estão negando ser ibos. Quem é que sabe o que podem dizer que fizemos? Quem é que sabe? São capazes de vender outros ibos por um centavo azinhavrado. Um centavo azinhavrado, é o que eu digo. Quer mais uma bebida? Espere aqui enquanto eu pego outra bebida. Espere aqui."

Assim que ela se foi, Richard saiu à procura de Kainene. Encontrou-a na varanda, ao lado de Madu, olhando para a piscina lá embaixo. O cheiro de carne na brasa estava por toda parte. Ele observou os dois por um tempo. A cabeça de Madu estava ligeiramente voltada para um lado, enquanto Kainene falava, e o corpo dela parecia frágil ao lado daquela imensa estrutura;

pareciam feitos um para o outro. Ambos muito escuros, uma mulher alta e magra, ele mais alto ainda, e imenso. Kainene virou-se e o viu.

"Richard", disse ela.

Ele se aproximou e apertou a mão de Madu. "Como vai, Madu? *A nae-mekwa*?", perguntou, ansioso para falar primeiro. "Como vai a vida no Norte?"

"Nada de que eu possa me queixar", respondeu Madu em inglês.

"Você veio sozinho, sem Adaobi?" Bem que gostaria que o homem aparecesse mais vezes em companhia da mulher.

"Vim", respondeu Madu, tomando um gole da bebida; era óbvio que não queria ninguém interrompendo a conversa deles.

"Vi que minha mãe estava conversando com você, que emocionante", disse Kainene. "Madu e eu tivemos de conversar um pouco com Ahmed. Ele quer comprar o armazém do meu pai, em Ikeja."

"Seu pai não vai vender mais nada para ele", declarou Madu, como se essa fosse uma decisão sua. "Os sírios e os libaneses já têm metade de Lagos, e são todos uns oportunistas de marca maior."

"Eu venderia para ele, se ele parasse de exalar aquele cheiro horrendo de alho", disse Kainene.

Madu riu.

Kainene pegou na mão de Richard. "Eu estava justamente contando a Madu que você acha que tem mais um golpe a caminho."

"Não vai haver mais nenhum golpe", disse Madu.

"Claro que você está por dentro de tudo, não é mesmo, Madu? Agora que você se tornou um coronel Bambambã", zombou ela, brincando.

Richard apertou sua mão. "Eu fui ao Zaire, na semana passada, e parecia que ninguém tinha outro assunto a não ser um segundo golpe, segundo golpe. Até a rádio Kaduna e o *New Nigerian*", disse em ibo.

"E o que sabe a imprensa, no fundo?", respondeu Madu, em inglês. Ele sempre fazia isso; desde que o ibo de Richard se tornara quase fluente, Madu respondia tudo em inglês, de modo que Richard se sentia forçado a voltar a sua língua.

"Os jornais traziam artigos sobre a *jihad* e a rádio Kaduna não parava de transmitir os últimos discursos de Sardauna; também ouvi rumores de que os ibos iriam assumir todos os serviços sociais e..."

Madu interrompeu-o. "Não vai haver um segundo golpe. Existe um pouco de tensão no exército, mas sempre tem um pouco de tensão no exército. Você comeu o cabrito assado? Não está uma delícia?"

"Está", concordou Richard, quase de forma automática, e depois se arrependeu. O ar em Lagos estava úmido; ali ao lado de Madu, parecia sufocante. O homem o fazia se sentir insignificante.

O segundo golpe aconteceu uma semana depois, e a primeira reação de Richard foi tripudiar. Estava no pomar, lendo de novo a carta de Martin, sentado onde Kainene vivia dizendo que tinha surgido um sulco — do tamanho e forma exatos de seu traseiro.

Ainda se usa o "virou nativo"? Eu sempre soube que você seria um deles! Mamãe me disse que abandonou o livro de arte tribal e está satisfeito com esse novo, uma espécie de livro de viagem ficcional, verdade? E que você também fala sobre os Males Europeus na África! Estou ansioso para saber mais a respeito, quando vier a Londres. Pena ter abandonado o antigo título: "O cesto de mãos". Mãos foram decepadas aí na África também? Eu pensava que tinha sido só na Índia. Estou intrigado!

Richard imaginou Martin dando aquele mesmo sorriso que costumava exibir nos tempos de colegial, na época em que tia Elizabeth soterrava os dois em atividades com a obsessão maníaca de quem não quer ver ninguém sentado à toa: torneios de críquete, aulas de boxe e de tênis, aulas de piano com um francês que tinha um problema na língua. Martin fora excelente em tudo, e sempre com aquele sorriso superior de quem nasceu para se destacar na sociedade da qual faz parte.

Richard estendeu a mão para arrancar uma flor silvestre que parecia uma papoula. Perguntava-se como seria o casamento de Martin; a noiva dele era desenhista de moda, imagine só. Se ao menos Kainene pudesse ir com ele; se ao menos não tivesse que ficar para assinar o novo contrato. Queria que tia Elizabeth, Martin e Virgínia conhecessem Kainene, mas, mais que tudo, queria que eles o vissem, o homem em que se tornara, depois de anos na África — queria que vissem que estava mais bronzeado e mais feliz.

Ikejide aproximou-se. "Mister Richard, *sah*! Madame diz pra eu fazer o senhor voltar. Teve outro golpe." O criado parecia animado.

Richard correu para dentro de casa. Ele tinha razão; Madu errara. O calor úmido de julho tinha emplastrado seu cabelo; passou a mão pela cabeça, enquanto corria. Kainene estava num sofá, na sala, os braços em torno do corpo, balançando-se para a frente e para trás. A voz britânica no rádio estava tão alta que ela teve de levantar a sua, para dizer: "Oficiais do Norte assumiram o poder. A BBC diz que eles estão matando oficiais ibos em Kaduna. A rádio Nigéria não diz nada." Ela falava rápido demais. Ele parou atrás dela e começou a massagear seus ombros, trabalhando os músculos tensos de Kainene em movimentos circulares. Pelo rádio, a voz britânica ofegante comentava o fato extraordinário de um segundo golpe ocorrer apenas seis meses depois do primeiro.

"Extraordinário. De fato, extraordinário", repetiu Kainene. De repente, com um movimento brusco, estendeu o braço e jogou o rádio no chão. Ele caiu no carpete e uma pilha se soltou e saiu rolando. "Madu está em Kaduna", disse ela, e cobriu o rosto com as mãos. "Madu está em Kaduna."

"Vai dar tudo certo, minha querida", disse Richard. "Vai dar tudo certo." Pela primeira vez, pensou na possibilidade de que Madu tivesse morrido. Resolveu não voltar para Nsukka por uns tempos, e não tinha certeza dos motivos. Seria de fato por querer estar ao lado dela quando soubesse que Madu morrera? Nos dias seguintes, Kainene estava tão tensa e ansiosa que ele também começou a se preocupar com Madu, e a se ressentir por isso, e, depois, a se ressentir do ressentimento. Não devia ser tão mesquinho. Kainene o incluíra em suas preocupações, como se Madu fosse amigo de ambos, e não só dela. Contou-lhe sobre as pessoas a quem ligara, sobre as indagações que fizera para apurar o que ocorrera. Ninguém sabia de nada. A mulher de Madu não tinha informação nenhuma. Lagos estava um caos. Seus pais haviam ido para a Inglaterra. Muitos oficiais ibos estavam mortos. As matanças eram organizadas; Kainene contou que, segundo um soldado, um dia soou o toque de inspeção do batalhão, no quartel dele, e, depois que todos se reuniram, os militares do Norte pegaram os soldados ibos, levaram e fuzilaram.

Kainene ficou calada, sempre muito quieta, mas sem derramar uma lágrima, de modo que no dia em que disse a Richard: "Fiquei sabendo de uma coisa", com um soluço na voz, ele teve certeza de que eram notícias sobre Madu. Pensou em como consolá-la, e se conseguiria consolá-la.

"Udodi", disse Kainene. "Eles mataram o coronel Udodi Ekechi."

"Udodi?" A certeza de Richard de que se tratava de Madu era tanta que, por alguns momentos, ficou sem ação.

"Os soldados do Norte o puseram numa cela, no quartel, e lhe deram o próprio excremento para comer. Ele comeu a própria merda." Kainene parou uns momentos de falar. "Depois o surraram até ele perder os sentidos, amarraram numa cruz de ferro e jogaram de volta na cela. Ele morreu amarrado numa cruz de ferro. Ele morreu numa cruz."

Richard sentou-se, lentamente. A pouca simpatia que tinha por Udodi — espalhafatoso, bêbado, com um mau-caratismo que escorria dos poros — só aumentara com o passar dos anos. No entanto, ao ouvir sobre sua morte, moderou-se. Pensou, de novo, em Madu morto e percebeu que não sabia como iria se sentir.

"Quem lhe contou isso?"

"Maria Obele. A mulher de Udodi é prima dela. Ela me disse que nenhum oficial ibo em serviço no Norte escapou com vida. Mas tem gente em Umunnachi que diz que ouviu falar que Madu escapou. Adaobi não sabe de nada. Como é que ele poderia ter escapado? Como?"

"Pode ser que esteja escondido em algum canto."

"Como?", perguntou Kainene de novo.

O coronel Madu apareceu na casa de Kainene duas semanas depois, com a aparência de alguém bem mais alto, por ter perdido tanto peso; as saliências das escápulas estavam visíveis através da camisa branca.

Kainene gritou: "Madu! É você mesmo? *Ogi di ife a*?"

Richard não tinha certeza de quem se aproximara primeiro, ele ou ela, porém Kainene e Madu se abraçaram, bem apertados, Kainene tocando nos braços e no rosto com uma ternura que fez Richard olhar para o outro lado. Foi até o móvel do bar e serviu um uísque para Madu e um gim para si.

"Obrigado, Richard", disse Madu, mas não pegou a bebida, e Richard ficou ali, segurando dois copos, até colocar um sobre a mesa.

Kainene sentou-se numa mesinha lateral, na frente de Madu. "Disseram que tinham fuzilado você em Kaduna, depois disseram que tinham enterrado você vivo no mato, depois falaram que você tinha escapado, depois vieram com notícias de que você estava numa prisão em Lagos."

Madu não disse nada. Kainene olhava fixo para ele. Richard terminou seu gim e serviu outro.

"Lembra-se do meu amigo Ibrahim? De Sandhurst?", perguntou Madu, finalmente.

Kainene fez que sim com a cabeça.

"Ibrahim salvou minha vida. Ele me contou sobre o golpe naquela manhã. Ele não estava diretamente envolvido, mas a maioria deles — dos oficiais do Norte — sabia a respeito. Ele me levou até a casa do primo, mas eu não entendi direito até ele pedir para eu ser levado ao quintal, onde ficava a criação. Dormi no galinheiro durante dois dias."

"Não! *Ekwuzina*!"

"E você sabe que os soldados foram até a casa do primo dele, me procurando? Todo mundo sabia que éramos muito chegados, e suspeitavam que ele tivesse me ajudado a escapar. Porém não foram conferir no galinheiro." O coronel Madu parou de falar uns momentos, meneando a cabeça e olhando ao longe. "Eu não sabia o fedor que tem merda de galinha até dormir três noites seguidas lá. No terceiro dia, Ibrahim mandou alguns caftãs e dinheiro através de um garoto e pediu para eu ir embora imediatamente. Me vesti feito um nômade fula e vim caminhando pelos povoados menores, porque Ibrahim disse que os soldados da artilharia tinham erguido barreiras em todas as principais estradas de Kaduna. Tive sorte de encontrar um caminhoneiro, um ibo de Ohafia, que me levou até Kafanchan. Meu primo mora lá. Você conhece Onunkwo, não conhece?" Madu não esperou Kainene responder. "Ele é o chefe da estação, e me contou que os soldados do Norte haviam bloqueado a ponte Makurdi. Aquela ponte virou um cemitério. Eles deram busca em todos os carros que passavam, atrasaram os trens de passageiro em até oito horas, fuzilaram todos os soldados ibos que encontraram, e jogaram os corpos da ponte. Muitos dos soldados estavam disfarçados, mas eles usaram as botas para encontrá-los."

"O quê?" Kainene debruçou-se para a frente.

"Botas." Madu olhou para seus pés. "Você sabe que todo soldado usa bota o tempo inteiro, de modo que examinaram os pés de cada homem, e qualquer ibo cujos pés estivessem limpos e sem rachas do harmatão, eles pegavam e fuzilavam. Também examinaram a testa de todo mundo, para ver se havia sinais de pele mais clara, por causa do quepe de soldado." Madu balançou a cabeça. "Onunkwo me aconselhou a esperar alguns dias.

Ele não achava que eu fosse conseguir atravessar a ponte, porque me reconheceriam facilmente, fosse qual fosse o disfarce. De modo que passei dez dias num povoado perto de Kafanchan. Onunkwo encontrou diversas casas em que pude ficar. Não era seguro ficar com ele. Por fim, disse que tinha encontrado um condutor, um bom homem de Nnewi, que poderia me esconder no tanque de água de seu trem de carga. O homem me deu um traje de bombeiro para usar e eu entrei no tanque. Fiquei com água até o pescoço. Toda vez que o trem dava um sacolejo, entrava água no meu nariz. Quando chegamos à ponte, os soldados revistaram o trem inteirinho. Escutei passos na tampa do tanque e pensei que estivesse tudo terminado. Mas eles não abriram e nós passamos. Foi só então que me considerei vivo, e que conseguiria sobreviver. Voltei para Umunnachi e encontrei Adaobi usando luto."

Kainene não parava de olhar para Madu, mesmo ele já tendo terminado sua história. Houve mais um período de silêncio, o que deixou Richard constrangido, porque não sabia como reagir, que expressão estampar no rosto.

"Os soldados ibos e os do Norte nunca mais poderão conviver nos mesmos quartéis depois disso. É impossível, impossível", disse o coronel Madu. Tinha um brilho vidrado nos olhos. "E Gowon não poderá ser o chefe da nação. Eles não podem nos impor Gowon como chefe da nação. Não é assim que se fazem as coisas. Há muitos outros que são mais antigos do que ele."

"E o que você vai fazer, agora?", perguntou Kainene.

Madu pelo visto não escutou a pergunta. "Tanta gente nossa morta. Tantos homens bons, sólidos — Udodi, Iloputaife, Okunweze, Okafor —, homens que acreditavam na Nigéria, que não se importavam com tribos. Afinal de contas, Udodi falava hauçá muito melhor do que ibo, e veja o que fizeram com ele." Levantando-se, Madu começou a andar pela sala. "O problema foi a política de equilíbrio étnico. Fiz parte da comissão que disse ao nosso comandante geral que deveríamos eliminá-la, que ela estava polarizando o exército, que eles deveriam parar de promover nortistas sem qualificações. Mas o comandante disse não, o comandante *britânico*." Madu virou-se e deu uma espiada em Richard.

"Vou pedir a Ikejide que faça o seu arroz especial", disse Kainene.

Madu deu de ombros, calado, olhando a janela.

10.

Ugwu pôs a mesa para o almoço. "Está servido, *sah*", disse ele, embora soubesse que o Patrão não iria nem tocar na sopa de *okro* e que continuaria a andar de um lado a outro da sala, com o rádio ligado em volume alto, como vinha fazendo desde que a srta. Adebayo saíra, cerca de uma hora atrás. Ela tinha batido com tamanha força na porta que Ugwu ficou preocupado com o vidro, e, depois, quando foi abri-la, a srta. Adebayo o empurrou, perguntando: "Cadê seu patrão? Cadê seu patrão?".

"Eu vou chamá-lo, *mah*", mas a srta. Adebayo já estava lá adiante, indo para o escritório. Ele ouviu quando ela disse: "Estamos com problemas no Norte", e a boca de Ugwu secou na hora, porque a srta. Adebayo não era uma alarmista e, o que quer que estivesse acontecendo no Norte, tinha de ser sério, e Olanna estava em Kano.

Desde o segundo golpe, algumas semanas antes, quando soldados ibos morreram, ele tinha feito o possível para entender o que estava acontecendo, lia os jornais com mais cuidado, escutava com mais atenção as palavras do Patrão e de seus convidados. As conversas não terminavam mais com risadas tranquilizadoras, e a sala parecia estar sempre toldada de incertezas, de um conhecimento inconcluso, como se todo mundo soubesse que haveria alguma coisa, no entanto não soubesse o quê. Nenhum deles jamais teria imaginado que isso iria acontecer, que o locutor da rádio ENBC de Enugu estaria anunciando agora, enquanto Ugwu alisava a toalha de mesa: "Já está confirmada a notícia de que cerca de quinhentos ibos foram mortos em Maiduguri".

"Que asneira!", gritou o Patrão. "Você ouviu *isso*? Você *ouviu* isso?"

"Ouvi, *sah*", disse Ugwu. Esperava que o barulho não fosse acordar Baby, que fazia a sesta.

"Impossível!", disse o Patrão.

"*Sah*, a sua sopa", disse Ugwu.

"Quinhentas pessoas mortas. Não pode ser! Não é verdade."

Ugwu levou o prato para a cozinha e pôs na geladeira. O cheiro dos temperos lhe dava náusea, assim como a visão da sopa, ou de qualquer comida. Mas Baby acordaria logo mais e ele tinha que preparar seu jantar. Pegou um saco de batatas da despensa e sentou-se, olhando para elas e se lembrando de dois dias antes, quando Olanna partira para Kano, para buscar tia Arize, o cabelo trançado puxando sua testa até a pele ficar com um brilho sedoso. Baby entrou na cozinha. "Ugwu."

"*I tetago*? Você está acordada?", perguntou ele, antes de abraçá-la. Perguntava-se se o Patrão teria visto a filha passar pela sala. "Você sonhou com os franguinhos bebês?"

Baby riu e as covinhas afundaram bem no fundo das bochechas. "Sonhei!"

"E você falou com eles?"

"Falei!"

"E o que eles disseram?"

Baby não deu a resposta de hábito. Soltou do pescoço de Ugwu e agachou-se no chão. "Onde está Mami Ola?"

"Mami Ola vai voltar logo." Ugwu examinou a lâmina da faca. "Agora, me ajude com as cascas. Ponha tudo na lata de lixo e, quando Mami Ola voltar, a gente diz para ela que você me ajudou a cozinhar."

Depois de Ugwu ter posto as batatas para cozinhar, deu um banho na menina, empoou seu corpo com talco Pears e pegou sua camisola rosa. Era a que Olanna adorava, a que, segundo ela, deixava Baby parecendo uma boneca. Porém Baby disse: "Eu quero o pijama", e Ugwu ficou inseguro, sem saber qual é que Olanna amava, a camisola ou o pijama.

Escutou uma batida na porta da frente. O Patrão saiu correndo do escritório. Ugwu saiu em disparada e agarrou a maçaneta antes; não largou, para poder ser a pessoa a abrir a porta, embora soubesse que não podia ser Olanna. Ela tinha a própria chave.

"E Obiozo?", perguntou o Patrão, olhando para os dois homens parados na porta. "Obiozo?"

Quando Ugwu viu os olhos vazios dos dois, as roupas imundas, soube na hora que deveria tirar Baby dali, protegê-la. Levou a comida dela para o

quarto, pôs na mesinha de brinquedo, e disse que ela podia fingir que estava comendo com Jill, dos quadrinhos de *Jack and Jill*, que vinham com o *Renaissance*. Parado na porta que dava para o corredor, Ugwu deu uma espiada na sala. Um deles falava, enquanto o outro bebia de uma garrafa de água, sem se preocupar com o copo na mesa.

"Nós encontramos um caminhoneiro que concordou em nos trazer", disse o homem, e Ugwu viu na hora que era um conterrâneo do Patrão; o dialeto de Abba era pesado e cada *f* soava como um *v*.

"O que houve?", perguntou o Patrão.

O homem colocou a garrafa de água sobre a mesa e disse baixinho: "Eles estão matando a gente feito formiga. Ouviu bem o que eu disse? Formiga".

"Nossos olhos já viram coisas demais, *anyi afujugo anya*", disse Obiozo. "Eu vi uma família inteira, o pai, a mãe e os três filhos, mortos na estrada. Largados ali."

"E Kano? O que está acontecendo em Kano?", perguntou o Patrão.

"Começou em Kano", disse o homem.

Obiozo estava falando, dizendo alguma coisa sobre urubus e cadáveres jogados do lado de fora dos muros da cidade, porém Ugwu não escutou mais nada. Começou em Kano continuava ressoando em sua cabeça. Não queria arrumar o quarto de hóspedes, pegar lençóis limpos, aquecer a sopa e preparar *garri** para eles. Queria que se fossem imediatamente. Ou, se não fossem partir, que fechassem aquelas suas bocas imundas. Queria que o locutor de rádio também fizesse silêncio, mas ele não fazia. Repetiram as notícias das mortes em Maiduguri até Ugwu ter vontade de atirar o rádio pela janela, e, na tarde seguinte, depois que os homens se foram, uma voz solene, na rádio ENBC de Enugu, recontou testemunhos de pessoas do Norte: professores estraçalhados em Zaria, uma igreja católica inteirinha incendiada em Sokoto, uma grávida aberta ao meio em Kano. O locutor parou uns momentos. "Alguns de nós estão começando a voltar. Os que tiveram sorte estão voltando. As estações ferroviárias estão lotadas com nossa gente. Se você tem um pouco de chá e pão sobrando, por favor, leve até a estação. Ajude um irmão necessitado."

O Patrão saltou do sofá. "Vá, Ugwu. Pegue chá, pão e vá até a estação de trem."

"Pois não, *sah*", disse Ugwu. Antes de fazer o chá, fritou algumas bananas para o almoço de Baby. "Eu pus o almoço de Baby no forno, *sah*."

Não tinha certeza se o Patrão ouvira e, ao sair, ficou preocupado, pensando que Baby podia sentir fome e o pai não sabia que tinha banana frita no forno. Obrigou-se a continuar preocupado até chegar à estação. Esteiras e panos imundos estavam espalhados por toda a plataforma, com gente amontoada em cima, homens, mulheres e crianças chorando, comendo pão e cuidando das feridas. Os ambulantes andavam em volta, com as bandejas na cabeça. Ugwu não queria entrar naquele bazar esfarrapado, mas muniu-se de coragem e foi na direção de um homem sentado no chão, com um trapo manchado de vermelho em volta da cabeça. As moscas zumbiam por todos os lados.

"Quer um pouco de pão?", perguntou Ugwu.

"Quero, meu irmão. *Dalu*. Obrigado."

Ugwu não olhou para ver que profundidade tinha a ferida de faca na cabeça. Serviu o chá e estendeu o pão. Não se lembraria desse homem no dia seguinte porque não queria lembrar.

"Quer um pouco de pão?", perguntou Ugwu a outro homem ali perto, sentado todo curvado. "*I choro* pão?"

O homem virou-se. Ugwu recuou e quase deixou cair a garrafa térmica. O olho direito dele se fora, e, em seu lugar, havia uma polpa vermelho-suculenta.

"Foram os soldados que nos salvaram", dizia o primeiro homem, como se sentisse que era dever dele contar sua história em troca do pão que comia, embebido no chá. "Eles nos disseram para correr para o quartel. Aqueles doidos estavam correndo atrás de nós como se fôssemos bodes fugidos, mas, assim que atravessamos os portões do quartel, ficamos seguros."

Um trem caindo aos pedaços entrou na estação, tão cheio que havia pessoas viajando do lado de fora, agarradas em barras de metal. Ugwu viu gente cansada, empoeirada e ensanguentada saltando, mas não se adiantou para ajudá-las. Não conseguia suportar a idéia de que Olanna fosse um dos derrotados se arrastando pela plataforma, ao mesmo tempo que não aceitava a idéia de que não fosse, de que tivesse ficado para trás, em algum lugar no Norte. Ficou ali até o trem esvaziar. Olanna não saltou. Deu o resto do pão ao homem sem olho, depois se virou e correu. Só parou quando entrou na Odim e passou o arbusto de flores brancas.

* *Garri* ou *gari* é tapioca. [N.T.]

11.

Olanna estava sentada na varanda de Mohammed, tomando leite de arroz gelado, rindo do fiozinho delicioso e gelado que escorria por sua garganta, da sensação grudenta nos lábios, quando o homem que cuidava dos portões apareceu e pediu para falar com Mohammed.

Mohammed saiu e voltou alguns momentos depois, segurando o que parecia ser um panfleto. "Eles estão se rebelando", falou.

"São os estudantes, não são?", perguntou Olanna.

"Eu acho que é questão de religião. Você precisa ir embora já." Os olhos dele evitaram os dela.

"Mohammed, calma."

"Sule disse que eles estão bloqueando as estradas em busca de infiéis. Vamos, vamos." Ele já estava entrando em casa. Olanna foi atrás. Ele se preocupava demais com tudo, Mohammed. Afinal, os estudantes muçulmanos estavam sempre protestando contra isso ou aquilo, e pegando no pé de pessoas vestidas como ocidentais, mas em geral se dispersavam bem rápido.

Mohammed entrou num quarto e saiu de lá com um longo lenço. "Use isso, assim pode passar despercebida."

Olanna colocou o lenço na cabeça e enrolou-o no pescoço. "Estou igualzinha a uma muçulmana", brincou.

Porém Mohammed não sorriu. "Vamos. Conheço um atalho até a estação de trem."

"Estação de trem? Arize e eu só partimos amanhã, Mohammed", disse Olanna. Estava quase correndo para acompanhá-lo. "Eu vou voltar para a casa do meu tio em Sabon Gari."

"Olanna." Mohammed havia ligado o carro; o veículo sacolejou, ao partir. "Sabon Gari não é um lugar seguro."

"Como assim?" Ela deu um puxão no lenço; os bordados nas pontas pareciam grosseiros e era incômodo usá-lo junto à pele do pescoço.

"Sule disse que eles estão bem organizados."

Olanna olhou para o amigo, de repente assustada pela forma como ele parecia assustado. "Mohammed?"

A voz dele saiu baixa. "Ele disse que há corpos ibos largados na avenida do Aeroporto."

Olanna percebeu então que essa não era mais uma passeata de estudantes religiosos. O medo ressecou sua garganta. Ela juntou as mãos. "Por favor, vamos apanhar meu pessoal, antes", disse ela. "Por favor."

Mohammed tomou a direção de Sabon Gari. Um ônibus passou por eles, empoeirado e amarelo; parecia um daqueles ônibus de campanha que os políticos usavam para rodar por áreas rurais, dando arroz e dinheiro vivo aos habitantes dos povoados. Um homem estava pendurado na porta do ônibus, com um alto-falante grudado na boca, fazendo ressoar suas lentas palavras em hauçá. "Os ibos têm de ir embora. Os infiéis têm de ir. Os ibos têm de ir embora." Mohammed estendeu a mão, apertou a de Olanna e manteve essa postura enquanto cruzavam com um bando de jovens na beira da calçada, entoando "*Araba*, *araba*!". Ele reduziu a marcha e buzinou algumas vezes, em sinal de solidariedade; eles acenaram de volta e ele acelerou o carro.

Em Sabon Gari, a primeira rua estava vazia. Olanna viu a fumaça subindo feito uma grande sombra cinzenta antes mesmo de sentir o cheiro de queimado.

"Fique aqui", disse Mohammed, ao parar o carro na frente do *compound* de tio Mbaezi. Ela o viu correr. A rua parecia estranha, desconhecida; o portão estava quebrado, o metal, amassado no chão. Depois ela reparou no quiosque de tia Ifeka, ou o que restara dele: lascas de madeira, pacotes de amendoim largados na terra. Abriu a porta do carro e saiu. Parou alguns instantes por causa da luminosidade ofuscante e do calor que fazia, as chamas subindo pelo telhado, areia e cinzas flutuando no ar, antes de sair correndo rumo à casa. Parou ao ver os corpos. Tio Mbaezi estava de bruços, com o corpo retorcido, as pernas esparramadas. Alguma coisa branco-cremosa escorria do rasgo enorme aberto atrás da cabeça. Tia Ifeka estava na varanda. Os cortes em seu corpo nu eram menores, pontilhando braços e pernas como lábios vermelhos meio abertos.

Olanna sentiu uma tontura aquosa em seus intestinos, antes que um entorpecimento tomasse conta do corpo e fosse parar nos pés. Estava sendo arrastada por Mohammed, e a mão dele feria seu braço. Mas não poderia sair sem Arize. Arize iria chegar a qualquer momento. Arize precisava ficar perto de um médico.

"Arize", disse ela. "Arize está na rua."

A fumaça estava ficando mais densa a sua volta, de modo que não tinha certeza se aqueles homens todos andando pelo quintal eram de verdade ou apenas nuvens de fumaça, até ver as lâminas metálicas brilhantes das machadinhas e machetes, os caftãs ensanguentados flutuando em volta das pernas.

Mohammed empurrou-a para dentro do carro, deu a volta e entrou também. "Mantenha o rosto baixo", disse ele.

"Acabamos com a família inteira. Foi a vontade de Alá!", gritou um dos homens, em hauçá. O homem era conhecido. Era Abdulmalik. Cutucou um corpo caído no chão com o pé e Olanna então reparou quantos corpos estavam largados ali, feito bonecas de pano.

"Quem é você?", perguntou um outro, parado diante do carro.

Mohammed abriu a porta, com o carro ainda ligado, e falou em hauçá, rápido e persuasivo. O homem se afastou. Olanna virou-se, para olhar mais de perto e ver se era de fato Abdulmalik.

"Não levante a cabeça!", disse Mohammed. Quase bateu na *kuka*; uma das imensas vagens da árvore caiu e Olanna escutou o som de algo sendo esmagado quando o carro passou por cima. Ela baixou a cabeça. *Era* Abdulmalik. Ele tinha chutado um outro corpo, um corpo de mulher sem a cabeça, e pisado em cima, posto uma perna, depois a outra em cima dela, embora houvesse espaço do lado para ele andar.

"Alá não permite isso", disse Mohammed. Estava tremendo; o corpo inteiro tremia. "Alá não vai se esquecer deles. Alá não vai se esquecer dos que levaram essa gente a fazer isso. Alá *nunca* vai perdoar isso."

Rodaram num silêncio nervoso, passaram por policiais em fardas ensanguentadas, passaram por urubus empoleirados nas cercas, passaram por rapazes levando rádios roubados, até que ele parou na estação e empurrou-a para dentro de um trem lotado.

Olanna sentou-se no chão do trem, com os joelhos encolhidos até o peito e a pressão morna e suarenta de outros corpos em volta. Havia gente que ia do lado de fora dos vagões, amarrada ao trem, e alguns iam nos degraus, segurando no corrimão. Olanna escutou gritos abafados quando um homem caiu. O trem era uma massa de metais frouxamente ligados, o trajeto, instável como se os trilhos fossem cruzados por lombadas, e, toda vez que a composição chacoalhava, ela era atirada contra a mulher a seu lado, e contra algo no colo dela, uma tigela grande, uma cabaça. Os panos que ela usava estavam salpicados de manchas borradas que pareciam de sangue, mas Olanna não tinha certeza. Seus olhos ardiam. Sentia como se houvesse uma mistura de pimenta e areia dentro deles, pinicando e fazendo arder as pálpebras. Era uma agonia piscar, uma agonia mantê-los fechados, uma agonia deixá-los abertos. A vontade era arrancar os olhos. Molhou a ponta dos dedos com saliva e esfregou na vista. Às vezes fazia isso com Baby, quando ela se arranhava. "Mami Ola!", gemia ela, erguendo o braço ou a perna ferida, e Olanna então enfiava o dedo na boca e, depois, passava no machucado. Só que a saliva só fez o ardor piorar.

Um jovem a sua frente gritou e pôs as mãos na cabeça. O trem deu uma guinada e Olanna foi atirada de novo contra a cabaça; ela gostava da sensação firme da madeira. Estendeu a mão até conseguir acariciar delicadamente os traços entalhados que se entrecruzavam na casca. Fechou os olhos, porque ardiam menos quando fechados, e os manteve assim por horas, a mão junto à cabaça, até alguém gritar, em ibo, "*Anyi agafeela*! Nós cruzamos o rio Níger! Chegamos em casa!".

Um líquido — urina — se espalhava pelo chão do trem. Olanna sentiu o frio ir encharcando o vestido. A mulher com a cabaça lhe deu uma cotovelada de leve e chamou outras pessoas para que se aproximassem. "*Bianu*, vem ver", disse ela. "Vem dar uma olhada."

Abriu a cabaça.

"Dêem uma olhada", disse de novo.

Olanna olhou dentro. Viu a cabeça de uma menina, a pele baça e cinzenta, o cabelo todo trançado, os olhos revirados para trás e a boca aberta. Continuou olhando por um tempo, antes de desviar a vista. Alguém gritou.

A mulher fechou a cabaça. "E sabe que eu levei um bom tempo", disse ela, "para trançar o cabelo dela? Ela tinha um cabelo tão grosso."

O trem havia parado com um guincho enferrujado. Olanna saltou e parou, em meio à multidão que se empurrava. Uma mulher desmaiou. Motoqueiros batiam nas laterais dos caminhões, entoando: “Owerri! Enugu! Nsukka!”. Ela se lembrou da cabeça de tranças dentro da cabaça. Imaginou a mãe fazendo as tranças, os dedos besuntando o cabelo de óleo, antes de dividi-lo em partes, com um pente de madeira.

12.

Richard lia mais uma vez o bilhete de Kainene quando o avião pousou em Kano. Tinha achado enquanto buscava uma revista na pasta. Bem que teria gostado de saber que aquele bilhete ficara os dez dias passados em Londres dentro de sua pasta, à espera de ser lido.

Será o amor essa necessidade equivocada de tê-lo a meu lado o tempo quase todo? Será o amor essa segurança que eu sinto em nossos silêncios? Será o entrosamento, a completude?

Ele sorria enquanto lia; Kainene nunca escrevera nada parecido para ele. Duvidava até que ela tivesse lhe escrito qualquer coisa, antes, a não ser o genérico *Beijo, Kainene*, nos cartões de aniversário. Leu várias vezes, demorando-se no *I* (eu) tão elaboradamente recurvo que chegava a parecer o símbolo da libra esterlina. De repente, não estava mais contrariado com o fato de o vôo ter saído atrasado de Londres, nem com a baldeação em Kano, que adiaria ainda mais sua chegada a Lagos. Uma leveza absurda se apoderara dele; tudo era possível, tudo era controlável. Levantou-se e ajudou a mulher que viajara a seu lado a carregar a valise. *Será o amor essa segurança que sinto em nossos silêncios*?

"Você está sendo muito gentil", disse a mulher, num sotaque irlandês. O vôo estava cheio de não-nigerianos. Se Kainene estivesse junto, com certeza teria dito algo em tom zombeteiro — *Aí vão os europeus rumo ao saque*. Apertou a mão da comissária de bordo, ao pé da rampa, e caminhou rápido pelo asfalto; o sol estava forte, um calor penetrante e branco que o fazia imaginar todo o líquido de seu corpo evaporando, secando, e sentiu-se aliviado quando entrou e sentiu o frescor do prédio. Parou na fila da alfânde-

ga e releu o bilhete de Kainene. *Será o amor essa necessidade equivocada de tê-lo a meu lado quase o tempo todo*? Ele a pediria em casamento quando voltasse a Port Harcourt. Primeiro, ela diria algo como: "Um sujeito branco e sem dinheiro. Meus pais vão ficar escandalizados". Mas aceitaria. Ele sabia que ela aceitaria. Alguma coisa tinha acontecido com ela, nos últimos tempos, um abrandamento, um amadurecimento do qual surgira o bilhete. Não sabia muito bem se ela o perdoara pelo incidente com Olanna — nunca falaram no assunto —, mas esse bilhete, essa nova franqueza, significavam que ela estava pronta a ir em frente. Estava alisando o bilhete na palma da mão quando um funcionário muito jovem e de pele muito escura perguntou: "O senhor tem algo a declarar?".

"Não", disse Richard, entregando o passaporte. "Estou indo para Lagos."

"Muito bem! Bem-vindo à Nigéria", disse o jovem. Seu corpo era gordo, grande, parecia desleixado dentro do uniforme.

"Você é funcionário, aqui?", perguntou Richard.

"Sou, sim. Estou em treinamento. Até dezembro, já serei um inspetor de alfândega diplomado."

"Ótimo", disse Richard. "E de onde você é?"

"Eu venho da região sudeste, de uma cidade chamada Obosi."

"O pequeno vizinho de Onitsha."

"O senhor conhece o lugar?"

"Trabalho na Universidade de Nsukka e já viajei muito pela região leste. Estou escrevendo um livro sobre a área. E minha noiva é de Umunnachi, que não fica muito longe de você." Sentiu uma onda de realização ao ver como a palavra *noiva* saíra facilmente dele, sinal de uma futura beatitude matrimonial. Sorriu, depois percebeu que o sorriso ameaçava virar risada e que ele poderia estar ligeiramente delirante. Era aquele bilhete.

"O senhor disse sua noiva?" O jovem parecia não ter aprovado.

"Isso. O nome dela é Kainene." Richard falava devagar, certificando-se de arrastar a segunda sílaba inteirinha.

"O senhor fala ibo?" Os olhos do rapaz mostraram um frágil respeito por Richard.

"*Nwanne di na mba*", disse Richard, de forma enigmática, torcendo para não ter misturado as bolas e que o provérbio quisesse dizer que o irmão de alguém sempre podia vir de uma terra diferente.

"Eh! Você fala! *I na-asu Igbo*!" O rapaz pegou na mão de Richard com a sua, úmida de suor, sacudiu-a calorosamente, e começou a falar de si. Seu nome era Nnaemeka.

"Eu conheço muito bem o pessoal de Umunnachi, eles dão trabalho, todos eles", falou. "Meus parentes avisaram minha prima para não se casar com aquele sujeito de Umunnachi, mas ela não escutou. Todos os dias, batiam nela até que ela arrumou as coisas e voltou para a casa do pai. Mas nem todo mundo em Umunnachi é mau. Os parentes da minha mãe vêm de lá. O senhor nunca ouviu falar da mãe da minha mãe? Nwayike Nkwelle? O senhor devia escrever sobre ela em seu livro. Era uma herbalista fantástica, e tinha o melhor remédio para a malária. Se tivesse cobrado dinheiro grosso das pessoas, eu agora estaria estudando medicina no exterior. Mas minha família não pode me mandar para fora, e o pessoal em Lagos está dando bolsa de estudo para os filhos de gente que tem como subornar. É por causa de Nwayike Nkwelle que eu queria estudar para médico. Mas não estou dizendo que esse emprego aqui de inspetor da alfândega é ruim. Afinal, temos de fazer exame para entrar, e muita gente fica enciumada. Quando eu me tornar um inspetor de alfândega de verdade, a vida vai ser bem melhor, com muito menos sofrimento..."

Uma voz, falando inglês com um elegante sotaque hauçá, anunciou que os passageiros do vôo saído de Londres deveriam prosseguir para o embarque com destino a Lagos. Richard sentiu-se aliviado. "Foi muito bom falar com você, *jisie ike*."

"Foi mesmo, senhor. Saudações a Kainene."

Nnaemeka virou-se para voltar a sua escrivaninha. Richard apanhou a pasta. A entrada lateral abriu-se com um estrondo e três homens entraram correndo, empunhando rifles de cano longo. Estavam de farda verde do exército e Richard se perguntou por que os soldados sempre faziam um espetáculo de si mesmos, entrando dessa forma, até ver como estavam vermelhos e perigosamente vidrados os olhos deles.

O primeiro soldado agitou a arma para um lado e outro, "*Ina nyamiri*! Onde estão os ibos? Quem é ibo, aqui? Cadê os infiéis?"

Uma mulher gritou.

"Você é ibo", disse o segundo soldado para Nnaemeka.

"Não, eu venho de Katsina! Katsina!"

O soldado avançou para ele. "Diga *Allahu Akbar*!"

O saguão ficou em silêncio. Richard sentiu o suor frio pesando sobre os cílios.

"Diga *Allahu Akbar*!", repetiu o soldado.

Nnaemeka ajoelhou-se. Richard viu o medo entranhado tão lá no fundo que as bochechas caíram e o transfiguraram numa máscara que não parecia em nada com ele. Nnaemeka não poderia dizer "*Allahu Akbar*", Deus é grande, porque seria traído pelo sotaque. Mesmo assim, Richard queria que ele dissesse as palavras; queria que algo, qualquer coisa, acontecesse no silêncio sufocante e, como se em resposta a seus pensamentos, o rifle disparou e o peito de Nnaemeka se abriu, uma massa vermelha espedaçada; o bilhete caiu da mão de Richard.

Os passageiros estavam agachados atrás dos bancos. Homens se ajoelharam para baixar a cabeça até o chão. Alguém gritava em ibo: "Minha mãe, ó! Minha mãe, ó! Deus disse que não!". Era o garçom do bar. Um dos soldados se aproximou bem dele e disparou, depois mirou nas garrafas de bebida alinhadas atrás e disparou contra elas também. Tudo ficou cheirando a uísque, gim e Campari.

Chegaram mais soldados, houve mais tiros, mais gritos de "*Nyamiri*!" e "*Araba*, *araba*!". O garçom do bar se remexia no chão e o gorgolejo que saía de sua boca era gutural. Os soldados correram pela pista, entraram no avião, tiraram à força os ibos que já tinham subido, enfileiraram todos eles, fuzilaram e deixaram-nos ali, as roupas de estampados vivos feito manchas coloridas na faixa preta empoeirada. Os guardas de segurança cruzaram os braços por cima das fardas e observaram tudo. Richard sentiu que molhava a calça. Havia um zumbido penoso em seu ouvido. Quase perdeu o avião porque, enquanto os outros passageiros caminhavam, trêmulos, para o embarque, ele ficou de lado, vomitando.

Susan ainda estava de roupão. Não pareceu surpresa de vê-lo chegar sem ser anunciado. "Você parece exausto", disse ela, tocando em seu rosto. O cabelo dela estava embaraçado e sem brilho, meio jogado para trás, revelando suas orelhas vermelhas.

"Acabei de chegar de Londres. Nosso vôo parou em Kano."

"É mesmo?", perguntou Susan. "E como foi o casamento do Martin?"

Richard continuava imóvel no sofá; não se lembrava de nada do que ocorrera em Londres. Susan não parecia ter reparado que ele não abrira a boca. "Um uísque pequeno com bastante água?", perguntou, já servindo a bebidas. "Kano é muito interessante, não é?"

"É", disse Richard, embora o que quisesse lhe dizer era que tinha visto os ambulantes, os carros, os ônibus e as ruas lotadas de Lagos com espanto, porque a vida ali continuava a seguir seu rumo do mesmo jeito normal de sempre, como se nada estivesse acontecendo em Kano.

"É muito tolo ver que os nortistas estão pagando o dobro para os estrangeiros, tudo para não contratar um sulista. Mas tem muito dinheiro por lá. O Nigel acabou de me ligar para falar de um amigo dele, John, um escocês horrendo. Mas, como eu ia dizendo, o John é piloto de avião e fez uma pequena fortuna levando ibos para lugares mais seguros nesses últimos dias. Ele disse que centenas de pessoas foram mortas só em Zaria."

Richard sentia que seu corpo estava se preparando para fazer algo, para estremecer, para desmaiar. "Então você sabe o que está acontecendo por lá?"

"Claro que eu sei. Só espero que a coisa não chegue até aqui. É quase impossível prever essas coisas." Susan tomou a bebida num gole só. Ele reparou no tom acinzentado de sua pele, nas pequenas gotas de suor sobre o lábio. "Tem muito ibo em Lagos — quer dizer, eles estão em toda parte, não é mesmo? Não que eles não soubessem o que esperar, quando a gente pensa melhor a respeito, eles com aquele sentido de clã deles, sempre melhores que os outros, sempre controlando os mercados. Uma coisa muito judaica, na verdade. E pensar que são relativamente incivilizados; não dá para compará-los aos iorubas, por exemplo, que vêm mantendo contato com os europeus há anos, na costa. Lembro-me de alguém me dizendo, quando vim para cá: cuidado com os criados ibos que você contratar, porque, antes que você se dê conta, eles já serão donos da casa e do terreno onde ela foi construída. Mais um uisquinho?"

Richard balançou a cabeça. Susan serviu mais uma dose para si e, dessa vez, não acrescentou nenhuma água. "Você não viu nada no aeroporto de Kano, viu?"

"Não", disse Richard.

"Eles não iriam até o aeroporto, imagino. É extraordinário, não é mesmo, o jeito como essa gente não consegue controlar o ódio que sentem uns pe-

los outros. Claro que todos nós odiamos alguém, mas é tudo uma questão de controle. A civilização nos ensina o controle.

Susan bebeu seu uísque e serviu um terceiro. A voz dela ecoava, quando ele foi ao banheiro, e piorou a terrível dor de cabeça que sentia. Abriu a torneira. Chocou-se de ver que não estava nada mudado, no espelho, que os pêlos da sobrancelha continuavam espetados, descontrolados, e que os olhos ainda tinham o mesmo tom de azul dos vitrais. Deveria ter ficado transfigurado com o que presenciara. Sua vergonha deveria ter deixado verrugas vermelhas no rosto. O que ele sentiu, quando viu Nnaemeka ser morto, não foi choque e sim um imenso alívio de Kainene não estar com ele, porque não teria como protegê-la e porque eles saberiam que ela era ibo e a teriam matado. Richard não poderia ter salvado Nnaemeka, mas ao menos deveria ter *pensado* nele primeiro, deveria ter se sentido arrasado com a morte do rapaz. Olhou para seu reflexo no espelho e perguntou-se se aquilo de fato acontecera, se de fato tinha visto homens morrerem, se o cheiro que ainda sentia de garrafas de bebida estilhaçadas e de corpos humanos ensanguentados era imaginação sua ou verdade. Porém sabia que aquilo tudo acontecera e que punha em dúvida apenas porque essa era a expressão de seu desejo. Baixou a cabeça na pia e começou a chorar. A água assobiou ao sair da torneira.

3. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Ele escreve sobre a Independência. A Segunda Guerra Mundial mudou a ordem do mundo: o Império desmoronava e uma elite nigeriana que dizia o que pensava, quase toda ela do Sul, surgira nesse meio tempo.

O Norte estava inquieto: temia o domínio do Sul, bem mais instruído, e sempre quis separar-se dos sulistas infiéis. Entretanto os britânicos tinham de manter a Nigéria como ela era — uma criação deles de alto valor, um grande mercado, um espinho no olho da França. Para favorecer o Norte, ajeitaram as eleições pré-independência em favor do Norte e redigiram uma nova constituição que dava aos nortistas o controle sobre o governo central.

O Sul, ansioso pela independência, aceitou a constituição. Com os britânicos fora, haveria coisas boas para todo mundo: salários de "branco" há muito negados aos nigerianos, promoções, altos cargos. Nada foi feito em relação ao clamor dos grupos minoritários, e as regiões já estavam competindo tão ferozmente que algumas queriam ter embaixadas estrangeiras separadas.

Em 1960, na época de sua Independência, a Nigéria era um conjunto de fragmentos presos por um frágil fecho.

13.

Os Mergulhos no Escuro de Olanna começaram no dia em que voltou de Kano, no dia em que suas pernas fraquejaram. Elas estavam boas, quando desceu do trem, e Olanna nem precisou se segurar nos corrimões ensanguentados; estavam boas quando pegou um ônibus lotado, em que não conseguia nem coçar as costas, e viajou até Nsukka em pé durante três horas. Mas, diante da porta da frente da casa de Odenigbo, elas fraquejaram. Assim como a bexiga. Houve uma espécie de derretimento das pernas e houve também a umidade do líquido quente escorrendo por entre as coxas. Foi Baby que a descobriu. Baby tinha ido até a porta da frente, para olhar, perguntando a Ugwu quando é que Mami Ola iria voltar, e deu um berro quando a viu desmaiada no degrau. Odenigbo a levou para dentro, deu-lhe um banho e não deixou que Baby a abraçasse muito apertado. Depois que Baby dormiu, Olanna contou a Odenigbo o que vira. Descreveu as roupas vagamente conhecidas nos corpos sem cabeça jogados no quintal, os dedos ainda se mexendo na mão de Tio Mbaezi, os olhos revirados da cabeça de criança na cabaça e o tom esquisito na pele — um cinza chapado, amarelado, como um quadro-negro mal apagado — de todos os cadáveres que jaziam no quintal.

Nessa noite, teve o primeiro Mergulho no Escuro. Um grosso cobertor desceu de lá de cima e comprimiu seu rosto firmemente, enquanto ela lutava para respirar. Depois, quando se foi, liberando-a para respirar fundo muitas vezes, Olanna viu corujas em fogo na janela, sorrindo e chamando por ela com as penas chamuscadas. Tentou descrever esses Mergulhos no Escuro para Odenigbo. Tentou lhe dizer também qual era o gosto dos comprimidos que o dr. Patel lhe dera, grudentos e úmidos como sua língua, pela manhã.

Mas Odenigbo sempre dizia: "Psiu, *nkem*. Você vai ficar boa logo". Ele falava com suavidade demais. A voz parecia tão tola, tão diferente do que ele era. Ele até cantava quando lhe dava banho na banheira cheia de água perfumada com a espuma de banho de Baby. Ela queria pedir-lhe para parar de ser ridículo, mas os lábios pesavam. Falar era trabalho árduo. Quando os pais e Kainene vieram visitá-la, não falou grande coisa; foi Odenigbo que contou a eles o que ela tinha visto.

No começo, a mãe de Olanna, sentada ao lado do pai, acenou a cabeça para Odenigbo, que falava naquele tom brando e bobo de voz. Depois, ela despencou; simplesmente deslizou, como se os ossos estivessem liquefeitos, até ficar meio deitada, meio sentada no chão. Era a primeira vez que Olanna via a mãe sem maquiagem, sem ouro pendurado nas orelhas, e a primeira vez que via Kainene chorar, desde que eram crianças. "Você não precisa falar sobre isso, não precisa", dizia Kainene, soluçando, embora Olanna não tivesse nem mesmo tentado falar a respeito.

O pai andava de um lado a outro da sala. Perguntou várias vezes a Odenigbo onde, exatamente, Patel se formara em medicina, e como ele podia afirmar que a incapacidade de Olanna de andar era psicológica. Falou de como tinha ficado decepcionado de ter que dirigir o caminho todo, desde Lagos, porque o bloqueio do governo significava que a Nigeria Airways não estava mais voando para o Sudeste. "Nós queríamos vir imediatamente, imediatamente", disse ele, tantas vezes que Olanna começou a se perguntar se ele achava, de fato, que teria feito diferença a data de chegada. Porém fez uma grande diferença eles terem ido, sobretudo que Kainene tivesse aparecido. Isso não significava que Kainene a tivesse perdoado, claro, mas algum significado tinha.

Nas semanas seguintes, Olanna ficou de cama, acenando a cabeça quando amigos e parentes vinham para lhe dizer *ndo* — sinto muito —, para balançar a cabeça e resmungar sobre a perversidade daqueles hauçás muçulmanos, daqueles bodes pretos do Norte, daqueles vaqueiros com os pés forrados de carrapatos. Seus Mergulhos no Escuro ficavam piores nos dias em que recebia visita; às vezes, chegava a ter três, um logo depois do outro, que a deixavam sem fôlego, exausta, exausta demais até para chorar, com energia suficiente apenas para engolir as pílulas que Odenigbo punha em sua boca. Algumas visitas tinham histórias para contar — em Zaria, os Okafor haviam perdido o filho e sua família, quatro pessoas ao todo, a filha Ibe

não tinha voltado de Kaura-Namoda, a família de Onyekachi tinha perdido oito pessoas em Kano. Também falavam que os acadêmicos britânicos da Universidade de Zaria haviam incentivado os massacres e enviado estudantes para incitar os jovens, que grandes multidões nos terminais rodoviários de Lagos vaiavam e zombavam, gritando "Fora os ibos, fora os ibos, assim o *garri* fica mais barato! Fora os ibos! Parem de querer ser dono de toda casa e toda loja!". Olanna não gostava de ouvir essas histórias, assim como não gostava dos olhares furtivos que davam para suas pernas, como se as visitas quisessem descobrir um tumor que explicasse o fato de ela não conseguir andar.

Certos dias, acordava de um cochilo sentindo-se bem, com as idéias em ordem, como acontecia agora. A porta do quarto estava aberta e ela podia ouvir vozes se alternando, na sala. Por algum tempo, Odenigbo havia pedido aos amigos que não aparecessem. Havia parado de jogar tênis para ficar em casa com ela, e Ugwu não precisar levá-la ao banheiro. Olanna ficou satisfeita quando os convidados voltaram a frequentar a casa. Às vezes, acompanhava as conversas. Sabia que a associação feminina da universidade organizava doações de alimentos aos refugiados, que as estações, as minas de estanho e os mercados do Norte estavam desertos depois que os ibos fugiram, que o coronel Ojukwu passara a ser considerado o líder dos ibos, e que as pessoas falavam de secessão e de um novo país, que receberia o nome da enseada de Biafra.

A srta. Adebayo falava no mesmo vozeirão de sempre. "Estou dizendo que os nossos alunos deveriam parar de fazer tanto barulho. Pedir a David Hunt que renuncie não faz o menor sentido. Vamos dar uma chance a ele e ver se retomamos a paz."

"David Hunt acha que somos todos crianças doidas." Esse era Okeoma. "O sujeito devia ir para casa. Por que ele vem nos dizer como apagar o fogo, quando foram ele e seus compatriotas britânicos que juntaram a lenha para acendê-lo, para começo de conversa?"

"Eles podem ter juntado a lenha, mas fomos nós que acendemos o fósforo", disse alguém com uma voz que ela não conhecia, talvez fosse o professor Achara, o novo catedrático de física, que tinha vindo de Ibadã, depois do segundo golpe.

"Lenha ou não, o importante é encontrar uma forma de firmar a paz antes que a explosão seja geral", disse a srta. Adebayo.

"E que tipo de paz estamos procurando obter? O próprio Gowon disse que não existe base para união, de modo que qual é o tipo de paz que queremos obter?", perguntou Odenigbo. Olanna o imaginou na beirada da poltrona, empurrando os óculos contra o rosto, enquanto falava. "A secessão é a única resposta. Se Gowon queria manter este país unido, teria feito alguma coisa há muito tempo. Tenha a santa paciência, nenhum deles condenou publicamente os massacres, e já se passaram meses! E como se toda a nossa gente que foi assassinada não tivesse a menor importância!"

"Você não ouviu o que Zik disse outro dia? A Nigéria Oriental fervilha, fervilha, e vai continuar fervilhando enquanto o governo não se concentrar nos massacres", disse o professor Ezeka, a voz rouca desaparecendo rápido.

A cabeça de Olanna doía. O sol brilhava fraco através das cortinas que Ugwu abrira quando levara o café-da-manhã para ela. Precisava urinar; urinava com muita frequência, ultimamente, e não conseguia se lembrar de perguntar ao dr. Patel se era por causa dos remédios que tomava. Olhou para a campainha na mesinha-de-cabeceira, depois estendeu o braço e passou a mão por cima do plástico preto em forma de domo, até achar o botão vermelho no meio que soltava um som estridente quando apertado. Odenigbo insistira em instalá-lo ele mesmo, de início, e, toda vez que ela apertava o botão, saíam faíscas da conexão na parede. Por fim, ele levou um eletricista, que deu risada enquanto refazia a ligação. A campainha não soltava mais faíscas, mas era estridente demais, e, toda vez que queria ir ao banheiro e apertava o botão, o eco reverberava pela casa toda. Não iria usar aquilo. Baixou as pernas até o chão. O ruído vindo da sala de estar diminuíra, como se alguém tivesse baixado o volume coletivo das vozes.

Depois ouviu Okeoma dizer "Aburi". Parecia adorável, o nome daquela cidade ganense, e ela imaginou um punhado de casas espalhadas numa área de relva perfumada. Aburi era sempre citada nas conversas. Okeoma dizia que Gowon deveria seguir o acordo que tinha assinado com Ojukwu em Aburi, o professor Ezeka dizia que o fato de Gowon renegar o que fora acordado em Aburi significava que ele não queria o bem dos ibos, ou então Odenigbo reafirmava o refrão, *On Aburi we stand*, nós respeitamos o acordo de Aburi.

"Mas como é que Gowon vai fazer essa meia-volta?" A voz de Okeoma estava mais alta. "Em Aburi, ele concordou com uma confederação, e ago-

ra quer um só governo para toda a Nigéria; entretanto um só governo foi a razão de ele e seu povo terem matado soldados ibos."

Olanna se levantou e pôs uma perna à frente, depois a outra. Oscilou. Havia uma pressão muito forte em volta dos tornozelos. Estava andando. A firmeza do chão sob seus pés era emocionante e as pernas pareciam ter dentro vasos que vibravam. Passou por Raggedy Ann, a boneca de pano de Baby, largada no chão, parou e ficou olhando para ela um tempo, antes de prosseguir até o banheiro.

Mais tarde, Odenigbo veio e olhou-a com aqueles seus olhos inquisitivos, como sempre fazia, como se estivesse procurando a prova de algo. "Você não toca a campainha faz um tempo, já, *nkem*. Não está com vontade de urinar?"

"Eles já foram embora?"

"Foram. Você não precisa urinar?"

"Eu já fui. Andando."

Odenigbo olhou fixo para ela.

"Eu andei", disse Olanna de novo. "Eu fui sozinha até o banheiro."

Havia algo que ela nunca vira na expressão de Odenigbo, algo precioso e assustador. Ela sentou e ele imediatamente estendeu os braços para segurá-la, mas ela o dispensou, andou alguns passos até o armário, e de volta para a cama. Odenigbo sentou, ainda olhando para ela.

Olanna pegou sua mão, encostou-a no rosto, depois apertou-a contra o peito. "Toque em mim."

"Eu vou chamar o Patel. Quero que ele venha e dê uma olhada em você."

"Toque em mim." Sabia que ele não queria, que tocara em seus seios só porque faria tudo que ela pedisse, qualquer coisa que a fizesse se sentir melhor. Olanna afagou seu pescoço, enterrou os dedos em seus cabelos densos, e, quando foi penetrada, pensou na barriga grávida de Arize, de como devia ter sido fácil romper-se, a pele estirada como estava. Começou a chorar.

"*Nkem*, não chore." Odenigbo havia parado; estava deitado a seu lado, alisando sua testa. Mais tarde, quando lhe deu mais comprimidos com um pouco de água, ela tomou sem reclamar, deitou-se de novo e esperou pela estranha calmaria que os remédios traziam.

A batida suave de Ugwu a acordou; ele abriria a porta e entraria com uma bandeja de comida, que colocaria ao lado de seus remédios, da garrafa de Lucozade e da lata de glicose. Lembrou-se da primeira semana depois da volta, a semana em que Odenigbo saltava da cama toda vez que ela se mexia. Tinha pedido água e, quando Odenigbo abriu a porta do quarto para ir até a cozinha, quase tropeçou em Ugwu, enroscado numa esteira, bem na porta. "Meu bom homem, o que está fazendo aqui?", e Ugwu respondera: "O senhor não sabe onde fica nada na cozinha, *sah*".

Olanna fechou os olhos e fingiu estar dormindo. Ugwu estava bem perto, vigiando; dava para ouvir sua respiração.

"Quando estiver pronta, *mah*, a comida chegou." Olanna quase deu risada; ele provavelmente sempre soube que ela fingia dormir quando chegava com a comida. Abriu os olhos. "O que você fez?"

"Arroz *jollof*." Ergueu a tampa do prato. "Usei tomate fresco da horta."

"A Baby já comeu?"

"Já, *mah*. Ela está brincando aí fora com os filhos do doutor Ikeke."

Olanna apanhou o garfo na mão.

"Amanhã eu faço salada de fruta para a senhora, *mah*. Aquele mamoeiro do fundo está com um mamão maduro no pé. Vou dar mais um dia e depois eu colho, antes que os passarinhos descubram. Vou pôr laranja e leite também."

"Ótimo."

Ugwu continuou no quarto e Olanna sabia que não iria embora enquanto ela não começasse a comer. Ergueu o garfo até a boca devagar, e mastigou de olhos fechados. Devia estar tão bom quanto qualquer coisa que Ugwu cozinhava, ela tinha certeza; no entanto, fora os comprimidos esfarelentos, fazia muito tempo que não conseguia sentir o gosto de nada. Por fim, tomou um pouco de água e pediu a Ugwu para levar a bandeja embora.

Na sua mesa-de-cabeceira, Odenigbo tinha posto uma longa folha de papel com as palavras NÓS, FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE, EXIGIMOS A SECESSÃO COMO FORMA DE SEGURANÇA datilografado no alto e uma miscelânea de assinaturas embaixo.

"Estava esperando você ficar forte o bastante para assinar, antes de entregar à assembléia em Enugu", tinha dito ele.

Depois que Ugwu saiu, ela pegou uma caneta, assinou o abaixo-assinado e depois conferiu o texto, para ver se havia algum erro. Não havia nenhum. Mas Odenigbo não precisou entregar a carta porque a secessão foi anunciada naquela noite. Ele sentou na cama, com o rádio colocado na mesinha-de-cabeceira. A transmissão estava com um pouco de estática, como se as ondas do rádio entendessem a importância do discurso. A voz de Ojukwu era inconfundível; vibrantemente masculina, carismática, macia:

> Meus conterrâneos e conterrâneas, vocês, o povo da Nigéria Oriental: Conscientes da suprema autoridade de Deus Todo-Poderoso sobre toda a humanidade; do dever que têm para com a posteridade; cientes de que qualquer governo sediado fora da Nigéria Oriental não poderá mais proteger suas vidas e propriedades; decididos a dissolver todos os laços, políticos e de outra natureza, entre vocês e a ex-República da Nigéria; e tendo me autorizado a proclamar em seu nome a Nigéria Oriental como república soberana e independente, eu assim faço e proclamo solenemente que o território e a região conhecidos e chamados de Nigéria Oriental, juntamente com sua plataforma continental e suas águas territoriais, sejam considerados daqui para a frente como um Estado soberano independente, com nome e título de República de Biafra.

"Este é o nosso começo", disse Odenigbo. Já abandonara aquela falsa suavidade de voz e o tom era normal de novo, vigoroso e sonoro. Tirou os óculos, agarrou as mãozinhas de Baby e começou a dançar com ela, em círculos. Olanna riu e depois sentiu que estava seguindo um roteiro, como se a animação de Odenigbo não aceitasse nada a não ser mais animação. Sentou-se e estremeceu. Ela queria que a secessão ocorresse, mas agora parecia algo grande demais para ser concebido. Odenigbo e Baby dançavam em volta, sem parar, Odenigbo cantando desafinadamente uma música composta por ele mesmo — *"Este é o nosso começo, claro que é, o nosso começo, claro que é..."* — enquanto Baby ria em alegre incompreensão. Olanna observou os dois, a mente paralisada no presente, na mancha de suco de caju na frente do vestido da filha.

O comício foi realizado na Praça da Liberdade, no centro do campus, professores e alunos gritando e cantando, uma interminável camada de cabeças, as faixas erguidas lá no alto.

Nós nunca, jamais nos mudaremos
Assim como uma árvore à beira da água,
Nós jamais nos mudaremos.
Ojukwu nos dá apoio, jamais nos mudaremos.
Deus nos dá apoio, jamais nos mudaremos.

Todos balançavam o corpo, cantando, e Olanna imaginou a mangueira e a gmelina oscilando também, em uníssono, num único arco fluido. O sol parecia uma chama que havia chegado perto demais, no entanto garoava e as gotinhas mornas se misturavam a seu suor. O braço roçou no de Odenigbo, quando ergueu seu cartaz: NÓS NÃO PODEMOS MORRER FEITO CÃES, dizia. Baby, sentada nos ombros de Odenigbo, acenava sua boneca de pano, o sol brilhava por entre a garoa fina, e Olanna se sentia plena de uma deliciosa exuberância. Ugwu estava a seu lado. Seu cartaz dizia DEUS ABENÇOE BIAFRA. Eles eram biafrenses. Ela era biafrense. Atrás dela, um homem falava de alguma coisa acontecida no mercado, de comerciantes dançando ao som de música *soukous*, distribuindo as melhores mangas e os melhores amendoins de graça. Uma mulher disse que iria para lá assim que o comício terminasse para ver se conseguia alguma coisa; Olanna virou-se para eles e riu.

Um líder estudantil falou alguma coisa ao microfone e a cantoria parou. Alguns rapazes carregavam um caixão onde estava escrito NIGÉRIA em giz branco; ergueram o caixão com uma solenidade zombeteira e começaram a cavar um buraco raso no chão. Quando baixaram o caixão no buraco, a multidão soltou um brado que se esparramou, como ondas num lago, até que tudo virou uma só explosão, até Olanna sentir que todos ali tinham se tornado uma única pessoa. Alguém gritou "Odenigbo!". E o nome dele se espalhou entre os estudantes. "Odenigbo! Fale conosco!"

Odenigbo subiu ao pódio agitando sua bandeira de Biafra: faixas vermelhas, negras e verdes e, no centro, um meio sol amarelo brilhante.

"Biafra nasceu! Nós vamos liderar a África Negra! Viveremos em segurança! Nunca mais alguém vai nos atacar! Nunca mais!"

Odenigbo ergueu o braço enquanto falava, e Olanna se lembrou de como o braço de tia Ifeka, largada morta no chão, parecia desajeitadamente retorcido, de como o sangue tinha empoçado, tão denso que parecia cola, não um sangue vermelho e sim quase preto. Talvez tia Ifeka pudesse ver esse comício, e todas as pessoas reunidas ali, ou talvez não, se a morte fosse uma opacidade silenciosa. Olanna balançou a cabeça, para afastar esses pensamentos, pegou Baby do pescoço de Ugwu e abraçou-a bem apertado.

Depois do comício, ela e Odenigbo foram para o clube. Os estudantes haviam se reunido num campo de hóquei, ali perto, queimando efígies de papel de Gowon numa fogueira brilhante; a fumaça se enroscava no ar noturno e se misturava com as risadas e conversas. Olanna viu tudo aquilo e percebeu, com uma onda de doçura, que todos sentiam o que ela e Odenigbo sentiam, como se nas veias de todos corresse aço líquido, e não sangue, como se todos pudessem parar descalços sobre brasas incandescentes.

14.

Richard não imaginou que seria tão fácil encontrar a família de Nnaemeka, mas quando chegou a Obosi e parou na igreja anglicana para perguntar, o professor lhe disse que eles moravam um pouco mais abaixo, na mesma rua, numa casa sem pintura, ladeada de palmeiras. O pai de Nnaemeka era miúdo e albino, cor de cobre, olhos de um amêndoa acinzentado que se iluminaram assim que Richard falou em ibo. Era tão diferente do enorme inspetor de pele escura que encontrara na alfândega do aeroporto que, durante alguns momentos, achou que entrara na casa errada, que aquele não era o pai de Nnaemeka. Mas o velho abençoou a noz-de-cola numa voz tão parecida com a de Nnaemeka que Richard voltou imediatamente ao saguão do aeroporto naquela tarde abafada, e à conversa irritante do rapaz até que as portas se abriram e os soldados entraram.

"Aquele que traz a noz-de-cola traz vida. O senhor e os seus viverão, e eu e os meus viveremos. Que a águia pouse e que a pomba pouse, e, se algum dos dois decretar que o outro não pode pousar, não será bom para ele. Que Deus abençoe essa noz-de-cola em nome de Jesus."

"Amém", disse Richard. Já podia ver outras semelhanças. Os gestos daquele senhor, ao quebrar a noz-de-cola em cinco gomos, eram estranhamente parecidos com os de Nnaemeka, assim como o formato da boca, com o lábio inferior protuberante. Richard esperou até terem terminado de chupar a noz-de-cola, até a mãe de Nnaemeka aparecer, vestida de preto, para dizer: "Eu vi o filho de vocês no aeroporto de Kano, no dia que aconteceu. Conversamos um pouco. Ele falou de vocês e da família". Richard calou-se uns momentos, perguntando-se se os pais preferiam escutar que o filho tinha permanecido estóico, diante da morte, ou se gostariam de ouvir que ele havia lutado para não morrer, que avançara em direção à arma.

"Ele me contou que a avó dele de Umunnachi era uma respeitada herbalista, conhecida em várias partes por ter achado o remédio da malária, e foi por causa dela que, no começo, ele desejou ser médico."

"É verdade, isso", disse a mãe de Nnaemeka.

"Ele só tinha boas palavras para dizer sobre a família", acrescentou Richard. Escolhia suas palavras em ibo cuidadosamente.

"Claro que ele só tinha boas palavras sobre a família." O pai de Nnaemeka lançou um olhar demorado para Richard, como se não compreendesse por que ele dissera o que todos já sabiam.

Richard remexeu-se no banco. "Vocês fizeram um enterro?", perguntou, para logo em seguida desejar não ter feito a pergunta.

"Fizemos", disse o pai de Nnaemeka; fixou os olhos na tigela esmaltada que continha o último gomo de noz-de-cola. "Esperamos ele voltar do Norte, e ele não veio, de modo que fizemos o enterro. Pusemos o caixão vazio no túmulo."

"Vazio não", disse a mãe de Nnaemeka. "Não foi você mesmo que pôs aquele velho livro que ele costumava ler na época do concurso para o serviço público?"

Ficaram em silêncio. Ciscos de poeira nadavam na fatia de sol que entrava pela janela.

"O senhor deve levar o último gomo de noz-de-cola com o senhor", disse o pai de Nnaemeka.

"Obrigado." Richard pôs o gomo no bolso.

"Quer que eu mande as crianças até o carro?", perguntou a mãe de Nnaemeka. Era difícil dizer como ela era, com o lenço negro que cobria todo o cabelo e boa parte da testa.

"Até o carro?"

"Isso. O senhor não nos trouxe coisas?"

Richard abanou a cabeça. Devia ter levado cará e bebida. Era, afinal de contas, uma visita de condolências, e ele sabia como as coisas tinham de ser feitas. Perdera-se em si mesmo, achara que só sua ida seria suficiente, que ele seria o anjo magnânimo que levaria aos pais os últimos momentos do filho, e, ao fazê-lo, aliviaria a dor de ambos e se redimiria. Porém, para os pais de Nnaemeka, Richard era apenas mais um entre os que tinham ido dar os pêsames. Sua visita não fazia a menor diferença para a única realidade que importava: o filho deles se fora.

Levantou-se para partir, sabendo que também nada mudara para ele; continuaria sentindo as mesmas coisas que sentia desde que saíra de Kano. Algumas vezes, torcia para enlouquecer, ou para que a memória desaparecesse de todo, mas, em vez disso, tudo assumia uma transparência tenebrosa e bastava fechar os olhos para rever os corpos estrebuchando no chão do aeroporto, para se lembrar da intensidade dos berros. Sua mente permanecia lúcida. Lúcida o suficiente para escrever respostas tranquilas às frenéticas cartas de tia Elizabeth, dizendo que estava bem, que não planejava voltar à Inglaterra, pedindo a ela que parasse de mandar edições em frágil papel aéreo contendo artigos sobre os *pogroms* nigerianos, com trechos sublinhados a lápis. Os artigos o irritavam. "Antigos ódios tribais", escrevera o *Herald*, "eram o motivo desses massacres. A revista *Time* saiu com uma matéria intitulada MAN MUST WHACK, frase escrita no pára-choque de algum caminhão nigeriano. Só que o jornalista tomou a palavra *whack* no sentido literal, de golpear, surrar, e se pôs a explicar que os nigerianos eram tão naturalmente propensos à violência que chegavam a escrever sobre a necessidade dela nos pára-choques dos caminhões de passageiro. Richard mandou uma carta enfezada à *Time*. No inglês crioulo dos nigerianos, escreveu ele, *whack* significa *comer*, O HOMEM TEM DE COMER. Ao menos o Observer fora mais habilidoso quando escreveu que, se a Nigéria sobrevivera ao massacre dos ibos, sobreviveria a qualquer coisa. Porém havia um vazio em todos os relatos, ecos de irrealidade. De modo que Richard começou a escrever um longo artigo sobre os massacres. Sentado à mesa de jantar da casa de Kainene, enchia longas folhas de papel sem pauta. Tinha levado Harrison junto para Port Harcourt e, enquanto trabalhava, escutava o empregado falando com Ikejide e Sebastian. "Vocês não sabe como faz bolo de chocolate alemão?" Uma risada. "Vocês não sabe como faz torta de ruibarbo?" Outra risada desdenhosa.

Richard começou escrevendo sobre o problema dos refugiados, provocado pelos massacres, sobre os comerciantes que largaram suas lojas no Norte, professores universitários que deixaram suas faculdades, funcionários públicos que abandonaram seus postos nos ministérios. Lutava para concluir o último parágrafo.

> É imperativo lembrar que o primeiro massacre do povo ibo, ainda que em escala muitíssimo menor do que a ocorrida recentemente, foi em

1945. A carnificina de então foi precipitada pelo governo colonialista britânico, que culpou os ibos por uma greve nacional, mandou fechar os jornais em língua ibo e, de maneira geral, incentivou o sentimento antiibo. A noção, portanto, de que as matanças recentes são fruto de um ódio "antiquíssimo" é enganosa. As tribos do Norte e do Sul mantêm contato há muito tempo, pelo menos desde o século IX, como atestam as magníficas contas encontradas no sítio histórico de Igbo-Ukwu. Não há dúvida de que os dois grupos guerrearam e fizeram escravos, mas não se massacraram dessa forma. Se isso é ódio, então é um ódio bem recente. E foi causado, basicamente, pelas políticas informais de dividir e dominar impostas durante o período colonialista britânico. Políticas que manipularam as diferenças entre as tribos e garantiram que a união jamais se concretizaria, o que tornou muito mais prática a governança de um país tão grande.

Quando deu o artigo para Kainene examinar, ela leu tudo cuidadosamente, com os olhos franzidos, e depois disse: "Bem feroz".

Richard não tinha certeza do significado de *bem feroz*, assim como não sabia se ela tinha gostado do que lera. E queria muito que Kainene aprovasse. A aura de distância que a envolvia voltara, depois da visita a Olanna, em Nsukka. Tinha posto uma foto dos parentes assassinados na sala — Arize rindo, vestida de noiva, tio Mbaezi exuberante, num terno justo, junto a uma solene tia Ifeka, de panos estampados —, mas Richard não comentou nada, nem falou de Olanna. Muitas vezes, Kainene se calava em meio a uma conversa e, quando isso acontecia, ele a deixava em paz; às vezes, invejava a capacidade de mudança que ela exibira depois dos massacres.

"O que você achou do artigo?", perguntou, e, antes que ela pudesse responder, perguntou o que de fato queria saber. "Você gostou? O que sentiu a respeito?"

"Acho que parece excessivamente formal e pomposo", disse ela. "Mas o que sinto a respeito é orgulho. Sinto orgulho."

Richard enviou-o ao *Herald*. Ao receber a resposta, duas semanas depois, rasgou a carta, depois de lê-la. A imprensa internacional estava, em suma, saturada de relatos de violência na África, e a matéria de Richard era especialmente morna e pedante, escrevera o subeditor, mas quem sabe Richard pudesse fazer um artigo enfocando o lado humano? Contando se por acaso

eles entoavam alguma reza tribal, enquanto executavam os assassinatos, por exemplo. Se eles comiam partes do corpo, como faziam no Congo. Haveria uma maneira de tentar entender, de fato, a mente desses povos?

Richard engavetou seu artigo. Assustava-se de ainda dormir bem, à noite, de ainda se sentir calmo ao aspirar o perfume das folhas de laranjeira, de ver a calma turquesa do mar, de ainda ter sentimentos.

"Eu continuo vivo. A vida não mudou", disse ele a Kainene. "Eu devia reagir; as coisas deviam ser diferentes."

"Você não pode escrever um roteiro mental e depois se forçar a seguir o que está lá. Você tem que relaxar, Richard", disse ela, baixinho.

Mas ele não conseguia relaxar. Não acreditava que a vida fosse igual para as outras pessoas que testemunharam os massacres. Seu medo aumentou ao pensar que, talvez, não tivesse sido mais que um espectador distante. Não temera pela própria vida, de modo que os massacres se tornaram algo externo, fora dele; vira tudo através das lentes remotas da certeza de estar seguro. Mas não podia ser; Kainene não estaria a salvo se estivesse lá.

Começou a escrever sobre Nnaemeka e sobre o cheiro adstringente de bebidas alcoólicas misturado com o de sangue fresco, no saguão daquele aeroporto onde o garçom jazia com a cara estourada por um tiro, mas parou, porque as frases eram risíveis. Melodramáticas demais. Soavam exatamente como os artigos da imprensa internacional, como se a matança nunca tivesse acontecido e, ainda que tivesse, não houvesse sido daquele jeito. O peso do eco de algo irreal afundava cada palavra; ele se lembrava com clareza de tudo o que acontecera no aeroporto, mas, para escrever sobre isso, teria que imaginar de novo, e não tinha certeza se conseguiria.

No dia em que a secessão foi anunciada, ele estava com Kainene na varanda; ouviu a voz de Ojukwu no rádio e, depois, a abraçou. De início, achou que estavam ambos tremendo, até que recuou um pouco para olhar em seu rosto e percebeu que Kainene estava absolutamente imóvel. Só ele tremia.

"Feliz independência", disse ele.

"Independência", disse ela, antes de acrescentar: "Feliz independência."

Ele queria pedi-la em casamento. Era um novo começo, um novo país, o novo país *deles*. E não só porque a secessão era justa, tendo em vista tudo que os ibos aguentaram, como também pelas possibilidades que Biafra teria para ele. Ele seria biafrense de um jeito que jamais poderia ter sido ni-

geriano — estava ali desde o início; tinha partilhado o parto. Faria parte. E repetiu *Case comigo, Kainene* várias vezes na cabeça, mas não conseguiu dizer em voz alta. No dia seguinte, voltou para Nsukka com Harrison.

Richard gostava de Phyllis Okafor. Gostava da verve das enormes perucas, do sotaque arrastado de sua Mississippi natal, bem como da armação severa dos óculos, que disfarçava o calor de seus olhos. Desde que parara de ir à casa de Odenigbo, passava quase todas as noites com ela e o marido, Nnanyelugo. Era como se ela soubesse que ele tinha perdido a vida social, e o convidava com insistência para ir ver apresentações no teatro de arte, assistir a palestras públicas e para jogar *squash*. De modo que, quando ela o convidou para ir ao seminário "Caso haja guerra" que a associação das mulheres da universidade estava organizando, Richard aceitou. Era uma boa idéia, preparar-se para o pior, claro, mas nunca haveria uma guerra. Os nigerianos deixariam Biafra em paz; não lutariam com um povo já alquebrado pelos massacres. Ficariam felizes de se livrar dos ibos, de todo modo. Richard tinha certeza disso. Já como reagiria se topasse com Olanna no seminário, era questão duvidosa. Fora fácil evitá-la até o momento; em quatro anos, passara por ela de carro umas duas vezes, nunca mais frequentara as quadras de tênis, nem o clube, e também não fazia mais compras na Eastern Shop.

Parou ao lado de Phyllis, na entrada, e examinou o salão. Olanna estava sentada na frente, com Baby no colo. Seu rosto, voluptuosamente belo, lhe parecia familiar, assim como o vestido azul de gola com babado, como se tivesse visto um e outro havia muito pouco tempo. Desviou a vista e não conseguiu conter o alívio de ver que Odenigbo não fora. O auditório estava cheio. A mulher que falava no palco repetiu as mesmas palavras várias vezes. "Embrulhem o diploma em sacos impermeáveis e não se esqueçam de que essa é a primeira coisa que vocês vão levar, se tiverem de evacuar. Embrulhem o diploma em sacos impermeáveis..."

Mais gente falou. Depois terminou. As pessoas se juntaram, rindo, conversando e trocando mais dicas "caso haja uma guerra". Richard sabia que Olanna estava por perto, falando com um sujeito barbado que ensinava música. Virou-se, como quem não quer nada, para escapulir dali, e já estava perto da porta quando ela apareceu a seu lado.

"Olá, Richard. *Kedu*?"

"Estou bem." A pele de seu rosto parecia muito retesada. "E você?"

"Nós estamos bem", disse Olanna. Seus lábios tinham um leve brilho rosa de batom. Richard não deixou de notar o uso do plural. Não sabia se ela se referia a si e à filha, ou a si e a Odenigbo, ou, talvez, aquele *nós* tivesse a intenção de sugerir que ela havia entendido o que acontecera entre eles e o que isso acarretara para seu relacionamento com Kainene.

"Baby, você já cumprimentou o Richard?", perguntou Olanna, olhando para baixo, para a criança, cuja mão estava enganchada na sua.

"Boa tarde", disse Baby, em voz alta.

Richard agachou-se e tocou em seu rosto. Havia uma tranquilidade em volta dela que a fazia parecer mais velha e mais sábia que os seus quatro anos. "Olá, Baby."

"Como vai a Kainene?", perguntou Olanna.

Richard fugiu de seu olhar, inseguro de qual expressão assumir. "Está bem."

"E seu livro, como vai?"

"Vai bem, obrigado."

"Ainda se chama *O cesto de mãos*?"

Richard gostou que ela não tivesse esquecido. "Não." Calou-se e tentou não pensar no que acontecera com aquele manuscrito, nem nas chamas que deviam tê-lo consumido com tanta rapidez. "Agora o nome é *Nos tempos dos vasos de cordas*."

"Título interessante", sussurrou Olanna. "Espero que não haja guerra, mas o seminário foi bem útil, você não achou?"

"Foi."

Phyllis aproximou-se, cumprimentou Olanna e, depois, puxou o braço de Richard. "Estão dizendo que Ojukwu está vindo! Ojukwu está vindo!" Do saguão, lá fora, vinha um ruído de vozes falando alto.

"Ojukwu?", perguntou Richard.

"Ele mesmo!" Phyllis caminhava na direção da porta. "Você sabia que outro dia ele fez uma visita surpresa ao campus de Enugu? Parece que agora chegou a nossa vez!"

Richard seguiu-a e saíram da sala. Uniram-se a um punhado de catedráticos parados ao lado da estátua de um leão; Olanna desaparecera.

"Ele está na biblioteca, agora", disse alguém.

"Não, ele está no prédio da diretoria."

"Não, ele quer falar com os estudantes. Está no prédio da administração."

Alguns já dirigiam rapidamente para o bloco da administração, e Phyllis e Richard foram atrás. Estavam perto das acácias-da-sombra que tinham sido plantadas ao longo da entrada para carros quando Richard viu o homem de barba, numa farda austera, elegante e acinturada, marchando pelo corredor. Alguns repórteres correram para alcançá-lo, erguendo gravadores como se fossem oferendas. Os alunos, tantos que Richard se perguntou como é que tinham se reunido tão rápido, começaram a entoar. "Poder!" Poder!" Ojukwu desceu as escadas e parou sobre uns blocos de cimento que havia no gramado. Ergueu as mãos. Tudo nele cintilava, sua barba bem cuidada, seu relógio, seus ombros largos.

"Vim lhes fazer uma pergunta", disse. Sua voz, com sotaque de Oxford, era surpreendentemente macia; não tinha o timbre que adquiria pelo rádio, e era um pouco teatral, um pouco comedida demais. "O que vamos fazer? Vamos ficar calados e deixar que eles nos forcem a voltar a ser parte da Nigéria de novo? Devemos ignorar os milhares de irmãos e irmãs mortos no Norte?"

"*Não*! *Não*!" Os estudantes estavam enchendo o imenso pátio, esparramando-se pelo gramado e pela entrada de carros. Muitos professores pararam o carro na rua e se uniram a eles. "Poder! Poder!"

Ojukwu ergueu de novo as mãos e todos fizeram silêncio. "Se eles declararem guerra, quero que saibam que talvez seja uma longa guerra. Uma longa guerra. Vocês estão preparados? Nós estamos preparados?"

"Estamos! Estamos! Ojukwu, *nye anyi egbe*! Dê armas para nós! *Iwe dianyi n'obi*! Há ódio em nosso coração!"

E não pararam mais de entoar — dê armas para nós, há ódio em nosso coração, dê armas para nós. O ritmo era impetuoso. Richard deu uma olhada para Phyllis, que suspendia o punho cerrado enquanto gritava, depois olhou por uns instantes para quem estava em volta, todos concentrados e atentos ao momento, antes de começar ele também a acenar e cantar. "Ojukwu, dê armas para nós! Ojukwu, *nye anyi egbe*!"

Ojukwu acendeu um cigarro e atirou-o no gramado. O cigarro queimou alguns instantes antes de Ojukwu estender a perna e esmagá-lo sob uma bota negra brilhante. "Até a grama vai lutar por Biafra", disse.

Richard contou a Kainene que havia ficado encantado com Ojukwu, mesmo que o homem já mostrasse sinais de calvície precoce, fosse vagamente histriônico e usasse um anel espalhafatoso no dedo. Contou a ela sobre o seminário. Depois se perguntou se deveria dizer a ela que tinha cruzado com Olanna. Estavam sentados na varanda. Kainene descascava uma laranja com a faca, e a casca fina caía num prato no chão.

"Eu vi Olanna", disse ele.

"Viu?"

"No seminário. A gente se cumprimentou e ela perguntou de você."

"Sei." A laranja escorregou-lhe da mão, ou talvez Kainene tenha jogado a fruta no chão, porque ficou onde caiu, no chão de cerâmica da varanda.

"Desculpe. Achei que devia contar."

Levantando-se, Richard pegou a laranja e deu para ela, mas ela não aceitou. Ergueu-se e foi até a balaustrada.

"A guerra está chegando. Port Harcourt está enlouquecida."

Kainene olhava para o horizonte distante, como se pudesse de fato ver a cidade e suas festas loucas, excessivas, seus relacionamentos frenéticos, seus carros andando à toda. Um pouco antes, nessa mesma tarde, uma moça muito bem-vestida se aproximara de Richard, na estação ferroviária, e pegara na sua mão. "Venha até minha casa. Nunca fiz com um homem *oynbo*, antes, mas agora quero tentar de tudo!", disse ela, rindo, embora o desejo delirante em seus olhos fosse sério o bastante. Sacudindo a mão até se ver livre dela, fora embora, curiosamente triste de pensar que ela acabaria indo com um outro estranho para a cama. Era como se os habitantes da cidade, com seus pinheiros altos e sibilantes, quisessem agarrar o que fosse possível, antes que a guerra lhes roubasse todas as escolhas.

Richard levantou-se e foi ter com Kainene.

"Não vai haver guerra."

"Como foi que ela perguntou de mim?"

"Ela disse: Como vai Kainene?"

"E você disse que eu estava bem?"

"Disse."

Kainene não falou mais sobre o assunto; ele não esperava que ela falasse.

15.

Ugwu saltou e deu a volta para abrir o porta-malas. Pôs o saco de peixe seco em cima de uma sacola maior, de *garri*, acomodou os dois na cabeça e seguiu o Patrão pelos degraus trincados até a entrada do prédio sombrio, que funcionava como escritório sindical da cidade. Ovoko foi recebê-los. "Leve os mantimentos até a loja", disse ele a Ugwu, apontando, como se Ugwu não soubesse o que fazer, ele, que já fora levar comida aos refugiados tantas vezes. A loja estava vazia, exceto por um pequeno saco de arroz num canto — cheio de gorgulho.

"Como vão as coisas? A *na-emekwa*?", perguntou o Patrão.

Ovoko esfregou as mãos. Ele tinha aquela fisionomia lúgubre dos que simplesmente se recusam a ser consolados. "Ninguém está doando muita coisa, no momento. E esse pessoal não pára de aparecer, me pedindo comida, e depois trabalho. Você sabe como é, eles vieram do Norte sem nada. Nada."

"Eu sei que eles vieram sem nada, meu amigo! Não me venha dar aulas." O Patrão estava irritado.

Ovoko recuou. "Só estou dizendo que a situação é séria. No início, os moradores vinham correndo doar comida, mas agora se esqueceram do assunto. Vai ser um desastre, se a gente entrar em guerra."

"Nós não vamos entrar em guerra."

"Então por que Gowon continua com o bloqueio contra nós?"

O Patrão ignorou a pergunta e virou-se para partir. Ugwu foi atrás.

"Claro que as pessoas ainda estão doando comida. Aquele lambisgóia deve é levar a comida que estão doando para casa", disse o Patrão, ligando o carro.

"Pois é, *sah*", concordou Ugwu. "Até a barriga dele é grande."

"Aquele energúmeno do Gowon prometeu uma quantia irrisória, insignificante, para mais de dois milhões de refugiados. Será que ele acha que foram galinhas que morreram e que os parentes sobreviventes dessas galinhas é que estão voltando?"

"Não, *sah*." Ugwu olhava pela janela. Sentia-se triste por ter ido doar *garri* e peixe a pessoas que podiam se alimentar sozinhas no Norte, e por ouvir o Patrão dizer, semana após semana, as mesmas coisas. Estendeu a mão e endireitou o cordão pendurado no espelhinho retrovisor. O objeto preso ali era de plástico, um meio sol amarelo pintado sobre fundo preto.

Mais tarde, sentado nos degraus que iam dar no quintal, lendo As *aventuras do sr. Pickwick* e parando várias vezes para pensar e ver as finas folhas de milho balançando ao vento, não se surpreendeu quando ouviu a voz alterada do Patrão na sala de estar. O Patrão sempre ficava mal-humorado em dias assim.

"E o que você me diz dos nossos colegas em Ibadã, Zaria e Lagos? Alguém por acaso toca no assunto? Eles não abriram a boca enquanto os expatriados brancos incentivavam os revoltosos a matar o povo ibo. Você seria uma delas, se não estivesse na terra dos ibos! Quanta compaixão você consegue ter por eles?", gritou o Patrão.

"Não ouse dizer que eu não tenho compaixão! Dizer que eu não acho que a secessão é a única maneira de se obter segurança não significa que eu não tenho compaixão!" Era a voz da srta. Adebayo.

"Por acaso seus primos morreram? Seu tio morreu? Você vai voltar para os seus parentes em Lagos, na semana que vem, e ninguém irá perturbá-la por ser ioruba. E não é o seu próprio povo que está matando os ibos em Lagos? Não foi um grupo de chefes iorubas que foi até o Norte agradecer aos emires por terem poupado os iorubas? Então o que está querendo dizer? Como a sua opinião pode ser relevante?"

"Você me insulta, Odenigbo."

"A verdade agora se tomou um insulto."

Fez-se um silêncio, e, depois, o rangido da porta da frente, sendo aberta e fechada de chofre. A srta. Adebayo se fora. Ugwu ergueu-se quando ouviu a voz de Olanna gritar: "Isso é inaceitável, Odenigbo! Você tem de pedir desculpas a ela!".

Estava assustado de ouvi-la nesse tom alterado, porque era muito raro Olanna erguer a voz, e também porque a última vez fora durante aquelas

fragmentadas semanas, antes do nascimento de Baby, quando o sr. Richard parou de fazer visitas e tudo dava a impressão de estar prestes a afundar e morrer. Durante alguns momentos, Ugwu não escutou nem um som — talvez Olanna também tivesse saído — e em seguida ouviu Okeoma lendo. Ugwu conhecia o poema: "Se o sol se recusa a nascer, nós o faremos nascer". Na primeira leitura que Okeoma fez, no mesmo dia em que o jornal *Renaissance* passou a se chamar *Sol de Biafra*, Ugwu ouvira e se sentira estimulado pela poesia, sobretudo pelo verso que virou seu predileto: "Potes de barro queimados no zelo, que vão refrescar nossos pés enquanto escalamos". Agora, porém, sentia tristeza. Gostaria de ver de volta os dias em que Okeoma recitava poemas sobre gente com brotoeja na bunda porque defecava em balde importado, os dias em que a srta. Adebayo e o Patrão berravam, mas a noitada não terminava com saídas bruscas, os dias em que ainda servia sopa de pimenta. Agora, só servia noz-de-cola.

Okeoma saiu um pouco depois e Ugwu escutou a voz alterada de Olanna de novo. "Você precisa, Odenigbo. Você lhe deve um pedido de desculpa!"

"Não se trata de saber se eu devo ou não um pedido de desculpa a ela. É uma questão de saber se eu disse a verdade ou não", respondeu o Patrão. Olanna disse qualquer coisa que Ugwu não escutou e, depois, a voz do Patrão, num tom mais calmo. "Certo, *nkem*, eu peço."

Olanna entrou na cozinha. "Nós vamos sair", disse ela. "Venha trancar a porta."

"Pois não, *mah*."

Depois que eles saíram no carro do Patrão, Ugwu ouviu uma batida na porta do fundo e foi ver quem era.

"Chinyere", disse ele, espantado. Ela nunca aparecia assim tão cedo, e nunca na casa principal.

"Eu, minha patroa e as crianças vamos partir amanhã de manhã para o povoado. Eu vim lhe dizer adeus. *Ka o di*."

Ugwu nunca tinha ouvido Chinyere falar tanto. Não sabia bem o que dizer. Eles se olharam por um tempo.

"Boa viagem", disse ele. E ficou vendo a moça passar por baixo da cerca que separava o terreno das duas casas. Nunca mais ela surgiria à noite em sua porta, nunca mais deitaria e abriria as pernas em silêncio; pelo menos, não por um bom tempo. Ugwu sentiu um peso esmagando sua cabeça. As

mudanças avançavam contra ele, pesavam em cima dele, e não havia nada que pudesse fazer para arrefecer seu ritmo.

Sentou-se e ficou olhando para a capa das *Aventuras do sr. Pickwick*. Havia uma serena quietude no quintal, no balanço suave da mangueira e no cheiro de vinho dos cajus maduros. Isso tudo disfarçava o que via em volta. Cada vez menos convidados na casa, e, à noite, as ruas do campus fantasmagóricas, cobertas pela luz perolada do silêncio e do vazio. A Eastern Shop fechara. A patroa de Chinyere era apenas uma das muitas famílias que estavam indo embora; os empregados compravam imensos caixotes de comida no mercado e os carros saíam com o porta-malas lá embaixo, tão pesada era a carga. Porém Olanna e o Patrão não haviam feito uma única mala. Diziam que a guerra não iria acontecer e que as pessoas estavam apenas entrando em pânico. Ugwu sabia que as famílias tinham sido informadas de que poderiam levar as mulheres e as crianças para suas cidades natais, mas que os homens não poderiam sair, porque, se saíssem, era sinal de que estavam entrando em pânico, e não havia por que sentir pânico. "Motivo nenhum para alarme", era o que o Patrão vivia repetindo. "Motivo nenhum para alarme." O professor Uzomaka, que vivia na casa em frente à do doutor Okeke, fora impedido de atravessar os portões da universidade por três vezes, pelas milícias. Eles o deixaram passar no terceiro dia, depois de ter jurado que voltaria, que só estava levando a família de volta para a aldeia deles, porque a mulher estava muito assustada.

"Ugwuanyi!"

Ugwu ergueu os olhos e viu a tia vindo em sua direção, pelo jardim da frente. Levantou-se.

"Tia! Bem-vinda."

"Eu estava batendo na porta da frente."

"Desculpe. Eu não ouvi."

"Você está sozinho em casa? Cadê seu patrão?"

"Eles saíram. E levaram Baby junto." Ugwu examinou o rosto dela. "Tia, está tudo bem?"

Ela sorriu. "Tudo bem, o *di mma*. Trago um recado do seu pai. Eles vão fazer a cerimônia de levar-o-vinho para Anulika no próximo sábado."

"Próximo sábado?"

"É melhor fazer já, antes que venha a guerra, se é que a guerra vem."

"É verdade." Ugwu desviou a vista e olhou para o limoeiro. "Quer dizer então que Anulika vai se casar mesmo."

"Você por acaso achou que iria se casar com a própria irmã?"

"Deus me livre."

A tia esticou a mão e beliscou o braço de Ugwu. "Olha só pra você, um homem, já. Daqui a uns anos, será a sua vez."

Ugwu sorriu. "A senhora e a minha mãe vão encontrar a pessoa certa, quando chegar a hora, tia", disse ele, com falso decoro. Não havia por que dizer a ela que Olanna já o avisara de que ele faria faculdade, depois de terminar o colegial. Ele não se casaria até ficar igual ao Patrão, até ter gastado muitos anos lendo livros.

"Eu já vou indo", disse a tia.

"Não quer um pouco de água?"

"Não posso ficar. *Ngwanu*, deixa estar. Cumprimente seu patrão por mim e dê o recado para ele."

Antes mesmo de a tia ir embora, Ugwu já se imaginou chegando em casa, para a cerimônia. Dessa vez, finalmente, abraçaria o corpo nu e flexível de Nnesinachi. A cabana do tio Eze era um bom lugar para isso, ou quem sabe o calmo matagal na beira do regato, contanto que as crianças pequenas não aparecessem para incomodar. Esperava que ela não fosse tão silenciosa como Chinyere; esperava que ela fizesse os mesmos sons que ouvia de Olanna quando encostava a orelha na porta do quarto.

Aquela noite, enquanto cozinhava o jantar, uma voz muito calma no rádio anunciou que a Nigéria iria empreender uma série de ações para impor ordem aos rebeldes de Biafra.

* * *

Ugwu estava na cozinha junto com Olanna, descascando cebolas e vendo o movimento dos ombros dela enquanto mexia a sopa no fogão. Cebolas sempre o faziam se sentir limpo, como se as lágrimas que arrancavam dele tirassem todas as impurezas. Ouvia a voz de Baby na sala de estar, brincando com o Patrão. Não queria nenhum dos dois na cozinha, nesse momento. Destruiriam a mágica que sentia, o ardor adocicado das cebolas nos olhos, o brilho da pele de Olanna. Ela falava sobre os nortistas de Onitsha

que haviam sido mortos durante os atos de retaliação. Ugwu gostava do jeito como *atos de retaliação* saía de sua boca.

"É tão errado", disse ela. "Tão errado. Mas Sua Excelência lidou muito bem com isso; só Deus sabe quantos mais não teriam sido mortos se ele não tivesse ordenado aos soldados do Norte que voltassem ao Norte."

"Ojukwu é um grande homem."

"É, ele é sim, mas todos nós somos capazes de fazer as mesmas coisas uns contra os outros, no fundo."

"Não, *mah*. Nós não somos como os hauçás. As mortes em retaliação aconteceram porque eles nos forçaram." O seu *mortes em retaliação* tinha ficado bem perto do que ela dissera, Ugwu estava certo disso.

Olanna sacudiu a cabeça, mas continuou em silêncio por um tempo. "Depois da cerimônia de levar-o-vinho da sua irmã, nós vamos para Abba, passar um tempo lá, já que o campus ficou tão vazio", disse ela, por fim. "Você pode ficar com a sua família, se quiser. A gente volta para pegar você; não devemos ficar fora mais que um mês, no máximo. Nossos soldados vão expulsar os nigerianos numa semana ou duas."

"Eu vou com a senhora e o Patrão, *mah*."

Olanna sorriu, como se quisesse que ele respondesse isso mesmo. "Esta sopa não engrossa de jeito nenhum", resmungou ela. Depois lhe contou sobre a primeira vez que tinha feito uma sopa, quando bem jovem, e de como conseguira queimar o fundo da panela até um tom de roxo chamuscado, e ainda assim a sopa saíra bem gostosa. Ugwu estava tão enlevado com a voz de Olanna que não escutou o som — *bum-bum-bum* — que vinha de algum lugar distante e entrava pelas janelas, até que ela parou de mexer a sopa e ergueu a vista.

"O que foi isso?", perguntou. "Você escutou, Ugwu? O que foi isso?"

Olanna deixou cair a concha e correu para a sala. Ugwu foi atrás. O Patrão estava junto à janela, segurando um exemplar dobrado do *Sol de Biafra*.

"O que foi isso?", perguntou Olanna, puxando Baby para si. "Odenigbo!"

"Eles estão avançando", disse o Patrão, em tom calmo. "Acho que devíamos sair hoje mesmo."

Foi então que Ugwu escutou o escarcéu de uma buzina, na frente da casa. De repente, teve medo de ir até a porta, até mesmo de ir até a janela espiar.

O Patrão abriu a porta. O Morris Minor verde havia parado tão apressadamente que um dos pneus estava fora da trilha, esmagando os lírios que ladeavam a grama; quando o homem saiu do carro, Ugwu ficou chocado de ver que usava apenas camiseta e calça. E ainda por cima estava de chinelo de usar no banheiro!

"Saiam já! Os soldados federais entraram em Nsukka! Nós temos de sair agora! Agora mesmo! Estou passando em todas as casas ainda ocupadas. Saiam agora!"

Foi só depois de ele ter dado o recado, voltado às pressas para o carro e saído, buzinando sem parar, que Ugwu reconheceu quem era: Vincent Ikenna, o diretor administrativo da universidade. Tinha aparecido algumas vezes. Gostava de tomar cerveja misturada com Fanta.

"Junte algumas coisas, *nkem*", disse o Patrão. "Vou ver como está a água do radiador. Ugwu, tranque tudo, rápido! Não se esqueça do Alojamento dos Criados."

"*Gini*? Que coisas?", perguntou Olanna. "O que eu levo?"

Baby começou a chorar. E, de novo, veio o barulho, *bum-bum-bum*, mais perto e mais alto.

"Não vai ser por muito tempo, a gente volta logo. Leve só algumas coisas, roupas." O Patrão fez um gesto vago, antes de pegar as chaves do carro da estante.

"Eu ainda estou cozinhando", disse Olanna.

"Põe no carro", disse o Patrão.

Olanna parecia atordoada; embrulhou o caldeirão num pano de prato e levou-o para o carro. Ugwu corria de um lado a outro, jogando coisas em sacolas: roupas para Baby, brinquedos, biscoitos tirados da geladeira, as suas roupas, as roupas do Patrão, os panos e os vestidos de Olanna. Bem que gostaria de saber o que levar. Bem que gostaria que o barulho não estivesse cada vez mais perto. Jogou tudo no banco de trás e correu para dentro, para trancar as portas e fechar as venezianas. O Patrão buzinava lá fora. Ele parou no meio da sala, sentindo-se tonto. Precisava urinar. Correu até a cozinha e desligou o fogão. O Patrão gritava seu nome. Ele pegou os álbuns de fotos da estante, os três álbuns que Olanna havia montado com tanto cuidado, e correu para o carro. Mal tinha sentado no banco e o Patrão arrancou. As ruas do campus estavam fantasmagóricas; mudas e vazias.

Nos portões, soldados biafrenses acenavam para os carros passarem. Eles pareciam elegantes, em suas fardas cáqui, as botas brilhando, meio sol amarelo costurado na manga. Ugwu queria ser um deles. O Patrão acenou e falou: "Muito bem!".

A poeira pairava por toda parte, como um cobertor marrom transparente. A estrada principal estava lotada; mulheres com caixotes na cabeça e bebês amarrados nas costas, crianças descalças levando fardos de roupas, carás ou caixotes, homens arrastando bicicletas. Ugwu perguntou-se por que levavam lamparinas de querosene acesas, se ainda não estava escuro. Viu uma criança pequena tropeçar e cair, e a mãe curvar-se para levantá-la; lembrou-se de casa, dos primos pequenos, dos pais e de Anulika. Eles estavam seguros. Não teriam de sair correndo porque o povoado deles era distante demais. O que significava apenas que não veria Anulika se casar, e que não ficaria abraçado a Nnesinachi, como planejara. Mas voltaria logo. A guerra iria durar tempo suficiente para que o exército biafrense liquidasse os nigerianos para todo o sempre. Ele ainda sentiria a doçura de Nnesinachi, ainda afagaria aquela carne macia.

O Patrão dirigia devagar, por causa da multidão e dos bloqueios na estrada, porém mais lento ainda quando chegaram a Milliken Hill. O caminhão na frente deles tinha uma frase no pára-choque que dizia NINGUÉM SABE O DIA DE AMANHÃ. Enquanto o veículo acelerava para subir uma ladeira íngreme, um rapaz saltou e foi correndo do lado, com um bloco de madeira na mão, pronto para jogá-lo atrás do pneu traseiro se o caminhão começasse a voltar.

Quando finalmente chegaram a Abba, anoitecia, o vidro do pára-brisa estava coberto de pó ocre e Baby dormia.

16.

Richard ficou surpreso quando ouviu o anúncio de que o governo federal havia declarado uma série de *ações para impor ordem aos rebeldes*. Kainene achou normal.

"É o petróleo", disse ela. "Eles nunca dariam tudo de mão beijada, com o petróleo que nós temos. Mas a guerra será breve. Madu diz que Ojukwu tem grandes planos. Ele sugeriu que eu doasse uma quantia em divisas externas para o gabinete de guerra, assim, quando tudo isso terminar, posso conseguir o contrato que quiser."

Richard olhava fixo para ela. Kainene não parecia entender que ele não compreendia a guerra, curta ou não.

"Acho melhor você trazer suas coisas aqui para Port Harcourt, até a gente botar os nigerianos para fora", disse Kainene. Estava folheando um jornal, balançando a cabeça ao som de um disco dos Beatles e fazendo com que parecesse normal uma guerra ser o resultado inevitável dos acontecimentos, e que a mudança de Richard para Orlu fosse simplesmente o que tinha de ser.

"Claro", disse ele.

O motorista dela o levou. As barreiras de controle tinham se espalhado, pneus e tábuas cheias de pregos postas no leito da estrada, homens e mulheres de camisa cáqui, com uma postura impenetrável e disciplinada, ao lado. As primeiras foram fáceis de passar. "Aonde estão indo?", perguntavam e, depois, faziam sinal para que seguissem em frente. Porém, perto de Enugu, os defensores civis haviam bloqueado a estrada com troncos de árvore e tambores enferrujados. O motorista parou.

"Volte! Volte!" Um homem espiou pela janela; segurava um longo pedaço de madeira entalhado cuidadosamente, para parecer um rifle. "Volte!"

"Boa tarde", disse Richard. "Eu trabalho na universidade de Nsukka e estou indo para lá. Meu empregado ficou em casa. Tenho de pegar meu manuscrito e alguns itens pessoais."

"Volte, *sah*. Nós vamos expulsar os vândalos bem rápido."

"Mas meu manuscrito, meus papéis e meu empregado estão lá. Olha só, eu não peguei nada. Eu não sabia."

"Volte, *sah*. Essa é a ordem que recebemos. Não é seguro. Mas logo, assim que a gente expulsar os vândalos, o senhor pode voltar."

"Mas será que não deu para entender?" Richard debruçou-se mais para a frente.

Os olhos do homem se estreitaram, enquanto o grande olho pintado em sua camisa, sob a palavra VIGILÂNCIA, deu a impressão de aumentar. "Tem certeza de que não é um agente do governo nigeriano? Foram vocês brancos que permitiram que Gowon matasse mulheres e crianças inocentes."

"*Abu m onye* Biafra", disse Richard.

O homem riu e Richard não poderia jurar se tinha sido uma risada de prazer ou de desprazer. "Olha aí, um branco dizendo que é biafrense! Onde foi que aprendeu a falar nossa língua?"

"Com a minha mulher."

"Certo, *sah*. Não se preocupe com as suas coisas em Nsukka. As estradas estarão limpas em poucos dias."

O motorista fez marcha a ré e, ao retomar o caminho de volta, Richard não parava de olhar para trás, para a estrada bloqueada, até que não viu mais coisa alguma. Pensou na facilidade com que aquelas palavras em ibo haviam saído de sua boca. "Eu sou biafrense." Não sabia por quê, mas torcia para o que motorista não contasse a Kainene o que ele dissera. Esperava também que não contasse que ele tinha chamado Kainene de "sua mulher".

Susan ligou alguns dias depois. Era manhã alta e Kainene estava numa de suas fábricas.

"Eu não sabia que você tinha o número daqui", disse Richard. Susan riu.

"Fiquei sabendo que Nsukka foi evacuada e sabia que você estaria com ela. E então, como vai? Tudo bem com você?"

"Tudo."

"Você não teve problemas para sair de Nsukka, teve?", perguntou Susan. "Está bem mesmo?"

"Estou bem, sim." Ficou comovido com a preocupação dela.

"Certo. E quais são seus planos?"

"Vou ficar por aqui, por enquanto."

"Não é seguro, Richard. Eu não fico aqui nem mais uma semana. Essa gente nunca trava uma guerra civilizada, já reparou? E todo mundo dizendo que é uma guerra civil." Susan calou-se uns momentos. "Liguei para o British Council em Enugu e não acreditei quando soube que o pessoal lá continua indo jogar pólo aquático e a organizar coquetéis no Hotel Presidential! Tem uma guerra acontecendo."

"Mas vai acabar rápido."

"Que acabar rápido, que nada! Nigel está partindo daqui a dois dias. Não vai acabar rápido coisa nenhuma; essa guerra vai se arrastar durante anos e anos. Veja o que houve no Congo. Essa gente não tem noção de paz. Preferem lutar até o último homem..."

Richard desligou enquanto Susan ainda falava, surpreso consigo mesmo pela falta de educação. Havia uma parte, nele, que gostaria de poder ajudá-la, de atirar no lixo as garrafas de bebida do seu armário, de limpar a paranóia que deixara cicatrizes em sua vida. Talvez fosse bom que estivesse indo embora. Richard esperava que encontrasse a felicidade com Nigel ou qualquer outro homem. Ainda estava ocupado, pensando em Susan, torcendo para que ela não ligasse de novo e, ao mesmo tempo, esperando que ligasse, quando Kainene chegou. Ela o beijou no rosto, nos lábios, no queixo. "Você passou o dia preocupado com o Harrison e com o *Nos tempos dos vasos de cordas*?", perguntou.

"Claro que não", disse ele, embora ambos soubessem que era mentira.

"Vai dar tudo certo para o Harrison. Ele já deve ter feito as malas e ido para o povoado dele."

"É, ele já deve ter ido."

"Muito provavelmente, levou o manuscrito junto."

"Verdade." Richard lembrou-se de como Kainene destruíra seu primeiro manuscrito, *O cesto de mãos*, de como ela o levara ao pomar, até uma pilha de papéis incinerados, debaixo de sua árvore predileta, com o rosto o tempo todo impenetrável; e também de como, depois disso, ele não tinha sentido nem vergonha nem raiva, apenas esperança.

"Houve outra passeata na cidade, hoje, pelo menos umas mil pessoas, e vários carros cobertos por folhas verdes", disse ela. "Eu gostaria que eles

fossem fazer isso no campo, em vez de ficar bloqueando as ruas principais. Eu já doei dinheiro e não vou ficar parada debaixo do sol quente só para dar mais uma mãozinha à ambição de Ojukwu."

"É tudo por uma causa, Kainene, não por um homem."

"Pois sim, a causa da extorsão obediente. Você sabia que os motoristas de táxi não cobram mais dos militares? Eles se ofendem quando algum se oferece para pagar a tarifa. Madu diz que aparecem bandos de mulheres nos quartéis, a cada poucos dias, vindas de tudo quanto é povoado atrasado, e que chegam com cestos de cará, banana-da-terra e fruta para os soldados. Uma gente que não tem nem para si."

"Não é extorsão. É pela causa."

"Pela causa uma ova." Kainene abanou a cabeça, mas parecia estar achando graça naquilo. "Madu me contou hoje que o exército não tem nada, absolutamente nada. Eles achavam que Ojukwu tinha armas estocadas em algum lugar, tendo em vista o jeito como ele fala. 'Poder nenhum na África Negra pode nos derrotar!' Aí Madu e alguns outros militares que serviam no Norte foram dizer a ele que o nosso exército não tem armas, não tem como mobilizar as tropas, e que os homens estão tendo que treinar com armas de pau, tenha a santa paciência! Queriam que ele distribuísse os estoques de armamentos. Mas ele se virou e disse que estavam fazendo um complô para derrubá-lo. Pelo visto, ele não tem arma nenhuma e planeja derrotar a Nigéria com os punhos." Ela ergueu o punho fechado e sorriu. "Mas no fundo eu o acho atraente demais; só aquela barba."

Richard não disse nada. Perguntou-se, por um instante muito breve, se deveria deixar crescer a barba.

17.

Olanna debruçou-se na grade da varanda da casa de Odenigbo, em Abba, olhando para o quintal. Perto do portão, Baby estava de joelhos, brincando na areia, sob a vigilância de Ugwu. O vento fazia farfalhar as folhas da goiabeira. O tronco da árvore fascinava Olanna, a forma como era pálido e manchado, tons de argila clara alternando-se com tons mais fortes de ardósia, quase como a pele das crianças das aldeias que tinham a doença chamada *nlacha*. Muitas dessas crianças haviam passado para dizer "*nno nu*, bem-vindos", no dia em que chegaram de Nsukka, assim como os pais, tios e tias, todos trazendo bons votos e ansiosos para ouvir notícias da evacuação. Olanna sentira afeto por eles; as boas-vindas a fizeram pensar que era querida. Sua afeição se estendia até mesmo à mãe de Odenigbo. Perguntava-se agora por que não tinha afastado Baby da avó, que a rejeitara ao nascer, e por que ela própria não fugira do abraço de Mama. Mas havia uma característica obsessiva, incompleta, em tudo que acontecera aquele dia — estar cozinhando junto com Ugwu, a partida tão repentina que nem sabia se tinha apagado o fogão, as multidões que enchiam as estradas, o ruído das balas —, e ela aceitou o abraço de Mama, até mesmo devolveu o abraço. Agora que tinham voltado a ser educadas uma com a outra, Mama aparecia para ver Baby, e entrava pelo portão de madeira que havia no muro de barro e que separava a casa dela da de Odenigbo. Às vezes, era Baby que atravessava o portão para ir vê-la e correr atrás das cabras que zanzavam pelo quintal. Olanna nunca tinha muita certeza da limpeza dos pedaços de peixe seco ou de carne de sol que Baby voltava mastigando, mas tentava não se incomodar, assim como tentava sufocar seu ressentimento; a afeição de Mama por Baby sempre fora meio insincera, meio forçada, e era tarde para que sentisse qualquer outra coisa que não fosse ressentimento.

Baby ria de algo que Ugvvu tinha dito; a risada pura e fina fez Olanna sorrir. Baby gostava dali; a vida era mais lenta e mais simples. Como o fogão, a torradeira, a panela de pressão e os temperos importados tinham ficado para trás, em Nsukka, as refeições também eram mais simples, e Ugwu tinha mais tempo para brincar com ela.

"Mami Ola!", chamou Baby. "Vem ver!"

Olanna acenou. "Baby, está na hora de tomar banho."

Viu o contorno das mangueiras no quintal pegado; algumas tinham mangas maduras que pareciam brincos pesados. O sol se punha. As galinhas cacarejavam, voando para a árvore da noz-de-cola, onde dormiam. Podia ouvir alguns moradores locais trocando cumprimentos com a mesma voz alta usada pelas mulheres do grupo de costura. Ela se juntara ao grupo duas semanas antes, no prédio da prefeitura, para costurar camisetas e toalhas para os soldados. No começo, sentia-se irritada com elas, porque quando tentava falar sobre as coisas que tinha deixado para trás, em Nsukka — seus livros, seu piano, suas roupas, suas louças, suas perucas, sua máquina de costura Singer, a televisão —, elas a ignoravam e começavam a falar sobre outra coisa. Agora, entendia que ninguém falava das coisas que tinham sido largadas para trás. Em vez disso, falavam sobre a mobilização para a vitória. Um professor doara sua bicicleta aos soldados, os sapateiros faziam botas de graça para os soldados e os agricultores davam cará a eles. Vencer a guerra. Era difícil, para Olanna, visualizar uma guerra acontecendo nesse momento, balas caindo na poeira vermelha de Nsukka, enquanto os soldados biafrenses rechaçavam os vândalos. Era quase sempre muito difícil visualizar qualquer coisa de concreto que não viesse empanado pelas lembranças de Arize, tia Ifeka e tio Mbaezi, e que não desse a impressão de vida sendo vivida num tempo suspenso.

Tirou os chinelos e andou, descalça, pelo jardim da frente, até onde Baby havia construído uma cabana de areia. "Muito bom, Baby. Quem sabe ela dure até amanhã, se as cabras não entrarem no quintal pela manhã. Agora é hora do banho."

"Não, Mami Ola!"

"Eu acho que Ugwu vai pegar você no colo e é agora." Olanna deu uma olhada para Ugwu.

"Não!"

Ugwu pegou Baby no colo e correu com ela na direção da casa. O chinelinho de Baby caiu no chão e eles pararam para pegá-lo, com a menina repetindo o tempo todo "Não!", e rindo. Olanna se perguntava como Baby se sentiria com a mudança para Umuahia, na semana seguinte, uma cidade a três horas de distância dali, onde Odenigbo fora designado para o Diretório dos Efetivos. A expectativa dele era trabalhar no Diretório de Pesquisa e Produção, mas havia um número imenso de gente superqualificada para pouquíssimos empregos; até ela ficara de fora por falta de vagas em quaisquer dos diretórios. Ela daria aula no primário, esse seria seu esforço para vencer a guerra, vencer a guerra. Torcia para que o professor Achara encontrasse acomodação perto de outros professores universitários, para que Baby tivesse o tipo certo de criança com quem brincar.

Sentou-se numa daquelas cadeiras baixas de madeira com encosto meio deitado — precisava reclinar o corpo para poder descansar as costas. Eram cadeiras que ela só tinha visto nessa aldeia, feitas por carpinteiros locais, cujas placas poeirentas via nos cruzamentos de estradas de terra, quase sempre com a palavra CARPINTEIRO escrita de forma errada: capintero, capiteiro, capenteiro. Era impossível sentar numa dessas cadeiras; elas presumiam uma vida de descanso conquistado a duras penas, noites reclinadas sob o ar fresco, depois de um dia todo na roça. Talvez também presumissem uma vida de tédio.

Estava escuro e os morcegos voavam com estardalhaço quando Odenigbo voltou para casa. Passava o dia fora, participando de uma reunião depois da outra, todas sobre como Abba poderia se mobilizar para vencer a guerra, como Abba poderia desempenhar um papel importante na formação do Estado de Biafra; às vezes, ela via homens voltando dessas reuniões com falsas armas entalhadas em madeira. Viu Odenigbo atravessar a varanda, uma confiança agressiva no andar. Seu homem. Às vezes, ao olhar para ele, sentia-se tomada de uma orgulhosa sensação de propriedade.

"*Kedu*?", perguntou ele, curvando-se para beijá-la na boca. Examinou cuidadosamente seu rosto, como se precisasse ter certeza de que estava tudo bem. Fazia isso desde que Olanna voltara de Kano. Dizia que a *experiência* tinha mudado muita coisa nela, que ela ficara muito mais *para dentro*. Ele usava a palavra *massacre*, quando falava com os amigos, mas nunca na frente dela. Era como se o que tinha acontecido em Kano, mesmo tendo sido um massacre, para Olanna fosse uma experiência.

"Estou bem", disse ela. "Você não chegou meio cedo?"

"Terminamos mais cedo porque amanhã vai haver uma reunião geral na praça."

"Por quê?"

"Os mais velhos decidiram que é hora. Estão circulando muitos boatos tolos de que Abba terá de evacuar em breve. Alguns energúmenos estão até dizendo que as tropas federais entraram em Awka!" Odenigbo riu e sentou-se junto a Olanna. "Você vem?"

"À reunião?" Ela não tinha sequer considerado a hipótese. "Eu não sou de Abba."

"Mas podia ser, se casasse comigo. Devia ser, aliás."

Ela olhou para ele. "Nós estamos muito bem, assim."

"Estamos em guerra e minha mãe vai ter de decidir o que fazer com o meu corpo, se acontecer alguma coisa. Mas é você quem devia resolver isso."

"Pára, nada vai acontecer com você."

"Claro que nada vai acontecer comigo. Eu só quero que você se case comigo. Nós devíamos nos casar. Não faz mais sentido. Nunca fez sentido não sermos."

Olanna ficou vendo uma vespa se agitar em torno da colméia esponjosa no canto da parede. Tinha feito todo o sentido, para ela, a decisão de não se casar, a necessidade de preservar o que ambos haviam envolto num xale de diferença. Porém a antiga estrutura que se encaixava a seus ideais se fora, depois que Arize, tia Ifeka e tio Mbaezi se tornaram rostos imobilizados em seu álbum de retratos. Agora que as balas tinham chegado a Nsukka. "Você vai ter que levar vinho para o meu pai."

"Isso é um sim?"

Um morcego deu um mergulho e Olanna baixou a cabeça. "É. É um sim."

Pela manhã, ela escutou o pregoeiro da cidade passando na frente da casa, batendo num *ogene* barulhento. "Haverá uma reunião de todos os moradores de Abba amanhã, às quatro da tarde, na praça Amaeze!" *Gom-gom-gom*. "A cidade de Abba diz que todos os homens e todas as mulheres têm que ir!" *Gom-gom-gom*. "Quem não comparecer vai receber uma multa!"

"Eu queria saber de quanto são essas multas", disse ela, vendo Odenigbo se vestir. Ele deu de ombros. Tinha apenas duas camisas e as duas calças que Ugwu pusera apressadamente na sacola, e ela sorriu, pensando em como sabia o que ele iria vestir cada manhã, antes mesmo que ele começasse.

Tinham acabado de sentar para tomar o café-da-manhã quando o Land Rover dos pais de Olanna parou diante do *compound*.

"Mas que sorte a minha", disse Odenigbo. "Eu vou contar a seu pai imediatamente. Podemos fazer o casamento aqui na próxima semana." Ele sorria. Havia qualquer coisa do garoto nele, desde o momento em que ela dissera sim, na varanda, algo ingenuamente alegre que ela também gostaria de estar sentindo.

"Você sabe que não é assim que se faz", disse ela. "Você tem que ir até Umunnachi com seus parentes e fazer tudo como se deve."

"Claro que eu sei. Estava só brincando."

Olanna foi até a porta, se perguntando por que os pais dela tinham aparecido. Não fazia nem uma semana que eles haviam feito uma visita e ela não estava preparada para ouvir outro monólogo irritadiço da mãe, enquanto o pai ficava parado e balançava a cabeça, concordando com tudo: Por favor, venha ficar conosco em Umunnachi; Kainene deveria deixar Port Harcourt até sabermos se essa guerra vai em frente ou não; aquele zelador ioruba que nós deixamos em Lagos vai pilhar a casa toda; eu estou lhe dizendo, nós devíamos ter dado um jeito de trazer todos os carros conosco.

O Land Rover parou debaixo da noz-de-cola e sua mãe saltou. Estava sozinha. Olanna sentiu um ligeiro alívio de não ver o pai. Era mais fácil lidar com um por vez.

"Bem-vinda, mamãe, *nno*", disse Olanna, dando um abraço nela. "Tudo bem?"

A mãe encolheu os ombros, sua maneira de dizer que as coisas estavam assim-assim. Usava uma saia de panos vermelhos e uma blusa rosa, e calçava sapatos sem salto, de um preto brilhante. "Tudo bem." A mãe olhou em volta, da mesma maneira que tinha olhado antes, furtivamente, antes de botar um envelope com dinheiro na mão de Olanna. "Cadê ele?"

"Odenigbo? Está lá dentro, comendo."

A mãe entrou na frente na varanda e debruçou-se sobre um pilar. Abriu a bolsa e fez um gesto para Olanna olhar lá dentro. A bolsa estava cheia de brilhos e faíscas de jóias, corais, metais e pedras preciosas.

"Ah! Ah! Mãe, para que tudo isso?"

"Eu levo tudo para onde eu vou, agora. Meus brilhantes estão dentro do sutiã." A mãe cochichava. "*Nne*, ninguém sabe o que está acontecendo. Ouvimos dizer que Umunnachi está prestes a cair e que os federais estão perto."

"Os vândalos não estão perto. Nossos soldados estão expulsando todos eles de Nsukka."

"Mas quanto tempo eles vão demorar para expulsá-los?"

Olanna não gostou do beicinho petulante no rosto da mãe, da forma como ela baixou a voz, como se assim pudesse excluir Odenigbo. Não contaria nada a ela que eles tinham decidido se casar. Não ainda.

"Seja como for", continuou a mãe, "seu pai e eu já estamos com tudo planejado. Pagamos alguém que vai nos levar até Camarões e pôr a gente num vôo até Londres. Vamos usar nossos passaportes nigerianos; os camaronenses não vão nos criar problema. Não foi fácil, mas agora está feito. Nós pagamos por quatro lugares." A mãe deu um tapinha no turbante, como se para se certificar de que continuava no lugar. "Seu pai foi para Port Harcourt, contar a Kainene."

Olanna sentiu pena de ver o apelo que havia no olhar da mãe. Ela sabia que a filha não fugiria para a Inglaterra com eles, e que Kainene também não iria. Mas era muito dela fazer uma última tentativa bem-intencionada e fadada ao fracasso.

"Você sabe que eu não vou", disse com doçura, querendo estender a mão e tocar na pele perfeita da mãe. "Mas você e o papai devem ir, se isso os deixa mais seguros. Eu vou ficar com Odenigbo e Baby. Nós estamos bem. Iremos para Umuahia em algumas semanas, para que Odenigbo comece a trabalhar num diretório." Olanna calou-se uns instantes. Queria dizer que fariam o casamento em Umuahia, mas, em vez disso, falou: "Assim que Nsukka for recuperada, nós voltamos".

"Mas e se Nsukka nunca mais voltar a ser recuperada? E se essa guerra não tiver mais fim?"

"Não vai ser assim."

"Como é que eu posso deixar minhas filhas e correr para um lugar seguro?"

Porém Olanna sabia que ela podia e iria. "Nós ficaremos muito bem."

A mãe enxugou os olhos com a palma da mão, embora não houvesse nenhuma lágrima, antes de tirar um envelope aéreo da bolsa. "É uma carta de Mohammed. Alguém levou até Umunnachi. Pelo visto ficou sabendo que Nsukka foi evacuada e achou que você estivesse em Umunnachi. Desculpe. Tive de abrir, para ter certeza de que não havia nada perigoso dentro."

"Nada perigoso?", repetiu Olanna. "*Gini*? Do que você está falando, mãe?"

"Quem é que sabe? Ele não é o inimigo, agora?"

Olanna sacudiu a cabeça. Estava contente que a mãe fosse para o exterior e que não tivesse mais que lidar com ela até a guerra acabar. Queria esperar até ela ir embora, antes de ler a carta, para que a mãe não ficasse buscando significados em suas expressões, mas não conseguiu não puxar a única folha de papel do envelope na mesma hora. A letra de Mohammed era igual a ele — aristocrática e longa, com floreios elegantes. Queria saber se ela estava bem. Deu-lhe números de telefone, para os quais poderia ligar se precisasse de ajuda. Achava a guerra sem sentido e esperava que terminasse logo. Ele a amava.

"Graças a Deus que você não se casou com ele", disse a mãe, observando enquanto ela dobrava o papel. "Você já imaginou a situação em que estaria agora? *O di egwu*!"

Olanna não respondeu. A mãe foi embora pouco depois; não quis entrar para cumprimentar Odenigbo. "Você ainda pode mudar de idéia, *nne*, e os quatro lugares já estão pagos", disse ela, subindo no carro, segurando bem apertado a bolsa cheia de jóias. Olanna acenou até o Land Rover atravessar os portões do *compound*.

Surpreendeu-a ver a quantidade de homens e mulheres que havia em Abba, reunidos na praça para a reunião, amontoados em volta da antiquíssima *udala*. Odenigbo lhe contara que, quando criança, ele e outros garotos passavam a maior parte do tempo brigando pelas frutas caídas da *udala*. Não podiam subir na árvore nem arrancar as frutas porque era tabu; a *uda-*

la pertencia aos espíritos. Ela olhou para a árvore, enquanto os anciãos falavam com os moradores da cidade, e imaginou Odenigbo quando menino, olhando para o alto, como ela fazia agora, esperando ver os contornos enfumaçados de um espírito. Será que ele fora tão animado quanto Baby? Provavelmente, talvez ainda mais que Baby.

"Abba, *kwenu*!", disse o *dibia* Nwafor Agbada, o homem cujos remédios, segundo diziam, eram os mais fortes por ali.

"Siiim!", gritaram todos.

"Abba *kwezuenu*!"

"Siiim!"

"Abba nunca foi derrotada por ninguém. Eu repito, Abba nunca foi derrotada." A voz dele era forte. Tinha apenas uns tufos, feito bolas de algodão, na cabeça, e seu cajado tremia toda vez que ele o martelava no chão. "Nós não saímos atrás de briga, mas quando a briga nos acha, nós esmagamos todos os que estão contra nós. Nós lutamos com Ukwulu e Ukpo e acabamos com eles. Meu pai nunca me contou de nenhuma guerra perdida, assim como o pai dele também nunca falou de nenhuma guerra perdida. Nós nunca fugiremos de nossa terra natal. Nossos ancestrais nos proíbem. Nós nunca fugiremos da nossa terra!"

A multidão aplaudiu. Assim como Olanna. Lembrava-se dos comícios pró-independência da faculdade; os movimentos de massa sempre a deixavam com a sensação de poder; por um curto período, todo mundo unido por uma só possibilidade.

Contou a Odenigbo sobre a carta de Mohammed enquanto voltavam a pé da praça, depois da reunião. "Ele deve estar tão abalado com tudo isso. Nem consigo imaginar como deve estar se sentindo."

"Como pode dizer uma coisa dessas?", perguntou Odenigbo.

Ela reduziu o passo e olhou para ele, espantada. "Qual o problema?"

"O problema é que você está dizendo que esse maldito muçulmano hauçá está abalado! Ele é cúmplice, um cúmplice absoluto de tudo que aconteceu ao nosso povo, portanto como é que você vem dizer que ele está abalado?"

"Você está brincando, certo?"

"Brincando? Como é que pode falar essas coisas, depois de ter visto o que eles fizeram em Kano? Já imaginou o que deve ter acontecido com Arize? Eles estupram as grávidas, antes de cortá-las ao meio!"

Olanna se encolheu. Tropeçou numa pedra no caminho. Não podia acreditar que ele tivesse trazido Arize à baila dessa forma, que tivesse barateado a memória de Arize só para mostrar que estava certo numa discussão espúria. A raiva paralisou seus órgãos. Começou a andar rápido, deixando Odenigbo para trás, e, quando chegou em casa, foi para o quarto de hóspedes e não se surpreendeu quando sentiu o Mergulho no Escuro. Lutou para não se deixar tomar, para respirar, e, por fim, deitou-se na cama, exausta. Não falou com Odenigbo no dia seguinte. Nem no outro. E, quando o primo de sua mãe, tio Osita, veio de Umunnachi para lhe dizer que estava sendo convocada para uma reunião no *compound* do avô, não comunicou nada a ele. Simplesmente pediu a Ugwu que aprontasse Baby e, quando Odenigbo foi para uma reunião, saiu com os dois no carro dela.

Lembrou-se do jeito como Odenigbo dissera: "Desculpe, desculpe", com um quê de impaciência, como se tivesse direito a um perdão. Ele devia estar achando que, se ela conseguira perdoá-lo pelo que ocorrera na época do nascimento de Baby, ela poderia perdoar qualquer coisa. E Olanna se ressentia com isso. Talvez por esse motivo não tenha dito a ele que estava indo para Umunnachi. Ou talvez porque sabia o motivo de estar sendo convocada para a reunião e não quis conversar sobre isso com ele.

Rodou por estradas esburacadas de terra, ladeadas por capim alto, e pensou em como era interessante que as pessoas pudessem dizer algo como *Umunnachi convocou você*, como se Umunnachi fosse uma pessoa, não um povoado. Chovia. As estradas estavam enlameadas. Deu uma rápida espiada na casa de campo dos pais, ao passar diante dos três andares que surgiam em meio à chuva; eles já estariam em Camarões, a essa altura, ou talvez já tivessem chegado a Londres, ou Paris, e estivessem folheando os jornais para ver o que estava acontecendo no país. Estacionou na frente da casa do avô, perto da cerca de sapê. Os pneus derraparam um pouco no solo lamacento. Depois que Ugwu e Baby saíram do carro, ela continuou sentada um tempo, vendo as gotas de chuva escorrerem pelo vidro da frente. Seu peito estava pesado e precisava de um tempo para respirar lentamente e liberar o ar, liberar a si própria para poder responder às perguntas que os mais velhos lhe fariam na reunião. Eles seriam gentis, formais, todos reunidos na sala de estar cheirando a mofo: seus tios e tios-avôs, suas mulheres, alguns primos e, talvez, um bebê amarrado na costas de alguém.

Ela falaria com voz cristalina e olharia para baixo, para as linhas de giz branco riscadas pelo chão, algumas apagadas pelos anos, algumas só um traço reto, outras curvas elaboradas, ou apenas as iniciais. Quando criança, vira o avô apresentar o pedaço de *nzu* a seus convidados, e ela então seguia cada movimento dos homens, enquanto eles riscavam o chão, e das mulheres, que passavam o giz no rosto e, às vezes, davam umas mordidinhas. Uma vez, o avô saiu da sala e Olanna mascou um pedaço de giz, também; ainda se lembrava do gosto insípido de potassa.

Seu avô, Nweke Udene, teria liderado a reunião, se ainda estivesse vivo. Porém Nwafor Isaiah faria as vezes dele; era agora o membro mais velho da *umunna*. Ele diria: "Outros vieram e nós ficamos de olho na estrada, esperando nosso filho Mbaezi e sua mulher Ifeka e nossa filha Arize, bem como nosso genro Ogidi. Esperamos e esperamos, mas nem sinal deles. Passaram-se muitos meses e nossos olhos doem de tanto ficar olhando a estrada. Pedimos que viesse para nos dizer o que sabe. Umunnachi está perguntando sobre todos os filhos que não voltaram do Norte. Você esteve lá, filha. O que você nos disser, nós diremos a Umunnachi."

Foi em grande parte o que aconteceu. A única coisa que Olanna não esperava era ouvir a voz alterada da irmã de tia Ifeka, Mama Dozie. Mulher muito brava, diziam que um dia batera em Papa Dozie, depois que ele largou um filho doente para ir ver a amante. Naquele dia, Mama Dozie não estava em casa, tinha saído para colher inhame no *agu*. A criança quase morreu. Mama Dozie, segundo diziam, ameaçara cortar fora o pênis de Papa Dozie, antes de estrangulá-lo, se a criança morresse.

"Não minta, Olanna Ozobia, *i sikwana asi*!", gritou Mama Dozie. "Que a varíola te pegue, se você mentir. Quem lhe disse que foi o corpo da minha irmã que você viu? Quem lhe disse? Não minta. Que o cólera acabe com você."

O filho Dozie levou a mãe para fora. Tinha crescido tanto, Dozie, desde a última vez que Olanna o vira, alguns anos antes. Ele segurava a mãe bem firme, e ela tentava afastá-lo, como se para ter permissão de socar Olanna, e Olanna queria que ele a soltasse. Queria que Mama Dozie batesse nela, a estapeasse, se isso a fizesse sentir-se melhor, se isso pudesse fazer com que tudo que acabara de contar aos integrantes da família toda, reunidos na sala, fosse uma mentira. Gostaria que Odinchezo e Ekene gritassem com ela também, e a questionassem por estar viva, em vez de morta como a

irmã, os pais e o cunhado. Gostaria que não ficassem ali sentados, quietos, olhando para baixo, como homens de luto quase sempre fazem, e mais tarde viessem lhe dizer que estavam felizes que ela não tivesse visto o corpo de Arize; todos sabiam o que aqueles monstros faziam com as grávidas.

Odinchezo rasgou uma folha grande de *ede* e deu a ela, para substituir o guarda-chuva. Porém Olanna não colocou a folha em cima da cabeça, enquanto corria até o carro. Levou um bom tempo destrancando a porta e deixou a chuva escorrer por sobre o cabelo trançado, por cima dos olhos e pela face. Espantou-se com a rapidez com que a reunião chegara ao fim, com o pouco tempo que levou para confirmar que quatro parentes seus estavam mortos. Ela tinha dado aos que ficaram para trás o direito do luto, de usar preto e de receber visitas que entrariam dizendo "*Ndo nu*". Ela tinha dado a eles o direito de ir em frente, depois do luto, e de considerar que Arize, o marido e os pais foram embora para sempre. O imenso peso de quatro enterros mudos era grande em sua cabeça, enterros baseados não em corpos físicos e sim em suas palavras. E ela se perguntava se porventura teria se enganado, se porventura imaginara os corpos largados no pó, tantos corpos no quintal que só de lembrá-los sentia o sal na boca. Quando finalmente abriu o carro e Ugwu e Baby correram para entrar, ela ainda ficou sentada, imóvel, por uns tempos, consciente de que Ugwu a observava com preocupação, e de que Baby estava quase dormindo.

"Quer que eu vá pegar um pouco de água para a senhora?", perguntou ele.

Olanna balançou a cabeça. Claro que ele sabia que ela não queria água. Ele só queria que ela saísse daquele transe, girasse a chave na ignição e os levasse de volta para Abba.

18.

Ugwu foi o primeiro a ver gente marchando pela estrada de terra que cortava Abba. Arrastavam suas cabras, levavam carás e caixotes na cabeça, galinhas e esteiras enroladas debaixo do braço, lamparinas a querosene nas mãos. As crianças levavam pequenas bacias ou puxavam crianças ainda menores pela mão. Ugwu os viu passar, alguns calados, outros falando em voz alta; muitos deles, sabia, sem saber para onde estavam indo.

O Patrão voltou antes do previsto de uma reunião realizada à tarde. "Nós partimos para Umuahia amanhã", disse ele. "Já íamos para lá, de todo modo. Só estamos partindo uma semana ou duas mais cedo." Odenigbo falava depressa demais, olhando um ponto ao longe. Ugwu se perguntou se o Patrão se comportava assim porque não queria aceitar o fato de que sua cidade natal estava prestes a cair, ou se era porque Olanna não estava falando com ele. Ugwu não sabia o que acontecera entre os dois, mas, fosse o que fosse, tinha ocorrido depois da reunião da aldeia, na praça. Olanna voltara num estranho silêncio. Falava de forma mecânica. Não ria. Deixou que ele tomasse todas as decisões sobre a comida e sobre Baby, e passou a maior parte do tempo na cadeira de pau, na varanda. Uma vez, Ugwu viu Olanna andar até a goiabeira para acariciar seu tronco e disse a si mesmo que daria mais um minuto antes de ir tirá-la de lá, antes que os vizinhos começassem a dizer que ela enlouquecera. Mas Olanna não ficou muito tempo. Virou-se em silêncio e voltou a sentar na varanda.

E parecia tão calada quanto antes. "Por favor, Ugwu, faça as nossas malas e pegue toda a comida que temos."

"Pois não, *mah*."

Ele fez as malas rapidamente — não havia muita coisa que guardar, não era como em Nsukka, onde tinha ficado tão paralisado com as muitas esco-

lhas que acabara levando pouca coisa. Pôs tudo no carro bem cedo, na manhã seguinte, e depois deu uma repassada na casa, para ver se não havia esquecido nada. Olanna já tinha empacotado os álbuns. E dera banho em Baby. Ficaram ao lado do carro, enquanto o Patrão conferia o óleo e a água. Na rua, as pessoas passavam em grandes grupos.

O portão de madeira no muro de barro, atrás da casa, abriu-se com um rangido e Aniekwena entrou no *compound*. Era primo do Patrão. Ugwu não gostava do trejeito na boca de Aniekwena; ele sempre aparecia para visitar na hora das refeições e, quando Olanna o convidava a se unir a eles "para levar as mãos à boca", fazia um "Ó! Ó!", de surpresa exagerada. Mas parecia sombrio, agora. Atrás dele, vinha a mãe do Patrão.

"Estamos prontos para ir, Odenigbo, mas sua mãe se recusa a fazer a mala e partir", disse Aniekwena.

O Patrão fechou o capô. "Mama, eu achei que nós tínhamos concordado que a senhora iria para Uke."

"*Ekwuzikwananu nofu*! Não diga isso! Você me falou que nós tínhamos que fugir e que era melhor eu ir para Uke. Mas por acaso ouviu eu concordar com isso? Por acaso eu disse 'sim' a você?"

"Então quer ir para Umuahia conosco?", perguntou o Patrão.

Mama olhou para o carro, lotado de coisas. "Mas por que você está fugindo? E para onde está fugindo? Está ouvindo algum barulho de tiro?"

"As pessoas estão fugindo de Abagana e Ukpo, o que significa que os soldados hauçás estão perto e logo vão entrar em Abba."

"Você não escutou nosso *dibia* dizer que Abba nunca foi conquistada? De quem é que estou fugindo, e da minha própria casa? *Alu melu*! Sabe que seu pai está nos xingando por isso?"

"Mama, a senhora não pode ficar aqui. Não vai ficar ninguém em Abba."

Ela olhou, franzindo a vista, concentrada, como se procurar uma vagem madura na noz-de-cola fosse mais importante que as palavras do Patrão. Olanna abriu a porta do carro e pediu para Baby ir atrás.

"As notícias não são boas. Os soldados hauçás estão se aproximando", disse Aniekwena. "Eu vou para Uke. Mande um recado para nós quando chegar a Umuahia." Virou-se e começou a se afastar.

"Mama!", gritou o Patrão. "Vá buscar suas coisas agora!"

A mãe continuou olhando para os galhos da noz-de-cola. "Eu vou ficar e cuidar da casa. Depois de fugir, vocês vão voltar. E eu vou estar aqui, à es-

pera. De quem é que estou fugindo e da minha própria casa, *gbo*?"

"Talvez fosse uma idéia melhor falar com ela delicadamente, em vez de erguer a voz desse jeito", disse Olanna, em inglês. Seu tom de voz era muito formal, os sons curtos e separados. A primeira e última vez que Ugwu ouvira Olanna falar desse jeito com o Patrão fora durante os meses que antecederam o nascimento de Baby.

A mãe do Patrão olhava desconfiada para os dois, como se estivesse certa de que Olanna a ofendera em inglês.

"Mama, a senhora não vem conosco?", perguntou o Patrão. "*Biko*. Por favor, venha conosco."

"Me dá a chave da sua casa. Eu posso precisar de alguma coisa que esteja aí."

"Por favor, venha conosco."

"Me dá a chave."

O Patrão olhou em silêncio para ela, e em seguida lhe entregou um molho de chaves. "Por favor, venha conosco", disse ele de novo, mas a mãe não respondeu e amarrou as chaves numa ponta dos panos.

O Patrão entrou no carro. Ao se afastar, olhou várias vezes para trás, para olhar a mãe, talvez para ver se ela havia mudado de idéia e correra para alcançar Aniekwena, ou se estava acenando para ele parar. Mas ela não se mexeu. Ficou ali parada, sem acenar. Ugwu a viu também, até que viraram na rua de terra. Como é que ela poderia ficar ali sozinha, sem a presença dos parentes todos? Se todo mundo em Abba estava saindo, como ela iria comer, se não existiria mercado?

Olanna tocou no ombro do Patrão. "Ela vai ficar bem. Os soldados federais não vão ficar em Abba, se conseguirem passar."

"Verdade", disse o Patrão. Depois inclinou-se e a beijou na boca, e Ugwu sentiu um alívio animador de que estivessem falando normalmente de novo. O fluxo de refugiados estava diminuindo.

"O professor Achara encontrou uma casa para nós, em Umuahia", disse o Patrão, com uma voz alta demais, alegre demais. "Alguns velhos amigos já foram para lá, e tudo logo vai voltar ao normal. Tudo vai voltar a ser perfeitamente normal!"

Como Olanna continuasse calada, Ugwu disse: "Pois é, *sah*".

Não havia nada normal sobre a casa. O teto de sapê e as paredes sem pintura e rachadas incomodavam Ugwu, mas não tanto como a latrina cavernosa, apenas um buraco no chão, numa casinha do lado de fora, com uma folha de zinco enferrujada por cima, para manter as moscas longe. Baby ficou aterrada. A primeira vez que usou a latrina, Ugwu teve que ficar segurando, enquanto Olanna tentava persuadi-la. Baby chorou um bom tempo. Chorou muito, durante os dias seguintes, como se também ela considerasse aquela casa indigna do Patrão, um terreno feio, um capim que pinicava, blocos de concreto empilhados nos cantos, e as casas dos vizinhos próximas demais, tão perto que era possível sentir o cheiro das comidas gordurosas e ouvir os filhos chorando. Ugwu tinha certeza de que o professor Achara enganara o Patrão, para ele alugar aquela casa; havia um quê de astúcia nos olhos saltados do homem. Além disso, a casa do professor ficava um pouco mais abaixo, e era grande e pintada com um branco deslumbrante.

"Esta não é uma boa casa, *mah*", disse Ugwu.

Olanna riu. "Olha só pra você. Você não sabia que tem muita gente dividindo uma casa, agora? A escassez é enorme. E aqui estamos nós, com dois quartos, uma cozinha, uma sala de estar e uma sala de jantar. Temos sorte de conhecer alguém que nasceu aqui em Umuahia."

Ugwu não disse mais nada. Mas gostaria que ela não estivesse tão satisfeita com isso.

"Nós decidimos fazer o casamento no mês que vem", contou-lhe Olanna, alguns dias depois. "Vai ter pouca gente, e a festinha vai ser aqui mesmo."

O choque foi grande para Ugwu. Ele imaginara perfeição absoluta para o casamento deles, a casa de Nsukka toda decorada para a festa, a toalha de mesa engomada forrada de pratos. Seria melhor se eles esperassem a guerra acabar, em vez de se casar nessa casa de aposentos sombrios e cozinha cheirando a mofo.

Nem mesmo o Patrão parecia se importar com o estado da casa. Ele voltava do diretório, à noite, e sentava lá fora, ouvindo satisfeito a Rádio Biafra e a BBC, como se a varanda não tivesse o chão cheio de barro incrustado, como se o banco de madeira nua que havia ali fosse o sofá acolchoado que tinha em Nsukka. Os amigos começaram a aparecer, com o correr das semanas. Às vezes, o Patrão ia com eles até o bar do Sol Nascente, ali perto. Em outras, sentava com eles na varanda e conversava. Essas visitas faziam Ugwu superar as indignidades da casa. Ele não servia mais sopa de pimen-

ta, nem drinques, mas podia ouvir o sobe-e-desce das vozes, as risadas, a cantoria, o berreiro do Patrão. A vida chegou perto de ser quase como era em Nsukka, pouco depois da secessão; a esperança bailava em volta de novo.

Ugwu gostava de Special Julius, que usava túnicas bordadas com lantejoulas até a altura dos joelhos, era fornecedor do exército e levava cerveja Golden Guinea, garrafas de uísque White Horse e, às vezes, gasolina num galão preto; foi Special Julius, também, que sugeriu ao Patrão espalhar folhas de palmeira sobre o carro, como camuflagem, e a pintar os faróis traseiros de piche.

"É muito improvável que a gente sofra algum ataque aéreo, mas a vigilância deve ser a nossa palavra de ordem!", disse o Patrão, segurando o pincel na mão. Um pouco do piche escorrera pelo pára-choque, estragando a pintura azul, e, mais tarde, depois que o Patrão entrou, Ugwu limpou cuidadosamente tudo, até a maçaroca preta cobrir apenas as lanternas.

De todas as visitas, a preferida de Ugwu era a do professor Ekwenugo. Ele era membro do Grupo de Ciências. A unha de seu indicador era tão comprida e afilada que mais parecia um punhal e, enquanto falava sobre o que ele e seus colegas estavam produzindo — minas terrestres de alto impacto, chamadas de *ogbunigwe*, fluido de freio com óleo de coco, motores feitos com ferro velho, tanques, granadas —, ela ia alisando a unha. Os outros aplaudiam sempre que ele fazia algum anúncio, assim como Ugwu, de seu banco na cozinha. O anúncio, feito pelo professor Ekwenugo, do primeiro míssil biafrense causou a maior salva de palmas de todas.

"Nós lançamos hoje à tarde, hoje à tarde", disse ele, afagando a unha. "Nosso próprio míssil. Minha gente, nós estamos no caminho certo."

"Nós somos um país de gênios!", disse Special Julius, para ninguém em especial. "Biafra é a terra dos gênios!"

"A terra dos gênios", repetiu Olanna, o rosto naquela fase delicada entre o sorriso e a gargalhada.

Os aplausos logo deram lugar à música.

So-lidarie-dade pra sempre!
So-lidarie-dade pra sempre!
Nossa república vencerá!

Ugwu cantou junto, torcendo, de novo, para ter a chance de se juntar à Defesa Civil, ou aos milicianos, que saíam em busca de nigerianos escondidos na selva. O noticiário sobre a guerra tornou-se o ponto alto de seu dia, o rufar sempre rápido dos tambores, a voz magnífica dizendo:

A eterna vigilância é o preço da liberdade! Aqui fala a Rádio Biafra de Enugu!
E aqui estão as notícias de hoje da guerra!

Depois de notícias esplendorosas — os soldados de Biafra estavam expulsando os últimos contingentes do inimigo, as baixas nigerianas eram altas, as operações para concluir a ocupação estavam no fim —, Ugwu tecia fantasias sobre entrar para o exército. Ele seria como aqueles recrutas que iam para o campo de treinos — enquanto seus parentes e amigos ficavam de lado, aplaudindo — e saíam de olhar brilhante, vestindo corajosas fardas duras de goma, com meio sol amarelo cintilando na manga.

Ele ansiava por desempenhar um papel, queria agir. Vencer a guerra. De modo que, quando vieram as notícias pelo rádio de que Biafra havia capturado o meio-oeste e que os soldados biafrenses estavam marchando rumo a Lagos, Ugwu sentiu uma estranha mistura de alívio e decepção. A vitória era deles e estava doido para voltar à casa da rua Odim, ficar perto da família de novo, ver Nnesinachi. No entanto parecia que a guerra tinha acabado cedo demais, e que ele não contribuíra. Special Julius levou uma garrafa de uísque e os convidados cantaram e berraram embriagadamente sobre o poder de Biafra, a estupidez dos nigerianos, a tolice dos locutores da rádio BBC.

"Olha só para a boca imunda desses ingleses. 'Ação surpreendente de Biafra!', ora sim senhor."

"Eles estão surpresos porque as armas que Harold Wilson deu àqueles vaqueiros muçulmanos não nos mataram tão rápido quanto eles esperavam!"

"É a Rússia que você deveria culpar, não a Grã-Bretanha."

"Decididamente é a Grã-Bretanha. Nossos rapazes trouxeram algumas cápsulas nigerianas disparadas no setor de Nsukka, para fazermos uma análise. Todas elas, sem exceção, tinham as palavras DEPARTAMENTO DE GUERRA DA GB impressas."

"E a gente vive interceptando sotaques britânicos nas mensagens trocadas por rádio, também."

"A Grã-Bretanha e a Rússia. Essa aliança perversa não vai dar certo."

As vozes foram aumentando de volume e Ugwu parou de escutar. Levantou-se, saiu pelos fundos e foi sentar na pilha de blocos de concreto, ao lado da casa. Alguns garotos pequenos, da Brigada de Meninos Biafrenses, estava praticando na rua, com paus entalhados para parecer espingardas, andando de gatinhas, chamando um ao outro de *capitão*! e *ajudante*! com vozes estridentes.

Uma vendedora ambulante com uma bandeja na cabeça passou. "Quem quer comprar *garri*? Quem quer comprar *garri*?"

Parou quando uma jovem na casa em frente chamou. Barganharam por um tempo, depois a jovem gritou: "Se você quer roubar as pessoas, então roube. Mas não venha me dizer que você estava vendendo *garri* por esse preço". A vendedora soltou um assobio e foi embora.

Ugwu conhecia a jovem da casa em frente. Tinha prestado atenção nela por causa da redondez perfeita de suas nádegas, de como rebolavam ritmicamente de um lado a outro quando ela andava. Seu nome era Eberechi. Tinha ouvido os vizinhos falando dela; a história que circulava é que seus pais a haviam dado a um oficial do exército que aparecera para fazer uma visita, assim como se dá noz-de-cola aos convidados. Uma noite, os pais dela bateram na porta do militar, abriram e empurraram docemente a jovem para dentro. Na manhã seguinte, o militar sorridente agradeceu os pais sorridentes, enquanto Eberechi olhava.

Ele viu quando ela entrou de volta e se perguntou qual seria a sensação de ser oferecida a um estranho, e o que acontecera depois que ela entrara em seu quarto, e sobretudo quem tinha mais culpa, os pais dela ou o oficial. Ugwu não queria pensar muito sobre culpa, porém, porque isso o fazia lembrar do Patrão e de Olanna durante aquelas semanas antes do nascimento de Baby, semanas que ele preferia esquecer.

O Patrão achou um "pára-chuva" no dia do casamento. O velhinho chegou cedo, cavou uma cova rasa no quintal da casa, fez uma fogueira e, depois, sentou-se em meio à fumaça azulada, alimentando o fogo com folhas secas.

"Não virá chuva nenhuma, não acontecerá nada, até o casamento acabar", disse, quando Ugwu levou para ele um prato de arroz e carne. Ugwu sentiu o cheiro forte de gim em seu hálito. Virou-se e voltou a entrar, para que a fumaça não se entranhasse na camisa passada com o maior cuidado. Os primos de Olanna, Odinchezo e Ekene, estavam sentados na varanda, com seus uniformes de miliciano. O fotógrafo mexia na máquina. Alguns convidados na sala de estar falavam e riam, esperando por Olanna, e, de vez em quando, alguém entrava e depositava alguma coisa — uma panela, um banquinho, um ventilador — na pilha de presentes.

Ugwu bateu na porta de Olanna e abriu.

"O professor Achara está pronto para levá-la à igreja, *mah*."

"Certo." Olanna desviou a vista do espelho. "Onde está Baby? Ela não foi brincar lá fora, foi? Não quero que ela suje o vestido."

"Ela está na sala."

Olanna estava sentada diante do espelho torto. Seu cabelo fora puxado para trás, expondo todo o seu rosto radiante e sem uma mancha. Ugwu nunca vira sua patroa tão bonita, e no entanto havia uma relutância triste na forma como ela deu uma batida no pequeno chapéu marfim e rosa que usava de banda, para ter certeza de que os alfinetes estavam todos no lugar.

"A gente faz a cerimônia do vinho mais tarde, quando nossos soldados recuperarem Umunnachi", disse ela, como se Ugwu não soubesse.

"Claro, *mah*."

"Mandei recado para Kainene, em Port Harcourt. Ela não virá, mas queria que ela soubesse."

Ugwu fez uma pausa e disse: "Eles estão esperando, *mah*".

Olanna levantou-se e deu uma olhada geral. Passou a mão sobre as laterais do vestido marfim e rosa, em forma de trapézio da cintura para baixo, que ia até os joelhos. "Os pontos estão tão desiguais. Arize poderia ter feito isso tão melhor."

Ugwu não disse nada. Se ao menos pudesse estender a mão e bater em seus lábios, para apagar aquele sorriso triste. Se ao menos esse pouco adiantasse.

O professor Achara bateu na porta semi-aberta. "Olanna? Você está pronta? Disseram que Odenigbo e Special Julius já estão na igreja."

"Estou pronta, sim; por favor, entre", disse Olanna. "Trouxe as flores?"

O professor Achara entregou-lhe um buquê de flores de plástico, multicoloridas. Olanna recuou. "O que é isso? Eu queria flores frescas, Emeka."

"Mas ninguém planta flores em Umuahia. As pessoas daqui plantam para comer", disse o professor Achara, rindo.

"Então eu vou sem flores."

Por alguns momentos de incerteza, nenhum dos dois sabia o que fazer com as flores de plástico: Olanna segurava o buquê à distância, enquanto o professor Achara tocava, mas não pegava, as flores. Por fim, recebeu-as de volta e disse: "Deixe-me ver se consigo encontrar alguma outra coisa", e saiu do quarto.

O casamento foi simples. Olanna não levou flores. A igreja católica de São Sebastião era pequena e estava cheia só até a metade com os amigos que tinham comparecido. Ugwu não prestou muita atenção nos presentes, porém, porque enquanto olhava para o pano branco do mísero altar, imaginou-se casando. De início a noiva era Olanna, depois se transformou em Nnesinachi e, em seguida, em Eberechi, com suas nádegas perfeitamente redondas, todas no mesmo vestido rosa e marfim, com um minúsculo chapéu na cabeça.

Foi o aparecimento de Okeoma, já de volta à casa, que tirou Ugwu de seu mundo de fantasias. Okeoma não se parecia em nada com a lembrança que tinha dele: o cabelo desalinhado e a camisa amassada do poeta tinham sumido. Sua farda bem cortada o fazia parecer mais alto, mais magro, e a manga mostrava a imagem de uma caveira ao lado do meio sol amarelo. O Patrão e Olanna o abraçaram muitas vezes. Ugwu queria abraçá-lo também, porque o rosto risonho de Okeoma trazia de volta o passado com uma força tamanha que Ugwu achou que a sala envolta pela fumaça do "para-chuva" era a sala da casa da rua Odim.

Okeoma levara seu primo desajeitadamente alto e magro, o dr. Nwala.

"Ele é oficial-médico-chefe do Hospital Albatroz", disse Okeoma, para apresentá-lo. O dr. Nwala olhava para Olanna com uma adoração tão irritantemente aberta que Ugwu sentiu vontade de dizer a ele para afastar aqueles olhos de sapo dela, oficial-médico-chefe ou não. Ugwu se sentia não só envolvido como responsável pela felicidade de Olanna. Enquanto ela e o Patrão dançavam lá fora, rodeados por amigos batendo palmas, ele pensou: *Eles me pertencem*. Era como um selo de estabilidade, o casamento, porque, enquanto fossem casados, seu mundo com eles estaria seguro.

Eles dançaram juntos por um tempo, até que Special Julius mudou a música para High Life, e eles então se separaram, juntaram as mãos e olharam um para o outro, mexendo-se ao ritmo da nova música de Rex Lawson, *Salve Biafra, a Terra da Liberdade*. De salto alto, Olanna era mais alta que o Patrão. Ela sorria, faiscava, ria. Quando Okeoma começou a brindar, enxugou os olhos e disse ao fotógrafo, parado atrás do tripé: "Espere, espere, não tire ainda".

Ugwu ouviu o barulho pouco antes de cortarem o bolo na sala de estar, aquele rugido rápido de *uá-uá-uá* no céu. De início, trovejou bastante, depois ficou tudo quieto e aí recomeçou, mais alto e mais rápido. De algum lugar ali por perto, as galinhas começaram um cacarejo infernal.

Alguém disse: "Avião inimigo! Reide aéreo!".

"Para fora!", gritou o Patrão, mas alguns convidados estavam indo para o quarto, gritando "Jesus! Jesus!".

Os sons eram mais altos, bem em cima deles.

Eles saíram correndo — o Patrão, Olanna com Baby no colo, Ugwu, alguns convidados — até a horta de mandioca, ao lado da casa, e ficaram deitados de bruços. Ugwu olhou para cima e viu os aviões, planando bem baixo, sob o céu azul, como duas aves de rapina. Eles despejaram centenas de balas para todos os lados, antes de as bolas escuras começarem a rolar pela barriga, como se os aviões estivessem pondo ovos enormes. A primeira explosão foi tão alta que o ouvido de Ugwu tapou e seu corpo todo estremeceu, junto ao chão que vibrava. Uma mulher de uma casa vizinha puxou o vestido de Olanna. "Tire isso! Tire esse vestido branco! Eles vão ver e vão atirar em nós!"

Okeoma arrancou a camisa, os botões arrebentando, e envolveu Olanna. Baby começou a chorar. O Patrão colocou a mão bem solta sobre sua boca, como se os pilotos pudessem ouvi-la. Veio uma segunda explosão, depois a terceira, a quarta e a quinta, até que Ugwu sentiu a umidade quente da urina em sua cueca e se convenceu de que as bombas não terminariam jamais; continuariam a cair até ter destruído tudo e matado todo mundo. Mas elas pararam. Os aviões avançaram no céu. Ninguém se mexeu nem falou por um bom tempo, até que Special Julius se levantou e disse: "Eles se foram".

"Os aviões estavam tão baixos", disse um garoto, todo animado. "Eu vi o piloto!"

O Patrão e Okeoma foram os primeiros a sair na direção da rua. Okeoma parecia menor, só de camiseta e calça. Olanna continuou sentada no chão, segurando Baby, a camisa de camuflagem embrulhando seu vestido de noiva. Ugwu levantou-se e foi para a rua. Escutou o dr. Nwala dizer a Olanna: "Deixe-me ajudá-la a se levantar. A terra vai manchar seu vestido."

Fumaça saía de um *compound* perto do moinho que fazia farinha de milho, a uma rua dali. Duas casas haviam desabado, eram só detritos empoeirados, e alguns homens cavavam freneticamente pela mixórdia de cimento, dizendo: "Você ouviu aquele grito? Ouviu?". Uma película fina de poeira prateada cobria todo o corpo deles, fazendo-os parecer fantasmas sem pernas de olhos esbugalhados.

"A criança está viva, eu a ouvi chorando, ouvi sim", disse alguém. Homens e mulheres tinham se juntado para ajudar e olhar; alguns escavavam os detritos, outros ficavam olhando, e havia os que soltavam berros e estalavam os dedos. Um carro pegava fogo; o corpo de uma mulher jazia bem ao lado, as roupas queimadas, manchas rosadas espalhadas por toda a pele calcinada, e quando alguém cobriu o cadáver com um saco de juta rasgado, Ugwu ainda viu aparecerem as pernas rígidas e negras como carvão. O céu estava encoberto. O cheiro úmido de chuva chegando se misturou ao cheiro enfumaçado de coisas queimando. Okeoma e o Patrão se juntaram aos que escavavam os detritos. "Eu ouvi a criança", disse alguém de novo. "Eu ouvi a criança."

Ugwu virou-se para ir embora. Viu uma sandália elegante largada na rua e apanhou-a, olhou para as tiras de couro, para o salto grosso em forma de cunha, e deixou-a onde estava. Imaginou a jovem chique que devia estar usando o calçado, e que tirara a sandália para correr melhor. Perguntou-se onde estaria o outro pé.

Quando o Patrão voltou para casa, Ugwu estava sentado no chão da sala, com as costas na parede. Olanna comia uma fatia de bolo, num pires. Ainda estava com o vestido de noiva; a camisa de Okeoma fora bem dobrada e estava sobre uma poltrona. Os convidados haviam saído devagar, dizendo pouca coisa, as fisionomias sombreadas de culpa, como se constrangidos de terem deixado o reide aéreo arruinar o casamento.

O Patrão serviu-se com uma taça de vinho de palma. "Você ouviu o noticiário?"

"Não", disse Olanna.

"Nossos soldados perderam todo o território que haviam capturado no meio-oeste e a marcha para Lagos terminou. A Nigéria diz que agora é guerra, não é mais uma série de ações." Ele balançou a cabeça. "Fomos sabotados."

"Você quer um pedaço de bolo?", perguntou Olanna. O bolo continuava no centro da mesa, inteirinho, fora o minúsculo pedaço que Olanna tinha cortado.

"Agora não." Ele tomou o vinho e serviu outra taça. "Vamos construir um *bunker*, para o caso de novos reides aéreos." Seu tom era normal, calmo, como se os ataques aéreos fossem algo tranquilo, como se não fossem a morte chegando perto, momentos antes. Virou-se para Ugwu. "Você sabe o que é um *bunker*, meu bom homem?"

"Sei, *sah*. Como aquele que Hitler tinha."

"Bom, é parecido, eu imagino."

"Mas, *sah*, as pessoas estão dizendo que esses *bunkers* são como uma vala comum", disse Ugwu.

"Mas que bobagem. *Bunkers* são mais seguros do que ficar deitado numa plantação de mandioca."

Lá fora, a escuridão tomara conta de tudo e o céu se iluminava de vez em quando com os relâmpagos. Olanna de repente deu um salto da cadeira e gritou: "Cadê Baby? *Ke* Baby?" Depois começou a correr para o quarto.

"*Nkem*!" O Patrão foi atrás dela.

"Você não está ouvindo? Não está ouvindo as bombas de novo?"

"São trovões." O Patrão agarrou Olanna por trás e segurou-a. "São só trovões. O que o nosso 'para-chuva' afastou está finalmente caindo do céu. São só trovões."

Segurou-a por um pouco mais de tempo, até que, por fim, Olanna sentou e cortou mais uma fatia de bolo para si.

4. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Ele argumenta que a Nigéria não tinha economia nenhuma, até a independência. O Estado colonialista era autoritário, uma ditadura despreocupadamente brutal, destinada a beneficiar a Grã-Bretanha. A economia, em 1960, consistia em potenciais — matérias-primas, seres humanos, espíritos animados e algum dinheiro que sobrou nas cooperativas, depois que os britânicos levaram embora o grosso para reconstruir a economia do pós-guerra. E havia também o petróleo recém-descoberto. Porém os novos líderes nigerianos estavam otimistas demais, ambiciosos demais com projetos de desenvolvimento que iriam lograr a credibilidade do povo, ingênuos demais na hora de aceitar empréstimos estrangeiros extorsivos, interessados demais em imitar os britânicos, em assumir as atitudes superiores, os hospitais de primeira e os salários melhores que, durante tanto tempo, foram negados aos nigerianos. Ele acena para problemas complexos que o novo país terá de enfrentar, mas se concentra nos massacres de 1966. As razões ostensivas — vingança pelo "golpe ibo", protesto contra um decreto unitário que faria o povo do Norte sair perdendo no funcionalismo público — não tinham a menor importância. Assim como também não importava o número variável de mortes: três mil, dez mil, cinquenta mil. O importante foi que os massacres assustaram e uniram os ibos. O importante foi que os massacres fizeram de antigos nigerianos fervorosos biafrenses.

TERCEIRA PARTE
INÍCIO DOS ANOS 60

19.

Ugwu sentou-se nos degraus que davam no quintal. As gotas de chuva deslizavam pelas folhas, o ar cheirava a terra molhada e ele e Harrison conversavam sobre a próxima viagem de Mister Richard.

"*Tufia*, Deus não permita! Sei lá por que meu patrão quer ver aquela festa diabólica lá na sua aldeia", disse Harrison. Ele estava alguns degraus abaixo; Ugwu via a rodela calva no topo de sua cabeça.

"Vai ver Mister Richard quer escrever sobre o diabo", disse Ugwu. Claro que o *ori-okpa* não era uma festa diabólica, mas não queria discordar. Precisava que Harrison continuasse de bom humor para poder lhe perguntar sobre gás lacrimogêneo. Ficaram ambos em silêncio por alguns instantes, vendo os urubus planando no alto; os vizinhos tinham matado uma galinha.

"Olha lá, os limões estão amadurecendo." Harrison fez um gesto para a árvore. "Uso mais fresco e faço merengue", acrescentou, em inglês.

"O que é esse me-rangue?", perguntou Ugwu. Harrison iria gostar da pergunta.

"Você não sabe?" Harrison riu. "É comida de americano. Vou fazer para o meu patrão servir quando a sua madame voltar de Londres. Sei que ela vai gostar." Harrison virou-se para olhar para Ugwu. Tinha posto um jornal no chão, antes de sentar no degrau, e o papel fez barulho quando se mexeu. "Até você vai gostar."

"Vou", disse Ugwu, embora tivesse jurado nunca mais comer a comida de Harrison, depois do dia em que passara pela casa de Mister Richard e vira Harrison pondo casca de laranja numa tigela de molho. Teria ficado menos alarmado se pegasse Harrison cozinhando com a própria laranja,

mas cozinhar com a casca era como escolher a pele peluda de uma cabra, em vez da carne.

"Eu uso limão para fazer bolos; limão é muito bom para o corpo", disse Harrison. "A comida dos brancos faz a gente saudável, não tem nada a ver com essas besteiras que nosso povo come."

"Pois é, é verdade." Ugwu limpou a garganta. Teria de perguntar a Harrison sobre gás lacrimogêneo agora, mas, em vez disso, falou: "Deixa eu lhe mostrar meu quarto no Alojamento dos Criados".

"Certo." Harrison se levantou.

Quando entraram no quarto, Ugwu apontou para o teto, pintado em branco e preto. "Eu mesmo é que fiz." Tinha segurado uma vela suspensa durante muitas e muitas horas, passando a chama por todo o aposento; precisou parar muitas vezes para mudar de lugar a mesa onde estava trepado.

"*O maka*, ficou bem bonito." Harrison olhou para a cama estreita de molas, num canto, para a mesa e a cadeira, para as camisas penduradas em pregos presos à parede, para os dois pares de sapato dispostos cuidadosamente no chão. "Esses aí são novos?"

"Minha patroa comprou para mim na Bata."

Harrison tocou na pilha de periódicos sobre a mesa. "Você lê isso tudo?", perguntou em inglês.

"Leio." Ugwu tinha tirado as publicações do cesto de lixo do escritório; os *Anais matemáticos* eram incompreensíveis, mas ao menos conseguira ler, ainda que sem compreender, algumas páginas do *Revista Socialista*.

Começara a chover de novo. As pancadas no telhado de zinco eram fortes e ficaram ainda mais fortes depois que os dois foram para baixo do toldo, vendo a água escorrer do telhado em linhas paralelas.

Ugwu deu uma pancadinha no braço de Harrison — gostava do ar fresco, mas não dos mosquitos voando em volta. Por fim, fez a pergunta. "Você sabe onde eu posso encontrar gás lacrimogêneo?"

"Gás lacrimogêneo? Por que está me perguntando isso?"

"Li no jornal do patrão e queria ver como é." Ele não quis contar a Harrison que, na verdade, tinha ficado sabendo do gás lacrimogêneo no dia em que o Patrão se queixara dos membros da Assembléia Ocidental, que se esmurraram e se chutaram até que a polícia apareceu e jogou gás lacrimogêneo neles, e todos desmaiaram, deixando aos assistentes a tarefa de carregá-los, amolecidos, até o carro. Gás lacrimogêneo exercia fascínio sobre

Ugwu. Se fazia as pessoas desmaiarem, ele queria experimentar. Queria usar em Nnesinachi, quando fosse para casa, com Mister Richard, para a festa de *oriokpa*. Levaria Nnesinachi até o bosque à beira do regato e diria a ela que o gás lacrimogêneo era um borrifo mágico que a manteria com saúde. Ela acreditaria nele. Ficaria tão impressionada de vê-lo chegar no carro de um branco que acreditaria em qualquer coisa que dissesse.

"E muito difícil conseguir gás lacrimogêneo", disse Harrison.

"Por quê?"

"Você ainda é muito jovem para saber por quê." Harrison meneou a cabeça, misteriosamente. "Quando você for adulto, eu lhe conto."

Ugwu ficou meio embatucado, de início, até perceber que Harrison também não sabia o que era gás lacrimogêneo, só que jamais admitiria o fato. Ficou desapontado. Teria de perguntar a Jomo.

Jomo sabia o que era e riu muito, por bastante tempo, quando Ugwu lhe contou como pretendia usá-lo. Jomo bateu palmas e soltou uma gargalhada. "Você é uma ovelha, *aturu*", disse ele, por fim. "Por que você quer usar gás lacrimogêneo numa moça? Olha só, vá para sua aldeia e, se a hora estiver certa e a jovem gostar de você, ela o seguirá. Você não precisa de gás lacrimogêneo."

Ugwu ainda estava com as palavras de Jomo na cabeça quando saiu com Mister Richard para ir até seu povoado, na manhã seguinte. Anulika veio correndo pela trilha quando os viu, e, muito ousada, apertou a mão de Mister Richard. Abraçou Ugwu e, enquanto andavam até a casa, contou-lhe que os pais estavam na fazenda, que uma prima deles tinha dado à luz um dia antes, que Nnesinachi fora embora para o Norte na semana anterior...

Ugwu parou e olhou para a irmã.

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou Mister Richard. "A festa não foi cancelada, foi?"

Bem que Ugwu gostaria que tivesse sido. "Não, *sah*."

Levou o convidado até a praça da aldeia, já se enchendo de homens, mulheres e crianças, e sentou-se debaixo de uma *oji* com ele. Foram imediatamente rodeados de crianças entoando "*Onye ocha*, homem branco", estendendo a mão para tocar no cabelo de Mister Richard. Ele disse: "*Kedu?* Olá, como é que você chama?", e as crianças o olharam espantadas, rindo e dando cutucões umas nas outras. Ugwu encostou-se na árvore e lamen-

tou o tempo que havia gasto pensando que iria ver Nnesinachi. Agora ela se fora e algum comerciante no Norte acabaria ganhando o prêmio que era dele. Mal reparou nos *mmuo*: figuras masculinas cobertas de capim, máscaras de madeira fazendo careta, longos chicotes pendurados nas mãos. Mister Richard tirava fotos, escrevia no caderno e fazia perguntas, uma atrás da outra — como é que chamavam aquilo, o que eles diziam, quem eram os homens afastando os *mmuo* com uma corda e o que queria dizer aquilo outro — até Ugwu se sentir irritado com o calor, com as perguntas, com o barulho e com a enorme decepção de não ver Nnesinachi.

Calou-se na viagem de volta e ficou olhando pela janela.

"Você já está com saudade de casa, não está?", perguntou Mister Richard.

"Estou, *sah*." Ele queria que Mister Richard fechasse a boca. Queria ficar sozinho. Esperava que o Patrão ainda estivesse no clube, assim poderia pegar o *Renaissance* na sala para ler no Alojamento dos Criados, enroscado na cama. Ou então poderia ver a nova televisão. Se estivesse com sorte, estariam passando um filme indiano. A beleza das mulheres de olhos grandes, as músicas, as flores, as cores brilhantes e a choradeira eram tudo de que ele precisava agora.

Quando entrou pela porta dos fundos, ficou chocado de ver a mãe do Patrão perto do fogão. Amala estava perto da porta. Nem o próprio Patrão sabia que elas apareceriam, caso contrário teria pedido para limpar o quarto de hóspedes.

"Ah", disse Ugwu. "Bem-vinda, Mama. Bem-vinda, tia Amala." A última visita ainda estava fresca na sua lembrança. Mama perseguindo Olanna, chamando-a de bruxa, enxotando, e, pior, ameaçando consultar o *dibia* do povoado.

"Como vai você, Ugwu?" Mama ajustou seus panos, antes de lhe dar um tapinha nas costas. "Meu filho me disse que você foi mostrar os espíritos da sua aldeia ao homem branco."

"Fui, Mama."

Estava ouvindo a voz do Patrão aumentando de volume, na sala. Talvez tivesse chegado alguma visita e ele decidira não ir ao clube.

"Você pode ir descansar, *i nugo*", disse Mama. "Estou preparando o jantar do meu filho."

A última coisa que ele queria era que Mama ocupasse sua cozinha, ou usasse a panela predileta de Olanna para fazer a sua sopa de cheiro forte. O que ele desejava mesmo é que ela se fosse. "Eu fico, para o caso de precisar de ajuda, Mama", disse ele.

Ela encolheu os ombros e voltou a tirar as sementes de pimenta preta de uma fava. "Você sabe fazer *ofe nsala* bem?"

"Eu nunca fiz."

"Por quê? Meu filho gosta."

"Minha patroa nunca me pediu para cozinhar isso."

"Ela não é sua patroa, meu filho. Ela é apenas uma mulher que vive com um homem que não pagou o preço da noiva."

"Sei, Mama."

Ela sorriu, como se estivesse satisfeita em tê-lo feito finalmente entender algo importante, e gesticulou na direção de duas vasilhas pequenas de barro, no canto. "Eu trouxe vinho de palma fresco para o meu filho. Nosso melhor apanhador levou hoje de manhã até minha casa."

Ela retirou as folhas verdes enfiadas na boca de uma das vasilhas e o vinho saiu borbulhando, branco, fresco e cheirando a doce. Mama serviu um pouco num copo e deu para Ugwu.

"Experimente."

Era forte na língua, o tipo de vinho de palma concentrado que se fazia na estação da seca e que deixava os homens de sua aldeia cambaleando logo cedo. "Obrigado, Mama. É muito bom."

"A sua gente faz vinho bom também?"

"Faz, Mama."

"Mas não tão bom quanto o nosso. Em Abba, nós temos os melhores apanhadores de palma de toda a terra dos ibos. Não é verdade, Amala?"

"É sim, Mama."

"Lave essa vasilha para mim."

"Pois não, Mama." Amala começou a lavar a vasilha. Os ombros e os braços sacudiam enquanto ela esfregava. Ugwu ainda não tinha olhado muito bem para ela, e dessa vez reparou em como eram finos e escuros, os braços, e no brilho molhado do rosto, como se tivesse tomado banho em óleo de amendoim.

A voz do Patrão, alta e firme, vinha da sala. "Nosso governo idiota deveria cortar relações também com a Grã-Bretanha. Precisamos mostrar pulso fir-

me! Por que os ingleses não estão fazendo mais pela Rodésia? Que maldita diferença vão fazer umas poucas e frouxas sanções econômicas?"

Ugwu aproximou-se da porta para escutar; tinha fascínio pela Rodésia, pelo que estava ocorrendo no sul da África. Não conseguia entender que gente parecida com Mister Richard quisesse ficar com tudo o que pertencia a gente como ele, Ugwu, e sem motivo nenhum.

"Me traz uma bandeja, Ugwu", disse Mama.

Ugwu pegou uma bandeja no armário e fez menção de querer ajudá-la a servir a comida do Patrão, mas ela o espantou com a mão. "Estou aqui, de modo que você pode descansar um pouco, meu pobre menino. Aquela mulher vai afogar você em serviço assim que voltar do exterior, como se você não fosse filho de alguém." Ela desembrulhou um pequeno pacote e salpicou alguma coisa no caldeirão de sopa. O suficiente para despertar a suspeita de Ugwu; lembrou-se do gato preto que tinha aparecido no quintal depois da última visita dela. E o pacote era negro também, feito o gato.

"O que é isso, Mama? Essa coisa que a senhora pôs na comida do Patrão?"

"É um tempero muito especial do povo de Abba." Ela se virou para dar um rápido sorriso. "É muito bom."

"Sim, Mama." Talvez ele estivesse enganado em pensar que ela estava pondo remédio do *dibia* na comida do patrão. Talvez Olanna tivesse razão e o gato preto não era nada, apenas o gato de algum vizinho, embora ele não soubesse de nenhum vizinho com um gato como aquele, com olhos faiscantes, amarelo-avermelhados.

Ugwu não pensou mais no tempero estranho, nem no gato, porque, enquanto o Patrão jantava, pegou mais um copinho de vinho de palma da vasilha, e depois outro, já que era tão doce, e, depois disso, era como se o interior da cabeça estivesse forrado de lã macia. Mal conseguia andar. Da sala, escutou o Patrão dizer, numa voz vacilante: "Ao futuro da grande África! Aos nossos irmãos independentes de Gâmbia e aos nossos irmãos de Zâmbia, que deixaram a Rodésia!", seguido de altos acessos de riso insano. O vinho de palma tinha subido à cabeça do Patrão. Ugwu também deu risada, embora sozinho na cozinha e sem a menor idéia de qual era a graça. Por fim, adormeceu sobre o banco, com a cabeça sobre a mesa que cheirava a peixe seco.

Acordou com as juntas rígidas. A boca tinha um gosto amargo, a cabeça doía, ele teria preferido que o sol não estivesse tão opressivamente brilhante e que o Patrão não falasse tão alto, por cima dos jornais, no café-da-manhã. *Como é possível que haja mais políticos reeleitos do que eleitos agora? Absurdo total! Isso é tramóia da pior espécie!* Cada sílaba pulsava dentro da cabeça de Ugwu.

Depois que o Patrão saiu para o trabalho, Mama perguntou: "Você não vai à escola hoje, *gbo*, Ugwu?".

"Estamos de férias, Mama."

"Ah." Ela parecia desapontada.

Mais tarde, ele a viu esfregando algo nas costas de Amala, ambas diante da porta do banheiro. Suas suspeitas voltaram. Havia qualquer coisa de errado no jeito como as mãos de Mama se moviam em movimentos circulares, lentos, como se em consonância com algum ritual, e o jeito como Amala ficou calada, com as costas retas, os panos baixados até a cintura e o contorno de seus seios pequenos visível, de lado. Talvez Mama estivesse esfregando uma poção em Amala. Mas não fazia sentido, porque se Mama tivesse ido de fato ao *dibia*, o remédio seria para Olanna e não para Amala. Porém podia ser que o remédio só funcionasse nas mulheres, e Mama tinha de proteger a si e a Amala, e garantir que apenas Olanna morresse, ou se tornasse estéril, ou enlouquecesse. Talvez Mama estivesse executando as proteções preliminares, agora que Olanna estava em Londres, quem sabe iria enterrar o remédio no quintal para mantê-lo eficaz até Olanna voltar.

Ugwu estremeceu. Uma sombra pairava sobre a casa. Preocupava-o a alegria de Mama, seu cantarolar pouco melódico, sua determinação em servir todas as refeições ao Patrão, as frequentes palavras abafadas que trocava com Amala. Ele a vigiava de perto, toda vez que saía, para ver se iria enterrar alguma coisa, porque assim poderia desenterrar fosse o que fosse tão logo ela entrasse. Mas ela nunca enterrava nada. Quando disse a Jomo que suspeitava que Mama tinha ido ver o *dibia* para encontrar um jeito de matar Olanna, Jomo falou: "A coitada da velha está apenas contente de ter o filho dela só para ela, é por isso que cozinha e canta o dia todo. Você sabe o quanto minha mãe fica contente quando eu vou visitá-la sem minha mulher?".

"Mas eu vi um gato preto da última vez que ela veio", disse Ugwu.

"A empregada do professor Ozumba, que mora mais para baixo, na rua, é bruxa. Ela voa até o topo da mangueira, à noite, para se encontrar com as companheiras bruxas, porque eu sempre tenho que recolher as folhas que elas derrubam. É ela que o gato preto estava procurando."

Ugwu tentou acreditar em Jomo e no fato de que estava lendo significados indevidos nas atitudes de Mama, enquanto tirava o mato da horta, até que viu uma maçaroca de moscas pipocando na pia da cozinha. A janela estava quase totalmente fechada. Não entendia como tantas moscas, mais de cem gordas moscas verdes, podiam ter entrado por aquela fresta para zumbir em uníssono num magote denso e turbulento. Elas significavam algo terrível. Ugwu correu até o escritório para chamar o Patrão.

"Muito estranho", disse o Patrão, tirando os óculos e voltando a colocá-los. "Tenho certeza de que o professor Ezeka será capaz de explicar isso, algum tipo de comportamento migratório. Não feche a janela para não prendê-las aqui dentro."

"Mas, *sah*", disse Ugwu, bem na hora em que Mama entrou na cozinha.

"As moscas às vezes fazem isso", disse ela. "É normal. Elas irão embora pelo mesmo lugar por onde entraram." Estava encostada na porta e seu tom era agourentamente vitorioso.

"Pois é, pois é." O Patrão virou-se para voltar ao escritório. "Chá, meu bom homem."

"Pois não, *sah*." Ugwu não entendia como é que o Patrão podia continuar tão calmo, como é que ele não via que as moscas não eram normais. Ao levar o chá até o escritório, falou: "S*ah*, aquelas moscas estão nos dizendo alguma coisa".

O Patrão fez um gesto para a mesa. "Não precisa servir. Deixa no bule."

"Aquelas moscas na cozinha, *sah*, elas são sinal de algum remédio ruim que o *dibia* deu. Alguém fez remédio ruim." Ugwu queria acrescentar que sabia muito bem quem era esse alguém, mas não tinha certeza de como o Patrão iria receber a informação.

"O quê?" Os olhos do Patrão se estreitaram por trás dos óculos.

"As moscas, *sah*. Elas querem dizer que alguém fez remédio ruim contra esta casa."

"Feche a porta e me deixe trabalhar, meu bom homem."

"Pois não, *sah*."

Quando Ugwu voltou para a cozinha, as moscas tinham sumido. A janela continuava como estava, só uma fresta aberta, e o sol se pondo acendia faíscas na lâmina de um facão sobre a mesa. Relutou em tocar nos utensílios; o mistério a sua volta manchara panelas e vasilhas. Uma vez na vida, ficou contente de deixar Mama cozinhar, mas não comeu o *ugba* e o peixe frito que ela fez para o jantar, não tomou nem um único gole do vinho de palma restante que serviu ao Patrão e seus convidados, e não dormiu bem aquela noite. A todo momento acordava, com os olhos coçando e lacrimejantes, querendo conversar com alguém que pudesse entender: Jomo, sua tia, Anulika. Por fim, levantou-se e foi até a casa para tirar o pó dos móveis, uma tarefa suave e estúpida que o manteria ocupado. O cinza-arroxeado da madrugada enchia a cozinha de sombras. Ligou o interruptor com medo, esperando encontrar algo. Escorpiões, quem sabe; uma pessoa invejosa uma vez mandara alguns para a cabana do tio e, por uns tempos, o tio acordava toda manhã com um escorpião raivoso e negro circulando perto dos seus filhos gêmeos recém-nascidos. Um dos bebês acabou picado e quase morreu.

Ugwu limpou primeiro as prateleiras de livro. Tinha tirado os papéis da mesa central e estava curvado, limpando, quando a porta do quarto do Patrão se abriu. Olhou para o corredor, surpreso que o Patrão estivesse de pé tão cedo. Mas foi Amala que saiu do quarto. O corredor estava na penumbra e seus olhos assustados cruzaram com os de Ugwu, mais assustados ainda, e ela parou alguns instantes, antes de ir depressa para o quarto de hóspedes. Seus panos estavam meio soltos em volta do peito. Ela segurava os panos com uma das mãos, e tropeçou na porta do quarto de hóspedes, empurrando, como se tivesse esquecido como abri-la, antes de entrar. Amala, a calada, comum e feiosa Amala, tinha dormido no quarto do Patrão! Ugwu ficou imóvel, tentando ver se a cabeça que girava como uma ventoinha parava para ele poder pensar. O remédio da Mama tinha feito isso, ele tinha certeza, mas sua preocupação não era com o que tinha acontecido entre o Patrão e Amala. Sua preocupação era com o que iria acontecer se Olanna descobrisse.

20.

Olanna estava sentada na frente da mãe, na sala de estar do andar superior. A mãe chamava o aposento de salão das senhoras porque era ali que recebia as amigas, onde riam, chamavam-se pelos apelidos — Arte! Ouro! Ugodiya! — e falavam sobre o filho que continuava perdendo tempo com as mulheres de Londres, enquanto seus colegas construíam casas nas terras do pai, sobre quem havia comprado renda local e tentado fazer passar pela última palavra na Europa, sobre quem estava tentando roubar o marido de fulana e sobre quem havia importado mobília de qualidade de Milão. Agora, porém, a sala estava silenciosa. A mãe tinha um copo de água tônica numa das mãos e um lenço na outra. Chorava. Estava contando a Olanna sobre a amante do pai.

"Ele comprou uma casa para ela em Ikeja", disse a mãe. "Tenho uma amiga que mora na mesma rua."

Olanna observou o movimento delicado da mão da mãe enquanto enxugava os olhos. Parecia ser de cetim, o lenço; não conseguia absorver tantas lágrimas.

"A senhora já falou com ele?", perguntou Olanna.

"E dizer o quê para o seu pai? *Gwa ya gini?*" A mãe largou o copo. Não dera um gole sequer desde que uma das empregadas levara para ela, numa bandeja de prata. "Não há nada que eu possa dizer a ele. Eu só queria contar a você o que está acontecendo para que não venham me dizer depois que eu não falei a ninguém."

"Eu falo com ele", disse Olanna. Era o que a mãe queria. Olanna havia voltado de Londres fazia um dia, mas a animação com a possibilidade que sucedeu a visita ao ginecologista de Kensington já se evaporara. Não conseguia mais se lembrar da esperança que a invadira quando ele disse que não

havia nada errado com ela, e que só precisava — tinha lhe dado uma piscada — se esforçar mais. Ela queria voltar a Nsukka.

"O pior de tudo é que a mulher é uma sujeitinha qualquer", disse a mãe, torcendo o lenço. "Uma cabra ioruba lá do mato, com dois filhos de dois homens diferentes. Fiquei sabendo que ela é velha e feia."

Olanna levantou-se. Como se importasse a aparência da mulher. Como se "velho e feio" não se aplicasse também a seu pai. O que perturbava a mãe não era a amante, Olanna sabia, e sim o significado do que o pai tinha feito: comprar uma casa num bairro onde moravam as socialites de Lagos.

"Talvez seja melhor esperar até Kainene vir nos visitar, aí ela pode falar com ele, *nne*?", disse a mãe, enxugando de novo os olhos.

"Eu disse que falo com ele, mãe."

Mas naquela tarde, ao entrar no quarto do pai, percebeu que a mãe tinha razão. Kainene era a melhor pessoa para isso. Kainene saberia exatamente o que dizer, e, diferente dela, não sentiria aquela inaptidão desajeitada; Kainene com seus sentidos afiados, sua língua cortante e sua extrema autoconfiança.

"Papai", disse ela, fechando a porta atrás de si. Ele estava à escrivaninha, sentado numa cadeira de encosto reto, feita de madeira escura. Não poderia perguntar-lhe se era verdade, porque ele sabia que a mãe sabia que era, e ela também. Perguntou-se, por alguns momentos, como seria essa mulher, que aspecto teria, o que ela e o pai conversavam.

"Papai", disse de novo. Falou quase tudo em inglês. Era mais fácil ser formal e fria em inglês. "Eu gostaria que o senhor tivesse mais respeito pela minha mãe." Não era isso que pretendia dizer. *Minha mãe*, em vez de *mamãe*, dava a impressão de que resolvera excluí-lo, como se o pai tivesse se tornado um estranho, com quem não poderia falar nos mesmos termos, como se ele não fosse *seu pai*.

Ele se recostou na cadeira.

"É falta de respeito ter uma relação com essa mulher, e ter comprado uma casa para ela no mesmo lugar onde vivem as amigas de mamãe", disse Olanna. "O senhor vai para lá depois do trabalho, seu motorista estaciona na porta e o senhor parece não se importar que outras pessoas o vejam. Isso é um insulto para minha mãe."

Os olhos do pai estavam baixos, os olhos de um homem tateando a mente.

"Eu não vou lhe dizer o que é preciso fazer, mas o senhor *tem* que fazer alguma coisa. Minha mãe não está feliz." Olanna enfatizou o *tem*, pôs uma ênfase exagerada nele. Nunca tinha falado com o pai nesse tom antes; ela pouco falava com ele, de qualquer modo. Ficou ali olhando para o pai, e o pai para ela, e o silêncio entre os dois era vazio.

"*Anugo m*, eu ouvi o que disse", falou ele. O ibo que usava era baixo, conspirador, como se ela tivesse lhe pedido para continuar enganando a mãe, mas com consideração. Isso a enraiveceu. Talvez tivesse sido isso mesmo que ela lhe pedira, mas ainda assim se sentia irritada. Olhou em volta do amplo quarto e pensou no pouco que lhe era familiar aquela vasta cama; nunca tinha visto o tom lustroso de ouro no cobertor, nem reparado em como eram intrincadamente encaracolados os puxadores de metal das cômodas. Até ele parecia estranho, um homem gordo que ela não conhecia.

"É só isso que tem para me dizer, que escutou o que eu disse?", perguntou Olanna, erguendo a voz.

"O que você quer que eu diga?"

Olanna sentiu uma pena repentina dele, da mãe, de si e de Kainene. Queria lhe perguntar por que eram apenas estranhos partilhando um mesmo sobrenome.

"Eu vou tomar providências a respeito", acrescentou ele. Levantou-se e aproximou-se da filha. "Obrigado, *ola m*", disse.

Olanna não soube direito o que fazer desse obrigado, nem do fato de ele a ter chamado de *meu ouro*, algo que desde a infância nunca mais fizera e que, agora, se revestia de uma solenidade forçada. Ela se virou e saiu da sala.

* * *

Quando Olanna escutou a voz alterada da mãe, na manhã seguinte — "Seu imprestável! Inútil!" —, desceu correndo. Imaginou os pais brigando, a mãe agarrada na camisa dele, num nó apertado dos dedos, como as mulheres muitas vezes fazem com maridos infiéis. Os sons vinham da cozinha. Olanna parou na porta. Havia um homem ajoelhado diante de sua mãe, com as mãos erguidas no alto, as palmas voltadas para cima, em atitude de súplica.

"Madame, por favor; madame, por favor."

A mãe virou-se para o mordomo, Maxwell, que estava parado ao lado, observando. "*I fugo?* Será que ele acha que nós o contratamos para roubar tudo o que temos, Maxwell?"

"Não, *mah*", respondeu Maxwell.

A mãe voltou a se concentrar no homem ajoelhado no chão. "Quer dizer que é isso que você tem feito desde que veio para cá, seu inútil? Você veio aqui para roubar de mim?"

"Madame, por favor; madame, por favor. Estou me valendo de Deus para lhe implorar."

"Mamãe, o que houve?", perguntou Olanna.

A mãe se virou. "Ah, *nne*, eu não sabia que você já tinha acordado."

"O que houve?"

"Foi essa besta aqui. Nós o contratamos não faz um mês e ele já quer roubar tudo o que tem na casa." Ela se virou de novo para o homem ajoelhado. "É assim que você retribui a quem lhe dá um emprego? Sujeito estúpido!"

"O que foi que ele fez?", perguntou Olanna.

"Venha aqui ver." A mãe a levou até o quintal, onde uma bicicleta estava encostada numa mangueira. Um saco de pano havia caído do assento de trás, espalhando arroz pelo chão.

"Ele roubou meu arroz e estava pronto para ir para casa. Foi só pela graça de Deus que o saco caiu. Quem é que sabe o que mais ele já roubou de mim? Não é à toa que ando procurando alguns dos meus colares." A mãe ofegava ao falar.

Olanna olhou os grãos de arroz no chão e se perguntou como é que a mãe pudera ficar no estado em que estava por causa deles e se ela realmente acreditava na própria indignação.

"Tia, por favor, fale com a madame. Foi o diabo que me fez fazer isso." As mãos suplicantes do homem estavam agora voltadas para Olanna. "Por favor, fale com a madame."

Olanna desviou a vista do rosto enrugado e dos olhos amarelados; ele era mais velho do que dera a impressão de início, tinha mais de sessenta anos, com certeza. "Levante-se", disse ela.

Ele hesitou, olhando para a mãe dela.

"Eu disse para se levantar!" Não fora intenção de Olanna erguer a voz, mas ela saiu aguda. Desajeitadamente, o homem se levantou, os olhos baixos. "Mamãe, se você vai despedi-lo, então despeça e o deixe ir embora."

O homem arquejou, como se não esperasse isso dela. A mãe também parecia espantada e olhou primeiro para Olanna, depois para o homem, em seguida para Maxwell, antes de tirar a mão do quadril. "Eu vou lhe dar mais uma chance, mas você que não ponha a mão em nada desta casa, a menos que tenha permissão. Ouviu bem?"

"Ouvi, madame. Obrigado, madame. Deus a abençoe, madame."

O homem ainda estava entoando seus agradecimentos quando Olanna pegou uma banana da mesa e saiu da cozinha.

Contou a Odenigbo por telefone a repulsa que sentira ao ver aquele homem idoso humilhar-se daquela forma, a certeza que tinha de que a mãe o teria despedido, mas só depois de no mínimo uma hora se deliciando com o servilismo abjeto dele e com sua indignação hipócrita. "Ele não deve ter pegado mais que quatro xícaras de arroz."

"Ainda assim, foi furto, *nkem*."

"Meu pai e seus amigos políticos roubam dinheiro com os contratos que fazem com as empresas, mas ninguém os faz ficar de joelhos, implorando o perdão. E com o dinheiro roubado eles constroem casas e alugam para gente como esse homem, a preços exorbitantes que os impedem de comprar comida."

"Você não pode reparar roubo com roubo." Odenigbo parecia estranhamente sombrio; ela esperava dele uma explosão de raiva diante da injustiça de tudo.

"Quer dizer que a desigualdade significa indignidade?", perguntou. "Em geral, sim."

"Você está bem?"

"Minha mãe está aqui. Eu não tinha idéia de que ela viria me visitar." Não era à toa que ele estava com aquela voz. "Ela já terá ido embora até terça-feira?"

"Eu não sei. Eu gostaria muito que você estivesse aqui."

"Ainda bem que não estou. Já discutiram uma forma de quebrar o feitiço da bruxa instruída?"

"Eu digo a ela, antes que ela diga qualquer coisa, que não há nada a discutir."

"Quem sabe você consegue apaziguá-la dizendo que estamos tentando ter um filho. Ou será que ela vai ficar horrorizada só de me imaginar tendo um filho? Afinal, alguns daqueles genes de bruxa podem passar para o neto dela."

Esperava que Odenigbo risse da piadinha, mas ele não riu. "Mal posso esperar até terça-feira", disse depois de um tempo.

"Eu também não", disse ela. "Diga a Ugwu para arejar o tapete do quarto." Nessa noite, quando a mãe entrou em seu quarto, Olanna sentiu o aroma floral do perfume Chloe, um cheiro adorável, se bem que nunca tivesse entendido por que uma pessoa precisava usar perfume para dormir. A mãe tinha frascos demais de perfume; todos alinhados em sua penteadeira como numa prateleira de loja: frascos bojudos, frascos afilados, frascos redondos. Mesmo usando perfume todas as noites para dormir, a mãe não conseguiria dar cabo deles nem em cinquenta anos.

"Obrigada, *nne*", disse ela. "Seu pai já está tentando compensar pelo que fez."

"Entendo." Olanna não queria saber o que o pai fizera para compensar a mãe, mas tinha um curioso sentimento de realização por ter falado com ele como Kainene, de tê-lo obrigado a fazer alguma coisa, de ter sido útil.

"A senhora Nwizu logo vai parar de me ligar para dizer que viu seu pai na rua dela", disse a mãe. "Outro dia ela disse uma coisa maliciosa sobre filhas que se recusam a casar. Acho que estava querendo me atiçar para uma discussão. A filha dela se casou no ano passado e eles não tiveram como importar nada para o casamento. Até o vestido foi feito aqui mesmo em Lagos!" A mãe sentou-se. "Por falar nisso, tem alguém querendo conhecer você. Sabe a família de Igwe Onochie? O filho é engenheiro. Acho que viu você em algum lugar e está muito interessado."

Olanna soltou um suspiro e encostou-se na cama para escutar a mãe.

Ela voltou para Nsukka no meio da tarde, naquela hora inerte de sol impiedoso em que até mesmo as abelhas param em silenciosa exaustão. O carro de Odenigbo estava na garagem. Ugwu abriu a porta antes que ela batesse, a camisa desabotoada, uma leve mancha de suor debaixo dos braços. "Bem-vinda, *mah*", disse ele.

"Ugwu." Sentira falta daquele rosto leal e sorridente. "*Unu anokwa ofuma*? Você está bem?"

"Claro, *mah*", disse ele, saindo para ir buscar a bagagem que ficara no táxi.

Olanna entrou. Tinha sentido falta do leve cheiro de detergente que ficava na sala de estar depois que Ugwu limpava as persianas. Como supunha que a mãe de Odenigbo já tivesse partido, foi um banho de água fria vê-la no sofá, vestida, mexendo numa bolsa. Amala estava ao lado, segurando uma pequena caixa de metal.

"*Nkem!*", disse Odenigbo, avançando para ela. "É tão bom ter você de volta! Tão bom!"

Quando se abraçaram, o corpo dele não relaxou contra o dela, e a rápida pressão de seus lábios parecia de papel. "Mama e Amala estão de saída. Vou levá-las até a rodoviária."

"Boa tarde, Mama", disse Olanna, sem fazer a menor tentativa de se aproximar.

"Olanna, *kedu*?", perguntou a mãe de Odenigbo. Foi ela que a abraçou primeiro; foi ela que deu um sorriso caloroso. Olanna ficou espantada, mas contente. Talvez Odenigbo tivesse conversado com ela sobre a seriedade do relacionamento, e o plano de ter um filho conquistara finalmente o coração de Mama.

"Amala, como vai você?", disse Olanna. "Eu não sabia que você também tinha vindo."

"Bem-vinda, tia", murmurou Amala, de olhos baixos.

"Trouxe tudo que é seu?", perguntou Odenigbo à mãe. "Então vamos. Então vamos."

"Já comeu, Mama?", perguntou Olanna.

"A refeição da manhã ainda pesa no meu estômago", disse Mama. Ela estava com um olhar alegremente especulativo no rosto.

"Precisamos ir agora", disse Odenigbo. "Eu tenho um jogo programado para daqui a pouco."

"E quanto a você, Amala?", perguntou Olanna. O rosto sorridente de Mama de repente a fez querer que ficassem um pouco mais. "Espero que tenha comido alguma coisa."

"Comi sim, tia, obrigada", disse Amala, ainda com os olhos concentrados no chão.

"Dê a Amala a chave para pôr as coisas no carro", disse Mama.

Odenigbo aproximou-se de Amala, mas parou a meio caminho, de forma que teve de esticar o corpo e o braço para lhe dar a chave, que ela pegou com o maior cuidado; não se tocaram. Foi um momento minúsculo, breve e passageiro, mas Olanna notou como os dois evitaram escrupulosamente qualquer contato de pele, qualquer toque, como se estivessem unidos por uma compreensão geral tão grande que estivessem resolvidos a não se unir por mais nada.

"Boa viagem", disse ela. Viu o carro se afastar do *compound* e continuou ali, dizendo a si mesma que estava enganada; que não havia nada naquele gesto. Mas ele a incomodava. Sentia algo muito parecido ao que sentira enquanto esperava ser atendida pelo ginecologista: convencida de que havia algo errado em seu corpo, no entanto desejando que o médico lhe dissesse que estava tudo bem.

"*Mah*, a senhora quer comer? Quer que eu aqueça um pouco de arroz?", perguntou Ugwu.

"Agora não." Por uns breves instantes, quis perguntar a Ugwu se ele tinha reparado no gesto, se tinha reparado em alguma coisa. "Vai ver se tem algum abacate maduro."

"Vou, *mah*." Ugwu hesitou só um pouquinho antes de sair.

Ela continuou perto da porta até Odenigbo voltar. Não sabia ao certo o que significavam aquela contração no estômago e as arfadas no peito. Abriu a porta e procurou no rosto dele.

"Aconteceu alguma coisa?"

"Como assim?" Ele segurava alguns jornais na mão. "Um dos meus alunos perdeu a prova e esta manhã veio e me ofereceu dinheiro para aprová-lo, o energúmeno."

"Eu não sabia que Amala tinha vindo com Mama", disse ela.

"Pois é." E ele se pôs a rearrumar os jornais, evitando o olhar de Olanna. Aos poucos, ela foi se dando conta, em estado de choque. Ela sabia. Sabia pelos movimentos bruscos que ele fazia, pelo pânico na fisionomia, pelo modo apressado como estava tentando parecer normal de novo, que algo que não deveria ter acontecido tinha acontecido.

"Você dormiu com Amala", disse Olanna. Não era uma pergunta, no entanto ela queria que ele respondesse como tal; queria que ele dissesse *não*

e ficasse bravo com ela por ter chegado a pensar numa coisa dessas. Porém Odenigbo não disse nada. Sentou-se na poltrona e olhou para ela.

"Você dormiu com Amala", repetiu Olanna. Nunca mais se esqueceria da expressão dele, olhando para ela como se nunca na vida tivesse imaginado essa cena e, por isso, não soubesse como pensar a respeito de como pensar no que dizer ou fazer.

Ela se virou para ir à cozinha e quase caiu ao lado da mesa de jantar, porque o peso no peito era grande demais, desmedido para seu tamanho.

"Olanna", disse ele.

Ela o ignorou. Odenigbo não viria atrás dela porque estava com medo, cheio do temor dos culpados. Ela não pegou o carro e foi direto para o seu apartamento. Em vez disso, saiu no quintal, sentou-se nos degraus da porta da cozinha e ficou vendo uma galinha perto do limoeiro vigiar seus seis pintinhos, empurrando-os para as migalhas no chão. Ugwu estava apanhando abacates da árvore perto do Alojamento dos Criados. Ela não sabia bem quanto tempo ficara ali sentada antes que a galinha começasse a cacarejar bem alto e abrisse as asas para proteger os pintos, mas eles não foram rápidos o bastante para se abrigar. Um gavião mergulhou e levou um deles, um pintinho marrom e branco. Foi tão rápida, a descida do gavião e o deslizar suave, com o pinto agarrado nas garras recurvas, que Olanna pensou ter imaginado a cena. Mas não era o caso, porque a galinha corria em círculos, aos cacarejos, levantando nuvens de pó. Os outros pintinhos pareciam atordoados. Olhando para eles, Olanna perguntou-se se por acaso estariam entendendo a dança de luto da mãe. E, por fim, começou a chorar.

Os dias enfumaçados se arrastavam um após o outro. Olanna procurava coisas para pensar, coisas para fazer. Na primeira vez em que Odenigbo foi a seu apartamento, ela não sabia ao certo se deveria deixá-lo entrar. Mas ele bateu e bateu, dizendo: "*Nkem*, por favor, abra, *biko*, por favor, abra", até que ela abriu. Sentada, tomando um copo de água, ela escutou Odenigbo lhe dizer que estava bêbado, que Amala viera para cima dele, que fora tudo um *breve tesão irrefletido*. Depois disso, ela lhe disse para ir embora. Era irritante o fato de continuar tão seguro de si a ponto de chamar o que tinha feito de um *breve tesão irrefletido*. Ela odiou a expressão e odiou a firmeza do tom quando ele a visitou de novo e disse: "Não significou

nada, *nkem*, nada". O que importava, para ela, não era o que tinha significado e sim o que ocorrera: o fato de ele ter dormido com a acompanhante da mãe três semanas apenas depois de ela ter viajado. Parecia fácil demais, o jeito como ele violara a confiança dela. Resolveu ir para Kano porque, se havia um lugar no mundo onde podia pensar com clareza, esse lugar era Kano.

Seu vôo parou antes em Lagos e, enquanto esperava a conexão, viu uma mulher alta e magra passar por ela apressada. Levantou-se e estava prestes a gritar *Kainene!* quando percebeu que não podia ser ela. Kainene tinha a pele mais escura e jamais usaria uma saia verde com uma blusa vermelha. Bem que gostaria que fosse Kainene, porém. Sentariam uma ao lado da outra e ela contaria a Kainene sobre Odenigbo e Kainene diria alguma coisa inteligente, sarcástica e, ao mesmo tempo, reconfortante.

Em Kano, Arize ficou furiosa.

"Aquela besta selvagem de Abba. O pênis podre dele vai cair logo, logo. Será que ele não sabe que devia acordar toda manhã, ajoelhar no chão e agradecer ao Deus dele por você ter se dignado a olhar para ele?", disse ela, enquanto mostrava a Olanna desenhos de vestidos de noiva bufantes. Nnakwanze havia finalmente feito o pedido. Olanna olhou os modelos. Achou todos feios e enfeitados demais, mas sentia-se tão satisfeita com a raiva sentida em seu nome que apontou para um deles e murmurou: "*O maka*. É adorável".

Tia Ifeka não disse nada sobre Odenigbo por alguns dias. Olanna estava sentada na varanda com ela; o sol era ardente e a cobertura de zinco estalava como se protestasse. Mas ainda assim era mais fresco ali que na cozinha enfumaçada, onde três vizinhas cozinhavam ao mesmo tempo. Olanna abanou-se com uma esteirinha de ráfia. Havia duas mulheres perto do portão, uma delas gritando em ibo — "Eu disse que você vai me dar o dinheiro hoje! *Tata!* Hoje, não amanhã! Você me ouviu dizer isso porque eu não falo com água na boca!" — enquanto a outra fazia gestos de súplica com as mãos e olhava para o céu.

"Como você está?", perguntou tia Ifeka. Estava mexendo uma massa pastosa de feijão moído no pilão.

"Estou bem, tia. Melhor ainda por estar aqui."

Tia Ifeka pôs a mão na pasta para tirar um pequeno inseto preto que caíra lá dentro. Olanna abanou-se mais rápido. O silêncio de tia Ifeka a fez que-

rer dizer mais coisas.

"Acho que vou adiar meu programa em Nsukka e ficar aqui em Kano", disse ela. "Eu podia ensinar por uns tempos no instituto."

"Não." Tia Ifeka largou a mão do pilão. "*Mba*. Você vai voltar para Nsukka."

"Mas eu não posso simplesmente voltar para a casa dele, tia."

"Não estou pedindo para você voltar para a casa dele. Eu disse que você vai voltar para Nsukka. Você não tem seu próprio apartamento e um emprego lá? Odenigbo fez o que todo homem faz e enfiou o pênis no primeiro buraco que achou quando você estava longe. Por acaso significa que alguém morreu?"

Olanna havia parado de se abanar e sentia a umidade suarenta do couro cabeludo.

"Quando seu tio se casou comigo, fiquei preocupada, achando que todas aquelas mulheres de fora acabariam me tirando de casa. Agora sei que nada do que ele possa fazer vai mudar minha vida. Minha vida só vai mudar se eu quiser que ela mude."

"O que está dizendo, tia?"

"Ele toma o maior cuidado, agora, depois que percebeu que eu não tenho mais medo. E eu já disse a ele que se trouxer alguma desgraça para mim, seja o que for, eu corto fora aquela cobra que ele tem entre as pernas."

Tia Ifeka voltou a revirar a pasta, e a idéia que Olanna fazia do casamento dos dois começou a desmoronar.

"Você nunca deve se comportar como se a sua vida pertencesse a um homem. Ouviu bem?", disse tia Ifeka. "A sua vida pertence a você e só a você, *soso gi*. Você vai voltar no sábado. Agora, se me dá licença, preciso preparar *abacha* para você levar.

Experimentou um pouco da pasta e cuspiu.

Olanna partiu no sábado. O homem sentado a seu lado no avião, do outro lado do corredor, tinha a pele cor de ébano mais lustrosa e mais escura que já tinha visto. Reparara nele antes, em seu terno de casimira, olhando para ela enquanto esperavam na pista. Ele se oferecera para ajudá-la a levar a bagagem de mão e, mais tarde, perguntou à comissária de bordo se pode-

ria ocupar o assento ao lado dela, uma vez que estava vazio. Entregou a ela uma cópia do *New Nigerian* e perguntou: "Quer ler?". Usava um enorme anel de opala no dedo médio.

"Quero sim. Obrigada." Olanna apanhou o jornal. Folheou as páginas, ciente de que ele a observava e de que o jornal fora seu jeito de iniciar conversa. Teve um súbito desejo de se sentir atraída por ele, de que algo mágico e louco acontecesse com ambos, e, quando o avião aterrissasse, que saíssem os dois de mãos dadas, rumo a uma vida nova cheia de felicidade.

"Eles conseguiram finalmente remover o vice-reitor ibo da Universidade de Lagos", disse ele.

"Ah."

"Está na última página."

Olanna virou o jornal para ver. "Sei."

"Por que escolher um ibo para ocupar o posto de vice-reitor em Lagos?", perguntou ele e, como Olanna não respondeu, apenas sorriu, para dizer que estava escutando, ele acrescentou: "O problema dos ibos é que eles querem controlar tudo no país. Tudo. Por que não ficaram no Leste? Eles são donos de todas as lojas; controlam os serviços públicos, até mesmo a polícia. Se você for preso por seja qual for o crime, contanto que saiba dizer *keda*, eles deixam você ir."

"Nós dizemos *kedu*, não *keda*", disse Olanna, em voz baixa. "Significa *Como vai você?*"

O homem a encarou e ela correspondeu, pensando em como ele seria bonito se tivesse nascido mulher, com aquela pele perfeitamente brilhante e quase negra.

"Você é ibo?", perguntou ele.

"Sou."

"Mas tem o rosto dos fula." Parecia uma acusação da parte dele.

Olanna sacudiu a cabeça. "Ibo."

O homem resmungou alguma coisa que pareceu ter sido um *desculpe*, antes de se virar e começar a olhar em sua pasta. Quando ela lhe devolveu o jornal, pareceu relutante em aceitá-lo de volta, e, embora Olanna lhe desse umas olhadas de vez em quando, os olhos dele não cruzaram mais com os seus, até descerem em Lagos. Se ao menos ele soubesse que seu preconceito a deixara cheia de possibilidades. Não precisava ser a mulher ferida cujo homem dormira com uma moça da roça. Podia ser uma fula

andando de avião, zombando dos ibos ao lado de um estranho bonito. Podia ser uma mulher tomando conta da própria vida. Podia ser qualquer coisa.

Quando se levantaram para sair do avião, ela olhou para ele e sorriu, mas evitou dizer *obrigada*, porque queria deixá-lo tanto com a surpresa como com o remorso intactos.

Olanna contratou uma picape e um motorista e foi até a casa de Odenigbo. Ugwu a seguia por toda parte, enquanto ela empacotava livros e apontava coisas para o motorista apanhar.

"O Patrão parece alguém que chora todo dia, *mah*", disse Ugwu para ela, em inglês.

"Ponha meu liquidificador numa caixa", disse ela. *Meu* liquidificador soava estranho; sempre fora *o* liquidificador, sem marcas de propriedade.

"Certo, *mah*." Ugwu foi até a cozinha e voltou com uma caixa. Estendeu-a sem muita vontade. "*Mah*, por favor, perdoe o Patrão."

Olanna olhou para ele. Ugwu sabia; tinha visto aquela mulher dividir a cama do patrão; ele também a traíra. "*Osiso*! Ponha meu liquidificador no carro!"

"Pois não, *mah*." Ugwu virou-se para a porta.

"As visitas ainda vêm no fim da tarde?", perguntou Olanna.

"Não do jeito como era quando a senhora estava aqui, *mah*."

"Mas eles ainda vêm?"

"Vêm."

"Ótimo." Mas não era isso que sentia. Ela queria ter ouvido de Ugwu que Odenigbo não conseguia mais viver a vida que fora deles.

Quando ele a visitou, tentou não se sentir decepcionada com a normalidade de seu aspecto. Parou na porta e deu respostas evasivas, ressentida com a fácil loquacidade dele, com a maneira como dissera, casualmente, "Você sabe que eu nunca vou amar outra mulher, *nkem*", como se tivesse certeza de que, com o tempo, tudo voltaria a ser o mesmo. Ressentia-se, também, com a atenção romântica de outros homens. Os solteiros passaram a lhe fazer visitas em casa, os casados, a esbarrar com ela na saída do departamento. O cerco deles a irritava porque isso — e eles — pareciam presumir que o relacionamento dela com Odenigbo terminara para sem-

pre. “Não estou interessada”, dizia a eles, e, no momento mesmo em que dizia isso, torcia para que a recusa nunca chegasse aos ouvidos de Odenigbo, porque não queria que ele achasse que ela estava sofrendo. E ela não estava sofrendo: acrescentava material novo às suas aulas, preparava longas refeições, lia novos livros, comprava discos novos. Tornou-se secretária da Irmandade de São Vicente e, depois de entregarem comida nas aldeias, ela redigia a minuta das reuniões num caderno. Cultivava zínias no jardinzinho da frente e, por fim, fez amizade com sua vizinha Edna Whaler, uma negra americana.

Edna tinha uma risada tranquila. Ensinava música, tocava seus discos de jazz um pouco alto demais, fazia costeletas de porco macias e não parava de falar no homem que a deixara uma semana antes do casamento, em Montgomery, e no tio que fora linchado quando ela era criança. “Sabe o que sempre me espantou?”, perguntava a Olanna, como se já não tivesse dito isso no dia anterior. “Que os brancos civilizados pusessem belos vestidos e chapéus e se reunissem para ver um branco enforcar um negro numa árvore.”

Ela ria sua risada tranquila e dava umas batidas no cabelo, que tinha aquele brilho engordurado de cabelo alisado a ferro. A princípio, não tocavam no nome de Odenigbo. Era agradável, para Olanna, estar com alguém tão distante do círculo de amigos que partilhava com Odenigbo. Até o dia em que, enquanto cantava junto com Billie Holiday a música *My man*, Edna lhe perguntou: “Você o ama por que motivo?”.

Olanna ergueu a vista. Sua mente era um quadro vazio. “Por que motivo eu o amo?”

Edna ergueu as sobrancelhas, imitando as palavras de Billie Holiday, mas sem cantar.

“Eu não acho que amor tenha um motivo para existir”, disse Olanna.

“Claro que tem.”

“Eu acho que o amor vem antes e depois é que raciocinamos. Quando estou com ele, acho que não preciso de mais nada.” Suas palavras a deixaram surpresa, mas essa verdade alarmante trouxe também ímpetos de chorar.

A vizinha não tirou os olhos dela. “Você não pode continuar mentindo para si mesma, dizendo que está tudo bem.”

"Não estou mentindo para mim mesma", disse Olanna. A voz chorosamente arranhada de Billie Holiday tinha começado a irritá-la. Não sabia o quanto era transparente. Achava que suas risadas frequentes eram autênticas e que Edna não fazia idéia de que ela chorava quando ficava sozinha, em casa.

"Eu não sou a melhor pessoa para falar sobre homens, mas você precisa conversar sobre isso com alguém", disse Edna. "Talvez com o padre, como paga por todas as viagens beneficentes que você fez em nome da Irmandade de São Vicente de Paula."

Edna riu e Olanna acompanhou a risada, mas já pensando que talvez precisasse mesmo conversar com alguém, alguém neutro que a ajudasse a se recuperar, a lidar com a estranha em que se transformara. Tomou o caminho da igreja de São Pedro várias vezes, nos dias seguintes, mas sempre parava no meio e mudava de idéia. Por fim, numa segunda-feira à tarde, lá foi ela, dirigindo rápido, sem reduzir a velocidade nos obstáculos para não se dar tempo de parar. Sentou-se num banco de madeira, no gabinete abafado do padre Damian, e manteve os olhos centrados no arquivo que tinha o rótulo assuntos laicos, enquanto falava sobre Odenigbo.

"Não tenho ido ao clube porque não quero vê-lo. Perdi o interesse nos jogos de tênis. Ele me traiu e me magoou, no entanto parece que continua controlando minha vida."

O padre Damian deu uma puxada no colarinho, ajustou os óculos e esfregou o nariz, e ela se perguntou se estaria pensando em algo, qualquer coisa, para fazer, já que não tinha uma resposta para ela.

"Não vi você na igreja no último domingo", disse ele por fim.

Olanna ficou decepcionada, mas afinal de contas ele era padre e essa tinha de ser sua solução: Procure Deus. Ela queria que ele a fizesse sentir-se justificada, que solidificasse seu direito à autopiedade, que a encorajasse a ocupar uma posição de superioridade moral. Queria que ele condenasse Odenigbo.

"O senhor acha que preciso vir à igreja com mais frequência?"

"Acho."

Olanna meneou a cabeça e trouxe a bolsa mais para perto de si, pronta para levantar e ir embora. Não devia ter ido. Não devia ter esperado que um voluntário de cara redonda e túnica branca, um eunuco, pudesse en-

tender como se sentia. Ele estava olhando para ela, os olhos grandes por trás das lentes.

"Também acho que você deveria perdoar Odenigbo", disse ele, e deu mais um puxão no colarinho, como se ele o estivesse sufocando. Por um instante, Olanna sentiu desprezo pelo padre. O que ele estava dizendo era fácil demais, previsível demais. Não precisava ter ido até lá para ouvir aquilo.

"Certo." Levantou-se. "Obrigada."

"Não é por ele, sabe? É por você."

"O quê?" O padre continuava sentado, de modo que ela teve de baixar a vista para olhar para ele.

"Não veja isso como um perdão. Veja como permissão para ser feliz. O que vai fazer com a tristeza que escolheu? Vai comer tristeza?"

Olanna olhou para o crucifixo acima da janela, para o rosto do Cristo, sereno em sua agonia, e não disse nada.

Odenigbo chegou muito cedo, antes que ela tivesse tomado o café-da-manhã. Sabia que havia algo errado, antes mesmo de destrancar a porta e ver a fisionomia sombria.

"O que foi?", perguntou, e sentiu um horror afiado diante da esperança que se havia infiltrado em sua cabeça: que a mãe dele tivesse morrido.

"Amala está grávida", disse ele. Havia um tom abnegado e inflexível em sua voz, o tom de uma pessoa que dá más notícias, mas permanece forte, em nome dos outros.

Olanna agarrou-se à maçaneta da porta. "O quê?"

"Mama acabou de vir me avisar que Amala está grávida de um filho meu."

Olanna começou a rir. Ela riu, riu e tornou a rir, porque a cena atual e as semanas anteriores pareciam uma fantasia.

"Me deixe entrar", disse Odenigbo. "Por favor."

Ela se afastou da porta. "Entre."

Ele sentou na beiradinha de uma cadeira e ela teve a impressão de estar colando de volta os cacos de porcelana só para vê-la se espatifar toda de novo; a dor não estava em vê-la espatifada pela segunda vez e sim na per-

cepção de que tentar remontá-la nunca tivera a menor importância, desde o início.

"*Nkem*, por favor, vamos lidar com isso juntos", disse ele. "Faremos o que você achar melhor. Por favor, vamos tratar disso juntos."

Olanna foi até a cozinha para desligar a chaleira. Voltou e sentou-se diante dele. "Você disse que foi uma vez. Só uma vez e ela fica grávida? Só uma vez?" Gostaria de não ter erguido a voz. Mas era tão implausível, tão teatralmente implausível que tivesse dormido com uma mulher uma única vez, num estado de embriaguez, e ela tivesse engravidado.

"Foi só uma vez", disse ele. "Só uma vez."

"Entendo." Mas não estava entendendo nada. O que sentiu foi uma ânsia enorme de lhe dar uma bofetada, porque a maneira de ele enfatizar *uma* vez transformava o ato em inevitável, como se a questão fosse quantas vezes acontecera, e não que jamais deveria ter ocorrido.

"Eu disse a Mama que iria mandar Amala ver o doutor Okonkwo, em Enugu, mas ela disse que só por cima do seu cadáver. Disse que Amala vai ter o bebê e criar a criança sozinha. Tem um rapaz que mexe com madeira, em Ondo, com quem Amala deve se casar." Odenigbo se levantou. "Mama planejou tudo desde o início. Agora percebo que primeiro ela garantiu a bebedeira, depois mandou Amala ir ao meu quarto. É como se eu tivesse caído dentro de alguma coisa que não entendo direito."

Olanna olhou para ele, desde o halo formado pela cabeleira até os dedos finos dos pés, calçados com sandálias, alarmada com o fato de sentir tamanha onda de aversão por alguém que amava. "Ninguém deixou você cair em coisa nenhuma", disse.

Ele tentou segurá-la, mas ela se safou e pediu-lhe que fosse embora. Mais tarde, no banheiro, parou na frente do espelho e espremeu violentamente a barriga com ambas as mãos. A dor a fez lembrar como era inútil; a fez lembrar que havia uma criança aninhada no corpo de uma estranha, e não no seu.

Edna bateu tantas vezes que no fim Olanna teve de se levantar e abrir a porta.

"O que houve?", perguntou Edna.

"Meu avô costumava dizer que os outros simplesmente peidavam, mas que o seu próprio peido sempre soltava merda", disse Olanna. Queria parecer engraçada, mas a voz estava rouca demais, forrada de lágrimas.

"O que aconteceu?"

"A moça com quem ele dormiu está grávida."

"Qual é o problema com você?"

Olanna franziu a vista; qual era o problema com *ela*?

"Vê se consegue se controlar melhor!", disse Edna. "Por acaso acha que ele passa o dia chorando feito você? Quando aquele miserável me largou, em Montgomery, eu tentei me matar, e sabe o que ele estava fazendo? Tinha se mandado e estava tocando num grupo em Louisiana!" Edna deu um tapinha irritado no cabelo. "Olhe só para você. Você é a pessoa mais bondosa que eu já conheci. Veja como você é linda. Por que precisa de tanta coisa de fora? Por que o que você *é* não basta? Você é fraca demais!"

Olanna recuou; o acúmulo tumultuado de dor, pensamentos e raiva que a invadiu fez as palavras saírem de sua boca com uma precisão serena. "Não é culpa minha que seu homem tenha largado você, Edna."

De início Edna ficou surpresa, depois com raiva, até se virar e sair. Olanna observou a vizinha indo embora e lamentou ter dito aquilo. Mas não iria pedir desculpas ainda. Daria a Edna um dia ou dois. Sentiu-se repentinamente com fome, com muita fome; suas entranhas tinham se esvaziado com tanto choro. Nem deixou seu arroz *jollof* aquecer devidamente, e comeu da panela, tomou duas garrafas de cerveja gelada, mas ainda assim não estava satisfeita. Comeu os biscoitos que estavam no armário e algumas laranjas da geladeira, depois resolveu ir até a Eastern Shop para comprar vinho. Iria beber. Beberia tanto vinho quanto conseguisse.

As duas mulheres que estavam na entrada da loja, a indiana da Faculdade de Ciência e a mulher de Calabar, que lecionava antropologia, sorriram e disseram boa-tarde, e Olanna se perguntou se os olhares velados encobriam o dó que sentiam, se achavam que ela estava fragilizada, desmoronando. Examinava as garrafas de vinho quando Richard se aproximou dela. "Bem que achei que era você", disse ele.

"Olá, Richard." Deu uma olhada para o carrinho dele. "Eu não sabia que você fazia as próprias compras."

"Harrison foi passar uns dias com a família", disse. "Como está você? Está bem?"

Ela não gostou da piedade que viu nos olhos dele. "Estou muito bem. Não consigo decidir qual dos dois comprar." Fez um gesto para as garrafas de vinho. "Por que eu não compro as duas e você toma comigo, assim podemos decidir qual é o melhor? Tem uma hora para desperdiçar? Ou precisa voltar correndo para o seu livro?"

Richard parecia ter ficado surpreso com a animação dela. "Mas eu não quero importunar."

"Claro que você não vai me importunar. Além disso, você nunca me visitou" — ela fez um silêncio — "em meu apartamento."

Ela manteria a pose normal e afável, eles tomariam o vinho e conversariam sobre o livro dele, sobre as novas zínias dela, da arte de Igbo-Ukwu e do fiasco das eleições da Região Ocidental. E ele então poderia ir dizer a Odenigbo que ela estava ótima. Ela estava ótima.

Quando chegaram ao apartamento dela, Richard sentou-se empinado no sofá e ela queria que ele se sentasse do mesmo jeito relaxado, meio escarrapachado, como sentava na casa de Odenigbo; até a forma como segurava a taça era rígida. Ela sentou no chão acarpetado. E brindaram a independência do Quênia.

"Você tem que escrever sobre as coisas horrendas que os britânicos fizeram no Quênia", disse Olanna. "Não eram eles que cortavam fora os testículos?"

Richard murmurou alguma coisa e desviou o olhar, como se a palavra testículos o tivesse deixado com vergonha. Olanna sorriu, olhando para ele. "Eram, não eram?"

"Eram."

"Então você devia escrever a respeito." Ela tomou sua segunda taça de vinho lentamente, erguendo a cabeça para saborear o líquido frio escorrendo pela garganta. "Já tem um título para o livro?"

"'O cesto de mãos'."

"'O cesto de mãos'." Olanna virou a taça e terminou de tomar o vinho. "Parece macabro."

"É sobre as relações de trabalho. As boas coisas que foram conseguidas — as ferrovias, por exemplo —, mas também sobre a exploração do trabalho e até onde ia a imaginação colonial."

"Ah." Olanna levantou-se para abrir a segunda garrafa de vinho. Curvou-se para encher primeiro sua taça. Sentia-se leve, como se fosse muito mais

fácil carregar o próprio peso, mas a cabeça estava em ordem; sabia o que queria fazer e o que estava fazendo. O cheiro quase úmido de Richard encheu-lhe o nariz, quando parou na frente dele, com a garrafa.

"Ainda não terminei de tomar este", disse ele.

"Não mesmo." Pôs a garrafa no chão, sentou-se ao lado dele, tocou nos pêlos que lhe cobriam a pele e pensou como eram macios, sem a agressividade dos pêlos de Odenigbo, nada parecido com Odenigbo. Richard olhou-a e Olanna se perguntou se seus olhos tinham de fato ficado cinza, ou se era imaginação sua. Tocou nele e deixou que a mão ficasse encostada em seu rosto.

"Venha, sente no chão aqui comigo", disse ela por fim.

Sentaram-se lado a lado, com as costas apoiadas no sofá. Richard disse, num resmungo: "Eu preciso ir", ou algo parecido. Mas ela sabia que ele não iria embora e que, quando deitasse na superfície eriçada do carpete, ele se esticaria a seu lado. Ela o beijou na boca. Ele a puxou com força para si e, logo em seguida, com a mesma rapidez, virou o rosto. Ela ouvia a respiração rápida dele. Ela desabotoou sua calça, moveu o corpo para puxá-la pelas pernas, e riu quando a calça enroscou nos sapatos. Tirou o vestido. Ele estava em cima dela, o carpete pinicava suas costas nuas, e a língua de Richard circulava molemente em torno de seu mamilo. Não era nada parecido com as mordidas e chupões de Odenigbo, não tinha nada daqueles choques de prazer. Richard não passava a língua em seu corpo em movimentos rápidos que a faziam esquecer de tudo; não, quando Richard beijava sua barriga, ela sabia que estava sendo beijada na barriga.

Tudo mudou quando ele entrou dentro dela. Ela ergueu os quadris, mexendo junto com ele, correspondendo a ele, e a sensação era de estar se desfazendo das amarras nos pulsos, extraindo alfinetes da pele, libertando-se com os gritos altos, muito altos, que explodiam de sua boca. Depois, sentiu-se repleta de uma sensação de bem-estar, de algo próximo à graça.

21.

Richard sentiu-se quase aliviado ao saber da morte de Sir Winston Churchill. Isso lhe dava a oportunidade de evitar Port Harcourt no fim de semana. Ainda não estava preparado para enfrentar Kainene.

"Você vai ter que aposentar aquela sua horrenda piada sobre Churchill, agora, não vai?", disse Kainene ao telefone, quando ele falou que teria de viajar para Lagos, para as cerimônias na Embaixada Britânica. Ele riu e depois pensou como seria se por acaso ela descobrisse, o largasse e ele nunca mais ouvisse aquela voz sardônica ao telefone.

Fazia poucos dias, mas até mesmo a lembrança do apartamento de Olanna era nebulosa: ele dormira no chão da sala de estar de Olanna, e acordara com uma dor de cabeça seca e a sensação intensamente constrangedora da própria nudez. Ela estava sentada no sofá, vestida e calada. Richard sentia-se sem graça, não sabia se deveriam conversar sobre o ocorrido. Por fim, acabou saindo sem dizer uma palavra, porque não queria que aquilo que ele imaginava ser remorso se transformasse em aversão. Ele não fora o escolhido; poderia ter sido qualquer outro homem. Pressentira na hora em que abraçara o corpo nu de Olanna, porém isso não prejudicou o prazer que encontrou nas curvas, nos movimentos sincronizados, no fato de ela ter tomado e dado na mesma proporção. Nunca tinha estado tão firme, nunca tinha durado tanto quanto com ela.

Agora, porém, estava desolado. A admiração que sentia por Olanna se tinha nutrido de sua indisponibilidade, era uma adoração à distância, mas agora que experimentara o vinho em sua língua, e comprimira seu corpo a ponto de também ele ficar cheirando a coco, havia uma estranha perda. Perdera a fantasia. Mas o que mais tinha medo de perder era Kainene. Estava decidido a nunca contar nada a ela.

Susan sentou-se a seu lado, nas cerimônias fúnebres, e quando partes de um discurso feito por Sir Winston Churchill foram reproduzidas, ela juntou as mãos enluvadas bem apertadas e encostou-se nele. Richard sentiu lágrimas nos olhos. Talvez esta fosse a única coisa que tinham em comum, a admiração por Churchill. Depois, ela o convidou a ir tomar alguma coisa com ela no Polo Club. Ela o levara uma única vez e dissera, sentada diante do enorme gramado verde: "Os africanos começaram a frequentar isto aqui faz poucos anos, mas você não iria acreditar na quantidade deles, agora, e eles não demonstram o menor apreço, na verdade".

Estavam sentados no mesmo lugar de novo, perto da cerca caiada, ao lado de um garçom nigeriano vestido num terno preto muito justo. O clube estava quase vazio, embora houvesse um jogo de pólo na outra ponta. Os ruídos de oito homens berrando, xingando e galopando a toda velocidade atrás de uma bola enchiam o ar. Susan falava baixinho, repleta daquela mágoa imprecisa de quem chora por um morto que nunca conheceu. Susan falou que era interessante o fato de a última pessoa agraciada com um enterro de Estado, fora da família real, ter sido o duque de Wellington, como se isso fosse novidade para ele, comentou que era muito triste que muitos ainda não soubessem o quanto Churchill fizera pela Grã-Bretanha, e que fora horrível que alguém, durante a cerimônia, tivesse sugerido que a mãe de Churchill tinha sangue de pele-vermelha. Susan parecia um pouco mais bronzeada do que ele se lembrava; nunca mais a vira, desde que fora para Nsukka. Pareceu mais animada, depois de algumas doses de gim, e falou sobre um filme maravilhoso sobre a família real que fora mostrado no British Council.

"Você não está prestando muita atenção, está?", perguntou ela, depois de um tempo. Suas orelhas estavam vermelhas.

"Claro que estou."

"Fiquei sabendo sobre a sua namorada, a filha do chefe Ozobia", disse Susan, pronunciando *namorada* numa caricatura do que achava ser o sotaque de gente comum.

"O nome dela é Kainene."

"Você usa sempre preservativo, não usa? É preciso tomar o maior cuidado, até mesmo com os mais instruídos deles."

Richard olhou para a interminável calma do gramado. Jamais seria feliz com ela — a vida seria revestida de gaze, todos os seus dias se fundindo num longo pano transparente de nada.

"Eu tive um caso com John Blake", disse ela.

"Teve?"

Susan riu. Estava brincando com o copo, correndo o vidro pela mesa, espalhando a água que tinha se formado nele. "Você parece surpreso."

"Não estou, não", disse ele, embora estivesse. Não porque ela tivesse tido um caso e sim porque fora com John, que era casado com uma de suas melhores amigas, Caroline. Mas essa era a vida dos expatriados. No que lhe dizia respeito, eles viviam o tempo todo fazendo sexo com as mulheres e os maridos uns dos outros, cópulas ilícitas que eram mais uma forma de passar o tempo naquele calor esbranquiçado dos trópicos do que expressões genuínas de paixão.

"Não significou nada, absolutamente nada", disse Susan. "Mas quero que fique sabendo que vou continuar ocupada, enquanto espero você terminar seu caso com a escurinha."

Richard queria dizer alguma coisa para ela sobre deslealdade com os amigos, mas percebeu como pareceria hipócrita, ao menos para si mesmo.

5. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Ele escreve sobre fome. A fome foi a arma de guerra da Nigéria. A fome quebrou Biafra, trouxe fama a Biafra e fez Biafra durar o tempo que durou. A fome fez os povos do mundo repararem e provocou protestos e manifestações em Londres, Moscou e na Tchecoslováquia. A fome fez a Zâmbia, a Tanzânia, a Costa do Marfim e o Gabão reconhecerem Biafra, a fome levou a África até a campanha presidencial de Nixon, e fez os pais do mundo todo dizerem aos filhos para raspar o prato. A fome levou organizações de ajuda a fazer transportes clandestinos de comida durante a noite, uma vez que nenhum dos lados conseguia chegar a um acordo quanto às rotas. A fome ajudou a carreira dos fotógrafos. E a fome fez a Cruz Vermelha Internacional chamar Biafra de sua maior emergência, desde a Segunda Guerra Mundial.

22.

A diarréia de Ugwu veio com dores e cólicas. Não melhorou depois que mastigou os comprimidos azedos que havia no armário do Patrão, nem depois das folhas amargas que Jomo lhe deu; o desarranjo não tinha nada a ver com o que ele comia, porque as corridas repentinas ao Alojamento dos Criados aconteciam com qualquer coisa que ingerisse. A diarréia era resultado de sua inquietação. O medo do Patrão o deixava inquieto.

Desde que Mama trouxera a notícia da gravidez de Amala, o Patrão andava tropeçando em tudo, como se os óculos estivessem embaçados, pedia o chá em voz baixa e mandava Ugwu dizer às visitas que havia saído, muito embora o carro continuasse na garagem. Às vezes, ficava olhando o vazio. E ouvia música High Life com frequência. Falava de Olanna o tempo todo. "Vamos deixar para resolver isso quando a patroa voltar", ou "Sua patroa prefere isso no corredor", e Ugwu respondia: "Pois não, *sah*", embora soubesse que o Patrão não iria se dar ao trabalho de dizer essas coisas se Olanna fosse de fato voltar.

A diarréia de Ugwu piorou quando Mama apareceu junto com Amala para fazer uma visita. Ele observou cuidadosamente a moça; ela não parecia grávida, continuava magra e de barriga lisa, e ele torcia para que o remédio não tivesse tido efeito. Mas Mama lhe havia dito, enquanto descascava os inhames quentes: "Quando este bebê nascer, eu terei alguém para me fazer companhia e as outras mulheres não poderão mais me chamar de mãe de um filho impotente".

Amala estava sentada na sala. A gravidez elevara seu status, de modo que agora podia sentar-se preguiçosamente para ouvir o rádio, não era mais a criada de Mama e sim a mulher que daria à luz o neto de Mama. Ugwu observava da porta da cozinha. Era bom que não tivesse escolhido a poltro-

na do Patrão, nem o pufe predileto de Olanna, porque ele teria pedido para ela se levantar imediatamente. Sentada com os joelhos bem fechados, tinha os olhos focados na pilha de jornais sobre a mesa de centro e o rosto sem expressão nenhuma. Era tão errado que uma pessoa comum com um vestidinho ordinário e um lenço de algodão na testa estivesse no meio de tudo aquilo. Ela não era nem bonita nem feia; era igual a tantas outras jovens que já vira na sua aldeia, passando rumo ao ribeirão todas as manhãs. Não havia nada que a realçasse. Olhando para Amala, de repente Ugwu sentiu raiva. Sua raiva, porém, não era dirigida a Amala, e sim a Olanna. Ela não devia ter fugido da própria casa só porque o feitiço de Mama havia empurrado o Patrão para os braços dessa mocinha vulgar. Devia ter ficado e mostrado a Amala e a Mama quem é que mandava ali.

Os dias eram sufocantes e repetitivos, Mama fazendo suas sopas de cheiro forte que comia sozinha, porque o Patrão ficava na rua até tarde, Amala sentia náuseas e Ugwu estava com diarreia. Porém ela não parecia se importar; cantarolou, cozinhou, limpou e depois que, finalmente, aprendeu a acender o fogão, disse muito satisfeita: "Um dia vou ter meu próprio fogão; meu neto vai comprar um para mim". E riu.

Por fim, depois de mais de uma semana, Mama resolveu voltar para o povoado e disse que deixaria Amala com o Patrão. "Não percebeu como ela está mal?", perguntou. "Meus inimigos querem prejudicar a gravidez dela, não querem alguém levando o nome da família, mas nós vamos derrotar todo mundo."

"A senhora tem que levá-la junto", disse o Patrão. Passava da meia-noite. Mama tinha ficado acordada até o Patrão voltar, e Ugwu estava na cozinha, meio dormindo, esperando para trancar a casa.

"Você não me escutou dizer que ela está passando mal?", perguntou Mama. "É melhor para ela ficar aqui."

"Ela vai ver o médico, mas a senhora tem que levá-la daqui."

"Você está recusando seu filho e não Amala", disse Mama.

"A senhora tem que levá-la daqui", repetiu o Patrão. "Olanna pode voltar a qualquer momento e as coisas não vão dar certo se Amala estiver aqui."

"Seu próprio filho", disse Mama, sacudindo a cabeça tristemente, mas não discutiu mais. "Vou embora amanhã porque tenho de comparecer a uma reunião da *umuada*. No final da semana, eu volto para pegá-la."

Na tarde em que Mama partiu, Ugwu encontrou Amala na horta, agachada no chão, com os joelhos cerrados, os braços em volta das pernas. Estava comendo pimenta.

"Isso é bom?", perguntou Ugwu. Talvez fosse uma mulher-espírito e tivesse aparecido para executar rituais junto com sua companheira *ogbanje*.

Amala não disse nada por alguns momentos; falava tão pouco que sua voz sempre surpreendia Ugwu por sua estridência e infantilidade. "Pimenta pode tirar gravidez", disse ela.

"O quê?"

"Se a gente comer bastante pimenta vermelha, ela tira a gravidez." Estava enrodilhada na lama, feito um animal patético, mastigando devagar a pimenta, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Pimenta não faz isso", falou Ugwu. Entretanto bem que torcia para que ela tivesse razão, para que as pimentas fossem de fato abortivas e sua vida voltasse a ser como era antes: Olanna e o Patrão juntos, em segurança.

"Se a gente comer bastante, dá certo", insistiu a moça, erguendo o braço para apanhar outra.

Ugwu não queria que ela acabasse com as pimentas que ele cultivara com tamanho cuidado para seus ensopados, mas se ela estivesse certa a respeito do efeito, talvez valesse a pena deixá-la em paz. O rosto de Amala estava escorregadio com a mistura de lágrimas e muco, e, de vez em quando, ela abria a boca e punha a língua queimada de pimenta para fora, ofegando feito um cachorro. Ele queria perguntar a ela por que tinha aceitado fazer aquilo, se não queria ter um filho. Afinal, ela fora sozinha ao quarto do Patrão, e devia saber dos planos de Mama. Mas não perguntou nada; não queria a amizade dela. Virou-se e voltou para dentro.

* * *

Dias depois de Amala ter ido embora, Olanna fez uma visita. Sentou-se empinada no sofá, as pernas cruzadas como um convidado distante, e recusou o *chin-chin* que Ugwu levou num pires.

"Leva de volta para a cozinha", disse ela a Ugwu, ao mesmo tempo que o Patrão dizia: "Deixa aí na mesa".

Ugwu ficou indeciso, segurando o pires.

"Então leva de volta para a cozinha!", falou o Patrão, com aspereza, como se Ugwu fosse de alguma forma o responsável pela tensão que tomara conta da sala. Ugwu não fechou a porta da cozinha, para escutar o que diziam, mas poderia muito bem fer fechado, porque a voz alterada de Olanna era bastante audível. "Foi *você* e não sua mãe. Aconteceu porque você deixou que acontecesse! E agora você precisa assumir a responsabilidade!"

Ugwu assustou-se de ver que aquela voz tão macia podia se transformar em algo feroz.

"Eu não sou um homem namorador, e você sabe muito bem disso. Isso não teria acontecido se a minha mãe não tivesse dado uma mão!" Teria sido melhor se Patrão tivesse baixado a voz; devia saber que mendigo não berra.

"E a sua mãe tirou seu pênis da calça e enfiou em Amala, também?", perguntou Olanna.

Ugwu sentiu um súbito ronco tumultuado na barriga e correu para o banheiro do Alojamento dos Criados. Quando saiu, viu Olanna ao lado do limoeiro. Buscou na expressão dela uma dica para saber como terminara a conversa, se é que terminara; e por que ela estava ali fora. Mas não conseguiu ver nada em seu rosto. Havia linhas bem marcadas em volta da boca e uma confiança tranquila na sua postura, usando uma peruca nova que a fazia parecer mais alta.

"A senhora quer alguma coisa, *mah*?", perguntou ele.

Ela deu uns passos e foi até as *anaras*. "Estas plantas estão muito bem. Você usou fertilizante?"

"Usei, *mah*. Do Jomo."

"E nas pimentas?"

"Também, *mah*."

Ela se virou.

"Eu tenho um tio que tem um negócio no Norte, *mah*. As pessoas têm ciúme dele por estar indo bem. Um dia, lavou as roupas e, quando recolheu do varal, para levar para dentro, viu que alguém havia cortado um pedaço da manga de uma camisa."

Olanna o observava; havia alguma coisa na fisionomia dela que o fez perceber que não teria paciência suficiente para ouvir muito mais tempo.

"A pessoa que cortou o pedaço da manga usou para fazer feitiço maligno, só que não funcionou porque meu tio queimou a camisa na hora. Naquele dia, havia muita mosca perto da cabana dele."

"Do que é que você está falando, me diga?", perguntou Olanna, em inglês. Como falava inglês muito pouco com ele, a frase pareceu fria, distante.

"Mama usou feitiço maligno no meu Patrão, *mah*. Eu vi moscas na cozinha. Eu a vi pondo alguma coisa na comida dele. Depois eu a vi esfregando algo no corpo de Amala; e eu sei que foi o feitiço que ela usou para tentar o Patrão."

"Besteira", disse Olanna. A palavra saiu como um silvo, *besteira*, e o estômago de Ugwu apertou-se. Ela estava diferente; a pele e as roupas estavam mais crispadas. Curvou-se e espantou um pulgão que havia pousado no vestido, antes de se afastar. Porém não deu a volta na casa e na garagem do Patrão, para ir até o seu carro, parado na frente. Em vez disso, entrou de novo. Ele foi atrás. Da cozinha escutou a voz dela vindo do escritório, gritando uma longa enfiada de palavras que ele não conseguiu nem quis entender. Em seguida, silêncio. Depois a porta do quarto, abrindo e fechando. Ugwu esperou um pouco, antes de cruzar o corredor pé ante pé para encostar a orelha na porta. Ela parecia diferente. Ugwu estava acostumado a seus gemidos roucos, mas o que ouvia agora era um som arfado de *ah-ah-ah*, como se ela estivesse se preparando para explodir, como se o Patrão a estivesse agradando e ao mesmo irritando, e ela aguardasse para ver quanto prazer poderia tirar, antes de dar vazão à raiva. Ainda assim, a esperança ressurgiu no coração de Ugwu. Faria um arroz *jollof* perfeito para o jantar de reconciliação.

Mais tarde, ao ouvir o carro dela dar a partida e ver os faróis brilhantes perto do arbusto das flores brancas, achou que ela estava indo pegar algumas coisas suas no apartamento. Pôs dois pratos na mesa, mas não serviu a comida porque queria manter tudo quentinho na panela.

O Patrão entrou na cozinha. "Você pretende comer sozinho, hoje, meu bom homem?"

"Estou esperando a patroa."

"Sirva a minha comida, *osiso*!"

"Pois não, *sah*. Será que a patroa vai voltar logo, *sah*?"

"Sirva a minha comida!", repetiu o Patrão.

23.

Olanna estava na sala de Richard. O vazio austero do aposento a deixava nervosa; gostaria que houvesse quadros, ou livros, ou bonecas russas para os quais pudesse olhar. Mas só havia uma pequena foto do vaso de cordas de Igbo-Ukwu pendurada na parede, olhando para ela, quando Richard entrou. O sorriso inseguro que ele trazia nos lábios suavizava seu rosto. Às vezes, ela se esquecia de como ele era bonito, naquele seu jeito loiro de olhos azuis.

Falou imediatamente. "Olá, Richard." Sem esperar resposta e ignorando o breve período de silêncio que em geral segue um cumprimento, acrescentou: "Você foi ver Kainene no último fim de semana?".

"Não. Não, não fui." Seus olhos evitaram os dela e se concentraram na peruca reluzente. "Fui até Lagos. É que Sir Winston Churchill morreu."

"O que aconteceu foi burrice de ambas as partes", disse Olanna, reparando que as mãos dele tremiam.

Richard fez que sim. "Claro, claro."

"Kainene não perdoa com facilidade. Não faria o menor sentido contar para ela."

"Claro que não." Richard ficou uns momentos em silêncio. "Você estava com problemas emocionais e eu não devia ter..."

"O que houve precisou de duas pessoas, Richard", disse Olanna, e de repente sentiu desprezo pelas mãos trêmulas, pela timidez pálida e pela vulnerabilidade que ele exibia tão francamente enrodilhada em torno da garganta, feito uma gravata.

Harrison entrou com uma bandeja. "Trago bebidas, *sah*."

"Bebida?" Richard virou-se num movimento súbito e Olanna ficou aliviada de não haver nada muito perto dele, caso contrário teria sido derrubado.

"Ah, não, na verdade não. Você quer tomar alguma coisa?"

"Estou de saída", disse Olanna. "Como vai, Harrison?"

"Muito bem, madame."

Richard seguiu-a até a porta.

"Eu acho que devíamos manter tudo normal", disse ela, antes de sair apressada para o carro.

Perguntava-se se não teria sido melhor ser menos teatral e dar a ambos a oportunidade de conversar com calma sobre o que acontecera. Mas teria adiantado muito pouco trazer à tona o lixo do dia anterior. Ambos queriam o que aconteceu e ambos desejavam que não tivesse acontecido; o que importava agora é que ninguém jamais ficasse sabendo.

Surpreendeu a si própria, portanto, quando contou a Odenigbo. Ela estava deitada e ele sentado na beira da cama — pensava no quarto mais como sendo dele que dos dois — e era a segunda vez que dormiam juntos desde que fora embora. Ele estava pedindo a ela por favor para voltar.

"Vamos casar", disse ele. "Aí então Mama nos deixa em paz."

Talvez tenha sido seu tom cheio de si, ou a maneira óbvia com que continuava contornando a responsabilidade e culpando a mãe que fez Olanna dizer: "Eu dormi com Richard".

"Não." Odenigbo parecia incrédulo balançando a cabeça.

"Dormi."

Odenigbo levantou-se, foi até o armário e olhou para ela, como se não tivesse condições de estar mais perto, por temer o que faria se estivesse. Tirou os óculos e esfregou a ponte do nariz. Ela sentou na cama e percebeu que a desconfiança os acompanharia para sempre, que a descrença sempre seria uma opção para eles.

"Você sente alguma coisa por ele?", perguntou Odenigbo.

"Não", disse ela.

Ele voltou e sentou-se a seu lado. Parecia dividido entre atirá-la para fora da cama e puxá-la mais para perto, mas depois se levantou de chofre e saiu do quarto. Mais tarde, quando bateu na porta do escritório dele, para dizer que estava indo, Odenigbo não respondeu.

De volta ao apartamento, não parava de andar de um lado para o outro. Não deveria ter contado o que se passara com Richard. Ou deveria ter dito mais: que lamentava ter traído Kainene, e a ele, mas que não lamentava o ato em si. Devia ter dito que não tentara uma vingança cruel, nem quisera

marcar pontos, e que o ato assumira um significado redentor para ela. Devia ter dito que o egoísmo a libertara.

A batida sonora na sua porta, na manhã seguinte, a encheu de alívio. Ela e Odenigbo iriam sentar e conversar direito, e, dessa vez, não deixaria que ambos ficassem girando em círculos, sem se confrontar. Porém não era Odenigbo. Edna entrou chorando, os olhos vermelhos e inchados, para lhe dizer que os brancos tinham posto uma bomba na igreja batista de sua cidade natal. Quatro meninas haviam morrido. Uma delas era colega de sua sobrinha. "Eu a vi, quando fui para casa, seis meses atrás", disse Edna. "Seis meses atrás eu vi a menina."

Olanna fez chá e sentou-se ao lado de Edna, os ombros se tocando, enquanto ela chorava com arfadas tão altas que parecia estar sufocando. O cabelo não tinha o costumeiro brilho oleoso; parecia o pêlo fosco de uma velha vassoura.

"Ai, meu Deus", disse ela, entre soluços. "Ai, meu Deus."

Olanna estendeu várias vezes a mão para apertar seu braço. A crueza daquela dor a deixou impotente, trouxe o desejo de poder alcançar o passado e reverter a história. Por fim, Edna adormeceu. Olanna pôs delicadamente um travesseiro sob sua cabeça e sentou-se, pensando em como um único ato podia reverberar através do tempo e do espaço e deixar manchas que nunca mais poderiam ser lavadas. Pensou que a vida era efêmera e que o melhor era não optar pela tristeza. Ela voltaria para a casa de Odenigbo.

Eles jantaram em silêncio, na primeira noite. A mastigação de Odenigbo a irritou, a bochecha cheia e os movimentos do maxilar, moendo a comida. Ela comeu pouco e a todo momento olhava para sua caixa de livros na sala. Odenigbo estava concentrado em separar sua galinha do osso e, uma vez na vida, comeu todo o arroz, até limpar o prato. Quando finalmente resolveu conversar, falou do caos na Região Ocidental.

"Eles jamais deveriam ter reinstalado o premiê. Por que agora se espantam com os bandidos que queimam carros e matam os adversários, em nome das eleições? Um bruto corrupto sempre vai se comportar como um bruto corrupto", disse ele.

"Mas ele tem o apoio do primeiro-ministro", disse Olanna.

"É o Sardauna que está no comando. O sujeito está dirigindo o país como se fosse um feudo muçulmano dele."

"Nós ainda estamos tentando ter um filho?"

Por trás das lentes, os olhos dele pareciam espantados. "Claro que estamos", disse. "Ou não estamos?"

Olanna não respondeu nada. Uma tristeza enevoada tomou conta dela ao pensar no que tinham permitido acontecer entre eles, e no entanto havia uma nova emoção de frescor, era um relacionamento em termos diferentes. Não estaria mais sozinha na luta para preservar aquilo que partilhavam; ele se juntaria a ela. Suas certezas haviam balançado.

Ugwu entrou para tirar a mesa.

"Me traga um conhaque, meu bom homem", disse Odenigbo.

"Pois não, *sah*."

Odenigbo esperou até Ugwu servir o conhaque e sair, antes de dizer: "Pedi a Richard para não vir mais aqui".

"O que houve?"

"Passei por ele na rua, perto do prédio da minha faculdade, e vi uma expressão nele que me irritou muito, de modo que o segui até a rua Imoke e me pus a berrar."

"O que você disse a ele?"

"Não me lembro."

"Você não quer me dizer."

"Não me lembro."

"Tinha mais alguém?"

"O empregado dele apareceu."

Sentaram-se os dois no sofá da sala. Ele não tinha o direito de ir tirar satisfações, de dirigir sua raiva contra Richard, e no entanto ela entendia por que Odenigbo fizera isso.

"Eu nunca culpei Amala", disse ela. "Foi em você que eu depositei minha confiança, e a única maneira de alguém mexer com essa confiança era tendo sua permissão. Eu culpei só você."

Odenigbo pôs a mão na coxa de Olanna.

"Você devia ficar bravo comigo, não com Richard", disse ela.

Ele ficou calado tanto tempo que ela pensou que não fosse responder, mas ele disse: "Eu *quero* ficar bravo com você".

A fragilidade dele a comoveu. Ajoelhou-se diante dele e desabotoou a camisa, para sugar a carne firme e macia de sua barriga. Sentiu-o inalar mais forte quando ela tocou no zíper da calça. Em sua boca, ele estava duro. A leve dor no maxilar inferior, a pressão de suas mãos espalmadas sobre a cabeça, tudo a excitou, e, mais tarde, disse: "Meu Deus, Ugwu deve ter visto tudo".

Ele a levou até o quarto. Tiraram a roupa em silêncio e tomaram uma ducha juntos, apertando-se um no outro no boxe estreito e, depois, colados na cama, os dois ainda molhados faziam movimentos lentos. Ela estava maravilhada com a sensação reconfortante de seu corpo compacto em cima dela. Ele cheirava a conhaque e ela queria lhe dizer que era quase como nos velhos tempos, de novo, mas não disse porque tinha certeza de que ele sentia o mesmo e não queria arruinar o silêncio que os unia.

Esperou até ele adormecer, o braço jogado por cima dela, o ronco alto saindo pela boca entreaberta, antes de se levantar e ligar para Kainene. Precisava ter certeza de que Richard não havia dito nada a ela. Não achava, no fundo, que os gritos de Odenigbo o tivessem levado a confessar, mas não estava certa disso.

"Kainene, sou eu", disse ela, quando Kainene atendeu o telefone.

"*Ejima m*", disse Kainene. Olanna nem se lembrava mais da última vez que a irmã a chamara de *minha gêmea*. Isso a animou, assim como a normalidade de sua voz, com aquele falar arrastado e seco que dava a entender que uma conversa com Olanna não era sua maior chateação, mas assim mesmo era uma.

"Eu queria dizer *kedu*", falou Olanna.

"Eu estou bem. Você sabe que horas são?"

"Não percebi que era tão tarde."

"Você voltou para o seu amante revolucionário?"

"Voltei."

"Você tinha que ouvir a mamãe falando dele. Dessa vez, ele deu a munição perfeita para ela."

"Foi um erro dele", disse Olanna, para logo depois se arrepender, porque não queria que Kainene pensasse que estava dando uma desculpa a Odenigbo.

"Mas não é contra os princípios do socialismo engravidar pessoas das classes inferiores?", perguntou Kainene.

"Vou deixar você dormir."

Houve uma minúscula pausa, antes de Kainene dizer, com seu tom usual de quem se diverte: "*Ngwanu*. Boa noite".

Olanna pôs o fone no gancho. Era óbvio que Richard não diria nada a Kainene; o relacionamento deles poderia não sobreviver. E talvez fosse melhor que ele não pudesse mais visitá-los.

Amala teve uma menina. Era sábado e Olanna estava na cozinha com Ugwu, fazendo uma fritada de bananas e, quando a campainha soou, ela soube na hora que o recado viera de Mama.

Odenigbo foi até a cozinha, as mãos nas costas. "*O mu nwanyi*", disse ele, baixinho. "Ela teve uma menina. Ontem."

Olanna não levantou os olhos da tigela de bananas amassadas porque não queria que ele visse seu rosto. Não sabia o que iria mostrar, se conseguiria captar a mistura cruel de emoções que sentia, o desejo de chorar, de esbofeteá-lo e de se controlar, tudo ao mesmo tempo.

"Nós temos de ir até Enugu esta tarde para ver se está tudo em ordem", disse ela, bruscamente, levantando-se. "Ugwu, por favor, termine isto."

"Claro, *mah*." Ugwu observava seus movimentos; Olanna sentia a mesma responsabilidade de uma atriz cujos parentes esperam uma atuação esplêndida.

"Obrigado, *nkem*", disse Odenigbo. Ele a abraçou, mas Olanna se desvencilhou.

"Me deixa tomar um banho rápido."

No carro, seguiram em silêncio. Ele dava espiadas frequentes nela, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não soubesse como começar. Ela mantinha o olhar voltado para a estrada e só deu uma olhada para ele, para o jeito hesitante como segurava a direção. Sentia-se moralmente superior a ele. Talvez fosse imerecido e falso pensar que era melhor que ele, mas era a única maneira de manter controle sobre emoções disparatadas, agora que a filha de uma desconhecida nascera.

Por fim, quando estavam estacionando na frente do hospital, Odenigbo falou.

"No que está pensando?"

Olanna abriu a porta do carro. “Na minha prima Arize. Não faz nem um ano que casou e já está louca para engravidar.”

Odenigbo não disse nada. Mama foi encontrá-los na entrada da maternidade. Olanna esperava vê-la dançando de felicidade, e olhando para ela com olhos zombeteiros, mas o rosto enrugado estava taciturno, e o sorriso que deu ao abraçar Odenigbo foi forçado. O ar do hospital estava denso de cheiros químicos.

“Mama, *kedu*?”, disse Olanna. Queria parecer em controle, determinar o rumo das coisas.

“Estou bem”, disse Mama.

“Onde está o bebê?”

Mama pareceu surpresa com sua brusquidão. “Na ala dos recém-nascidos.”

“Vamos ver Amala primeiro”, disse Olanna.

Mama levou-os até um quarto. A cama estava coberta com um lençol amarelo e Amala, deitada com o rosto voltado para a parede. Olanna afastou os olhos do ligeiro volume em sua barriga; de novo, era insuportável pensar que a filha de Odenigbo tinha estado naquele corpo. Concentrou-se nos biscoitos, na lata de glicose e no copo de água na mesinha ao lado.

“Amala, eles vieram”, disse Mama.

“Boa tarde, *nno*”, disse ela, sem virar o rosto para eles.

“Como está você?”, perguntaram Odenigbo e Olanna, quase ao mesmo tempo.

Amala resmungou uma resposta. O rosto continuou voltado para a parede. No silêncio que se seguiu, Olanna escutou passos rápidos no corredor de fora. Já fazia alguns meses que ela sabia que esse momento chegaria, no entanto, olhando para Amala, sentiu um vazio escuro. Parte dela esperava que esse dia nunca acontecesse.

“Vamos ver a criança”, disse. Ao se virar para sair, junto com Odenigbo, reparou que Amala não havia mudado a posição do rosto, não havia se mexido, não fizera nada para mostrar que tinha escutado.

Na ala dos recém-nascidos, uma enfermeira pediu a eles que esperassem em um dos bancos enfileirados junto à parede. Olanna via, através das persianas, muitos berços e muitos bebês chorando, e imaginou que a enfermeira ficaria confusa e traria o bebê errado. Porém ela levou o bebê certo;

a cabeça forrada de cabelos maciamente crespos e os olhos muito espaçados eram inconfundíveis. Só tinha dois dias e já se parecia com Odenigbo.

A enfermeira fez menção de lhe entregar o bebê, envolto num cobertor branco de lã, mas Olanna fez um gesto para Odenigbo. "Deixa o pai segurá-la primeiro."

"Vocês sabem que a mãe se recusa a tocar na criança?", disse a enfermeira, entregando o bebê a Odenigbo.

"O quê?", disse Olanna.

"Ela não tocou na filha. Estamos usando uma ama-de-leite."

Olanna olhou para Odenigbo, que segurava o bebê com os braços estendidos, como se precisasse de uma certa distância. A enfermeira ia dizer algo mais quando apareceu um jovem casal e ela se apressou a ir ter com eles.

"Mama acabou de me contar", disse Odenigbo. "Disse que Amala não quer nem ver o bebê."

Olanna não respondeu.

"Eu vou acertar a conta", disse ele. Parecia estar pedindo desculpas.

Ela estendeu os braços e, assim que ele lhe entregou a criança, o choro estridente começou. Do outro lado da sala, a enfermeira e o casal olharam para ela e Olanna teve certeza de que eles sabiam que ela não fazia a menor idéia de como agir com um bebê aos berros no colo, que ela era incapaz de ficar grávida.

"Quietinha, quietinha, *o zugo*", disse ela, sentindo-se um tanto teatral. Porém a boca minúscula continuou aberta e torcida, e o choro era tão estridente que ela se perguntou se não doía naquele corpinho tão pequeno. Olanna enfiou o dedo mindinho no punho da menina. Aos poucos, o choro foi diminuindo, mas a boca minúscula continuou aberta, mostrando gengivas rosadas, e os olhos redondos se franziram e olharam para ela. Olanna riu. A enfermeira apareceu.

"Hora de levá-la para dentro", disse. "Quantos você tem?"

"Eu não tenho filhos", disse Olanna, satisfeita que a enfermeira tivesse pensado que tinha.

Odenigbo voltou e eles entraram no quarto de Amala, onde Mama, sentada na beira da cama, segurava uma tigela tampada. "Amala se recusa a comer", disse ela. "G*wakwa ya*. Diga a ela para comer."

Olanna pressentiu o incômodo de Odenigbo ao falar, com uma voz alta demais: "Você deve comer, Amala".

Amala resmungou qualquer coisa. Por fim, virou o rosto para eles e Olanna pôde vê-la: uma mocinha feiosa da roça, encolhida na cama como se para suportar mais um golpe furioso da vida. Nem uma vez ela olhou para Odenigbo. O que ela devia sentir por ele era um medo reverente. Se Mama a tinha mandado entrar no quarto do filho ou não, o fato é que ela não disse não porque nunca lhe passou pela cabeça que pudesse dizer não. Odenigbo deu um cantada embriagada em Amala e ela se submeteu prontamente, sem levantar objeção nenhuma: ele era o patrão, falava inglês, tinha carro. Foi tudo como deveria ser.

"Você escutou o que meu filho disse?", perguntou Mama. "Ele disse que você precisa comer."

"Eu ouvi, Mama." Amala sentou-se na cama e pegou a tigela esmaltada, os olhos voltados para o chão. Olanna a observava. Talvez fosse ódio o que sentia por Odenigbo. Quem pode saber quais os verdadeiros sentimentos daqueles que não têm voz? Olanna aproximou-se de Amala, mas não tinha certeza do que queria dizer, de modo que apanhou a lata de glicose, examinou-a e pôs de volta na mesinha. Mama e Odenigbo tinham saído do quarto.

"Eu vou embora", disse Olanna.

"Boa viagem", disse Amala.

Olanna queria lhe dizer algo, mas não conseguiu achar palavras, de modo que lhe deu um tapinha no ombro e saiu do quarto. Odenigbo e Mama conversaram ao lado do bebedouro por tanto tempo que os mosquitos começaram a morder Olanna, que resolveu entrar no carro e tocar a buzina.

"Desculpe", disse Odenigbo, ao entrar. Não falou nada do que a mãe e ele tinham conversado até chegarem aos portões do campus, em Nsukka, uma hora depois. "Mama não quer ficar com a criança."

"Ela não quer ficar com a criança?"

"Não."

Olanna sabia por quê. "Ela queria um menino."

"É." Odenigbo tirou a mão da direção para baixar um pouco mais o vidro da janela. Olanna encontrava um prazer culpado na humilhação que o inundara desde o parto de Amala. "Nós concordamos que ela vai ficar com

o pessoal de Amala. Eu vou a Abba na semana que vem para conversar com eles..."

"Nós vamos ficar com ela", disse Olanna. Assustou a si própria com a clareza com que articulara o desejo de ficar com o bebê e de como lhe parecia a coisa certa a fazer. Era como se sempre tivesse sido esse o seu desejo.

Odenigbo virou-se para ela com os olhos esbugalhados por trás dos óculos. Estava passando tão devagar por cima de um obstáculo de trânsito que receou que o carro fosse morrer. "Nossa relação é o mais importante, para mim, *nkem*", disse ele, baixinho. "Temos de tomar a decisão correta para nós."

"Você não estava pensando em nós quando engravidou a moça", disse Olanna, antes que pudesse se controlar; detestava a malícia que havia no seu tom de voz, o ressentimento renovado.

Odenigbo parou o carro na garagem. Parecia cansado. "Vamos pensar a respeito."

"Nós vamos ficar com ela", repetiu Olanna, com firmeza.

Podia criar uma criança, a filha dele. Compraria livros sobre maternidade, encontraria uma ama-de-leite e enfeitaria o quarto. Revirou-se na cama a noite inteira. Não sentira pena da criança. Ao contrário, ao segurar aquele corpinho morno, teve consciência de que era possível descobrir felicidades inesperadas, de que o nascimento não fora planejado, mas que se transformara, assim que ocorreu, naquilo que tinha de ser. Sua mãe não pensava dessa maneira; a voz ao telefone, no dia seguinte, estava grave, com o tom solene de alguém falando de um morto.

"*Nne*, você logo vai ter seu próprio filho. Não acho certo que você crie a filha de uma moça da roça que ele engravidou assim que você viajou. Criar um filho é uma coisa muito séria, minha filha, mas, nesse caso, não é a coisa certa."

Olanna segurava o fone e olhava para as flores no centro da mesa. Uma delas havia caído; era espantoso que Ugwu tivesse esquecido de tirá-la do vaso. Havia verdade nas palavras da mãe, ela sabia disso, no entanto também sabia que o bebê tinha a cara que ela sempre imaginara que teria uma filha sua com Odenigbo — cabelos fartos, olhos bem espaçados e gengivas rosadas.

"Os parentes dela vão lhe dar trabalho", disse a mãe. "A própria moça vai lhe dar trabalho."

"Ela não quer a criança."

"Então deixa com os parentes dela. Mande o que for preciso, mas deixe a criança lá."

Olanna soltou um suspiro. "*Anugo m*, vou pensar um pouco mais a respeito."

Ela pôs o fone no gancho, depois tornou a pegá-lo e deu à telefonista o número de Kainene em Port Harcourt. A telefonista tinha uma voz preguiçosa, fez Olanna repetir o número várias vezes e soltou uma risadinha, antes de fazer a conexão.

"Mas quanta nobreza, a sua", disse Kainene, depois que Olanna lhe contou.

"Não é nobreza, não."

"Você vai adotá-la formalmente?"

"Vou, acho que vou."

"E o que vai dizer a ela?"

"O que eu vou dizer a ela?"

"É, quando ela for mais velha."

"A verdade: que Amala é a mãe dela. E vou fazer com que me chame de Mami Olanna, ou algo parecido, porque assim, se Amala voltar, sempre será a mãe."

"Você está fazendo isso para agradar seu amante revolucionário."

"Não é não."

"Você está sempre tentando agradar todo mundo."

"Não estou fazendo isso por ele. Essa idéia não é dele."

"Então por que está fazendo isso?"

"Ela parecia tão indefesa. Foi como se eu já a conhecesse."

Kainene ficou calada por alguns instantes. Olanna puxou o fio do telefone.

"Eu acho que essa foi uma decisão muito corajosa", disse por fim.

Embora Olanna tivesse ouvido perfeitamente, perguntou: "O que foi que você disse?".

"É muita coragem sua fazer isso."

Olanna recostou-se na cadeira. A aprovação de Kainene, algo que até esse momento ela nunca tinha recebido, era como uma doçura em sua língua, um jorro de competência, um bom presságio. De repente, tomou a decisão final — traria a criança para casa.

"Você virá para o batismo dela?", perguntou Olanna.

"Eu ainda não visitei esse inferno poeirento de vocês, de modo que, sim, talvez eu vá."

Olanna desligou, sorrindo.

Mama levou o bebê embrulhado num xale marrom que tinha o cheiro desagradável de *ogiri*. Sentou-se na sala e arrulhou amorosamente com ela até Olanna aparecer. Depois se levantou e entregou-a.

"*Ngwanu*. Eu não demoro para vir visitá-la", disse. Parecia estar com uma pressa constrangida, como se para ela o assunto todo fosse fácil de acabar.

Depois que se foi, Ugwu examinou o bebê com uma fisionomia levemente preocupada. "Mama disse que o bebê parece a mãe dela. Que é a mãe dela nascida de novo."

"As pessoas se parecem, Ugwu, mas isso não quer dizer que são uma reencarnação."

"Mas elas reencarnam, *mah*. Todos nós vamos voltar um dia."

Olanna dispensou-o com um aceno. "Vá jogar este xale no lixo. Tem um cheiro horroroso."

O bebê estava chorando. Olanna sossegou a pequena, deu-lhe um banho numa pequena bacia e olhou preocupada para o relógio, com medo de que a ama-de-leite, uma mulher bem gorda que a tia de Ugwu descobrira, se atrasasse. Mais tarde, depois que a ama chegou, amamentou a criança e ela adormeceu, Olanna e Odenigbo olharam para o bebê, deitado de costas no berço, perto da cama dos dois. Sua pele era de um marrom irradiante.

"Ela tem tanto cabelo, igualzinha a você", disse Olanna.

"Você vai olhar para ela às vezes e me odiar."

Olanna deu de ombros. Não queria que ele pensasse que estava fazendo isso por ele, como um favor para ele, porque dizia muito mais respeito a ela que a ele.

"Ugwu disse que sua mãe foi ver o *dibia*", disse ela.

"O quê?"

"Ugwu acha que tudo isso aconteceu porque sua mãe foi ver o *dibia* e que o remédio que ele deu levou você a dormir com Amala."

Odenigbo calou-se por alguns momentos. “Imagino que é a única forma que ele tem de dar um sentido a isso.”

“O feitiço deveria ter produzido o menino desejado, não é mesmo?”, disse ela. “É tudo tão irracional.”

“Não mais irracional que acreditar num Deus cristão que ninguém pode ver.”

Estava acostumada às chacotas afetuosas que ele fazia de sua fé benemerente e teria dito que nem sabia ao certo se acreditava ou não num Deus cristão que não podia ver. Mas com um ser humano indefeso deitado no berço, alguém tão dependente dos outros que sua própria existência tinha de ser prova de um bem maior, as coisas haviam mudado.

“Eu acredito sim”, disse ela. “Acredito num bom Deus.”

“Eu não acredito em deus nenhum.”

“Eu sei. Você não acredita em nada.”

“No amor”, disse ele, olhando para ela. “Eu acredito no amor.”

Ela não pretendia rir, mas a risada veio assim mesmo. Ela queria dizer que também o amor era irracional. “Temos de pensar em um nome”, disse.

“Mama lhe deu o nome de Obiageli.”

“Nós não podemos batizá-la com esse nome.” A mãe de Odenigbo não tinha o menor direito de dar nome a uma criança que rejeitou. “Nós vamos chamá-la de Baby, por enquanto, até encontrarmos o nome perfeito. Kainene sugeriu Chiamaka. Sempre gostei desse nome: Deus é belo. Kainene será a madrinha. Tenho de ir falar com o padre Damian sobre o batismo.” Faria compras em Kinsgway. Encomendaria uma peruca nova em Londres. Sentia-se zonza.

Baby se mexeu e uma nova onda de medo tomou conta de Olanna. Olhou para o cabelo brilhante de óleo Pears e se perguntou se conseguiria de fato criar uma criança. Sabia que era normal, o jeito como ela respirava rápido demais, como se estivesse ofegante, e no entanto se preocupava até com isso.

Nas primeiras vezes em que ligou para a casa da irmã, naquela tarde, não houve resposta. Talvez Kainene estivesse em Lagos. Ligou novamente à noite e, quando Kainene atendeu e disse? “Alô”, parecia rouca.

“*Ejima m*”, disse Olanna. “Está resfriada?”

“Você trepou com Richard.”

Olanna levantou-se.

"Você, a boazinha." A voz de Kainene estava controlada. "A boazinha não devia trepar com o amante da irmã."

Olanna afundou de novo no pufe e percebeu que o que sentia era alívio. E Kainene sabia disso. Ela não teria mais que se preocupar com o fato de a irmã descobrir. Estava livre para sentir remorso de verdade.

"Eu devia ter contado para você, Kainene. Não significou nada."

"Claro que não significou nada. Afinal, foi só uma questão de trepar com o meu amante."

"Não foi essa a minha intenção." Olanna sentiu as lágrimas nos olhos. "Kainene, eu sinto muito mesmo."

"Por que você trepou com ele?" Kainene parecia assustadoramente calma. "Você é a boazinha, a favorita, a beldade da família e a revolucionária africanista que não gosta de homens brancos. Pura e simplesmente, não precisava trepar com ele. Então por que trepou?"

Olanna respirava devagar. "Eu não sei, Kainene, não foi algo que eu tenha planejado. Eu sinto muito. Foi imperdoável."

"É imperdoável", disse Kainene, e desligou.

Olanna pôs o fone no gancho e sentiu um estalo ardido dentro do corpo. Conhecia muito bem a irmã gêmea, sabia o quanto Kainene se apegava à dor.

24.

A vontade de Richard era dar uma surra em Harrison. Sempre o surpreendera pensar que alguns ingleses colonialistas chicoteavam seus criados negros idosos. Agora, porém, sentia vontade de fazer o mesmo. Queria botar Harrison deitado de barriga no chão e bater, bater e bater, até ele aprender a manter a boca fechada. Se ao menos não lhe tivesse ocorrido a idéia de levar Harrison junto. Mas ele iria passar uma semana inteira lá, e não queria deixá-lo sozinho em Nsukka. No primeiro dia, Harrison, como se para justificar sua visita, cozinhou uma comida complicada: uma sopa de feijão e cogumelos, um mexido de papaia, frango no creme de leite salpicado de folhas verdes e uma torta de limão de sobremesa.

"Está delicioso, Harrison", disse Kainene, com um brilho malicioso no olhar. Estava de bom humor; puxara Richard para seus braços depois que ele chegara e dançara com ele pelo chão encerado da sala, de brincadeira.

"Obrigado, madame", disse Harrison, curvando-se.

"E você cozinha essas coisas na sua casa?"

Harrison parecia ter se magoado. "Eu não cozinho na casa, madame. Minha mulher faz comida nativa."

"Claro."

"Eu cozinho qualquer tipo de comida européia, qualquer coisa que meu patrão está comendo no país dele."

"Deve ser difícil para você comer comida *nativa* quando vai para casa, então." Kainene enfatizou a palavra *nativo*, e Richard se segurou para não dar risada.

"É, madame." Harrison curvou-se de novo. "Mas precisa me virar."

"Esta torta está mais gostosa do que a que eu comi na última vez em que estive em Londres."

"Obrigado, madame." Harrison sorria de orelha a orelha. "Meu patrão diz que todo mundo na casa do senhor Odenigbo fala igual. Eu às vezes faço para ele levar para lá, mas agora não faço mais nada para a casa do senhor Odenigbo, desde a vez em que ele grita com meu patrão. Grita feito louco e a rua inteira ouve. Ele não tem cabeça muito certa."

Kainene virou-se para Richard e arqueou as sobrancelhas. Richard deixou cair o copo de água.

"Eu vou pegar pano, *sah*", disse Harrison, e Richard teve de se controlar para não pular em cima dele e estrangulá-lo.

"Do que o Harrison está falando?", perguntou Kainene, depois que a água foi enxugada. "O revolucionário gritou com você?"

Ele poderia ter mentido. Nem Harrison sabia exatamente quais eram os motivos que levaram Odenigbo até sua casa, aquela noite, para berrar com ele. Mas não mentiu, porque temia não conseguir mentir direito e teria no fim que lhe contar a verdade, tornando tudo duas vezes mais danoso. De modo que contou o que acontecera. Falou do ótimo Borgonha branco que ele e Olanna tomaram e de como, depois, se sentiu roído de remorsos.

Kainene empurrou o prato e pôs os cotovelos na mesa, o queixo apoiado de leve nas mãos cruzadas. Não disse nada por muitos longos minutos. Richard não sabia como interpretar a expressão em seu rosto.

"Espero que você não me venha com pedidos de *perdão*", disse por fim. "Não há nada mais banal."

"Por favor, não me peça para ir embora."

Ela pareceu surpresa. "Ir embora? Isso seria fácil demais, você não acha?"

"Me desculpe, Kainene."

Richard se sentia transparente; ela olhava para ele, mas era como se pudesse ver o entalhe de madeira pendurado atrás dele. "Quer dizer então que você tem tesão na minha irmã. Que falta de originalidade", disse ela.

"Kainene", disse ele.

Ela se levantou. "Ikejide!", chamou. "Venha tirar a mesa."

Estavam saindo da sala de jantar quando o telefone tocou. Ela ignorou. Mas ele continuou tocando até que ela resolveu atender. Voltou para o quarto e disse: "Era Olanna".

Richard olhou para ela, implorando com os olhos.

"Teria sido desculpável se fosse qualquer outra mulher. Não minha irmã", disse ela.

"Eu sinto tanto, tanto."

"Acho melhor você dormir no quarto de hóspedes."

"Claro, lógico."

Ele não sabia o que ela estava pensando. Era o que mais o assustava, o fato de não fazer idéia do que lhe passava pela cabeça. Deu uns tapas no travesseiro, arranjou o cobertor de novo, sentou-se na cama e tentou ler. Porém a mente estava ativa demais para que o corpo ficasse parado. Preocupava-o a possibilidade de Kainene ligar para Madu e contar o ocorrido, e que Madu desse risada, dizendo: "Ele foi um erro desde o começo, largue dele, largue dele, largue dele". Por fim, antes de pegar no sono, lembrou-se das palavras curiosamente reconfortantes de Molière: *A felicidade ininterrupta é uma caceteação; ela sempre deve ter altos e baixos.*

Kainene o cumprimentou com uma fisionomia estóica na manhã seguinte.

A chuva caía pesado no telhado e o céu nublado empalidecia a sala de jantar. Kainene tomava uma xícara de chá e lia o jornal com a luz acesa.

"Harrison está fazendo panquecas", disse ela, voltando a se concentrar no jornal. Richard sentou na sua frente, sem saber o que fazer, culpado demais até para servir o próprio chá. O silêncio dela e os barulhos e cheiros vindos da cozinha o deixaram meio claustrofóbico.

"Kainene", disse ele. "Será que podemos conversar?"

Ela ergueu a vista e ele reparou, primeiro, que estava com os olhos inchados e vermelhos, depois que havia muita raiva e mágoa neles. "Nós conversaremos quando eu quiser conversar, Richard."

Ele olhou para baixo, como uma criança levando um pito, e, de novo, sentiu medo de que ela o mandasse embora para sempre.

A campainha tocou antes do meio-dia e, quando Ikejide veio dizer que a irmã de madame estava na porta, Richard pensou que Kainene fosse mandar que ele fechasse na cara dela. Mas não foi o que aconteceu. Kainene pediu a Ikejide que servisse bebidas e foi até a sala de estar; do topo da escada, onde se plantou, Richard tentou escutar o que era dito. Escutou a voz chorosa de Olanna, mas não conseguiu entender o que ele estava dizendo. Odenigbo falou muito rapidamente, num tom que parecia inusita-

damente calmo. Depois Richard escutou a voz de Kainene, clara e nítida. "É tolice esperar que eu perdoe isso."

Houve um silêncio curto e depois o ruído de uma porta sendo aberta. Richard correu até a janela para ver o carro de Odenigbo dando marcha a ré, o mesmo Opel azul que tinha parado no seu *compound* na rua Imoke, e de onde saíra Odenigbo, um homem troncudo, em roupas bem passadas, berrando: "Eu quero que você fique longe da minha casa! Entendeu bem? Fique longe da minha casa! Nunca mais volte a me visitar!". Na varanda, Richard se perguntava se Odenigbo iria esmurrá-lo. Mais tarde, percebeu que Odenigbo não tinha intenção de bater nele, talvez nem o considerasse digno de um murro, e essa idéia o deixara deprimido.

"Ficou escutando?", perguntou Kainene, entrando no quarto. Richard virou-se da janela, mas ela não esperou pela resposta dele e continuou, em tom brando: "Eu tinha esquecido o quanto o revolucionário parece um boxeador, na verdade — se bem que com *finesse*.

"Eu jamais poderei me perdoar se eu perder você, Kainene."

A fisionomia dela não mostrava nada. "Peguei seu manuscrito do escritório, hoje de manhã, e queimei", disse ela.

Richard sentiu dentro do peito um amontoado de emoções que não saberia nomear. "O cesto de mãos", a profusão de páginas que, finalmente, começava a acreditar que fosse se tornar um livro, tinha virado cinza. Ele jamais conseguiria reproduzir a energia desenfreada que viera com as palavras. Mas isso não importava. O que importava é que, ao queimar o manuscrito, Kainene mostrara que não iria terminar o relacionamento; não teria se dado ao trabalho de lhe causar tristeza se não fosse ficar. Talvez Richard não fosse um escritor de verdade, no fim das contas. Ele tinha lido não lembrava onde que, para o escritor verdadeiro, não existe nada mais importante que sua arte, nem mesmo o amor.

6. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Ele escreve sobre o mundo, que permaneceu calado enquanto os biafrenses morriam. Argumenta que a Grã-Bretanha inspirou esse silêncio. As armas e o conselho que os britânicos deram à Nigéria formou outros países. Nos Estados Unidos, Biafra estava "sob a esfera de interesses britânicos". No Canadá, o primeiro-ministro deixou escapar: "Onde é que fica Biafra?". A União Soviética enviou técnicos e aviões à Nigéria, vibrando com a possibilidade de influir na África sem ofender norte-americanos e britânicos. E, de suas posições de supremacia branca, África do Sul e Rodésia olharam triunfantes para mais uma prova de que governos liderados por negros estavam fadados ao fracasso.

A China comunista denunciou o imperialismo anglo-americano-soviético, mas nada fez para apoiar Biafra. Os franceses venderam armamentos a Biafra, mas não deram o reconhecimento de que o país mais precisava. E muitos países negros da África, temendo que a independência de Biafra desencadeasse outras secessões, deram seu apoio à Nigéria.

QUARTA PARTE
FIM DOS ANOS 60

25.

Olanna tinha sobressaltos toda vez que ouvia um trovão. Imaginava outro reide aéreo, bombas caindo dos aviões e explodindo em volta da casa, antes que ela, Odenigbo, Baby e Ugwu pudessem chegar ao bunker no fim da rua. Às vezes, via o próprio bunker desmoronar e esmagar todos eles na lama. Odenigbo e alguns outros homens da vizinhança tinham construído o abrigo antiaéreo numa semana; depois de escavar o buraco, tão grande quanto um salão, e de ter posto o telhado com troncos de palmeira besuntados de argila, ele tinha dito: "Agora estamos a salvo, *nkem*. Estamos a salvo". Mas na primeira vez em que foi mostrar a ela como descer os degraus irregulares, Olanna viu uma cobra enroscada num canto. Sua pele negra rebrilhava em pontos prateados e grilos minúsculos saltavam de lá para cá; no silêncio do subterrâneo úmido que lembrava uma tumba, Olanna gritou.

Odenigbo deu uma paulada na cobra e disse a ela que iria verificar a cobertura de zinco, na entrada do bunker, para que ficasse sempre bem fechada. A calma dele a espantava. O tom tranquilo que usava para enfrentar a nova realidade a deixava estupefata. Quando os nigerianos mudaram a moeda e a Rádio Biafra apressadamente anunciou também uma nova moeda, Olanna ficou na fila do banco durante horas, driblando a violência dos homens e os empurrões das mulheres, até conseguir trocar o dinheiro deles pelas libras de Biafra, tão mais bonitas que o dinheiro nigeriano. No dia seguinte, durante o café-da-manhã, ela ergueu o envelope de tamanho médio com as notas e disse: "É todo o dinheiro que temos".

Odenigbo parecia estar achando graça. "Nós dois estamos ganhando, *nkem*."

"Este é o segundo mês que eles adiam seu pagamento", disse ela, pondo o saquinho de chá que estava no pires dele em sua xícara. "E você não pode chamar o que eles me pagam em Akwakuma de salário."

"Logo, logo recuperamos a nossa antiga vida em uma Biafra livre", disse ele, com suas palavras de hábito, ditas com a tranquilidade vigorosa de hábito, tomando seu chá.

Olanna pôs a xícara contra o rosto, para esquentar e adiar o primeiro gole de um chá fraco, feito com um saquinho usado. Quando ele se levantou e lhe deu um beijo de até-logo, ela se perguntou por que motivo Odenigbo não se assustava com o pouco que tinham. Talvez porque não fosse ao mercado, ele mesmo. Não reparava que uma xícara de sal custava um xelim a mais, toda semana, que as galinhas eram partidas em pedacinhos cada vez menores e que, ainda assim, eram caros demais, e que ninguém mais vendia arroz em sacos grandes, porque não havia quem pudesse comprá-los. À noite, ficou calada, enquanto os movimentos dele aumentavam de intensidade. Era a primeira vez que se sentia distante; enquanto ele murmurava coisas em seu ouvido, ela se lamentava pelo dinheiro que ficara no banco de Lagos.

"*Nkem*? Tudo bem com você?", perguntou ele, erguendo o corpo para olhá-la.

"Tudo."

Ele sugou seu lábio inferior, antes de rolar de cima dela e cair no sono. Olanna nunca notara como o ronco dele era áspero. Estava cansado. A longa caminhada até o Diretório dos Efetivos e a absoluta estupidez de ficar compilando nomes e endereços dia após dia o deixavam exausto, ela sabia, no entanto Odenigbo voltava para casa todos os dias com os olhos brilhantes. Afiliara-se ao Corpo de Ativistas; após o trabalho, iam até os povoados vizinhos ensinar as pessoas. Olanna sempre o imaginava em pé, no meio de um bando de gente fascinada, falando naquela sua voz sonora sobre a grande nação que Biafra seria. Seus olhos viam o futuro. E por isso ela nunca lhe disse que lamentava não ter o que tinha antes, coisas diferentes em dias diferentes, toalhas de mesa com bordados prateados, o carro, biscoitos com recheio de morango para Baby. Não contou a ele que, às vezes, quando via Baby correndo com as crianças da redondeza, tão indefesa e feliz, tinha vontade de pegá-la no colo e pedir desculpas. Não que Baby fosse entender.

Desde o dia em que a professora Muokelu, que dava aula no Grupo Escolar de Akwakuma, lhe contou sobre crianças que os soldados forçavam a entrar num caminhão e que voltavam à noite com as palmas das mãos raladas e sangrando, de tanto moer mandioca, Olanna pedira a Ugwu para nunca perder Baby de vista. Não que acreditasse, de fato, que os soldados achariam alguma serventia numa criança assim tão nova. Mas os reides aéreos a preocupavam. Olanna tinha um sonho recorrente. Esquecia-se de Baby e corria para o bunker. No fim do bombardeio, saía e tropeçava num corpo calcinado de criança, com as feições tão enegrecidas que não podia garantir se era Baby ou não. Esse sonho a perseguia. Fez Baby correr até o bunker. Pediu a Ugwu para correr com Baby no colo até o bunker. Ensinou Baby a se abrigar, caso não houvesse tempo de chegar ao bunker — a deitar bem retinha com a barriga no chão, as mãos sobre a cabeça.

Ainda assim, achava que não tinha feito o suficiente, e que o sonho pressagiava alguma negligência que acabaria sendo danosa para Baby. Quando, no fim da estação de chuvas, Baby teve uma tosse que assobiava no peito, Olanna sentiu alívio. *Alguma coisa* tinha acontecido com ela. Se os céus fossem justos, as desgraças seriam mutuamente excludentes; já que Baby estava doente, não poderia ser ferida num reide aéreo. Uma tosse era algo que Olanna podia controlar; um reide aéreo, não.

Levou a menina até o hospital Albatross. Ugwu tirou as folhas de palmeira empilhadas sobre o carro de Odenigbo, mas cada vez que ela girava a chave, o motor zunia e morria. Por fim, Ugwu empurrou até ele pegar. Ela dirigia devagar e pisava no breque toda vez que Baby começava a tossir. Na barreira, onde havia um enorme tronco atravessado na estrada, ela disse aos defensores civis que sua filha estava muito doente, eles disseram *sinto muito* e não revistaram nem o carro nem a bolsa. O corredor sombrio do hospital cheirava a urina e penicilina. Havia mulheres sentadas com filhos no colo, de pé com os filhos nos quadris, e a conversa delas se misturava com choro. Olanna lembrou-se do doutor Nwala, que fora ao seu casamento. Mal reparara nele até haver o bombardeio e ele dizer: "A lama vai manchar seu vestido". Ele tinha ajudado Olanna a se levantar, ainda envolta na camisa de Okeoma.

Disse às enfermeiras que era uma velha colega dele.

"É urgentíssimo", disse, mantendo o sotaque britânico bem nítido e a cabeça erguida. Uma enfermeira a levou até o consultório na hora. Uma das

mulheres sentadas no corredor xingou. "*Tufiakwa*! A gente tem que ficar aqui esperando desde a madrugada! Será por que não falamos pelo nariz, feito os brancos?"

O dr. Nwala levantou o corpo esguio da cadeira e veio apertar a mão dela. "Olanna", disse ele, olhando para seus olhos.

"Como vai o senhor, doutor?"

"Vamos levando", disse ele, dando um tapinha no ombro de Baby. "Como está você?"

"Muito bem. Okeoma veio nos visitar na semana passada."

"Pois é, ele ficou um dia comigo." Estava com os olhos postos nela, mas, para Olanna, era como se não estivesse escutando, como se na verdade não estivesse ali. Parecia perdido.

"Baby está com uma tosse já faz alguns dias", disse Olanna em voz bem alta.

"Ah." Ele se virou para Baby. Pôs o estetoscópio no peito dela e murmurou *ndo* quando ela tossiu. Quando foi até o armário para conferir alguns frascos e caixas de remédio, Olanna sentiu pena dele, sem saber ao certo por quê. O médico passou tempo demais olhando tão poucas coisas.

"Vou lhe dar um xarope para tosse, mas ela precisa de antibióticos, e infelizmente não temos mais nada aqui", disse ele, fitando-a de novo com aquele jeito estranho de olhar do qual era impossível escapar. Sua expressão era de fadiga e melancolia. Olanna se perguntou se ele teria perdido algum ente querido recentemente.

"Vou lhe dar uma receita e você pode tentar conseguir com essa gente que negocia essas coisas, mas tem de ser alguém confiável, claro."

"Claro", repetiu Olanna. "Eu tenho uma amiga, a professora Muokelu, que pode ajudar."

"Muito bem."

"O senhor deveria vir nos visitar, quando tiver um tempinho", disse Olanna, levantando-se.

"Vou sim." Ele pegou a mão dela e segurou-a um pouco mais do que deveria.

"Obrigada, doutor."

"Pelo quê? Eu não posso fazer muita coisa." Fez um gesto na direção da porta e Olanna sabia que estava se referindo às mulheres esperando do lado de fora. Ao sair, deu uma olhada no armáno quase vazio de remédios.

Pela manhã, Olanna atravessou correndo a praça da cidade, a caminho do Grupo Escolar de Akwakuma. Sempre fazia isso, em lugares abertos, correr até alcançar a sombra densa das árvores, que lhe dariam boa cobertura em caso de um ataque aéreo. Havia algumas crianças debaixo da mangueira, no *compound* da escola, atirando pedras nas frutas. Ela gritou: "Já para a classe, *osiso*!", e eles se espalharam por alguns instantes, antes de voltar a se concentrar nas mangas. Escutou a gritaria, quando uma das frutas caiu, e, depois, vozes alteradas, brigando para saber quem tinha atirado a pedra que derrubara a manga.

A professora Muokelu estava na sua classe, mexendo no sino. Os pêlos grossos e pretos nos braços e pernas, a penugem sobre o lábio e os fiapos enroscados no queixo muitas vezes faziam Olanna pensar que ela talvez fosse mais feliz se tivesse nascido homem.

"Sabe onde posso comprar antibióticos, minha irmã?", perguntou, depois que se abraçaram. "Baby está com tosse e eles não tinham nada no hospital."

A professora Muokelu cantarolou por um tempo, para mostrar que estava pensando. O rosto de Sua Excelência refulgia na estampa do bubu que usava todos os dias; era muito frequente ela dizer que não usaria mais nada até o Estado de Biafra ter se estabelecido totalmente.

"Qualquer um pode vender remédio, mas quem é que sabe quem mistura giz no quintal e chama de Nivaquina?", disse ela. "Me dá o dinheiro que eu vou falar com Mama Onitsha. Ela é de confiança. E lhe vende até a cueca suja de Gowon se você pagar o preço certo."

"Vamos deixar que ela fique com a cueca e nos dê só o remédio." Olanna estava rindo.

A professora Muokelu sorriu e apanhou o sino. "Eu tive uma visão ontem", disse ela. O bubu era longo demais para corpo tão curto; arrastava no chão e Olanna tinha medo que ela acabasse tropeçando e caindo.

"Que visão foi essa?", perguntou Olanna. A professora Muokelu sempre tinha visões. Da última vez, vira Ojukwu em pessoa comandando a batalha no setor de Ogoja, o que significava que o inimigo tinha sido completamente varrido da área.

"Guerreiros tradicionais de Abiriba usaram arcos e flechas e acabaram com os vândalos no setor de Calabar. *I makwa*, as crianças estavam andando por cima dos ossos para ir até o rio."

"É mesmo?", disse Olanna, mantendo o rosto sério.

"O que quer dizer que a cidade de Calabar nunca vai se entregar", disse a professora Muokelu, começando a tocar o sino. Olanna viu os movimentos rápidos do braço masculino. No fundo, não tinham nada em comum, ela e essa mulher nascida em Eziowelle, uma professora primária pouco instruída que acreditava em visões. Entretanto, a professora sempre lhe parecera conhecida. Não porque trançasse o cabelo e fosse com ela às reuniões dos Serviços Voluntários Femininos, e tampouco por lhe ensinar a melhor maneira de preservar legumes, e sim porque transpirava destemor, um destemor que a fazia se lembrar de Kainene.

Aquela noite, quando Muokelu apareceu com os comprimidos de antibiótico embrulhados em jornal, Olanna perguntou-lhe se não queria entrar e mostrou a ela uma foto de Kainene sentada ao lado da piscina, com um cigarro na boca.

"Esta é minha irmã gêmea. Ela mora em Port Harcourt."

"Irmã gêmea!", exclamou ela, mexendo com a metade de um sol amarelo de plástico que usava pendurado no pescoço, preso num cordão. "As maravilhas não terminam nunca. Eu não sabia que você tinha uma irmã gêmea, e, *nekene*, ela não parece nem um pouco com você."

"Nós temos a mesma boca", disse Olanna.

A professora Muokelu deu mais uma olhada na foto e balançou a cabeça. "Ela não se parece nem um pouco com você", repetiu.

* * *

O antibiótico amarelou os olhos de Baby. A tosse melhorou, já não assobiava tanto e não vinha lá do fundo do peito, mas o apetite dela sumiu. Ela empurrava o *garri* no prato e deixava a papinha intocada, até congelar numa maçaroca que parecia cera. Olanna gastou quase todo o dinheiro do envelope comprando biscoitos e balas de caramelo de uma mulher que negociava por trás das linhas inimigas, porém Baby apenas mordiscava. Punha a menina no colo e forçava pedacinhos de cará amassado em sua boca, e, quando Baby engasgava e começava a chorar, Olanna também tinha que

lutar para conter as lágrimas. Seu maior medo é que Baby morresse. E ele estava lá, aquele medo supurado, sublinhando tudo que pensava e fazia. Odenigbo largou as atividades do Corpo de Ativistas e voltava correndo para casa; Olanna sabia que ele tinha o mesmo medo que ela. Mas não falaram a respeito; temiam que, se verbalizassem seus receios, tornariam a morte de Baby iminente, até o dia que em que Olanna sentou, olhando Baby dormir, enquanto Odenigbo se vestia para ir trabalhar. A voz sonora de alguém na Rádio Biafra enchia o quarto.

Esses Estados africanos se tornaram presas do complô anglo-americano, que usa as recomendações da comissão como pretexto para apoiar maciçamente os fantoches vacilantes do regime neocolonialista da Nigéria.

"Isso mesmo!", disse Odenigbo, abotoando a camisa com movimentos rápidos.

Na cama, Baby se mexeu. O rosto tinha perdido as gordurinhas e estava estranhamente adulto, afundado, com a pele fina. Olanna olhou para ela.

"Baby não vai conseguir", disse baixinho.

Odenigbo parou e olhou para ela. Desligou o rádio, aproximou-se e segurou sua cabeça contra a barriga. Como não disse nada, a princípio, o silêncio dele virou confirmação de que Baby iria morrer. Olanna afastou a cabeça.

"É normal que ela tenha perdido o apetite", disse ele por fim. Mas, no tom, faltava a certeza a que Olanna se acostumara.

"Veja quanto ela já emagreceu!", disse Olanna.

"*Nkem*, a tosse está melhorando e o apetite dela vai voltar." Ele começou a pentear o cabelo. Ela estava brava com ele por não ter dito o que queria ouvir, por não acreditar no poder do destino, por dizer que Baby ficaria bem, e por ser normal o suficiente para continuar se vestindo para o trabalho. O beijo que ele lhe deu antes de sair foi rápido, sem aquela costumeira e firme pressão da boca, e também por isso Olanna o censurou. As lágrimas encheram seus olhos. Lembrou-se de Amala. Amala não tinha feito contato desde o dia em que Olanna visitara o hospital, e agora ela se perguntava se teria de contar a Amala, caso Baby morresse.

A menina bocejou e acordou. "Bom dia, Mami Ola." Até a vozinha era frágil.

"Baby, *ezigbo nwa*, como vai você?" Olanna pegou Baby no colo, abraçou-a, soprou em seu pescoço e lutou para conter as lágrimas. Ela parecia tão franzina, tão leve. "Você não quer comer uma papinha, meu amor? Ou um pouco de pão? O que você quer?"

Baby balançou a cabeça. Olanna estava tentando persuadi-la a tomar um pouco de Ovomaltine quando a professora Muokelu apareceu com uma sacola de ráfia e um sorriso muito satisfeito.

"Eles abriram um centro assistencial na avenida Bishop e eu dei uma passada por lá esta manhã", disse ela. "Peça a Ugwu para me trazer uma tigela."

Ela despejou um pó amarelo na tigela. "Frita isso para ela."

"Fritar?"

"Tem alguma coisa nos ouvidos? Misture com um pouco de água e frite, *osiso*! Eles dizem que as crianças adoram o gosto dessa coisa."

Ugwu lhe deu uma olhada comprida e foi para a cozinha. A gema desidratada de ovo, frita em óleo vermelho de dendê, parecia meio encharcada, e irritantemente colorida no prato. Baby comeu até o fim.

O centro assistencial já fora um ginásio para meninas. Olanna imaginou o terreno murado e gramado, antes da guerra, cheio de jovens correndo para suas classes, pela manhã, e se esgueirando até o portão para encontrar os rapazes do colégio público na mesma rua, um pouco adiante. Agora era madrugada e o portão estava trancado. Uma imensa multidão esperava do lado de fora. Olanna parou muito sem graça entre homens, mulheres e crianças que pareciam, todos eles, acostumados a ficar esperando, diante de um portão de ferro enferrujado, até que ele se abrisse e pudessem entrar e receber a comida doada por estranhos de outros países. Sentiu-se desconcertada. Parecia estar fazendo algo impróprio, algo que não era ético — conseguir comida em troca de nada. Dentro do terreno da antiga escola, podia ver pessoas se movendo, mesas com pilhas de sacos de comida e uma placa em que estava escrito CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. Algumas mulheres, agarradas aos cestos, olhavam por cima do portão e resmungavam que o pessoal da assistência estava desperdiçando tempo. Os homens conversavam entre si; o mais velho usava o chapéu vermelho de chefe, com

uma pena de enfeite. A voz de um rapaz se alçou sobre as outras, estridente, falando tolices, como uma criança aprendendo a falar.

"É trauma de guerra", cochichou a professora Muokelu, como se Olanna não soubesse. Foi a única vez que falou. Aos poucos, ela tinha avançado até a frente do portão, incentivando Olanna a seguir cada passo seu. Alguém mais atrás começara a falar sobre uma vitória biafrense. "Estou dizendo a você, todos os soldados hauçás deram meia-volta e fugiram, tinham visto algo muito maior que eles..." A voz sumiu quando um homem que estava dentro da escola se aproximou do portão. Sua camiseta, TERRA DO SOL NASCENTE escrito em negro, era larga em torno do corpo esbelto e, na mão, levava um maço de papéis. Andava com ar de importância, os ombros erguidos. Era o supervisor.

"Ordem! Ordem!", disse ele, abrindo o portão.

A investida súbita e desordenada da multidão surpreendeu Olanna. Sentiu-se empurrada; o corpo oscilou. Era como se todos a tivessem afastado num único movimento calculado, uma vez que não era um deles. O velho que estava a seu lado lhe deu uma cotovelada firme ao sair em disparada para a escola. A professora Muokelu estava mais adiante, avançando para uma das mesas. O velho do chapéu com a pena caiu, levantou imediatamente e continuou sua corrida trôpega para a fila. Olanna se surpreendeu com os membros da milícia, fustigando a todos com longos chicotes e gritando "Ordem! Ordem!", e com as fisionomias severas das mulheres sentadas às mesas, que se inclinavam, punham algo no cesto estendido e depois diziam "Sim! Próximo!"

"Vai para aquela ali!", disse a professora Muokelu, quando Olanna se aproximou dela. "Aquela ali é a fila da gema de ovo! Vai para lá! Esta aqui é de caldo de peixe."

Olanna entrou na fila e se controlou para não empurrar a mulher que tentou expulsá-la. Deixou que ela ficasse na sua frente. A incongruência de fazer fila para pedir comida a deixava constrangida, desfigurada. Cruzou os braços, depois os soltou ao lado do corpo e voltou a cruzá-los. Estava perto da frente quando reparou que o pó que elas estavam pondo nos sacos e tigelas não era amarelo e sim branco. Não era gema de ovo, era maisena. A fila da gema de ovo era a outra. Olanna foi correndo até lá, mas a mulher que estava distribuindo as gemas se levantou e disse: "A gema de ovo acabou! *O gwula*!".

O pânico invadiu o peito de Olanna. Correu atrás da mulher. "Por favor", disse ela.

"O que é?", perguntou ela. O supervisor, parado quase ao lado, virou-se para olhar para Olanna.

"Minha filhinha está doente...", disse Olanna.

A mulher cortou a conversa. "Entre naquela fila para o leite."

"Não, não, ela não tem comido nada, mas comeu a gema de ovo." Olanna segurou no braço da mulher. "*Biko*, por favor, eu preciso da gema de ovo."

A mulher desvencilhou-se com um puxão e apressou o passo para entrar no prédio, batendo a porta. Olanna permaneceu ali. O supervisor, ainda olhando atentamente para ela, se abanou com o maço de papéis e disse: "*Ehe*! Eu conheço você".

Ela não se lembrava nem da cabeça calva nem do rosto barbado. Virou-se para se afastar porque tinha certeza de que seria mais um daqueles homens que diziam conhecê-la só para ter a oportunidade de passar uma cantada.

"Eu já vi você antes", disse ele. Aproximou-se, já sorrindo, mas não o sorriso malicioso que ela esperava; sua fisionomia era franca e ele parecia encantado. "Faz alguns anos, no aeroporto de Enugu, quando fui receber meu irmão, que voltava do exterior. Você falou com minha mãe. *I kasiri ya obi*. Acalmou-a quando o avião pousou e não parou imediatamente."

Aquele dia no aeroporto voltou muito apagado à lembrança de Olanna. Devia fazer uns sete anos. Lembrou-se do sotaque do mato que ele tinha, de sua agitação nervosa e também que ele lhe parecera bem mais velho do que agora.

"É você?", perguntou ela. "Mas como foi que me reconheceu?"

"Como é que alguém consegue esquecer um rosto como o seu? Minha mãe sempre conta a história de uma bela mulher que segurou sua mão. Todos na minha família conhecem essa história. Toda vez que alguém comenta o retorno do meu irmão, ela conta de novo."

"E como vai seu irmão?"

O orgulho iluminou o rosto do rapaz. "Ocupa cargo importante no governo. Foi ele que me deu este emprego aqui."

Olanna se perguntou na hora se ele poderia ajudá-la a conseguir mais gema de ovo. Mas o que disse foi: "E a sua mãe, está bem?".

"Muito bem. Ela está em Orlu, na casa do meu irmão. Ela ficou muito doente quando minha irmã mais velha demorou a voltar de Zaria; todos nós achamos que aqueles animais tinham feito com ela o que fizeram com os outros, mas ela voltou — tinha amigos hauçás que ajudaram —, e minha mãe melhorou. Vai ficar feliz quando eu contar que vi você."

Parou de falar para olhar para uma das mesas onde duas jovens discutiam sobre comida. "Estou lhe dizendo que este caldo de peixe é meu", dizia uma delas. "*Ngwanu*", dizia a outra, "nós duas vamos morrer hoje."

O rapaz voltou a olhá-la. "Deixa eu ver o que está acontecendo por lá. Mas espere no portão. Vou mandar alguém levar um pouco de gema de ovo para você."

"Obrigada." Olanna ficou aliviada com a oferta, mas assim mesmo se sentia sem graça com a troca. No portão, tentou se esconder; era como se fosse uma ladra.

"Okoromadu me mandou procurá-la", disse uma jovem, a seu lado, e Olanna quase deu um pulo de susto. A moça pôs um saco em sua mão e voltou para a escola. "Agradeça a ele por mim", gritou Olanna. Se ela ouviu, não se virou para dizer que ouvira. O peso do saquinho parecia dissipar seus temores enquanto esperava pela professora Muokelu; mais tarde, enquanto via Baby comer tudo, até só restar o óleo no prato, perguntava-se como ela podia suportar o horrendo gosto de plástico da gema de ovo desidratada.

Quando Olanna voltou ao centro de assistência, Okoromadu falava com as pessoas no portão. Algumas mulheres seguravam as esteiras de dormir enroladas debaixo do braço; tinham passado a noite na frente do portão.

"Não temos nada para vocês hoje. O caminhão que trazia nossos suprimentos de Awomama foi sequestrado na estrada", disse ele, no tom comedido com que um político se dirige a seus eleitores. Olanna o observava. Ele gostava disso, do poder que vinha de saber se um grupo de pessoas iria comer ou não. "Temos escoltas militares, mas são os soldados que estão nos atacando. Eles ergueram uma barricada e levaram tudo que tinha no caminhão; chegaram a bater nos motoristas. Venham na segunda-feira, talvez a gente abra."

Uma mulher caminhou apressada até ele e pôs o filho pequeno nos braços do rapaz. "Então fique com ele! Dê comida para ele até vocês abrirem

de novo!" E começou a se afastar. O bebê era magro, amarelado, e estava aos berros.

"*Bia nwanyi*! Volte aqui, mulher!" Okoromadu segurava o bebê com os braços rígidos, longe do corpo.

As outras mulheres do grupo começaram a censurar a mãe — Você está jogando fora o seu filho? *Ujo anaghi atu gi*? Você está andando na face de Deus? —, mas foi a professora Muokelu quem se adiantou, tirou a criança dos braços de Okoromadu e devolveu-a à mãe.

"Pegue seu filho", disse ela. "Não é culpa do moço que hoje não tem comida."

A multidão se dispersou. Olanna e a professora andavam devagar.

"Quem é que sabe se é verdade que os soldados pegaram do caminhão deles?", perguntou a professora Muokelu. "Vai saber se eles não guardaram tudo para revender? Nós nunca temos sal aqui porque eles guardam para revender."

Olanna pensava na forma como a professora Muokelu tinha devolvido o bebê à mãe. "Você me lembra a minha irmã", disse.

"Como?"

"Ela é muito forte. Ela não tem medo."

"Ela estava fumando, naquela foto que você me mostrou. Feito uma prostituta comum."

Olanna parou e olhou fixo para a professora.

"Não estou dizendo que ela seja uma prostituta", disse ela, mais que depressa. "Estou só dizendo que não é bom que ela fume porque mulheres que fumam são prostitutas."

Olanna olhou para ela e viu aversão na barba e nos braços peludos. Apressou o passo, calada, passando à frente da professora, e não disse adeus quando virou na sua rua. Baby estava sentada na frente da casa, com Ugwu. "Mami Ola!"

Olanna abraçou-a, alisando seu cabelo. Baby segurou sua mão e ergueu os olhos para ela. "Você trouxe gema de ovo, Mami Ola?"

"Não, meu tesouro. Mas logo eu arranjo mais", disse.

"Boa tarde, *mah*. A senhora não trouxe nada?", perguntou Ugwu.

"Não está vendo que meu cesto está vazio?", retrucou Olanna com rispidez. "Ficou cego?"

Na segunda-feira, foi sozinha ao centro assistencial. A professora Muokelu não apareceu para chamá-la, antes do amanhecer, e não se achava entre o pessoal que esperava. O portão estava trancado, os terrenos da escola, vazios, e ela continuou ali por mais uma hora, até que a multidão começou a se dispersar. Na quarta-feira, havia um novo cadeado no portão. Foi só no sábado que o portão se abriu e Olanna se surpreendeu com a facilidade com que se juntou ao avanço da multidão e com a agilidade com que foi de uma fila a outra, esquivando-se da milícia e empurrando quem a empurrava. Estava indo embora com sacolas pequenas de maisena, gema de ovo e dois cubos de caldo de peixe quando Okoromadu chegou.

Ele acenou. "Bela mulher. *Nwanyi oma*!", disse ele. Ainda não sabia o nome de Olanna. Aproximou-se, enfiou uma latinha de carne enlatada em seu cesto e se afastou apressado, como se não tivesse feito nada. Olanna olhou para a lata comprida e vermelha e quase explodiu na risada, tal foi o prazer inesperado que sentiu. Tirou do cesto, examinou, passou a mão sobre o metal frio e, quando ergueu a vista, havia um soldado olhando para ela, um dos que sofriam de trauma de guerra. Ele a fitava abertamente; não se importou em disfarçar. Pôs a lata de volta no cesto e cobriu com um saco. Estava contente que a professora Muokelu não estivesse junto, de contrário teria que dividir a carne. Pediria a Ugvvu para fazer um ensopado. Economizaria um pouco; assim ela, Odenigbo e Baby poderiam fazer um jantar ao estilo inglês, com sanduíches de carne.

O soldado traumatizado a seguiu quando ela se afastou do portão. Ela apressou o passo no trecho empoeirado que levava à rua principal, mas cinco deles, todos em fardas esfrangalhadas, a cercaram pouco depois. Eles balbuciavam, gesticulando para o cesto, os movimentos desconjuntados, o tom de voz alterado, e Olanna entendeu algumas das palavras que diziam. "Tia!" "Irmã!" "Dá agora!" "Fome mata nós todos!"

Olanna agarrou-se ainda mais ao cesto. Sentiu um ímpeto quente e infantil de chorar. "Sumam daqui! Vamos, sumam daqui!"

Por alguns momentos eles pareceram surpresos com a explosão e ficaram quietos. Depois foram se aproximando, todos juntos, como se obedecendo a uma mesma voz interna. Estavam avançando para cima dela. Poderiam fazer o que quisessem; havia um desespero que não obedecia a lei nenhuma entre eles e nos cérebros amortecidos pelos bombardeios. O medo de

Olanna veio com raiva, uma raiva feroz e estimulante, e ela se imaginou lutando com eles, estrangulando todos, matando todos. A lata de carne era dela. Dela. Recuou alguns passos. Numa fração de minuto, num movimento tão rápido que ela só percebeu depois, o soldado de boné azul agarrou seu cesto, pegou a latinha e saiu correndo. Os outros foram atrás. O último continuou observando Olanna, a boca aberta, até que saiu correndo também, mas na direção oposta, para longe dos outros. O cesto estava caído no chão. Olanna ficou ali e chorou em silêncio, porque a lata não ficara com ela. Depois ergueu o cesto, tirou um pouco da areia do saco de maisena e voltou para casa.

Olanna e a professora Muokelu tinham evitado se cruzar na escola durante quase duas semanas, e por esse motivo, quando Olanna chegou em casa e viu a professora sentada do lado de fora, com um balde de metal cheio de cinzas de madeira queimada, ficou surpresa.

A professora levantou-se. "Eu vim lhe ensinar a fazer sabão. Sabe quanto eles estão pedindo por uma barra comum de sabão, hoje em dia?"

Olanna olhou para o bubu de algodão esfarrapado, emplastrado com a face reluzente de Sua Excelência, e percebeu que essa aula não solicitada era uma forma de ela pedir desculpas. Pegou o balde de cinzas. Abriu caminho até o quintal e, depois de a professora Muokelu ter explicado e demonstrado como fazer sabão, ela guardou as cinzas perto de uma pilha de blocos de concreto.

Mais tarde, ao contar para Odenigbo sobre o sabão, ele balançou a cabeça. Estavam sob o sapê da varanda, num banco de madeira encostado na parede.

"Ela não precisava vir aqui ensinar você a fazer sabão. Aliás, eu não consigo ver você fazendo sabão."

"Acha que não sou capaz?"

"Ela devia ter pedido desculpas e pronto."

"Eu devo ter exagerado na reação porque ela estava falando de Kainene." Olanna mudou de posição. "Bem que eu queria saber se ela recebeu minhas cartas."

Odenigbo não disse nada. Pegou sua mão e ela se sentiu grata pelas coisas que não precisava explicar.

"Quanto pêlo a professora Muokelu tem no peito?", perguntou ele. "Você sabe?"

Olanna não sabia muito bem quem começara a rir antes, se ela ou se ele, mas de repente estavam os dois às gargalhadas, quase caindo do banco. Outras coisas se tornaram hilárias. Odenigbo disse que o céu estava sem uma nuvem e Olanna respondeu que era o tempo perfeito para aviões bombardeiros, e os dois riram. Um menino pequeno que passou na frente da casa, usando um short com enormes furos que mostravam o bumbum de pele ressecada, cumprimentou-os e eles mal conseguiram responder *boa tarde* antes de cair na gargalhada de novo. A risada ainda não tinha sumido da fisionomia deles, e as mãos ainda continuavam agarradas no banco quando Special Julius entrou. Sua túnica rebrilhava de lantejoulas.

"Eu trouxe o melhor vinho de palma de Umuahia! Peça para o Ugwu trazer os copos", disse ele, pondo uma lata pequena no chão. Havia uma fartura otimista em torno dele e de suas roupas chamativas, como se não houvesse problema que não conseguisse resolver. Depois de Ugwu ter levado os copos, Special Julius falou: "Vocês sabiam que Harold Wilson está em Lagos? Veio trazer o exército britânico para acabar com a gente. Dizem que veio com dois batalhões".

"Sente-se, meu amigo, e pare de falar besteira", disse Odenigbo.

Special Julius riu e sorveu a bebida ruidosamente. "Quer dizer que estou falando besteira, *okwa ya*? Cadê o rádio? Lagos talvez não queira comunicar ao mundo que o primeiro-ministro britânico veio aqui ajudar a nos matar, mas quem sabe aqueles loucos de Kaduna resolvam se abrir.

Baby surgiu na varanda. "Tio Julius, boa tarde."

"Baby-Baby. Como vai a tosse? Melhorou?" Mergulhou um dedo no vinho de palma e pôs na boca da menina. "Isto vai ajudar sua tosse."

Baby lambeu os lábios, com ar de quem tinha gostado.

"Julius!", disse Olanna.

Special Julius fez um gesto para o ar com a mão. "Nunca subestime o poder do álcool."

"Vem sentar aqui comigo, Baby", disse Olanna. O vestido da menina estava esgarçado de tanto uso. Olanna acomodou-a no colo, segurando-a bem apertado. Pelo menos a tosse de Baby melhorara; pelo menos estava comendo.

Odenigbo apanhou o rádio debaixo do banco. Um ruído estridente encheu o ar e, de início, Olanna pensou que vinha do rádio, até se dar conta de que era o alarme antiaéreo. Sentou-se imóvel. Alguém, de uma casa nas vizinhanças gritou "Avião inimigo!" ao mesmo tempo que Special Julius gritava "Escondam-se", saltando para fora da varanda e derrubando o vinho de palma. Os vizinhos corriam, gritando palavras que Olanna não conseguia entender por causa do ruído daquela sirene, que ficara marcado a fogo em sua cabeça. Ela escorregou no vinho e caiu de joelho. Odenigbo a puxou, antes de agarrar Baby e correr. O ataque começou — balas chovendo lá do alto — no momento em que Odenigbo puxava a folha de zinco para que todos descessem para o bunker. Ele foi o último a entrar. Ugwu segurava uma colher suja de sopa. Olanna matava os grilos; os insetos ligeiramente úmidos pareciam pegajosos em seus dedos, e mesmo quando eles não estavam mais sobre ela, continuou estapeando braços e pernas. A primeira explosão soou longe. Vieram outras, mais perto, mais altas, e a terra tremeu. Vozes em volta dela gritavam "Jesus Cristo! Jesus Cristo!". Sua bexiga estava dolorida e dura de tão cheia, como se pronta para explodir e liberar não urina e sim as orações distorcidas que resmungava. Havia uma mulher agachada a seu lado, segurando uma criança, um menino pequeno, mais novo que Baby. O bunker era escuro, mas dava para Olanna ver as marcas da tinha, brancas e purulentas, por todo o corpo do menino. Outra explosão chacoalhou o chão. Depois, o ruído parou. O ar estava tão parado, quando saíram do bunker, que escutavam até o *có-có-có* de alguns pássaros ao longe. O cheiro de queimado tomava conta.

"Nosso fogo antiaéreo foi uma maravilha! *Odi egwu*!", disse alguém.

"Que Biafra ganhe a guerra!" Quem começou a canção foi Special Julius, e logo quase todos que estavam na rua fizeram coro.

Que Biafra ganhe a guerra.
Carros blindados, metralhadoras,
Combatentes e bombardeios,
Ha enweghi ike imeri Biafra!

Olanna viu Odenigbo cantando com voz vigorosa e tentou fazer igual, mas as palavras pareciam rançosas em sua língua. Sentia uma dor aguda no joelho; pegou a mão de Baby e entrou.

Estava dando o banho da tarde em Baby quando a sirene soou de novo; agarrou a menina despida e saiu correndo da casinha. Baby quase escorregou. O rugido veloz dos aviões e o pronunciado *cá-cá-cá* do fogo antiaéreo vinham de cima, de baixo e dos lados, e faziam seus dentes tremer. Enfiou-se no bunker e ignorou os grilos.

"Onde está Odenigbo?", perguntou ela, depois de um tempo, pegando no braço de Ugwu. "Cadê seu patrão?"

"Ele está aqui, *mah*", disse Ugwu, olhando em volta.

"Odenigbo!", chamou Olanna. Mas ele não respondeu. Ela não se lembrava de tê-lo visto entrar no bunker. Devia estar lá fora, em algum lugar. A explosão que veio a seguir sacudiu tudo dentro de seu ouvido; tinha certeza de que, se virasse a cabeça de lado, alguma coisa flexível e resistente como cartilagem cairia lá de dentro. Foi até a entrada do abrigo. Atrás dela, escutou Ugwu dizer "*Mah*? *Mah*?" Uma senhora que morava um pouco abaixo, na mesma rua, disse: "Volte aqui! Aonde é que você vai? *Ebe ka I na-eje*?", mas ela ignorou ambos e saiu do bunker.

O brilho do sol era espantoso; era como se ela fosse desmaiar com tanta luz. Correu, o coração machucando o peito, gritando "Odenigbo! Odenigbo!", até que o viu curvado sobre alguém no chão. Olhou para seu peito nu e peludo, para sua nova barba, suas sandálias rasgadas, e, de repente, a mortalidade dele — a mortalidade dos dois — a golpeou com um aperto na garganta, uma pressão de alarme. Abraçou-o bem apertado. Havia uma casa na rua pegando fogo.

"*Nkem*, está tudo bem", disse Odenigbo. "Ele foi atingido por uma bala, mas parece que é só um ferimento na pele." Afastou-a e voltou a tratar do homem, cujo braço estava atando com sua camisa.

Pela manhã, o céu estava igual a um mar tranquilo. Olanna disse a Odenigbo que ele não iria ao diretório e que ela não iria dar aula; passariam o dia no bunker.

Ele deu risada. "Não seja tola."

"Ninguém vai mandar os filhos para a escola", disse ela.

"E você vai fazer o quê?" O tom dele era tão normal quanto seus roncos tinham sido durante a noite que passara acordada, suando, imaginando o barulho das bombas.

"Eu não sei."

Ele lhe deu um beijo. "Só vá para o bunker se soar o alarme. Não vai acontecer nada. Posso me atrasar um pouco, se a gente resolver continuar com as aulas na região de Mbaise, hoje."

De início, ficou magoada com a despreocupação de Odenigbo, depois reconfortada com isso. Acreditava em suas palavras, mas apenas enquanto ele estava por perto. Depois que ele saiu, sentiu-se vulnerável, exposta. Não tomou banho. Tinha medo de sair para ir até o sanitário. Tinha medo de sentar porque poderia pegar no sono e se ver despreparada quando a sirene tocasse. Tomou xícaras e xícaras de água, até a barriga ficar inchada, no entanto era como se a saliva tivesse sido sugada de sua boca e ela estivesse prestes a se afogar em pedaços de ar seco.

"Nós vamos ficar o dia todo no bunker, hoje", disse ela a Ugwu.

"No bunker, *mah*?"

"Isso mesmo que você ouviu. No bunker."

"Mas nós não podemos simplesmente ficar no bunker, *mah*."

"Por acaso eu falei com a boca cheia de água? Eu disse que vamos passar o dia no bunker."

Ugwu encolheu o ombro. "Pois não, *mah*. Quer que eu leve a comida de Baby?"

Ela não respondeu. Mas lhe daria um tapa se ameaçasse um sorriso que fosse, porque podia ver em seu rosto que estava achando graça na idéia de levar um prato com a papinha de Baby e se enfurnar num buraco úmido no chão para passar o dia.

"Apronte a Baby", disse ela, ligando o rádio.

"Pois não, *mah*", disse Ugwu. "*O nwere igwu*. Encontrei lêndeas no cabelo dela, hoje de manhã."

"O quê?"

"Ovo de piolho. Mas só havia dois e não achei mais nenhum."

"Piolho? Que história é essa? Como é que Baby pode ter piolho? Eu a mantenho sempre limpinha. Baby! Baby!"

Olanna puxou Baby para si e começou a soltar as tranças e escarafunchar o cabelo grosso. "Devem ser aqueles vizinhos sujos com que você gosta de brincar. Aqueles vizinhos sujos." Suas mãos tremiam e ela arrancou um tufo de cabelo, para manter o controle. Baby começou a chorar.

"Fique parada!", disse Olanna.

Baby se desvencilhou, correu parra Ugwu e lá ficou, olhando para Olanna com um olhar espantado, como se não a reconhecesse mais. No rádio, o hino nacional biafrense começou a tocar, preenchendo o silêncio.

Terra amada e idolatrada do sol nascente,
Pátria venerada de heroísmo valente;
Temos de defender a vida ou morrer lutando,
Vamos proteger a alma do inimigo avançando.
Mas se for a morte o preço desse amor,
Então que nos deixem morrer sem temor.

Todos ouviram até o fim.

"Leve Baby para a varanda e vigie", disse finalmente para Ugwu, abatida. "Não vamos mais para o bunker, então?"

"Leve Baby para a varanda, só isso."

"Pois não, *mah*."

Olanna sintonizou o rádio; era muito cedo para notícias da guerra, para os monólogos incendiários sobre a grandeza de Biafra que ela tão desesperadamente precisava ouvir. Na BBC, havia boletins recentes sobre o conflito — emissários do papa, da Organização da Unidade Africana e da Commonwealth estavam se dirigindo à Nigéria para propor um acordo de paz. Ouviu o noticiário meio apática e desligou quando escutou Ugwu falando com alguém. Saiu para ver quem era. A professora Muokelu estava atrás de Baby, trançando de novo o cabelo que Olanna acabara de soltar. Os pêlos dos braços reluziam, brilhantes, como se ela tivesse passado óleo demais.

"Você também não foi dar aula, hoje?", perguntou Olanna.

"Eu sabia que os pais não deixariam as crianças irem à escola."

"Claro que não. Que tipo de campanha ininterrupta de bombardeio é essa?"

"Foi por causa da vinda de Harold Wilson", rosnou a professora Muokelu. "Eles querem impressionar o homem, para que traga o exército britânico para cá."

"Special Julius também disse isso, mas é impossível."

"Impossível?" Muokelu sorriu como se a indicar que Olanna não tinha idéia do que dizia. "Esse Special Julius, falando nisso — você sabe que ele vende passes falsificados?"

"Ele é fornecedor, faz coisas para o exército."

"Não estou dizendo que ele não faça um servicinho aqui outro ali para o exército, mas que ele vende passes falsificados, isso vende. O irmão dele é do governo e eles fazem isso juntos. É por causa deles que tudo quanto é tipo de malandro anda de um lado para outro, com passes especiais." A professora Muokelu terminou uma trança e deu um tapinha no cabelo de Baby. "Aquele irmão dele é um criminoso. Dizem que deu isenção militar para todos os parentes homens, todos que fazem parte de sua *umunna*. E você precisava ouvir o que ele faz com aquelas jovens mocinhas que andam por aí, à procura de homens endinheirados. Dizem que ele leva até cinco para o quarto ao mesmo tempo. *Tufia*! E gente como ele que tem que ser executada quando o Estado de Biafra estiver totalmente estabelecido."

Olanna deu um pulo. "Isso foi um avião? É um avião?"

"Avião, *kwa*?" A professora Muokelu riu. "Alguém bate a porta na casa ao lado e você acha que é um avião?"

Olanna sentou no chão e esticou as pernas. Estava exausta de medo.

"Você ficou sabendo que nós derrubamos um bombardeiro perto de Ikot-Ekpene?", perguntou a professora.

"Não soube de nada."

"E isso foi feito por um civil, com uma arma de caça. Sabe do que mais, é como se os nigerianos fossem tão burros que quem trabalha para eles se torna burro também. Eles são burros demais para voar com os aviões que a Rússia e a Grã-Bretanha deram para eles, por isso trouxeram os brancos para pilotar, e nem mesmo esses brancos conseguem acertar o alvo. Ah! Metade das bombas deles nem sequer explode."

"Mas a metade que explode basta para matar todos nós", disse Olanna. A professora continuou falando como se não tivesse escutado o que Olanna havia dito. "Soube que a nossa *ogbunigwe* está metendo medo neles. Em Afikpo, ela matou só algumas centenas de homens, mas o batalhão inteiro de nigerianos fugiu espavorido. Nunca tinham visto uma arma como a *ogbunigwe*. E nem sabem o que ainda temos reservado para eles." Ela soltou um risinho, balançou a cabeça e mexeu no meio sol amarelo em volta do pescoço. "Gowon mandou os soldados bombardearem o mercado de Agwu no meio da tarde, quando as mulheres estão vendendo e comprando. Recusou-se a deixar que a Cruz Vermelha nos trouxesse comida, recusou

kpam-kpam, de modo que agora vamos morrer de fome. Mas ele não vai conseguir. Se tivesse gente despejando armas e aviões nas nossas mãos, como fazem com a Nigéria, isso tudo já teria terminado há muito tempo e todos estariam cada um na sua própria casa, agora. Mas nós vamos vencer. Por acaso Deus está dormindo? Não!" A professora Muokelu riu. A sirene disparou. Olanna esperava o som estridente havia tanto tempo que um tremor antecipado lhe perpassou o corpo, antes mesmo de ter ouvido o alarme. Virou-se para Baby, mas Ugwu já tinha posto a menina no colo e corria para o bunker. Olanna ouvia o som dos aviões à distância, como trovões se formando, e logo depois os nítidos estalos de fogo antiaéreo se espalhando. Antes de entrar no bunker, olhou para cima e viu os jatos bombardeiros deslizando no céu, feito gaviões, voando surpreendentemente baixo, com bolas de fumaça cinza em volta deles.

Ao saírem do bunker, mais tarde, alguém disse: "Eles queriam pegar a escola primária!".

"Aqueles ateus bombardearam a nossa escola", disse a professora Muokelu.

"Olhem! Mais um bombardeiro!", disse um rapaz, rindo e apontando para um urubu no céu.

Juntaram-se então à multidão que ia rumo ao Grupo Escolar de Akwakuma. Passaram dois homens, na direção oposta, levando um cadáver calcinado. Uma cratera enorme, grande o bastante para engolir um caminhão, tinha dividido em dois a rua em frente à escola. O telhado do bloco de salas de aula ruíra num amontoado de madeira, metal e poeira. Olanna não reconheceu sua sala. Todas as janelas haviam arrebentado, mas as paredes aguentaram. Do lado de fora, onde os alunos brincavam na areia, estilhaços de bomba haviam desenhado um refinado buraco no chão. E, enquanto ajudava a tirar algumas carteiras ainda intactas, era no buraco que Olanna pensava: em como um metal quente e carnívoro conseguia marcar o chão com anéis tão bonitos.

A sirene não tocou no começo da manhã, de modo que quando o feroz *uá-uá-uá* dos bombardeiros apareceu de lugar nenhum, no momento em que Olanna dissolvia a maisena na água para fazer o mingau de Baby, ela previu como seria. Alguém morreria. Talvez todos eles morressem. A morte

era a única coisa que fazia sentido, ali agachada num subterrâneo, arrancando um pouco de terra do chão, esfregando nos dedos, à espera de que o abrigo explodisse. As bombas estavam mais nítidas e mais perto. O chão pulsava. Ela não sentia nada. Estava flutuando para fora de si mesma. Veio mais uma explosão, o solo vibrou e crianças nuas, se arrastando atrás dos grilos, acharam graça. Depois as explosões pararam e as pessoas em volta começaram a se mexer. Se ela tivesse morrido, se Odenigbo, Baby e Ugwu tivessem morrido, ainda assim o bunker teria cheiro de terra recém-arada, o sol continuaria a despontar e os grilos não iriam parar de saltar. A guerra continuaria sem eles. Olanna soltou o ar com uma raiva gelada. Foi a consciência de ser irrelevante que a levou do medo extremo à fúria extrema. Ela tinha de importar. Não iria mais existir languidamente, à espera da morte. Até Biafra vencer, os vândalos não iriam mais ditar os termos em que ela viveria.

Foi a primeira a sair do bunker. Havia uma mulher caída no chão, ao lado do corpo de uma criança, rolando na terra, chorando. "Gowon, o que eu fiz para você? Gowon, *olee ihe m mere gi*?" Algumas mulheres foram até ela e a ajudaram a se erguer. "Pare de chorar, já basta", diziam. "O que você quer que seus outros filhos façam?"

Olanna foi até o quintal e começou a peneirar as cinzas do balde de metal. Tossiu ao acender o fogo; a fumaça da lenha ardia.

Ugwu observava a patroa. "*Mah*? Quer que eu faça?"

"Não." Ela dissolveu a cinza numa bacia de água fria, mexendo com uma força que fez a água respingar nas pernas. Pôs os pelotes no fogo e ignorou Ugwu. Ele deve ter pressentido a raiva que se formou dentro dela e que a tornou delirante, porque se calou e entrou em casa. Da rua, vinha a voz da mulher que chorava, cada vez mais rouca e débil. Gowon, o que eu fiz para você? Gowon, *olee ihe m mere gi*? Olanna despejou um pouco de óleo na mistura já fria e mexeu até sentir os braços rígidos de cansaço. Havia algo de delicioso no suor que gotejava debaixo do braço, no ímpeto de vigor que fazia seu coração bater mais forte, na massa de cheiro esquisito que saía dali, depois de esfriar. E espumou. Ela tinha feito sabão.

No dia seguinte, Olanna não atravessou a praça correndo, a caminho da escola. A cautela se tornara, para ela, fraqueza e falta de fé. Seus passos

eram firmes e ela olhava a todo momento para o céu claro, em busca de bombardeiros, porque, se os visse, pararia e começaria a atirar pedras e palavras neles. Cerca de um quarto dos alunos da sua classe apareceu. Ela ensinou a eles o significado da bandeira biafrense. As crianças se acomodaram em tábuas, sob o fraco sol da manhã que jorrava pela sala sem telhado, enquanto ela desembrulhava a bandeira de pano de Odenigbo e contava a eles o significado dos símbolos. O vermelho era o sangue dos parentes massacrados no Norte, o negro era em sinal de luto pelos mortos, o verde era pela prosperidade que Biafra teria, e, por fim, o meio sol amarelo, que significava um futuro glorioso. Olanna os ensinou a erguer a mão na mesma saudação de Sua Excelência e pediu-lhes para copiar o desenho dos dois líderes, que ela mesma fizera. Sua Excelência era robusto, desenhado com linhas duplas, ao passo que o corpo combalido de Gowon fora delineado em linhas simples.

Nkiruka, sua aluna mais inteligente, sombreou os dois rostos e, com alguns riscos de lápis, deu a Gowon um risinho sardônico e a Sua Excelência um largo sorriso.

"Eu quero matar todos os vândalos, professora", disse ela, quando se levantou para entregar o desenho. Sorria aquele sorriso da criança precoce que sabia ter dito a coisa certa.

Olanna olhou para a menina sem saber o que dizer. "Nkiruka, vá sentar", disse por fim.

A primeira coisa que contou a Odenigbo, quando ele chegou em casa, foi a banalidade com que a palavra *matar* se formara na boca de uma criança, e a culpa que sentira. Estavam no quarto, com o rádio ligado em volume baixo, e ela escutou a risada aguda de Baby no quarto ao lado.

"Ela não está na verdade querendo matar ninguém, *nkem*. Você ensinou a ela o que é patriotismo", disse Odenigbo, tirando os sapatos.

"Não sei, não." Mas as palavras dele a encorajaram, assim como o orgulho que exibia no rosto. Ele gostara da força com que, pelo menos uma vez na vida, tinha se pronunciado em defesa da causa; era como se ela fizesse parte, em pé de igualdade, do esforço de guerra.

"A Cruz Vermelha lembrou-se do nosso diretório, dessa vez", disse ele, apontando para uma pequena caixa que trouxera consigo.

Olanna abriu-a e colocou as latinhas atarracadas de leite condensado, a também esguia lata de Ovomaltine e um pacote de sal sobre a cama. Pare-

ciam artigos de luxo. No rádio, uma voz vibrante dizia que os valentes soldados biafrenses estavam dispersando os vândalos em torno de Abakaliki. "Vamos fazer uma festa", disse ela.

"Uma festa?"

"Um pequeno jantar. Como aqueles que a gente fazia em Nsukka."

"Tudo isso vai acabar em breve, *nkem*, e então teremos muitas e muitas festas numa Biafra livre."

Ela gostou da forma como ele disse *numa Biafra livre* e levantou-se para beijá-lo na boca. "Certo, mas podemos ter uma festa na guerra também."

"Nós mal temos o suficiente para nós."

"Temos mais que o suficiente para nós." Os lábios dela ainda estavam comprimidos nos dele e, de repente, as palavras assumiram um significado diferente; chegou mais perto e puxou o vestido pela cabeça, num único gesto fluido. Desabotoou a calça dele. Não deixou que ele a tirasse. Virou-se de costas, encostou na parede e guiou-o até ela, excitada com a surpresa de Odenigbo, com a firmeza de suas mãos nos quadris dela. Sabia que deveria baixar a voz, por causa de Ugwu e de Baby, no quarto ao lado, no entanto não tinha controle sobre os próprios gemidos, sobre o prazer primevo e cru que sentia em ondas, até que terminaram ambos debruçados contra a parede, ofegando e rindo.

26.

Ugwu odiava a comida doada pelo centro assistencial. O arroz era muito graúdo, não tinha a menor semelhança com os grãos miúdos e esguios de Nsukka, o fubá nunca ficava lisinho depois de misturado à água quente, e o leite em pó terminava sempre numa maçaroca no fundo da xícara. Ele até estremeceu ao tirar um pouco de gema de ovo da panela. Era difícil imaginar aquele pó insípido saindo do ovo posto por uma galinha de verdade. Mas despejou na massa e mexeu. Lá fora, uma panela cheia até a metade com areia branca estava no fogo; ele daria mais alguns minutos, até ficar bem quente, antes de pôr a massa dentro. Ficara um pouco incrédulo quando a professora Muokelu ensinou a Olanna esse método de assar; conhecia o suficiente das idéias da professora — o sabão que Olanna fazia em casa, uma pasta entre o negro e o marrom que parecia diarréia de criança, tinha vindo dela, afinal de contas. Porém a primeira massa que Olanna assou saiu boa; ela riu e disse que seria ambicioso demais chamar aquilo de bolo, a mistura de farinha, óleo e gema desidratada de ovo, mas ao menos tinham usado bem a farinha.

A Cruz Vermelha irritava Ugwu; o mínimo que podiam fazer era perguntar aos biafrenses qual era seu prato preferido, em vez de ficar mandando tanta farinha insossa. Quando abriu um outro centro assistencial, um ao qual Olanna ia com um rosário no pescoço, porque a professora Muokelu disse que o pessoal do Caritas era mais generoso com os católicos, torcia para que a comida fosse melhor. Mas o que ela trouxe de volta, ele já conhecia: o peixe salgado, ainda mais salgado, e ela cantando, com cara de quem tinha achado divertido, a música que as mulheres cantavam no centro.

Caritas, obrigada,
Caritas, si anyi taba okporoko
na kwashiorkor ga-ana

Mas não cantava nos dias em que voltava sem nada. Sentava-se na varanda, olhava para o telhado de sapê e dizia: "Você se lembra, Ugwu, dos tempos em que a gente jogava fora sopa com carne depois de um dia na geladeira?".

"Lembro, *mah*", dizia Ugwu. Se ao menos pudesse ir ele mesmo até o centro assistencial. Desconfiava que Olanna, com sua impecável lisura de inglesa, ficava esperando a vez até ter acabado tudo. Só que não podia ir porque ela não o deixava sair na rua durante o dia. Histórias de recrutamento forçado circulavam por toda parte. Ugwu não duvidava da existência de um garoto da mesma rua que tinha sido arrastado durante a tarde e, à noite, levado, de cabeça raspada e nenhum treinamento, direto para o front. Mas achava que Olanna estava reagindo com excesso de zelo. Claro que ainda podia ir até o mercado. Claro que não precisava acordar antes de o sol nascer para ir buscar água.

Ouviu vozes na sala. Special Julius tinha uma voz quase tão alta quanto a do Patrão. Iria desenformar o bolo, depois capinaria a hortinha de verduras retorcidas, ou talvez sentasse sobre a pilha de tijolos para ver se Eberechi saía de casa, momento em que gritaria "Vizinha, como vai você?", fazendo um aceno, já imaginando a hora em que agarraria seu traseiro. Surpreendia-se com a felicidade em que ficava toda vez que ela o cumprimentava. O bolo saíra bem torradinho do lado de fora e úmido e macio por dentro. Ugwu cortou fatias bem finas e levou em pratinhos. Special Julius e Olanna estavam sentados, ao passo que o Patrão, de pé, gesticulava, falando sobre a última vila que havia visitado, onde os moradores sacrificaram um bode no altar de *oyi* para manter os vândalos longe.

"Um bode inteiro! Toda aquela proteína desperdiçada!", disse Special Julius, rindo.

O Patrão não deu risada. "Não, não, nunca devemos subestimar a importância psicológica de coisas assim. Nunca devemos dizer a eles que comam o bode, em vez de sacrificá-lo."

"Ah, um bolo!", disse Special Julius. Ignorando o garfo, enfiou a fatia inteira na boca. "Muito bom, muito bom. Ugwu, você tem que ensinar o pes-

soal lá de casa, porque tudo que eles fazem com farinha de trigo é *chin-chin*, todo dia é *chin-chin*, *chin-chin*, e daqueles duros, sem gosto nenhum! Meus dentes estão acabando."

"Ugwu é maravilhoso em tudo", disse Olanna. "Ele poria até aquela mulher do bar Sol Nascente no chinelo."

O professor Ekwenugo bateu na porta aberta e entrou. Suas mãos estavam envoltas em ataduras cor de creme.

"*Dianyi*, o que aconteceu com você?", perguntou o Patrão.

"Queimei um pouquinho", disse o professor Ekwenugo, olhando para as mãos enfaixadas como se só nesse momento tivesse percebido que não tinha mais a unha afilada e comprida para se coçar. "Estamos montando algo muito importante."

"Por acaso vai ser nosso primeiro bombardeiro, um jato biafrense?", perguntou Olanna, só para amolar.

"Algo muito importante que vai se revelar com o tempo", disse o professor Ekwenugo, com um sorriso de mistério. Comia o bolo sem muito jeito; pedaços caíam antes de chegar à boca.

"Deveria ser uma máquina de detectar sabotadores", disse o Patrão. "Isso mesmo! Malditos sabotadores." Special Julius fez o ruído de quem cospe. "Eles entregaram Enugu. Como é que você pode deixar uma população civil defendendo a capital só com machados? Foi por esse motivo também que perderam Nsukka, porque se retiraram sem motivo nenhum. E não tinha um comandante que era casado com uma hauçá? Ela pôs remédio na comida dele."

"Nós vamos retomar Enugu", disse o professor Ekwenugo.

"Como é que nós vamos retomar Enugu se os vândalos já estão ocupando a cidade?", disse Special Julius. "Eles estão pilhando até os assentos de privada! Assentos de privada! Um homem que escapou de Udi me contou. E eles escolhem as melhores casas e forçam as esposas e as filhas a abrir as pernas e cozinhar para eles."

Imagens de sua mãe, de Anulika e de Nnesinachi esparramadas debaixo de um soldado hauçá sujo e queimado de sol vieram tão nitidamente à mente de Ugwu que ele estremeceu. Saiu e foi sentar-se nos blocos de concreto, querendo desesperadamente voltar para casa nem que fosse só por um minuto, para ter certeza de que não havia acontecido nada com elas. Talvez os vândalos já estivessem lá, de posse da casa da tia, a que tinha teto

de zinco. Ou quem sabe a família fugira com as cabras e galinhas, como toda essa gente que chegava a Umuahia. Os refugiados. Ugwu via o pessoal chegando, cada vez mais, todo dia novos rostos nas ruas, na fonte pública, no mercado. Mulheres batendo na porta a todo momento, perguntando se haveria algum trabalho que pudessem fazer em troca de comida. Apareciam com os filhos, magros e nus.

As vezes, Olanna lhes dava *garri* misturado com água fria, antes de dizer que não tinha trabalho a oferecer. A professora Muokelu recebera uma família de oito pessoas, todos parentes. Ela levava as crianças para brincar com Baby e, todas as vezes, assim que elas saíam, Olanna pedia a Ugwu para ver se não tinha piolho nenhum no cabelo da menina. Os vizinhos alojavam os parentes. Os primos do Patrão vieram por algumas semanas, e dormiram na sala, até irem para o exército. Havia tanta gente fugindo, cansada e sem teto, que Ugwu não ficou nem um pouco surpreso quando, uma tarde, Olanna chegou em casa e disse que o Grupo Escolar de Akwakuma iria ser transformado num campo de refugiados.

"Eles já trouxeram camas de bambu e utensílios de cozinha. E o novo diretor de Mobilização deve vir na semana que vem." Ela parecia cansada. Abriu uma panela no fogão e olhou para as fatias de mandioca cozida.

"E as crianças, *mah*?"

"Perguntei à diretora se elas poderiam ser transferidas, mas ela olhou para mim e riu. Nós somos a última escola que resta. Todas as outras de Umuahia já se tornaram acampamentos de refugiados ou campos de treinamento." Olanna tampou a panela. "Vou organizar umas aulas aqui no quintal."

"Com a professora Muokelu?"

"Exato, e com você também, Ugwu. Você vai ensinar uma das classes."

"Claro, *mah*." A idéia o deixava emocionado e lisonjeado. "*Mah*?"

"Sim?"

"A senhora acha que os vândalos estão na minha cidade?"

"Claro que não", respondeu Olanna, com rispidez. "Sua cidade natal é pequena demais. Se eles forem ficar em algum lugar, vai ser na universidade."

"Mas se pegarem a estrada de Opi até Nsukka..."

"Eu já disse que sua cidade natal é pequena demais! Eles não têm o menor interesse em ficar lá. Não há nada no seu povoado, entende? É só mato, mais nada."

Ugwu olhou para ela, e ela para ele. O silêncio era pesado e acusador.

"Vou vender meu sapato marrom para Mama Onitsha e vou fazer um lindo vestido para Baby", disse ela por fim, e Ugwu achou sua voz meio forçada.

Começou a lavar a louça.

Ugwu viu o Mercedes-Benz negro deslizando pela avenida; a palavra diretor escrita na placa metálica de licenciamento reluzia ao sol. Perto da casa de Eberechi, o carro diminuiu a velocidade, brilhante e enorme, e Ugwu torceu para que ele parasse e o motorista lhe perguntasse onde era a escola primária, para poder dar uma boa espiada no painel de controle. Mas o carro não só passou por ele como entrou no *compound* e estacionou. Um ordenança vestido com uma farda engomada saltou para abrir a porta traseira antes mesmo que o carro parasse por completo. Fez continência quando o diretor desembarcou.

Era o professor Ezeka. Não parecia mais tão alto como a lembrança que Ugwu tinha dele; engordara um pouco e o pescoço fino engrossara. Ugwu olhava de boca aberta. Havia algo de elegante e novo nele, no bom corte do terno, porém a expressão altiva era a mesma, assim como a voz roufenha. "Meu jovem, o seu patrão está?"

"Não está, *sah*", disse Ugwu. Em Nsukka, o professor Ezeka o chamava de Ugwu; agora, era como se não o reconhecesse. "Ele foi trabalhar, *sah*."

"E a sua patroa?"

"Foi até o centro assistencial, *sah*."

O professor Ezeka fez um gesto para que o ordenança lhe trouxesse uma folha de papel, rabiscou um recado e entregou-o a Ugwu. Sua caneta de prata rebrilhava. "Diga a eles que o diretor de Mobilização passou por aqui."

"Pois não, *sah*." Ugwu lembrou-se do exame meticuloso que ele fazia dos copos, em Nsukka, das pernas finas sempre cruzadas, discordando do Patrão. Depois que o carro desceu a rua bem lentamente, como se o motorista soubesse que havia inúmeras pessoas observando, Eberechi atravessou e foi falar com Ugwu. Usava aquela sua saia justa que modelava as nádegas numa redondez perfeita.

"Vizinho, como vai?", perguntou ela.

"Estou bem. E você?"

Eberechi encolheu os ombros para dizer que ia mais ou menos. "Aquele homem que acabou de sair era mesmo o diretor de Mobilização?"

"O professor Ezeka?", disse Ugwu, com ar despreocupado. "Era sim, nós o conhecíamos bem, em Nsukka. Ele costumava vir nos visitar todo dia e tomar minha sopa de pimenta."

"Ah!" Ela riu, de olho esbugalhado. "Ele é um bambambã. *Ihukwara moto*? Você viu o carro?"

"Chassi original importado."

Ficaram calados algum tempo. Ele nunca tinha tido uma conversa assim tão longa com ela, e também nunca a vira tão de perto. Era difícil evitar que os olhos descessem até a magnífica curva das nádegas. Fez um esforço danado para se concentrar no rosto, nos olhos grandes, nas espinhas na testa, no cabelo trançado em torno de pauzinhos revestidos. Ela também olhava para ele e Ugwu bem que gostaria de não estar usando a calça furada no joelho.

"Como vai a menina?", perguntou ela.

"Baby está ótima. Está dormindo."

"Você vai ajudar a reconstruir o telhado da escola?"

Ugwu sabia que um fornecedor do exército doara algumas folhas de zinco para substituir o telhado que explodira, e alguns voluntários estavam camuflando o local com folhas de palmeira. Mas ele não planejara fazer parte da equipe.

"Vou, vou sim", disse ele.

"Então a gente se vê", disse ela.

"Até mais." Ugwu esperou até ela se virar para poder ficar olhando sua retirada.

Quando Olanna voltou, com a cesta vazia, leu o recado do professor Ezeka com um meio sorriso no rosto. "Pois é, soubemos ontem que ele foi nomeado o novo diretor. Tão típico dele, escrever um bilhete desses."

Ugwu tinha lido o bilhete — *Odenigbo e Olanna, passei para cumprimentá-los. Volto de novo na semana que vem, se esse meu tedioso emprego permitir. Ezeka* —, mas assim mesmo perguntou: "Típico, *mah*?"

"Ah, ele sempre se sentiu um pouco acima de todos." Olanna largou o bilhete sobre a mesa. "O professor Achara vai nos ajudar a conseguir alguns livros, carteiras e quadros-negros. Muitas mulheres me disseram que vão

mandar os filhos para estudar conosco, na semana que vem." Ela parecia emocionada.

"Isso é muito bom, *mah*." Ugwu mexeu os pés. "Eu vou lá ajudar a pôr telhado na escola. Volto a tempo de fazer a comida de Baby."

"Ah", disse Olanna.

Ugwu sabia que ela estava pensando no recrutamento forçado. "Eu acho importante ajudar em algo como isso, *mah*", disse ele.

"Claro que sim. Claro, você tem que ajudar. Mas, por favor, tome cuidado."

Ugwu viu Eberechi na hora; estava com alguns homens e mulheres, debruçada sobre uma pilha de folhas de palmeira, cortando, trançando e passando para um homem numa escada de madeira.

"Vizinho!", disse ela. "Andei contando para todo mundo que seu pessoal conhece o diretor pessoalmente."

Ugwu sorriu e disse um *boa-tarde* geral. Os homens e mulheres murmuraram *boa tarde*, *ehe*, *kedu* e *nno* com o respeito admirado que vinha de saber quem ele conhecia. De repente, sentiu-se importante. Alguém lhe deu um facão. Havia uma mulher sentada na escada, moendo sementes de melão, algumas meninas pequenas jogando cartas sob a mangueira, e um homem entalhando um bastão cujo cabo era a reprodução cuidadosa do rosto barbado de Sua Excelência. Havia um cheiro de podre no ar.

"Imagine viver num lugar desses." Eberechi debruçou-se bem para ele, para cochichar. "E virão muitos mais, agora que Abakaliki caiu. Você sabe que, desde que Enugu caiu, acomodação tem sido um dos maiores problemas. Tem gente que trabalha nos diretórios dormindo no próprio carro."

"Isso é verdade", concordou Ugwu, embora não soubesse se era realmente verdade. Adorava o fato de ela estar falando com ele, adorava a simpatia que ela irradiava. Começou a aparar algumas folhas com golpes firmes. Numa das salas, alguém ligou o rádio: valentes soldados biafrenses estavam terminando a operação de limpeza de focos remanescentes num setor cujo nome Ugwu não ouviu direito.

"Nossos rapazes estão mostrando a eles o que é bom!", disse a mulher que moía sementes de melão.

"Biafra vai ganhar essa guerra, Deus escreveu isso no céu", disse um homem com uma barba entrelaçada num único fio afilado.

Eberechi riu e cochichou para Ugwu: "Nasceu no mato. Não sabe que é Bi-afra e não Ba-iafra."

Ugwu riu também. Gordas formigas negras circulavam pelas folhas de palmeira e Eberechi gritou, com ar indefeso, quando uma delas subiu em seu braço. Ugwu espantou-a com a mão e sentiu a umidade morna de sua pele. Ela queria que ele a tocasse; não tinha cara de ser do tipo que se assusta com uma formiga.

Umas das mulheres trazia um menino atado nas costas. Ajustou o xale que o segurava e disse: "Estávamos voltando do mercado quando descobrimos que os vândalos haviam ocupado o cruzamento e estavam disparando para dentro da aldeia. Não podíamos ir para casa. Tivemos que voltar e fugir. Eu só tinha este xale, uma blusa e os trocados que consegui vendendo pimenta. Não sei onde estão meus outros dois filhos, os que eu deixei em casa para ir ao mercado." Ela começou a chorar. A brusquidão das lágrimas, a forma como jorraram dos olhos, deixaram Ugwu espantado.

"Mulher, para de chorar", disse o homem da barba trançada, com rispidez.

A mulher continuou a chorar. A criança também.

Quando Ugwu foi levar um lote de folhas de palmeira até a escada, não resistiu e olhou para uma das classes. Panelas, esteiras de dormir, latas e camas de bambu atravancavam o espaço todo, de tal forma que parecia ter sido sempre um abrigo para grupos disparatados de gente sem lugar para ir, e não uma sala de aula. Um cartaz colorido na parede dizia: NO CASO DE REIDE AÉREO, NÃO ENTRE EM PÂNICO. SE VIR O INIMIGO, DÊ CABO DELE. Uma outra mulher, com um bebê atado nas costas, lavava mandioca descascada numa água imunda. O rosto de seu filho era todo enrugado. Ugwu quase sufocou quando chegou perto e percebeu que o cheiro podre vinha da água: ela tinha sido usada para deixar a mandioca de molho, talvez durante dias, e estava sendo reutilizada. O cheiro era horrível, enchia as narinas, era um cheiro de privada suja, de feijão rançoso e de ovo cozido estragado.

Ugwu prendeu a respiração e voltou para suas folhas de palmeira. A mulher que chorava amamentava o filho num seio caído.

"Nossa cidade não teria caído se não fosse o trabalho dos sabotadores!", disse o homem com a barba trançada. "Eu era defensor civil. Sei quanta gente infiltrada havia entre nós, e todas do povo rivers. O que estou querendo dizer a vocês é que não podemos mais confiar nessas minorias que

não falam ibo." Calou-se uns momentos e virou a cabeça, ao ouvir o grito de alguns meninos que brincavam de guerra no meio do *compound* da escola. Pareciam ter entre dez e onze anos de idade, usavam folhas de bananeira na cabeça e empunhavam armas feitas de bambu. A mais longa pertencia ao comandante do lado biafrense, um menino alto, sério, com os ossos da face bem marcados. "Avancem!", gritou ele.

Os meninos investiram, agachados.

"Fogo!"

Eles atiraram pedras com gestos amplos dos braços e, depois, agarrados às armas, correram na direção dos outros meninos, do lado nigeriano, os perdedores.

O homem da barba começou a aplaudir. "Esses meninos são maravilhosos! É só dar algumas armas para eles que os vândalos saem correndo."

Outras pessoas bateram palmas e ovacionaram os meninos. As folhas de palmeira ficaram esquecidas por um tempo.

"Vocês sabiam que eu tentei entrar para o exército quando essa guerra começou?", disse o homem da barba. "Fui a tudo quanto é posto, mas eles me rejeitaram por causa de minha perna, de modo que tive de me alistar como defensor civil."

"E o que tem de errado com a sua perna?", perguntou a mulher que moía semente de melão.

Ele ergueu a perna. Metade do pé se fora e o que restou mais parecia um pedaço murcho de cará velho. "Perdi no Norte", disse ele.

No silêncio que se seguiu, o estalar das folhas de palmeira parecia alto demais. De uma das salas de aula surgiu uma mulher dando tapas na cabeça de uma criança. "Quer dizer que você quebrou só um dos pratos? Então vai lá e quebra todos os pratos. Quebra! *Kuwa ha*! Nós temos um monte, não temos? Nós trouxemos todos os pratos que tínhamos, não é? Vai, quebra!", disse ela. A menina correu para a mangueira. Antes que a mãe entrasse de novo na sala de aula, parou um pouco onde estava, xingando, resmungando que os espíritos que tinham mandado a filha quebrar seus poucos pratos não conseguiriam o que queriam.

"E por que a menina não pode quebrar um prato? Onde foi parar a comida que era para ser comida dentro dele?", disse a mulher que amamentava, com voz amarga, ainda fungando. Todos riram e Eberechi, debruçando-se para Ugwu, sussurrou que o homem da barba tinha mau hálito, e que de-

via ser por isso que não fora aceito no exército. Ugwu só queria apertar seu corpo no dela.

Saíram juntos e ele olhou para trás, para se certificar de que todos haviam reparado que estavam juntos. Um soldado com a farda e o capacete do Exército Biafrense passou por eles, falando um inglês crioulo todo estropiado, que quase não fazia sentido, com voz muito alta. E oscilava ao andar, como se fosse cair de lado. Tinha um braço inteiro e o outro era um cotó que parava no cotovelo. Eberechi o observava.

"O pessoal dele não sabe de nada", disse ela, baixinho.

"Do quê?"

"O pessoal acha que ele está bem e lutando pela nossa causa."

O soldado gritava "Não desperdicem balas! Estou dizendo que é um vândalo para cada ala, efeito imediato!", enquanto os garotos se juntavam em volta, atazanando, rindo, dando-lhe títulos disso e daquilo.

Eberechi andava um pouco mais rápido. "Meu irmão se alistou logo no começo."

"Eu não sabia."

"É. Ele só voltou para casa uma vez. Todo mundo da rua saiu para cumprimentá-lo, e as crianças brigaram para tocar na sua farda."

Ela não disse mais nada, até chegarem em frente à casa dela e ela se virar. "Que o dia amanheça", disse ela.

"A gente se vê amanhã", disse Ugwu. Gostaria de ter dito mais.

Ugwu arrumou três bancos na varanda, para a classe de Olanna, e dois na entrada do *compound* para a professora Muokelu; para sua própria classe, com os alunos mais novinhos, colocou dois bancos perto da pilha de tijolos de concreto.

"Nós vamos dar aula de matemática, inglês e educação cívica todos os dias", falou Olanna para Ugwu e para a professora Muokelu um dia antes do início das aulas. "Temos de garantir que, quando a guerra tiver terminado, todos estejam preparados para entrar numa escola regular. Vamos ensiná-los a falar um inglês perfeito, e um ibo perfeito, como Sua Excelência. Vamos ensinar a eles a ter orgulho de nossa grande nação."

Observando a patroa, Ugwu se perguntava se ela estaria de fato com os olhos lacrimejando ou se era simplesmente o brilho do sol. Ele queria

aprender tudo o que pudesse com ela e a professora Muokelu, queria ser um professor excelente, para mostrar a ela que era capaz. Estava arrumando seu quadro-negro contra um tronco de árvore, no primeiro dia de aula, quando uma mulher, uma parente de Special Julius, chegou com a filha. Ela olhou fixo para Ugwu.

"Esse aí é professor também?", perguntou ela a Olanna.

"É."

"Mas ele não é o empregado de vocês?" A voz dela era aguda. "Desde quando os empregados começaram a ensinar, *bikokwa*?"

"Se não quer que sua filha aprenda, leve-a para casa", disse Olanna.

A mulher puxou a criança pela mão e foi embora. Ugwu tinha certeza de que Olanna iria olhá-lo com uma solidariedade que o deixaria mais irritado do que as palavras da outra. Mas ela deu de ombros e disse: "Já vão tarde. A filha dela tem piolho. Eu vi as lêndeas no cabelo da menina".

Outros pais foram diferentes. Olhavam para Olanna, para seu lindo rosto, para o preço ínfimo que cobrava e para seu inglês impecável com uma atenção reverente. Eles traziam óleo, cará e *garri*. Uma mulher que negociava por trás da linha inimiga levou uma galinha. Um fornecedor do exército levou dois de seus filhos e uma caixa de livros — para os principiantes, seis exemplares de *Chike and the river*, e oito exemplares simplificados de *Orgulho e preconceito*; ao abrir a caixa, Olanna lhe deu um abraço, e Ugwu se ressentiu com o prazer sobressaltado e malicioso que viu no rosto do homem.

Depois da primeira semana, Ugwu já estava convencido de que a professora Muokelu sabia muito pouco. Ela fazia contas de dividir muito simples com insegurança, falava num resmungo baixo quando lia, como se tivesse medo das frases, e ralhava com os alunos por errar alguma coisa, sem nunca dizer qual era o jeito correto. De modo que Ugwu passou a espiar apenas Olanna. "Pronunciem! Pronunciem!", dizia Olanna aos alunos, a voz subindo de tom. "*Se-tle*. *Se-tle*. A palavra não tem nenhum R!" Como fazia todo mundo ler em voz alta todos os dias, Ugwu começou a pedir que sua classe também recitasse palavras simples em voz alta. Baby em geral era quem começava. Era a mais nova, não tinha nem seis anos, numa classe de crianças de sete anos, mas lia de forma impecável palavras como *cat*, *pan*, *bed*, com um sotaque que era como o de Olanna. Só não se lembrava de

chamá-lo de *professor*, como todas as outras crianças, e ele tinha que disfarçar para não rir, quando ela dizia "Ugwu!".

No final da segunda semana, depois que as crianças se foram, a professora Muokelu convidou Olanna a sentar com ela na sala de estar. Puxou as pontas de seu bubu longo demais e enfiou entre as pernas.

"Eu tenho doze pessoas para alimentar", disse. "Isso sem contar os parentes do meu marido que acabaram de chegar de Abakaliki. Meu marido voltou da guerra com uma perna só. Fazer o quê? Vou tentar um ataque *afia* para ver se consigo comprar sal. Não vou poder mais lecionar."

"Entendo", disse Olanna. "Mas será que precisa fazer parte do pessoal que compra em território inimigo?"

"E o que restou para comprar em Biafra? Eles nos bloquearam *kpam-kpam*."

"Mas como é que você vai?"

"Tem uma mulher que eu conheço. Ela fornece *garri* para o exército, de modo que eles dão ao caminhão dela uma escolta militar. Esse caminhão vai nos levar até Ufuma e, dali, a gente atravessa a fronteira onde ela é mais aberta, em Nkwerre-Inyi."

"E quanto tempo leva essa caminhada?"

"Devem ser uns vinte e cinco, trinta quilômetros. Nós vamos levar moeda nigeriana para comprar sal e *garri*, e depois voltamos para o caminhão."

"Por favor, tenha cuidado, minha irmã."

"Tem muita gente fazendo o mesmo e nada aconteceu com eles." Ela se levantou. "Ugwu vai ter de pegar a minha classe. Mas eu sei que ele consegue."

Da mesa de jantar, onde estava dando *garri* e sopa para Baby, Ugwu fingiu não ter escutado.

Ele assumiu a classe dela no dia seguinte. Adorou o brilho de reconhecimento no olhar das crianças quando explicou o significado de uma palavra, adorou o jeito firme como o Patrão falou para Special Julius: "Minha mulher e Ugwu estão mudando a face da próxima geração de biafrenses com sua pedagogia socrática!". E amou, mais que tudo, o jeito gozador como Eberechi o chamou de *professor*. Ela havia ficado impressionada. Quando a via parada na porta de casa, assistindo, ele impostava a voz e pronunciava tudo com mais cuidado ainda. Ela começou a aparecer depois das aulas. Sentava no quintal com ele, brincava com Baby ou ficava vendo

Ugwu capinar a horta. Às vezes, Olanna lhe pedia para levar um pouco de milho até a moagem, que ficava no fim da rua.

Ugwu roubou um pouco do leite e do açúcar que o Patrão tinha levado do diretório para casa, pôs numas latas velhas e deu para ela. Ela disse *obrigada*, mas não ficou muito impressionada, e, por isso, numa tarde abafada, ele entrou sem ser notado no quarto de Olanna e despejou um pouco de talco numa folha de papel dobrado. Tinha de impressioná-la. Eberechi deu uma cheirada, passou um pouco no pescoço e disse: "Eu não pedi nenhum talco para você".

Ugwu riu. Sentia-se, pela primeira vez, totalmente à vontade na presença dela. Ela lhe contou sobre os pais, que a empurraram para o quarto de um oficial do exército, e ele escutou como se nunca houvesse escutado isso antes.

"Ele tinha um barrigão", disse ela, mantendo um tom remoto. "Acabou rapidinho e depois me disse para deitar em cima dele. Pegou no sono e eu quis me mexer, mas ele acordou e me disse para ficar onde estava. Não consegui dormir, de modo que passei a noite inteira vendo a saliva dele escorrer pelo canto da boca." Ela hesitou. "Ele nos ajudou. Pôs meu irmão para trabalhar em serviços essenciais, no exército."

Ugwu desviou a vista. Sentia-se bravo por ela ter passado pela provação, e bravo consigo porque a história envolvia imaginá-la nua e isso o excitava. Nos dias seguintes, só pensava em Eberechi na cama, a seu lado, de como a experiência seria diferente da do coronel. Ele a trataria com o respeito que ela merecia e só faria o que ela gostasse, apenas o que ela quisesse que fizesse. Mostraria a ela as posições que tinha visto no *Manual conciso para casais*, que o Patrão tinha em Nsukka. O livro fininho estava espremido num canto empoeirado da estante do escritório, e Ugwu o viu pela primeira vez enquanto fazia a limpeza; folheou-o às pressas, passando pelos diagramas desenhados a lápis que, de alguma forma, se tornaram mais excitantes por serem irreais. Mais tarde, percebeu que o Patrão provavelmente nem se lembrava mais que o livro existia, de modo que levou para o Alojamento dos Criados para estudá-lo à noite. Tinha pensado em tentar algumas das posições com Chinyere, mas nunca tentou — havia alguma coisa no silêncio metódico de suas visitas noturnas que tornava qualquer novidade impossível. Gostaria muito de ter levado o livro com ele, quando saíram de Nsukka. Queria se lembrar de alguns detalhes mais especiais, o que a

mulher fazia das mãos na posição lateral-por-trás, por exemplo. Procurou no quarto do Patrão e se sentiu um tolo, porque sabia que não havia como o *Manual conciso para casais* estar ali. Depois sentiu uma profunda tristeza ao ver os poucos livros que havia sobre a mesa, e na casa toda.

Ugwu estava preparando o café-da-manhã de Baby e o Patrão tomava banho quando Olanna começou a berrar da sala. O volume do rádio estava no máximo. Ela correu lá para fora, para a casinha, levando o rádio na mão. "Odenigbo! Odenigbo! A Tanzânia nos reconheceu!"

O Patrão saiu com seus panos úmidos mal amarrados em volta da cintura, o peito coberto por pêlos negros lustrosos. Seu rosto sorridente, sem os óculos grossos, parecia engraçado. "*Gini*? O quê?"

"A Tanzânia reconheceu nossa existência!", disse Olanna de novo.

"O quê?", disse o Patrão, enquanto se abraçavam e se beijavam na boca, os rostos tão perto que pareciam estar inalando o hálito um do outro.

Depois o Patrão pegou o rádio e sintonizou. "É melhor ter certeza disso. Vamos ouvir nas outras rádios."

A Voz da América noticiava a mesma coisa, assim como a rádio francesa, que Olanna traduziu para ele: a Tanzânia era o primeiro país a reconhecer a existência da nação independente de Biafra. Finalmente, Biafra existia. Ugwu fez cócegas em Baby e ela riu.

"Nyerere vai ficar na história como um homem autêntico", disse o Patrão. "Claro que há muitos outros que querem nos reconhecer, mas que não podem por causa dos Estados Unidos. Eles é que são o grande empecilho!"

Ugwu não sabia muito bem como os americanos podiam ser os culpados por outros países não reconhecerem Biafra — para ele, a culpa era da Grã-Bretanha —, mas repetiu as palavras do Patrão para Eberechi, naquela tarde, com autoridade, como se fossem dele. Estava quente e ele a encontrou dormindo numa esteira, na sombra da varanda.

"Eberechi, Eberechi", disse ele.

Ela sentou com aquele olhar avermelhado e magoado de quem foi acordado de repente. Mas sorriu, ao ver que era ele. "Professor, já acabou por hoje?"

"Está sabendo que a Tanzânia nos reconheceu?"

"Estou, estou." Esfregou os olhos e riu, um som feliz que deixou Ugwu mais feliz ainda.

"Os Estados Unidos são o motivo de outros países não estarem nos reconhecendo; eles são o grande empecilho", disse ele.

"Pois é", disse ela. Estavam sentados lado a lado, na escada. "Tivemos boas notícias em dobro, hoje. Minha tia foi indicada para ser a representante provincial da Caritas. E disse que vai me dar um trabalho no centro assistencial de São João. O que significa que vou conseguir um pouco mais de caldo de peixe!"

Ela estendeu o braço e beliscou de leve a pele do pescoço de Ugwu, apenas uma leve pressão dos dedos. Ele olhou para ela. Não queria apenas apertar as nádegas nuas dela, queria acordar a seu lado e saber que dormiriam juntos todos os dias, queria falar com ela e escutá-la rir. Eberechi não tinha nada de Chinyere — uma simples conveniência afetiva —, era mais uma Nnesinachi real, alguém de quem gostava pelo que fora dito e feito, e não pelo que imaginava que ela diria ou faria. Ele estava transbordando de reconhecimento e queria dizer a ela, infinitas vezes, que a amava. Ugwu amava Eberechi. Mas não disse nada. Sentados na escada, elogiaram a Tanzânia e sonharam com caldo de peixe, ziguezagueando de um assunto a outro até que um Peugeot 403 passou a toda pela rua. Depois o carro deu ré, com os pneus aos guinchos, como se o motorista quisesse impressionar, e parou na frente da casa. Na carroceria, em letras grosseiras e vermelhas, estava escrito EXÉRCITO DE BIAFRA. Saltou um soldado de dentro do carro, segurando uma arma e trajando uma farda tão elegante que os vincos do ferro ainda estavam visíveis, na frente. Eberechi levantou-se e foi até ele.

"Boa tarde", disse ela.

"Você é Eberechi?"

Ela fez que sim de cabeça. "É sobre o meu irmão? Aconteceu alguma coisa com ele?"

"Não, não." Havia um quê de malícia no olhar de esguelha do soldado que desagradou Ugwu imediatamente. "O major Nwogu está chamando você. Está no bar, logo aí na frente."

"Ah!" Eberechi deixou a boca aberta, a mão no peito. "Estou indo. Estou indo." Virou-se e entrou correndo em casa. Ugwu sentiu-se traído pela emoção da moça. O soldado não tirava os olhos dele.

"Boa tarde", disse Ugwu.

"Quem é você?", perguntou o soldado. "Um civil desocupado?"

"Sou professor."

"Professor? *Onye nkuzi*?" Ele balançava o fuzil para trás e para a frente.

"Isso mesmo", respondeu Ugwu, em inglês. "Nós organizamos aulas para crianças da vizinhança e ensinamos aos jovens os ideais da causa biafrense." Esperava que seu inglês soasse como o de Olanna; também torcia para que a afetação toda dele impedisse o soldado de fazer mais perguntas.

"Que aulas?", perguntou o soldado, num quase resmungo. Ele parecia ao mesmo tempo impressionado e inseguro.

"Nós nos concentramos em educação cívica, matemática e inglês. O diretor de Mobilização patrocinou nosso projeto."

O soldado continuava olhando fixo para Ugwu.

Eberechi saiu às pressas da casa; no rosto, uma fina camada de pó branco, as sobrancelhas escurecidas com lápis, a boca, um rasgo vermelho.

"Vamos embora", disse para o soldado. Depois se curvou e sussurrou para Ugwu: "Eu vou indo. Se eles procurarem por mim, por favor diga que fui buscar alguma coisa na casa de Ngozi".

"Certo, senhor professor! A gente se vê!", disse o soldado, e Ugwu pensou ter visto uma centelha de triunfo nos olhos dele, daquele idiota analfabeto. Era difícil, para ele, vê-los indo embora; resolveu examinar as unhas. O misto de mágoa, perplexidade e constrangimento o enfraqueceu. Não conseguia acreditar que ela acabara de lhe pedir para mentir por ela, enquanto corria para se encontrar com um homem a quem nunca fizera menção. Sentiu as pernas rígidas ao atravessar a rua. Tudo o que fez durante o resto do dia veio colorido com uma tinta amarga, e ele pensou, mais de uma vez, em ir até o bar para ver o que estava acontecendo.

Estava escuro quando ela bateu na porta de trás.

"Sabe que eles já rebatizaram o Sol Nascente de Bar Tanzânia?"

Ele olhou para ela e não disse nada.

"As pessoas estavam tocando música da Tanzânia e dançando, e um comerciante chegou e pediu frango e cerveja para todo mundo", disse ela.

O ciúme de Ugwu era visceral; grudara em seu pescoço e ameaçava estrangulá-lo.

"Cadê a tia Olanna?", perguntou ela.

"Está lendo para Baby", Ugwu ainda conseguiu responder. Ele queria sacudi-la até ela contar toda a verdade do que acontecera durante a tarde, o

que tinha feito com o homem, por que o batom sumira de sua boca.

Eberechi deu um suspiro. "Tem um pouco de água? Estou com sede. Tomei cerveja, hoje."

Ugwu não achava certo aquele seu comportamento descontraído, à vontade. Serviu um pouco de água numa xícara e ela tomou devagar.

"Encontrei o major algumas semanas atrás; ele me deu uma carona, quando fui a Orly, mas nem sequer me passou pela cabeça que fosse se lembrar de mim. É um homem tão simpático." Eberechi calou-se uns momentos. "Disse a ele que você é meu irmão. Ele disse que garante que ninguém vai chegar aqui recrutando você." Ela parecia orgulhosa do que tinha conseguido, mas, para Ugwu, era como se ela estivesse arrancando seus dentes de propósito, um a um.

Deu as costas para ela. Não precisava de favores da amante dele. "Eu preciso lavar a louça", disse ele, rígido.

Ela tomou mais uma xícara de água e disse: "*Ngwanu*, que o dia amanheça", e foi embora.

Ugwu parou de ir à casa de Eberechi. Ignorou seus cumprimentos, ficou com raiva dos olhares espantados dela e das perguntas. "O que foi, Ugwu? O que eu fiz para ofendê-lo?" Por fim, ela parou de falar com ele e de lhe fazer perguntas. Ugwu não ligou. No entanto, no dia em que ouviu um carro passando, correu para ver se era o Peugeot 403 do EXÉRCITO DE BIAFRA que passara. Ele a via sair pela manhã e achava que talvez ela e o major tivessem arrumado um lugar regular para se encontrar, até que um dia Eberechi apareceu à tarde para dar um pouco de caldo de peixe a Olanna. Ele abriu a porta e pegou o pequeno pacote sem dizer uma palavra.

"Uma moça tão boa, *ezigbo nwa*", disse Olanna. "Deve estar se saindo muito bem naquele centro assistencial."

Ugwu não disse nada. O afeto de Olanna o ofendia, assim como o jeito como Baby perguntava quando tia Eberechi viria brincar com ela. Queria que elas se sentissem traídas também, com raiva, como ele. Iria contar a Olanna o que tinha acontecido. Verdade que nunca antes tinha conversado coisas assim tão pessoais com ela, mas achava que podia. Planejou tudo com cuidado para a sexta-feira, o dia em que o Patrão ia ao Bar Tanzânia com Special Julius, depois do trabalho. Olanna levara Baby para visitar a

professora Muokelu, e, enquanto esperava a volta, Ugwu capinou o quintal, preocupado com a falta de substância de sua história. Olanna riria dele, naquele seu jeito paciente de rir do Patrão, quando ele dizia algo ridículo. Eberechi nunca tinha mencionado nenhum sentimento especial por ele, afinal de contas. Mas certamente não poderia fingir que não sabia o que ele sentia por ela. Fora muita insensibilidade da parte dela jogar o amante do exército na cara dele, assim sem mais nem menos, mesmo que não sentisse nada por Ugwu.

Preparou o espírito e entrou ao ouvir Olanna. Elas estavam na sala, Baby sentada no chão, desembrulhando algo envolto num velho jornal.

"Bem-vinda, *mah*", disse Ugwu.

Olanna virou-se para olhá-lo, e o vazio de seu olhar o espantou. Havia algo errado. Talvez tivesse descoberto que ele tinha dado um pouco do leite condensado a Eberechi. Mas os olhos dela estavam ocos demais, rasos demais, para ser apenas raiva por causa de um pouco de leite roubado semanas atrás. Havia alguma coisa muito errada. Será que Baby estava doente de novo? Ugwu deu uma olhada para a criança, ocupada com o invólucro de jornal. Sentiu um aperto no estômago, com a perspectiva de más notícias.

"*Mah*? Aconteceu alguma coisa?"

"A mãe do seu Patrão morreu."

Ugwu aproximou-se mais, porque as palavras de Olanna haviam se solidificado, se tornado objetos suspensos, flutuando acima de seu alcance. Ele levou alguns momentos para entender.

"O primo dele mandou o recado", disse Olanna. "Ela foi baleada em Abba."

"*Hei!*" Ugwu pôs as mãos na cabeça e lutou para se lembrar de como era Mama, na última vez em que a vira, perto da árvore de noz-de-cola, recusando-se a deixar sua casa. Mas não conseguia vê-la. Em vez disso, lembrava-se de uma imagem meio borrada dela na cozinha, em Nsukka, abrindo uma pimenta. Seus olhos se encheram de lágrimas. Perguntou-se quantas outras calamidades seria obrigado a saber. Talvez os vândalos hauçás tivessem ficado para trás em seu povoado; talvez tivessem matado sua própria mãe.

Quando o Patrão chegou em casa e foi para o quarto, Ugwu não sabia direito se deveria ir até lá ou esperar até ele sair. Resolveu esperar. Acendeu o

fogão a querosene e misturou o mingau de Baby. Bem que gostaria de ter se ressentido menos com o cheiro forte das sopas de Mama.

Olanna entrou na cozinha.

"Por que está usando o fogão a querosene?", berrou ela. "*I na-ezuzu ezuzu*? Você é burro? Já não disse que temos que economizar querosene?"

Ugwu ficou perplexo. "Mas, *mah*, a senhora disse que eu devia fazer a comida de Baby no fogão."

"Eu nunca disse isso! Saia e vá acender o fogo!"

"Desculpe, *mah*." Mas ela tinha dito isso de fato; só Baby comia três vezes ao dia agora — eles três faziam só duas refeições —, e Olanna lhe pedira para cozinhar a comida dela no fogão a querosene porque o cheiro da fumaça fazia Baby tossir.

"Você sabe quanto custa o querosene? Só porque você não paga pelas coisas que usa acha que pode fazer o que quiser com elas? Por acaso o lume de lenha não é um grande luxo, lá no lugar de onde você vem?"

"Desculpe, *mah*."

Olanna sentou-se num bloco de concreto, no quintal. Ugwu fez fogo e terminou o jantar de Baby. Estava consciente do olhar dela em cima dele.

"Seu patrão não quer falar comigo", disse ela.

O longo silêncio que se seguiu encheu Ugwu com uma sensação profundamente incômoda de intimidade; ela nunca tinha comentado nada assim sobre o Patrão, até o momento.

"Sinto muito, *mah*", disse ele, sentando-se a seu lado; queria pôr a mão em suas costas, para confortá-la, mas não poderia fazer isso, de modo que deixou a mão suspensa, a poucos centímetros de tocá-la, até que ela soltou um suspiro, levantou e entrou.

O Patrão saiu para ir à casinha.

"A patroa me contou o que houve, *sah*", disse Ugwu. "*Ndo*. Eu sinto."

"Sim, sim", disse o Patrão, passando rápido por ele.

Para Ugwu, fora inadequada a troca de palavras entre os dois; sentia que a morte de Mama exigia mais palavras, mais gestos, mais tempo partilhado entre os dois. Porém o Patrão mal olhara para ele. E quando Special Julius passou mais tarde para dizer *ndo*, o Patrão foi igualmente rápido e ríspido.

"É certo que temos de esperar baixas. A morte é o preço de nossa liberdade", disse ele, e, súbito, levantou-se e voltou para o quarto, deixando Olanna balançando a cabeça para Special Julius, os olhos cheios d'água.

Ugwu achou que o Patrão ficaria em casa, no dia seguinte, mas ele tomou banho mais cedo ainda do que costumava. Não tocou no chá nem nas fatias de cará da noite anterior que Ugwu aquecera para ele. Não enfiou a camisa dentro da calça.

"Você não pode cruzar a Biafra-Dois, Odenigbo", disse Olanna, seguindo-o até o carro. O Patrão arrancou as folhas de palma empilhadas sobre a carroceria. Olanna continuou dizendo algo que Ugwu não conseguiu escutar, enquanto o Patrão abria o capô em silêncio. Depois entrou no carro e saiu, com um leve aceno de mão. Olanna correu pela rua. Ugwu pensou, por um momento absurdo, que ela estava perseguindo o carro do Patrão, mas ela voltou e disse que tinha pedido a Special Julius para segui-lo e trazê-lo de volta.

"Ele diz que tem que ir enterrá-la. Mas as estradas estão ocupadas. As estradas estão ocupadas", disse ela. Seus olhos não se desviavam da entrada do *compound*. A cada som que escutava — um caminhão passando, um pássaro cantando, o grito de uma criança —, deixava correndo o banco da varanda para olhar a rua. Um grupo de pessoas armadas com facões passou em frente da casa, cantando. O líder deles tinha um braço só.

"Professora! Muito bem!", disse um deles, quando viu Olanna. "Estamos à procura dos traidores! Vamos expulsar todos os infiltrados!"

Na hora em que passaram por ela, Olanna saltou do banco e gritou: "Por favor, fiquem de olho para ver se vêem meu marido num Opel azul".

Um deles se virou e acenou para ela, com um olhar meio perplexo.

Ugwu sentia o calor da tarde ensolarada mesmo debaixo da proteção do sapê. Baby brincava descalça no jardim da frente. O longo carro americano de Special Julius parou e Olanna deu um salto.

"Ele não voltou ainda?", perguntou Special Julius do carro.

"Você não o viu?", disse Olanna.

Special Julius parecia preocupado. "Mas quem foi que pôs na cabeça de Odenigbo que ele podia passar por estradas ocupadas? Quem foi que lhe disse isso?"

Ugwu queria que ele se calasse. Ele não tinha o direito de criticar o Patrão, e, em vez de ficar ali sentado usando aquela sua túnica feia, podia dar meia-volta e ir procurar direito.

Depois que Special Julius foi embora, Olanna sentou-se, curvou o corpo e pôs a cabeça entre as mãos.

"Quer um pouco de água, *mah*?", perguntou Ugwu.

Ela balançou a cabeça. Ugwu viu o sol despencando. A escuridão chegou de forma rápida, brutal; não havia mudança gradual do claro para o escuro.

"O que eu faço?", perguntou Olanna. "O que eu faço?"

"O Patrão volta, *mah*."

Porém o Patrão não voltou. Olanna sentou-se na varanda até depois da meia-noite, com a cabeça encostada na parede.

27.

Richard estava à mesa de jantar quando a campainha tocou. Reduziu o volume do rádio e rearrumou as folhas de papel antes de ir abrir a porta. Lá estava Harrison, com a testa, o pescoço, os braços e as pernas por baixo do short cáqui envoltos em ataduras ensanguentadas.

Richard quase teve uma vertigem com toda aquela umidade vermelha. "Harrison! Meu bom Deus. O que houve com você?"

"Boa tarde, patrão."

"Atacaram você?", perguntou Richard.

Harrison entrou, pôs a sacola em frangalhos no chão e começou a rir. Richard olhava para ele. Quando ergueu as mãos para desamarrar a atadura sanguinolenta da cabeça, Richard disse: "Não, não, não precisa fazer isso, Harrison. Não precisa mesmo. Vou chamar o motorista agora mesmo. Vamos levá-lo ao hospital".

Harrison arrancou a atadura. Sua cabeça não tinha marca nenhuma; não havia cortes, nada que mostrasse de onde viera o sangue.

"É beterraba, *sah*", disse Harrison, rindo de novo.

"Beterraba?"

"Isso mesmo, *sah*."

"Você quer dizer que não é sangue?"

"Não, *sah*." Harrison recuou um pouco na sala e foi postar-se num canto, mas Richard o convidou a sentar. Ele se acomodou na beirada de uma cadeira. O sorriso sumiu de seu rosto quando começou a falar.

"Estou vindo da minha cidade, *sah*. Não espalho para ninguém que nossa aldeia vai cair logo, para que não dizem que sou sabotador. Mas todo mundo está sabendo que os vândalos vêm chegando. Dois dias atrás a gente ouve as bombas, mas o conselho do povoado estão dizendo que são os

nossos, exercitando. Por isso levei minha família e as nossas cabras para a fazenda de dentro. Depois peguei aqui para Port Harcourt porque não estou sabendo o que houve com o patrão. Até enviei recados pelo motorista do professor Blyden faz muitas semanas já."

"Não recebi recado nenhum."

"Sujeito idiota", resmungou Harrison, antes de continuar. "Eu mergulho os panos na água de beterraba, amarro feito atadura e digo que sobrevivo ao ataque aéreo. É só assim que o pessoal da milícia me deixa entrar no caminhão. Só homem com ferimentos segue junto com mulher e criança."

"E o que aconteceu em Nsukka? Como é que saiu de lá?"

"Faz muitos meses isso, *sah*. Quando ouvi bomba estourar, empacoto as coisas e enterro a caixa do mãoscrito no jardim, perto daquela florzinha pequena que Jomo plantou da última vez."

"Você enterrou o manuscrito?"

"Enterrei, *sah*, porque senão eles leva de mim na estrada."

"Sim, claro", disse Richard. Era descabido esperar que Harrison tivesse trazido *Nos tempos dos vasos de cordas* consigo. "E então, como é que tem se virado?"

Harrison abanou a cabeça. "A fome é ruim, *sah*. Meu povo está vigiando bode."

"Vigiando bode?"

"Para ver o que eles come, e, depois de ver, eles ferve as mesmas folhas e dá para os filhos tomar. Impede as crianças de pegar *kwashiorkor*."

"Entendo", disse Richard. "Agora vá para o Alojamento dos Criados e tome um banho."

"Pois não, *sah*." Harrison se levantou.

"E quais são seus planos, agora?"

"*Sah*?"

"Planeja voltar para sua aldeia natal?"

Harrison mexeu na atadura do braço, grossa de sangue falso. "Não, *sah*. Estou esperando a guerra acabar e cozinhando para o patrão."

"Claro", disse Richard. Ainda bem que dois dos empregados de Kainene tinham se alistado no exército e só restara Ikejide.

"Mas, *sah*, estão dizendo que Port Harcourt cai logo. Os vândalos vêm vindo com muito navio britânico. Já estão bombardeando os arredores de Port Harcourt, agora."

"Vá tomar um banho, Harrison."

"Pois não, *sah*."

Depois que Harrison saiu da sala, Richard aumentou o volume do rádio. Gostava da cadência da voz de entonação árabe que falava na Rádio Kaduna, mas não da certeza jubilosa com que dizia "Port Harcourt foi liberada! Port Harcourt foi liberada!". Estavam falando da queda de Port Harcourt havia dois dias, já. Assim como a rádio de Lagos, embora com um pouco menos de inflexão jubilosa. A BBC também havia anunciado que a queda iminente de Port Harcourt seria a queda de Biafra; Biafra perderia seu porto marítimo, seu aeroporto, seu controle sobre o petróleo.

Richard abriu a tampa de bambu de uma garrafa sobre a mesa e se serviu. O líquido rosado espalhou um calor agradável por todo seu corpo. Emoções reviraram em seu cérebro — alívio de ver Harrison vivo, decepção de saber que seu manuscrito estava enterrado em Nsukka, ansiedade sobre o destino de Port Harcourt. Antes de se servir de uma segunda dose, leu o rótulo da garrafa: REPUBLIC OF BIAFRA, RESEARCH AND PRODUCTION DIRECTORATE, NENE SHERRY, 45%. Bebeu lentamente. Madu levara duas, em sua última visita, brincando que fazer bebida em casa e colocar em velhas garrafas de cerveja era parte da mobilização para a vitória.

"O pessoal do RAP diz que Ojukwu toma isso, se bem que eu duvide", disse ele. "Eu só bebo os transparentes, porque não confio muito nessa cor."

A irreverência de Madu, chamando Sua Excelência apenas de *Ojukwu*, sempre incomodava Richard, entretanto não disse nada, porque não queria ver de novo aquele mesmo sorrisinho afetado com que Madu dizia a Kainene: "Nós estamos enchendo o tanque com uma mistura de querosene e dendê", ou "Nós aperfeiçoamos a *ogbunigwe* voadora", ou "Nós fizemos um tanque com peças usadas". O *nós* dele vinha sempre cercado de exclusão. A ênfase proposital e a voz gutural significavam que Richard não era parte do nós; uma visita não poderia ter as mesmas liberdades dos donos da casa.

Por isso mesmo, algumas semanas antes Richard ficara perplexo com a informação de Kainene: "Madu gostaria que você escrevesse para o Diretório de Propaganda. Ele vai lhe conseguir um passe especial e gasolina para poder circular. Eles vão mandar seus artigos para o pessoal de relações públicas no exterior".

"Por que eu?"

Kainene deu de ombros. “Por que não?”

“O cara me odeia.”

“Não seja tão dramático. Acho que eles querem alguém íntimo e com experiência para contar mais coisas, além de quantos biafrenses foram mortos.”

De início, a palavra *íntimo* deixou Richard emocionado. Mas logo as dúvidas começaram a se insinuar; *íntimo* fora o termo usado por Kainene, e não por Madu. Madu o enxergava como um estrangeiro e talvez por isso imaginou que seria uma boa pessoa para ocupar o cargo. Quando ligou, perguntando se Richard queria o cargo, Richard disse não.

“Já pensou a respeito?”, perguntou Madu.

“Você não teria me oferecido se eu não fosse branco.”

“Claro que ofereci porque você é branco. Eles vão levar mais a sério o que você escrever por ser um branco. Escute, a verdade é que esta não é a sua guerra. Esta não é a sua causa. Seu governo tira você daqui assim que solicitar. De modo que não basta carregar galhos murchos e gritar *poder*, *poder* para mostrar apoio a Biafra. Se quer mesmo contribuir, a forma de fazê-lo é escrever para nós. O mundo precisa saber o que está acontecendo, eles não podem simplesmente continuar calados enquanto nós morremos. Eles acreditarão num branco que mora em Biafra e que não é jornalista profissional. Você pode dizer a eles que continuamos firmes e triunfantes, mesmo com os Mig-17 nigerianos, os II-28 e os Delfins L-29 pilotados por russos e egípcios nos bombardeando todos os dias, mesmo que alguns simplesmente usem aviões de transporte e descarreguem sem piedade as bombas em cima de mulheres e crianças, mesmo que britânicos e soviéticos tenham formado uma aliança maldita para dar mais e mais armas à Nigéria, mesmo com a recusa dos americanos em ajudar, mesmo só podendo fazer transportes à noite, sem luz nenhuma, porque os nigerianos derrubam qualquer avião de ajuda durante o dia...”

Madu calou-se uns instantes, para recobrar o fôlego, e Richard disse: “Certo, eu aceito”. *Eles não podem simplesmente continuar calados enquanto nós morremos* ressoava em sua cabeça.

Seu primeiro artigo foi sobre a queda de Onitsha. Escreveu que os nigerianos tinham tentando diversas vezes tomar essa antiga cidade, mas que os biafrenses lutaram bravamente, que centenas de romances populares haviam sido publicados ali, antes da guerra, que a grossa e densa fumaça da

ponte em chamas que cruzava o Níger subira como uma elegia desafiadora. Descreveu a igreja católica da Santíssima Trindade, onde soldados da Segunda Divisão da Nigéria haviam defecado no altar, antes de matar duzentos civis. Citou uma testemunha muito tranquila: "Os vândalos são um povo que caga em cima de Deus. Nós havemos de vencê-los".

Enquanto escrevia o artigo, sentiu-se de novo um colegial, escrevendo cartas para tia Elizabeth sob a vigilância do diretor. Richard lembrava-se dele claramente, da pele manchada, de como chamava ciência de "porcaria", de como comia seu mingau andando pelo refeitório, dizendo que era assim que faziam os homens de bem. Richard continuava sem saber o que mais detestava, se ver forçado a escrever cartas para casa, ou ter a sessão epistolar monitorada. Assim como não sabia o que odiava mais, no momento, a idéia de Madu como seu monitor ou perceber que importava e muito o que Madu achava dele. Alguns dias depois de ter escrito o primeiro artigo, chegou um bilhete dele. *O artigo saiu muito bom (quem sabe um pouco menos rebuscado, no próximo?) e já foi enviado para a Europa*. A letra dele era enrolada, difícil de decifrar, e, no papel timbrado, o NIGERIANO de EXÉRCITO NIGERIANO fora riscado e BIAFRENSE fora escrito apressadamente por cima, em letras de fôrma. Porém as palavras de Madu convenceram Richard de que tomara a decisão correta. Imaginava-se como um jovem Winston Churchill, cobrindo as atividades de Kitchener na batalha de Omdurman, travada entre armas superiores contra as inferiores, se bem que, ao contrário de Churchill, Richard estivesse do lado do vencedor moral.

Semanas depois, após muitos outros artigos, sentia-se parte de tudo. Agradava-o o novo respeito nos olhos do motorista, saltando do carro para lhe abrir a porta, embora Richard tivesse dito que não era preciso. Ficou feliz com a rapidez com que os olhares de suspeita dos defensores civis ao ver seu passe especial de trabalho se transformavam em amplos sorrisos quando ele os cumprimentava em ibo, com a rapidez com que todos se dispunham a responder suas perguntas. Satisfazia-se com a superioridade que adotava diante de jornalistas estrangeiros, quando resolvia falar vagamente sobre os antecedentes da guerra — sobre as implicações da greve nacional, do censo e do caos na Região Ocidental —, sabendo perfeitamente que eles não tinham idéia do que ele falava.

Porém seu grande prazer procedia do encontro com Sua Excelência. Foi durante uma apresentação de uma peça em Owerri. Um reide aéreo explodira todas as janelas do teatro e a brisa noturna levava embora algumas das palavras dos atores. Richard sentou-se poucas fileiras atrás de Sua Excelência e, depois da peça, um dos bambambãs do Diretório de Mobilização o apresentou. O sólido aperto de mão e o "Obrigado pelo bom trabalho que vem fazendo" em voz suave, com sotaque de Oxford, o deixaram confiante. Ainda que tivesse achado a peça política um tanto óbvia demais, não disse nada. Concordou com Sua Excelência: o espetáculo fora maravilhoso, simplesmente maravilhoso.

Richard podia ouvir os barulhos de Harrison na cozinha. Sintonizou a Rádio Biafra até terminar a declaração de que o inimigo estava acuado em Oba e depois desligou. Serviu uma dose menor e releu sua última frase. Estava escrevendo sobre o Comando das Forças Especiais, sobre a popularidade de seus soldados, adorados pelos civis, porém a aversão que sentia pelo comandante, um mercenário alemão, tornava o texto artificial. O artigo estava pomposo. O xerez havia aguçado sua ansiedade, em vez de embotá-la. Levantou-se, apanhou o telefone e ligou para Madu.

"Richard", disse Madu. "Que sorte. Acabei de entrar."

"Tem alguma novidade sobre Port Harcourt?"

"Novidade?"

"A cidade não está ameaçada? Tem havido ataques a bomba em Rumuokwurusi, certo?"

"É verdade, temos informações seguras de que alguns sabotadores se apossaram de umas bombas. Mas você acha mesmo que se os vândalos estivessem assim tão perto o bombardeio contra nós seria tão fraco?"

O tom de quem está achando a pergunta engraçada fez Richard se sentir um tolo. "Desculpe a amolação. É que eu pensei..." E deixou que a voz fosse sumindo.

"Não tem de quê. Cumprimente Kainene por mim, quando ela voltar", disse Madu, antes de desligar.

Richard terminou a bebida e estava prestes a servir mais uma dose, mas resolveu que era melhor não. Fechou a garrafa de novo com a tampa de bambu e saiu para a varanda. O mar estava calmo. Espreguiçou-se e passou a mão pelo cabelo, como se para espantar os maus pressentimentos. Se Port Harcourt caísse, perderia a cidade que aprendera a amar, a cidade em

que amava; perderia um pouco de si. Porém Madu devia estar certo. Ele não negaria informações sobre uma cidade prestes a cair, ainda mais a cidade onde Kainene vivia. Se tinha dito que Port Harcourt não estava ameaçada, então não estava.

Richard olhou para seu reflexo embaciado na porta de vidro. Estava bronzeado e o cabelo parecia mais cheio, um tanto despenteado; lembrou-se das palavras de Rimbaud: *Eu é um outro*.

Kainene deu risada quando Richard lhe contou sobre as beterrabas. Depois tocou em seu braço e disse: "Não se preocupe, se ele pôs o manuscrito numa caixa, vai ficar a salvo dos cupins". Tirou a roupa de trabalho e estirou-se languidamente na cama; Richard admirou a graça esbelta das costas arqueadas. Sentiu o turbilhão do desejo, mas esperaria pela noite, depois de terem jantado, depois de terem recebido alguma visita, depois que Ikejide tivesse se retirado. Iriam para a varanda, ele afastaria a mesa, poria um tapete macio e deitaria com as costas nuas no chão. Quando ela montasse nele, seguraria seus quadris, olharia para o céu noturno e, por alguns momentos, teria certeza do significado da bem-aventurança. Esse era o novo ritual deles, desde que a guerra começara, e por esse único motivo se sentia grato à guerra.

"Colin Williamson deu uma passada no meu escritório hoje", disse Kainene.

"Não sabia que ele tinha regressado", falou Richard, e o rosto bronzeado de Colin lhe voltou à mente, assim como o lampejo dos dentes manchados enquanto discorria, vezes demais, sobre sua saída da BBC porque os editores apoiavam a Nigéria.

"Ele trouxe uma carta da minha mãe", disse Kainene.

"Da sua mãe?"

"Ela leu a reportagem dele no *Observer*, entrou em contato com ele e perguntou se ele pretendia voltar a Biafra, e se poderia entregar uma carta para a filha, em Port Harcourt. Ela ficou muito espantada quando Colin disse que nos conhecia."

Richard amou o jeito como ela disse "nos". "Eles estão bem?"

"Claro que estão; não tem ninguém bombardeando Londres. Ela diz que tem pesadelos, que Olanna e eu morremos, que reza muito e que estão en-

volvidos com a Campanha Salve Biafra, em Londres — o que deve significar que enviaram uma pequena doação." Kainene parou de falar e estendeu o envelope. "Ela grudou algumas libras esterlinas no forro de um cartão de um jeito muito esperto. Fiquei impressionada. Mandou um para Olanna, também."

Ele leu a carta rapidamente. *Lembranças a Richard* era a única referência a ele, no final do papel azul. Queria perguntar a Kainene como pretendia entregar a carta a Olanna, mas ficou quieto. O silêncio fora pondo o assunto Olanna num relicário a cada mês, cada ano que atravessavam sem tocar no nome dela. Quando Kainene recebeu as três cartas que a irmã escrevera no começo da guerra, não fez menção. E não respondera.

"Vou mandar alguém até Umuahia na semana que vem para entregar a carta de Olanna", disse ela.

Richard devolveu-lhe a carta. O silêncio estava se coagulando.

"Os nigerianos não param de falar de Port Harcourt", disse ele.

"Eles não vão tomar Port Harcourt. Nosso melhor batalhão está aqui." Kainene falou com voz casual, porém havia uma nova cautela em seus olhos, a mesma que exibira ao lhe dizer, meses atrás, que queria comprar uma casa inacabada em Orlu. Dissera que era melhor ter imóveis que dinheiro no banco, mas ele suspeitava que, para Kainene, se tratava de uma rede de segurança para o caso de Port Harcourt cair. Para ele, pensar na possibilidade de Port Harcourt cair era uma blasfêmia. Em nenhum dos fins de semana em que foram ver se os operários não estavam roubando material, falou em morar em Orlu, como se numa tentativa de se absolver da blasfêmia.

Richard também não queria mais viajar. Queria guardar Port Harcourt com sua presença; desde que estivesse ali, achava ele, nada aconteceria. Porém o pessoal de relações públicas da Europa tinha pedido um artigo sobre a pista de pouso em Uli, de modo que saiu, muito a contragosto, bem cedo na manhã seguinte, assim estaria de volta antes do meio-dia, horário em que os aviões nigerianos descarregavam suas armas sobre qualquer veículo que estivesse rodando nas estradas principais. Na estrada para Okigwe, havia uma enorme cratera deixada por uma bomba. O motorista desviou e Richard teve uma sensação já conhecida de mau agouro, porém seus pensamentos ficaram mais leves ao se aproximar de Uli. Era sua primeira visita ao único elo de Biafra com o mundo exterior, essa maravilha de pista de

pouso onde comida e armas se esquivavam dos bombardeiros nigerianos. Saltou do carro, olhou para a faixa de asfalto com um matagal denso de ambos os lados e pensou nas pessoas que faziam tanto com tão pouco. Um jato minúsculo estava parado na outra ponta. O sol da manhã era quente; três homens espalhavam folhas de palmeira na pista, trabalhando rápido, suando, empurrando carrinhos cheios até a boca de folhas de palmeira. Richard aproximou-se para dizer "Muito bem, *jisienu ike*".

Um oficial saiu do prédio inacabado e apertou a mão de Richard. "Não escreva demais, não! Não entregue nossos segredos", brincou ele.

"Claro que não", disse Richard. "Posso entrevistá-lo?"

O homem deu um sorriso largo, flexionou os ombros e disse: "Bem, eu sou o encarregado da alfândega e da imigração". Richard escondeu um sorriso; as pessoas sempre se sentiam importantes quando pedia para entrevistá-las. Conversaram na pista mesmo e, pouco depois de o encarregado da alfândega ter voltado ao prédio, saiu lá de dentro um sujeito alto e loiro. Richard o reconheceu: era o conde Von Rosen. Parecia mais velho do que o retrato que Richard tinha visto, mais perto dos setenta que dos sessenta anos, mas envelhecia de forma elegante; dava passadas longas e tinha o queixo firme.

"Disseram que você passaria por aqui e pensei em lhe dar um alô", disse ele, com um cumprimento tão inabalável quanto seus olhos verdes. "Acabei de ler um artigo excelente seu, sobre a Brigada de Garotos Biafrenses."

"É um prazer conhecê-lo, conde Von Rosen", disse Richard. E era *mesmo* um prazer. Desde o momento em que lera a respeito desse aristocrata sueco que bombardeava alvos nigerianos com seu pequeno avião, tinha vontade de conhecê-lo.

"Homens notáveis", disse o conde, dando uma olhada no pessoal que garantia que, lá do alto, a faixa negra de asfalto seria tida como mato. "País extraordinário."

"De fato", disse Richard.

"Gosta de queijo?", perguntou o conde.

"Queijo? Gosto. Claro que gosto."

O conde enfiou a mão no bolso e tirou lá de dentro um pequeno pacote. "Um *cheddar* excelente."

Richard pegou e tentou esconder a surpresa. "Obrigado."

O conde remexeu de novo no bolso e Richard ficou preocupado, achando que ele fosse tirar mais um pedaço de queijo. Mas ele puxou um par de óculos escuros e colocou-os no rosto. "Disseram-me que sua mulher é uma ibo muito rica, uma das pessoas que ficaram aqui para lutar pela causa."

Richard nunca tinha visto a questão dessa perspectiva, a de Kainene ter ficado para lutar pela causa, mas sentiu-se satisfeito que o conde houvesse escutado isso, e escutado, também, que Kainene e ele eram casados. Sentiu um súbito e feroz orgulho de Kainene. "É. Ela é uma mulher extraordinária."

Houve um silêncio. A intimidade do queijo ofertado pedia um gesto de reciprocidade, de modo que Richard abriu sua agenda e mostrou ao conde primeiro uma foto de Kainene, tirada à beira da piscina, com um cigarro na boca, e depois a foto do vaso de cordas.

"Eu me apaixonei pela arte de Igbo-Ukwu e depois por ela", disse.

"Belos, ambos", disse o conde, antes de tirar os óculos para examinar as fotos.

"Vai sair em missão hoje?", perguntou Richard.

"Vou."

"Por que o senhor faz isso?"

Ele pôs os óculos de novo. "Eu trabalhei com os *freedom fighters* da Etiópia e, antes disso, levava suprimentos para o gueto de Varsóvia", disse ele, com um leve sorriso, como se isso respondesse a pergunta. "Agora preciso ir andando. Para continuar fazendo um bom trabalho."

Richard ficou olhando o conde se afastar, um fidalgo de costas eretas, tão diferente do mercenário. "Eu gosto dos biafrenses", lhe tinha dito o alemão de cara vermelha. "Muito diferentes dos malditos cafres do Congo." Falara isso para Richard na sua casa, no meio do mato, bebendo de uma garrafa enorme de uísque e vendo seu filho adotivo — um garoto biafrense bonito — brincar com velhos estilhaços no chão. Richard havia se irritado com o desprezo afetuoso com que tratava a criança, e com a exceção que abria aos biafrenses. Era como se o mercenário achasse que, finalmente, encontrara uma gente negra de quem podia gostar. O conde era diferente. Richard espiou o jato minúsculo uma última vez, antes de subir no carro.

Na volta, nos arredores de Port Harcourt, escutou o matraquear distante de armas. O ruído não demorou a parar. Mas ele ficou preocupado. E quando Kainene sugeriu que fossem para Orlu no dia seguinte, procurar

um carpinteiro para a casa nova, o desejo de Richard era de que não precisassem ir. Dois dias seguidos longe de Port Harcourt o deixavam preocupado.

A casa nova era rodeada de cajueiros. Richard lembrava-se de que parecia abandonada quando Kainene comprou — semi-acabada, com camadas de mofo verde nas paredes sem pintura —, e de que havia moscas e abelhas amontoadas sobre os cajus caídos, o que lhe deu náuseas. O dono tinha sido o diretor da escola secundária comunitária, que ficava um pouco mais abaixo, na mesma rua. Como a escola tinha sido transformada em campo de refugiados e como sua mulher morrera, resolveu ir para o interior com suas cabras e seus filhos. E repetia: "Esta casa está fora do alcance das bombas, completamente fora do alcance das bombas", até que Richard começou a se perguntar como é que ele poderia saber de onde os nigerianos iriam disparar. Havia um charme discreto naquela casinha térrea, Richard admitiu isso, quando foram vistoriar os aposentos recém-pintados. Kainene havia contratado dois carpinteiros no campo de refugiados, fizera desenhos numa folha de papel e, já no carro, dissera a Richard: "Não sei não se eles são capazes de fazer uma mesa decente".

Escutaram um apito estridente ao deixar Orlu. O motorista parou de supetão, no meio da estrada, todos saltaram do carro e foram se esconder no mato denso. Algumas mulheres, que estavam andando na estrada, correram também, olhando para cima enquanto escapavam, torcendo o pescoço. Era a primeira vez que Richard procurava um abrigo junto com Kainene; ela estava deitada no chão, ao lado dele, com o corpo rígido. Os ombros se tocavam. O motorista estava um pouco atrás. O silêncio era absoluto. Um farfalhar alto, ali por perto, deixou Richard tenso, até que apareceu um lagarto de cara vermelha entre as pedras. Eles esperaram um bom tempo, e finalmente se levantaram quando ouviram um carro acelerando e vozes alteradas por perto. "Meu dinheiro se foi! Meu dinheiro se foi!" Havia um mercado a poucos metros dali. Alguém tinha roubado a banca da comerciante, enquanto ela se abrigava. Richard podia vê-la, assim como algumas outras mulheres nas barracas, gritando e gesticulando. Era difícil acreditar no silêncio absoluto que reinara alguns minutos antes, e no floresci-

mento prodigioso dos mercados no meio do mato, depois que os nigerianos bombardearam o mercado a céu aberto de Agwu.

"Alarme falso é pior que o de verdade", disse o motorista.

Kainene espanou-se toda, com cuidado, mas o chão estava molhado e a lama grudara nas roupas; seu vestido azul parecia ter sido desenhado com manchas cor de chocolate. Os dois entraram no carro e continuaram a viagem. Richard pressentiu a raiva de Kainene.

"Olha lá aquela árvore", disse ele, apontando. A árvore tinha sido dividida ao meio, num único talho, dos galhos para baixo. Uma das metades ainda estava de pé, meio torta, ao passo que a outra caíra no chão.

"Parece recente", disse Kainene.

"Meu tio foi piloto na guerra. Ele bombardeou a Alemanha. É estranho pensar nele fazendo uma coisa dessa."

"Você nunca falou sobre ele."

"Morreu. Foi derrubado." Richard calou-se uns instantes. "Vou escrever sobre os nossos novos mercados no mato."

O motorista havia parado numa barreira. Um caminhão, transportando sofás, prateleiras e mesas, estava parado no acostamento, e um homem, ao lado do veículo, conversava com uma jovem defensora civil de calça cáqui e sapatos de lona. Ela o largou para ir espiar a cara de Richard e Kainene. Pediu ao motorista para abrir o porta-malas, olhou dentro do porta-luvas, depois estendeu a mão para a bolsa de Kainene.

"Se eu tivesse uma bomba, não esconderia na minha bolsa", murmurou Kainene.

"O que a senhora disse?", perguntou a jovem.

Kainene calou-se. A moça olhou a bolsa com todo o cuidado. E tirou lá de dentro um pequeno rádio. "O que é isso? Um transmissor?"

"Não é um transmissor. É um rá-di-o", disse Kainene, com uma lentidão irônica. A jovem examinou o passe especial de trabalho dos dois e ajustou a boina. "Desculpe, senhora. Mas temos muitos sabotadores que usam aparelhos estranhos para transmitir para a Nigéria. Vigilância é nossa palavra de ordem!"

"Por que vocês pararam aquele homem do caminhão?", perguntou Kainene.

"Estamos mandando todo mundo que esteja retirando mobília voltar para casa."

"Por quê?"

"Uma evacuação assim pode causar pânico na população civil." Falava como alguém recitando algo decorado. "Não há motivo para alarme."

"Mas e se a cidade onde ele mora estiver prestes a ser invadida? Sabe de onde ele é?"

A jovem endireitou o corpo. "Bom dia, senhora."

Assim que o motorista ligou o carro, Kainene disse: "É uma grande piada, não é?"

"O quê?", perguntou Richard, embora já soubesse o que ela queria dizer.

"Esse medo que estamos inculcando no nosso povo. Bombas no sutiã das mulheres! Bombas em latas de leite infantil! Sabotadores por toda parte! Vigiem seus filhos porque eles podem estar trabalhando para a Nigéria!"

"Isso é normal, em tempos de guerra." Às vezes, Richard gostaria que ela fosse um pouco menos sarcástica. "É importante que todos saibam que há sabotadores entre nós."

"Os únicos sabotadores que temos são aqueles que Ojukwu inventou para poder imobilizar os adversários e aqueles cujas mulheres ele cobiça. Eu não contei a você sobre um sujeito de Onitsha que comprou todo o cimento que tínhamos na fábrica, pouco depois de os refugiados começarem a voltar? Ojukwu tem um caso com a mulher dele e acabou de mandar prender o sujeito, sem acusação nenhuma."

Kainene batia a sola do pé no chão do carro. Sempre tinha o jeito de Madu quando falava de Sua Excelência. Porém Richard não se deixava convencer por esse desdém que tinha começado no dia em que Madu se queixou de que Sua Excelência o preterira e nomeara alguém mais novo como oficial comandante. Se Sua Excelência não tivesse preterido Madu, talvez Kainene fosse menos crítica.

"Sabe quantos oficiais ele já meteu na prisão? Ele tem tanta desconfiança dos próprios oficiais que está usando civis para comprar armas. Madu contou que eles acabaram de comprar uns lamentáveis fuzis de ferrolho na Europa. Na verdade, depois que Biafra estiver estabelecida, vamos ter de tirar Ojukwu do poder."

"E substituí-lo por quem, por Madu?"

Kainene riu e ele ficou lisonjeado e surpreso que tivesse gostado de seu sarcasmo. Seus maus presságios voltaram, um ronco surdo no estômago, assim que se aproximaram de Port Harcourt.

"Pare para podermos comprar *akara* e peixe frito", disse Kainene ao motorista, e até o gesto dele, de pisar no freio, deixou Richard nervoso.

Quando chegaram em casa, Ikejide avisou que Madu ligara quatro vezes.

"Espero que não haja nada errado", disse Kainene, abrindo o embrulho de jornal, manchado de óleo, onde estavam o peixe frito e os bolinhos de feijão. Richard pegou um *akara* ainda quente, soprou e disse consigo mesmo que Port Harcourt estava a salvo. Não havia nada errado. O telefone tocou, ele atendeu e o coração acelerou ao ouvir a voz de Madu.

"Como estão vocês? Algum problema?", perguntou Madu.

"Não. Por quê?"

"Surgiram uns boatos de que a Grã-Bretanha forneceu cinco navios de guerra para a Nigéria, de modo que alguns jovens resolveram pôr fogo em lojas e casas de britânicos em toda a cidade, hoje. Eu queria ter certeza de que vocês não foram incomodados. Posso mandar um ou dois dos meus homens para patrulhar a casa de vocês."

De início, Richard ficou irritado de pensar que ainda era considerado um estrangeiro, alguém a ser atacado, depois se sentiu agradecido com a preocupação de Madu.

"Nós estamos bem", disse. "Acabamos de voltar de Orlu, fomos ver a casa."

"Ah, que bom. Me avise se houver algum desdobramento." Madu calou-se, falou com alguém numa voz abafada, e voltou ao telefone. "Você deveria escrever sobre o que o embaixador francês disse ontem."

"Sim, claro."

"*Disseram-me que os biafrenses lutavam como heróis, mas agora sei que os heróis lutam como os biafrenses*", entoou Madu com orgulho, como se o elogio tivesse sido dado a ele, pessoalmente, e quisesse que Richard ficasse sabendo.

"Sim, claro", disse Richard de novo. "Port Harcourt está segura, não está?"

Houve uma pausa do outro lado da linha. "Alguns sabotadores foram presos e todos eles eram de minorias não ibo. Não entendo por que essa gente insiste em ajudar o inimigo. Mas nós venceremos. Kainene está aí?"

Richard entregou o telefone a ela. Que sacrilégio, algumas pessoas acharem que podiam trair Biafra. Lembrou-se dos homens com quem tinha conversado num banco em Owerri, um deles ijo, o outro efik, que disse-

ram que os ibos iriam dominar tudo depois que Biafra estivesse estabelecida. Richard respondera que um país nascido das cinzas da injustiça abominaria a prática da injustiça. Quando lhe deram uma olhada duvidosa, ele mencionou o general do exército que era efik, o diretor que era ijo, e os soldados de outras minorias que lutavam com tanto brilho pela causa. Ainda assim, não pareceram convencidos.

Richard ficou em casa nos dias seguintes. Escreveu sobre os mercados espalhados pela mata e passou horas na varanda, olhando para a rua, como se esperasse um bando de jovens avançar em direção à casa portando tochas acesas. Kainene tinha visto uma das casas incendiadas, a caminho do trabalho. Uma tentativa sem muito ímpeto, segundo ela; só tinham conseguido enegrecer as paredes. Richard queria ver essa casa, escrever a respeito dela e, talvez, ligar o fato à queima das efígies de Wilson e Kosygin, que vira havia pouco, em campos governistas, mas aguardou uma semana até se certificar de que era seguro ser um britânico à solta nas ruas, e então saiu um dia bem cedo, com a intenção de fazer um passeio pela cidade.

Ficou espantado de ver uma nova barreira na avenida Aggrey, e ainda mais espantado de ver que estava sendo vigiada por soldados. Talvez por causa das casas incendiadas. A avenida estava deserta, todos os ambulantes que vendiam amendoins, jornais e peixe frito tinham sumido. Havia um soldado no meio da avenida, balançando a arma para quem se aproximava, fazendo gestos para que voltassem. O motorista parou e Richard estendeu o passe. O soldado ignorou o passe e manteve a arma balançando. "Voltem! Voltem!"

"Bom dia", começou Richard. "Eu sou Richard Churchill e vou..."

"Voltem ou eu atiro! Ninguém vai sair de Port Harcourt! Não há motivo para alarme!"

O soldado segurava a arma com dedos irrequietos. O motorista fez meia-volta. Os maus presságios de Richard se transformaram em pedrinhas nas narinas, mas ainda assim conseguiu fazer uma voz normal quando chegou em casa e contou a Kainene o que tinha havido.

"Tenho certeza de que não é nada", disse. "Há tantos rumores circulando, o exército quer impedir o pânico."

"Sem dúvida eles encontraram um jeito perfeito de fazer isso", disse Kainene, com a expressão preocupada de novo. Estava colocando alguns papéis numa pasta. "Devíamos ligar para Madu e ver o que está havendo."

"Também acho", disse Richard. "Bom, eu vou fazer a barba. Não tive tempo de me barbear antes de sair."

Escutou a primeira explosão do banheiro. Continuou passando o pincel no queixo. E vieram outras: *bum*, *bum*, *bum*. As janelas espatifaram e os cacos de vidro tilintaram ao cair no chão. Alguns vieram parar perto de seu pé.

Kainene abriu a porta do banheiro. "Pedi ao Harrison e ao Ikejide que ponham algumas coisas no carro", disse ela. "Vamos deixar o Ford aqui e sair no Peugeot."

Richard virou-se, olhou para ela e sentiu vontade de chorar. Gostaria de se sentir tão calmo quanto ela, que suas mãos não tremessem tanto na hora em que foi lavá-las. Pegou o creme de barba, os sabonetes dela, algumas esponjas e jogou tudo num saco.

"Richard, acho melhor nos apressarmos, o barulho das bombas parece perto", disse Kainene, e, de novo, escutaram uma série de *bum*, *bum*, *bum*. Ela estava pondo algumas coisas dela e dele numa mala. As gavetas onde estavam suas camisas e suas cuecas foram puxadas; ela fazia a mala com método e rapidez. Ele passou a mão sobre seus livros enfileirados na estante e começou a procurar as folhas onde tinha feito anotações sobre a *ogbunigwe*, as fantásticas minas terrestres feitas pelos biafrenses. Deixara sobre a mesa, tinha certeza disso. Olhou dentro das gavetas.

"Você viu meus papéis?", perguntou.

"Vamos ter de enfrentar o ataque principal, antes que eles avancem mais, Richard", disse Kainene, enfiando dois envelopes gordos na bolsa.

"O que são esses envelopes?", perguntou ele.

"Dinheiro para emergências."

Harrison e Ikejide entraram e começaram a arrastar as duas malas até o carro. Richard escutou o trovejar dos aviões logo acima. Não podia ser. Nunca houvera um reide aéreo em Port Harcourt, e não fazia sentido que fosse haver um agora, quando a cidade estava prestes a cair, com os vândalos atirando ali perto. Mas o som era inconfundível, e quando Harrison gritou "Avião inimigo, *sah*!", suas palavras pareceram redundantes.

Richard correu para Kainene, mas ela já estava fugindo do quarto, e ele foi atrás. Ela disse: "Venham para o pomar!", quando passou correndo por Harrison e Ikejide, agachados sob a mesa da cozinha.

Lá fora, o ar estava úmido. Richard olhou para cima e viu dois aviões voando bem baixo, com uma eficiência agourentamente aerodinâmica de formas, deixando um rastro de linhas prateadas no céu. O medo espalhou incapacidade por todo o corpo de Richard. Deitados lado a lado sob as laranjeiras, ele e Kainene esperaram calados. Harrison e Ikejide tinham saído correndo de casa; Harrison atirou-se no chão, de barriga, enquanto Ikejide continuou correndo, o corpo meio arqueado para a frente, os braços balançando, a cabeça oscilando. Então veio o assobio frio de um morteiro cruzando os ares, o estrondo da aterrissagem e o barulho da explosão. Richard apertou Kainene contra si. Um estilhaço do tamanho de um punho fechado passou raspando. Ikejide ainda estava correndo e, enquanto Richard desviava o olhar um instante, a cabeça de Ikejide desapareceu. O corpo ainda corria, arqueado de leve para a frente, os braços balançando, mas não havia cabeça. Havia apenas um pescoço ensanguentado. Kainene gritou. O corpo caiu perto de seu longo carro americano, os aviões recuaram e sumiram, e todos eles continuaram deitados por longos minutos, até que Harrison se levantou e disse: "Vou buscar saco".

Voltou com uma sacola de ráfia. Richard não olhou quando Harrison pegou a cabeça de Ikejide e colocou na sacola. Mais tarde, segurando Ikejide pelos tornozelos ainda quentes, com Harrison segurando pelos punhos, foram até a cova rasa aberta no fundo do pomar, mas Richard não olhou direto para o morto nem uma vez.

Kainene sentou-se no chão, olhando os dois.

"Você está bem?", perguntou Richard. Ela não respondeu. Havia um estranho vazio em seu olhar. Richard não sabia ao certo o que fazer. Sacudiu-a suavemente, porém o olhar vazio continuou, de modo que foi até uma torneira e jogou um balde de água fria nela.

"Pare com isso, pelo amor de Deus", disse ela, levantando-se. "Você molhou meu vestido."

Ela tirou um outro da mala e trocou de roupa na cozinha, antes de partirem para Orlu. Ela não estava mais com pressa; pausadamente, endireitou o decote e alisou o corpete amassado com as mãos. A confusão de sons mexia com os nervos de Richard, enquanto dirigia — o *bum-bum-bum* dos

morteiros, o estampido rápido dos tiros —, e a qualquer momento esperava ver um soldado nigeriano fazendo sinal para que parassem, disparando contra eles ou jogando uma granada no carro. Não aconteceu nada. As estradas estavam lotadas. As barreiras haviam sumido. Do assento traseiro, Harrison disse, num sussurro intimidado: "Eles estão usando tudo que podem para ocupar Port Harcourt".

Kainene disse muito pouco quando chegaram a Orlu e não viram nem carpinteiros nem móveis; os homens tinham sumido com o adiantamento. Ela simplesmente andou até o campo de refugiados, um pouco mais à frente, na mesma rua, encontrou outro carpinteiro, um sujeito de pele murcha que quis ser pago com comida. Nos dias seguintes, permaneceu boa parte do tempo em silêncio, retraída, sentada junto com Richard na varanda, vendo o carpinteiro serrar, pregar e lixar.

"Por que você não quer dinheiro?", perguntou Kainene para ele.

"E o que eu vou comprar com dinheiro?", perguntou ele de volta.

"Você deve ser bem tolo", respondeu Kainene. "Tem muita coisa que se pode comprar com dinheiro."

"Não nesta Biafra." E deu de ombros. "Me pague com *garri* e arroz."

Kainene não retrucou. O cocô de uma ave caiu no chão da varanda, Richard apanhou uma folha de cajueiro e limpou a sujeira.

"Você sabia que Olanna viu uma mãe levando a cabeça do filho?", perguntou Kainene.

"Sabia", disse Richard, embora *não* soubesse. Kainene nunca lhe contara nada sobre a experiência da irmã durante os massacres.

"Eu quero vê-la."

"Você devia ir." Richard respirou fundo, para se equilibrar, e olhou fixo para uma das cadeiras já terminadas. Era feia, toda de ângulos pontiagudos.

"Como é que os estilhaços conseguiram cortar a cabeça de Ikejide fora?", perguntou Kainene, como se estivesse pedindo para que ele desmentisse tudo. Richard bem que gostaria de poder desmenti-la. À noite, ela chorava. Contou que queria sonhar com Ikejide, mas acordava todo dia de manhã com a nítida imagem do corpo correndo sem cabeça, ao passo que, no terreno mais seguro e embaçado dos sonhos, se via fumando um cigarro com uma elegante piteira de ouro.

Uma caminhonete entregou sacos de *garri* e Kainene disse a Harrison para não pôr a mão em nada, porque eram do campo de refugiados. Ela era a nova fornecedora de comida.

"Vou eu mesma distribuir a comida aos refugiados, e pedir ao Centro de Pesquisa Agrícola um pouco de bosta", disse ela a Richard.

"Bosta?"

"Esterco. Podemos começar a plantar no campo. Podemos fazer nossa própria proteína, feijão de soja, *akidi*."

"Ah."

"Tem um homem de Enugu com um talento fantástico para fabricar cestos e luminárias de palha. Vou pedir para que ensine aos outros. Podemos até lucrar com isso. Podemos realizar algo significativo, aqui! E vou pedir à Cruz Vermelha que nos mande um médico toda semana."

Havia um vigor quase maníaco nela, na forma como saía todos os dias para o campo de refugiados, na exaustão sombreando seus olhos quando voltava para casa, à noite. Kainene não falava mais em Ikejide. Em vez disso, falava sobre vinte pessoas morando no espaço que era para uma só, dos garotos que brincavam de Guerra, das mulheres que davam de mamar a seus filhos e do altruísmo dos padres da Congregação do Espírito Santo, os padres Marcel e Jude. Mas era sobre Inatimi que Kainene mais falava. Inatimi pertencia à Organização dos Freedom Fighters de Biafra, perdera a família toda nos massacres e muitas vezes se infiltrava em campo inimigo. Estava ali para educar os refugiados.

"Ele considera importante que o povo ache nossa causa justa e que entenda por quê. Eu disse para ele não se preocupar em ensinar sobre federalismo, o acordo de Aburi e essas coisas todas. Eles nunca vão entender. Alguns não têm nem o curso primário. Mas Inatimi não me dá ouvidos e continua gastando tempo em conversas com pequenos grupos." Kainene parecia admirá-lo, e o fato de não ser levada em conta era mais uma prova do heroísmo de Inatimi. Richard se ressentia. Na sua cabeça, Inatimi tornou-se perfeito, corajoso, resistente, intrépido e sensibilizado com tanto sofrimento. Quando finalmente o conheceu, quase caiu na risada na frente do homenzinho espinhento com um nariz que era uma batata. Mas pôde ver na hora que o deus de Inatimi era Biafra. Ele tinha uma fé ardente na causa.

"Quando perdi a família, todos eles, não sobrou ninguém, foi como se eu tivesse nascido de novo", disse Inatimi para ele, no seu jeito calmo. "Eu me tornei uma nova pessoa porque não tinha mais família para me lembrar de quem eu era."

Os padres também não tinham nem um pouco a ver com a imagem que Richard fizera deles. Ficou surpreso com seu temperamento tranquilo. Quando lhe disseram: "Estamos espantados com o bom trabalho que Deus está fazendo aqui", Richard quis perguntar por que Deus permitira a guerra, para começo de conversa. No entanto, a fé deles o emocionou. Se Deus podia fazê-los genuinamente preocupados com os refugiados, então Deus era um conceito que valia a pena manter.

Richard conversava com o padre Marcel sobre Deus na manhã em que a médica chegou. Seu Morris Minor coberto de pó tinha cruz vermelha pintado em vermelho, na carroceria. Antes mesmo de ter dito "Eu sou a doutora Inyang", com um aperto de mão desembaraçado, Richard já sabia que ela era de uma das tribos minoritárias. Orgulhava-se de sua habilidade em reconhecer os ibos. Não tinha nada a ver com a forma como eles eram, fisicamente; era uma questão de afinidade, mais nada.

Kainene levou a dra. Inyang direto para a sala dos doentes, que ficava na classe mais ao fundo da ala. Richard foi atrás; observou Kainene falar sobre os refugiados deitados em catres de bambu. Uma jovem grávida sentou-se, segurando o peito, e começou a tossir, uma tosse interminável que vinha lá do fundo e era dolorosa de ouvir.

A médica debruçou-se sobre ela com o estetoscópio e perguntou com voz suave, num inglês crioulo, como estava passando.

Primeiro a grávida recuou, depois cuspiu com uma intensidade tão cruel que até a testa se franziu. A mancha esbranquiçada de saliva caiu no queixo da doutora.

"Sabotadora!", disse a grávida. "São vocês, os não-ibos, que estão mostrando o caminho para o inimigo! *Hapu m*! Foram vocês que mostraram a eles o caminho até a minha cidade!"

A mão da dra. Inyang continuava no queixo — estava surpresa demais para limpar a saliva. O silêncio engrossou com a incerteza. Kainene aproximou-se e estapeou a grávida duas vezes, dois tabefes, um atrás do outro, na cara.

"Somos todos biafrenses! *Anyincha bu Biafra*!", disse Kainene. "Entendeu bem? Somos todos biafrenses!"

A mulher grávida deitou-se de novo.

Richard ficou espantado com a violência de Kainene. Havia algo de quebradiço nela, e ele temia que ela fosse se partir ao meio com o menor toque; tinha se atirado com tanto ímpeto nisso, no apagar da memória, que terminaria sendo destruída.

28.

Olanna teve um sonho feliz. Não lembrava mais dele, mas sabia que fora bom, de modo que acordou acalentando a idéia de que ainda podia ter sonhos felizes. Queria que Odenigbo não tivesse ido trabalhar para poder lhe contar e acompanhar com os olhos seu sorriso de tolerância gentil, um sorriso que dizia que não era preciso concordar com ela para acreditar nela. Só que esse sorriso sumira desde a morte da mãe, desde que ele fizera a tentativa de ir a Abba e voltara agarrado a uma sombra; agora, Odenigbo saía para o trabalho logo cedo e, antes de voltar para casa, parava no Bar Tanzânia. Se ao menos não tivesse tentado cruzar as estradas ocupadas, não estaria tão dilacerado, tão distante; sua dor não carregaria o fardo do fracasso. Olanna nunca deveria tê-lo deixado ir. Porém Odenigbo mostrara uma determinação calmamente hostil, como se achasse que ela não tinha o direito de impedi-lo. Suas palavras — "Tenho de enterrar o que os urubus deixaram para trás" — haviam escavado um fosso que Olanna não sabia como atravessar. Antes de ele entrar no carro e partir, ela havia dito: "Alguém enterrou sua mãe".

E mais tarde, sentada na varanda, esperando por ele, odiou-se por não ter achado palavras melhores. *Alguém enterrou sua mãe*. Soava tão banal. O que ela quis dizer é que certamente o primo Aniekwena enterrara a mãe de Odenigbo. O recado de Aniekwena, enviado por um soldado de folga, fora breve: Abba estava ocupada, ele tinha se infiltrado na cidade para tentar tirar algumas coisas, e encontrara Mama morta a tiros perto do muro do *compound*. Olanna não entrara em detalhes, porém presumia que o primo abrira uma cova para enterrá-la. Não iria deixá-la ali, apodrecendo no chão.

Ela não se lembrava mais das horas que esperou, até Odenigbo voltar, mas se lembrava da sensação de cegueira, como se estivessem pondo lenços frios em cima de seus olhos. Às vezes ficava preocupada com a possibilidade de Baby, Kainene ou Ugwu morrerem, e admitia, vagamente, a chance de dores futuras, mas nunca concebera a idéia de que Odenigbo pudesse morrer. Jamais. Ele era a constante de sua vida. Quando ele voltou, muito depois da meia-noite, com os sapatos cobertos de lama, Olanna entendeu que ele jamais seria o mesmo homem. Odenigbo pediu a Ugwu um copo de água e disse a ela, em voz calma: "Eles não paravam de me mandar voltar, de modo que escondi o carro e resolvi ir a pé. No fim, um oficial biafrense me apontou uma arma e disse que iria atirar e poupar os vândalos da amolação se eu não mudasse de idéia".

Segurando Odenigbo bem perto, Olanna soluçava. O alívio vinha tingido de desolação.

"Eu estou bem, *nkem*", disse ele. Mas nunca mais acompanhou o Corpo de Ativistas até as povoações vizinhas, nem voltou mais para casa com os olhos brilhantes. Em vez disso, ia ao Bar Tanzânia todos os dias e entrava em casa com um ricto taciturno na boca. Quando falava, era para dizer das pesquisas ainda não publicadas que tinham ficado em Nsukka, de como elas eram quase suficientes para torná-lo um catedrático pleno, e sabe Deus o que os vândalos tinham feito com elas. Olanna queria que ele conversasse de verdade, que a ajudasse a ajudá-lo na dor, mas toda vez que lhe dizia isso, ele respondia: "É tarde demais, *nkem*". Olanna não sabia ao certo qual era o significado disso. Pressentia as camadas de dor — Odenigbo jamais saberia como sua mãe morrera e estaria sempre lutando contra velhos ressentimentos —, porém não existia um elo entre o sofrimento deles. Às vezes, perguntava se isso seria uma falha sua, mais que dele, se por acaso lhe faltavam forças para obrigá-lo a incluí-la na dor que sentia.

Okeoma foi visitá-los para oferecer os pêsames.

"Soube do que aconteceu", disse ele, quando Olanna abriu a porta. Ela o abraçou, olhou para o volume irregular e inchado da cicatriz que corria do queixo ao pescoço, e pensou em como se espalhavam rápido as notícias de morte.

"Ele não tem falado comigo, não de verdade", disse ela. "E o que me diz não faz sentido."

"Odenigbo nunca soube ser fraco. Seja paciente com ele." Okeoma falou isso num quase murmúrio, porque Odenigbo havia aparecido. Depois de se abraçarem e baterem um nas costas do outro, Okeoma olhou para o amigo.

"*Ndo*", disse ele. "Sinto muito."

"Acho que ela deve ter ficado espantada quando levou os tiros", disse Odenigbo. "Mama nunca entendeu direito que estávamos numa guerra e que sua vida corria perigo."

Olanna olhava fixo para ele.

"O que aconteceu, aconteceu", disse Okeoma. "Você tem que ser forte."

Um silêncio breve e desenxabido caiu sobre a sala.

"Julius trouxe um vinho de palma para nós", disse Odenigbo, por fim. "Você sabe que hoje em dia eles misturam muita água, mas este saiu muito bom."

"Eu tomo depois. Cadê aquela garrafa de uísque White Horse que você reserva para ocasiões especiais?"

"Está quase no fim."

"Então traz que eu acabo", disse Okeoma.

Odenigbo pegou a garrafa e eles ficaram na sala, com o rádio ligado em volume baixo e o aroma da sopa de Ugwu no ar.

"Meu comandante bebe isso como se fosse água", disse Okeoma, sacudindo a garrafa para ver quanto restava.

"E como vai ele, o seu comandante, o mercenário branco?", perguntou Odenigbo.

Okeoma lançou um olhar de desculpas para Olanna, antes de dizer: "Ele joga as moças no chão a céu aberto, onde todos possam enxergá-lo, e faz ali mesmo com elas, segurando o dinheiro na mão o tempo todo." Okeoma tomou o uísque no gargalo e fez careta por alguns instantes. "Nós podíamos ter retomado Enugu com facilidade, se o homem escutasse, mas ele acha que conhece mais da nossa própria terra do que nós. Ele começou a comandar os caminhões de auxílio aos refugiados. E ameaçou Sua Excelência na semana passada, dizendo que iria largar o cargo se não recebesse o que combinou."

Okeoma deu mais um gole na garrafa.

"Dois dias atrás, eu saí à paisana e um soldado me parou na estrada, me acusando de desertor. Eu avisei o sujeito para nunca mais tentar nada pare-

cido, caso contrário eu lhe mostraria por que os comandos são diferentes dos soldados regulares. Escutei o sujeito dando risada quando me afastei. Já pensou? Antes, ele não teria a ousadia de rir de um comando. Se nós não nos reorganizarmos logo, vamos perder toda a credibilidade."

"Aliás, por que pagar um branco para lutar a nossa guerra?" Odenigbo recostou-se na cadeira. "Existem muitos de nós capazes de lutar de verdade, porque estamos dispostos a dar a vida por Biafra."

Olanna levantou-se. "Vamos comer", disse. "Desculpe a nossa sopa não ter carne, Okeoma."

"*Desculpe a nossa sopa não ter carne*", imitou Okeoma. "Por acaso isto aqui é um açougue? Eu não vim esperando carne."

Ugwu pôs os pratos de *garri* na mesa.

"Por favor, tire a sua granada enquanto comemos, Okeoma", disse Olanna.

Ele desprendeu a granada do cinto e colocou-a num canto. Comeram em silêncio, por um tempo, moldando o *garri* em bolinhas, mergulhando na sopa, engolindo.

"Que cicatriz é essa?", perguntou Olanna.

"Não é nada de mais", disse Okeoma, passando a mão de leve sobre ela. "Parece mais grave do que é na verdade."

"Você devia se unir à Liga dos Escritores Biafrenses", continuou ela. "Devia ser um dos que vão para fora, defender nossa causa."

Okeoma começou a balançar a cabeça antes mesmo de Olanna terminar de falar. "Sou um soldado", disse ele.

"Ainda escreve?", perguntou ela.

Ele balançou a cabeça de novo.

"Mas não tem nem um poema para nós? Um na memória?", perguntou ela, com uma voz que pareceu desesperada até para ela mesma.

Okeoma engoliu uma bolinha de *garri*, o pomo-de-adão subindo e descendo. "Não", disse ele. Virou-se para Odenigbo. "Soube o que nossos canhões fizeram com os vândalos no setor de Onitsha?"

Depois do almoço, Odenigbo foi para o quarto. Okeoma terminou o uísque, depois tomou um copo atrás do outro de vinho de palma, até adormecer na cadeira. A respiração era entrecortada; ele resmungava e, por duas vezes, agitou os braços, como se para espantar algum atacante invisível. Olanna bateu em seu braço para acordá-lo.

"*Kunie*. Venha deitar aqui dentro", disse ela.

Ele abriu uns olhos vermelhos espantados. "Não, não, eu não estou dormindo de fato."

"Olha só pra você. Totalmente apagado."

"De jeito nenhum." Okeoma abafou um bocejo. "Eu tenho um poema na cabeça." Sentou-se, endireitou as costas e começou a recitar. Sua voz parecia diferente. Em Nsukka, lia as poesias de uma forma dramática, como se estivesse convencido de que a arte importava mais que qualquer outra coisa. Agora, lia com um tom de caçoada, ainda que involuntária, mas assim mesmo caçoada.

Castanha
Com o fulgor das escamas de uma sereia,
Ela surge,
Trazendo a madrugada de prata;
E o sol a serve,
A sereia
Que nunca será minha.

"Odenigbo teria dito, 'A voz de uma geração!'", disse Olanna.

"E você, diria o quê?"

"A voz de um homem."

Okeoma sorriu timidamente, e ela se lembrou de como Odenigbo gostava de amolá-la, dizendo que Okeoma estava secretamente apaixonado por ela. O poema era sobre ela, e ele queria que ela soubesse. Sentaram-se, sem falar, até que os olhos dele começaram a se fechar e, pouco depois, Okeoma roncava com regularidade. Olhando para ele, Olanna se perguntou com que estaria sonhando. Ele ainda dormia, resmungando a todo momento e mexendo a cabeça de um lado a outro, quando o professor Achara chegou, à noite.

"Ali, o amigo de vocês que serve no comando está aqui", disse ele. "Por favor, chame Odenigbo. Vamos todos sentar lá fora."

Sentaram-se no banco da varanda. O professor Achara não parava de cruzar e descruzar as mãos, olhando para o chão.

"Vim falar de uma coisa complicada", disse ele.

O medo apertou o peito de Olanna: tinha acontecido alguma coisa com Kainene e eles haviam enviado o professor Achara como emissário. Queria que ele fosse embora rápido, sem dizer nada, porque o que ela não soubesse não a magoaria.

"O que foi?", perguntou Odenigbo, bruscamente.

"Eu tentei fazer o dono mudar de idéia. Fiz tudo que estava a meu alcance. Mas ele se recusou. Quer que vocês vaguem a casa em duas semanas."

"Acho que não entendi direito", disse Odenigbo.

Mas Olanna tinha certeza de que ele entendera perfeitamente. Estavam sendo despejados porque o dono da casa encontrara alguém disposto a pagar duas vezes mais, ou quem sabe três vezes mais que eles.

"Eu sinto muito, Odenigbo. Em geral, ele é um homem bastante razoável, mas eu imagino que os tempos tiraram um pouco da capacidade de raciocínio de todos nós."

Odenigbo soltou um suspiro.

"Vou ajudar vocês a encontrar uma nova casa", disse o professor Achara.

Tiveram sorte de arrumar um quarto, agora que Umuahia estava repleta de refugiados. Era uma língua comprida de prédio, com nove quartos, lado a lado, todos com uma porta abrindo para uma estreita varanda comum. A cozinha ficava numa ponta e o banheiro, na outra, perto de uma touceira de bananeiras. O quarto deles era perto do banheiro e, no primeiro dia, Olanna olhou e não conseguiu imaginar como iria viver ali com Odenigbo, Baby e Ugwu, como iria comer, se vestir e fazer amor num único quarto. Odenigbo se apressou em separar uma área de dormir, pondo uma cortina fina na parede, e, mais tarde, olhando para o fio desconjuntado que ele amarrara aos pregos, lembrou-se do quarto de tio Mbaezi e de tia Ifeka, em Kano, e começou a chorar.

"A gente consegue alguma coisa melhor em breve", disse Odenigbo, e ela confirmou com a cabeça, sem lhe dizer que não estava chorando por causa do quarto.

Mama Oji vivia no quarto pegado. Tinha um rosto duro e piscava tão pouco que Olanna fico sem graça com o olhar esbugalhado dela na primeira vez em que conversaram.

"Bem-vinda, *nno*", disse ela. "Seu marido não veio?"

"Está no trabalho", disse Olanna.

"Eu queria vê-lo antes das outras; é sobre meus filhos."

"Seus filhos?"

"O senhorio o chamou de doutor."

"Ah, não. É que ele tem um doutorado."

A falta de compreensão nos olhos gelados de Mama Oji abriu um buraco nela.

"Ele é doutor de livros", disse, "não de gente doente."

"Ah." A expressão de Mama Oji não mudou. "Meus filhos têm asma. Três já morreram, desde o início da guerra. Sobraram três."

"Sinto muito. *Ndo*", disse Olanna.

Mama Oji deu de ombros e, depois, contou a ela que todos os vizinhos eram ladrões consumados. Se ela deixava uma lata de querosene na cozinha, encontrava a lata vazia na volta. Se deixava o sabonete no banheiro, ele sumia. Quando pendurava as roupas no varal, ficava de olho, senão elas saíam voando.

"Tenha muito cuidado", disse ela. "E tranque a porta até mesmo quando sair para urinar."

Olanna agradeceu e desejou, para o bem dela, que Odenigbo fosse de fato um médico. Agradeceu também às outras vizinhas que vieram até a porta para cumprimentá-la e mexericar. Havia gente demais no quintal; uma família de dezesseis pessoas vivia no quarto pegado ao de Mama Oji. O chão do banheiro era pegajoso de tanta sujeira lavada de tantos corpos, e a privada tinha o cheiro de muita gente estranha. Nas noites úmidas, quando os odores se fixavam pesadamente no ar, Olanna queria um ventilador, queria eletricidade. A casa em que moravam antes, em outra parte da cidade, tinha eletricidade até as oito horas da noite, mas ali não havia nada. Ela comprara lamparinas a óleo, feitas de lata de leite. Sempre que Ugwu acendia uma, Baby dava um grito agudo e fugia dos saltos da chama nua. Olanna observava e agradecia o fato de a menina não encarar mais uma mudança, mais uma nova vida, com sentimentos confusos; grata por ela brincar com a nova amiguinha Adanna todos os dias, berrando "Vamos nos abrigar!" — elas riam e se escondiam entre as folhas das bananeiras, para evitar aviões imaginários. Porém Olanna se preocupava, não queria que Baby pegasse o sotaque matuto de Adanna, uma doença qualquer com os

furúnculos meio líquidos que ela tinha nos braços, ou as pulgas de Bingo, o cachorro magricela da menina.

No primeiro dia em que Olanna e Ugwu cozinharam, a mãe de Adanna entrou na cozinha comunitária, esticou uma tigela esmaltada e disse: "Por favor, me dê um pouco de sopa".

"Não, nós não temos o suficiente para dar", disse Olanna. Depois lembrou-se do único vestido de Adanna, feito com um saco de farinha doada, ainda com o FARINH nas costas, o A comido pela costura, e tirou umas conchas da sopa rala, sem carne, para pôr na tigela esmaltada. No dia seguinte, Mama Adanna entrou e pediu um pouco de garri, e Olanna lhe deu meia xícara. No terceiro dia, ela apareceu quando a cozinha estava cheia de mulheres, e, de novo, pediu sopa.

"Pare de dar sua comida a ela!", gritou Mama Oji. "Isso é o que ela faz com toda nova inquilina. Ela devia ir plantar mandioca para alimentar a família, e parar de perturbar as pessoas! Afinal, ela nasceu aqui em Umuahia! Não é uma refugiada como nós! Como é que ela pode sair por aí implorando comida para uma refugiada?" Mama Oji soltou um sibilo alto de desaprovação e, depois, continuou moendo os frutos da palmeira em sua mó. O feitio eficaz daquele rosto sem carnes fascinava Olanna. Nunca tinha visto Mama Oji sorrir.

"Mas não foram vocês, refugiados, que acabaram com a nossa comida?", disse Mama Adanna.

"Vê se fecha essa sua boca malcheirosa!", disse Mama Oji. E Mama Adanna calou-se prontamente, como se soubesse que não havia como vencer a rapidez estridente de Mama Oji, o seu interminável borbotão de palavras, a sua prontidão em pronunciá-las.

À noite, quando Mama Oji brigava com o marido, sua voz cruzava todo o quintal. "Sua ovelha castrada! Você se diz homem, no entanto desertou do exército! Deixa só eu escutar você repetir essa história de que foi ferido em batalha! Se você abrir essa sua boca imunda mais uma vez, eu vou chamar os soldados e vou mostrar a eles onde está escondido!"

Seus acessos eram parte da rotina do lugar. Assim como as rezas em voz muito alta do pastor Ambrose, andando de um lado para outro. E também um piano tocando no quarto mais próximo da cozinha. Olanna ficou espantada ao ouvir pela primeira vez os acordes melancólicos, uma música

tão pura e tocada com tamanha confiança que deixava o ar carregado, imobilizava as bananeiras.

"Essa é Alice", disse Mama Oji. "Ela veio para cá quando Enugu caiu. Antes ela nem falava com ninguém. Pelo menos agora responde quando alguém lhe dá bom-dia. Mora sozinha naquele quarto. Nunca sai de lá, e nunca cozinha. Ninguém sabe o que ela come. Da última vez que saímos para fazer uma varredura, ela se sentiu importante demais para ir junto. Todo mundo do *compound* foi, mas ela nem saiu do quarto. Algumas mulheres até ameaçaram ir falar com as milícias."

A música continuava flutuando em volta. Parecia ser Beethoven, mas Olanna não tinha certeza. Odenigbo saberia. Depois a música se tornou mais rápida, com uma urgência raivosa que foi subindo, subindo, até parar. Alice saiu do quarto. Era uma moça miúda, de ossinhos pequenos, e Olanna se sentiu desajeitada, grande demais, só de olhar para ela; havia qualquer coisa de infantil em sua pele clara, quase translúcida, e nas mãos diminutas.

"Boa tarde", disse Olanna. "Eu sou Olanna. Nós acabamos de mudar para aquele quarto."

"Bem-vinda. Eu vi sua filha." O aperto de mão de Alice era fraco, como se tratasse tudo a seu respeito com o máximo de cuidado, como se nunca se esfregasse com muito vigor.

"Você toca tão bem", disse Olanna.

"Ah, não, não sou muito boa." Alice balançou a cabeça. "De onde você é?"

"Da Universidade de Nsukka. E você?"

Alice hesitou. "Eu vim de Enugu."

"Tínhamos alguns amigos, lá. Você conhecia alguém do Colégio Nigeriano de Artes?"

"Ah, o banheiro vagou." Virou-se e saiu apressada. Sua brusquidão surpreendeu Olanna. Quando saiu, passou com um vago acenar de cabeça e foi para o quarto. Logo, Olanna voltou a ouvir o piano, uma peça alongada e lenta, e sentiu vontade de ir até lá, abrir a porta e ficar vendo Alice tocar.

Pensava com frequência em Alice, na delicadeza de sua pequenez, na sua beleza, na força inacreditável de seu piano. Quando juntava Baby, Adanna e algumas outras crianças no quintal do *compound*, e lia para elas, torcia para que um dia Alice saísse e viesse lhe fazer companhia. Pergunta-

va-se se Alice gostaria de música High Life. Queria conversar com Alice sobre música, artes e política. Mas ela só saía do quarto para ir correndo ao banheiro, e não respondia quando Olanna batia em sua porta. "Eu devia estar dormindo", dizia depois, mas nunca convidava Olanna para voltar uma outra hora.

Por fim, encontraram-se de novo no mercado. Era pouco depois do alvorecer, o ar estava ainda denso de orvalho, e Olanna vagava no frescor úmido da folhagem verde, contornando as raízes mais grossas. Pechinchou calma e sistematicamente com um vendedor, na hora de comprar mandioca de casca rosada, que pensava ser venenosa porque o rosa era vivo demais, até o dia em que a professora Muokelu lhe garantiu que não. Uma ave gritou de uma árvore próxima. De vez em quando, caía uma folha no chão. Ela parou diante de uma mesa com pedaços cinzentos de frango cru, e imaginou-se agarrando alguns e correndo o quanto pudesse. Se comprasse o frango, não sobraria dinheiro para mais nada. De modo que comprou quatro caracóis de tamanho médio, em vez do frango. Os menorezinhos, de concha em espiral, eram mais baratos, e enchiam os cestos até o alto, mas não poderia comprá-los, não poderia pensar neles como comida; sempre tinham sido, para ela, um brinquedo para as crianças do interior. Estava indo embora quando viu Alice.

"Bom dia, Alice", disse ela.

"Bom dia."

Olanna fez menção de lhe dar um pequeno abraço, o abraço de praxe das pessoas conhecidas, mas Alice estendeu a mão num cumprimento formal, como se não fossem vizinhas.

"Não consigo achar sal em parte alguma, sal nenhum", disse Alice. "E as pessoas que nos puseram nessa situação têm todo o sal do mundo."

Olanna ficou surpresa; claro que ela não iria encontrar sal ali; não havia praticamente sal em lugar algum. Alice tinha um ar preciso e miúdo dentro do vestido acinturado de lã, que Olanna imaginava pendurado em alguma loja londrina. Nada nela lembrava uma biafrense num mercado no meio do mato ao alvorecer.

"Disseram que os nigerianos estão atacando Uli sem parar, e que nenhum avião de socorro consegue aterrissar há uma semana", disse Alice.

"É, também ouvi dizer isso. Está indo para casa?"

Alice desviou o olhar e fitou a mata densa. "Não agora."

"Eu espero você, assim podemos voltar juntas."

"Não se incomode. Até mais."

Alice virou e voltou para o amontoado de barracas, o passinho requintado e planejado, como se uma pessoa desinformada lhe tivesse ensinado a andar "como uma *lady*". Olanna ficou observando, e se perguntando o que haveria por baixo da superfície. Antes de voltar para casa, parou no centro assistencial para ver se havia alguma comida, se algum avião conseguira finalmente pousar. O *compound* do centro estava deserto e ela deu uma olhada pelo portão trancado. Havia um cartaz meio rasgado preso à parede. Alguém riscara com carvão o WCC: WORLD COUNCIL OF CHURCHES, Conselho Mundial das Igrejas, e escrevera por cima WCC: WAR CAN CONTINUE, a guerra pode continuar.

Ela estava perto do posto de moagem de milho quando uma mulher saiu correndo para a rua, chorando, seguindo dois soldados que puxavam um menino alto. "Eu disse que vocês podiam me levar!", gritou ela. "Me levem, em vez dele! Já não sacrificamos Abuchi? Chega!" Os soldados não fizeram caso e o garoto manteve a postura ereta, como alguém que não confia muito em si e não quer dar uma última olhada na mãe.

Olanna pôs-se de lado para dar passagem a eles e, quando em casa, ficou furiosa de ver Ugwu no portão do quintal, falando com alguns vizinhos mais velhos. Qualquer soldado numa missão de recrutamento o veria ali.

"*Bia nwoke m*, tem alguma coisa errada dentro da sua cabeça? Eu já não disse para você não ficar aqui?", perguntou com voz sibilante.

Ugwu pegou o cesto das mãos dela e resmungou: "Desculpe, *mah*".

"Cadê a Baby?"

"No quarto de Adanna."

"Me dá a chave."

"O Patrão está lá dentro, *mah*."

Olanna deu uma olhada no relógio, embora não houvesse necessidade disso. Era cedo demais para Odenigbo estar em casa. Ele estava sentado na cama, as costas curvadas, sacudindo os ombros em silêncio.

"*O gini*? O que foi?", perguntou ela.

"Não foi nada."

Olanna aproximou-se dele. "*Ebezi na*, pare de chorar", murmurou ela. Mas não queria que parasse. Queria que ele chorasse, e chorasse, até desalojar a dor que lhe entupia a garganta, até enxaguar aquela mágoa sombria.

Aninhou-o nos braços e, aos poucos, o corpo dele foi relaxando. Ele a abraçou. Os soluços ficaram audíveis. Odenigbo a fazia pensar em Baby; ele chorava como a filha.

"Eu nunca fiz o bastante por ela", disse por fim.

"Tudo bem", sussurrou Olanna. Também ela gostaria de ter tentado um pouco mais com a mãe dele, antes de se conformar com um ressentimento fácil. Havia tanta coisa que não teria dito, se pudesse.

"Nós nunca nos lembramos *efetivamente* da morte", disse Odenigbo. "A razão de vivermos como vivemos é que nunca nos lembramos de que *vamos morrer*. E todos vamos morrer."

"Exato", disse Olanna; Odenigbo tinha os ombros caídos.

"Mas quem sabe é justamente esse o sentido de estarmos vivos? Para negar a morte?", perguntou ele.

Olanna o aninhou mais ainda.

"Andei pensando no exército, *nkem*. Talvez eu devesse me unir à nova brigada das Forças Especiais de Sua Excelência."

Olanna não disse nada por um tempo. Sentiu ímpetos de arrancar a nova barba, puxar seu cabelo, tirar sangue de Odenigbo. "Então acho melhor você encontrar uma árvore bem resistente e uma corda. É uma maneira mais fácil de se suicidar", disse ela.

Ele recuou um pouco para olhá-la, mas Olanna manteve o olhar afastado, ligou o rádio, aumentou o volume e encheu o quarto com o som de uma música dos Beatles; não queria mais discutir aquela vontade de entrar para o exército.

"Devíamos construir um bunker", disse ele, indo para a porta. "Isso mesmo, nós certamente precisamos de um abrigo antiaéreo aqui."

O olhar vítreo e raso, os ombros caídos, essas coisas deixavam Olanna preocupada. Mas, se precisava fazer alguma coisa, melhor que fosse a construção de um abrigo do que ir para o exército.

Lá fora, Odenigbo conversava com Papa Oji e alguns outros homens parados na entrada do *compound*.

"Não está vendo aquelas bananeiras ali?", perguntou Papa Oji. "Em todos os ataques aéreos que sofremos, foi ali que a gente se escondeu, e nada aconteceu com a gente. Não precisamos de abrigo nenhum. As bananeiras absorvem as balas e as bombas."

Os olhos de Odenigbo estavam tão gelados quanto a sua resposta. "O que um desertor do exército sabe sobre abrigo antiaéreo?"

Deixou os homens ali parados e, momentos depois, ele e Ugwu começaram a mapear o terreno e a escavar uma área atrás do prédio. Os rapazes não demoraram a ir ajudar, e, quando o sol se pôs, os mais velhos também aderiram, inclusive Papa Oji. Olanna ficou vendo as pessoas trabalharem e se perguntou o que achariam de Odenigbo. Quando os outros homens faziam alguma piada, e riam, ele não fazia coro. Só falava a respeito do trabalho. Não, *mba*, leva um pouco mais para lá. Isso, vamos segurar aí. Não, muda um pouquinho. A camiseta suada grudou em seu corpo, e Olanna reparou, pela primeira vez, quanto peso havia perdido, como parecia murcho seu peito.

Nessa noite, deitou-se com o rosto contra o dele. Odenigbo não lhe contara por que tinha ficado em casa, chorando pela mãe. No entanto, fosse qual fosse o motivo, Olanna torcia para que o choro desfizesse alguns dos nós cegos que ele tinha lá dentro. Beijou seu pescoço e sua orelha de um jeito que sempre fazia Odenigbo puxá-la mais para perto, quando Ugwu dormia na varanda. Mas ele afastou sua mão e disse: "Estou cansado, *nkem*". Olanna nunca o ouvira dizer isso antes. Odenigbo cheirava a suor velho e ela sentiu uma saudade repentina e doída daquele frasco de Old Spice deixado em Nsukka.

Nem mesmo o milagre ocorrido em Abagana conseguiu desfazer os nós. Num outro momento, teriam comemorado como se tivesse sido um triunfo pessoal deles. Teriam se abraçado, se beijado, e ela teria sentido as cócegas que a nova barba fazia em seu rosto. Mas, ao ouvir as primeiras notícias no rádio, ele disse apenas: "Excelente, excelente", e, mais tarde, acompanhou as danças dos vizinhos com fisionomia impassível.

Mama Oji começou a cantar, "*Onye ga-enwe mmeri*?", e as outras mulheres respondiam "*Biafra ga-enwe mmeri, igba!*", formando uma roda que gingava com movimentos graciosos, batendo o pé com força toda vez que diziam *igba!*. Nuvens de pó subiam e desciam. Olanna foi se juntar a elas, incentivada pelas palavras — *Quem vai vencer? Biafra vai vencer, igba!* —, querendo que Odenigbo parasse de ser um mero observador de fisionomia vazia, querendo que ele se mexesse.

"Olanna dança como os brancos!", disse Mama Oji, rindo. "Seu traseiro não mexe de jeito nenhum!"

Era a primeira vez que Olanna via Mama Oji rindo. Os homens contavam e recontavam a notícia — alguns diziam que as forças biafrenses tinham emboscado e posto fogo numa coluna de cem veículos, ao passo que outros falavam que tinham sido mil tanques e caminhões destruídos —, mas numa coisa todos estavam de acordo: se o comboio tivesse chegado ao destino, Biafra estaria terminada. Os rádios foram ligados no volume mais alto e postos na varanda, em frente aos quartos. A notícia era transmitida com frequência e, cada vez que terminava, os vizinhos se uniam para entoar *Salvar Biafra para o mundo livre é uma tarefa que tem de ser feita!*. Até Baby conhecia as palavras. E ela as repetia, fazendo carinho na cabeça de Bingo. Alice fora a única vizinha que não saíra do quarto, e Olanna se perguntava o que estaria fazendo.

"Alice acha que é boa demais para nós", disse Mama Oji. "Olhe só para você. Não disseram que você é filha de um bambambã? Mas você trata as pessoas como pessoas. Quem ela acha que é?"

"Talvez esteja dormindo."

"Dormindo uma ova. Essa tal de Alice é uma sabotadora. Está escrito na cara dela. Trabalha para os vândalos."

"Desde quando eles vêm com a palavra escrita na cara?", perguntou Olanna, achando graça.

Mama Oji deu de ombros, como se não fizesse a menor diferença convencer Olanna de algo do qual tinha certeza absoluta.

O motorista do professor Ezeka chegou horas depois, quando o quintal estava mais vazio e mais calmo. Ele entregou a Olanna um bilhete e, depois, deu a volta, abriu o porta-malas e tirou lá de dentro duas caixas. Ugwu correu para dentro com elas.

"Obrigada", disse Olanna. "Dê meus cumprimentos a seu patrão."

"Pois não, *mah*." E continuou ali, imóvel.

"Tem mais alguma coisa?"

"Por favor, *mah*, eu tenho que esperar até a senhora verificar se está tudo em ordem."

"Ah." Com sua caligrafia rebuscada, Ezeka fizera uma lista de tudo o que enviara na frente do papel. *Por favor certifique-se de que o motorista não mexeu em nada* estava escrito no verso do papel. Olanna entrou para contar as

latas de leite em pó, o chá, os biscoitos, a lata de Ovomaltine, as sardinhas, os pacotes de açúcar, os saquinhos de sal — e não conteve um grito sufocado quando viu o papel higiênico. Pelo menos Baby não teria que usar jornal velho por uns tempos. Escreveu um rápido e efusivo bilhete de agradecimento e deu ao motorista; se por acaso Ezeka tinha feito isso para provar uma vez mais o quanto era superior, isso não estragara o prazer de Olanna. O prazer de Ugwu parecia ainda maior que o dela.

"Isso está como em Nsukka, *mah*!", disse ele. "Olha só as sardinhas!"

"Por favor, ponha um pouco de sal num saquinho. Um quarto desse pacote."

"*Mah*? Para quem é?" Ugwu parecia desconfiado.

"Para Alice. E não diga aos vizinhos o que recebemos. Se eles perguntarem, diga que um velho amigo mandou livros ao seu patrão."

"Certo, *mah*."

Olanna sentiu o olhar reprovador de Ugwu atrás dela enquanto levava o saquinho até o quarto de Alice. Não houve resposta quando bateu. Já havia se virado para ir embora quando Alice abriu.

"Um amigo nosso nos deu algumas provisões", disse Olanna, estendendo o saco de sal.

"*Hei*! Eu não posso ficar com tudo isso", disse Alice, estendendo a mão e pegando o sal. "Obrigada. Muito, muito obrigada!"

"Fazia tempo que não o víamos. Foi uma surpresa para nós."

"E foi se incomodar comigo. Não devia ter feito isso." Alice estava segurando o sal contra o peito. Seus olhos estavam sombreados e pequenas veias esverdeadas deixavam um rastro na pele clara; Olanna se perguntou se ela não estaria doente.

Porém Alice parecia diferente, com a pele bem mais bonita, à noite, quando saiu do quarto e sentou-se ao lado de Olanna, no chão da varanda, de pernas estendidas. Talvez tivesse posto um pouco de pó. Seus pés eram minúsculos. Cheirava a um creme hidratante conhecido. Mama Adanna passou por elas e disse: "Ah! Alice, nós nunca tínhamos visto você aqui fora!", e os lábios de Alice se moveram de leve num sorriso. O pastor Ambrose rezava perto das bananeiras. Sua túnica vermelha de manga comprida rebrilhava sob o sol poente. "Jeová, meu Senhor, destrói os vândalos com o fogo do Espírito Santo! Jeová, meu Senhor, luta por nós!"

"Deus está lutando pela Nigéria", disse Alice. "Deus sempre luta ao lado de quem tem mais armas."

"Deus está do nosso lado!" Olanna se espantou com a rispidez da própria voz. Alice levou um susto e, de algum lugar atrás da casa, Bingo uivou.

"Eu só acho que Deus está do lado justo", acrescentou Olanna, com brandura.

Alice espantou um mosquito. "Ambrose está fingindo ser um pastor para evitar o exército."

"É verdade, ele está fingindo." Olanna sorriu. "Conhece aquela igreja esquisita na avenida Ogui, em Enugu? Ele parece um daqueles pastores."

"Eu na verdade não sou de Enugu." Alice encolheu as pernas. "Sou de Asaba. Saí de lá depois de terminar o Colégio de Formação de Professores e fui para Lagos. Eu trabalhava em Lagos, antes da guerra. Conheci um coronel do exército e, em poucos meses, ele me pediu em casamento, só que não me falou que já era casado e que a mulher dele estava no exterior. Eu engravidei. E ele sempre adiando o dia de ir a Asaba para as cerimônias tradicionais. Porém acreditei nele, quando disse que andava ocupado, sob pressão, com tudo que estava acontecendo no país. Depois que eles mataram os oficiais ibos, ele fugiu e eu fui para Enugu com ele. Tive meu filho lá. Estávamos juntos em Enugu quando a mulher dele voltou, pouco antes do começo da guerra, e ele me deixou. Aí meu filho morreu. Depois Enugu caiu. E cá estou eu."

"Eu sinto muito."

"Eu sou uma burra. Fui eu que acreditei em todas as mentiras que ele me contou."

"Não diga isso."

"Você tem sorte. Tem marido e uma filha. Não sei como você consegue manter tudo equilibrado, ensinar as crianças e tudo o mais. Bem que eu gostaria de ser como você."

A admiração de Alice a comoveu e espantou. "Não tem nada de especial a meu respeito", disse Olanna.

O pastor Ambrose estava entrando em frenesi. "Demônio, eu acabo com você! Satã, eu bombardeio você!"

"Como é que vocês fizeram para sair de Nsukka?", perguntou Alice. "Perderam muita coisa?"

"Tudo. Saímos às pressas."

"Foi a mesma coisa comigo, em Enugu. Não sei por que eles não nos contam a verdade, para estarmos preparados. O pessoal do Ministério da Informação passeou de caminhonete pela cidade toda, divulgando pelos alto-falantes que estava tudo bem, que eram só os nossos rapazes fazendo exercícios de tiro. Se eles tivessem dito a verdade, muitos estariam mais bem preparados e não teriam perdido tanto."

"Mas você trouxe seu piano." Olanna não gostou da maneira como Alice disse *eles*, como se ela não estivesse do mesmo lado.

"Foi a única coisa que eu trouxe de Enugu. Ele me mandou dinheiro e uma caminhonete, para me ajudar, no próprio dia em que Unugu caiu. Sua consciência culpada estava fazendo hora extra. Mais tarde, o motorista me disse que ele e a mulher tinham se mudado para a cidade natal deles algumas semanas antes. Imagine!"

"Sabe onde ele está agora?"

"Não sei nem quero saber. Se algum dia eu vir aquele homem de novo, *ezi okwu m*, eu o mato com as próprias mãos." Alice ergueu as mãos pequeninas. Estava falando em ibo pela primeira vez, e, no seu dialeto de Asaba, o F tinha som de W. "Quando penso no que passei por causa daquele homem. Desisti do meu emprego em Lagos, vivia mentindo para a minha família, cortei relações com as amigas que diziam que ele não falava a sério." Ela se curvou para apanhar alguma coisa da areia. "E ele nem sequer conseguia."

"O quê?"

"Ele saltava em cima de mim, gemia *oh-oh-oh* feito um bode, e pronto, acabava." Ela ergueu um dedo. "Com uma coisinha assim pequenina. E depois sorria todo satisfeito, nem se interessava em me perguntar se eu sabia quando ele tinha começado e quando tinha parado. Homens! Os homens são uns imprestáveis!"

"Não, nem todos eles. Meu marido sabe como fazer, e com um que é assim." Olanna ergueu o punho fechado. Elas riram e Olanna pressentiu haver entre elas uma ligação feminina, vulgar e deliciosa.

Olanna esperou Odenigbo voltar para casa para lhe contar sobre a nova amizade com Alice, e sobre o que conversara com ela. Queria que ele chegasse em casa e a puxasse com força, do jeito como havia um bom tempo

não fazia. Porém, quando chegou em casa, do Bar Tanzânia, trazia um revólver. A arma de cano duplo, longa, negra e sombria, estava sobre a cama.
"*Gini bu ife a*? O que é isso?", perguntou Olanna.

"Alguém lá no diretório me deu. É bem velhinha. Mas é bom ter, só para garantir."

"Eu não quero uma arma aqui."

"Estamos em guerra. Tem arma para todos os lados." Ele tirou a calça e amarrou um pano na cintura, antes de tirar a camisa.

"Conversei com a Alice, hoje."

"Alice?"

"A vizinha que toca piano."

"Ah, sim." Ele estava olhando a cortina que dividia o quarto.

"Você parece cansado", disse ela. O que queria dizer era: *Você parece triste*. Se ao menos tivesse um serviço mais interessante, se ao menos tivesse algo onde pudesse afogar os momentos de dor fazendo coisa melhor.

"Estou bem", disse ele.

"Acho que você devia ir ver Ezeka. Pedir a ele que o ajude a conseguir uma transferência. Mesmo que não seja no diretório dele, ele deve ter alguma influência sobre os outros diretores."

Odenigbo pendurou a calça num prego na parede.

"Você escutou o que eu disse?", perguntou Olanna.

"Eu não vou pedir nada a Ezeka."

Olanna reconheceu aquela expressão — ele estava desapontado. Ela se esquecera de que eles tinham altos ideais. Eram pessoas de princípio; não pediam favores de amigos em posição de prestígio.

"Você poderia servir Biafra muito melhor se trabalhasse em outro lugar, onde pudesse usar seu cérebro e seu talento", disse ela.

Olanna deu uma olhada para a bagunça que era a casa e o lar deles — a cama, dois tubérculos de cará, o colchão encostado na parede suja, as caixas de papelão e os sacos empilhados num canto, o fogareiro a querosene que ela levava para a cozinha só quando necessário — e sentiu uma onda de repugnância, o ímpeto de correr e correr até que estivesse bem longe de tudo aquilo.

Dormiram de costas um para o outro. Odenigbo já tinha saído quando ela acordou. Olanna tocou no seu lado da cama, passou a mão pelo lugar que ocupara, saboreou os últimos instantes da mornidão amarfanhada que

ainda restava no lençol. Iria ela mesma falar com Ezeka. Pediria a ele que fizesse alguma coisa por Odenigbo. Saiu para ir ao banheiro dizendo "Bom dia" e "Acordou bem hoje?" a vários vizinhos, no caminho. Baby estava com as crianças mais novas, todas amontoadas em volta das bananeiras, escutando Papa Oji contar a história de como derrubara um avião inimigo em Calabar, com a sua pistola. As outras crianças varriam o quintal e cantavam:

Biafra, kunie, buso Nigeria agha,
Anyi emelie ndi awusa.
Ndi na-amaro chukwu,
Tigbue fa, zogbue fa,
Nwelu nwude Gowon.

Quando parou a cantoria, as rezas do pastor Ambrose pareceram ainda mais altas. "Deus abençoe Sua Excelência! Que Deus dê forças à Tanzânia e ao Gabão! Que Deus destrua a Nigéria, a Grã-Bretanha, o Egito, a Argélia e a Rússia! Em nome de Jesus todo-poderoso!"

Algumas pessoas gritaram *Amém!* de seus quartos. O pastor Ambrose segurava a Bíblia no alto, como se algum milagre sólido fosse cair sobre ela, direto do céu, e gritava palavras sem sentido: *ela baba ela baba ela baba.*

"Pare de falar besteira, pastor Ambrose, e se aliste no exército! Como é que essa sua falação de línguas vai ajudar nossa causa?", perguntou Mama Oji. Estava na porta do quarto com um dos filhos, a cabeça dele coberta com um pano fumegando. Quando ele ergueu a cabeça para respirar, Olanna viu o preparado de urina, óleos, ervas e sabe Deus o que mais que Mama Oji decidira misturar para curar o filho da asma.

"A noite foi muito ruim para ele?", perguntou.

Mama Oji deu de ombros. "Foi ruim, mas não muito ruim." Virou-se para o filho. "Quer levar uns tapas, antes de inalar isso? Por que está deixando evaporar tudo?"

Ele inclinou a cabeça na tigela de novo.

"Jeová vai destruir Gowon e Adekunle!", gritou o pastor Ambrose. "Cala a boca e se alista no exército!", disse Mama Oji.

Alguém gritou de um dos quartos. "Mama Oji, deixe o pastor em paz! Primeiro mande seu marido voltar para o exército de onde ele fugiu!"

"Ao menos ele foi!", foi a resposta rápida de Mama Oji. "Enquanto o seu marido vive a vida de um covarde amedrontado na floresta de Ohafia, para que nenhum soldado o encontre."

Baby apareceu, vindo de trás da casa, com o cachorro atrás. "Mami Ola! Bingo vê espíritos. Quando ele late, à noite, significa que está vendo espíritos."

"Não existem espíritos, Baby", respondeu Olanna.

"Existem sim."

Olanna não gostava nem um pouco das coisas que Baby estava aprendendo por ali. "Quem lhe disse isso, foi Adanna?"

"Não, foi o Chukwudi."

"Onde está Adanna?"

"Está dormindo. Está doente", disse Baby, e começou a espantar as moscas que rondavam a cabeça de Bingo.

Mama Oji resmungou: "Eu tenho dito a Mama Adanna que a doença da filha não é malária. Mas ela continua dando folha de margosa para ela tomar, e não acontece nada. Se não tem mais ninguém aqui disposto a dizer, digo eu: o que Adanna tem é a Síndrome de Harold Wilson, *ho-ha*."

"Síndrome de Harold Wilson?"

"*Kwashiorkor*. A menina está com *kwashiorkor*."

Olanna caiu na gargalhada. Não sabia que haviam rebatizado *kwashiorkor* com o nome do primeiro-ministro britânico, mas sua alegria se dissipou quando entrou no quarto de Adanna. A menina estava deitada numa esteira, os olhos semifechados. Olanna tocou em seu rosto, com o dorso da mão, para ver se estava com febre, embora soubesse que ela não tinha febre. Teria percebido logo ao entrar; a barriga de Adanna estava inchada e a pele tinha um tom doentio, bem mais claro que poucas semanas antes.

"Essa malária é muito teimosa", disse Mama Adanna.

"Ela está com *kwashiorkor*", disse Olanna, em voz baixa.

"*Kwashiorkor*", repetiu Mama Adanna, olhando para Olanna com olhos assustados.

"Você tem que encontrar pitu ou então leite."

"Leite, *kwa*? De onde?", perguntou Mama Adanna. "Mas a gente tem um remédio para isso, aqui perto. Mama Obike me disse outro dia mesmo. Eu vou buscar um pouco."

"Feito do quê?"

"De folhas contra *kwashiorkor*", disse Mama Adanna, já a caminho da porta.

Olanna ficou espantada com a rapidez com que ela se embrulhou nos panos e avançou pelo mato, do outro lado da rua. Voltou momentos depois, segurando um ramo de folhas estreitas. "Vou fazer um mingau, agora", disse.

"Adanna precisa de leite", disse Olanna. "Isso aí não vai curar o *kwashiorkor*."

"Deixa Mama Adanna sossegada. As folhas contra *kwashiorkor* vão funcionar, desde que ela não ferva as folhas por muito tempo", disse Mama Oji. "Além do mais, os centros não têm nada para oferecer. E será que você não ouviu dizer que todas as crianças de Nnewi morreram, depois de tomar o leite doado? Os vândalos tinham envenenado tudo."

Olanna chamou Baby, levou-a para dentro e tirou sua roupa.

"O Ugwu já me deu banho", disse a menina, com ar espantado.

"Claro que já, meu amor", disse Olanna, examinando-a com cuidado. Sua pele continuava da cor do mogno, o cabelo ainda estava preto e, embora mais magra, sua barriga não estava inchada. Olanna desejava tanto que o centro assistencial ainda estivesse aberto, e que Okoromadu ainda trabalhasse por lá, mas o rapaz fora transferido para Orlu, depois que o Conselho Mundial de Igrejas deu seu posto a um dos muitos pastores que não tinham mais uma paróquia.

Mama Adanna cozinhava as folhas na cozinha. Olanna pegou uma lata de sardinha e um pouco do leite em pó da caixa que Ezeka lhe mandara e deu a ela. "Não diga a ninguém que eu lhe dei isso. E dê para Adanna pouco a pouco."

Mama Adanna agarrou Olanna. "Obrigada, obrigada, muito obrigada. Eu não conto a ninguém."

Mas deve ter contado, porque, quando Olanna saiu para ir ao escritório do professor Ezeka, mais tarde, Mama Oji gritou: "Meu filho tem asma e leite não vai matá-lo!".

Olanna não tomou conhecimento.

Andou até a estrada principal e parou sob a sombra de uma árvore. Toda vez que passava um carro, ela fazia sinal para que parasse. Um soldado

numa caminhonete enferrujada acabou parando. Ela viu o olhar malicioso dele antes mesmo de ter entrado e sentado a seu lado, de modo que exagerou no sotaque inglês, certa de que ele não entenderia tudo o que dissesse, e falou o trajeto todo, mencionando que seu carro e o motorista estavam no mecânico. Ele disse pouca coisa, até deixá-la diante do prédio do diretório. Ele não sabia quem ela era, ou quem ela conhecia.

A secretária com cara de gavião deu uma longa olhada em Olanna, desde a peruca cuidadosamente escovada até os sapatos, e falou: "O professor Ezeka não está!".

"Então ligue para ele e diga que eu estou esperando. Meu nome é Olanna Ozobia."

A secretária pareceu surpresa. "Como?"

"Será que vou ter de repetir?", perguntou Olanna. "Tenho certeza de que o professor vai querer saber disso. Onde posso sentar, enquanto você disca?"

A secretária encarou Olanna e ela a encarou de volta, sem pestanejar. Depois a secretária fez um gesto sem dizer nada, na direção de uma cadeira, e pegou o fone. Meia hora depois, o motorista do professor Ezeka chegou para levá-la até a casa dele, enfurnada em uma estradinha de terra pouco conhecida.

"Pensei que alguém tão importante como o senhor estaria morando numa Área Reservada ao Governo, professor", disse Olanna, depois de cumprimentá-lo.

"Claro que não. É um alvo fácil demais para as bombas." Ele não mudara em nada. Continuava com a mesma superioridade maçante de antes, quando lhe pediu para esperar até terminar o que estava fazendo no escritório.

Olanna mal tinha tido a chance de conhecer a sra. Ezeka em Nsukka; ela era tímida e pouco instruída, o tipo de esposa que a aldeia escolhera para ele, disse Odenigbo, uma vez. Portanto, teve de fazer um esforço para esconder a própria surpresa quando ela entrou e abraçou-a duas vezes, naquele aposento espaçoso.

"É tão bom ver os velhos amigos! Nós só saímos em ocasiões formais, hoje um evento no palácio do governo, amanhã outro." O pendente de ouro da sra. Ezeka, preso a uma corrente em volta do pescoço, ressaltava o decote. "Pamela! Venha cumprimentar a tia."

A menina que veio até a sala, segurando uma boneca, era mais velha que Baby, quem sabe teria uns oito anos. Tinha o mesmo rosto bochechudo da mãe, e as fitas de cetim cor-de-rosa no cabelo balançavam.

"Boa tarde", disse ela. Estava tirando a roupa da boneca, arrancando a saia do corpo de plástico.

"Como está você?", perguntou Olanna.

"Bem, obrigada."

Olanna afundou num sofá macio, forrado de vermelho. Havia uma casa de bonecas, com minúsculos e delicados pratos e xícaras, no meio da mesa.

"O que quer beber?", perguntou a sra. Ezeka, com vivacidade. "Lembro que Odenigbo adorava um conhaque. Nós até temos um conhaque muito bom."

Olanna olhou para ela. A sra. Ezeka não poderia se lembrar do que Odenigbo bebia porque nunca tinha ido à casa deles com o marido.

"Eu gostaria de um pouco de água gelada", disse Olanna.

"Só água gelada?", perguntou ela. "De qualquer forma, podemos tomar alguma outra coisa depois do almoço." E chamou o criado.

Ele apareceu imediatamente, como se estivesse escutando atrás da porta. "Traga água gelada e Coca", disse a sra. Ezeka.

Pamela começou a choramingar, ainda lutando com as roupas da boneca.

"Vamos, calma, deixe que eu faço para você", disse a mãe. Depois se virou para Olanna. "Ela está tão inquieta nos últimos tempos. É que nós já devíamos ter partido na semana passada. Os dois mais velhos já foram. Sua Excelência nos deu permissão faz muito tempo. Era para termos ido num avião de socorro, mas eles não estão conseguindo pousar. Disseram que havia bombardeiros nigerianos demais em volta. Você pode imaginar uma coisa dessas? Ontem, nós esperamos em Uli, dentro daquele prédio inacabado que eles chamam de terminal, por mais de duas horas, e não pousou avião nenhum. Mas, com sorte, nós iremos no domingo. Vamos voar até o Gabão e, de lá, para a Inglaterra — com passaportes nigerianos, claro! Os britânicos se recusam a reconhecer Biafra!" A risada dela encheu Olanna com um ressentimento tão pontiagudo e tão penoso quanto a ponta de uma agulha.

O empregado trouxe a água numa bandeja de prata.

"Tem certeza de que a água está na temperatura certa?", perguntou a sra. Ezeka. "Estava na geladeira nova ou na velha?"

"Na nova, *mah*, como a senhora me disse para fazer."

"Quer um pedaço de bolo, Olanna?", perguntou a sra. Ezeka, depois que o empregado saiu. "Foi feito hoje."

"Não, obrigada."

O professor Ezeka entrou, segurando umas pastas. "É só isso que vai tomar? Uma água?"

"Sua casa é surreal", disse Olanna.

"Que escolha mais estranha de adjetivo, *surreal*", disse o professor Ezeka.

"Odenigbo está muito infeliz no diretório onde trabalha. Será que não poderia transferi-lo para um outro cargo?" As palavras saíram lentas da boca de Olanna e ela percebeu então o quanto odiava ter de pedir a ele, o quanto queria acabar logo com aquilo e deixar a casa de tapetes vermelhos e sofás combinando, o aparelho de televisão e o aroma frutado do perfume da sra. Ezeka.

"Está tudo muito difícil, na verdade, muito difícil", disse o professor Ezeka. "Os pedidos chegam de todas as partes." Sentou-se, pôs as pastas no colo e cruzou as pernas. "Mas vou ver o que posso fazer."

"Obrigada", disse Olanna. "E mais uma vez obrigada pelas provisões."

"Pegue um pedaço de bolo", disse a sra. Ezeka.

"Não, eu não quero bolo."

"Quem sabe depois do almoço."

Olanna levantou-se. "Não posso ficar para o almoço. Tenho de ir. Eu dou aulas para algumas crianças, no quintal, e disse a elas para se reunir daqui a uma hora."

"Ah, mas que coisa adorável de fazer", disse a sra. Ezeka, acompanhando Olanna até a porta. "Se eu não estivesse prestes a ir para o exterior, até poderíamos ter feito algo juntas, também, pela mobilização para vencer a guerra."

Olanna forçou os lábios para formar um sorriso.

"O motorista leva você de volta", disse o professor Ezeka.

"Obrigada."

Antes de entrar no carro, a sra. Ezeka a convidou para ir ver o bunker novo que o marido construíra; era resistente, feito de concreto.

"Imagine no que esses vândalos nos reduziram. Pamela e eu às vezes dormimos aqui, quando os bombardeios são demais", disse a sra. Ezeka. "Mas havemos de sobreviver."

"Claro", disse Olanna, olhando fixo para o chão liso, para as duas camas, para o subterrâneo todo mobiliado.

Quando voltou, Baby estava chorando. O muco saía aguado do nariz. "Eles comeram o Bingo", disse Baby.

"O quê?"

"A mãe de Adanna comeu o Bingo."

"Ugwu, o que foi que houve?", perguntou Olanna, pegando Baby no colo.

Ugwu deu de ombros. "Isso é o que está todo mundo dizendo por aí. Que Mama Adanna levou o cachorro para fora, já faz um tempo, e agora não responde quando alguém bate na porta e pergunta onde ele está. E acabou de cozinhar uma sopa com carne."

Olanna fez Baby parar de chorar, enxugou os olhos e o nariz, e pensou por um momento no cachorro, com sua cabeça cheia de feridas.

Kainene apareceu no meio de uma tarde quente. Olanna estava na cozinha, pondo algumas mandiocas secas de molho, quando Mama Oji chamou: "Tem uma mulher num carro, perguntando por você!".

Olanna saiu apressada da cozinha e parou ao ver a irmã perto das bananeiras. Parecia elegante, num vestido havana que ia só até o joelho.

"Kainene!" Olanna estendeu os braços de leve, insegura, e Kainene adiantou-se alguns passos; o abraço que trocaram foi curto, os corpos mal se tocaram, e Kainene recuou.

"Fui até sua casa antiga e alguém me disse para procurá-los aqui."

"Nosso senhorio nos expulsou, não éramos bons para os negócios." Olanna riu da piada fraca que fizera, mas Kainene não. Ela espiava o quarto. Olanna queria tanto que a irmã tivesse aparecido quando ainda estavam numa casa, queria não se sentir tão dolorosamente sem graça.

"Entre e sente."

Olanna arrastou o banco da varanda para dentro e Kainene olhou desconfiada, antes de sentar e pôr as mãos sobre a bolsa de couro com o mesmo tom de terra de sua peruca bem arrumada. Erguendo a cortina divisó-

ria, Olanna sentou-se na beira da cama, alisando os panos. Elas não se olharam. O silêncio estava carregado de coisas por dizer.

"E então, como você está?", perguntou Olanna, finalmente.

"As coisas estavam normais até Port Harcourt cair. Eu era fornecedora do exército e tínhamos licença para importar caldo de peixe. Agora estou em Orlu. Sou encarregada de um centro de refugiados lá."

"Ah."

"Você está me condenando em silêncio por lucrar com a guerra? Alguém tinha de importar o caldo de peixe, você sabe." Kainene ergueu as sobrancelhas; eram pintadas, dois finos arcos fluidos. "Muitos fornecedores receberam e não entregaram. Pelo menos eu entrego."

"Não, não, eu não estava pensando nada disso."

"Estava sim."

Olanna desviou o olhar. Havia coisas demais rodopiando em sua cabeça. "Fiquei tão preocupada quando Port Harcourt caiu. Mandei recados."

"Recebi a carta que você mandou para Madu." Kainene rearrumou as alças da bolsa. "Você disse que estava dando aula. Ainda dá? É a sua contribuição para a nobre mobilização para a vitória?"

"A escola virou um centro de refugiados. Às vezes dou algumas aulas para as crianças aqui mesmo."

"E como vai o seu marido revolucionário?"

"Continua trabalhando no Diretório dos Efetivos."

"Você não tem uma foto do casamento?"

"Houve um ataque aéreo durante a recepção. O fotógrafo deixou a máquina cair."

Kainene acenou a cabeça, como se não houvesse necessidade de sentir pena. Abriu a bolsa. "Vim para lhe dar isto. Mamãe mandou através de um jornalista britânico."

Olanna segurou o envelope na mão, sem saber se devia ou não abrir na frente de Kainene.

"Também trouxe dois vestidos para Baby", disse Kainene, com um gesto para o saco que tinha posto no chão. "Uma mulher que voltou de São Tomé tinha umas roupas infantis excelentes para vender."

"Você comprou roupa para Baby?"

"Mas que chocante. E já está na hora de a mocinha começar a ser chamada de Chiamaka. Essa história de Baby é meio cansativa."

Olanna riu.

Pensar que sua irmã estava sentada ali do lado, que sua irmã fora visitá-la, que sua irmã tinha levado roupas para sua filha. "Quer tomar uma água? É tudo que temos."

"Não, estou bem." Kainene levantou-se e foi até a parede, onde o colchão estava apoiado, depois voltou e sentou de novo. "Você não conheceu um empregado meu chamado Ikejide, conheceu?"

"Não foi o que Maxwell trouxe da aldeia dele?"

"Foi." Kainene levantou-se outra vez. "Ele morreu em Port Harcourt. Estavam atirando bombas sobre nós, e um estilhaço cortou a cabeça dele, decepou a cabeça inteira, e o corpo continuou correndo. O corpo continuou correndo, e não tinha cabeça."

"Deus."

"Eu vi."

Olanna levantou-se, foi sentar junto da irmã, no banco, e abraçou-a. Kainene tinha o cheiro de casa. Não disseram nada durante vários minutos.

"Pensei em trocar o dinheiro para você", disse Kainene. "Mas pode fazer isso num banco, e depois depositar, não pode?"

"Você não viu as crateras de bombas em volta do banco? O meu dinheiro agora fica debaixo do meu colchão."

"Então fique de olho nas baratas. A vida está dura para elas também, hoje em dia." Kainene encostou-se em Olanna e, logo depois, como se tivesse se lembrado de algo, levantou-se e alisou o vestido; Olarma sentiu a lenta tristeza de perder alguém que ainda estava presente.

"Meu Deus, eu não tinha me dado conta das horas", disse Kainene.

"Você vem me visitar de novo?"

Houve uma pausa, antes de Kainene dizer: "Eu passo o dia todo no centro de refugiados. Quem sabe você podia ir me ver." Procurou por um papel dentro da bolsa e anotou o endereço de casa.

"Então eu vou. Vou na próxima quarta-feira."

"E vai dirigindo?"

"Não. Por causa dos soldados. E porque não temos gasolina suficiente."

"Dê um alô para o seu revolucionário por mim." Kainene entrou no carro e ligou o motor.

"Suas placas são diferentes, agora", disse Olanna, olhando para o VIG impresso antes dos números.

"Paguei um dinheiro a mais para ter meu patriotismo estampado nas placas. Vigilância!" Kainene ergueu as sobrancelhas e uma das mãos, antes de acelerar. Olanna viu o Peugeot 404 desaparecer na estrada e ficou ali um tempo, como se tivesse engolido uma fatia esfuziante de luz.

Na quarta-feira, Olanna chegou cedo. Harrison abriu a porta e ficou olhando, tão surpreso que parecia ter esquecido sua costumeira reverência. "Madame, bom dia! Faz tempo, já!"

Olanna sentou-se num dos dois sofás que havia na sala nua e luminosa, com suas janelas abertas de par em par. Havia um rádio ligado em algum lugar lá dentro, e, quando ouviu passos se aproximando, forçou a boca a relaxar, sem saber ao certo o que diria a Richard. Mas era Kainene, num vestido preto amassado, segurando a peruca na mão.

"*Ejima m*", disse ela, abraçando Olanna. Foi um abraço apertado, os corpos das duas calorosamente perto um do outro. "Eu estava torcendo para que você viesse, assim podemos ir juntas ao centro de pesquisa, antes de ir para o centro de refugiados. Quer comer um pouco de arroz? Eu não tinha percebido quanto tempo fazia que eu não comia arroz até o pessoal da ajuda me dar um pouco, na semana passada."

"Não, agora não." Olanna queria continuar abraçada à irmã por muito mais tempo, cheirar aquele aroma familiar de casa.

"Eu estava ouvindo a rádio nigeriana. Lagos diz que os soldados chineses estão lutando do nosso lado e Kaduna diz que todas as mulheres ibos merecem ser estupradas", disse Kainene. "A imaginação deles me impressiona."

"Eu nunca ouço."

"Pois eu ouço muito mais as rádios de Lagos e Kaduna do que a Rádio Biafra. É preciso manter os inimigos sempre perto."

Harrison entrou e fez uma mesura. "Madame? Estou trazendo drinques?"

"Do jeito como ele fala, parece que temos uma adega colossal nesta casa inacabada no meio do nada", resmungou Kainene, penteando a peruca com os dedos.

"Madame?"

"Não, Harrison, não traga nada agora. Vamos sair. Lembre-se, almoço para duas pessoas."

"Sim, madame."

Olanna se perguntou onde estaria Richard.

"Harrison é o camponês mais pretensioso que já vi na vida", disse Kainene, já a caminho do carro. "Eu sei que você não gosta da palavra *camponês*."

"Não."

"Mas é o que ele é, sabia?"

"Somos todos camponeses."

"Somos, é? Isso é o tipo de coisa que Richard diria."

A garganta de Olanna pareceu ressecar no mesmo instante.

Kainene deu uma olhada para ela. "Richard saiu bem cedinho, hoje. Ele vai ao Gabão, visitar um centro que cuida de pacientes de *kwashiorkor*, na próxima semana, e disse que precisava providenciar algumas coisas. Mas acho que saiu assim tão cedo porque ficou sem graça, sem saber como seria rever você."

"Ah." Olanna franziu a boca.

Kainene dirigia com uma confiança descuidada, passou por buracos na estrada, por palmeiras sem folhagem, e por um soldado magro que puxava um bode mais magro ainda.

"Você alguma vez já sonhou com aquela cabeça de criança que viu numa cabaça?", perguntou.

Olanna olhou pela janela, lembrando as linhas entrecruzadas da cabaça, a inexpressividade branca dos olhos da criança. "Eu nunca me lembro dos meus sonhos."

"O vovô costumava dizer, sobre as dificuldades que havia enfrentado na vida: 'Não me matou, só me fez mais sábio'. *O gburo m egbu, o mee ka m malu ife*."

"Eu lembro."

"Há certas coisas que são tão imperdoáveis que tornam outras facilmente desculpáveis", disse Kainene.

Houve um silêncio. Dentro de Olanna, alguma coisa calcificada saltou de volta à vida.

"Sabe do que estou falando?", perguntou Kainene.

"Sei."

No centro de pesquisa, Kainene estacionou debaixo de uma árvore e Olanna esperou no carro. Voltou apressada momentos depois. "O homem

com quem eu quero falar não está", disse ela, e ligou o carro. Olanna não disse mais nada até chegarem ao centro de refugiados. Era uma escola primária antes da guerra. Os prédios pareciam descorados e quase toda a tinta branca com que foram pintados descascara. Alguns refugiados do lado de fora pararam para olhar para Olanna e dizer *nno* a Kainene. Um padre jovem e esbelto, numa sotaina desbotada, se aproximou do carro.

"Padre Mareei, minha irmã gêmea Olanna", disse Kainene.

O padre se surpreendeu. "Bem-vinda", disse, acrescentando em seguida, desnecessariamente: "Vocês não são idênticas".

Ficaram à sombra de um tulipeiro-da-áfrica, enquanto o padre contava a Kainene que o saco de pitu fora entregue, que a Cruz Vermelha de fato suspendera os vôos de auxílio, que Inatimi tinha aparecido um pouco mais cedo com alguém da Organização dos Freedom Fighters de Biafra e que dissera que voltaria depois. Olanna viu Kainene falando. Não escutou muita coisa porque estava pensando em como era inabalável a confiança dela.

"Vamos dar uma volta em tudo", disse Kainene para Olanna, depois que o padre Mareei se foi. "Sempre começo com o bunker." Kainene lhe mostrou o abrigo antiaéreo, um buraco cavado de forma rudimentar e coberto por troncos, antes de começar a andar na direção do prédio do outro lado do *compound*. "Agora, ao Ponto Sem Volta."

Olanna seguiu a irmã. O cheiro a pegou já na primeira porta. Foi direto do nariz para o estômago e revirou o cará cozido que comera no café-da-manhã.

Kainene observava a irmã. "Você não precisa entrar."

"Mas eu quero", disse Olanna, porque achava que devia. Mas não queria. Não sabia o que era aquele cheiro, mas ele ia aumentando, quase podia enxergá-lo, uma nuvem suja e marrom. Sentia-se tonta. Entraram na primeira sala de aula. Havia uma dúzia de pessoas deitadas em catres de bambu, em esteiras, no chão. Nenhuma estendia a mão para espantar as moscas gordas que pousavam. O único movimento que Olanna viu foi o de uma criança sentada na porta: ela cruzava e descruzava os braços. Seus ossos estavam claramente delineados e a pele grudada de uma forma que não seria possível se tivesse alguma carne por baixo da pele. Kainene vistoriou a sala rapidamente e virou-se para a porta. Lá fora, Olanna respirou fundo. Na segunda sala de aula, era como se o próprio ar estivesse se tornando sujo; Olanna sentiu vontade de tapar o nariz, para evitar que o ar de fora se

misturasse ao ar de dentro. Viu uma mãe sentada no chão, com dois filhos deitados do lado. Olanna não saberia dizer quantos anos eles tinham. Estavam nus; as bolas retesadas da barriga não caberiam numa camisa. As nádegas e o peito estavam caídos, eram pregas de pele enrugada. Na cabeça, chumaços de cabelo avermelhado. Os olhos de Olanna encontraram os da mãe, que olhava fixamente para ela; desviou a vista. Espantou uma mosca do rosto, pensando em como pareciam saudáveis, as moscas, como pareciam vivas, vibrantes.

"Essa mulher está morta. Temos que removê-la daqui", disse Kainene.

"Não!", deixou escapar Olanna, porque aquela mulher de olhar fixo não podia estar morta. Porém Kainene estava falando de uma outra, deitada de bruços no chão, com um bebê muito magro agarrado a suas costas. Kainene foi até ela e pegou o bebê. Saiu e gritou: "Padre! Padre! Mais um enterro", depois sentou na escada, segurando a criança. O bebê deveria ter chorado. Kainene estava tentando forçar um comprimido de levedura, de cor cinzenta, na boca da criança.

"O que é isso?", perguntou Olanna.

"Tabletes de proteína. Vou lhe dar alguns para você dar a Chiamaka. Eles têm um gosto horroroso. Finalmente consegui que a Cruz Vermelha me fornecesse um lote, na semana passada. Não temos o suficiente, claro, de modo que guardo só para as crianças. Mesmo que eu desse isso aos adultos, para a maior parte não faria diferença. Mas talvez faça para este bebê. Talvez."

"Por dia, quantos morrem?", perguntou Olanna.

Kainene olhou para o bebê. "A mãe dele veio de algum lugar que foi tomado logo no começo. Eles já tinham passado por cinco centros de refugiados antes de vir para cá."

"Por dia, quantos morrem?", insistiu Olanna. Mas Kainene não respondeu. O bebê finalmente abriu a boca para dar um pequeno berro e Kainene forçou o tablete para dentro. Olanna viu o padre Mareei e outro homem, um pegando pelos pulsos, outro pelos tornozelos, levarem a mulher morta para os fundos do prédio.

"Às vezes, eu odeio eles todos", disse Kainene.

"Os vândalos."

"Não, eles." Kainene apontou para a sala de aula. "Eu os detesto por morrerem."

Kainene levou o bebê para dentro e deu-o para outra mulher, parente da falecida, cujo corpo esquelético tremia; como estava com os olhos secos, Olanna levou alguns momentos para perceber que chorava, com a criança apertada contra os seios secos.

Mais tarde, enquanto caminhavam de volta para o carro, Kainene pegou na mão de Olanna.

29.

Ugwu sabia que a história do pastor Ambrose era implausível, que não havia ninguém de uma fundação estrangeira com uma mesa posta na final da rua São João, dando ovos cozidos e garrafas de água gelada a todos que passavam. Sabia, também, que não devia sair do *compound*; os avisos de Olanna ecoavam ainda em sua cabeça. Mas sentia tédio. Estava muito quente, e ele odiava o gosto de cinzas da água que ficava estocada num pote de barro, atrás da casa. Estava louco para tomar uma água, ou qualquer outra coisa gelada por eletricidade. E a história bem que poderia ser verdade; tudo era possível. Baby brincava com Adanna e ele podia pegar o atalho e voltar antes que ela notasse seu sumiço.

Acabara de virar a igreja de São João quando viu, mais adiante na rua, um grupo de homens parados em fila única, com as mãos na cabeça. Os dois soldados com eles eram muito altos e mantinham a arma apontada para a frente. Ugwu parou. O soldado armado começou a gritar alguma coisa e correu na sua direção. O coração de Ugwu deu um salto dentro do peito; olhou para o mato ao lado da rua, mas era ralo demais para escondê-lo. Olhou para trás, e a rua parecia vazia e interminável; não havia nada para protegê-lo da bala do soldado. Virou-se e correu para a igreja. Um padre idoso, vestido de branco, estava no topo da escada, diante da porta principal. Ugwu subiu rápido, aliviado, porque o soldado não ousaria entrar na igreja para pegá-lo. Quando tocou na porta, viu que estava trancada.

"*Biko*, padre, deixa eu entrar", disse ele.

O padre balançou a cabeça. "Aqueles ali que foram recrutados também são filhos de Deus."

"Por favor, por favor." Ugwu deu um puxão na porta.

"As bênçãos de Deus irão com vocês", disse o padre.

"Abre a porta!", gritou Ugwu.

O padre balançou a cabeça e recuou.

O soldado avançou para a entrada da igreja. "Pare ou eu atiro!"

Ugwu parou, estatelado, a mente vazia.

"Sabe como eles me chamam?", gritou o soldado. "Mata-e-Sai!" Era um homem alto demais para a calça esfarrapada que parava bem antes do começo das botas negras. Ele cuspiu no chão e puxou o braço de Ugwu. "Malditos civis! Venha comigo!"

Ugwu saiu aos tropeços. Atrás deles, o padre disse: "Deus abençoe Biafra".

Ele não olhou para o rosto dos outros homens, ao se juntar à fila e erguer as mãos na cabeça. Estava sonhando; tinha de estar sonhando. Um cachorro latia em algum lugar ali perto. Mata-e-Sai gritou com um dos homens, enviesou a arma e atirou para o alto. Havia algumas mulheres aglomeradas a uma pequena distância deles e uma delas conversava com o parceiro de Mata-e-Sai. De início, falou em voz baixa, em tom de quem está implorando, depois ergueu a voz e começou a gesticular feito doida. "O senhor não está vendo que ele nem sabe falar direito? Ele é retardado. Como espera que ele carregue uma arma?"

Mata-e-Sai amarrou os homens em pares, as mãos atrás das costas e a corda bem esticada entre eles. O homem com quem Ugwu fora amarrado deu uma sacudida na corda, para ver se era forte mesmo, e Ugwu quase perdeu o equilíbrio.

"Ugwu!"

A voz tinha vindo do grupo de mulheres. Virou-se. A professora Muokelu estava olhando para ele, com ar chocado. Ele acenou para ela, de uma forma que esperava ter sido respeitosa, porque não podia se arriscar a falar. A professora saiu meio que correndo, meio que andando, pela rua e ele a viu sumir, frustrado e ao mesmo tempo inseguro sobre o que esperava que ela fizesse por ele.

"Preparem-se para marchar!", gritou Mata-e-Sai. Ergueu a vista e viu um menino no fim da rua; correu até ele. O parceiro apontou a arma para a fila. "Se alguém fugir, eu atiro."

Mata-e-Sai voltou com o rapaz andando na sua frente.

"Cala a boca!", disse ele, enquanto amarrava as mãos do garoto nas costas. "Todo mundo andando! Nosso caminhão está na rua ao lado!"

Tinham acabado de começar a andar, num passo desengonçado, com Mata-e-Sai gritando "*Lep*! *Ai*!" quando Ugwu viu Olanna. Ela estava apressada, em pânico, usando a peruca, coisa que fazia muito pouco nos últimos tempos, porém mal colocada, porque estava torta na cabeça. Ela sorriu e fez um gesto para Mata-e-Sai, e ele gritou "Parem!", antes de ir até ela. Eles conversaram de costas para os recrutados e, momentos depois, ele se virou e cortou a corda que atava as mãos de Ugwu.

"Ele já está servindo a nação. Nós só estamos interessados em civis ociosos", disse ele ao colega, que acenou a cabeça.

A soltura de Ugwu o deixou zonzo. Esfregou os pulsos. Olanna não trocou uma palavra com ele, no caminho de volta para casa, e ele pressentiu sua fúria silenciosa só de ver a força com que ela destrancou e abriu a porta do quarto.

"Desculpe, *mah*", disse ele.

"Você é tão burro que não merece a sorte que teve hoje", disse ela. "Eu subornei aquele soldado com todo o dinheiro que eu tinha. Agora você vai ter de produzir aquilo que eu vou dar para a minha filha comer, entendeu bem?"

"Desculpe, *mah*", disse ele de novo.

Olanna pouco falou com ele nos dias seguintes. Ela mesma fazia a comida de Baby, como se não confiasse mais nele. Respondia aos cumprimentos de Ugwu com acenos frios de cabeça. E ele acordava mais cedo ainda para ir buscar água, esfregava mais ainda o chão do quarto e, com isso, esperava ganhar a amizade dela de volta.

Por fim, ganhou-a com a ajuda de alguns lagartos assados. Foi na manhã em que ela e Baby estavam se aprontando para ir a Orlu, visitar Kainene. Passou um ambulante pelo *compound* com uma bandeja esmaltada coberta por jornal, segurando um lagarto assado num pauzinho e entoando: "*Mme mme suya*! *Mme mme suya*!".

"Eu quero um, Mami Ola", disse Baby.

"Essas coisas não fazem bem para você", disse Olanna.

O pastor Ambrose voltou para seu quarto com um pacotinho embrulhado em jornal.

"O pastor comprou um", disse Baby.

"Mas nós não vamos comprar."

Baby começou a chorar. Olanna virou-se e olhou para Ugwu, irritada, e, de repente, estavam ambos sorrindo com a situação: Baby chorava porque não podia comer um lagarto.

"O que é que os lagartos comem, Baby?", perguntou Ugwu.

Baby resmungou: "Formigas".

"Se você comer um deles, todas as formigas que o lagarto comeu vão começar a passear dentro do seu estômago, e a mordê-la", disse Ugwu, calmamente.

Baby fez uma careta. Olhou para ele por um tempo, como se decidindo se iria ou não acreditar em suas palavras, antes de enxugar as lágrimas.

No dia em que Olanna e Baby partiram para passar uma semana com Kainene, em Orlu, o Patrão voltou mais cedo do que o habitual e não foi ao Bar Tanzânia; Ugwu esperava que a ausência das duas o tivesse puxado para fora do fosso em que estava enterrado desde a morte da mãe. Ele sentou na varanda, escutando rádio. Ugwu levou um susto ao ver Alice parar, a caminho do banheiro. Havia presumido que o Patrão daria suas respostas distantes de sim-e-não e que ela voltaria para o piano. Mas eles conversaram em voz baixa, Ugwu não ouviu quase nada; de vez em quando, escutava uma risadinha dela. No dia seguinte, ela sentou ao lado do Patrão, no banco. E ficou por ali até todo mundo ter ido dormir. Alguns dias depois, Ugwu voltou do quintal e encontrou a varanda vazia, e a porta do quarto firmemente trancada. Sentiu um aperto no estômago; lembranças daqueles dias com Amala haviam lhe deixado na garganta um caroço difícil de engolir. Alice era diferente. Havia uma aura propositadamente infantil a sua volta, da qual Ugwu desconfiava. Dava para ver que ela não precisaria de feitiço de *dibia* nenhum para provocar o Patrão; conseguiria só com sua pele pálida e aquele seu jeito carente. Ugwu foi até as bananeiras, voltou e resolveu bater forte na porta. Estava decidido a fazê-los parar. Ouviu sons lá dentro. Bateu de novo. E de novo.

"Sim?" A voz do Patrão parecia abafada.

"Sou eu, *sah*. Eu queria perguntar se posso pegar o fogão a querosene, *sah*." Depois que pegasse o fogareiro, fingiria ter esquecido a xícara de *garri*, ou o último pedacinho de cará, a concha. Estava disposto a fingir um ataque epiléptico, qualquer coisa para impedi-lo de continuar fazendo o

que estava fazendo com aquela mulher. O Patrão levou uns bons minutos para abrir a porta. Estava sem óculos e os olhos pareciam inchados.

"*Sah*?", disse Ugwu, olhando para trás. O quarto estava vazio. "Vai tudo bem, *sah*?"

"Claro que não vai tudo bem, seu energúmeno", disse o Patrão, olhando para o par de chinelos no chão. Ele parecia perdido nos próprios pensamentos. Ugwu esperou. O Patrão soltou um suspiro. "O professor Ekwenugo e o Grupo de Ciências estavam indo colocar umas minas, passaram num buraco na estrada e as minas explodiram."

"As minas explodiram?"

"Ekwenugo foi pelos ares. Está morto."

Pelos ares ressoou nos ouvidos de Ugwu.

O Patrão se afastou. "Agora pega o fogão e sai."

Ugwu entrou, apanhou o fogareiro do qual não precisava e pensou na unha comprida e afilada do professor Ekwenugo. *Pelos ares*. O professor Ekwenugo sempre fora a prova viva de que Biafra triunfaria, ele e suas histórias de mísseis, tanques e combustível feito de nada. Será que as partes do corpo do professor Ekwenugo ficaram calcinadas, como pedaços da madeira, ou será que daria para reconhecer o que era o quê? Será que haveria muitos fragmentos ressequidos, será que seria como amassar uma folha dessecada nas rajadas do harmatão? *Pelos ares*.

O Patrão saiu pouco depois para o Bar Tanzânia. Ugwu pôs o seu melhor par de calças e foi apressado até a casa de Eberechi. Parecia a coisa mais natural do mundo, a única coisa a fazer. Recusou-se a pensar no quanto Olanna ficaria brava se por acaso Mama Oji contasse que ele havia saído, ou qual seria a reação de Eberechi, se ela iria ignorá-lo, dar-lhe as boas-vindas ou gritar com ele. Precisava vê-la.

Ela estava sentada na varanda, sozinha, usando aquela saia justa que moldava tão bem seu traseiro, lembrava-se bem, mas o cabelo estava diferente, cortado num formato arredondado, sem as trancinhas de hábito.

"Ugwu!", disse ela, surpresa, levantando-se.

"Você cortou o cabelo."

"E por acaso alguém acha fio para trançar, sem falar em dinheiro para comprar?"

"Ficou bem."

Ela deu de ombros.

"Eu devia ter vindo antes", disse ele. Nunca deveria ter parado de falar com ela por causa de um oficial do exército que não conhecia. "Perdão. *Gbaghalu*."

Olharam-se, ela estendeu o braço e beliscou a pele de seu pescoço. Ele deu um tapinha brincalhão, para tirar a mão dela, depois a segurou. Não soltou quando se sentaram na escada e então ela contou que a família que alugara a antiga casa do Patrão era má, que os rapazes da rua se escondiam no forro, quando os soldados do recrutamento apareciam, e que o último ataque aéreo abrira um buraco na parede deles, por onde entravam os ratos.

Por fim, Ugwu contou que o professor Ekwenugo morrera. "Lembra que eu falei sobre ele com você? O que fazia parte do Grupo de Ciências, o que construía coisas incríveis", disse ele.

"Lembro sim", disse ela. "Aquele que tinha uma unha comprida."

"Ele cortou", disse Ugwu, começando a chorar; suas lágrimas eram esparsas e faziam cócegas no rosto. Ela pôs a mão em seu ombro e ele ficou imóvel, para que ela não tirasse sua mão, para mantê-la onde estava. Havia algo novo nela, ou talvez sua percepção das coisas tivesse se renovado. Agora acreditava na existência de preciosidades.

"Você falou que ele cortou a unha comprida?", perguntou ela.

"Cortou", respondeu Ugwu. De repente, parecia uma boa coisa, ele ter cortado a unha; Ugwu não suportaria pensar naquela unha indo pelos ares.

"Eu preciso ir", disse. "Antes que meu patrão volte."

"Eu vou visitá-lo amanhã", disse ela. "Conheço um atalho até lá."

O Patrão não estava em casa quando Ugwu voltou. Mama Oji estava berrando "Que vergonha! Que vergonha!" para o marido, o pastor Ambrose rezava para que Deus borrifasse por toda a Grã-Bretanha a dinamite do Espírito Santo, e havia uma criança chorando. Aos poucos, um depois do outro, os ruídos foram cessando. Veio a escuridão. As lamparinas a óleo se apagaram. Ugwu ficou sentado na porta do quarto, esperando, até o Patrão aparecer, com um sorrisinho e os olhos congestionados.

"Meu bom homem", disse ele.

"Bem-vindo, *sah. Nno*." Ugwu levantou-se. O Patrão não estava muito firme nos pés, cambaleando de leve para a esquerda. Ugwu acorreu rápido, pôs um braço em volta dele e o ajudou. Tinham acabado de entrar quando o Patrão se dobrou em dois com um tranco violento e vomitou. O vômito

espumante esparramou-se pelo chão. Um cheiro azedo encheu o quarto. O Patrão sentou-se na beira da cama. Ugwu foi buscar um pano e um pouco de água e, enquanto limpava, escutava a respiração desigual do Patrão.

"Não conte nada disso para a sua patroa", disse o Patrão.

"Pois não, *sah*."

Eberechi aparecia com frequência, e seu sorriso, as mãos que se encontravam ou um beliscão no pescoço tornaram-se alegrias indizíveis. Na tarde em que Ugwu a beijou pela primeira vez, Baby estava dormindo. Estavam dentro do quarto, sentados no banco, jogando whot biafrense; ela tinha acabado de dizer "Fim de jogo!" e baixado a última carta quando ele se debruçou e experimentou o gosto amargo da poeira atrás da orelha de Eberechi. Depois beijou seu pescoço, o queixo, os lábios; sob a pressão da língua dele, Eberechi abriu a boca e o calor que se desprendeu dali o deixou sem ação. Desceu a mão e pegou um de seus seios pequenos. Ela o empurrou. Desceu mais ainda a mão, beijou-a na boca e enfiou rápido a mão debaixo de sua saia.

"Deixa só eu ver", disse ele, antes que ela pudesse impedi-lo. "Só ver."

Ela se levantou. E não o empurrou, quando ele ergueu a saia e puxou a calcinha de algodão, com um pequeno rasgo na cintura, para olhar os grandes gomos arredondados de suas nádegas. Depois, Ugwu subiu a calcinha até a cintura e baixou a saia. Ele a amava. Queria dizer a ela que a amava.

"Estou indo", disse ela, endireitando a blusa.

"E aquele seu amigo do exército?"

"Está num outro setor."

"O que você fez com ele?"

Ela esfregou o dorso da mão na boca, como se quisesse limpar alguma coisa.

"Você fez alguma coisa com ele?", perguntou Ugwu.

Ela foi para a porta, ainda calada.

"Você gosta dele", disse Ugwu, sentindo-se desesperado.

"Gosto mais de você."

Não tinha importância que ela continuasse vendo o soldado. O que importava era aquele mais, era quem ela preferia. Ele a puxou, mas ela se

afastou.

"Você me mata", disse, e riu. "Me deixe ir."

"Eu vou com você até a metade do caminho."

"Não precisa. Baby vai ficar sozinha."

"Eu volto antes de ela acordar."

Queria segurar a mão dela; mas, em vez disso, caminhava tão perto que de vez em quando os corpos se tocavam. Mas Ugwu não foi longe e logo fez meia-volta. Estava quase chegando em casa quando viu dois soldados junto de uma caminhonete, empunhando armas.

"Você! Pare onde está!", disse um deles.

Ugwu começou a correr, até ouvir os tiros, tão ensurdecedores, tão alarmantemente perto, que caiu no chão e esperou a dor começar, certo de que fora atingido. Mas não houve dor nenhuma. Quando o soldado o alcançou, a primeira coisa que Ugwu viu foi um par de sapatos de lona, antes de olhar para cima, para o corpo rijo e a fisionomia zangada. Havia um rosário em seu pescoço. O cheiro de pólvora queimada saía de sua arma.

"Vamos, levante-se, seu maldito civil! Vá se juntar a eles, ali!"

Ugwu se ergueu, o soldado lhe deu um tapa na nuca e estilhaços de luz se acenderam em seus olhos; firmou bem os dedos do pé na areia, para se equilibrar, antes de seguir em frente e se juntar aos dois homens parados, com os braços no alto. Um deles era idoso, devia ter pelo menos uns sessenta e cinco anos, ao passo que o outro era um adolescente de quinze anos, talvez. Ugwu resmungou um "boa tarde" para o mais idoso e ficou ao lado dele, de braços erguidos.

"Entrem na caminhonete", disse o segundo soldado. A barba grossa escondia boa parte do rosto.

"Se as coisas estão nesse pé, se estão recrutando homens da minha idade, então Biafra morreu", disse o idoso, em voz baixa.

O segundo soldado o vigiava.

O primeiro gritou: "Cala essa boca nojenta, *agadi*!", e deu um tabefe no homem.

"Pare com isso!", disse o segundo soldado, virando-se para o homem. "Papa, vai."

"Como?" Ele parecia meio incerto.

"Vai, *gawa*."

O velho começou a se afastar, de início lentamente, sem muita certeza, a mão esfregando a bochecha que levara o tabefe; depois correndo, ainda inseguro. Ugwu o viu desaparecer na rua e desejou poder dar um salto, pegar na mão dele e ser impelido de volta à liberdade.

"Entrem na caminhonete!", disse o primeiro soldado. Era como se tivesse ficado com raiva pelo fato de o velho ter ido embora, como se não responsabilizasse o colega por isso e sim os recrutados. Empurrou o adolescente e Ugwu. O adolescente caiu e rapidamente se pôs de pé, antes de subirem na traseira. Não havia bancos; velhos sacos de ráfia, chicotes e garrafas vazias estavam espalhados pelo chão enferrujado. Ugwu ficou espantado de ver um menino lá dentro, cantarolando uma música e bebendo de uma velha garrafa de cerveja. Ugwu sentiu o cheiro azedo do gim local ao se acomodar ao lado do garoto e pensou que talvez não fosse um menino e sim alguém que não tinha crescido.

"Eu sou High-Tec", disse ele, e o cheiro de gim vagabundo ficou mais forte.

"Eu sou Ugwu." Ugwu olhou para a camisa enorme, para o short esfarrapado, as botas, a boina. Era de fato um menino. Não devia ter mais que treze anos. Porém o desdém seco do olhar o fazia parecer muito mais velho que o adolescente todo encolhido sentado a sua frente.

"G*i kwanu*? Como é que você chama?", perguntou High-Tec ao rapaz.

Ele soluçava. Parecia conhecido, talvez fosse um dos rapazes da vizinhança que iam buscar água no poço, antes do amanhecer. Ugwu sentiu pena dele, e ao mesmo tempo raiva, porque aquele choro transformava o desespero da situação em algo inexorável. Eles tinham de fato sido recrutados. E seriam de fato enviados para o front de guerra sem treino nenhum.

"Então você não é um homem?", perguntou High-Tec ao adolescente. "*I bu nwanyi*? Então por que se comporta feito mulher?"

O adolescente estava com a mão apertada nos olhos, enquanto chorava. A risadinha de High-Tec transformou-se em risada zombeteira. "Este aqui não quer lutar pela nossa causa!"

Ugwu não disse nada. A risada de High-Tec e o cheiro de gim o deixavam nauseado.

"Eu saio em *reiconzar michon*", declarou ele, falando em inglês pela primeira vez. Ugwu queria corrigir a pronúncia de missão de reconhecimen-

to, dizer a ele que o certo era *reconnaissance mission*; o garoto certamente se beneficiaria com umas aulas de Olanna.

"Nosso batalhão é feito de engenheiros de campo e nós só usamos *ogbunigwes* poderosas." High-Tec calou-se e arrotou, como se esperasse aplauso dos ouvintes. O adolescente continuou chorando. Ugwu ouvia com a fisionomia impassível. Desconfiava que seria importante ganhar o respeito de High-Tec, e só conseguiria isso se não mostrasse um pingo do medo que lhe corroía o peito.

"Sou eu que detecto onde está o inimigo. Eu me aproximo o suficiente, trepo em árvores, descubro a localização exata deles e aí nosso comandante usa minhas informações para estabelecer de onde nossa operação vai partir." High-Tec olhava Ugwu, e Ugwu mantinha a fisionomia indiferente. "No meu último batalhão, eu fingia que era um órfão e me infiltrava no campo inimigo. Eles me deram esse nome de High-Tec porque meu primeiro comandante disse que eu sou melhor que qualquer espionagem de alta tecnologia." Ele parecia ansioso para impressionar Ugwu. Ugwu estendeu as pernas.

"Aquela palavra que você chamou de *rei-con-zar* é *reconnaissance*", disse ele.

High-Tec olhou uns instantes para ele, riu e ofereceu-lhe a garrafa, porém Ugwu chacoalhou a cabeça. High-Tec deu de ombros, tomou outro gole e se pôs a cantarolar "Biafra, Vença a Guerra", batendo o pé no chão da caminhonete. O adolescente ainda chorava. O soldado que estava na direção fumava uma erva seca enrolada em papel, de cheiro penetrante, e o trajeto levou tanto tempo que Ugwu não conseguiu mais segurar sua vontade de urinar.

"Por favor, eu preciso mijar!", gritou ele.

O soldado parou a caminhonete e apontou a arma. "Desça e mije. Se correr, eu atiro."

Foi esse mesmo soldado que, quando chegaram ao campo de treinamento, um antigo grupo escolar, com os prédios cobertos por folhas de palmeira, raspou o cabelo de Ugwu com um pedaço de caco de vidro. O jeito rude da raspagem deixou o couro cabeludo de Ugwu sensível, e todo cheio de pequenos cortes. As esteiras e os colchões nas salas de aula pululavam de percevejos nocivos. Os soldados magrinhos — sem botas, sem farda, sem meio sol amarelo pregado na manga — chutaram, estapearam e zom-

baram de Ugwu durante os treinos físicos. A marcha deixou os braços de Ugwu rígidos. Os treinos com obstáculos deixaram suas panturrilhas latejando. Os exercícios de subir em cordas deixaram suas palmas sangrando. O embrulhinho de *garri* que fazia fila para receber, a sopa rala servida uma vez por dia de uma bacia de metal, o deixavam com fome. E a crueldade casual desse novo mundo em que não tinha voz provocou um enorme coágulo de medo dentro dele.

Uma família de passarinhos fizera ninho no telhado da classe. Pela manhã, o trinado deles era interrompido pelo silvo do apito do comandante, uma voz gritando "Caiam, caiam!", a correria e o rastejar de homens e garotos. De tarde, o sol drenava as energias e a boa vontade, e os soldados brigavam, jogavam *whot* biafrense e falavam dos vândalos que tinham matado em operações anteriores. Quando um deles disse: "Nossa próxima operação vai acontecer logo!", o medo de Ugwu se misturou à emoção de pensar que era um soldado lutando por Biafra. Se ao menos estivesse num batalhão de verdade, lutando com uma arma. Lembrou-se do professor Ekwenugo descrevendo uma *ogbunigwe*: "mina terrestre de alto impacto". Como isso tinha soado glamoroso, a mina feita em Biafra, a chamada Bomba Ojukwu, essa maravilha que deixava os vândalos tão perplexos que, segundo se dizia, eles mandavam manadas de boi na frente, para entender como é que a *ogbunigwe* conseguia matar tanta gente. Mas, quando fez sua primeira sessão de treinos, viu o que de fato era: uma lata fosca cheia de pedaços de metal.

Gostaria de ter podido contar a Eberechi o quanto se decepcionara. Queria contar-lhe, também, sobre o comandante, o único que tinha farda completa, muito bem passada e engomada, que vivia dando ordens num rádio, e que, no dia em que o adolescente tentou fugir, durante um treinamento, deu-lhe uma surra e, quando o nariz do rapaz começou a sangrar, gritou: "Ponham ele trancado na sala da guarda!". Ugwu lembrava-se mais ainda de Eberechi quando as mulheres da aldeia apareciam com *garri*, sopa rala e, muito de vez em quando, um arroz da vitória cozido com óleo de dendê e pouca coisa mais. Às vezes, mulheres mais jovens apareciam e entravam nos aposentos do comandante, de onde saíam com um sorrisinho acanhado. Os sentinelas sempre erguiam as barreiras para deixar as mulheres en-

trar, embora não precisassem, porque elas poderiam muito facilmente entrar pelo lado. Uma vez, Ugwu viu uma silhueta de nádegas redondas se requebrando, saindo do *compound*, e quis gritar Eberechi!, embora soubesse que não era ela. Foi enquanto procurava papel onde escrever o que fazia todos os dias, para depois contar a Eberechi, que encontrou o livro *Narrativas de vida de Frederick Douglass, um escravo norte-americano: Escrito por ele mesmo*, enfiado num cantinho estreito, atrás do quadro-negro. Na página de rosto, havia um carimbo em tinta azul dizendo propriedade do colégio público. Sentou-se no chão e leu. Terminou em dois dias e começou de novo, enrolando as palavras na língua, decorando algumas frases:

Mesmo que me custasse a vida, eu estava decidido a aprender a ler. Mantenha os negros longe dos livros, mantenha-nos na ignorância, e seremos sempre escravos.

High-Tec gostava de sentar ao lado, enquanto Ugwu lia. Às vezes, cantarolava músicas de Biafra num tom enfadonhamente monótono, outras vezes falava disso e daquilo. Ugwu não prestava a menor atenção. Mas, numa tarde, as mulheres não foram levar comida, o dia passou e os homens reclamaram. High-Tec cutucou Ugwu durante a noite e estendeu-lhe uma lata de sardinhas. Ugwu agarrou-a. High-Tec riu. "Vamos ter que dividir", disse ele, e Ugwu se perguntou como ele teria conseguido pegá-la, como um menino tão novo podia parecer tão adptavelmente no controle. Foram para os fundos do prédio e dividiram o peixe oleoso.

"Os vândalos comem bem, ô se comem", disse High-Tec. "No último campo em que eu me infiltrei, em Nteje, as mulheres deles faziam sopa com pedaços enormes de carne. Chegaram a dar um pouco para os nossos soldados, quando pararam de lutar por uma semana, durante a Páscoa."

"Eles pararam de lutar para celebrar a Páscoa?", perguntou Ugwu.

High-Tec parecia contente por ter conseguido finalmente captar a atenção de Ugwu. "Pararam. Eles até jogaram cartas juntos e tomaram uísque. Às vezes, eles combinam não lutar, assim todo mundo descansa." High-Tec deu uma olhada para Ugwu e riu. "Seu corte de cabelo está tão feio."

Ugwu tocou nos tufos esparsos que o caco de vidro não cortara. "Está."

"É porque eles rasparam a seco", disse High-Tec. "Eu posso fazer melhor com uma lâmina e sabão."

High-Tec apareceu com um pedaço de sabonete verde, ensaboou a cabeça de Ugwu e raspou-a com a lâmina até o couro cabeludo ficar lisinho ao toque. Mais tarde, quando High-Tec lhe disse: "Operação em dois dias", num sussurro, Ugwu pensou nas pessoas que raspam a cabeça em sinal de luto. Raspar a cabeça como uma homenagem à morte. Deitou-se de barriga para cima no colchão fino e ficou escutando os sons feios de gente roncando em volta. Tinha provado seu valor perante os outros homens nos treinamentos, na maneira como escalava os obstáculos, como deslizava pela corda grosseira, mas não tinha feito amigos. Falava muito pouco. Não queria saber das histórias que tinham para contar. Para Ugwu, o melhor era não abrir o fardo que cada um carregava, não mexer lá dentro. Pensou na operação que viria, nos vândalos e na sua *ogbunigwe*, no corpo do professor Ekwenugo que fora pelos ares. Imaginou-se levantando no silêncio enluarado e correndo até chegar a seu quarto em Umuahia, onde cumprimentaria o Patrão e Olanna, e daria um abraço em Baby. Mas nem tentar ele iria, e sabia muito bem disso, porque uma parte dele queria estar ali.

Na trincheira, a terra parecia pão umedecido. Ugwu estava imóvel. Uma aranha subiu em seu braço, mas ele não a espantou com um tapa. A escuridão era absoluta, completa, e Ugwu imaginava as pernas peludas da aranha, sua surpresa ao não encontrar terra fria lá embaixo e sim carne humana e quente. De vez em quando a lua aparecia e as árvores frondosas mais adiante ficavam vagamente delineadas. Os vândalos estavam por ali, em algum lugar. Ugwu torcia para haver um pouco mais de luz; a lua tinha sido mais generosa antes, na hora em que enterrara a *ogbunigwe* a uns trinta metros dali. Agora, o escuro estava em toda parte. O cabo parecia frio em suas mãos. A seu lado, havia um soldado resmungando orações numa voz muito baixa, tão baixa que a impressão de Ugwu era de que ele cochichava em seu ouvido. "Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte." Ugwu sacudiu fora a aranha e levantou-se quando os vândalos começaram o ataque. O pipocar dos tiros era espalhado, ora forte, ora fraco; a infantaria estava respondendo ao fogo dos vândalos de várias direções diferentes, e os vândalos, esses imundos criadores de gado, ficariam confusos, não teriam a menor idéia de que havia minas *ogbunigwe* à espera.

Ugwu pensou nos dedos de Eberechi puxando a pele de seu pescoço, a umidade da língua de Eberechi em sua boca. Os vândalos começaram o bombardeio. Houve primeiro o assobio de um morteiro no ar, depois a explosão do morteiro caindo, estilhaços quentes voando em volta. Um trecho de capim pegou fogo, as labaredas subiram e Ugwu viu um furão perto de algumas árvores, arqueado como uma tartaruga gigante. Só depois é que os viu: silhuetas agachadas, avançando, uma manada de homens. Estavam ao alcance, mas parecia cedo demais, ele esperava que fossem acontecer mais coisas antes que eles aparecessem, antes que ele detonasse sua *ogbunigwe* e ela explodisse numa chuva violenta de metais. Respirou fundo. Com cuidado, com firmeza, conectou o cabo à tomada que trazia nas mãos e a explosão imediata e potente o assustou, embora já esperasse aquilo. Por um breve momento, o medo se apoderou de suas entranhas. Talvez não tivesse calculado bem. Talvez tivessem escapado. Mas escutou alguém bem perto dele gritar: "Alvo!". Essa palavra ficou reverberando em sua mente, enquanto todos esperavam longos minutos antes de sair da trincheira e ir até os corpos espalhados.

"Tirem a roupa! Peguem as calças e as camisas!", alguém berrou.

"Só as botas e as armas!", gritou outra voz. "Não temos tempo. Não temos tempo. *Ngwa-ngwa*! Os reforços deles estão a caminho!"

Ugwu curvou-se sobre um corpo magro. Arrancou as botas. Nos bolsos, achou uma noz-de-cola fria e sangue morno e grosso. O segundo corpo, bem perto, mexeu-se quando Ugwu tocou nele, de modo que recuou. Ouviu um resfolegar forçado, antes de o corpo ficar imóvel. Ugwu estremeceu. A seu lado, um soldado segurando alguns fuzis gritava.

"Vamos embora!", disse Ugwu, limpando as mãos ensanguentadas na calça.

Os outros lhe deram tapas nas costas e o chamaram de "Destruidor de Alvos!", na volta para o quartel-general para entregar os cabos. "Aprendeu isso com aquele livro que leu?", brincaram os companheiros. O sucesso o fez perder um pouco o pé. Nos dias seguintes, meio flutuando, jogou *whot* biafrense, tomou gim, aguardando a operação seguinte. Deitado de bruços, esperou High-Tec enrolar um pouco de maconha, as folhas bem secas, num jornal velho, e eles fumaram juntos. Ugwu preferia os cigarros Mars; a maconha o deixava meio sem rumo, criava uma fina faixa de espaço entre suas pernas e seu quadril. Não se incomodaram em esconder o fumacê

porque o comandante estava contente e o noticiário, repleto de esperanças, agora que Biafra tinha retomado o controle de Owerri. As regras amainaram; eles já podiam sair e ir até o bar, perto da rodovia.

"É uma bela caminhada", disse alguém, e High-Tec, rindo, disse: "A gente confisca um carro e vai, lógico."

Quando High-Tec ria, Ugwu se lembrava de que era um garoto. Só tinha treze anos. Caminhando entre nove homens, parecia incongruentemente pequeno. O ruído das sandálias de plástico ecoava na estrada silenciosa. Dois deles estavam descalços. Esperaram um tempo até verem um Fusca empoeirado aparecer, aí se espalharam e bloquearam a estrada. O carro parou e alguns deles esmurraram o capô.

"Saiam! Malditos civis!"

O homem na direção conservou o ar severo, como se decidido a não se deixar intimidar. A seu lado, a mulher começou a chorar e a implorar. "Por favor, nós vamos procurar nosso filho."

Um dos soldados esmurrava violentamente o capô do carro. "Precisamos do carro para uma operação!"

"Por favor, por favor, estamos indo procurar nosso filho. Eles nos disseram que ele foi visto num centro de refugiados." A mulher olhou para High-Tec por uns instantes, com o cenho franzido. Talvez estivesse pensando que ele podia ser seu filho.

"Estamos morrendo por vocês e vocês saem para passear de carro?", disse um dos soldados, puxando a mulher para fora do carro. O marido saltou também, mas continuou ao lado do carro. Com a mão fechada em volta da chave.

"Isso é errado, senhores. Vocês não têm o direito de levar o carro. Eu tenho um passe. Eu trabalho para o governo."

Um dos soldados lhe deu um murro. O homem cambaleou e o soldado deu outro murro, e mais outro, e vários mais, até que ele despencou no chão e a chave escorregou da mão.

"Agora basta!", disse Ugwu.

Outro soldado tocou no pescoço e no pulso do homem, para se certificar de que continuava respirando. A mulher estava curvada sobre o marido, na hora em que os soldados se amontoaram no carro e foram para o bar.

A moça do bar os cumprimentou e disse que não havia cerveja.

"Tem certeza de que não tem cerveja? Por acaso está escondendo a cerveja, com medo de que a gente não pague?", perguntou um dos soldados.

"Não. Não temos cerveja." Ela era magra, de feições angulosas, e não sorria.

"Nós destruímos o inimigo!", disse ele. "Agora queremos cerveja!"

"Ela já disse que não tem cerveja", interveio Ugwu, irritado. O volume da voz do soldado o enervava; o mesmo homem que abandonara sua *oghu-nigwe* e saíra correndo, antes que os vândalos se aproximassem. "Deixa ela trazer *kai-kai*."

Enquanto a garota servia o gim local em pequenos copos de metal, os soldados falavam dos oficiais nigerianos, de como pendurariam Danjuma, Adekunle e Gowon de cabeça para baixo, depois da vitória de Biafra. High-Tec começou a enrolar um cigarro de maconha. Ugwu teve a impressão de ter visto algo familiar no pedaço de papel que não fora enrolado, a palavra *narrativas*, mas não podia ser. Olhou de novo. "Que papel é esse?", perguntou.

"É só a primeira página do seu livro." High-Tec sorriu e passou o baseado para Ugwu.

Ugwu não pegou. "Você rasgou meu livro?"

"Só a primeira página. Meu papel acabou."

A raiva tomou conta de Ugwu. Seu tapa foi rápido, poderoso, furioso, mas High-Tec evitou parte do impacto recuando no último segundo, e a mão de Ugwu apenas raspou em seu rosto. Ugwu levantou a mão de novo, porém os outros soldados o seguraram e o arrastaram para longe do garoto, dizendo que afinal de contas era apenas um livro e o aconselharam a tomar um pouco mais de gim.

"Desculpe", resmungou High-Tec.

A cabeça de Ugwu doía. As coisas estavam mudando muito rápido. Ele não estava vivendo a vida; a vida é que o estava vivendo. Bebeu sem parar, vendo os outros soldados, bocas se abrindo e fechando em zombarias rançosas, bravatas cabotinas e lembranças exageradas. Não demorou para que o próprio bar e os bancos dispostos em volta de uma mesa se tornassem um borrão de cheiro azedo. A moça do bar trocava de garrafa, uma atrás da outra; Ugwu achou que o gim era feito no próprio quintal deles, um pouco à frente. Saiu para urinar e, depois, encostou numa árvore e respirou o ar

fresco. Era como estar sentado nos fundos da casa em Nsukka, olhando para o limoeiro, para sua horta de ervas e para as plantas tão cuidadas de Jomo. Continuou ali um tempo, até ouvir berros vindos do bar. Talvez alguém tivesse vencido uma aposta qualquer. Eles o cansavam. A guerra o cansava. Quando finalmente voltou lá para dentro, parou na porta mesmo. A moça do bar estava deitada no chão, os panos enrolados na cintura, os ombros seguros por um soldado, as pernas esparramadas. Ela soluçava. "Por favor, por favor, *biko*." A blusa ainda estava no lugar. Entre as pernas dela, High-Tec se movia. Seus movimentos eram espasmódicos, o traseiro pequeno mais escuro que as pernas. Os soldados aplaudiam.

"High-Tec, já basta! Descarregue e recue!"

High-Tec gemeu, antes de cair em cima dela. Um soldado o puxou para o lado e estava mexendo na própria calça quando alguém disse: "Não! O próximo vai ser o Destruidor de Alvos!".

Ugwu recuou um pouco.

"*Ujo abiala o*! O Destruidor de Alvos está com medo!"

Ugwu deu de ombros e se aproximou. "Quem é que está com medo?", disse com desdém. "É que eu gosto de comer antes dos outros, só isso."

"A comida ainda está fresca!"

"Destruidor de Alvos, você não é homem? *I bukwa nwoke*?"

No chão, a moça não se mexia. Ugwu desceu a calça, surpreso com a rapidez de sua ereção. Ela estava seca e tensa quando entrou nela. Ugwu não olhou para o rosto dela, nem para o homem segurando seus ombros, nem para nada, enquanto se movia rapidamente e sentia seu próprio clímax, a onda de fluidos chegando: um desafogo de auto-repulsa. Abotoou a calça, enquanto alguns soldados aplaudiam. Por fim, olhou para a moça. Ela o fitou de volta com uma raiva mansa.

Houve mais operações. O medo de Ugwu às vezes o oprimia, o deixava imobilizado. Ele desembrulhava a mente do corpo, separava as duas coisas, enquanto ficava deitado na trincheira, comprimido contra a lama, refestelando-se com a proximidade, com a ligação com a lama. O *cá-cá-cá* dos tiros, os gritos dos homens, o cheiro da morte, as explosões acima e em volta dele, era tudo distante. Porém, de volta ao quartel, sua memória ficava nítida; lembrava-se do homem que havia posto as duas mãos na barriga aberta,

como se para segurar os intestinos, de outro que resmungou alguma coisa sobre o filho, antes de enrijecer. Depois de cada operação, tudo parecia novo. Ugwu olhava para sua ração diária de *garri* maravilhado. Lia as páginas de seu livro várias e várias vezes. Tocava na própria pele e pensava na sua decomposição.

Uma tarde, o jipe do comandante entrou puxando uma cabra doente, de pernas amarradas. Tinha sido confiscada de um civil ocioso. Ela baliu humildemente e os soldados se reuniram em volta, animados com a idéia de comer carne. Dois deles mataram, fizeram uma fogueira e, quando a carne cortada em grandes pedaços ficou pronta, o comandante mandou que tudo fosse levado para seu alojamento. Ele passou longos minutos conferindo a carne na bacia, para ver se o animal estava completo: pernas, cabeça, os testículos. Bem mais tarde, duas mulheres da aldeia apareceram e foram levadas até o alojamento do comandante; bem mais tarde, quando saíram, os soldados atiraram pedras nelas. Ugwu sonhou que o comandante dera metade da cabra aos soldados e que eles tinham mastigado tudo e engolido os ossos.

Quando acordou, havia um rádio ligado em alto volume e High-Tec aos soluços. Umuahia tinha caído. A capital de Biafra estava perdida. Um soldado ergueu as mãos para o alto e disse: "Aquele bode, aquele bode foi mau presságio! Está tudo perdido! Temos de nos render!". Os outros soldados estavam jururus. Nem mesmo o aviso do comandante, de que sabia de um plano secreto de contra-ataque para recuperar Umuahia, conseguiu levantar os ânimos. Porém o anúncio de que Sua Excelência faria uma visita foi um sucesso. Os soldados varreram o *compound*, lavaram suas roupas e alinharam-se em fila nos bancos, para lhe dar as boas-vindas. Quando o comboio de jipes e Pontiacs entrou no *compound*, todos se levantaram e fizeram continência.

A continência de Ugwu foi fraca porque estava preocupado com Olanna, o Patrão e Baby em Umuahia, porque não tinha interesse em Sua Excelência, porque não gostava do comandante. Não gostava de nenhum oficial, com seus sorrisos de superioridade e seu jeito de tratar os soldados feito ovelhas. Porém havia um capitão que ele admirava, um homem solitário e educado chamado Ohaeto. E foi assim que, quando Ugwu se viu ao lado do capitão Ohaeto, numa trincheira, resolveu impressioná-lo. A trincheira não estava úmida; havia mais formigas que aranhas. Ugwu sabia que os

vândalos estavam perto pelo matraquear do tiroteio e pelas explosões dos morteiros. Porém não havia luz suficiente para ter certeza. E ele queria muito impressionar o capitão Ohaeto; se ao menos a luz não fosse tão pouca. Estava prestes a ligar o cabo à tomada quando alguma coisa passou assobiando por sua orelha e então, logo em seguida, uma dor aguda lhe queimou as costas. A seu lado, o capitão Ohaeto era uma pasta ensanguentada de carne. Depois Ugwu se sentiu erguido da trincheira, desamparadamente, desgraçadamente. E, ao aterrissar, foi a força do próprio peso, muito mais que a dor que acometeu todo o corpo, o que o silenciou.

30.

Richard afastou-se tanto quanto conseguiu dos dois jornalistas americanos que estavam no carro e encolheu-se contra a porta do Peugeot. Na verdade, devia ter sentado na frente e pedido ao ordenança que sentasse atrás com eles. Mas não podia imaginar que cheirariam tão mal, o gordo Charles, usando um chapéu todo amassado, e o ruivo Charles, com o queixo coberto de pêlos vermelhos.

"Um jornalista do Meio-Oeste e outro de Nova York vêm a Biafra e os dois se chamam Charles. Quais as chances de uma coisa dessas acontecer?", perguntou o gorducho, rindo, depois que se apresentaram. "E nossas mães nos chamam de Chuck, as duas!"

Richard não sabia quanto tempo haviam esperado em Lisboa para tomar o avião até São Tomé, mas em São Tomé a espera por um vôo de ajuda com suprimentos para Biafra fora de mais de dezessete horas. Eles precisavam de um banho. Quando o gordo, que estava sentado ao lado de Richard, começou a falar sobre sua primeira visita a Biafra, no início da guerra, Richard achou que ele precisava de um anti-séptico bucal também.

"Vim num avião de verdade e aterrissamos no aeroporto de Port Harcourt", disse ele. "Dessa vez, porém, voei sentado no chão de um avião que não tinha nem uma luz sequer, ao lado de vinte toneladas de leite em pó. Estávamos tão baixo que eu olhava para fora e via as explosões laranja do fogo antiaéreo nigeriano. Me deu um medo filho-da-mãe." Riu, com seu rosto largo, fofo e agradável.

O ruivo não riu. "Nós não sabemos ao certo se aquilo era fogo nigeriano. Podia ser dos biafrenses."

"Que história é essa!" O gordo deu uma olhada para Richard, que manteve a fisionomia impassível. "Claro que era fogo nigeriano."

"Seja como for, os biafrenses estão misturando comida e armas nos aviões que voam para cá", disse o ruivo. Virando-se para Richard, perguntou: "Não estão?".

Richard não gostou dele. Não gostou daqueles olhos verdes desmaiados e do rosto sardento. Quando foi encontrá-los no aeroporto para entregar os passes, dizer-lhes que prestaria serviço como guia e que o governo de Biafra lhes dava as boas-vindas, não gostou da expressão zombeteira do ruivo. Era como se ele estivesse dizendo: Você, falando em nome dos biafrenses? "Nossos aviões de ajuda carregam apenas alimentos", disse Richard. "Claro", concordou o ruivo. "Apenas alimentos."

O gordo debruçou-se por cima de Richard para olhar pela janela. "Não acredito nessa gente toda dirigindo e andando pela rua. Nem parece que tem uma guerra acontecendo."

"Até vir um ataque aéreo", disse Richard. Ele afastara o rosto e estava segurando a respiração.

"Será que podíamos ir ver o lugar onde os soldados biafrenses mataram um italiano que trabalhava na prospecção de petróleo?", perguntou o ruivo. "A gente fez uma matéria sobre isso, no *Tribune*, mas eu gostaria de fazer um artigo maior."

"Não, não vai dar", disse Richard, rispidamente.

O ruivo continuava olhando para ele. "Certo. Mas será que teria alguma novidade sobre o assunto?"

Richard expirou. Era como se alguém estivesse borrifando pimenta numa ferida — milhares de biafrenses mortos e esse homem querendo saber se havia novidades sobre a morte de um branco. Iria escrever sobre isso, sobre a regra do jornalismo ocidental: cem negros mortos equivalem a um branco morto. "Não há nenhuma novidade", disse ele. "A área agora está ocupada."

Na barreira, Richard falou em ibo com o defensor civil. Ela examinou os passes, deu um sorriso sugestivo e Richard sorriu de volta; alta, quase sem peito, lembrava Kainene.

"A moça me pareceu bem interessada", disse o gorducho. "Soube que tem muito sexo livre por aqui. Mas será que as moças não têm nenhuma doença sexualmente transmissível? A doença de Bonny? Vocês precisam tomar muito cuidado para não levar nada de volta para casa."

A impertinência dele irritou Richard. "O centro de refugiados que nós vamos ver é administrado pela minha mulher."

"É mesmo? E ela está aqui faz tempo?"

"Ela é biafrense."

O ruivo olhava pela janela; ao ouvir isso, virou-se para Richard. "Eu tive um amigo inglês, na faculdade, que gostava muito de moças de cor."

O gorducho parecia constrangido. E interveio rápido. "Você fala bem o ibo?"

"Falo", disse Richard. Teve vontade de mostrar-lhes as fotos de Kainene e do vaso com cordas, mas mudou de idéia.

"Eu gostaria muito de conhecê-la", disse o gordo.

"Ela não está, hoje. Foi ver se consegue arranjar mais suprimentos para o centro de refugiados."

Richard foi o primeiro a sair do carro e ver os dois intérpretes esperando. A presença deles o incomodava. Verdade que os idiomas, as nuanças e os dialetos quase sempre lhe escapavam, em ibo, mas o diretório estava sempre muito ansioso para enviar seus intérpretes. A maior parte dos refugiados sentados na porta observou a entrada deles com uma vaga curiosidade. Um homem emaciado andava de um lado a outro, com um punhal preso na cintura, falando sozinho. Cheiros de podridão pesavam no ar. Um grupo de crianças assava dois ratos numa fogueira.

"Ai, meu Deus." O gordo tirou o chapéu e olhou fixo para aquilo.

"Preto nunca é enjoado para comer", resmungou o ruivo.

"O que disse?", perguntou Richard.

Mas o ruivo fingiu não ter escutado e foi em frente, apressado, junto com um dos intérpretes, para falar com um grupo de homens jogando dama.

O gordo disse: "Você sabia que há montes de comida empilhada em São Tomé, tudo coberto de barata porque não tem quem traga os alimentos até aqui?".

"Eu sei." Richard ficou um tempo calado. "Será que você não se importaria de levar algumas cartas? São para os pais da minha mulher, em Londres."

"Claro, eu ponho no correio assim que sair daqui." O gordo tirou uma barra grande de chocolate da mochila, desembrulhou e pegou dois pedaços. "Escute, eu bem que gostaria de fazer mais."

Foi até onde estavam as crianças, distribuiu algumas balas, tirou fotos e elas se aglomeraram em volta, pedindo mais. Uma única vez, comentou: "Que sorriso lindo!". Depois que largou delas, as crianças voltaram para seus ratos assados.

O ruivo andava rápido, com a máquina pendurada no pescoço, balançando enquanto caminhava. "Eu quero ver biafrenses de verdade", disse ele.

"Biafrenses de verdade?", perguntou Richard.

"Quer dizer, dê só uma olhada para eles. Deve fazer uns dois anos que não comem uma refeição. Não vejo como ainda podem defender a causa, Biafra e Ojukwu."

"Você sempre decide em quais respostas vai acreditar antes de fazer uma entrevista?", perguntou Richard, com voz suave.

"Quero ir a outro centro de refugiados."

"Mas claro, vou levá-lo a outro."

O segundo, mais dentro da cidade, era menor, cheirava melhor e, antes, era a prefeitura. Uma mulher, com um braço só, sentada na escada, contava uma história a um grupo de pessoas. Richard pegou o fim — "Porém o espírito do homem voltou e falou com os vândalos em hauçá e eles deixaram a casa dele sossegada" — e invejou a crença dela nos espíritos.

O ruivo abaixou-se no degrau ao lado dela e começou a falar por meio do intérprete.

Está com fome? Claro, estamos todos com fome.

A senhora entende o porquê da guerra? Entendo, os vândalos hauçás queriam nos matar a todos, porém Deus não estava dormindo.

A senhora quer que a guerra termine? Sim, Biafra vai vencer logo mais.

E se Biafra não vencer?

A mulher cuspiu no chão e olhou primeiro para o intérprete, depois para o ruivo, um longo olhar de pena. Levantou-se e entrou.

"Inacreditável", disse o ruivo. "A máquina de propaganda de Biafra é fantástica."

Richard conhecia o tipo. Era igualzinho ao pessoal que integrava as comissões enviadas pelo primeiro-ministro Wilson, ou os comitês investigativos do presidente Nixon, que chegavam com pílulas de proteína e conclusões inabaláveis: que a Nigéria não estava bombardeando civis, que a fome estava sendo exagerada e que ia tudo tão bem quanto poderia estar indo numa guerra.

"Não há nenhuma máquina de propaganda", disse Richard. "Quanto mais civis se bombardeia, mais cresce a resistência."

"Isso veio da Rádio Biafra?", perguntou o ruivo. "Parece coisa de rádio."

Richard não respondeu.

"Eles estão comendo tudo", disse o gordo, balançando a cabeça. "Qualquer raio de folha verde virou legume."

"Se Ojukwu quisesse impedir a fome, ele poderia simplesmente concordar com o corredor de alimentos. E essas crianças não precisariam estar comendo roedores", disse o ruivo.

O gordo estava tirando fotos. "Só que as coisas não são tão simples assim", disse ele. "O general precisa pensar na questão da segurança também. Afinal, ele está travando uma droga de uma guerra."

"Ojukwu vai ter de se render. Essa é a investida final da Nigéria, e não há como Biafra recuperar o território perdido", disse o ruivo.

O gordo tornou a tirar a barra de chocolate do bolso.

"E o que Biafra está fazendo a respeito do petróleo, agora que perdeu o porto?", perguntou o ruivo.

"Continuamos extraindo petróleo de alguns campos em que ainda temos controle, em Egbema", disse Richard, sem se dar ao trabalho de explicar onde ficava Egbema. "Levamos o óleo cru para as nossas refinarias durante a noite, em caminhões sem farol, para evitar os aviões bombardeiros."

"Você não pára de dizer *nós*", disse o ruivo.

"Exato, eu não paro de dizer *nós*." Richard deu uma olhada para ele. "Já esteve na África, antes?"

"Não, é a primeira vez. Por quê?"

"Só queria saber."

"E por isso devo me sentir inexperiente na selva? Eu cobri a Ásia durante três anos", disse o ruivo, sorrindo.

O gordo remexeu na mochila e tirou uma garrafa de conhaque. Deu para Richard. "Comprei em São Tomé. Mas não tomei. É coisa boa." Richard pegou a garrafa.

Antes de voltarem para Uli, para pegar o avião de volta, pararam numa pensão e jantaram um ensopado de arroz com galinha; Richard odiava pensar que o governo de Biafra pagara pela refeição do ruivo. Alguns carros

chegavam e partiam do prédio do terminal; mais adiante, a pista era um breu. O administrador do aeroporto, em seu terno cáqui muito justo, apareceu para apertar a mão dos jornalistas e disse: "O avião deve chegar a qualquer minuto, agora".

"É ridículo que ainda sigam todos os protocolos nesse cu do mundo", disse o ruivo. "Carimbaram meu passaporte quando cheguei e perguntaram se eu tinha algo a declarar."

Uma explosão chacoalhou o ar. O administrador do aeroporto gritou: "Por aqui!", e correram todos atrás dele, até o prédio inacabado. Deitaram-se no chão e lá ficaram. As vidraças das janelas tremeram e tilintaram. O chão estremeceu. As explosões pararam e veio então um tiroteio esparso; o administrador do aeroporto se levantou e escovou as roupas com a mão. "Sem problemas. Vamos."

"Está louco?", gritou o ruivo.

"Eles só começam a atirar quando acabam as bombas, não tem nada com que se preocupar agora", disse o administrador, com certo desinteresse, já saindo do prédio.

Lá fora, um caminhão fazia reparos nas crateras de bomba recém-abertas na pista, enchendo tudo de pedregulho. As luzes da pista piscaram uma vez e depois a escuridão foi completa, absoluta; naquele negrume azulado, Richard sentiu a cabeça flutuar. As luzes se acenderam alguns instantes mais, depois apagaram. Voltaram a acender e a apagar. Havia um avião descendo; veio o ruído do bordo de fuga atingindo o asfalto.

"Ele pousou?", perguntou o gordo.

"Pousou", disse Richard.

As luzes acenderam e apagaram. Três aviões tinham descido e Richard se espantou com a rapidez com que alguns caminhões, de farol desligado, já se aproximavam deles. Os homens tiravam sacos dos aviões. As luzes acendiam e apagavam. Os pilotos gritavam. "Depressa, seus preguiçosos! Tirem tudo rápido! Nós não vamos ser bombardeados aqui! Mais rápido, pessoal! Mais rápido, droga!" Havia um com sotaque americano, outro africânder e um terceiro irlandês.

"Os desgraçados podiam ser um pouco mais bem-educados", disse o gorducho. "Eles recebem milhares de dólares para trazer a ajuda até aqui, droga."

"A vida deles está em risco", disse o ruivo.

"Assim como a droga da vida dos homens que estão descarregando os aviões."

Alguém acendeu um lampião e Richard se perguntou se o bombardeiro nigeriano lá no alto podia ver a luz, e quantos bombardeiros voavam por ali.

"Alguns dos nossos homens colidiram com as hélices dos aviões, no escuro", disse Richard, com toda a calma. Não sabia ao certo por que tinha dito isso, talvez para ver se abalava a superioridade indiferente do ruivo.

"E o que houve com eles?", perguntou o gorducho.

"O que você acha que houve com eles?"

Passou um carro de farol apagado, bem devagar. Estacionou ali perto, as portas se abriram e fecharam e logo cinco crianças macilentas e uma freira de hábito azul e branco foram se juntar a eles. Richard a cumprimentou. "Boa noite. *Kee ka I me*?"

Ela sorriu. "Ah, então é você o *onye ocha* que fala ibo? Você é o que escreve coisas maravilhosas sobre a nossa causa. Muito bom."

"A senhora está indo para o Gabão?"

"Estou." Ela mandou as crianças sentarem nos bancos de madeira. Richard se aproximou para olhá-las. Na pouca luz que havia, viu que a espuma leitosa nos olhos delas era densa. A freira tinha a menorzinha nos braços, uma boneca enrugada com pernas de palito e barriga de grávida. Richard não sabia dizer se era menino ou menina e, de repente, sentiu tanta raiva, tanta raiva que, quando o ruivo lhe perguntou: "Como a gente sabe a hora de entrar no avião?", não lhe deu atenção.

Uma das crianças fez menção de se levantar. Dobrou-se ao meio, caiu de cara no asfalto e ficou imóvel. A freira colocou a menorzinha no chão e apanhou a criança caída. "Fiquem sentados aqui. Se alguém tentar sair, vai apanhar", disse ela aos outros, antes de sair correndo.

O jornalista gorducho perguntou: "O garoto dormiu, não é?

Richard ignorou também essa pergunta.

Por fim, o gorducho resmungou: "Essa maldita política americana."

"Não há nada de errado com a nossa política", disse o ruivo.

"O poder vem com responsabilidade. Seu governo sabe que essa gente está morrendo!", disse Richard, com a voz alterada.

"Claro que meu governo sabe que tem gente morrendo", disse o ruivo. "Tem gente morrendo no Sudão, na Palestina e no Vietnã. Tem gente

morrendo por toda parte." Sentou-se no chão. "Eles trouxeram o corpo do meu irmão caçula faz um mês, do Vietnã, tenha a santa paciência."

Nem Richard nem o gorducho disseram nada. No longo silêncio que veio depois, até mesmo a voz dos pilotos e os ruídos de descarregar diminuíram. Mais tarde, quando ambos já tinham sido levados às pressas até a pista, corrido até os aviões, e os aviões decolado na luz que acendia e apagava, Richard descobriu o título do livro: "O mundo estava calado quando nós morremos". Escreveria esse livro depois da guerra, uma narrativa da difícil vitória de Biafra, uma acusação para o mundo. De volta a Orlu, contou a Kainene sobre os jornalistas, a raiva e o dó que sentira do ruivo, a solidão inacreditável que sentira na presença deles e de como o título do livro viera de supetão.

Ela arqueou as sobrancelhas. "Nós? O mundo estava calado quando nós morremos?"

"Vou fazer questão de anotar que as bombas nigerianas evitaram com o maior cuidado qualquer um com passaporte britânico."

Kainene riu. Andava rindo bastante, nos últimos tempos. Ela riu ao lhe contar sobre um bebê sem mãe que continuou se agarrando à vida, sobre a jovem por quem Inatimi estava se apaixonando, sobre as mulheres que cantavam à noite. Também riu na manhã em que Richard e Olanna finalmente se encontraram. Olanna falou primeiro. "Olá, Richard." E ele disse: "Olanna, olá". Kainene riu e falou: "Richard não conseguiu inventar mais nenhuma viagem".

Olhando o rosto de Kainene com o maior cuidado, Richard buscava algum tipo de recuo psicológico, de raiva, de *algo*. Mas não viu nada disso; a risada suavizava os ângulos do queixo. E a tensão que ele esperava, o peso da lembrança e do remorso que viriam quando visse Olanna de novo, na presença de Kainene, não se apresentaram.

7. **O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos**

Para o epílogo, escreve um poema, nos mesmos moldes dos de Okeoma. Com o seguinte título:

"VOCÊ SE CALOU QUANDO NÓS MORREMOS?"

Você viu as fotos em 68
De crianças com o cabelo ficando ferrugem?
Chumaços doentes aninhados nas cabecinhas,
Caindo feito folha podre na terra poeirenta?

Imagine crianças com braços feito palitos.
A pele estirada, uma bola de futebol na barriga.
É o kwashiorkor —palavrinha difícil,
Mas não feia o bastante, uma pena.

Mas não precisa imaginar. Houve fotos
Expostas nas páginas em papel cuchê
Da sua Life. *Você viu? Sentiu um dó rápido*
E depois se virou para abraçar mulher ou amante?

A pele deles ficou castanha como chá fraco,
Mostrava uma teia de veias, osso quebradiço;
Crianças nuas brincando, como se o homem não fosse
Fotografá-las e depois partir só, sem rebuliço.

31.

Olanna viu os quatro soldados esfarrapados levando um cadáver nos ombros. Um pânico desordenado a deixou zonza. Parou, certa de que era o corpo de Ugwu, até os soldados a ultrapassarem, rápidos, em silêncio, e ela perceber que o morto era alto demais para ser Ugwu. Seus pés estavam rachados e cobertos de barro seco; havia lutado descalço. Olanna ficou olhando para os soldados que se afastavam e tentou acalmar a sensação de enjoo, desvencilhar-se dos maus presságios que fazia dias vinham lhe enevoando a mente.

Mais tarde, contou a Kainene o medo que sentia pela sorte de Ugwu, como se estivesse sempre prestes a virar uma esquina e ser esmagada pela tragédia. Kainene punha um braço em volta da irmã e dizia para ela não se preocupar. Madu enviara recado a todos os comandantes de batalhão, pedindo para que procurassem Ugwu; eles descobririam onde Ugwu estava. Porém, quando Baby perguntava se "é hoje que Ugwu vai voltar para casa, Mami Ola?", Olanna imaginava que Baby estivesse tendo uma premonição. Quando voltou para Umuahia e Mama Oji lhe deu um pacote entregue por alguém, ela se perguntou imediatamente se seria um recado de Ugwu. Suas mãos tremiam, ao pegar a caixinha embrulhada em papel pardo muito amassado, de tanto ser mexido. Depois notou que era a letra de Mohammed, longos arabescos elegantes endereçados a ela, aos cuidados da Universidade de Biafra. Dentro, encontrou lenços, roupa branca impecável, alguns sabonetes Lux e chocolate, e espantou-se de ver que tinham chegado até ela intactos, mesmo que houvessem sido enviados através da Cruz Vermelha. A carta já tinha três meses, mas ainda cheirava vagamente a almíscar adocicado. Frases esparsas grudaram em sua cabeça.

Já mandei tantas cartas e não tenho certeza qual delas você recebeu. Minha irmã, Hadiza, casou-se em junho. Penso sem parar em você. Meu jogo de pólo melhorou. Estou bem e sei que você e Odenigbo também estão. Veja se tenta mandar notícias de volta.

Ela revirou a barra de chocolate na mão, olhou o FEITO NA SUÍÇA, brincou com o invólucro de papel-alumínio. Depois jogou o chocolate longe. A carta de Mohammed a deixara furiosa; era um insulto a sua realidade. Porém ele não poderia saber que Olanna não tinha sal, que Odenigbo bebia *kai-kai* todos os dias, que Ugwu fora recrutado e que tivera de vender a peruca. Ele não tinha como saber. No entanto, sentia raiva porque os padrões da velha vida de Mohammed continuavam intactos, tão inquestionavelmente intactos que podia escrever a ela contando dos seus jogos de pólo.

Mama Oji bateu; Olanna deu uma respirada bem funda, antes de abrir a porta e lhe dar um sabonete.

"Obrigada." Mama Oji segurou o sabonete com as duas mãos, levou-o ao nariz e cheirou. "Mas aquele pacote era grande. É só isso que vai me dar? Não veio nenhuma comida em lata? Ou vai dar tudo para a sua amiga Alice, a sabotadora?"

"*Ngwa*, me devolve o sabonete", disse Olanna. "Mama Adanna vai apreciar muito mais."

Mama Oji não perdeu tempo para erguer a blusa e enfiar o sabonete no sutiã esfiapado. "Você sabe que sou muito grata."

Vozes alteradas vieram da rua e as duas saíram para ver. Um grupo de integrantes da milícia, de facão em punho, empurrava duas mulheres. Elas gritavam e tropeçavam; seus panos estavam rasgados e os olhos avermelhados. "O que foi que nós fizemos? Nós não somos sabotadoras! Somos refugiadas de Ndoni! Nós não fizemos nada!"

O pastor Ambrose também saiu e começou a rezar. "Deus Pai, destrói os sabotadores que estão mostrando o caminho ao inimigo! Fogo do Espírito Santo!"

Alguns vizinhos saíram apressados para cuspir, atirar pedras e zombar pelas costas. "Sabô! Que Deus castigue vocês! Sabotadoras!"

"Eles deviam jogar um pneu no pescoço delas e botar fogo", disse Mama Oji. "Eles deviam queimar todos os sabotadores, cada um deles."

Olanna dobrou a carta de Mohammed, pensou nas barrigas flácidas semi-expostas das mulheres e não disse nada.

"Se eu fosse você, teria mais cuidado com aquela tal de Alice", disse Mama Oji.

"Deixa Alice sossegada. Ela não é sabotadora."

"Mas é do tipo que rouba o marido de qualquer mulher."

"O quê?"

"Toda vez que você vai para Orlu, ela sai e fica aí sentada com o seu marido."

Olanna encarou Mama Oji com ar de espanto porque essa era a última coisa que esperava escutar e porque Odenigbo nunca mencionara o fato de Alice lhe fazer companhia quando ela estava fora. Nunca na vida os vira falando um com o outro.

Mama Oji observava sua reação. "Só estou dizendo que você devia ter cuidado com ela. Mesmo que não seja uma sabotadora, ela não é uma boa mulher."

Olanna não conseguiu pensar numa resposta. Sabia que Odenigbo jamais tocaria em outra mulher, tinha se convencido discretamente disso, e também sabia que Mama Oji nutria um profundo ressentimento contra Alice. No entanto, o inesperado das palavras dela a incomodaram.

"Eu vou tomar cuidado", disse por fim, com um sorriso.

Mama Oji parecia querer dizer mais alguma coisa, mas mudou de idéia e virou-se para o filho. "Sai já daí! Você é burro ou o quê? *Ewu awusa*! Então não sabe que vai começar a tossir de novo?"

Mais tarde, Olanna pegou um sabonete, foi até a porta de Alice e bateu três vezes, em rápida sucessão, para que ela soubesse quem estava batendo. Os olhos dela pareciam sonolentos, mais sombreados que o normal. "Você voltou", disse ela. "Como vai sua irmã?"

"Muito bem."

"Viu aquelas pobres mulheres sendo atormentadas e chamadas de sabotadoras?", perguntou ela, e, antes que Olanna pudesse responder, continuou: "Ontem foi um homem de Ogoja. Isso é um absurdo. Não podemos continuar a espancar as pessoas só porque a Nigéria está nos dando uma surra. Eu, por exemplo, não como uma comida de verdade faz dois anos. Nunca mais pus nada doce na boca. Nunca mais bebi uma água gelada. Onde é que eu vou arranjar energia para ajudar o inimigo?" Alice fez um gesto

com as mãos minúsculas e aquilo que Olanna tinha considerado uma fragilidade elegante de repente se transformou em presunção ensimesmada, em egoísmo lascivo; Alice falava como se só ela sofresse com a guerra.

Olanna lhe deu o sabonete. "Alguém me mandou alguns."

"Ah! Quer dizer que eu vou fazer parte dos que usam Lux em Biafra. Obrigada." O sorriso de Alice transformou seu rosto, animou seus olhos, e Olanna se perguntou se Odenigbo a achava bonita. Olhou para a pele amarelada do rosto, para a cintura fina, e percebeu que o que antes admirava agora a ameaçava.

"*Ngwanu*, agora preciso ir fazer o almoço de Baby", disse ela, virando-se para ir embora.

Nessa noite, fez uma visita à professora Muokelu e levou-lhe um sabonete.

"É você mesmo? *Anya gi*! Já faz tanto tempo!", disse ela. Um buraco dividia em dois o rosto de Sua Excelência na manga do bubu.

"Você está com bom aspecto", mentiu Olanna. A professora Muokelu estava descarnada; seu corpo fora feito para ser forte e agora, com tanta perda de peso, estava vergada, como se não conseguisse mais ficar com as costas retas. Até mesmo os pêlos nos braços estavam caídos.

"Você, sempre bonita", disse a professora, dando mais um abraço em Olanna.

Olanna lhe deu o sabonete e, como sabia que ela não poria a mão em nada enviado da Nigéria por um nigeriano, disse: "Minha mãe mandou da Inglaterra".

"Deus abençoe você", disse a professora. "Seu marido e Baby, *kwanu*?"

"Estão bem."

"E Ugwu?"

"Foi recrutado."

"Depois daquela primeira vez?"

"É."

A professora Muokelu calou-se e mexeu no meio sol amarelo de plástico em volta do pescoço. "Vai dar tudo certo. Ele vai voltar. Alguém tem de lutar pela nossa causa."

Elas se viam muito pouco, agora que Muokelu começara seu negócio. Olanna sentou-se e ouviu as histórias que ela contou — sobre a visão que teve de que o sabotador responsável pela queda de Port Harcourt era um

general do Exército de Biafra; sobre uma outra visão em que o *dibia* de Okija deu a Sua Excelência um remédio poderoso capaz de recapturar todas as cidades vencidas.

"Já começaram os rumores de que Umuahia está ameaçada, *okwa ya*?", perguntou ela, olhando bem nos olhos de Olanna.

"Já."

"Mas Umuahia não vai se entregar. Não há necessidade de todo mundo entrar em pânico e começar a fazer as malas."

Olanna deu de ombros; perguntava-se por que Muokelu olhava para ela tão intensamente.

"Disseram que os que têm carro já começaram a procurar gasolina." Seu olhar não vacilou. "E eles têm que tomar muito cuidado, muito cuidado mesmo, para que não apareça alguém perguntando como é que ficaram sabendo que Umuahia iria cair, se eles não são sabotadores."

Olanna deu-se conta, então, de que a professora estava tentando avisá-la para ficar preparada.

"É, eles vão ter de tomar muito cuidado", disse.

A professora esfregou as mãos. Algo havia mudado; ela permitira que a fé escorregasse por entre os dedos. Biafra venceria, Olanna sabia, porque Biafra tinha de vencer, mas o fato incompreensível de a professora acreditar que a queda da capital era iminente a deixou meio murcha. Quando abraçou a professora Muokelu na saída, foi com uma sensação oca de que nunca mais a veria. Pela primeira vez, pensou a sério na possibilidade da queda de Umuahia, enquanto voltava para casa. O que significava uma vitória postergada, mais uma redução no território de Biafra, mas também significava que iriam morar na casa de Kainene, em Orlu, até o final da guerra.

Parou num posto de gasolina perto do hospital e não se surpreendeu de ver o aviso, escrito a giz: NÃO TEMOS GASOLINA. Eles tinham parado de vender gasolina feita em Biafra assim que começaram os rumores de que Umuahia iria cair, para ninguém entrar em pânico. Nessa noite, Olanna disse a Odenigbo: "Precisamos encontrar gasolina no mercado negro; não temos o suficiente, caso aconteça alguma coisa". Ele acenou vagamente que sim e resmungou alguma coisa sobre Special Julius. Tinha acabado de voltar do Bar Tanzânia e estava deitado na cama, com o rádio ligado baixinho. Do outro lado da cortina, Baby dormia num colchão.

"O que você disse?", perguntou ela.

"Não temos condição de pagar o preço da gasolina, agora. Está custando mais de uma libra o galão."

"Você recebeu na semana passada. Temos de garantir que o carro vai estar abastecido."

"Pedi a Special Julius para fazer uma troca de cheque. Ele não trouxe o dinheiro."

Olanna percebeu imediatamente que era mentira. Eles faziam troca de cheques com Special Julius o tempo todo; nunca levava mais que um dia para Special Julius dar a Odenigbo dinheiro vivo em troca do cheque.

"E como é que nós vamos comprar gasolina agora?", perguntou ela.

Ele não disse nada.

Olanna passou por ele e foi para fora. A lua estava atrás de uma nuvem e, mesmo sentada na escuridão do quintal, sentia o vapor pesado do gim local. O cheiro barato o acompanhava sempre, escurecendo os caminhos por onde andava. A bebida consumida em Nsukka — seu conhaque acaju, cuidadosamente refinado —, aguçava a mente, destilava as idéias e a própria confiança, tanto assim que ele sentava na sala e falava, e falava, e todos escutavam. Ali, a bebida o silenciava. Fazia-o escapar para dentro de si mesmo e olhar o mundo com olhos congestionados, cansados. Além de deixar Olanna furiosa.

* * *

Olanna trocou o que restara de suas libras esterlinas e comprou gasolina de um homem que a levou até um armazém úmido e frio, cheio de vermes cor de areia rastejando pelo chão. Ele despejou cuidadosamente de sua lata para a dela. Ela levou a lata de volta embrulhada num saco que já contivera maisena, e tinha acabado de colocá-la no porta-malas do Opel quando um jipe aberto do EXÉRCITO DE BIAFRA estacionou em frente. Kainene saltou, seguida de um soldado de capacete. E Olanna percebeu, com a sensação imediata e profunda de um lamento, que a irmã trazia notícias de Ugwu. O sol brilhava forte e tudo começou a girar em sua cabeça; olhou em volta, procurando Baby, mas não conseguiu achá-la. Kainene entrou, segurou a irmã bem firme pelos ombros e disse: "*Ejima m*, prepare seu coração, seja forte. Ugwu morreu", mas não foi a notícia e sim a pressão forte das mãos ossudas de Kainene que Olanna reconheceu.

"Não", disse ela, calmamente. O ar estava carregado de irrealidade, como se fosse acordar dali a um minuto. "Não", repetiu, abanando a cabeça.

"Madu enviou seu batedor com o recado. Ugwu estava com os engenheiros de campo e eles sofreram baixas maciças numa operação que fizeram na semana passada. Apenas uns poucos voltaram, e Ugwu não estava entre eles. Não acharam o corpo dele, assim como também não acharam o corpo de vários outros soldados." Kainene fez um silêncio, antes de continuar. "Não havia muita coisa inteira para achar."

Olanna continuou balançando a cabeça, esperando a hora de acordar. "Venha comigo. Traga Chiamaka. Venha e fique em Orlu." Kainene a segurava, Baby estava dizendo alguma coisa e uma perplexidade escurecia tudo, até que olhou para cima e viu o céu. Azul e limpo. Isso tornou o presente real, o céu, porque nunca vira o céu em seus sonhos. Virou-se e andou até o Bar Tanzânia. Ultrapassou a cortina imunda da porta e empurrou o copo de Odenigbo da mesa; um líquido pálido se espalhou no chão de cimento.

"Já bebeu o suficiente por hoje?", perguntou em voz baixa para ele. "*Ugwu anwugo*. Ouviu bem o que eu disse? Ugwu está morto."

Odenigbo levantou-se e olhou para ela. As pálpebras dos olhos estavam inchadas.

"Vai, continua bebendo", disse Olanna. "Beba, beba e não pare de beber. Ugwu morreu."

A mulher dona do bar veio até ela e disse: "Ah! Sinto muito, *ndo*", e fez menção de abraçá-la, mas Olanna a afastou. "Me deixe", disse. "Me deixe!" Foi só então que percebeu que Kainene tinha ido junto e a segurava em silêncio, enquanto ela berrava "Me deixe! Me deixe!" para a dona do bar, que havia recuado.

Nos dias que se seguiram, dias cheios de fendas escuras no tempo, Odenigbo não foi ao Bar Tanzânia. Dava banho em Baby, fazia o *garri* para ela, voltava cedo do trabalho. Uma vez, tentou segurar Olanna, beijá-la, mas o simples toque dele causou-lhe arrepios; ela se virou e foi dormir lá fora, numa esteira na varanda, onde Ugwu de vez em quando dormia. Não chorou. Só chorou quando passou pela casa de Eberechi para lhe dizer que Ugwu tinha morrido, e Eberechi gritou e chamou-a de mentirosa; à noite, aqueles gritos ressoavam na cabeça de Olanna. Odenigbo mandou recado para os parentes de Ugwu através de três diferentes mulheres que atravessa-

vam as linhas inimigas para negociar. E organizou uma cerimônia em memória de Ugwu, com músicas, no quintal. Alguns vizinhos ajudaram Alice a levar o piano e colocá-lo perto das bananeiras. "Eu toco enquanto vocês cantam", disse Alice para um grupo de mulheres. Mas sempre que alguém começava uma música, Mama Oji batia palmas sem parar, e alto, acompanhando a melodia, até que todas as vizinhas se punham a bater palmas também. Alice não conseguiu tocar. Ficou sentada ao piano, sem saber o que fazer, com Baby no colo.

As primeiras músicas foram cheias de vigor, até que a voz de Mama Adanna se alçou no ar, rouca e elegíaca.

Naba na ndokwa,
Ugwu, naba na ndokwa.
O ga-adili gi mma,
Naba na ndokwa.

Antes que terminassem a música, Odenigbo saiu trôpego do quintal, com uma incredulidade furiosa no olhar, como se não acreditasse nas palavras da música: *Vá em paz, tudo vai ficar bem com você.* Olanna viu quando ele se foi. Aliás, não entendia direito por que sentia tanta mágoa dele. Não havia nada que Odenigbo pudesse ter feito para evitar a morte de Ugwu, mas o fato de beber, beber em excesso, o tinha tornado de alguma maneira cúmplice. Ela não queria falar com ele, não queria dormir a seu lado. Dormia numa esteira na varanda, e até mesmo a rotina de ser picada por insetos se tornou um conforto. Conversava pouco com ele. Falavam apenas das necessidades, o que Baby iria comer, o que fariam quando Umuahia caísse.

"Ficaremos na casa de Kainene apenas enquanto não pudermos achar um lugar", dizia ele, como se fossem muitas as opções, como se tivesse esquecido que antes costumava dizer que Umuahia não cairia; ela não respondia nada.

Olanna contou a Baby que Ugwu tinha ido para o céu.

"Mas ele vai voltar logo, Mami Ola?", perguntou a menina.

E Olanna disse que sim. Não é que quisesse consolar Baby; é que, dia após dia, achava mais fácil rejeitar a morte de Ugwu. Dizia a si mesma que ele não estava morto; talvez estivesse beirando a morte, mas não estava

morto. Torcia para que lhe chegasse algum recado do paradeiro de Ugwu. Agora tomava banho do lado de fora — o banheiro estava imundo de bolor e urina, de modo que ela acordava bem cedo, pegava um balde de água e levava para os fundos do prédio —, e uma manhã viu um movimento com o canto do olho e enxergou o pastor Ambrose espiando. "Pastor Ambrose!", chamou ela, e ele saiu em disparada. "Não tem vergonha, não, pastor? Se ao menos o senhor gastasse seu tempo rezando para alguém voltar, e me dissesse o que houve com Ugwu, em vez de ficar espiando uma mulher casada tomando banho."

Fez uma visita à professora Muokelu, na expectativa de ouvir alguma história de visões que dissessem que Ugwu se achava seguro, mas um vizinho lhe disse que toda a família partira. Tinham ido embora sem contar a ninguém. Olanna passou a escutar os noticiários da Rádio Biafra com mais cuidado, como se pudesse haver alguma dica sobre Ugwu na voz esfuziante que narrava a expulsão dos vândalos e os sucessos dos bravos soldados biafrenses. Num sábado à tarde, um homem usando um caftã branco muito encardido entrou e Olanna correu para ele, certa de que trazia notícias de Ugwu.

"Me conte", disse ela. "Me conte onde está Ugwu."

O homem pareceu confuso. "*Dalu*. Estou procurando Alice Njokamma, de Asaba."

"Alice?" Olanna encarou o homem, como se para lhe dar uma chance de se retratar e perguntar por ela, Olanna. "Alice?"

"Isso, Alice, de Asaba. Sou parente dela. O *compound* da minha família é pegado ao dela."

Olanna apontou para a porta de Alice. Ele foi até lá e bateu algumas vezes.

"Será que ela está?", perguntou.

Olanna fez que sim, ressentida por ele não ter notícias de Ugwu.

O homem bateu de novo e gritou: "Sou da família Isioma, de Asaba."

Alice abriu a porta e ele entrou. Momentos depois, Alice saiu correndo do quarto e atirou-se no chão, rolando de um lado e de outro; sob o crepúsculo, sua pele manchada de areia parecia tingida de ouro.

"*O gini mwewi*? O que aconteceu?", perguntaram os vizinhos, amontoando-se em volta de Alice.

"Eu sou de Asaba e recebi recado hoje de manhã sobre o que houve na minha cidade natal", disse o homem. Seu sotaque era bem mais forte que o de Alice, e Olanna só compreendia o ibo falado por ele depois de ouvir toda a frase. "Os vândalos tomaram a cidade faz algumas semanas e anunciaram que todo mundo dali que saísse de casa e dissesse 'Uma só Nigéria' receberia arroz. De modo que todo mundo saiu do esconderijo e disse 'Uma só Nigéria' e os vândalos mataram todos eles a tiros, homens, mulheres e crianças. Todos." O homem parou de falar uns instantes. "Não sobrou ninguém da família Njokamma. Não sobrou ninguém."

Alice estava deitada de costas, esfregando freneticamente a cabeça no chão, gemendo. Havia torrões de areia em seu cabelo. Ela saltou e correu para a rua, mas o pastor Ambrose correu atrás e arrastou-a de volta. Ela se livrou dele e atirou-se no chão de novo, os lábios retesados, os dentes à mostra. "O que eu estou fazendo que ainda não morri? Eles deviam vir me matar agora! Eu disse que eles deviam vir me matar agora!"

Estava mais forte, mais animada com a loucura de sua dor e lutou com todos que tentaram segurá-la. Rolava pelo chão com tamanha força que as pedras abriram minúsculos cortes avermelhados em sua pele. Os vizinhos diziam ó e abanavam a cabeça. Odenigbo saiu do quarto nessa hora, foi até o quintal, apanhou Alice no colo e segurou-a; ela ficou quieta e começou a chorar, a cabeça descansando em seu ombro. Olanna observou os dois. Havia uma impressão de familiaridade na curva dos braços de Odenigbo em volta de Alice. Ele a segurava com a facilidade de quem já a tinha segurado antes.

Por fim, Alice sentou-se no banco, sem expressão nenhuma, em choque. De vez em quando, gritava "*Hei*!", levantava do banco e punha as mãos na cabeça. Odenigbo ficou do lado, dizendo para ela tomar água. Ele e o homem de Asaba falaram em voz baixa, como se só eles fossem responsáveis por ela, e, depois disso, Odenigbo foi falar com Olanna, sentada na varanda.

"Será que pode pôr algumas coisas dela na mala, *nkem*?", perguntou. "Ele diz que está alojando umas pessoas de Asaba em seu *compound*, e que vai levá-la para ficar uns tempos com ele."

Olanna olhou para Odenigbo sem expressão nenhuma. "Não", disse ela. "Não?"

"Não", disse ela de novo, dessa vez bem alto. "Não." Levantou-se e entrou no quarto. Não iria fazer as malas de ninguém. Não ficou sabendo quem arrumou as roupas de Alice, quem sabe o próprio Odenigbo, mas escutou o "*Ije orna*, boa viagem" de vários vizinhos, quando Alice e o homem partiram, de tardezinha. Olanna dormiu na varanda e sonhou com Alice e Odenigbo na cama, em Nsukka, com o suor deles em seus lençóis recém-lavados; acordou com uma suspeita furiosa no coração e barulho de bombas no ouvido.

"Os vândalos estão chegando!", gritou o pastor Ambrose, o primeiro a sair correndo do *compound*, com uma maleta cheia na mão.

Todos os quartos começaram a se movimentar, gritos, gente empacotando coisas, partindo. O tiroteio, feito um acesso atrás do outro de uma tosse torpe e altíssima, não parou. O carro não pegava. Odenigbo tentou várias vezes, já com a rua lotada de refugiados e as explosões dos morteiros próximas da avenida São João. Mama Oji berrava com o marido. Mama Adanna implorava a Olanna para levá-la no carro, junto com alguns de seus filhos, e Olanna disse: "Não, pegue as crianças e vá".

Odenigbo tinha conseguido fazer o motor pegar, mas logo em seguida ele gemeu e morreu. O *compound* já estava quase vazio. Uma mulher que puxava uma cabra teimosa acabou deixando o animal para trás e seguiu adiante, apressada. Odenigbo girou a chave e, de novo, o motor não pegou. Olanna sentia o chão em volta vibrar com cada explosão.

Odenigbo girava a chave sem parar. O carro não queria pegar.

"Comece a andar com Baby", disse ele. O suor escorria de sua testa.

"O quê?"

"Eu apanho vocês quando o carro pegar."

"Se vamos andar, vamos andar todos juntos."

Odenigbo tentou ligar o carro de novo. Olanna virou-se, surpresa de ver como Baby estava quieta, sentada no banco de trás, ao lado do colchão deles, enrolado. Baby observava o pai com cuidado, como se incentivando os dois, ele e o carro, com os olhos.

Odenigbo saiu do carro, abriu o capô, e Olanna saltou também, deixando Baby no carro, se perguntando o que pegaria do porta-malas e o que deixaria para trás. O *compound* estava vazio e apenas uma ou duas pessoas

passavam pela rua. O matraquear dos tiros estava bem perto. Ela estava com medo. As mãos tremiam.

"Vamos a pé mesmo", disse Olanna. "Não tem mais ninguém em Umuahia!"

Odenigbo entrou no carro de novo, respirou fundo e girou a chave. O carro pegou. Ele dirigia rápido e, nos arredores de Umuahia, Olanna perguntou: "Você teve alguma coisa com Alice?"

Odenigbo não respondeu, olhando sempre adiante.

"Eu lhe fiz uma pergunta, Odenigbo."

"*Mba*, eu não tive nada com Alice." Deu uma olhada em Olanna e voltou a se concentrar na estrada.

Não disseram mais nada um ao outro até chegarem a Orlu; Kainene e Harrison saíram para recebê-los. Harrison começou a tirar as coisas do carro.

Kainene abraçou Olanna, apanhou Baby no colo e depois se virou para Odenigbo. "Que barba mais interessante", disse ela. "Estamos tentando imitar Sua Excelência, é?"

"Eu nunca imito ninguém."

"Mas é claro. Eu tinha esquecido da sua originalidade."

A voz de Kainene estava grossa com a tensão que rodeava todos eles. Olanna podia senti-la pesada e úmida, pairando por toda a sala, quando Richard apareceu e apertou rigidamente a mão de Odenigbo e, mais tarde, quando sentaram para comer as fatias de cará que Harrison serviu em pratos esmaltados.

"Ficamos aqui até conseguir alugar alguma coisa", disse Odenigbo, olhando para Kainene.

Kainene encarou-o de volta, ergueu as sobrancelhas e disse: "Harrison! Traga um pouco de óleo de dendê para Chiamaka".

Harrison entrou e pôs uma tigela de óleo na frente de Baby. Depois que ele saiu, Kainene disse: "Ele assou uma preá fantástica para nós, na semana passada. Mas qualquer um pensaria que eram costeletas de carneiro, do jeito como ele ficou falando no assunto".

Olanna riu. A risada de Richard foi hesitante. Baby também deu risada, como se tivesse entendido. E Odenigbo se concentrou, sem nem um sorriso, em seu prato. No rádio, estavam repetindo a declaração de Ahiara, na voz comedida e decidida de Sua Excelência.

Biafra não vai trair os negros. Não obstante os percalços, vamos continuar lutando com todas as nossas forças até que todos os negros possam apontar com orgulho para sua República, dignos e desafiadores, um exemplo do nacionalismo africano...

Richard pediu licença, voltou logo em seguida com uma garrafa de conhaque e fez um sinal para Odenigbo. "Um jornalista americano me deu." Odenigbo fitou a garrafa.

"É conhaque", disse Richard, estendendo a bebida como se ele não soubesse o que era. Desde o dia em que Odenigbo fora até a casa de Richard, anos antes, nunca mais tinham se encontrado. E, mesmo depois de apertadas as mãos, não tinham trocado uma palavra.

Porém Odenigbo não fez o menor gesto para pegar a garrafa.

"Você pode tomar xerez de Biafra, se preferir", disse Kainene. "Possivelmente mais adequado para seu rude fígado revolucionário."

Odenigbo olhou para ela e, em seu rosto, havia um pequeno sorriso zombeteiro, como se estivesse ao mesmo tempo sentindo irritação e achando graça. "Eu não quero conhaque, obrigado. Melhor ir dormir. Tenho uma bela caminhada amanhã, agora que o Efetivos se mudou para o meio do mato."

Olanna ficou vendo o marido entrar. Não olhou para Richard.

"Hora de dormir, Baby", disse.

"Não", respondeu Baby, fingindo estar concentrada no prato vazio.

"Vamos e é já", disse Olanna, e Baby se levantou.

No quarto, Odenigbo estava amarrando seus panos em volta da cintura. "Eu ia justamente pegar Baby para pô-la na cama", disse ele. Olanna o ignorou.

"Durma bem, Baby, *ka chi fo*", disse ele.

"Boa noite, papai."

Olanna colocou Baby num colchão, cobriu-a com seus panos, beijou-a na testa e sentiu uma súbita vontade de chorar, ao se lembrar de Ugwu. Ele teria dormido numa esteira, na sala.

Odenigbo aproximou-se e ela quis recuar, insegura sobre o que ele estava tentando fazer. Ele tocou em sua clavícula. "Olha só como você está pele e osso."

Ela baixou os olhos, irritada com o toque de Odenigbo e surpresa de ver as saboneteiras tão fundas; não sabia que tinha perdido tanto peso. Mas não respondeu e voltou para a sala. Richard havia se retirado.

Kainene continuava à mesa. "Quer dizer que você e Odenigbo resolveram procurar um lugar para morar?", perguntou ela. "Minha humilde casa não é boa o bastante?"

"E você dá ouvidos para ele? Nós ainda não decidimos nada. Se ele quer achar um lugar para morar, que vá na frente e alugue sozinho", disse Olanna.

Kainene olhou para ela. "O que houve?"

Olanna abanou a cabeça.

Kainene mergulhou um dedo no óleo de dendê e levou-o até a boca. "*Ejima m*, o que houve?", perguntou de novo.

"No fundo, nada. Não há nada que eu possa apontar como causa", disse Olanna, olhando para a garrafa de conhaque sobre a mesa. "Eu quero que essa guerra acabe para que ele possa voltar. Ele se tornou outra pessoa."

"Estamos todos nessa guerra e cabe a nós decidir se vamos nos tornar outra pessoa ou não", disse Kainene.

"Ele passa o tempo todo bebendo *kai-kai* barato. Nas poucas vezes em que recebe o salário, o dinheiro acaba rápido. Acho que ele dormiu com Alice, aquela moça de Asaba, que morava com a gente. Eu não suporto ficar perto dele. Não suporto que ele se aproxime de mim."

"Ótimo", disse Kainene.

"Ótimo?"

"Isso mesmo, ótimo. Havia qualquer coisa de muito preguiçoso no jeito como você o amou cegamente por tanto tempo, sem jamais criticá-lo. Você nunca nem sequer aceitou o fato de que o homem é feio", disse Kainene. Havia um pequeno sorriso em seu rosto e, dali a pouco, estava rindo; Olanna também não pôde deixar de rir, porque não era isso que esperava ouvir e porque ouvi-lo a tinha feito se sentir melhor.

Pela manhã, Kainene mostrou a Olanna um pequeno frasco em forma de pera contendo creme para o rosto. "Olha só isso. Alguém viajou para fora e me trouxe. Meus cremes de rosto terminaram faz meses e eu estava usando aquele creme pavoroso de óleo, feito aqui em Biafra."

Olanna examinou o frasco rosa. Elas se revezaram passando o creme lentamente, sensualmente, no rosto, antes de saírem para o centro de refugiados. Iam todas as manhãs até lá. O harmatão que soprava forte enchia tudo de poeira, e Baby se juntava às crianças que corriam em volta, de barriga nua entrelaçada de marrom. Muitas colecionavam estilhaços, brincavam com eles, negociavam com eles. Quando Baby voltou com dois pedaços de metal pontudo, Olanna gritou com ela, puxou-lhe a orelha e jogou fora os estilhaços. Detestava pensar em Baby brincando com restos de coisas que matavam. Porém Kainene pediu que ela devolvesse os estilhaços a Baby. E deu-lhe uma lata para guardá-los. Também pediu à menina que se juntasse às crianças mais velhas, que faziam armadilha para os lagartos, que aprendesse a trançar folhas de palmeira e pusesse casulos cheios de formigas *iddo* lá dentro. Kainene deixou Baby segurar o facão de um homem emaciado que desfilava pelo *compound* resmungando: "*Ngwa*, que venham os vândalos, que eles venham todos". Kainene deixou Baby comer uma perna de lagarto.

"Chiamaka tem de ver a vida como ela é, *ejima m*", disse Kainene, enquanto punham creme no rosto. "Você a protege muito da vida."

"Só quero manter minha filha em segurança", disse Olanna. Pegou uma pontinha de creme e começou a esfregá-lo no rosto com a ponta dos dedos.

"Eles nos protegeram demais", disse Kainene.

"Papai e mamãe?", perguntou Olanna, embora soubesse de quem a irmã falava.

"Exato." Kainene passava o creme no rosto com a palma da mão. "Ainda bem que ela foi embora. Já imaginou mamãe vivendo sem coisas como esta? Ou usando óleo de palmiste?"

Olanna riu. Mas desejou, lá no íntimo, que Kainene não pegasse tanto creme, para que ele durasse o máximo possível.

"Por que você está sempre tão disposta a agradar os dois?", perguntou Kainene.

Olanna manteve as mãos no rosto, calada por alguns instantes. "Eu não sei. Acho que porque tenho dó deles."

"Você sempre teve dó de gente que não precisa de dó de ninguém."

Olanna não respondeu por que não sabia o que dizer. Esse era o tipo de coisa que ela teria debatido com Odenigbo — a primeira vez que Kainene ventilara algum ressentimento contra os pais e contra ela —, mas o casal

mal se falava. Odenigbo encontrara um bar nas vizinhanças; não fazia nem uma semana que o dono tinha ido até a casa de Kainene para perguntar por ele, porque a conta não fora paga. Olanna nem lhe contou, depois que o dono do bar foi embora. Não tinha mais certeza de quando ele ia ao Diretório dos Efetivos e quando simplesmente ficava no bar. Recusava-se a se importar com Odenigbo.

Preocupava-se com outras coisas: que sua menstruação estava rareando e não era mais vermelha e sim de um marrom enlameado, que o cabelo de Baby estava caindo, que a fome roubava a lembrança das crianças. E estava resolvida a mantê-las alertas; as crianças eram o futuro de Biafra, afinal de contas. De modo que todos os dias dava aula para elas debaixo de um tulipeiro-da-áfrica, bem longe dos cheiros horrendos que saíam dos fundos do prédio. Ela os fazia aprender de cor um verso de algum poema e, no dia seguinte, eles já tinham esquecido. Eles perseguiam os lagartos. Comiam *garri* e água uma vez por dia, em vez de duas, porque os fornecedores de Kainene não podiam mais cruzar até Mbosi para comprar garri; todas as estradas estavam ocupadas. Kainene lançou um plano, chamado Vamos Plantar Nossa Própria Comida, e quando se juntava aos homens, mulheres e crianças para cavar a terra, Olanna se perguntava onde é que a irmã aprendera a manejar uma enxada. O chão, entretanto, estava esturricado. O harmatão rachava os lábios e os pés. Três crianças morreram num único dia. O padre Mareei rezava a missa sem a Santa Comunhão. A barriga de uma mocinha chamada Urenwa começou a crescer e Kainene não tinha certeza se era *kwashiorkor* ou gravidez, até o dia em que a mãe lhe deu um tapa e perguntou: "Quem foi? Quem fez isso com você? Quando é que você viu o homem que fez isso com você?". O médico não aparecia mais porque não havia gasolina e porque eram muitos os soldados moribundos que precisavam de tratamento. O poço secou. Kainene foi várias vezes até o Diretório de Ahiara para obter um caminhão-tanque, e sempre voltava trazendo vagas promessas do responsável. Os cheiros densos e horrendos de corpos sem banho e de carne apodrecendo nas covas rasas atrás dos prédios ficaram mais fortes. As moscas revoavam em torno das feridas das crianças. Os percevejos e *kwalikwata* rastejavam por toda parte; as mulheres desatavam seus panos para revelar uma feia erupção de mordidas avermelhadas em torno da cintura, como se fossem colméias mergulhadas em sangue. Era época de laranjas, e Kainene pedia a elas que comessem as laranjas das

árvores, embora isso lhes desse diarréia, e, depois, que espremessem a casca contra a pele, porque o cheiro cítrico mascarava o cheiro de sujeira.

À noite, Olanna e Kainene voltavam juntas para casa, a pé. Falavam sobre os refugiados do centro, sobre os tempos de escola, em Heathgrove, sobre os pais, sobre Odenigbo.

"Você já perguntou a ele de novo sobre aquela mulher de Asaba?", falou Kainene.

"Ainda não."

"Antes de lhe perguntar qualquer coisa, chegue perto e esbofeteie a cara dele. Se ele ousar bater em você de volta, eu avanço para cima dele com o facão que Harrison usa na cozinha. Mas o tabefe vai arrancar a verdade."

Olanna riu e reparou que ambas andavam num passo sossegado e que os passos estavam em harmonia, as sandálias cobertas de poeira marrom.

"O vovô costumava dizer que tudo piora e aí melhora. *O dikata njo, o dikwa mma*", disse Kainene.

"Eu me lembro."

"O mundo vai mudar de opinião logo, logo, e a Nigéria vai parar com isso", disse Kainene, em voz baixa. "Nós vamos ganhar."

"Vamos." Olanna acreditava mais na vitória porque Kainene havia dito que venceriam.

Havia noites em que Kainene ficava distante, imersa em si mesma. Uma vez, ela disse: "Nunca prestei atenção em Ikejide", e Olanna pôs o braço no ombro da irmã e não disse nada. Na maior parte do tempo, porém, Kainene estava de ótimo humor e elas sentavam lado a lado, conversando, ouvindo rádio ou vendo o vôo dos morcegos em torno dos cajueiros. Às vezes, Richard vinha sentar com elas. Odenigbo nunca apareceu.

Um belo dia, choveu, uma chuva de rajadas acinzentadas, uma chuva estranha durante o período da seca, e talvez por isso Odenigbo não tenha ido ao bar. Essa foi a noite em que finalmente aceitou o conhaque de Richard, segurou o copo bem junto ao nariz e aspirou, antes de beber, se bem que as palavras tenham sido poucas entre eles. Foi também nessa noite que o dr. Nwala apareceu para dizer que Okeoma estava morto. Relampejava, os trovões ribombavam e Kainene disse, rindo: "Está parecendo um bombardeio".

"Estou preocupada porque faz tempo que eles não atacam", disse Olanna. "O que será que estão planejando?"

"Quem sabe uma bomba atômica", disse Kainene.

Escutaram um carro entrando e Kainene se levantou. "Quem viria nos visitar debaixo de chuva e à noite?"

Abriu a porta e lá estava o dr. Nwala, com água pingando pelo rosto. Olanna lembrou que, no dia de seu casamento, ele estendera a mão para ajudá-la a se levantar, depois do reide aéreo, e dissera que o vestido corria o risco de sujar — como se já não estivesse imundo. Estava mais magro e mais desengonçado que da última vez, e a impressão era a de que poderia se partir em dois, se sentasse de repente. E ele não sentou. Não perdeu tempo com os cumprimentos de praxe. Tinha erguido a camisa folgada para longe do corpo e ainda a sacudia para tirar a água quando falou: "Okeoma se foi, *o jebego*. Estavam numa missão para conquistar Umuahia de novo quando aconteceu. Eu o vi no mês passado e ele me contou que andava escrevendo poesia outra vez, que sua musa era Olanna, e que, se alguma coisa acontecesse com ele, que eu entregasse todos os poemas para ela. Só que não consegui achar nada. O pessoal que trouxe o recado para mim disse que nunca viu Okeoma escrevendo. De modo que achei melhor vir aqui lhe dizer que ele se foi, mas que eu não encontrei os poemas."

Olanna balançava a cabeça sem entender por completo o que o dr. Nwala dizia porque ele falava palavras demais, rápido demais. Depois se calou. Estava querendo dizer que Okeoma morrera. Chovia na época do harmatão e Okeoma morrera.

"Okeoma?", disse Odenigbo, com um sussurro falho. "*Onye*? Você está falando sobre Okeoma?"

Olanna agarrou o braço de Odenigbo e se pôs a gritar, berros agudos, cortantes, porque algo em sua cabeça fora estirado para além dos limites. Porque se sentia atacada, implacavelmente castigada pela perda. Não soltou do braço dele até o dr. Nwala sair meio trôpego na chuva, até os dois deitarem em silêncio no colchão estendido no chão. Quando ele a penetrou, Olanna pensou em como ele parecia diferente, mais leve e mais estreito, por cima. Ele estava imóvel, tão imóvel que ela se remexeu e puxou pelos quadris. Porém ele não se moveu. Depois começou a se mexer e o prazer dela se multiplicou, como se afiado na pedra, para que cada minúscula fagulha se tornasse um prazer em si mesmo. Ouviu-se soluçando, os soluços cada vez mais altos, até que Baby se mexeu e ele pôs a palma da mão sobre

sua boca. Ele também chorava; sentiu as lágrimas dele caindo por seu corpo, antes de ver seu rosto.

Mais tarde, apoiado no cotovelo, ele a olhou. "Você é tão forte, *nkem*."

Essas eram palavras que ela nunca tinha ouvido dele. Odenigbo parecia velho; havia uma umidade em seus olhos, uma derrota amarfanhada no rosto que o fazia parecer mais velho. Queria perguntar por que ele havia dito isso, mas não o fez, e não saberia dizer quem fechou os olhos primeiro. Na manhã seguinte, Olanna acordou bem cedo, sentindo o cheiro do próprio mau hálito e uma triste e incômoda paz.

32.

Ugwu queria morrer, no começo. Não por causa do ardor quente que sentia na cabeça, do sangue que lhe grudava nas costas, da dor que sentia no traseiro ou da maneira como arfava, em busca de ar; ele queria morrer por causa da sede. Estava com a garganta esturricada. Os soldados da infantaria que o carregavam falavam que o resgate dele lhes dera um motivo para fugir, que a munição havia terminado, que eles tinham pedido reforço, que não viera ajuda, e os vândalos avançando. Porém a sede de Ugwu tampava seus ouvidos e abafava as palavras. Estava no ombro deles, enfaixado com a camisa de um deles, a dor esparramando-se pelo corpo todo, enquanto andavam. Arfava para conseguir respirar, engasgava, chupava o ar, mas de algum modo não conseguia respirar o suficiente. A sede o deixava com náuseas.

"Água, por favor", gemia. Mas eles não lhe deram uma gota; se tivesse energia, teria invocado todas as pragas para cair em cima deles. Se tivesse uma arma, teria matado os dois e depois teria se matado.

Agora, no hospital onde o tinham deixado, não queria mais morrer, mas receava que isso poderia acontecer; havia tantos corpos espalhados em volta, em esteiras, em colchões, no chão nu. Havia tanto sangue por toda parte. Ouvia os gritos agudos dos homens quando os médicos examinavam os ferimentos, e sabia que o seu não era o pior caso, mesmo que sentisse o próprio sangue escorrer do corpo, primeiro quente e, depois, frio e grudento. O sangue tirava sua vontade; estava exausto demais para fazer qualquer coisa, e quando as enfermeiras passavam às pressas por ele, deixando as ataduras sem trocar, ele não as chamava de volta. Tampouco dizia alguma coisa quando elas chegavam, o empurravam de lado e lhe aplicavam rápidas e bruscas injeções. Em seus momentos de delírio, via Eberechi usando

sua saia justa e fazendo gestos que ele não conseguia entender. E, nos momentos de lucidez, a morte o ocupava. Tentou visualizar um paraíso, um Deus sentado no trono, mas não conseguiu. Entretanto a visão alternativa, de que a morte não era mais que um silêncio interminável, lhe parecia improvável. Havia uma parte de si que sonhava, e ele não tinha certeza de que essa parte conseguiria recuar dentro de um silêncio infindável. A morte era o saber em sua totalidade, mas ele tinha medo justamente disto: de não saber de antemão o que ficaria sabendo.

À noite, iluminadas por uma luz indistinta, chegavam as pessoas do Caritas, um padre e dois assistentes, levando lamparinas de querosene, dando açúcar e leite aos soldados, perguntando nomes e de onde vinham.

"Nsukka", respondeu Ugwu, quando lhe perguntaram. Achou a voz do padre vagamente conhecida, mas tudo que o rodeava era vagamente conhecido: o sangue do homem deitado ao lado tinha o mesmo cheiro do seu, a enfermeira que lhe servia uma tigela de *akamu* ralo sorria o mesmo sorriso de Eberechi.

"Nsukka? Como se chama?", perguntou o padre.

Ugwu lutou para se concentrar no rosto redondo, nos óculos, no colarinho marrom. Era o padre Damian. "Eu sou Ugwu. Eu costumava ir com minha patroa Olanna até a igreja de São Vicente de Paula."

"Ah!" O padre Damian apertou-lhe a mão com força e Ugwu fez uma careta. "Você lutou pela causa? Onde foi o ferimento? O que eles fizeram por você?"

Ugwu sacudiu a cabeça. Uma parte das nádegas estava envolta numa dor vermelha furiosa, que o consumia por inteiro. O padre Damian levou uma colher de leite em pó até sua boca e, depois, pôs um saquinho de açúcar e outro de leite do lado.

"Sei que Odenigbo está com o Efetivos. Vou mandar avisá-lo", disse o padre Damian. Antes de sair, deixou um rosário de madeira no pulso de Ugwu.

O rosário ainda estava lá, uma pressão fria na pele, quando Mister Richard apareceu, alguns dias depois.

"Ugwu, Ugwu." O cabelo claro e os olhos de uma cor estranha nadavam acima dele e Ugwu não tinha certeza de quem era ele.

"Está me escutando, Ugwu? Eu vim pegar você." Era a mesma voz que lhe tinha feito perguntas sobre as festas de seu povoado, muitos anos antes,

e Ugwu a reconheceu. Mister Richard tentou ajudá-lo a se erguer e a dor se espalhou da parte lateral do corpo e das nádegas para a cabeça e os olhos. Ugwu deu um berro, depois cerrou os dentes, mordeu o lábio e sugou o próprio sangue.

"Com calma. Com calma", disse Mister Richard.

O trajeto esburacado, deitado no banco de trás do Peugeot 404, e o sol inclemente que batia nas janelas fizeram Ugwu se perguntar se quando a gente morria era isso que acontecia — uma viagem infindável de carro. Por fim, pararam num hospital que não cheirava a sangue e sim a desinfetante. Somente quando Ugwu deitou numa cama de verdade é que lhe passou pela cabeça que talvez não fosse morrer, no fim das contas.

"Isto aqui já foi bombardeado um bocado, na última semana, e vamos ter que ir embora assim que você tiver passado pelo médico. Na verdade, ele não é um médico ainda — estava no quarto ano da faculdade quando a guerra começou —, mas tem se saído muito bem", disse Mister Richard. "Olanna, Odenigbo e Baby estão conosco, em Orlu, desde que Umuahia caiu, e é claro que Harrison também está lá. Kainene precisa de ajuda no centro de refugiados, de modo que acho melhor se apressar e ficar bom logo."

Ugwu pressentiu que Mister Richard estava falando demais e em seu benefício, quem sabe para mantê-lo acordado até o médico aparecer. Mesmo assim, sentiu-se grato por aquela risada, pela normalidade daquele riso, pela maneira como tudo lhe voltou com força à memória e o levou à época em que Mister Richard escrevia as respostas que ele dava em um caderninho com capa de couro.

"Todos nós levamos um certo choque, quando ficamos sabendo que você estava vivo, no hospital de Emekuku — um choque bom, é claro. Ainda bem que não houve nenhum enterro simbólico, se bem que houve uma espécie de cerimônia, antes de Umuahia cair."

Os olhos de Ugwu latejavam. "Eles disseram que eu tinha morrido, *sah*?"

"Disseram, disseram, sim. Ao que tudo indica, seu batalhão achou que você tinha morrido durante a operação."

Os olhos de Ugwu se fecharam e não quiseram ficar abertos quando ele os forçou. Por fim, conseguiu abri-los e viu os de Mister Richard voltados para baixo, para ele. "Quem é Eberechi?"

"*Sah*?"

"Você ficou dizendo Eberechi um tempão."

"Ela é alguém que eu conheço, *sah*."

"Em Umuahia?"

"É, *sah*."

Os olhos de Mister Richard se suavizaram. "E você não sabe onde ela está, agora?"

"Não, *sah*."

"Está com a mesma roupa desde que foi ferido?"

"Estou, *sah*. O pessoal da infantaria me deu a calça e a camisa."

"Você precisa de um banho."

Ugwu sorriu. "Preciso mesmo, *sah*."

"Você teve medo?", perguntou Mister Richard, depois de um tempo. Ugwu se mexeu; a dor estava por todo o corpo e não havia posição confortável. "Medo, *sah*?"

"É."

"Às vezes, *sah*." Calou-se uns instantes. "Achei um livro no meu alojamento. Me deu tanta tristeza e raiva, por causa do escritor."

"Que livro era?"

"A autobiografia de um negro americano chamado Frederick Douglass."

Mister Richard anotou alguma coisa. "Vou usar essa história no meu livro.

"Está escrevendo um livro?"

"Estou."

"E sobre o que é o livro, *sah*?"

"Sobre a guerra, sobre o que aconteceu antes e sobre o que não deveria ter acontecido. Vou dar o título de 'O mundo estava calado quando nós morremos'."

Mais tarde, Ugwu resmungou o título do livro para si mesmo: *O mundo estava calado quando nós morremos*. O título não o deixava em paz, e o enchia de vergonha. Trouxe-lhe à mente a moça no bar, o rosto franzido e o ódio que vira nos olhos dela, deitada no chão sujo do bar.

O Patrão e Olanna abraçaram Ugwu ao mesmo tempo, mas de leve, sem fazer pressão para não lhe causar nenhuma dor. Ugwu se sentiu extremamente constrangido; eles nunca o haviam abraçado antes.

"Ugwu", dizia o Patrão, abanando a cabeça. "Ugwu."

Baby agarrou-se a sua mão e não quis saber de soltar, e de repente a vida inteira de Ugwu fez um bolo na garganta e ele chorou, soluçou, e as lágrimas doeram nos olhos. Ficou bravo consigo mesmo por ter chorado e, mais tarde, enquanto contava o que lhe acontecera, manteve a voz distante. Mentiu ao dizer como fora recrutado; falou que o pastor Ambrose havia lhe implorado para ir com a irmã dele até o herbalista, e que estava voltando quando os soldados o pegaram. Usava palavras como *fogo inimigo* e *QG de Ataque* com uma frieza apática, como se para compensar a crise de choro.

"E eles nos disseram que você tinha morrido", disse Olanna, olhando para ele. "Quem sabe Okeoma também está vivo."

Ugwu olhou fixo para ela.

"Disseram que ele foi morto em ação", falou Olanna. "E eu fiquei sabendo que o *kwashiorkor* acabou finalmente levando Adanna. Baby não sabe, claro."

Ugwu desviou os olhos. As notícias de Olanna o incomodavam. Sentia raiva dela por lhe ter contado o que não queria ouvir.

"Tem gente demais morrendo", disse ele.

"É o que acontece numa guerra, morre gente demais", disse Olanna. "Mas nós vamos ganhar esta. O seu travesseiro está numa posição boa?"

"Está, *mah*."

Ele não podia sentar numa parte das nádegas e assim, durante as primeiras semanas em Orlu, se deitava de lado. Olanna estava sempre a seu lado, obrigando-o a comer e lhe dando forças para querer viver. Sua mente vagava com frequência. Nem precisava do eco da dor na lateral do corpo, nas nádegas e nas costas para se lembrar da sua *ogbunigwe* explodindo, da risada de High-Tec, ou do ódio mortal nos olhos da moça. Não conseguia se lembrar da fisionomia dela, mas aquele olhar nunca o largou, assim como a secura tensa entre as pernas dela, e o jeito como ele tinha feito o que não queria fazer. Naquela região cinzenta entre o sonho e o devaneio, onde tinha o controle sobre quase tudo o que imaginava, viu o bar, sentiu o cheiro de álcool e ouviu os soldados dizerem "Destruidor de Alvos", porém não era a moça do bar que estava deitada de costas no chão, era Eberechi. Acordou odiando a imagem e odiando a si mesmo. Teria de dar tempo ao tempo para se desculpar pelo que tinha feito. Depois iria procurar Ebere-

chi. Talvez ela e a família tivessem ido para sua cidade natal, Mbaise, ou talvez estivessem ali mesmo em Orlu. Ela esperaria por ele; ela sabia que ele voltaria para ela. O fato de Eberechi esperar sua volta e de que a espera era uma prova de sua redenção o consolaram enquanto sarava. Surpreendeu-se de ver que seu corpo podia voltar a ser o que tinha sido, e que sua mente funcionava com lucidez o tempo todo.

Durante o dia, ajudava no centro de refugiados e, à noite, escrevia. Sentava-se debaixo do tulipeiro-da-áfrica e escrevia com letrinhas pequenas, e cuidadosas, nas margens de velhos jornais, em papéis onde Kainene fizera cálculos de despesas, no dorso de um velho calendário. Escreveu um poema sobre gente pegando eczema nas nádegas depois de ter defecado em baldes importados, porém não parecia tão lírico quanto o de Okeoma, e ele rasgou; depois escreveu sobre uma jovem com um traseiro perfeito que beliscava o pescoço de um rapaz, e rasgou também. Finalmente, começou a escrever sobre a morte anônima de tia Arize, em Kano, sobre Olanna ter perdido o uso das pernas, sobre a farda elegante de Okeoma, sobre as mãos enfaixadas do professor Ekwenugo. Escreveu sobre as crianças do centro de refugiados e a caçada diligente que faziam aos lagartos, e contou a história de quatro garotos que tinham perseguido um lagarto até uma mangueira, e um deles subira na árvore, fazendo o lagarto saltar e cair na mão esticada de um dos outros que rodeavam a mangueira.

"Os lagartos estão cada vez mais espertos. Eles correm mais, agora, e se escondem debaixo dos blocos de concreto", contou o garoto que subira na árvore. Eles assaram e dividiram o lagarto, espantando as outras crianças que apareceram. Mais tarde, um dos garotos ofereceu a Ugwu um pedacinho minúsculo de sua cota fibrosa. Ugwu agradeceu, mas recusou com um gesto de cabeça, e percebeu então que jamais seria capaz de descrever aquela criança a contento, que jamais teria capacidade de narrar bem bastante o medo que empanava o olhar das mães no centro de refugiados, quando os aviões bombardeiros apareciam no céu, atacando. Jamais seria capaz de descrever a própria desolação de bombardear gente que morria à míngua. Mas tentou, e, quanto mais escrevia, menos sonhava.

Olanna dava aula para algumas crianças, recitando a tabuada, na manhã em que Kainene apareceu sob o tulipeiro-da-áfrica.

"Será que você vai acreditar quando eu disser quem é o responsável pela gravidez daquela menina?", perguntou Kainene, e Ugwu quase não a reco-

nheceu. Os olhos saltavam do rosto anguloso, cheios de raiva e de lágrimas. "Dá para acreditar que foi o padre Marcel?"

Olanna levantou-se. "*Gini*? O que foi que disse?"

"Tudo indica que fui muito cega; Urenwa não é a única", disse Kainene. "Ele trepa com a maioria delas, antes de dar o pitu que eu me escravizo para conseguir fazer chegar até aqui!"

Mais tarde, Ugwu viu Kainene bater no peito do padre Marcel com as duas mãos, gritar com ele, empurrá-lo com tanta força que teve receio de que o homem fosse cair. "*Amosu*! Seu demônio!" Depois, virou-se para o padre Jude. "E como é que pôde continuar calado e permitir que ele abrisse as pernas de meninas com fome? Como é que vai dar conta disso para o seu Deus? Vocês dois vão embora daqui agora mesmo, agorinha mesmo. Ou eu levo isso até Ojukwu eu mesma, se for preciso!"

Havia lágrimas escorrendo por seu rosto. E algo de magnífico em sua raiva. Ugwu sentia-se marcado, sentia-se torpe ao executar os novos afazeres que vieram depois que os padres saíram — distribuir *garri*, separar as brigas, supervisionar as plantações esturricadas murchando ao sol. Perguntava-se o que Kainene diria, o que ela faria com ele, o que pensaria dele, se algum dia viesse a saber da moça do bar. Ela o desprezaria. Assim como Olanna. Assim como Eberechi.

À noite, escutava as conversas, escrevendo na mente aquilo que depois iria transferir para o papel. Eram sobretudo Kainene e Olanna que conversavam, como se houvessem criado um mundo próprio, ao qual o Patrão e Mister Richard não tinham acesso. Às vezes, Harrison aparecia e sentava ao lado de Ugwu, mas não falava muito, como se tivesse ao mesmo tempo espanto e respeito por ele. Ugwu não era mais só Ugwu, era "um dos nossos rapazes"; tinha lutado pela causa. A lua era sempre de um branco luminoso e, de vez em quando, o vento da noite trazia o pio das corujas e o sobe-e-desce das vozes no centro de refugiados. Baby dormia numa esteira, com os panos de Olanna sobre ela, para manter os mosquitos longe. Sempre que escutavam o ronco distante dos aviões de auxílio, bem diferente do barulho que faziam os bombardeiros voando rápido e em baixa altitude, Kainene dizia: "Espero que esse consiga aterrissar". E Olanna respondia com uma risadinha. "Temos de fazer nossa próxima sopa com caldo de peixe."

Quando elas ouviam a Rádio Biafra, Ugwu levantava e saía. A teatralidade mal-ajambrada dos noticiários de guerra, a voz que enfiava bocados de

esperança inventada goela abaixo das pessoas não o interessava. Uma tarde, Harrison foi até o tulipeiro-da-áfrica levando um rádio ligado em alto volume na Rádio Biafra.

"Por favor, desliga essa coisa", disse Ugwu. Estava olhando um punhado de garotinhos brincando num trecho de relva. "Eu quero ouvir os passarinhos."

"Não tem passarinho nenhum cantando", disse Harrison.

"Desliga".

"Sua Excelência está prestes a fazer um discurso."

"Desliga ou leva o rádio embora com você."

"Não quer ouvir Sua Excelência?"

"*Mba*, não."

Harrison olhou para Ugwu. "Vai ser um grande discurso."

"Não existe isso de grandeza", respondeu Ugwu.

Harrison afastou-se, com ar magoado, e Ugwu não sentiu vontade de chamá-lo de volta; continuou a observar as crianças. Elas corriam preguiçosamente pelo capim crestado, empunhando paus como se fossem armas, fazendo sons de tiro com a boca, erguendo nuvens de poeira na perseguição uns aos outros. Até mesmo o pó parecia apático. As crianças brincavam de Guerra. Quatro meninos. Ontem, eram cinco. Ugwu não se lembrava do nome do quinto menino — seria Chidiebele ou Chidiebube? —, mas lembrava que nos últimos tempos a barriga dele começara a inchar como uma bola, que o cabelo começara a cair em tufos, que a pele clareara, passando da cor do mogno para um amarelo doentio. As outras crianças zombavam dele. *Afo mmili ukwa*, diziam eles: barriga de fruta-pão. Certa vez, Ugwu quis pedir a eles que parassem para ele poder explicar o que era *kwashiorkor* — quem sabe poderia até ler para eles o que escrevera sobre o *kwashiorkor*. Mas resolveu que não. Não havia por que prepará-los para o que com certeza eles iriam contrair, de um jeito ou de outro. Ugwu não se lembrava de o menino ter feito alguma vez o papel de um oficial biafrense, como por exemplo Sua Excelência ou Achuzie; ele sempre fazia um nigeriano, Gowon ou Adekunle, o que significava que era sempre derrotado e tinha de cair no chão, no final, e se fingir de morto. Às vezes, Ugwu se perguntava se o menino gostava disso, porque lhe dava uma oportunidade de descansar, de deitar no capim.

O menino e a família tinham vindo de Oguta, uma daquelas famílias que não acreditavam que a cidade seria tomada, de modo que a mãe deles parecia desafiar todo mundo quando chegaram ao centro de refugiados, como se fosse afrontar quem dissesse que estava sonhando e que despertaria em breve. No dia em que chegaram, o som da bateria antiaérea atravessou o campo pouco depois do crepúsculo. A mãe saiu correndo, segurando o menino, seu único filho, num abraço confuso. As outras mulheres a sacudiram rudemente, enquanto o rugido dos aviões inimigos, fazendo *uá-uá-uá*, chegava mais perto. *Venha para o bunker! Você ficou louca? Venha para o bunker!*

A mulher se recusou e ficou onde estava, com o filho no colo, tremendo. Ugwu ainda não entendera por que tinha feito o que fez. Talvez porque Olanna já tivesse posto Baby no colo e corrido, na frente dele, e suas mãos estivessem livres. O fato é que avançou, tirou o menino dos braços da mãe e correu. O garoto na época ainda era pesado, ainda tinha alguns quilos; a mãe não teve alternativa senão segui-los. Os aviões estavam começando o ataque e, bem na hora em que Ugwu ia pôr o menino para dentro do bunker, uma bala passou por ele, raspando; mais que vê-la, sentiu o cheiro acre do metal aquecido.

Foi no bunker, enquanto brincava no solo úmido forrado de grilos e formigas, que o garoto disse a Ugwu como era seu nome. Chidiebele ou Chidiebube, não sabia ao certo. Mas era Chidi alguma coisa. Quem sabe Chidiebele, um nome muito comum. Um nome que parecia piada, agora. Chidiebele: *Deus é misericordioso*.

Algum tempo depois, os quatro garotos pararam de brincar de Guerra e entraram, e foi nesse momento que Ugwu escutou o gemido fino e estrangulado vindo da sala de aula no final do corredor. Ele sabia que a tia do menino sairia dali a pouco e, corajosamente, contaria para as pessoas em volta que a mãe iria se jogar no chão e rolar na terra, berrando, até perder a voz, e que depois pegaria uma lâmina e rasparia a cabeça, deixando o couro cabeludo nu e sangrando.

Pôs a camiseta e foi se oferecer para ajudar a cavar a pequena sepultura.

33.

Richard havia sentado ao lado de Kainene e massageava seu ombro, enquanto ela ria de algo que Olanna dizia. Adorava o jeito como o pescoço dela parecia mais longo quando ela jogava a cabeça para trás e ria. Adorava as noites passadas com ela, Olanna e Odenigbo; lembrava-se da sala parcamente iluminada de Odenigbo, em Nsukka, do gosto que a cerveja tinha em sua língua forrada de pimenta. Kainene estendeu o braço para o pratinho esmaltado de grilos assados, a nova especialidade de Harrison; ele pelo visto sabia exatamente onde cavar para encontrá-los na terra ressequida e onde quebrá-los, depois de assados, para que parecesse haver mais do que havia. Kainene pôs um pedaço na boca. Richard pegou dois pedaços e mastigou lentamente. Estava escurecendo e os cajueiros tinham se transformado em silhuetas cinzentas. Uma névoa de poeira pairava sobre todos eles.

"Qual a explicação que você dá para o sucesso da missão do homem branco na África, Richard?", perguntou Odenigbo.

"O sucesso?" Odenigbo o irritava com aquele seu jeito de ficar ensimesmado durante longos momentos e, de repente, dizer ou perguntar algo inesperado.

"Exato, o sucesso. Eu penso em inglês", disse Odenigbo.

"Talvez você devesse primeiro explicar por que o homem negro não conseguiu conter a missão do homem branco", disse Kainene.

"Quem é que trouxe o racismo para o mundo?", perguntou Odenigbo.

"Não estou entendendo a questão", disse Kainene.

"O branco trouxe o racismo para o mundo. Usou-o como base para suas conquistas. É sempre mais fácil conquistar um povo mais humano."

"Quer dizer que, quando conquistarmos a Nigéria, nós seremos os menos humanos?", perguntou Kainene.

Odenigbo não disse nada. Algo farfalhou perto dos cajueiros e Harrison, com um salto, foi ver se pegava algum preá.

"Inatimi me deu algumas moedas nigerianas", disse Kainene, por fim. "Vocês sabem que aquela gente da Organização dos Freedom Fighters de Biafra tem um bocado de dinheiro nigeriano. Estou querendo ir até a zona da Ninth Mile ver o que consigo comprar lá, e, se for tudo bem, vou tentar vender as coisas que os refugiados têm feito."

"Isso seria negociar com o inimigo", disse Odenigbo.

"Isso é negociar com mulheres nigerianas analfabetas que têm o que precisamos."

"É perigoso, Kainene", disse Odenigbo; a suavidade na voz dele espantou Richard.

"O setor é livre", disse Olanna. "Nossa gente negocia livremente por lá."

"Você também vai?" A surpresa erguera o tom da voz de Odenigbo, ao olhar para Olanna.

"Não. Pelo menos não amanhã. Quem sabe da próxima vez."

"Amanhã?" Era a vez de Richard ficar surpreso. Kainene havia mencionado uma vez sua vontade de negociar para além das linhas inimigas, mas não sabia que ela decidira assim tão rápido quando ir.

"É, Kainene está indo amanhã", disse Olanna.

"Verdade", disse Kainene. "Mas não se preocupem com Olanna, ela não virá comigo. Sempre teve um medo tremendo de empreendimentos livres e honestos." Kainene riu e Olanna também, dando-lhe um tapinha no braço; Richard viu semelhança na curva do lábio das duas, no formato dos dentes levemente maiores da frente.

"A estrada de Ninth Mile já não foi ocupada algumas vezes, antes?", perguntou Odenigbo. "Eu não acho que você deva ir."

"Está tudo decidido. Eu parto com Inatimi amanhã bem cedo e à noite já estaremos de volta", disse Kainene, com aquela determinação no tom de voz que Richard conhecia tão bem. Porém, ele não se opunha à viagem; conhecia várias pessoas que faziam o que ela queria fazer.

Nessa noite, sonhou que ela voltava com uma cesta repleta de frango cozido em ervas aromáticas, arroz *jollof* e uma sopa grossa de peixe, o que o deixou irritado quando acordou com vozes alteradas bem na frente da jane-

la. Relutou em largar o sonho. Kainene também tinha acordado e saíram os dois, Kainene com os panos amarrados no peito e ele de short. O dia amanhecia. A luz era pouca. Um pequeno bando de refugiados batia e chutava um rapaz, agachado no chão, as mãos protegendo a cabeça dos socos e pontapés. A calça do rapaz estava toda esburacada e o colarinho tinha sido quase arrancado, mas o meio sol amarelo continuava pregado na manga rasgada. "O que foi?", perguntou Kainene. "O que foi?"

Antes que qualquer um falasse, Richard entendeu tudo. O soldado andara roubando a plantação deles. Isso acontecia por toda parte, agora, plantações invadidas à noite e esbulhadas de um milho tão tenro que ainda não tinha formado os grãos direito, e de carás tão novinhos que não tinham nem o tamanho de um inhame.

"Está vendo agora por que tudo que a gente planta não vai adiante?", disse uma mulher cujo filho morrera uma semana antes. Os panos estavam amarrados bem baixo, expondo a parte de cima dos seios caídos. "Gente como esse ladrão aí vem e colhe tudo, para que a gente morra de fome."

"Parem!", disse Kainene. "Parem agora! Deixem o homem em paz!"

"Está nos dizendo para soltar o ladrão? Se a gente soltar esse aqui hoje, amanhã aparecem dez."

"Ele não é um ladrão", disse Kainene. "Estão me ouvindo? Ele não é um ladrão. É um soldado com fome."

O bando ficou imóvel diante da calma autoridade na voz de Kainene. Aos poucos, foram voltando para as salas de aula. O soldado se levantou e tirou um pouco do pó.

"Você veio do front?", perguntou Kainene.

Ele acenou com a cabeça. Parecia ter uns dezoito anos. Havia dois galos enormes, um de cada lado da testa, e o sangue pingava do nariz.

"Está fugindo? *I na-agba oso*? Você desertou?", perguntou Kainene.

Ele não respondeu.

"Venha. Venha e coma um pouco de *garri* antes de ir", disse Kainene.

As lágrimas escorriam do olho esquerdo inchado e ele pôs a palma da mão sobre ele, enquanto seguia Kainene. Não disse nada, só resmungou "*Dalu* — obrigado", antes de partir, agarrado a um pequeno saco de *gani*. Kainene não falou mais nada, enquanto se vestia para ir ao encontro de Inatimi, no centro de refugiados.

"Você vai sair cedo, não vai, Richard?", perguntou ela. "Aqueles bambambãs talvez fiquem no gabinete uma meia hora, hoje."

"Vou sair dentro de uma hora." Estava indo a Ahiara para tentar obter algumas provisões nos centros de auxílio.

"Diga a eles que estou morrendo e que precisamos desesperadamente de leite e de carne enlatada para que eu continue viva", disse ela. Havia um novo tom de amargura em sua voz.

"Eu digo. E boa viagem para você. *Ije ome*. Volte com muito *garri* e um pouco de sal."

Beijaram-se, um breve comprimir dos lábios, antes que ela partisse. Richard sabia que ver aquele jovem e patético soldado a deixara de mau humor, como também sabia que Kainene não achava que o rapaz fosse o motivo do fracasso das colheitas. As colheitas se extinguiam porque a terra era muito pobre, o harmatão, muito feroz, porque não havia adubo para pôr na terra, nem nada para plantar, e porque, quando conseguia achar algum cará, o povo comia metade, antes de plantar o que sobrava. Richard gostaria de poder estender a mão, torcer o céu e trazer a vitória para Biafra imediatamente. Por ela.

Kainene ainda não tinha voltado quando ele chegou de Ahiara, à noite. A sala cheirava a óleo de dendê alvejado e o cheiro vinha da cozinha; Baby estava deitada numa esteira, olhando as páginas do livro *Eze goes to school*.

"Me leva no ombro, tio Richard", disse Baby, correndo para ele. Richard fingiu que tentava pegá-la, mas, de repente, despencou numa cadeira.

"Você está uma moça grande, agora, Baby. Está muito pesada para ser carregada."

"Não!"

Olanna estava parada na porta da cozinha, vendo os dois. "Você sabe que Baby ficou muito mais sábia, com a idade, mas não cresceu nem um pouco desde o começo da guerra?"

Richard sorriu. "Melhor sabedoria que altura", disse ele, e ela também sorriu. Ele percebia como haviam falado pouco um com o outro, como sempre evitavam ficar sozinhos.

"Teve sorte em Ahiara?", perguntou Olanna.

"Não. Tentei por toda parte. Os centros de assistência estão vazios. Vi um homem adulto sentado no chão, na frente de um dos prédios, chupando o dedo", disse ele.

"E o pessoal que você conhece nos diretórios?"

"Eles dizem que não temos mais nada e que a nossa ênfase agora é a autossuficiência e a agricultura."

"Plantar o quê, com o quê? E como é que vamos alimentar milhões de pessoas com esse território minúsculo que temos agora?"

Richard olhou para ela. Mesmo a menor sugestão de crítica a Biafra provocava mal-estar nele. Preocupações haviam se entranhado nas fendas da mente, desde a queda de Umuahia, mas ele não ventilava nenhuma delas.

"Kainene está com os refugiados?", perguntou ele.

Olanna enxugou a testa. "Acho que sim. Ela e Inatimi já devem ter voltado."

Richard saiu para brincar com Baby. Ele a pôs nos ombros para que ela pudesse agarrar uma folha do cajueiro, depois a desceu ao chão, pensando em como era pequena, em como era leve, para uma menina de seis anos. Desenhou algumas linhas no chão, pediu a ela para apanhar algumas pedras e tentou ensiná-la a jogar *nchokolo*. Ficou vendo a menina tirar e arrumar os pedaços de metal pontudo de uma lata: sua coleção de estilhaços. Kainene não havia voltado, uma hora depois. Richard levou Baby até o campo. Kainene não estava sentada na escada, na frente do Ponto Sem Volta, como às vezes fazia. Não estava na enfermaria. Não estava em nenhuma das salas de aula. Richard viu Ugwu debaixo do pau-de-fogo, escrevendo num pedaço de papel.

"Tia Kainene não voltou ainda", disse Ugwu, antes que Richard perguntasse.

"Tem certeza de que ela não veio e depois saiu para ir a algum outro lugar?"

"Tenho, *sah*. Mas espero que já, já ela esteja aqui."

Richard achou divertida a precisão formal com que Ugwu disse *espero*; admirava a ambição de Ugwu e sua nova mania de rabiscar em tudo quanto é papel que conseguisse encontrar. Uma vez, tentara descobrir onde é que Ugwu deixava seus papéis, para poder dar uma olhada, mas não achou nada. Estava tudo enfiado nos bolsos do seu calção, muito provavelmente.

"O que está escrevendo agora?", perguntou.

"Uma coisa pequena, *sah*", disse Ugwu.

"Eu quero ficar com Ugwu", disse Baby.

"Certo, Baby." Richard sabia que ela iria correndo até uma das salas de aula encontrar outras crianças, para saírem caçando lagartos ou grilos. Ou iria à cata do pretenso miliciano que usava uma faca em volta da cintura e perguntava se ela queria segurá-la. Richard voltou para casa. Odenigbo acabara de chegar do trabalho e, naquele sol brilhante de fim de tarde, Richard viu os pêlos crespos que ele tinha no peito, tão gasto estava o tecido de sua camisa.

"Kainene já voltou?", perguntou Odenigbo.

"Ainda não."

Odenigbo lhe deu um longo olhar acusador, antes de entrar para trocar de roupa. Voltou com os panos enrolados em volta do corpo e amarrados atrás do pescoço, e sentou-se com Richard na sala. Pela rádio, Sua Excelência anunciava que iria viajar ao exterior em busca da paz.

De acordo com minhas freqüentes declarações de que eu iria pessoalmente a qualquer lugar do mundo para garantir a paz e a segurança de meu povo, vou agora viajar para fora de Biafra para explorar...

O sol ia se pondo quando Ugwu e Baby voltaram para casa.

"Aquela menininha, Nneka, acabou de morrer, mas a mãe dela se recusa a deixar que levem o corpo para enterrar", disse Ugwu, depois dos cumprimentos.

"Kainene está lá?", perguntou Richard.

"Não", disse Ugwu.

Odenigbo e Richard levantaram e foram juntos até o centro de refugiados. Nada disseram um ao outro. Havia uma mulher gemendo numa das salas de aula. Fizeram perguntas e todos disseram a mesma coisa: Kainene havia saído com Inatimi logo cedo. Disse a eles que estava indo fazer um ataque *afia*, que iria negociar dentro das linhas inimigas, e que estaria de volta no final da tarde.

Passou-se um dia, depois um segundo dia. Tudo continuava igual, a secura no ar, os ventos empoeirados, os refugiados capinando a terra ressecada, mas Kainene não voltou. Richard sentia-se rolando num túnel, sentia o

peso sendo sugado do corpo, hora após hora. Odenigbo lhe disse que Kainene provavelmente ficara detida do outro lado e que esperava a partida dos vândalos para poder voltar para casa. Olanna falou que esse tipo de atraso ocorria o tempo todo, com mulheres que faziam comércio em terras inimigas. Mas havia, no olhar de Olanna, um medo furtivo. Até Odenigbo parecia receoso quando disse que não iria com eles procurar Kainene, porque sabia que ela voltaria para casa; era como se tivesse medo do que poderiam descobrir. Olanna foi no carro de Richard para Ninth Mile. Viajavam em silêncio, mas quando ele parava para perguntar às pessoas na estrada se por acaso não tinham visto alguém como Kainene, ela repetia: "*O tolu ogo, di ezigbo oji*", como se, ao repetir o que Richard tinha acabado de dizer — que Kainene era alta e tinha a pele muito escura —, fosse avivar a memória das pessoas. Richard lhes mostrava uma foto dela. Às vezes, na pressa, puxava a foto do vaso de cordas, em vez do retrato dela. Ninguém vira Kainene. Ninguém vira um carro parecido com o de Inatimi. Chegaram inclusive a perguntar aos soldados biafrenses, os mesmos que disseram que não poderiam seguir em frente porque as estradas estavam ocupadas. Os soldados balançaram a cabeça e disseram que não tinham visto Kainene. Na volta, Richard começou a chorar.

"Por que esse choro todo?", perguntou Olanna, com rispidez. "Kainene só ficou presa do outro lado por alguns dias."

As lágrimas de Richard o deixaram cego. O carro saiu da estrada e guinchou ao entrar na densa vegetação rasteira da mata.

"Pare! Pare!", disse Olanna.

Ele parou, ela pegou a chave do contato, deu a volta, abriu a porta de Richard e tomou a direção. Voltou cantarolando sem parar, numa voz bem baixinha.

34.

Olanna passou o pente de madeira no cabelo de Baby com a máxima delicadeza, mas mesmo assim ficou um tufo grande entre os dentes. Ugwu estava sentado num banco, escrevendo. Uma semana se passara e Kainene não voltara. Os ventos do harmatão estavam mais calmos e não vergavam os cajueiros, mas sopravam areia para todo lado e o ar estava denso de poeira e de rumores de que Sua Excelência não fora em busca da paz, de que ele fugira. Olanna sabia que não podia ser verdade. Acreditava, com a mesma firmeza e calma com que acreditava que Kainene voltaria para casa em breve, que a viagem de Sua Excelência seria um sucesso. Ele voltaria com um documento assinado, declarando o fim da guerra e proclamando a independência de Biafra. Ele voltaria trazendo justiça e sal.

Penteou o cabelo de Baby de novo e, de novo, caíram mais uns chumaços. Olanna ergueu os fiapos finos na mão, de um marrom amarelado e desbotado de sol, muito diferente do negro retinto natural dos cabelos de Baby. Ficou assustada. Kainene tinha dito, algumas semanas antes, que era um sinal de sabedoria extrema o cabelo de Baby começar a cair aos seis anos de idade, e, depois, saíra para procurar mais comprimidos de proteína para ela.

Ugwu ergueu a vista do papel. "Talvez fosse melhor não trançar o cabelo dela, *mah*."

"É. Talvez seja por isso que anda caindo tanto, muita trança demais."

"Meu cabelo não está caindo!", disse Baby, dando um tapinha na cabeça.

Olanna pôs o pente de lado. "Toda hora eu me lembro do cabelo daquela criança que eu vi no trem; era muito denso. Devia ser uma trabalheira para a mãe trançá-lo."

"E como eram as tranças?", perguntou Ugwu.

De início Olanna se espantou com a pergunta, depois percebeu que lembrava perfeitamente como o cabelo fora trançado, e começou a descrever o estilo do penteado, com algumas trancinhas caindo sobre a testa. Depois descreveu a cabeça, os olhos abertos, o acinzentado da pele. Ugwu escrevia, enquanto Olanna falava, e o fato de ele escrever, a sinceridade de seu interesse, de repente fez sua história adquirir importância, a fez servir a um propósito maior, que nem mesmo Olanna sabia bem qual era — e então contou tudo o que se lembrava sobre o trem cheio de gente chorando, gritando e urinando.

Continuava falando quando Odenigbo e Richard voltaram. Estavam a pé; tinham partido com o Peugeot logo cedo, para ir procurar Kainene no hospital de Ahiara.

Olanna levantou-se na hora. "Acharam?"

"Não", disse Richard, e entrou.

"Cadê o carro? Os soldados confiscaram?"

"O combustível acabou no meio da estrada. Vou tentar achar um pouco mais e voltar para pegar o carro", disse Odenigbo, dando um abraço nela. "Nós vimos Madu. Ele disse que tem certeza de que ela ainda está do outro lado. Os vândalos devem ter bloqueado o caminho por onde ela atravessou, e ela está esperando abrir uma nova rota. Isso acontece o tempo todo."

"Claro que sim." Olanna apanhou o pente e começou a desembaraçar o próprio cabelo. Odenigbo estava dizendo que ela deveria agradecer por eles não terem encontrado Kainene no hospital. Que isso significava que ela estava bem, só que continuava do lado nigeriano. E no entanto ela não queria que ele a lembrasse disso. Dias depois, quando insistiu em procurar no necrotério, ele repetiu a mesma coisa, que Kainene estava em segurança, só que do outro lado.

"Mas eu vou", disse ela. Madu tinha mandado *garri*, açúcar e um pouco de combustível. Ela mesma iria dirigir.

"Não vejo motivo para isso", disse Odenigbo.

"Não vê motivo? Você não vê motivo para eu sair à procura do corpo da minha irmã?"

"Sua irmã está viva. Não tem corpo nenhum."

"Tomara." E virou-se para ir embora.

"Mesmo que eles tenham matado sua irmã, Olanna, eles não trariam o corpo para um necrotério daqui", disse Odenigbo, e ela sabia que ele tinha

razão, mas odiou-o por dizer isso, por chamá-la de Olanna, não de *nkem*, e foi assim mesmo até o prédio de cheiro horrendo, onde os cadáveres de um bombardeio recente estavam empilhados do lado de fora do necrotério, inchando sob o sol. Havia muita gente implorando para entrar e ver se achava alguém.

"Por favor, meu pai não apareceu mais, desde o bombardeio."

"Por favor, não consigo encontrar minha filhinha."

O bilhete de Madu que Olanna mostrou ao zelador o fez sorrir e permitir a entrada; ela insistiu em olhar o rosto de todos os cadáveres de mulher, mesmo o das que o zelador dizia serem muito velhas, e, depois, teve de parar na estrada para vomitar. *Se o sol se recusa a nascer, nós o faremos nascer*. Era o título de um poema de Okeoma que lhe veio à mente. Não se lembrava do resto, era algo sobre colocar um pote de barro em cima do outro para formar uma escada até o céu. Em casa, Odenigbo falava com Baby. Richard olhava para o nada. Não perguntaram a ela se tinha achado o corpo de Kainene. Ugwu lhe disse que havia uma enorme mancha de óleo de dendê em seu vestido, com voz baixa, como se soubesse que eram os restos do vômito dela. Harrison lhe disse que não havia nada para comer e ela o olhou sem entender, porque era Kainene que se encarregava de tudo, que sabia o que fazer. "Você devia deitar um pouco, *nkem*", disse Odenigbo.

"Você se lembra das palavras de um poema de Okeoma que fala sobre fazer o sol nascer, se ele se recusasse a nascer?", perguntou ela.

"'Potes de barro queimados no zelo que vão refrescar nossos pés enquanto escalamos'."

"Isso, isso mesmo."

"Era meu verso predileto. Não consigo me lembrar do resto."

Uma mulher do centro de refugiados apareceu correndo no quintal, gritando e acenando um galho verde. De um verde muito brilhante e úmido. Olanna se perguntou de onde ela o arrancara; todas as plantas e árvores em volta estavam ressequidas, despidas pelos ventos poeirentos de qualquer folha. A terra toda estava descorada.

"Acabou!", gritou ela. "Acabou!"

Odenigbo ligou o rádio na hora, como se estivesse esperando a mulher com a notícia. A voz masculina era desconhecida.

Em todos os períodos da história, as pessoas feridas têm de recorrer às armas para se defender quando as negociações de paz fracassam. Nós não somos exceção. Pegamos em armas pela sensação de insegurança gerada em nosso povo pelos massacres. Nós lutamos em defesa dessa causa.

Olanna sentou-se; gostou da honestidade, das vogais firmes, da serena certeza da voz no rádio. Baby perguntava ao pai por que a mulher do centro de refugiados estava gritando tanto. Richard levantou-se e aproximou-se do rádio. Odenigbo aumentou o volume. A refugiada acrescentou: "Eles disseram que os vândalos estão chegando com varas para espancar os civis até mais não poder. Nós vamos para o mato". Virando-se, correu de volta para o centro.

Aproveito a oportunidade para cumprimentar os oficiais e os homens de nossas forças armadas pelo heroísmo e pela bravura que lhes valeram a admiração do mundo todo. Agradeço a população civil pela tenacidade e pela coragem diante de dificuldades esmagadoras e diante da fome. Estou convencido de que o sofrimento de nosso povo tem que terminar imediatamente. E, para tanto, determinei que as tropas sejam dispensadas em ordem. E peço ao general Gowon que seja humano e que ordene a seus soldados uma pausa, enquanto prosseguem as negociações do armistício.

Depois da transmissão, Olanna sentiu-se atordoada de descrença. Sentou-se.

"E agora, *mah*?", perguntou Ugwu, sem qualquer expressão no rosto.

Ela desviou o olhar para os cajueiros cobertos de pó, depois para cima, na direção do céu que se curvava rumo à terra numa parede sem nuvens.

"Agora posso sair para encontrar minha irmã", disse baixinho.

Passou-se uma semana. Uma caminhonete da Cruz Vermelha chegou ao centro de refugiados e duas mulheres distribuíram copos de leite. Muitas famílias saíram de lá para buscar parentes desaparecidos ou para se esconder no mato, receosos dos soldados nigerianos que viriam com o chicote na mão. Mas na primeira vez em que Olanna viu soldados nigerianos, na estrada principal, eles não pareciam estar segurando chicotes. Andavam para

cima e para baixo, falavam ioruba em voz alta entre si, riam e gesticulavam para as moças. "Venha se casar comigo agora, e eu lhe dou arroz e feijão."

Olanna foi fazer parte da multidão que os observava. As fardas passadas e de caimento elegante, as botas negras bem engraxadas, os olhares confiantes deles a encheram com o vazio de quem se vê roubada. Eles haviam bloqueado a estrada e estavam mandando os carros voltar. Nenhum movimento, ainda. Nenhum movimento. Odenigbo queria ir até Abba, ver onde estava enterrada sua mãe, e todos os dias andava até a estrada principal para ver se os soldados nigerianos estavam deixando os carros passar.

"Nós devíamos fazer as malas", disse ele a Olanna. "As estradas vão abrir em um ou dois dias. Saímos bem cedo para dar tempo de parar em Abba e chegamos a Nsukka antes do escurecer."

Olanna não queria fazer as malas — havia muito pouco para guardar, de todo modo —, e não queria ir a lugar nenhum. "E se Kainene voltar?", perguntou.

"*Nkem*, ela encontra a gente com facilidade."

Odenigbo saiu. Era fácil para ele dizer que Kainene conseguiria achá-los. Como é que podia saber? Como é que podia saber, por exemplo, se ela fora ferida ou não? E se não pudesse viajar longas distâncias? Ela se arrastaria até ali, pensando encontrar gente para cuidar dela, e encontraria uma casa vazia.

Apareceu um homem no *compound*. Olanna o fitou por algum tempo, antes de reconhecer o primo Odinchezo, e aí gritou, correu para ele, abraçou-o e recuou para olhá-lo de novo. Ela não o via desde o dia de seu casamento, ele e o irmão, os dois de farda da milícia.

"E o Ekene?", perguntou, temerosa. "Ekene *kwanu*?"

"Ele está em Umunnachi. Eu vim assim que soube onde você estava. Estou indo para Okija. Dizem que alguns parentes da mãe estão por lá." Olanna entrou com ele em casa e levou-lhe um copo de água. "E como você está, meu irmão?"

"Nós não morremos", disse.

Olanna sentou-se ao lado e pegou na mão dele; havia calos inchados e brancos nas duas palmas. "Como foi que se viraram nas estradas, com os soldados nigerianos?"

"Eles não causaram nenhum problema. Eu falei em hauçá com eles. Um até tirou um retrato de Ojukwu e me pediu para urinar em cima, e eu obe-

deci." Odinchezo sorriu, um sorriso cansado, delicado, e ficou tão parecido com tia Ifeka que as lágrimas encheram os olhos de Olanna.

"Não, não, Olanna", disse ele, e a abraçou. "Kainene vai voltar. Uma mulher de Umudioka saiu para fazer um ataque *afia*, mas os vândalos ocuparam aquele setor, de modo que ela ficou sem poder sair dali durante quatro meses. Voltou para a família dela ontem."

Olanna sacudiu a cabeça, mas não contou a ele que não era Kainene, não era apenas Kainene, que a fazia chorar. Enxugou os olhos. Ele a segurou por alguns momentos mais, e, antes de se levantar, pôs uma nota de cinco libras em sua mão. "Agora me deixe ir", disse ele. "A estrada é longa." Olanna olhou o dinheiro. O frescor vermelho e mágico da nota a surpreendeu. "Odinchezo! Isto é demais!"

"Alguns de nós da Biafra-Dois tínhamos dinheiro nigeriano, e trocamos com eles, mesmo estando na milícia", disse Odinchezo, encolhendo os ombros. "E você não tem dinheiro nigeriano, tem?"

Ela abanou a cabeça; nunca tinha visto o novo dinheiro nigeriano. "Espero que não seja verdade o que andam dizendo, que o governo vai assumir todas as contas bancárias dos biafrenses."

Olanna encolheu os ombros. Ela não sabia. As notícias eram confusas e contraditórias. Primeiro tinham ouvido dizer que todo o pessoal universitário de Biafra deveria se apresentar para liberação militar em Enugu. Depois veio a notícia de que deveriam se apresentar em Lagos. E aí só os envolvidos com os militares biafrenses é que deveriam se apresentar.

Mais tarde, quando foi ao mercado com Baby e Ugwu, ficou boquiaberta com as montanhas de arroz e feijão exibidas nas bacias, com o deliciosamente malcheiroso peixe, com a carne sangrenta que atraía as moscas. Alimentos que pareciam ter caído do céu, envoltos num maravilhamento quase perverso. Observou as mulheres, mulheres biafrenses, regateando, dando o troco em libras nigerianas como se fosse uma moeda que tivessem usado a vida inteira. Ela comprou um pouco de arroz e peixe seco. Não quis se desfazer de grande parte do dinheiro; não sabia o que viria pela frente.

Odenigbo chegou em casa dizendo que as estradas estavam abertas. "Nós partimos amanhã."

Olanna foi para o quarto e começou a chorar. Baby subiu no colchão, deitou do lado e a abraçou.

"Mami Ola, não chore; *ebezi na*", disse Baby, e a pequenez morna dos braços de Baby em seu corpo a fizeram soluçar mais alto ainda. Baby continuou com ela, segurando-a, até ela parar de chorar e enxugar os olhos.

Richard partiu aquela noite.

"Vou procurar Kainene nas cidades vizinhas à região de Ninth Mile", disse ele.

"Espere até amanhecer", disse Olanna.

Richard abanou a cabeça.

"Você tem combustível?", perguntou Odenigbo.

"O suficiente para me levar até Ninth Mile, se eu for em ponto morto nas ladeiras."

Olanna lhe deu um pouco de seu dinheiro nigeriano, antes que ele partisse com Harrison. E, na manhã seguinte, com tudo que tinham dentro do carro, escreveu um bilhete apressado e deixou na sala.

Ejima m, *nós estamos indo para Abba e depois Nsukka. Voltaremos em uma semana para ver como está a casa. O.*

Gostaria de ter acrescentado *estou com saudade* ou *espero que tudo tenha ido bem*, mas resolveu que era melhor não. Kainene daria risada e diria algo como *eu não saí para tirar férias, pelo amor de Deus, eu fiquei isolada em território inimigo.*

Ela entrou no carro e olhou para os cajueiros.

"A tia Kainene vai para Nsukka também?", perguntou Baby.

Olanna virou-se e olhou cuidadosamente para o rosto de Baby, à procura de um sinal de clarividência, de um sinal de que Baby sabia que a tia voltaria. De início, pensou ter visto o sinal, mas depois não teve mais muita certeza.

"Vai, meu tesouro", disse ela. "Tia Kainene vai para Nsukka."

"Ela ainda está negociando?"

"Está."

Odenigbo ligou o carro. Tirou os óculos e embrulhou-os num pano. Eles tinham ouvido dizer que os soldados nigerianos não gostavam de gente com cara de intelectual.

"Você consegue ver o suficiente para dirigir?", perguntou Olanna.

"Consigo." Olhou para trás, para Ugwu e Baby, antes de sair do *compound*. Passaram por algumas barreiras, controladas por soldados nigerianos, e Odenigbo murmurava alguma coisa toda vez que eles o deixavam passar. Em Abagana, passaram pela frota destruída da Nigéria, uma longa, enorme coluna de veículos calcinados. Olanna não tirava os olhos. *Nós fizemos isso*. Estendeu a mão e pegou na de Odenigbo.

"Eles venceram, mas nós fizemos isso", disse ela, e percebeu como era esquisito dizer *eles venceram*, dar voz a uma derrota na qual não acreditava. Seu sentimento não era o de ter sido derrotada; era de ter sido enganada. Odenigbo apertou a mão de Olanna. Ela pressentiu o nervosismo dele na tensão do maxilar, quando foram se aproximando de Abba.

"Será que minha casa ainda está de pé?", disse ele.

O mato despontara por toda parte; as pequenas casas estavam completamente envolvidas pelo capim amarronzado. Havia uma touceira crescendo no portão do *compound* da família e ele estacionou perto, com o peito subindo e descendo, a respiração ofegante. A casa continuava em pé. Atravessaram um capim denso e seco até lá, e Olanna olhou em volta, com medo de ver o esqueleto de Mama jogado em algum lugar. Porém o primo a enterrara; perto da goiabeira, havia uma pequena elevação de terra e uma cruz, feita de forma grosseira com dois galhos. Odenigbo ajoelhou-se ali, puxou um tufo de capim e ficou com ele na mão.

Foram para Nsukka em estradas marcadas por buracos de bala e crateras de bombas; Odenigbo tinha que desviar o tempo todo. Viram prédios enegrecidos, telhados explodidos, paredes semidestruídas. Aqui e ali, carcaças calcinadas de carros queimados. Reinava uma estranha calma. Perfis recurvos de abutres enchiam o horizonte. Chegaram a uma barreira. Alguns homens cortavam o mato alto na beira da estrada, os cutelos balançando para cima e para baixo; outros levavam grossas tábuas até uma casa cujas paredes pareciam um queijo suíço, crivadas de balas, umas grandes, outras pequenas.

Odenigbo parou ao lado de um oficial nigeriano. A fivela de seu cinto reluzia e ele se curvou para olhar dentro do carro, um rosto escuro com dentes muito brancos.

"Por que ainda estão com placas de Biafra? Vocês apoiam os rebeldes derrotados?" Ele tinha uma voz alta, inventada; era como se estivesse num palco, ciente do seu papel de valentão. Atrás dele, um dos rapazes gritava com os trabalhadores. O cadáver de um homem morto jazia na acostamento, junto ao mato.

"Nós vamos mudar assim que chegarmos a Nsukka", disse Odenigbo.

"Nsukka?" O oficial endireitou o corpo e riu. "Sei, a Universidade de Nsukka. Foram vocês que planejaram a revolta com Ojukwu, vocês, gente estudada."

Odenigbo não disse nada e continuou olhando em frente. O oficial abriu a porta do carro com um puxão violento. "*Oya*! Saia e carregue um pouco de lenha para nós. Vamos ver se consegue ajudar uma Nigéria unida."

Odenigbo olhou para ele. "Para quê?"

"Está perguntando para mim? Eu disse para você sair e ajudar!"

Um soldado ao lado do oficial apontou a arma.

"Isso é uma piada", resmungou Odenigbo. "*O na-egwu egwu*."

"Saia!", disse o oficial.

Olanna abriu a porta. "Venham, Odenigbo e Ugwu. Baby, fique sentada no carro."

Quando Odenigbo saiu, o oficial lhe deu um tapa no rosto com tamanha violência, de forma tão inesperada, que ele caiu contra o carro. Baby chorava.

"Não está agradecido por não matarmos todos vocês? Saia e carregue aquelas tábuas rápido, duas de cada vez!"

"Deixe a minha mulher ficar com nossa filha, por favor", disse Odenigbo.

O som do segundo bofetão dado pelo oficial não foi tão alto quanto o primeiro. Olanna não olhou para Odenigbo; concentrou-se cuidadosamente num dos homens que levava uma pilha de blocos de concreto, as costas nuas e magras cobertas de suor. Depois andou até a pilha de tábuas e apanhou duas. De início, tropeçou sob o peso — não esperava que fossem tão pesadas —, depois se equilibrou e começou a andar com elas até a casa. Quando largou as tábuas, estava transpirando. Reparou nos olhos de cobiça de um dos soldados, que a seguiam como se pudessem atravessar as roupas. Na segunda viagem, ele tinha se aproximado e estava de pé ao lado da pilha.

Olanna olhou para ele, depois chamou: "Oficial!".

O oficial tinha acabado de deixar um carro passar. Virou-se. "O que foi?"

"Acho melhor o senhor dizer para o rapaz aqui que é bom ele nem pensar em me tocar", disse Olanna.

Ugwu estava atrás e Olanna pressentiu a hora em que prendeu a respiração, em pânico com a ousadia dela. Porém o oficial riu; parecia ao mesmo tempo espantado e impressionado. "Ninguém vai tocar em você", disse ele. "Meus rapazes são treinados. Não são como aqueles rebeldes sujos que seu povo chama de exército."

Parou outro carro, um Peugeot 403. "Saia do carro já!"

Um homenzinho pequeno saltou e parou ao lado do carro. O oficial estendeu o braço, puxou os óculos do rosto dele e os jogou no mato. "Ah, agora não consegue ver nada? Mas conseguia ver para escrever propaganda em nome de Ojukwu, certo? Não era isso que todos vocês, funcionários públicos, faziam?"

O homem franziu a vista e esfregou os olhos.

"Deite-se", disse o oficial. O homem deitou-se no asfalto. O oficial pegou uma vareta longa e começou a chicotear o homem nas costas e nas nádegas, *ta-wai*, *ta-wai*, *ta-wai*, e o homem berrou alguma coisa que Olanna não entendeu.

"Diga *Obrigado*, *sah*!", disse o oficial.

O homem disse: "Obrigado, senhor".

"Diga de novo!"

"Obrigado, senhor!"

O oficial parou e fez um gesto para Odenigbo. "*Oya*, pessoal dos estudos, vocês podem ir. E não se esqueçam de trocar essas placas."

Foram rápidos e calados para o carro. A palma das mãos de Olanna doía. O oficial ainda batia no homem quando partiram.

35.

Ugwu agachou-se ao lado da moita de flores brancas cobertas de folhagem, olhando para os livros queimados. Eles tinham sido empilhados, antes de serem incendiados, de modo que escavou com as mãos para ver se as chamas haviam deixado alguma coisa intacta no fundo. Conseguiu tirar dois livros inteiros e limpou a capa na camisa. Nos semiqueimados, ainda conseguia enxergar algumas palavras e imagens.

"Por que eles queimaram todos eles?", perguntou Olanna, brandamente. "Pense só no esforço para pôr fogo em tudo isso."

O Patrão agachou-se ao lado de Ugwu e começou a procurar entre os papéis calcinados, resmungando: "Minhas pesquisas todas estão aqui, *neke-ne nke*, este é um dos meus *rank tests* para a detecção de sinais...". Depois de um tempo, sentou na terra nua, com as pernas estendidas à frente, coisa que Ugwu desaprovou em silêncio; havia algo de indigno, de desarvorado em alguém sentado assim. Olanna segurava a mão de Baby, olhando para o pinheiro rangendo, para as ixoras e os lírios, tudo já sem forma e emaranhado. A própria rua Odim estava sem forma, emaranhada, com ambos os lados enredados em densas moitas. Até mesmo os blindados nigerianos, abandonados no fim da rua, tinham capim crescendo dos pneus.

Ugwu foi o primeiro a entrar. Olanna e Baby foram atrás. Havia teias leitosas de aranha penduradas pela sala. Ele olhou para cima e viu uma enorme aranha negra movendo-se devagar por sua rede, como se não se importasse com a presença deles, ainda confiante de que aquela era sua casa. Os sofás, as cortinas, o tapete e as estantes tinham sumido. Até as vidraças haviam desaparecido, deixando grandes buracos nas janelas, por onde os ventos secos do harmatão tinham soprado tanto pó que as paredes estavam agora de um marrom uniforme. Os grãos de poeira vagavam feito fantasmas na

sala vazia. Na cozinha, apenas o pesado pilão de madeira fora deixado para trás. No corredor, Ugwu apanhou um frasco coberto de pó do chão; ao erguê-lo até o nariz, sentiu cheiro de coco. O perfume de Olanna.

Baby começou a chorar quando entraram no banheiro. As pilhas de fezes na banheira estavam secas, nacos obscenos que lembravam pedras. Páginas tinham sido arrancadas da revista *Drum* e usadas como papel higiênico, e as manchas cascudas besuntavam as letras. Estavam espalhadas pelo chão. Olanna pediu a Baby para parar de chorar e Ugwu se lembrou dela brincando com seu patinho amarelo naquela banheira. Abriu a torneira, que chiou, mas não verteu água. O capim no quintal chegava até os ombros, alto demais para atravessar direto, de modo que ele encontrou um pau e foi batendo para abrir caminho. A casa de abelhas que havia no cajueiro se fora. A porta do Alojamento dos Criados estava entreaberta, sustentada por dobradiças esmagadas, e ele empurrou, lembrando-se da camisa que tinha deixado pendurada num prego na parede. Sabia que não estaria mais lá, é claro, no entanto olhou para a parede, em busca dela. Anulika tinha admirado aquela camisa. Estava emocionado e assustado porque, dali a algumas horas, iria ver Anulika, porque, dali a pouco, iria finalmente voltar para casa. Não se permitia pensar em quem estava vivo e em quem morrera. Apanhou coisas do chão imundo, uma arma enferrujada e um exemplar inchado e meio comido da *Socialist Review*. Jogou de novo no chão e, no eco que reverberou pelo quarto, alguma coisa, quem sabe um rato, passou correndo.

Ele queria limpar. Queria esfregar feito um doido. Porém receava que isso não fosse mudar nada. Talvez a casa estivesse conspurcada nas próprias fundações, e o cheiro ressequido de algo morto havia muito tempo continuaria impregnando os aposentos, o barulho dos ratos continuaria ressoando no forro. O Patrão encontrou uma vassoura e varreu ele mesmo o escritório, deixando uma pilha de cocô de lagarto e poeira do outro lado da porta. Ugwu olhou para o escritório e viu o Patrão sentado na única cadeira que sobrara, uma que estava com uma perna quebrada e que ele encostara na parede, para manter o equilíbrio; estava curvado sobre papéis e pastas semiqueimados.

Ugwu cutucou as fezes no banheiro com um pau, resmungando pragas contra os vândalos e todos os seus descendentes, e já havia lavado a banhei-

ra quando Olanna lhe pediu para deixar a limpeza para depois da visita à família.

Ugwu ficou imóvel enquanto Chioke, a segunda mulher de seu pai, atirava areia nele. "Você é real, Ugwu?", perguntou ela. "É real?"

Ela se curvava, apanhava punhados de areia e jogava sobre ele em movimentos rápidos, e a areia caía em seus ombros, braços, barriga. Por fim, ela parou e o abraçou. Ele não tinha desaparecido; não era um espírito. Vieram outras pessoas abraçá-lo, esfregar seu corpo para acreditar na sua existência, como se a areia não tivesse provado a eles que não era um espírito. Algumas mulheres choravam. Ugwu examinou as fisionomias em volta, todas bem mais magras, todas com uma profunda exaustão impressa na pele, até mesmo as crianças. Porém era Anulika a que mais parecia mudada. Seu rosto estava coberto de cravos e espinhas, e ela não olhou nos olhos do irmão, quando disse, em lágrimas: "Você não morreu, você não morreu". Ficou espantado de ver que a irmã que achava ser linda não era mais. Era uma estranha, feia, e vesga de um olho.

"Me disseram que meu filho tinha morrido", disse o pai, pegando-o pelo ombro.

"Onde está Mama?", perguntou.

Antes que o pai falasse, Ugwu já sabia. Soube no momento em que Chioke saiu para recebê-lo. Devia ter sido sua mãe; ela teria pressentido sua presença e ido até o bosque de *ubes*.

"Sua mãe não está mais conosco", disse o pai.

Lágrimas quentes encheram os olhos de Ugwu. "Deus nunca vai perdoá-los."

"Cuidado com o que você diz!" O pai olhou em volta, receoso, embora ele e Ugwu estivessem sozinhos. "Não foram os vândalos. Ela morreu de tosse. Deixa eu mostrar onde está enterrada."

O túmulo não tinha nome. Um pé de inhame, de um verde vivo, crescia no local.

"Quando?", perguntou Ugwu. "Quando ela morreu?"

Parecia surreal perguntar *Quando ela morreu?* sobre a própria mãe. E não tinha importância a data em que ela tinha morrido. Com o pai falando palavras que não faziam sentido, Ugwu caiu de joelhos, pôs a testa no chão e

cobriu a cabeça com as mãos, como se para se proteger de algo que despencaria lá do alto, como se essa fosse a única posição possível para absorver a morte da mãe. O pai o deixou e voltou para sua cabana. Mais tarde, Ugwu sentou-se com Anulika sob uma árvore de fruta-pão.

"Como foi que Mama morreu?"

"De tosse."

Ela não respondeu nenhuma outra de suas perguntas da forma como ele esperava, não houve gestos cheios de energia, nenhum comentário aguçado nas respostas: sim, eles fizeram a cerimônia do vinho pouco antes de os vândalos ocuparem a aldeia. Onyeka estava bem. Tinha ido para a fazenda. Não tinham filhos, ainda. Ela desviava a vista o tempo todo, como se não se sentisse à vontade sentada ao lado dele, e Ugwu se perguntou se por acaso não havia imaginado o jeito fácil como se comunicavam antes. Ela parecia aliviada quando ouviu o chamado de Chioke; levantou rápido e foi embora.

Ugwu observava as crianças correndo em volta da árvore de fruta-pão, com provocações e berros, quando Nnesinachi chegou com uma criança nos quadris e olhos faiscantes. Ela não estava nem um pouco mudada; ao contrário dos outros, não parecia mais magra. Seus seios estavam um pouco maiores, porém, e empurravam o tecido da blusa. Ela o abraçou apertado. O bebê gritou.

"Eu sabia que você não tinha morrido", disse ela. "Eu sabia que seu *chi* estava bem acordado."

Ugwu tocou no rosto da criança. "Você se casou durante a guerra?"

"Não casei não." Transferiu o bebê para o outro quadril. "Eu morei com um soldado hauçá."

"Com um vândalo?" Isso era algo inconcebível, para Ugwu.

Nnesinachi fez que sim com a cabeça. "Eles estavam morando na nossa cidade e ele era bom para mim. Se eu estivesse aqui na época, o que aconteceu com Anulika jamais teria acontecido. Mas eu tinha viajado até Enugu com ele, para comprar algumas coisas."

"O que aconteceu com Anulika?"

"Você não sabe?"

"O quê?"

"Eles a estupraram. Cinco deles." Nnesinachi sentou-se e pôs o bebê no colo.

Ugwu olhou o céu longínquo. “Onde foi?”

“Já faz mais de um ano, isso.”

“Eu perguntei onde.”

“Ah.” A voz de Nnesinachi tremeu. “Perto do regato.”

“Aqui fora?”

“Foi.”

Ugwu curvou-se e pegou uma pedra.

“Disseram que o primeiro que subiu nela, ela mordeu no braço e arrancou sangue. Eles quase a mataram de pancada. Um dos olhos nunca mais quis abrir direito.”

Mais tarde, Ugwu deu uma volta pelo povoado e, quando chegou ao riacho, lembrou-se da fila de mulheres que iam buscar água pela manhã; sentou numa pedra e soluçou.

De volta a Nsukka, Ugwu não contou a Olanna sobre o estupro da irmã. Ela passava fora quase todo o tempo. Recebia recados e mais recados sobre onde mulheres que se pareciam com Kainene tinham sido vistas e, por isso, foi a Enugu, Onitsha e Benin, mas sempre voltava cantarolando baixinho. “Eu vou encontrar minha irmã”, dizia, quando Ugwu lhe perguntava como tinha sido a viagem.

“Vai sim, *mah*, claro que vai”, dizia Ugwu, porque tinha de acreditar, em nome dela, que Olanna encontraria Kainene.

Ele limpava a casa. Ia ao mercado. Visitava a Praça da Liberdade para ver a montanha de livros calcinados que os vândalos tinham tirado da biblioteca e queimado. Brincava com Baby. Sentava na escada que levava ao quintal e escrevia em pedaços de papel. As galinhas cacarejavam no quintal vizinho. Ele olhava por cima da cerca e se perguntava por onde andaria Chinyere, o que tinha achado dele, se tinha sobrevivido. O dr. Okeke e sua família ainda não tinham voltado, e agora um homem de pernas arqueadas, um professor de química que cozinhava em fogão a lenha e tinha um galinheiro, morava ali. Um dia, na luz fraca do crepúsculo, Ugwu olhou e viu três soldados invadindo o *compound* e saindo momentos depois, arrastando o professor.

Ugwu ouvira dizer que os soldados nigerianos haviam prometido matar cinco por cento de todos os acadêmicos de Nsukka, e ninguém tinha notí-

cias do professor Ezeka desde a sua prisão em Enugu, mas de repente tudo ficou mais real quando viu o professor da casa ao lado sendo arrastado para fora. De modo que, dias depois, quando escutou batidas fortes na porta da frente, pensou que tinham ido buscar o Patrão. Ele diria que o Patrão não estava em casa; diria até que o Patrão morrera. Correu antes até o escritório, cochichou "Se esconde debaixo da mesa, *sah!*" e, depois, correu até a porta da frente, fazendo cara de burro. Porém, em vez do verde ameaçador das fardas do exército, do brilho das botas e das armas, ele viu um caftã marrom, sandálias sem salto e um rosto familiar que levou alguns momentos para reconhecer: a srta. Adebayo.

"Boa tarde", disse Ugwu. Estava perto de se sentir decepcionado.

Ela olhava para dentro da casa, para o que havia atrás de Ugwu, e em seu rosto se via um medo enorme; um medo tão grande que a deixava sem expressão nenhuma, como se fosse uma caveira com dois buracos esbugalhados no lugar dos olhos.

"Odenigbo?", sussurrava ela. "Odenigbo?"

Ugwu percebeu na hora que isso era tudo que ela conseguia dizer, que talvez nem o tivesse reconhecido e que não era capaz de fazer a pergunta completa: *Odenigbo está vivo*?

"Meu Patrão está bem", disse Ugwu. "Está lá dentro."

Ela olhava para ele. "Ó, Ugwu! Como você cresceu." Ela entrou. "Onde ele está? Como ele está?"

"Eu vou chamá-lo, *mah*."

O Patrão estava na porta do escritório. "O que está havendo, meu bom homem?", perguntou.

"É a senhorita Adebayo, *sah*."

"E você veio me dizer para eu me esconder embaixo da mesa por causa da senhorita Adebayo?"

"Eu pensei que fossem os soldados, *sah*."

A srta. Adebayo abraçou o Patrão e segurou-o por tempo demais. "Eles disseram que ou você ou Okeoma não conseguiu voltar..."

"Okeoma não conseguiu voltar." O Patrão repetiu sua frase como se não aprovasse a expressão.

A srta. Adebayo sentou-se e começou a chorar. "Sabe que nós não entendemos de fato o que se passava em Biafra? Em Lagos, a vida continuou seguindo seu curso e as mulheres usavam as rendas mais recentes do merca-

do. Só quando fui a Londres, para participar de uma conferência, e li um relatório sobre a fome é que fiquei sabendo." Ficou calada algum tempo. "Assim que acabou, eu me juntei aos voluntários do Mayflower e cruzei o Níger com comida..."

Ugwu não gostava dela. Não gostava de sua nigerianice. No entanto, uma parte dele estava disposta a perdoar, se isso pudesse trazer de volta aquelas noites de antes, quando ela discutia com o Patrão numa sala que cheirava a conhaque e cerveja. Agora, ninguém vinha visitá-los, exceto Mister Richard. Havia uma nova familiaridade na presença dele. Era mais como se ele fosse da família, do jeito como sentava na sala, lendo, enquanto Olanna cuidava dos seus afazeres e o Patrão ficava no escritório.

As batidas na porta, algumas noites depois, quando Mister Richard estava de visita, irritou Ugwu. Pôs as folhas de papel na mesa da cozinha. Será que a srta. Adebayo não podia entender que o melhor seria voltar para Lagos e deixá-los sossegados? Na porta, recuou um passo quando viu os dois soldados através do vidro. Eles agarraram a maçaneta e sacudiram a porta trancada. Ugwu abriu-a. Um deles usava um gorro verde e o outro tinha uma verruga branca no queixo, como uma semente de fruta.

"Todo mundo desta casa, todos deitados de barriga no chão!"

O Patrão, Olanna, Ugwu, Baby e Mister Richard se estenderam no chão da sala de estar, enquanto os soldados reviravam a casa. Baby fechou os olhos e ficou absolutamente imóvel, de barriga colada ao chão.

O de gorro verde tinha os olhos vermelhos, flamejantes, e gritou e rasgou alguns papéis da mesa. Foi ele que pisou com a bota nas costas de Mister Richard e disse: "Homem branco! *Oyinbo*! Não se faça de importante com a gente, hem!". Foi ele, também, que pôs a arma na cabeça do Patrão e disse: "Tem certeza de que não está escondendo nenhum dinheiro biafrense aqui?".

O outro, com a verruga no queixo, disse: "Estamos atrás de tudo quanto é material que ameace a unidade da Nigéria", depois foi até a cozinha e voltou com dois pratos transbordando de arroz *jollof* feito por Ugwu. Depois de comerem, tomarem um pouco de água e arrotarem bem alto, entraram na caminhonete e se foram. Tinham deixado a porta da frente aberta. Olanna levantou-se primeiro. Foi até a cozinha e jogou o resto do arroz *jollof* na lata de lixo. O Patrão trancou a porta. Ugwu ajudou Baby a se levan-

tar e levou-a para dentro. “Hora do banho”, disse ele, embora ainda fosse um pouco cedo.

“Eu tomo sozinha”, disse Baby, de modo que ele parou e ficou vendo a menina se banhar sozinha pela primeira vez. Ela jogou um pouco de água nele, rindo, e ele se deu conta de que ela não iria precisar dele para sempre.

De volta à cozinha, encontrou Mister Richard lendo as folhas de papel que ele tinha deixado na bancada.

“Isso é fantástico, Ugwu.” Ele parecia surpreso. “Olanna lhe contou sobre a mulher que ela encontrou no trem, levando a cabeça do filho?”

“Contou, *sah*. Vai fazer parte de um livro grande. Vou levar uma porção de anos para terminar, e vou chamar de ‘Narrativa da vida de um país’.”

“Muito ambicioso”, disse Mister Richard.

“Bem que eu gostaria de ter aquele livro do Frederick Douglass.”

“Deve ter sido um dos livros que eles queimaram”, disse Mister Richard, balançando a cabeça. “Bom, na semana que vem vou para Lagos e vejo se encontro um exemplar para você. Vou ver os pais de Kainene. Mas antes vou a Port Harcourt e Umuahia.”

“Umuahia, *sah*?”

“Isso.”

Mister Richard não disse mais nada; nunca falava sobre suas buscas. “Se tiver tempo, *sah*, por favor, pergunte sobre uma pessoa para mim?”

“Eberechi?”

Um sorriso se abriu no rosto de Ugwu antes que ele pudesse recuperar o ar solene outra vez. “Ela, *sah*.”

“Claro.”

Ugwu deu o nome da família e o endereço e Mister Richard anotou; depois, ficaram ambos calados e Ugwu buscou, desajeitadamente, algo para dizer. “O senhor ainda está escrevendo aquele seu livro, *sah*?”

“Não.”

“‘O mundo estava calado enquanto nós morríamos.’ É um bom título.”

“É, de fato é. Saiu de uma frase que o coronel Madu me disse uma vez.” Richard calou-se. “A guerra não é história para eu contar, na verdade.”

Ugwu concordou de cabeça. Nunca tinha achado que era.

“Posso lhe dar uma carta, para o caso de encontrar Eberechi, *sah*?”

“Claro.”

Ugwu pegou as folhas de papel da mão de Mister Richard e, virando-se para fazer o jantar de Baby, cantou bem baixinho.

36.

Richard andou até o pomar e foi até o lugar onde costumava sentar para olhar o mar. Sua laranjeira predileta se fora. Muitas das árvores haviam sido derrubadas e o pomar agora tinha trechos de grama cultivada. Olhou para o ponto onde Kainene queimara seu manuscrito e lembrou-se de que, dias antes, em Nsukka, não sentira nada, absolutamente nada, vendo Harrison cavar o jardim sem parar. "Desculpe, *sah*. Eu enterro o mãoscrito aqui, eu sei que enterro aqui."

A casa de Kainene fora pintada de um verde desmaiado; a buganvília que coroava a varanda tinha sido derrubada. Richard deu a volta até a porta da frente, tocou a campainha e imaginou Kainene saindo e dizendo que estava tudo bem com ela, que simplesmente resolvera passar um tempo sozinha. A mulher que apareceu tinha tênues marcas tribais no rosto, duas linhas em cada face. Ela abriu só uma fresta da porta. "Pois não?"

"Boa tarde", disse Richard. "Meu nome é Richard Churchill. Sou o noivo de Kainene Ozobia."

"Sim?"

"Eu vivia nesta casa. Esta casa é de Kainene."

O rosto da mulher enrijeceu. "Isto era propriedade abandonada. Agora é minha casa." E começou a fechar a porta.

"Por favor, espere", disse Richard. "Eu gostaria de pegar nossas fotos, por favor. Será que posso ficar com algumas fotos de Kainene? As que estão no álbum, na estante do escritório?"

A mulher assobiou. "Eu tenho um cachorro feroz e se você não for embora agora, eu ponho ele atrás de você."

"Por favor, só as fotos."

A mulher assobiou de novo. De algum lugar, lá dentro, Richard escutou um cachorro grunhir. Virou-se lentamente e foi embora. Enquanto dirigia, as janelas abertas, o cheiro do mar no nariz, pensou nas muitas vezes em que Kainene o tinha conduzido por aquela mesma estrada solitária. Na cidade, passou por uma mulher alta, mas ela tinha a pele clara demais para ser Kainene. Demorara para ir até Port Harcourt porque queria primeiro encontrá-la, para irem juntos visitar a casa, verem juntos o que tinham perdido. Ela tentaria recuperá-la, ele tinha certeza, escreveria petições, iria a juízo, contaria para todo mundo que o governo federal tinha roubado sua casa, naquele seu jeito destemido. Da mesma forma que impedira que aquele soldado apanhasse mais ainda. Era a última lembrança total que tinha dela, e a mente fazia edições a seu bel-prazer — às vezes os panos amarfanhados de sono que trazia na cintura eram salpicados de ouro, outras vezes, de vermelho.

Mas não teria voltado àquela casa se a mãe de Kainene não tivesse pedido.

"Vá até a casa, Richard, por favor vá dar uma olhada." A voz ao telefone era um fiapo. Durante as primeiras conversas, depois que o casal voltou de Londres, ela parecia tão diferente, tão cheia de certeza.

"Kainene deve ter ficado ferida em algum lugar. Precisamos espalhar isso. E temos de fazer isso rápido, para poder transferi-la para um hospital melhor. Quando ela ficar boa, vou lhe perguntar o que ela acha que podemos fazer a respeito daquela ovelha ioruba que achávamos que era um amigo. Imagine o sujeito nos obrigando a comprar nossa própria casa. Imagine forjar documentos de propriedade e tudo o mais e dizer que devíamos agradecer por ele não estar pedindo muito; e, além disso, levou a mobília. O pai de Kainene morre de medo de dizer qualquer coisa. Ficou agradecido porque manteve uma casa que já era sua. Kainene jamais toleraria uma coisa dessas."

Ela agora estava diferente. Era como se, com o passar do tempo, tivesse se esvaziado da fé. Apenas vá e dê uma olhada na casa. Não falava mais em coisas específicas, definitivas. Madu estava com eles, em Lagos, agora que fora solto de sua longa detenção no presídio Alagbon; agora que fora demitido do exército nigeriano; agora que recebera cinquenta libras por todo o dinheiro que tinha antes e durante a guerra. Foi Madu quem obteve a notícia de que uma mulher alta, magra e instruída fora encontrada vagando

em Onitsha. Richard foi com Olanna para Onitsha e a mãe encontrou com eles na cidade, mas a mulher não era Kainene. Richard tinha tamanha certeza de que seria Kainene — ela estava com amnésia, esquecera sua identidade, tudo fazia sentido —, que, quando olhou nos olhos da estranha, pela primeira vez sentiu ódio profundo de uma pessoa que nem conhecia.

Pensava nisso indo para Umuahia, onde pretendia visitar o centro de deslocados de guerra. O prédio estava vazio. Ali perto, uma cratera de bomba continuava escancarada, sem conserto. Teve de rodar um pouco antes de achar o endereço que Ugwu lhe dera. A mulher de idade que ele cumprimentou parecia totalmente indiferente, como se fosse usual um branco falando ibo aparecer na sua porta e perguntar por uma parente. Isso deixou Richard surpreso; estava acostumado com pessoas reparando, se maravilhando com um branco falando ibo. Ela lhe trouxe um banquinho. Contou-lhe que era irmã do pai de Eberechi e, assim que ela lhe contou o que tinha acontecido com Eberechi, Richard tomou a decisão de não contar a Ugwu. Jamais contaria a Ugwu. A tia de Eberechi tinha um lenço branco na cabeça e panos encardidos em volta do peito, e falava tão baixinho que Richard tinha de pedir para ela repetir. Ela olhou para ele uns momentos antes de lhe dizer, de novo, que Eberechi tinha sido morta num ataque, que isso acontecera no dia em que Umuahia caíra, e que, poucos dias depois, o irmão de Eberechi, que servia o exército, voltou, são e salvo. Richard não sabia por quê, mas contou à mulher sobre Kainene.

"Minha mulher saiu para fazer um ataque *afia*, alguns dias antes de a guerra terminar, e nunca mais a vimos."

A mulher deu de ombros. "Um dia você vai ficar sabendo."

Richard pensava nessas palavras, a caminho de Lagos, no dia seguinte, e se convenceu ainda mais de que não devia dizer a Ugwu que Eberechi tinha morrido. Um dia, Ugwu saberia. Por enquanto, não iria estraçalhar seu sonho.

Chovia quando chegou a Lagos. No rádio do carro, o discurso de Gowon era transmitido mais uma vez: *Sem vencedores e sem vencidos*. Jornaleiros ambulantes circulavam entre os carros, com o jornal dentro de sacos plásticos. Ele não lia mais jornais porque todos que abria pareciam ter o anúncio que os pais de Kainene haviam mandado publicar, com uma foto dela tirada na piscina, sob a manchete desaparecida. Era deprimente, tão depri-

mente quanto tia Elizabeth lhe dizendo para "ser forte", com a voz trêmula ao telefone, como se houvesse alguma coisa que ela sabia e ele não. Richard não precisava ser forte para nada. E Kainene não estava desaparecida; estava só dando um tempo, antes de voltar para casa.

A mãe dela o abraçou. "Você tem comido, Richard?", perguntou, com um tom carinhoso, familiar, do mesmo jeito que uma mãe falaria com um filho que não estivesse se cuidando direito. Ela o segurou bem perto, apoiando-se nele para entrar na sala esparsamente mobiliada, e ele teve a sensação agradável e incômoda de que de alguma forma ela achava estar se segurando em Kainene ao segurá-lo.

O pai de Kainene estava sentado com Madu e dois outros homens de Umunnachi. Richard apertou a mão de todos e sentou-se. Tomavam cerveja, falando sobre o decreto de indianização e sobre funcionários públicos sem emprego. Conversavam em voz baixa, como se nem dentro de casa fosse bastante seguro. Richard levantou-se e foi até o antigo quarto de Kainene, mas não restava mais nada dela. As paredes estavam crivadas de pregos; talvez o ocupante ioruba tivesse pendurado várias fotos.

O cozido que foi servido ao almoço tinha pitu demais; Kainene não teria gostado, teria se inclinado para ele para lhe dizer isso. Depois do almoço, Richard e Madu foram sentar na varanda. A chuva havia parado e as folhas pareciam mais verdes.

"Os estrangeiros dizem que houve um milhão de mortos", disse Madu. "Não pode ser verdade."

Richard aguardou. Não sabia muito bem se queria entrar numa daquelas conversas que quase todo biafrense travava agora, passando grãos de culpa para os outros e besuntando a própria cara com o valor que nunca tiveram. Queria se lembrar de como ele e Kainene tinham ficado ali, olhando para baixo, para a piscina prateada.

"Não pode ser só um milhão." Madu deu um gole na cerveja. "Vai voltar para a Inglaterra?"

A pergunta o irritou. "Não."

"Vai ficar em Nsukka?"

"Vou. Entrei para o novo Instituto de Estudos Africanos."

"Está escrevendo alguma coisa?"

"Não."

Madu pôs o copo de cerveja na mesinha; gotículas de água se acumulavam sobre ele como minúsculos pedregulhos transparentes. "Não entendo como nós não pudemos descobrir nada sobre Kainene, não entendo mesmo", disse ele.

Richard não gostou do som de *nós*, não sabia quem Madu incluía ali. Levantou-se, atravessou a varanda e olhou para a piscina seca; o chão era feito de uma pedra esbranquiçada e polida, visível através do tênue lençol de água da chuva. Virou-se para Madu. "Você a ama, não é?"

"Claro que eu a amo."

"Alguma vez tocou nela?"

A risada de Madu foi curta e áspera.

"Alguma vez tocou nela?", Richard perguntou de novo, e Madu de repente era o responsável pelo desaparecimento de Kainene. "Alguma vez tocou nela?"

Madu levantou-se, Richard esticou-se e agarrou seu braço. Volte aqui, ele queria dizer, volte aqui e me diga se alguma vez botou essa mão preta imunda nela. Madu se desvencilhou da mão de Richard. Richard o esbofeteou e sentiu a mão começar a latejar.

"Seu idiota", disse Madu, surpreso, ligeiramente fora de prumo.

Richard viu o braço de Madu erguer-se, viu o movimento rápido e borrado de um murro por vir. O soco veio direto no nariz, a dor explodiu pelo rosto e seu corpo pareceu muito leve ao cair no chão. Quando tocou no nariz, viu sangue nos dedos.

"Seu idiota", repetiu Madu.

Richard não conseguia se levantar. Tirou o lenço do bolso; as mãos tremiam e um pouco de sangue pingara na camisa. Madu observou-o alguns momentos, depois se agachou, pegou o rosto de Richard entre as duas mãos largas e examinou bem de perto o nariz. Richard sentiu o cheiro de pitu no hálito dele.

"Não quebrei seu nariz", disse Madu, endireitando o corpo.

Richard apalpou o nariz. A escuridão desceu sobre ele e, quando ela sumisse, sabia que nunca mais veria Kainene, que sua vida seria sempre como um quarto iluminado à vela; veria as coisas apenas em sombras, apenas em semilampejos.

37.

Os momentos de sólida esperança de Olanna, quando tinha certeza de que Kainene voltaria, eram seguidos por estirões de intensa dor, e, então, um ressurgimento da fé a fazia cantarolar baixinho, até a próxima escorregada ladeira abaixo, que a deixava amarfanhada no chão, chorando sem parar. A srta. Adebayo visitava e dizia alguma coisa sobre dor, alguma coisa simpática e superficial. A dor era a celebração do amor, aqueles que sentiam dor verdadeira tinham sorte de ter amado. Porém não era dor o que Olanna sentia, era algo muito maior que dor. Era mais estranho que a dor. Ela não sabia onde estava a irmã. Não sabia. Enfurecia-se consigo mesma por não ter acordado cedo no dia em que Kainene saiu para negociar em território inimigo, por não saber o que ela usava nessa manhã, por não ter ido com ela e por ter confiado na capacidade de Inatimi de saber aonde estava levando sua irmã. Enfurecia-se com o mundo quando tomava um ônibus ou sentava ao lado de Odenigbo ou de Richard para ir procurar Kainene em hospitais lotados e em prédios empoeirados, e não encontrava nada.

Quando viu seus pais pela primeira vez, depois, o pai disse: "*Ola m*", meu ouro, e ela gostaria que ele não tivesse dito nada, porque era como se não tivesse mais brilho.

"Eu nem sequer vi Kainene no dia em que ela partiu. Quando acordei, ela já havia partido", contou a eles.

"*Anyi ga-achota ya*, nós vamos encontrá-la", disse a mãe.

"Nós vamos encontrá-la", repetiu o pai.

"Exato, nós vamos encontrá-la", disse Olanna também, e sentiu como se estivessem todos eles raspando as unhas desesperadas numa parede dura e escalavrada. Contavam uns aos outros histórias de pessoas que tinham sido encontradas, que haviam voltado para casa depois de meses perdidas. Não

contavam as outras histórias, as de gente desaparecida e famílias enterrando caixões vazios.

Os dois soldados que apareceram e comeram seu arroz *jollof* a encheram de raiva. Deitada no chão da sala, rezou para que não encontrassem suas libras biafrenses. Depois que eles se foram, ela tirou as notas dobradas do envelope escondido em seu sapato, saiu e acendeu um fósforo debaixo do limoeiro. Odenigbo olhava para ela. Com desaprovação, ela sabia — afinal ele mantinha sua bandeira dobrada dentro do bolso de uma calça.

"Você está queimando a memória", disse-lhe ele.

"Não estou não." Ela não iria fixar sua lembrança em coisas que estranhos podiam tirar dela, roubar. "Minha memória está aqui dentro."

Passaram-se semanas e a água começou a correr de novo nas torneiras, as borboletas voltaram para o jardim e o cabelo de Baby ficou preto retinto outra vez. Caixas de livros chegaram para Odenigbo, vindas do exterior. *Para um colega espoliado pela guerra*, diziam os bilhetes, *de admiradores de David Blackwell na irmandade dos matemáticos*. Odenigbo passava os dias folheando os livros. "Olha só, eu tinha a primeira edição deste aqui", dizia com frequência.

Edna enviava livros, roupas e chocolate. Olanna olhava para as fotos que ela mandava e via que Edna parecia estrangeira, uma mulher que morava em Boston e que tinha o cabelo prensado com óleo. Parecia fazer muito tempo que Edna tinha morado no apartamento ao lado, na avenida Elias, e parecia fazer mais tempo ainda desde os tempos em que a casa da rua Odim era o limite de sua vida. Quando dava longas caminhadas pelo campus, passando pelas quadras de tênis e pela Praça da Liberdade, pensava na rapidez da partida e como era lento o regresso.

Sua conta bancária em Lagos tinha desaparecido. Não existia mais. Era como ser despido à força; alguém passara a mão em todas as suas roupas e a deixara tremendo, nua, no frio. Porém ela via um bom sinal nisso. Como tinha perdido todas as suas economias, não poderia perder também a irmã; os guardiões do destino não eram assim tão maus.

"Por que tia Kainene ainda está no ataque *afia*?", perguntava Baby com frequência, com um olhar firme de suspeita.

"Pare de me fazer essa pergunta, menina!", dizia Olanna. Mas também via um sinal nas perguntas de Baby, embora ainda não pudesse decifrar o significado. Odenigbo lhe disse para parar de ver sinal em tudo. Ela ficou

brava com ele por ter discordado quanto aos sinais, mas depois se sentiu grata, porque isso significava que Odenigbo não acreditava que houvesse acontecido alguma coisa que tornasse seu desacordo inadequado.

Quando vieram uns parentes de Umunnachi e sugeriram que ela consultasse um *dibia*, Olanna pediu a seu tio Osita para ir. Ela lhe deu uma garrafa de uísque e dinheiro para comprar um bode para o oráculo. Foi até o rio Níger para atirar na água uma foto de Kainene. Foi até a casa de Kainene em Orlu e deu a volta nela três vezes. E esperou a semana que o *dibia* estipulara, mas Kainene não voltou.

"Talvez eu tenha feito alguma coisa errada", disse a Odenigbo. Eles estavam no escritório. O chão estava cheio de pedaços de folhas enegrecidas, tiradas dos livros que não tinham chegado a queimar de todo.

"A guerra acabou, mas a fome não, *nkem*. Esse *dibia* devia estar simplesmente louco para comer um cabrito. Você não pode acreditar nele."

"Mas eu acredito. Acredito em tudo. Acredito em qualquer coisa que traga minha irmã para casa." Levantou-se e foi até a janela.

"A gente volta de novo", disse ela.

"O quê?"

"Nosso povo diz que todos nós reencarnamos, não diz?", perguntou ela. "*Uwa m*, *uwa ozo*. Quando eu voltar, na próxima vida, Kainene será minha irmã."

Ela havia começado a chorar de mansinho. Odenigbo a abraçou.

8. O Livro: O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos

Por último, Ugwu põe a dedicatória: *Para meu bom homem, o Patrão.*

Nota da autora

Este livro se baseou na guerra Nigéria-Biafra de 1967-70, porém algumas liberdades foram tomadas, em nome da ficção; minha intenção é retratar minhas próprias verdades imaginadas e não os fatos da guerra. Ainda que alguns personagens tenham como base uma pessoa real, seus retratos são fictícios, assim como os eventos dos quais fazem parte. Fiz uma lista dos livros (a maioria usa a grafia anglicizada de *Igbo* e escreve *Ibo*) que me ajudaram nas pesquisas. Devo muito a seus autores. Em especial, *Sunset at Dawn*, de Chukwuemeka Ike, e *Never again*, de Flora Nwapa, foram indispensáveis na descrição da atmosfera reinante na classe média de Biafra; a própria vida de Christopher Okigbo e seu *Labyrinths* inspiraram o personagem de Okeoma; ao passo que *The Nigerian Revolution and the Biafran War*, de Alexander Madiebo, foi fundamental para a criação do coronel Madu.

Entretanto, eu não poderia ter escrito este livro sem meus pais. Meu sábio e maravilhoso pai, o professor Nwoye James Adichie, *Odelu Ora Abba*, terminava suas muitas histórias com as palavras *agha ajoka*, que, em minha tradução literal, significa "a guerra é muito feia". Ele e minha defensora e devota mãe, Ifeoma Grace Adichie, sempre quiseram que eu soubesse, acho, que o que importa de fato não é o que eles tiveram que passar e sim o fato de que sobreviveram. Sou grata a eles por suas histórias e por tantas outras coisas.

Saúdo meu tio Mai, Michael E. N. Adichie, que se feriu enquanto lutava no 21º Batalhão do Exército de Biafra, e que conversou comigo sobre suas experiências com muita graça e humor. Saúdo, também, a memória impecável de meu tio CY (Cyprian Odigwe, 1949-98), que lutou com os Comandos de Biafra, meu primo Pauly (Paulinus Ofili, 1955-2005), que parti-

lhou comigo suas lembranças da vida em Biafra aos treze anos de idade, e meu amigo Okla (Okoloma Maduewesi, 1972-2005), que não vai sair com este debaixo do braço como fez com o anterior.

Obrigada a minha família: Toks Oremule e Arinze Maduka, Chisom e Amaka Sonny-Afoekelu, Chinedum e Kamsi Adichie, Ijeoma e Obinna Maduka, Uche e Sonny Afoekelu, Chukwunwike e Tinuke Adichie, Nneka Adichie Okeke, Okechukwu Adichie e, sobretudo, a Kenechukwu Adichie; a todos os Odigwe de Umunnachi e a todos os Adichie de Abba; às minhas "irmãs" Urenna Egonu e Uju Egonu, e a meu "irmãozinho", Oji Kanu, por terem acreditado que sou melhor do que sou.

Meu agradecimento a Ivara Esege; a Jason Cowley, por ler e reler; a Binyavanga Wainaina, pelas excelentes queixas; a Amaechi Awurum, por me ensinar sobre fé; a Ike Anya, Muhjtar Bakare, Maren Chumley, Laura Bramon Good, Martin Kenyon e Ifeacho Nwokolo, por terem sido amigos que leram o rascunho; a Susan Buchan, pelas fotos tiradas em Biafra; ao Vermont Studio Center, pela cessão de espaço e tempo; e ao professor Michael J. C. Echeruo, cujos eruditos e generosos comentários me levaram a sair em busca da outra metade do sol.

Sou grata à minha inimitável agente Sarah Chalfant, por ter feito com que me sentisse segura; e a Mitzi Angel, Anjali Singh e Robin Desser, meus brilhantemente perspicazes editores.

Que nós nunca nos esqueçamos.

OKEY ADICHIE

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE nasceu na Nigéria, em 1977, e mudou-se posteriormente para os Estados Unidos, onde completou os estudos superiores. Seu primeiro romance, *Purple Hibiscus*, conquistou o Commonwealth Writers' Prize, o prêmio Hurston/Wright Legacy, além de ter sido finalista do Orange Prize e do Booker Prize. Seus contos, um dos quais ganhador do prêmio O. Henry de 2003, apareceram em revistas literárias como *The Iowa Review* e *Granta*.

Copyright © 2006 by Chimamanda Ngozi Adichie
Todos os direitos reservados

Título original
Half of a yellow sun

Capa
Mayurni Okuyama

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Ana Luiza Couto
Marise S. Leal

ISBN

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Table of Contents

Rosto
Epígrafe
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.

33.
34.
35.
36.
37.
Nota da autora
Sobre a autora
Créditos